



P E N G U I N  C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

CHARLOTTE BRONTË

Jane Eyre



CHARLOTTE
BRONTË

Jane Eyre

Tradução de
FERNANDA ABREU

Introdução de
STEVIE DAVIES

Prefácio de
SANDRA GUARDINI TEIXEIRA VASCONCELOS



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Abertura

Introdução — Stevie Davies

Prefácio — Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos

JANE EYRE

Dedicatória

Prefácio do autor

Nota à terceira edição

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV
XVI
XVII
XVIII
XIX
XX
XXI
XXII
XXIII
XXIV
XXV
XXVI
XXVII
XXVIII
XXIX
XXX
XXXI
XXXII
XXXIII
XXXIV
XXXV
XXXVI
XXXVII
XXXVIII

Créditos



COMPANHIA DAS LETRAS

JANE EYRE

charlotte brontë (1816-55) passou a maior parte da vida em Haworth, nos pântanos de Yorkshire, onde o pai era clérigo da Igreja anglicana. A mãe morreu em 1821 e, tendo que completar sua educação quase que exclusivamente em casa, todos os irmãos Brontë sobreviventes se envolveram num rico mundo de fantasia. Leram bastante, incluindo obras de Lord Byron e Sir Walter Scott e *As mil e uma noites*. Escreveram contos, histórias de fantasia, poemas e diários, e criaram uma revista mensal. Charlotte e Branwell, o único homem, colaboraram na invenção do reino imaginário de Angria, e Emily e Anne, na invenção de Gondal. Charlotte escreveu quatro romances: *Jane Eyre* (1847), *Shirley* (1849), *Villette* (1853) e *The Professor* (o primeiro deles, publicado postumamente em 1857). *Emma*, um fragmento, foi publicado em 1860.

fernanda abreu é formada em história pela Universidade de Paris i e mestre em sociologia e antropologia pela ufrj. Nascida em Londres em 1972, teve uma breve carreira no mercado editorial do Rio de Janeiro antes de se dedicar exclusivamente à tradução, em 2001. Seus trabalhos se concentram principalmente na área de ficção e incluem autores como Jane Austen, Toni Morrison, Rachel Cusk, Paul Theroux e Kazuo Ishiguro.

stevie davies é escritora, crítica literária e historiadora; é fellow da Royal Society of Literature, da Welsh Academy e diretora de escrita criativa na Universidade Wales Swansea. É autora de quatro livros sobre Emily Brontë e editou a publicação das obras de Charlotte e Anne Brontë na Penguin Classics. Entre seus romances estão *The Elements of Water* e *Kith & Kin*, ambos finalistas do prêmio Orange.

sandra guardini teixeira vasconcelos é professora titular de literaturas de língua inglesa da Universidade de São Paulo (usp). Tem mestrado e doutorado em teoria literária e literatura comparada pela usp e pós-doutorado na Universidade de Cambridge e na Universidade de Manchester. É autora de *Puras misturas* (1997), *Dez lições sobre o romance inglês do século xviii* (2002) e *A formação do romance inglês: Ensaio teórico* (2007), que recebeu o prêmio Jabuti de 2008 na categoria Teoria/Crítica Literária. É curadora do Fundo João Guimarães Rosa (ieb-usp) e pesquisadora 1a do cnpq.

Introdução*

stevie davies

Em Gateshead: num dia frio, uma órfã de nove anos de idade se enrosca com um livro num banco junto a uma janela, é encontrada, apanha, revida, e é trancada pela tia num aterrorizante “quarto vermelho”. Em Lowood: a pequena rebelde, despachada para um regime de fome a cargo de um reverendo hipócrita, é tachada de mentirosa e faz uma amiga, Helen Burns, que morre de tuberculose em seus braços. Em Thornfield: adulta, preceptora, “pobre, desconhecida, feia e miúda”, ela afirma sua igualdade com o aristocrata Rochester, ama-o e é por ele amada, mas acaba surpreendida pela existência de uma esposa louca no sótão. Em Moor House: reduzida à mendicância, a rebelde encontra seus semelhantes, uma fortuna, e a força de resistir a um chamado peremptório para trabalhar como missionária num casamento letal. Em Ferndean: a rebelde volta para um Rochester cego e mutilado, e “Leitor, eu me casei com ele”.

Foi essa a aventura em cinco partes de *Jane Eyre* que fascinou o público leitor em outubro de 1847, e nas palavras de Annie Thackeray Ritchie, filha do célebre romancista William Makepeace Thackeray, “deixou Londres inteira a falar, ler e tecer conjecturas”. Annie Ritchie, então menina,

confessou que ela e as irmãs tinham “pego [o livro] sem autorização, lido partes aqui e outras ali, e sido transportadas por um jamais sonhado e até então não imaginado turbilhão”.¹ George Smith, o jovem editor de Charlotte Brontë, recorda ter começado a ler o manuscrito num domingo de manhã: “A história logo me prendeu. Antes do meio-dia, meu cavalo chegou na porta, mas eu não consegui largar o livro”. Recusando todos os compromissos, ele continuou a ler e almoçou um sanduíche. Engoliu a refeição da noite, e “antes de ir para a cama nessa noite tinha terminado de ler o manuscrito”.² O crítico Frederick Harrison recordou em 1895 “a empolgação que na década de 40 se apoderou de todos nós com a publicação de *Jane Eyre*, com a descoberta de um novo gênio e de um novo estilo”.³

Qual foi o segredo do sucesso mágico de *Jane Eyre*, e o que originou a reação contra o romance como um manifesto feminista perigoso e sexualmente excitante, um inadmissível testamento incendiário e raivoso que instigou o fogo revolucionário do cartismo e das revoluções europeias do final dos anos 1840? *Jane Eyre* falava com uma linguagem demasiado pessoal para ser ignorada. Thackeray resumiu a capacidade do livro de adentrar o espaço íntimo do leitor e lhe tocar o coração ao perguntar, após a morte precoce de Charlotte Brontë: “Qual de seus leitores não foi seu amigo?”.⁴ Essa carinhosa intimidade e autenticidade total de tratamento, aliadas à publicação inicial de *Jane Eyre* como “Uma autobiografia” editada pelo desconhecido “Currer Bell”, levou os amigos do romance a sentir terem conhecido e a querer conhecer melhor uma pessoa específica, enquanto seus inimigos, consternados por seu tom feroz nada feminino e por sua mensagem incendiária, repudiavam sua crueza emocional e seu poder de sedução. A voz de *Jane Eyre* falava sobre paixão erótica, aspirações das castas inferiores e raiva feminina num período em que o

radicalismo político ameaçava as fronteiras da ordem estabelecida. A curiosidade do público ansiou por identificar aquele autor desconhecido. As irmãs Brontë haviam adotado pseudônimos com sonoridade masculina por estarem cientes do tratamento desigual da crítica literária, devido ao qual uma escritora não podia esperar receber uma avaliação justa.⁵ Mas o mistério só fez inflamar o desejo do público de desmascarar a pessoa por trás de *Jane Eyre*. Currer Bell era homem ou mulher? Ou ambos? Currer Bell era também Acton e Ellis Bell (Anne e Emily Brontë, cujos *Agnes Grey* e *O morro dos ventos uivantes* seriam publicados depois de *Jane Eyre* em dezembro do mesmo ano)? O influente romancista e crítico George Henry Lewes intuiu que o romance, “saído das profundezas de um espírito combativo, sofredor e que muito suportou”, era obra de uma mulher. Ele também cedeu ao apelo pessoal da história: “nós a admiramos e amamos... a amamos por sua força de caráter, por sua mente honesta, por seu coração amoroso e por sua personalidade singular, porém fascinante”. Esse reconhecimento de que *Jane Eyre* era caracterizado pela “realidade... por uma profunda e notável realidade”⁶ calou fundo em Charlotte Brontë.

Quando a identidade da autora veio a público e foi incensada pela elite literária de Londres, Lewes viria posteriormente a ofendê-la com o seguinte gracejo: “Deveria haver grande empatia entre nós, srta. Brontë, pois ambos escrevemos livros malcriados”.⁷ A culta aristocrata Lady Herschel desaconselhou deixar o livro pela casa para que filhas o lessem,⁸ e a conservadora crítica Elizabeth Rigby, num texto que se tornaria célebre, arriscou palpar que, se o romance não tinha sido escrito por um homem (como parecia indicar a ignorância de *Jane Eyre* em matéria de culinária e vestuário), devia ser obra de uma pessoa delinquente sexual.⁹ Sobre a questão do gênero da autora, a intelectual e romancista Harriet Martineau afirmou, sem qualquer indício de humor, “que determinado trecho de *Jane*

Eyre” sobre costurar anéis de cortina “só poderia ter sido escrito ou por uma mulher, ou então por um estofador”.¹⁰ Outros consideraram que a potência do estilo excluía a possibilidade de uma autoria feminina.

A autora não era nenhuma principiante. Nascida em Thornton em 1816 e criada em Haworth, no condado de Yorkshire, Charlotte Brontë, órfã de mãe ainda muito pequena, era, desde a morte prematura das irmãs mais velhas Maria e Elizabeth, a mais velha de uma unida família de quatro jovens e promissoras escritoras, criadoras de uma literatura épica para seus mundos de fantasia de Angria e Gondal. Patrick Brontë, o pai, pároco residente da igreja de São Miguel e Todos os Anjos de Haworth, recebia um magro salário, e a família levava uma vida de privações e trabalho árduo. Como professora e preceptora, Charlotte, consternada pela tímida consciência de sua baixa estatura, pele ruim e traços irregulares, era tratada como se “não tivesse existência”, pois uma preceptora, como ela amargamente observou, “não é considerada um ser vivo e racional”.¹¹ Em 1842, ela agarrou a chance de garantir uma educação para si no Pensionnat Heger em Bruxelas. Lá, o amor por seu “mestre” Constantin Heger, por mais cheio de angústia que tenha sido, levou-a a aprender com ele os princípios da composição e a disciplina da edição, e após voltar para Haworth em 1844, ao descobrir o manuscrito de poesia escrito por sua irmã Emily, ela convenceu as irmãs a publicarem seus poemas em 1846. Em 1847, elas apresentaram os manuscritos dos romances de Emily, *O morro dos ventos uivantes*, e de Anne, *Agnes Grey*, junto com o de *O professor*, de autoria de Charlotte, tendo sido este último rejeitado. Sem se deixar abater, Charlotte começou a escrever um novo romance, e em 24 de agosto de 1847 enviou o manuscrito para o editor George Smith. Em questão de meses, a reclusa se transformou numa celebridade sensacional.

política em *jane eyre*

Jane Eyre é uma narrativa de poder e conflito, composta num período de turbulência política e social de proporções sísmicas, e escrita numa cidade manufatureira de lã no Norte industrial da Inglaterra. O nervosismo manifestado pela imprensa conservadora em relação às demandas de liberdade pessoal apresentadas no romance, e sua afirmação de uma fome voraz não somente física, mas também intelectual e emocional, além do fato de sua belicosa protagonista desafiar autoridades em série, era a reação de uma elite ameaçada: “A mentalidade responsável por derrubar autoridades e violar todos os códigos humanos e divinos no estrangeiro, a mesma que fomentou o cartismo em nosso país, é também ela que escreveu *Jane Eyre*”.¹² Na Grã-Bretanha da década de 1840, o movimento cartista expressou, por meio de comícios em massa, revoltas, greves e abaixo-assinados monumentais, a raiva do trabalhador submetido à miséria econômica causada pela industrialização e pelo capitalismo.¹³ As massas, empobrecidas pela produção mecanizada, uniram-se em fúria para denunciar a desigualdade, exigir o voto universal masculino e insistir na igualdade de direitos. A Europa de 1847 caminhava de modo inexorável para as revoluções de 1848.¹⁴ *Jane Eyre* foi escrito enquanto esses acontecimentos fermentavam, e lido quando eles culminaram no que as classes governantes viram como uma orgia de violência que constituía uma ameaça à própria “civilização”.

Mas o que a história sobre as vicissitudes e agruras pessoais de uma órfã, sobre sua educação e seu trabalho como preceptora, sobre sua recusa formal de um envolvimento sexual com seu patrão e seu subsequente casamento

feliz e legítimo tinha a ver com o cartismo? Em abril de 1848, quando as revoluções na Europa já tinham ganhado Itália, França, Alemanha e o Império Austríaco, e no mês do “grande” abaixo-assinado cartista em Londres, a *Christian Remembrancer* acusou *Jane Eyre* de estar inflamado pelo “jacobinismo moral”: “Nunca houve quem melhor expressasse o ódio. ‘Justo, injusto’ estão presentes em qualquer reflexão sobre os [...] poderes estabelecidos”.¹⁵ Em dezembro, uma vez estouradas e fracassadas as revoluções, a *Quarterly Review* denunciou *Jane Eyre* como um livro fundamentalmente não cristão. Os “resmungos [do romance] contra o conforto dos ricos e as privações dos pobres” envolvem “uma profunda e perpétua afirmação dos direitos do homem, para a qual não se encontra confirmação nem na palavra de Deus nem na Providência Divina”.¹⁶

Em 1855, quase oito anos após a publicação de *Jane Eyre*, a *Blackwood's Edinburgh Magazine* relacionou as revoluções europeias e o romance como expressões das forças do anarquismo social: “Apenas uma ebulição vulgar do caldeirão político, que projeta no caos seus monarcas franceses para em seguida criar um novo. Eis a sua verdadeira revolução. A França não passa de uma das potências ocidentais; as mulheres são metade do mundo”.¹⁷ *Jane Eyre* foi lido como um manifesto feminista numa época em que as mulheres casadas não tinham existência jurídica nem podiam (no direito civil) possuir bens ou se divorciar; mulheres tampouco podiam votar, estudar em universidades ou exercer profissões liberais. O texto da *Blackwood's* reprovava *Jane Eyre* como um documento promotor da rebelião das massas e que havia incitado uma geração de mulheres à “vulgaridade” e à violência. A emancipação feminina evocava fantasmas de permissividade sexual e de masculinização das mulheres, ameaçando assim a família e o Estado patriarcais. Mulheres como George Sand, a romancista fumadora de charutos, adepta da calça comprida e *femme scandaleuse*, tinham se

candidatado às eleições na Paris revolucionária. Mulheres haviam lutado junto com os homens nas barricadas de Paris e Viena.

Essas transformações de *Jane Eyre* em anátema eram reações à autoafirmação arrebatada que constituía seu âmago: “*Eu me importo comigo. Quanto mais solitária, quanto mais sem amigos, quanto mais sem amparo eu estiver, mais respeitarei a mim mesma*” (p. 512). O fato de Jane se amotinar contra seus superiores vai no mesmo sentido da retórica da pobreza e da doença num mundo industrializado, onde pessoas morrem de fome e são tratadas como as máquinas às quais servem, em vez de ser honradas como seres humanos. Ela exige saber: “Acha que sou um autômato? Uma máquina sem sentimentos? Que posso suportar que arranquem da minha boca meu pedaço de pão [...]?” (p. 421). Ela alega ser uma “igual” do homem que a emprega, e ele é incapaz de negar isso. A promessa feita por Jane de “observar a lei dada por Deus e sancionada pelos homens” (p. 512) está embasada e é consequência do seu sentimento soberano do próprio valor. Os direitos humanos individuais, portanto, ocupam o centro da ética de *Jane Eyre*, e os críticos conservadores (muitas vezes eles próprios mulheres, numa posição anômala de polícia do pensamento feminino numa ideologia patriarcal) não estavam enganados ao vê-los no romance. O amor entre Jane e Rochester foi lido como politizado: “Essa relação amorosa enfurecida não passava de uma feroz declaração dos ‘Direitos do Homem’ sob outro aspecto [...]. ‘Ele que me aprisione, que me ataque, que me subjugué [...] travemos essa batalha’”.¹⁸ A erotizada postura desafiadora de Jane em relação a seu “senhor” é interpretada segundo o discurso do *laissez-faire* econômico como um passe livre para se entregar a um vale-tudo sexual.

A autora de *Jane Eyre* era politicamente conservadora e anglicana; não era de modo algum nem simpatizante cartista nem revolucionária.¹⁹ Mas

Charlotte Brontë tinha tendência a usar uma linguagem forte, extremada, e ainda que se opusesse ao radicalismo das amigas Martha e Mary Taylor, havia internalizado o seu linguajar. Sua política tem um aspecto duplo, sendo uma mistura de conservadorismo reacionário com um individualismo radical, pois, como mulher que trabalhava, ela era obrigada a ganhar a vida num mundo que explorava as trabalhadoras solteiras como mão de obra barata. O casamento, conforme afirmou o *Saturday Review*, era “a profissão de uma mulher; e em função dele se molda a sua formação, a formação da dependência”; uma mulher que não fosse casada havia “fracassado profissionalmente”; preceptoras ganham mal “porque as mercadorias que vendem não têm valor”.²⁰ *Jane Eyre* se exprime com fúria contra a humilhação das mulheres de classe média empobrecidas pela elite: a família Ingram, rica e proprietária de terras, que ofende as preceptoras diante de Jane, é uma gente inútil, mercenária, frívola e reles. O romance recusa a deferência e insiste no valor e na dignidade do trabalho honesto. Demonstra que empregados e dependentes, por mais que possam parecer externamente tranquilos e dóceis, observam, julgam e amaldiçoam seus “superiores” no santuário de lares luxuosos. É isso que deixa a sra. Reed aterrorizada quando Jane profere sua irada maldição infantil. *Jane Eyre* também denuncia os abusos praticados em instituições “de caridade”. O romance denuncia uma sociedade doente, perturbada e hipócrita.

O progresso econômico de Jane é uma parábola de autoajuda num mercado de trabalho competitivo em que, na condição de órfã, dependente e preceptora, ela não pertence nem aos empregados nem à classe patronal. As condições empregatícias são tema de discussão entre Jane e seu patrão, que “parece esquecer que me paga trinta libras anuais para receber ordens suas” (p. 253). O “nexo dinheiro”, que o profeta social Thomas Carlyle considerava desumanizador da relação entre empregador e empregado no

mundo moderno e degradante para ambos,²¹ é um tópico de discussão importante em *Jane Eyre*. Quando a jovem de dezenove anos informa ao seu “senhor” que ninguém “nascido livre se submeteria a” um tratamento insolente por parte de um patrão, ele retruca: “Que bobagem! A maioria das criaturas nascidas livres se sujeitaria a qualquer coisa em troca de um salário” (p. 253). As relações econômicas são questionadas radicalmente. Em última instância, a trajetória da trama é conservadora, pois Jane se torna uma “lady”, e encontra seus semelhantes no mundo da aristocracia e “independência” na fortuna que vem a herdar.

A retórica incendiária do romance nos ajuda a entender por que sua política foi considerada tão violentamente subversiva pela geração da própria Charlotte Brontë. Como os cartistas, que se autointitulavam “escravos brancos”²² e juraram arrebentar seus grilhões e escapar de sua prisão, a menina Jane, que (também como os cartistas) possui uma cultura literária prodigiosa e fez a partir de suas leituras as próprias deduções, retalia contra John Reed em termos que toma emprestados às revoltas de escravos na Roma Antiga e no mundo moderno: “Seu garoto mau e cruel! [...] parece um feitor de escravos [...] parece os imperadores de Roma!” (p. 75). O Capítulo ii começa assim: “Resisti durante todo o caminho [...] como qualquer outro escravo rebelde, sentia-me decidida em meu desespero a fazer o que fosse preciso”. Um diálogo entre submissão e rebelião, aprisionamento e libertação, a luta pela justiça e o dever de resistir, inicia-se nos primeiros e violentos capítulos para só ser acalmado no final do romance. O romance responde: “Como me atrevo, sra. Reed? Como me atrevo? Essa é a *verdade*”, vocifera a menina indignada. *Jane Eyre* fala sobre escravidão e revolta; a emoção que move o romance é a raiva, e ele tem o sangue quente. Imagens de calor e fogo preponderam, e Thornfield Hall e seu dono são punidos com um incêndio criminoso. O universo

imagético implícito do fogo (Jane é “ardente”, palavra derivada de “queimar” em latim) alimenta a prosa ao longo de todo o romance. Todos os lugares aos quais ela vai — Gateshead, Lowood, Thornfield, Moor House — representam uma espécie de Bastilha da qual ela precisa fugir correndo, a cavalo, ou rastejando de quatro no chão (no caso de Thornfield).

Ao analisar o romance por um prisma do século xxi, os críticos modernos questionam a política sexual e racial de *Jane Eyre*. Jane não é mais vista como a mulher comum, a forasteira subversiva, mas sim considerada uma confirmação de “nós”, a insular classe média inglesa. Críticos pós-coloniais ressaltam que a herança de Jane é fruto da rapina obtida graças ao tráfico negreiro; que Bertha Rochester, na condição de “creole” das Índias Ocidentais, fosse ela branca ou de raça mista, é demonizada por uma ideologia racista, e que a ficção se conclui com um aconchegante e reservado casamento com a aristocracia proprietária de terras. Afirma-se que uma “ideologia de axiomas imperialistas não questionada” influencia o tratamento imperialista de Bertha Rochester.²³ Em tais leituras, o tratamento da primeira esposa de Rochester como uma louca amoral de raça degenerada sugere um incômodo racismo que polui a ética do romance e do casamento de Jane. Charlotte Brontë confessou ter demonstrado pouca preocupação quanto à pessoa e à situação de Bertha, mas nunca chegou a confrontar a problemática racial de *Jane Eyre*.²⁴

Esse foco no suposto “centro” do romance não deveria nos impedir de ver o modo potente com o qual ele aborda, por exemplo, o abuso infantil institucionalizado: em *Jane Eyre*, um subjetivismo dilacerante apresenta aos leitores os horrores ocultos dos castigos físicos e as sistemáticas falta de alimentação e exposição ao frio e à doença de crianças indefesas em estabelecimentos “filantrópicos” e “cristãos”. Charlotte Brontë considerava que o romance expunha uma Inglaterra construída com base na violência

para com os jovens e indefesos. *Jane Eyre* se exprime de modo mais chocante do que Charles Dickens ao expor a barbárie das fábricas pós-Lei dos Pobres em *Oliver Twist* (1838), porque o leitor burguês de *Jane Eyre* entra na experiência da criança sofredora por intermédio da voz íntima em primeira pessoa, que funde o “eu” do leitor e o “eu” da menina. Angustiados e confinados dentro da mente de Jane, assistindo aos golpes no pescoço nu de Helen, por meio das trêmulas sensibilidades de Jane, os leitores são expostos de modo inventivo ao regime de fome da escola de Lowood e obrigados a refletir sobre isso nos termos da admoestação cristã de que “cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes [...]. Apartai- vos de mim, malditos, para o fogo eterno” (Mateus 25, 40-41). Castigos físicos e brutalidades eram endêmicos nas escolas, desde os colégios internos da elite até as instituições mais pobres.

A revolta infantil do “escravo rebelado” cede lugar aos rompantes da adulta contra a injustiça do patriarcado. Num trecho crucial, o protesto de Jane aparece como explicitamente feminista, situado numa nação em que milhões de pessoas são silenciadas:

É vão afirmar que os seres humanos deveriam se contentar com a tranquilidade; eles precisam de ação, e se não conseguem encontrá-la, a criam. Milhões são condenados a um destino ainda mais parado do que o meu, e milhões se revoltam em silêncio contra tal sina. Ninguém sabe quantas rebeliões além das políticas fervilham nas massas de vida que povoam a Terra. As mulheres [...] sentem da mesma forma que os homens sentem, e precisam exercitar suas faculdades e direcionar seu esforços da mesma forma que seus irmãos. (p. 217)

Trata-se de um linguajar radical conhecido: a dupla invocação de “milhões” de pessoas e das “massas” remete ao lembrete dos radicais às classes governantes de que a elite é pequena, esmagadoramente superada do ponto de vista numérico pelos oprimidos. Os cartistas se referiam à classe trabalhadora como “os milhões”,²⁵ expressão calculada para provocar medo. O comportamento de Jane é explicitamente ameaçador e profético: os

suprimidos “precisam” de ação; eles irão “criá-la”. A afirmação de que “as mulheres sentem da mesma forma que os homens” nega uma distinção central sobre a qual estavam fundados o Estado e a família vitorianos (e, consequentemente, a ordem patriarcal). O simbolismo prevalente do romance é o incêndio criminoso, a rebelião, o fermento, a revolta, a erupção vulcânica, a loucura e a explosão; em tal contexto, o manifesto feminista acima citado, por mais limitados que hoje nos pareçam seus objetivos (a educação das mulheres e sua entrada nas profissões liberais), de fato não poderia parecer outra coisa que não incendiário.

Jane Eyre foi reconhecido na hora como um livro escrito por alguém do Norte. A autora vivia no centro do radicalismo industrial, perto dos centros cartistas de Keighley, Dewsbury, Leeds, Huddersfield, Todmorden. Charlotte Brontë já tinha visto a fome e o desemprego em massa. Quando Jane vagueia, desabrigada e faminta, pelas charnecas nas proximidades de Whitcross, é confundida com uma andarilha e talvez uma ladra ou prostituta; embora o romance esteja ambientado num período anterior, principalmente na década de 1820, esse personagem pode ter evocado para os leitores uma das muitas pedintes fugindo da draconiana Nova Lei dos Pobres de 1834, do desemprego, ou das catástrofes que se abatiam sobre as mulheres num mundo em que elas dependiam dos homens.

jane e o self

O nome da heroína representa menos uma afirmação de identidade do que um questionamento da identidade. Enquanto a trama concebida e executada de modo preciso avança com poderosa energia, o nome “Jane Eyre”, constantemente mencionado e interrogado como num sonho nostálgico, faz reverberar suas origens perdidas. Jane não tem lembrança dos pais ou concepção clara do lugar ao qual pertence, se é que ele existe. Seu nome é muitas vezes evocado, pela narração em primeira pessoa, na segunda ou terceira pessoas. Ela urge a si mesma: “Escute então, Jane Eyre”, e o nome passa a estar associado à divisão do self, à perda de status, de modo que parecem existir duas Janes, uma racional, a outra arrebatada. “No entanto, onde estava a Jane Eyre da véspera?”, indaga Jane quando fracassa em se tornar “Jane Rochester”: “Onde estava sua vida? Onde estava seu futuro? Jane Eyre, antes uma mulher ardente e cheia de expectativa, quase uma noiva, era outra vez uma moça fria e solitária” (p. 481). De modo perturbador, a pessoa, “eu”, e o nome, “Jane Eyre”, parecem se dissociar. A volta de Jane para o sr. Rochester, após revelar seu nome aos parentes, é também um reencontro com ela mesma: “Sou eu, Jane Eyre [...]. voltei para junto do senhor” (p. 681).

Os nomes são como talismãs. Jane era o nome do meio de Emily Brontë. Uma família Eyre era dona da mansão de North Lees Hall Outseats, próximo a Hathersage, cuja primeira dona, Agnes Ashurst, fora trancafiada como “louca” num cômodo acolchoado no segundo andar e morrera queimada. É possível afirmar que North Lees, visitada por Charlotte Brontë em 1845, serviu de modelo para Thornfield Hall. Essas associações

enraizam a errante heroína num contexto geográfico e histórico. O sobrenome, porém, é rico em outras associações, todas as quais o romance faz reverberar de modo sutil sempre que o nome de Jane é mencionado. Essa engenhosa teia de alusões tem um efeito perturbador na experiência de leitura e mantém em suspense um conjunto de sugestões carregado de emoção. Eyre sugere as palavras em inglês *heir*, *air*, *e'er* (*ever*), *err* e *Eire*, respectivamente herdeiro(a), ar, sempre, vagar, e o nome em gaélico que designa a Irlanda, além de rimar com *where*, “onde”; é próximo da palavra *ire*, “ira”, que por sua vez rima com *fire*, “fogo”, e *eyrie*, “ninho de águia”. Num romance de tanta errância, será possível Jane “errar” para longe do seu caminho? Na condição de “herdeira”, qual é a sua herança? De quem ela é herdeira? O reino dos espíritos é o “ar” (daí o sublime padrão de imagens de aves), mas erguer-se no ar é morrer; nós não podemos viver no ar. A faminta Jane será obrigada a mendigar seu pão. Eyre rima com *where*, “onde”, *elsewhere*, “alhures”, *wherever*, “seja onde for”, *anywhere*, “qualquer lugar”, *everywhere*, “todos os lugares”. Perto de Lowood, logo antes da morte de Helen, Jane reflete sobre a triste sina de ser levada deste mundo “e ter de ir sabe-se lá para onde?” (p. 172). No leito de morte da amiga, ela pergunta a Helen: “Mas para onde você vai, Helen? Você entende isso? Você sabe?”, mas é cética em relação ao paraíso cristão: “Onde fica esse reino? Ele existe?”. No clímax do romance, ela ouve seu nome ser chamado: “Jane! Jane! Jane!”, e ao perguntar “O que é isso?”, percebe que poderia igualmente ter perguntado “Onde?”, e acaba perguntando em seguida à voz que não pode ver: “Onde está você?”.

A intensidade da busca por identidade do romance é reforçada pelo uso recorrente de um número sucinto de palavras e expressões-chave, bem como de seus sinônimos. Essas palavras-chave abarcam a labuta mais básica e elementar do homem. Têm a ver com a necessidade de comer, de

se aquecer, a necessidade de ter um fogo, um lar e um abrigo. Mas esses sinônimos são ao mesmo tempo paradoxais, pois incluem também necessidades que são antíteses: de liberdade, de interesses, de direitos, de paixão. Alguns dos temas recorrentes são “voltar para casa”, “vagar” (*rove, err, stray, leave*), “descansar” (*settled, bourne*), “separação” (*cloven, split, sundered, torn away*). “Lar” traz o sentido de um lar celestial depois da morte; “vagar” pode significar um passeio sem importância ou estar perdido; um “lugar de descanso” pode ser um túmulo; um tão ansiado “destino” pode ser um lar nesta terra ou então aquele “destino do qual homem nenhum retorna”, como em *Hamlet*; um “senhor” pode ser um tirano ou um par amoroso.

“my master”: poder, sexualidade e casamento

O aspecto mais complexo e contraditório de *Jane Eyre* é o seu tratamento das relações de gênero e do casamento. Com deleite, Jane chama Rochester de seu *master*, em português “mestre”, “senhor” ou “patrão”. Apesar disso, ela recusa com desdém a autoridade de Brocklehurst, John Reed e St. John Rivers. Uma afirmação feminista radical de autonomia da mulher se alterna com uma ânsia de se unir e virar uma só pessoa com o amado “patrão”. Na Bíblia, Cristo é conhecido por seus discípulos como “Mestre”: a palavra une amor e veneração. Rochester é, no sentido literal, o “patrão” de Jane na condição de membro da aristocracia proprietária de terras e seu empregador. Mas o uso da palavra por Jane traz uma conotação sexual: vale quase como um termo carinhoso e sinal da atração sexual que o dominador Rochester, com seus ares de Byron, sente por Jane. Por trás desse uso está a paixão de Charlotte Brontë por seu professor de escola Constantin Heger, *Mon cher maître*, “o único mestre que jamais tive”,²⁶ como escreveu ela em cartas dolorosamente reveladoras. Mesmo nos capítulos finais, o par amoroso de Jane não é menos seu “patrão” quando ela retorna, independente e igual de Rochester, do que quando ela foi embora da casa em que trabalhava empregada por ele.

O romance interroga e problematiza todo o conceito de “dominação”. O comportamento “despótico” de Rochester com Jane antes do casamento abortado não lhe agrada. Ela afirma sua igualdade, e de fato sua superioridade (“Portanto, sou melhor do que o senhor... deixe-me ir”). De modo recíproco, Rochester, por mais patriarcais que sejam os seus pressupostos, reconhece não apenas que Jane é “minha igual e minha

semelhante” (p. 423), mas também a própria inferioridade, que admite ao lhe dizer: “Aos dezoito anos eu era como a senhorita... sim, igualzinho” (p. 255). Ele, por sua vez, apropria-se do termo “patrão” com relação a ela: “Você [...] me domina” (“*you master me*”, p. 432), e a trama opera no sentido de castrá-lo de seu excesso de poder para que, quando ela ressurgir em Ferndean, ele se mostre contrito, quase tão cego quanto Sansão, necessitando como Sansão ser conduzido, e com um braço mutilado. Essa contrariedade dinâmica confere à obra seu ímpeto quase incansável, e à personagem central sua energia e interesse: “Desconheço nenhum meio-termo”, relata Jane sobre suas relações com St. John: “Nunca em toda minha vida encontrei, em minhas relações com personalidades autoritárias e duras [...] entre a submissão absoluta e a revolta decidida” (p. 633).

O casamento igualitário, no qual justamente a pequenez da mulher se torna um acessório para o homem excessivamente dominante, é o ideal de *Jane Eyre*. O casamento feliz que se revelou problemático para os leitores modernos era também uma anomalia em termos de política e direito eclesiástico vitorianos. Mais do que o divino, o que é sagrado em *Jane Eyre* é o amor humano. Charlotte Brontë consegue subverter as Escrituras roubando-lhes sua potência, usando a linguagem bíblica para preferir os impulsos naturais às aspirações celestes, e o leito matrimonial ao banco de igreja. O terno e fiel Eros é uma potência maior do que o zelo missionário; Eva derrota Adão. O feliz diálogo entre os dois amantes ressalta sua harmonia: à chorosa pergunta de Rochester, “Estou muito feio, Jane?”, ela responde: “Muito; sempre foi, sabe?” (p. 687).

O pensador liberal John Stuart Mill viria a escrever em seu *Sobre a sujeição das mulheres* (1873) que, para o direito inglês, a esposa é uma “empregada do marido [...] no que diz respeito às obrigações, nada menos do que uma escrava”.²⁷ Numa narrativa tão sensível aos perigos e tentações

da “escravidão”, *Jane Eyre*, no entanto, reverencia o matrimônio como um sacramento, tão sagrado, de fato, a ponto de dispensar o “Casamento com o Cordeiro” representado por St. John Rivers. (No Apocalipse da Bíblia, esse misterioso casamento representa a união do cristão com Cristo após a morte.) Rivers, assim como a “noiva de Cristo”, propõe a Jane um casamento tão inválido quanto o primeiro pedido de Rochester, pois já está comprometido no sentido mais profundo possível. As relações conjugais que ele sugere envolveriam o estupro institucionalizado permitido pela lei: “Poderei [...] suportar [dele] todas as formas de amor (que não duvido que ele fosse observar escrupulosamente)?” (p. 639). A violência dos homens em relação às mulheres é tratada por Charlotte Brontë com uma franqueza despudorada única no período: St. John propõe de modo implícito o estupro, e Rochester o cogita: “Se eu arrebentar, se destruir a frágil prisão, meu roubo só fará libertar a cativa” (p. 513). Os dois homens têm mais em comum do que qualquer um deles gostaria de admitir.

Esse paralelo explica o final duplo e apocalíptico do romance. O que conclui a narrativa não é o casamento de Jane, mas sim o de St. John Rivers. Ao morrer, Rivers irá adentrar o Casamento Místico com o Cordeiro, enquanto Jane escolhe o caminho vivo do coração humano. A união de homem e mulher “numa só carne”, segundo o livro oficial de preces da Igreja anglicana, significa “a união mística que existe entre Cristo e sua Igreja [...] assim como Cristo amou sua esposa, a Igreja, sacrificando-se por ela, amando-a e valorizando-a como se fosse a sua própria carne”. *Jane Eyre* percorre, portanto, um caminho ambivalente de heresia cristã e tradicionalismo transgressivo, e prefere o símbolo (o casamento humano) à coisa simbolizada (a união com Cristo).

fontes literárias

Jane Eyre é um livro feito de livros, um ninho de narrativas: nós espiamos por cima do ombro dos personagens de Charlotte Brontë enquanto eles leem e interpretam livros, e os ouvimos contar histórias uns para os outros. Jane, sentada de pernas cruzadas no banco junto à janela, folheia as páginas da *História dos pássaros da Inglaterra*, de Bewick; Bessie a delicia com relatos coletados de baladas, histórias folclóricas e romances populares; Helen Burns examina o *Rasselas*, de dr. Johnson, e Jane fica fascinada com *Marmion* de Sir Walter Scott. Os personagens não apenas repassam suas histórias de vida (a de Jane é contada de forma cíclica, repetidas vezes) como também “leem” obsessivamente as expressões faciais uns dos outros e as interpretam como se fossem livros complexos e enigmáticos, segundo os princípios de frenologia então em voga nos estudos vitorianos sobre a psique.²⁸ Rochester descobre a singularidade críptica e contraditória da personalidade de Jane, pois “quando examinei seu rosto, um traço contradisse o outro” (p. 346). Para se concentrar nessa leitura de rostos, *Jane Eyre* se apoia muito na linguagem da psicologia oitocentista: as ciências da frenologia, da fisiologia, do mesmerismo, e a teoria da atração e repulsão químicas apresentadas no manual de ciência romântico *Elementos de química*, de Sir Humphrey Davy (1827) (que os Brontës tinham em casa).

Jane Eyre vai buscar seu estilo e sua temática numa rica mistura de fontes. A trama lembra as histórias folclóricas: O castelo de Barba-Azul, Cinderela, O patinho feio, A bela e a fera. O mundo infantil das fadas perdura de modo mágico bem depois de terminada a infância de Jane. “Não

é de espantar”, diz Rochester, “que tenha certo ar de outro mundo [...]. Quando me abordou ontem à noite na estrada de Hay, pensei inexplicavelmente em contos de fadas” (p. 236). Antigas tradições de sonhos, histórias orais e lendas intrigaram os poetas e romancistas românticos. *Jane Eyre* tem uma dívida com as paisagens sobrenaturais e sugestivas de Sir Walter Scott, bem como com a ficção gótica, que lançou na parede da infância das Brontë sombras arrepiantes. A autora-mirim das histórias de Angria adorava os contos de horror da *Blackwood's Edinburgh Magazine*: traduções dos contos complexos e aterrorizantes de E. T. A. Hoffmann, histórias de duplos mortais de James Hogg, o fascínio romântico por vampiros e possessão demoníaca. Em *Jane Eyre*, Charlotte Brontë lança mão de motivos góticos, o mais óbvio deles a louca que “assombra” o sótão, não apenas para causar sensação, mas para representar a mente inconsciente submetida ao estresse de se deparar com um mundo desconhecido. Para uma criança carente, qualquer experiência é implicitamente sobrenatural por ser desconhecida: o mundo fantasmagórico surge para ameaçar Jane no “quarto vermelho”, onde a fada encontra um demônio no “vazio ilusório” do espelho (capítulo ii). Ela vivia próxima demais dos mortos e da frieza dos vivos.

Em *Jane Eyre*, o sobrenatural é misterioso e pleno de significado: não é possível descartá-lo por meio da psicanálise. Para a autora e para o leitor, ele enfatiza como em certo sentido somos todos filhos dos mortos. Quando Jane volta para Thornfield de sua visita a Gateshead e diz: “Estava com a minha tia, senhor, que morreu”, Rochester exclama: “Uma verdadeira resposta de Jane [...]. Ela veio de outro mundo, da morada dos mortos” (p. 408). É um belo resultado: uma evocação mágica da estranheza do mundo em que o casal se equilibra, assombrando um ao outro num jogo de palavras que combina palavras de ternura, humor e assombro, e ao mesmo tempo

sugere uma outra dimensão, um mundo de espíritos que só é visível para um olhar atento. Encantamento e medo são primos próximos em *Jane Eyre*. O que Rochester vê e cobiça em Jane é a energia do seu espírito único escondido dentro da discreta gaiola física. Delicadas imagens de pássaros engaiolados, o espírito imortal entrevisto no brilho de um olhar, emprestam ao jogo de palavras do casal sugestões deliciosas e a sensação de um mundo diferente e bem próximo. *Jane Eyre* traz à tona o mistério sem intermediários da própria existência. O “mundo dos espíritos” paira ao redor de Jane, Helen, Rochester, Rivers. Logo antes da morte de Helen Burns em Lowood, Jane, parada ao luar, experimenta o primeiro choque de consciência da mortalidade:

Minha mente então fez seu primeiro esforço sincero para compreender [...] céu e inferno, e pela primeira vez recuou, sem entender, e pela primeira vez, ao olhar para trás, para os lados e para a frente, viu à toda volta um abismo insondável [...] e estremeceu ao pensar em perder o equilíbrio e mergulhar no meio desse caos. (p. 173)

Charlotte Bronte prende o leitor nesse espaço próximo do túmulo onde a mente da pessoa se torna uma “coisa”, algo não familiar, a pairar acima das perguntas impossíveis de responder evocadas pelo romance.

A literatura das “noivas vampiras”, como, por exemplo, *A noiva de Corinto* de Johann Wolfgang Goethe (1797), provoca emoções baratas no leitor com sua sobrenaturalidade sangrenta. O tratamento dado por Sir Walter Scott em *A noiva de Lammermoor* (1819) tanto ao par masculino senhor de Ravenswood, saturnino, orgulhoso e inspirado em Byron, quanto à mente feminina inconsciente é próximo de *Jane Eyre*. A dócil Lucy Ashton de Scott, casada contra sua vontade com um homem que não pode amar, aceita seu destino mas assassina o marido na noite de núpcias, e é encontrada “agachada qual uma lebre sobre o seu corpo, com o arranjo de cabeça em desalinho, a roupa de dormir rasgada e suja de sangue, os olhos

vidrados e os traços convulsionados num paroxismo de insanidade... dizia coisas ininteligíveis [...] um demônio exultante”.²⁹ Bertha Rochester, segundo conta seu irmão, “chupou o sangue. Falou que ia secar meu coração”(p. 364). Quando Jane a encontra, o que vê quase não é humano: “Parecia estar rastejando de quatro no chão; abocanhava e rosnava como algum estranho animal selvagem” (p. 477). O que Scott havia unido, Charlotte Brontë separa nas figuras opostas de Jane e Bertha. Apesar disso, é num espelho que Jane vê pela primeira vez o rosto da louca (no capítulo xxv). Jane também já foi trancafiada no passado e perdeu a razão devido a um “surto” (capítulo ii), e é uma criatura dada a paixões rebeldes. Sandra M. Gilbert e Susan Gubar, numa leitura inspirada e influente, viram em Bertha o alter ego reprimido de Jane.³⁰

Um dos aspectos mais mágicos de *Jane Eyre* é sua voz. Fluida, pessoal, emotiva, sugere uma presença pessoal e cria a ilusão de um verdadeiro indivíduo “por trás” do texto, que fala direto conosco. Paradoxalmente, contudo, a linguagem do romance é rica em alusões e assumidamente literária. O leque de alusões textuais é prodigioso: *Jane Eyre* é uma das obras mais densamente alusivas e intertextuais do século xix. Na tradição das autobiografias espirituais, suas forma, vocabulário e ética têm uma grande dívida com as narrativas de conversão puritana e os testamentos espirituais do século xvii, em especial *O peregrino*, de John Bunyan (1678), que desde a publicação fora lido como uma contribuição para a literatura infantil. Portanto, embora a paisagem de *Jane Eyre* seja uma variante fictícia dos condados de Yorkshire e Derbyshire, seu território é também o radioso país da alma.

A progressão em cinco tempos de Jane por etapas de nomes significativos segue os passos do Cristão de Bunyan em seu caminho até a Cidade Celestial. “Gateshead”, de *gate*, “portão”, e *head*, “cabeça, entrada”,

sugere o portão das origens; “Lowood” é alegoricamente a *low wood*, a “mata baixa” que incuba doenças; “Thornfield” se refere aos *thorns*, “espinhos” da maldição divina após o crime do homem na Gênesis; “Moor House”, “casa da charneca”, ou “Marsh End”, “fim do charco”, sugerem o caráter selvagem das errâncias de Jane; “Ferndean”, “vale das samambaias”, é um vale verdejante que, não obstante, possui características em comum com Lowood. Embora *Jane Eyre* seja uma revisão moderna radical, secular e feminista do caminho de obediência cristã de Bunyan, é também fiel à qualidade emocional de *O peregrino* e sua violenta combatividade. O livro compartilha com Bunyan o personagem envolvente e amável do herói/heroína; um ritmo de estados de espírito extremos e alternados; tentações paradoxais, e o lindo “estilo simples puritano”, o inglês puro e sem ornamentos adotado pelos puritanos seiscentistas, com sua valorização da veracidade e sua desconfiança em relação às aparências. O romance põe a confiança no mesmo lugar de Bunyan: no coração humano, com um dever de descobrir e viver a própria verdade. No entanto, ao imbuir a opção pelo casamento e a identidade individual com o brilho da consequência imortal, Charlotte Brontë transforma o que seria um romance numa questão de vida e morte espiritual. A hibridez genérica de *Jane Eyre* reforça sua potência e sua complexidade.

Ao mesmo tempo, *Jane Eyre* tem uma dívida com a literatura inglesa renascentista. Alusões a *Hamlet*, *Otelo*, *Rei Lear* e outras peças de Shakespeare tecem uma rica trama de dramaticidade e poesia. A estrutura sugere também uma peça shakespeariana em cinco atos e faz eco ao virtuosismo da linguagem de Shakespeare, alternando entre tiradas espirituosas, discursos formais e uma espécie de solilóquio entreouvido. Ecos do *Paraíso perdido* de John Milton (1667) têm ainda mais ressonância, reforçando a qualidade mítica de *Jane Eyre* e alçando uma

história de amor em última instância banal a um status de sacramento, o que se vincula ao mito da Queda na Gênesis e à redenção nos Evangelhos, ao mesmo tempo que questiona e refuta a misoginia tanto da Bíblia quanto de Milton ao responsabilizar Eva pelo mal.

Em contraponto a essa sonora poesia sagrada está a influência do romance realista do século xviii, principalmente *Pamela ou a virtude recompensada* de Samuel Richardson (1740). Na época, *Pamela* era um romance epistolar extremamente popular, no qual o mulherengo “sr. B” faz tentativas de atentar contra a virtude de Pamela que são ao mesmo tempo insinceras e engenhosas. Vestígios de *Pamela* abundam em *Jane Eyre*, entre outros na ágil e coloquial troca de gracejos que transforma a corte do casal num deleite tão tocante, e mantém uma sensação de excitação sexual mesmo quando os dois estão em seus momentos mais tranquilos juntos. Em ambos os romances, sedutores propõem “casamentos de fachada” a heroínas ridicularizadas por hóspedes aristocratas e visitadas por ciganas videntes; ambas são recompensadas por um casamento feliz com o contraventor arrependido.

As paisagens de *Jane Eyre*, seus climas e estações do ano, são um dos elementos mais gloriosos do romance. Há uma atenção extremamente detalhista à atmosfera das cenas mais sem importância: na estradinha invernal de Thornfield, “os pequenos passarinhos marrons que se moviam de vez em quando na sebe pareciam folhas soltas cor de ferrugem que houvessem esquecido de cair” (p. 219). Os poemas de Byron, Wordsworth, Coleridge, Thomas Moore e, principalmente, Keats, estão no âmago da emoção do romance. No capítulo xxiii, a cena do pedido de casamento no jardim, um Éden maculado, é com sua melancolia arrebatada uma variação de “Ode a um rouxinol” de Keats (1820): “[o vento] foi se afastando, se afastando até uma distância indefinida e abateu. O canto do rouxinol era a

única voz a fazer-se ouvir naquele horário [...]”. O trecho remete ao “salmo triste” da última estrofe da ode de Keats, música que torna a ocorrer no capítulo xxxvii, quando Jane reecontra Rochester agora cego: “*Quem está aí? O que está acontecendo? Quem está falando? [...] Será apenas uma voz? [...] Isto é um sonho*”. A ode de Keats termina assim:

*Adeus! Adeus! Teu salmo agora tristemente
Vai-se perder no campo, e além, no rio silente,
Nas faldas da montanha, até ser sepultado
Sob o vale deserto:
Foi só uma visão ou um sonho acordado?
A música se foi — durmo ou estou desperto?*

Mas a beleza das alusões de Charlotte Brontë a Keats estão no entrelaçamento melodioso com lembranças de Milton, o cego ouvinte que cantava não apenas sobre o paraíso perdido e reconquistado, mas também sobre Sansão, que fica cego, e sobre o mundo invisível em relação ao amor perdido: quando Jane retorna, Rochester lamenta: “Jamais farei, diz a visão? Mas eu sempre acordei para constatar que tudo não passava de uma paródia vazia [...]. Suave e doce sonho que agora se aninha em meus braços, você também sairá voando como todas as suas irmãs saíram antes de você. Mas beije-me antes de ir... abrace-me, Jane!” (p. 682). Por trás desse terno discurso está o Soneto xix de Milton, “Sobre sua finada esposa” (1658?): “Mas ah, como para me abraçar ela se inclinou / Acordei, ela fugiu, e de dia minha noite voltou” (linhas 13-14).

Indiferente à arte dos versos, Charlotte Brontë foi portanto uma poetisa da ficção. Havia aprendido com ambas as irmãs. Ela segue a prosaica escolha de Anne Brontë de uma heroína preceptora sem grande beleza e a narração feminina em primeira pessoa de *Agnes Grey*. A influência de *O morro dos ventos uivantes* e da poesia de Emily Brontë transparecem na crueza da linguagem e da paisagem. A urze de Whitcross lembra os

Heights; os intensos *cris de coeur* dos personagens remetem à linguagem de Catherine e Heathcliff. Rochester, embora ironizado pelo crítico Leslie Stephen como “na verdade uma irmã mais temperamental de Shirley, embora ele se esforce ao máximo para ser um homem, e até mesmo um espécime singularmente masculino do seu sexo”,³¹ tem um quê de Heathcliff. Como *O morro dos ventos uivantes*, *Jane Eyre* pode ser lido como um poema rico em simbologia, um diálogo de fogo e gelo, de fome e raiva.³² Lareiras com fogos bem-arrumados ardem generosamente ao redor de Rochester; o temperamento inflamável de Jane se contrapõe à pedra fria do coração e dos olhos da sra. Reed e ao gelo da religiosidade de St. John Rivers.

Por baixo de todo esse complexo de influências e alusões está a versão da Bíblia conhecida como versão autorizada ou Bíblia do rei Jaime. Charlotte Brontë sabia de cor trechos das Escrituras. Espalhadas pelo texto estão alusões às parábolas, às beatitudes, ao apocalipse. Adão e Eva, Caim e Abel, Davi e sua “única cordeirinha”, Sansão e Dalila, Assuero e Ester se entremeiam à história, a tal ponto que a paisagem mental de Jane e do Norte da Inglaterra no início do século xix sugerem a antiga paisagem de Israel. O inglês bíblico influencia a língua do inglês de Brontë, e uma veia travessa de sátira eclesiástica percorre todo o romance. Tanto Brocklehurst quanto seu equivalente calvinista, St. John Rivers, condenam a si mesmos por sua crandade cruel. Mas a teologia de *Jane Eyre* é herege: a mensagem de perdão e autossacrifício do Evangelho é com frequência recusada em prol da raiva contra a injustiça, que impele a individualista heroína a usar a Bíblia (como fizeram os revolucionários Bunyan e Milton) como uma espécie de estatuto do defensor da liberdade, arena de um embate com Deus em nome da verdade singular de cada um.

estilo e narrativa

Como sua base estilística, *Jane Eyre* faz uso de uma gramática simples, não complexa. Suas frases são com frequência formadas por orações ou expressões cujos termos curtos e enfáticos estão interligados pela reverberação verbal e gramatical. Isso tem por efeito uma intensidade espontânea e uma naturalidade das emoções. Podemos entreouvir o intenso bater do coração da menina, somos íntimos de suas vibrações e de sua estrondosa pulsação: “Meu coração disparou, minha cabeça ficou quente; um som [...] me encheu os ouvidos. Algo pareceu estar perto de mim; senti-me oprimida, sufocada. [...] a chave girou” (pp. 83-4). A intensidade visceral da menina segue influenciando a língua da mulher. Mas esse estilo caótico é temperado por trechos tranquilos de prosa calma e pausada, e enraizado na expressão cotidiana falsamente casual de realismo doméstico que abre o romance: “Não havia possibilidade alguma de sair para caminhar naquele dia”.

Embora *Jane Eyre* não seja um romance epistolar, o livro se lê como uma comunicação pessoal. Seu tom faz confidências, instiga, persuade, agrada aos leitores. Mas o estilo que empolga também fascina. A qualidade hipnótica do estilo de Charlotte Brontë talvez tenha se originado no seu hábito de escrever como se estivesse em transe, transcrevendo seu mundo interior no papel com os olhos fechados. Em *Jane Eyre*, contudo, um olho está sempre aberto para avaliar e manipular a reação do leitor. *Jane Eyre* compartilha a consciência de si exacerbada de sua autora.

Uma impressão de realidade autêntica é despertada por parcimoniosas descrições de objetos conhecidos e desconhecidos. Desde o início, há a

forte impressão de um mundo que podemos ver, ouvir, tocar e provar. Interiores arquitetônicos são descritos com minucioso cuidado em relação a proporções, dimensões, mobiliário, espaços de janelas, lareiras. O “doce sobre certo prato de louça pintado em cores vivas”; o mingau queimado em Lowood; o bolo de sementes da srta. Temple; a peteca de Adèle: são todos detalhes que conferem uma sólida realidade ao mundo do romance. *Jane Eyre* cria um fluxo contínuo de sons, conversas, rumores, tiradas espirituosas, palavras de amor, cantos de pássaro, o estrondoso farfalhar de um vestido, o estalo de cascos sobre pedra gelada. Muitas vezes a ação progride por meio do simples diálogo. Personagens secundários contribuem muito para reforçar essa autenticidade e a sensação de especificidade geográfica. O coro de Bessie e Abbot dá lugar às falas da sra. Fairfax em Thornfield, que por sua vez são substituídas pela praticidade de Hannah em Moor House e, por fim, pelo bom senso franco de Mary e John em Ferndean. Padrões discursivos simples e não literários sustentam os efeitos de retórica e a trama surpreendente.

No entanto, o romance representa também um campo de força para o conflito. O estilo simples muitas vezes se inverte, como se as próprias frases fossem retorcidas por seus temas dolorosos. Inversões sintáticas, a reversão da ordem normal de sujeito, verbo e objeto na frase da língua inglesa são usadas em *Jane Eyre* para obter um efeito dramático; é possível que Charlotte Brontë tenha sido influenciada pelo alemão, aprendido em Bruxelas junto com o francês. Ao representar sua expulsão do grupo familiar dos Reeds, Jane foca em si mesma como um objeto que inicia a frase: “Quanto a mim, ela havia me dispensado de integrar o grupo” (p. 69). Essa inversão articula de modo poderoso o status de objeto e a exclusão da menina. Encolhida nesse “quanto a mim” está a mola de raiva que irá ultrapassar os limites no primeiro motim da vida até então passiva de Jane.

“Quanto a mim” se transformará no “eu” assertivo. Essa inversão traz contido em si o trauma da perda: “eu precisava me afastar da sua presença”, compreende Jane após o casamento abortado (p. 482).

Como contadora de histórias, Charlotte Brontë não tem rivais. Seu domínio do suspense em *Jane Eyre*, aliado a um astuto hábito de reter a explicação de acontecimentos perturbadores, mantém o leitor num estado de alerta e tensão. Essa sensação ofegante de aguardar um conhecimento iminente, instante após instante, é sutilmente sugerida ao final do capítulo xx, quando a autora cria a expressão “revelação iminente”. Rochester acaba de começar a revelar a Jane o que está pensando: “Eu próprio, e lhe digo isso sem parábola, já fui um homem mundano, devasso, irrequieto; e acredito ter encontrado o instrumento da minha cura em...” O texto continua: “Ele se interrompeu”, e a atenção da narrativa se desloca para o canto dos pássaros e o farfalhar das folhas. “Quase me perguntei por que eles não interrompiam seus cantos e sussurros para captar a revelação iminente; mas teriam tido que esperar muitos minutos, de tanto que o silêncio durou.” A frase nunca chega a ser completada; a disposição de Rochester muda; ele se esquivava de confessar a verdade completa. Toda a narrativa de *Jane Eyre* é um incentivo ao assombro arquejante: ela contém uma sucessão de pausas, digressões, frases incompletas, enigmas, e semeia uma trilha de pistas falsas, como, por exemplo, Blanche Ingram, que funciona como uma cortina de fumaça para a esposa rival. A trama deve ter sido construída de trás para a frente, de modo a ocultar os segredos que criam suspense e tensão. Mas ela foi também construída num dos mais belos formatos narrativos que existem: o círculo. O ciclo de ações se cumpre numa série de retornos que se conclui com a fuga de Jane de volta para Rochester, num reencontro equilibrado entre o riso e o pranto.

* Os leitores que ainda não conhecem o livro devem levar em conta que detalhes do enredo serão revelados nesta introdução. (n. e.)

1. Annie Thackeray Ritchie, “My Witches’ Cauldron”. *Macmillan’s Magazine* 63 (fev. 1890), em CA, v. i, p. 124.
2. George Smith, “Charlotte Brontë”. *Cornhill Magazine* (jul.-dez. 1900), em CA, v. i, pp. 137-8.
3. Frederick Harrison, *Charlotte Brontë, Studies in Early Victorian Literature*. Londres: Edward Arnold, 1895, em CA, v. i, p. 251.
4. William Makepeace Thackeray, “The Last Sketch”. *Cornell Magazine* i (jan.-jun. 1860), em CA, v. i, p. 86.
5. Charlotte Brontë, “Biographical Notice of Ellis and Acton Bell” (1850), impresso em WH, p. xliv.
6. George Henry Lewes, crítica de *Jane Eyre* *Fraser’s Magazine* 36 (dez. 1847), em CA, v. iii, p. 12, 14.
7. Relatado por George Smith, “Charlotte Brontë”, em CA, v. i, p. 146.
8. Ibid., p. 147.
9. Elizabeth Rigby, crítica de *Vanity Fair* e *Jane Eyre* *Quarterly Review* (dez. 1848), em CA, v. i, pp. 33-61.
10. Harriet Martineau, *Autobiography* (1877), 3 v. Londres: Virago, 1983, v. ii, p. 324.
11. Charlotte Brontë, carta de 8 de junho de 1839 a Emily Brontë. *Letters*, v. i, p. 191.
12. Rigby, CA, v. i, p. 51.
13. O cartismo, assim chamado devido a sua carta de 1838, a “Carta do Povo”, criada por William Lovett, foi um movimento da classe operária que defendeu, ao longo do final dos anos 1830 e início dos 1840, uma reforma social e política em cujo centro estava a questão do sufrágio universal masculino. Imensos abaixo-assinados para o Parlamento culminaram no gigantesco abaixo-assinado de 1848, que teve 6 milhões de assinaturas.
14. As revoluções europeias de 1848 foram o resultado de uma combinação da pressão burguesa por reformas liberais e de uma grave depressão econômica, aliada a uma safra ruim, que deu origem a fome e protestos. As revoluções foram rapidamente sufocadas, com grande violência tanto por parte dos governos quanto dos rebeldes.
15. Crítica anônima. *Christian Remembrancer* 15 (abril de 1848), em CA, v. i, p. 18.
16. Rigby, CA, v. i, p. 51.

17. Margaret Oliphant, “Modern Novelists — Great and Small”. *Blackwood’s Magazine* 77 (maio 1855), pp. 557-8.
18. Ibid., p. 558.
19. Barker, pp. 554-5.
20. Anônimo, “Queen Bees or Worker Bees?”. *Saturday Review* 8 (12 nov. 1859), pp. 575-6.
21. Thomas Carlyle, *Chartism* (1839), impresso na íntegra em *Selected Writings of Thomas Carlyle*, org. Alan Shelston. Harmondsworth: Penguin, 1971, p. 199.
22. David Jones, *Chartism and the Chartists*. Londres: Allen Lane, 1965, p. 112.
23. Gayatri Spivak, “Three Women’s Texts and a Critique of Imperialism”. *Critical Inquiry* 12 (1985), pp. 243-61.
24. Charlotte Brontë, carta de 4 de janeiro de 1848 a W. S. Williams. *Letters*, v. ii, pp. 3-4.
25. Por exemplo, o líder cartista William Lovett em sua autobiografia, *The Life and Struggles of William Lovett* (Londres: Trübner, 1876), p. 55.
26. Charlotte Brontë, carta de 24 de julho de 1844 a Constantin Heger. *Letters*, v. i, p. 358.
27. John Stuart Mill, *On the Subjection of Women* (1873), em “*On Liberty*” and Other Essays, org. John Gray. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1991, p. 503.
28. A frenologia, considerada a ciência da mente, constituía numa espécie de adivinhação de carácter com base no formato do crânio. Originada nas teorias fisiológicas e psicológicas do médico austríaco Franz Joseph Gall (1758-1828), a teoria esteve em voga na Grã-Bretanha em meados do século xix
29. Sir Walter Scott, *The Bride of Lammermoor* (1819), org. W. M. Parker. Londres: Dent, Everyman, 1991, p. 323.
30. *Madwoman in the Attic*, pp. 336-71.
31. Leslie Stephen, “Hours in a Library: Charlotte Brontë”. *Cornhill Magazine* 36 (dez. 1877), em CA, v. i, p. 238.
32. David Lodge faz uma análise sensível desses padrões simbólicos no capítulo “Fire and Eyre: Charlotte Brontë’s War of Earthly Elements”, em *Language of Fiction: Essays in Criticism and Verbal Analysis of the English Novel* (Londres: Routledge, 1966).

Prefácio*

sandra guardini teixeira vasconcelos

Elas já foram chamadas de “as três irmãs esquisitas”¹ pelo poeta Ted Hughes. Extraordinárias seria talvez um termo mais preciso para caracterizar Charlotte, Emily e Anne Brontë. Não é nada trivial que três moças criadas em Haworth, um pequeno vilarejo perdido nas charnecas na região oeste do condado de Yorkshire, se tornassem parte do cânone do romance inglês. Contra todas as probabilidades, com seus romances, elas vieram a integrar a geração que renovou o gênero nos últimos anos da década de 1840. Filhas de um clérigo de poucos recursos, Charlotte (1816-55), Emily (1818-48) e Anne (1820-49) enfrentaram vicissitudes típicas daquele contexto histórico: a perda precoce da mãe e de irmãos, a educação doméstica e em internato beneficente, a experiência breve e decepcionante como governantas e professoras, a morte prematura.

A vida em um ambiente familiar socialmente isolado, fechado em si mesmo, levou as crianças do reverendo Patrick Brontë a se dedicarem à leitura conjunta (com liberdade para ler de tudo), a jogos de encenação e à produção dos célebres livros em miniatura,² escritos à mão e ilustrados. Com um pequeno exército de soldadinhos de madeira, elas criaram um

mundo imaginário, a Cidade de Vidro [Glass Town], que logo se desdobraria nos reinos de Angria e Gondal, cenários das sagas nas quais os críticos apreendem traços que seriam desenvolvidos mais tarde nas obras de ficção das irmãs. É àquelas narrativas que Charlotte parece estar se referindo quando escreve em um poema: “We wove a web in childhood/ A web of sunny air/ We dug a spring in infancy/ Of water pure and fair”.³ O talento intelectual e imaginativo das três meninas mais novas se confirmaria nos romances perceptivos, dramáticos e amiúde subversivos que viriam a se tornar clássicos e seriam adaptados para o teatro, a televisão e o cinema.

A completa inapetência de Charlotte, Emily e Anne para o ofício de governanta ou para o ensino, e a necessidade de encontrar outras maneiras de ganhar dinheiro levaram Charlotte então a reunir uma pequena coleção de poemas das três e tentar publicá-los. Para contornar a resistência de Emily, ela ocultou a identidade delas sob os pseudônimos de Currer, Ellis e Acton Bell, preservando assim as iniciais de cada uma delas, mas escolhendo convenientemente nomes indeterminados do ponto de vista de gênero.⁴ Charlotte explica o motivo do estratagema:

Avesas à publicidade pessoal, encobrimos nossos próprios nomes sob aqueles de Currer, Ellis e Acton Bell; a escolha ambígua sendo ditada por uma espécie de escrúpulo consciencioso em assumir nomes cristãos decididamente masculinos, pois não gostávamos de nos declarar mulheres. Sem suspeitar àquela altura que nosso modo de escrever e pensar não era o que se considera “feminino”, tínhamos a vaga impressão de que as autoras estão sujeitas a ser olhadas com preconceito.⁵

Os poemas foram publicados em 1846 e abriram caminho para que Charlotte enviasse para vários editores os manuscritos de seu *O professor*, *O morro dos ventos uivantes*, de Emily, e *Agnes Grey*, de Anne. A recusa a *O professor* não a fez perder o ânimo e, um mês depois, ela enviava os originais de *Jane Eyre* à editora Smith, Elder & Co., o qual acabou publicado em outubro de 1847, ainda antes dos romances de Emily e Anne.

Para dar esse passo, as Brontë tiveram de superar uma “condição pessoal” que Terry Eagleton⁶ resume nos seguintes termos: 1) o lugar ambíguo na estrutura social, como filhas de um clérigo educado, respeitável mas pobre; 2) a insegurança social em função do gênero; 3) a educação, simultaneamente um patrimônio e um empecilho; 4) o isolamento social e geográfico; 5) a formação religiosa.⁷ Presas entre a superioridade intelectual e cultural e a inferioridade social e econômica, como jovens de poucos meios em uma sociedade estratificada e hierarquizada, elas fizeram da escrita a válvula de escape e por fim o sustento material e psíquico que almejavam. Pode-se aquilatar, dessa maneira, o significado de terem seus romances publicados.

O sucesso de *Jane Eyre* foi imediato, e se o mistério da identidade de Currer Bell provocou bastante curiosidade, houve também controvérsias e divisão de opiniões, algo nada incomum quando do lançamento de romances à época. Ainda um campo não especializado, a crítica oitocentista se caracterizava, de um lado, por uma visão mais conservadora, cujo foco costumava recair antes em aspectos morais que literários, e de outro, por uma perspectiva mais liberal e mais pautada pela tentativa de apreciar as qualidades das obras. À censura generalizada ao romance por motivos sociais (diferença de classe) e morais (sugestão de bigamia) se contrapuseram o reconhecimento de sua força e os elogios pela sua originalidade e frescor. Uma resenha publicada no *Fraser's Magazine* pelo filósofo George Henry Lewes em dezembro de 1847, apesar de apontar alguns defeitos, ressaltava o realismo do romance, anotando: “A realidade — realidade profunda, significativa — é a grande característica do livro”. Para Lewes, a composição das personagens demonstrava competência e maestria — Jane é “uma mulher, não um molde” —, e o

estilo —, “peculiar” e “pessoal”, conferindo à obra um caráter não convencional, muito diferente dos romances antigos e contemporâneos.⁸

Na contramão desse juízo tão positivo e favorável, houve aqueles que atribuíram a *Jane Eyre* qualificativos como “ímpio”, “pernicioso” e “indecoroso”. Recaiu também sobre o romance a acusação de ser grosseiro e chocante por introduzir no enredo a tentativa de bigamia e retratar a paixão de uma mulher. Uma das apreciações mais severas encontra-se na resenha da jornalista Elizabeth Rigby, publicada na *Quarterly Review* em dezembro de 1848, que reprova *Jane Eyre* pela linguagem tosca e tom frouxo, pela falta de plausibilidade do enredo, pela composição anticristã, e levanta objeções em relação à protagonista, considerada vulgar, orgulhosa e “a personificação de um espírito degenerado e indisciplinado”. Uma das conclusões da resenhista resume o ataque à moralidade do romance: “É um livro muito notável: não temos lembrança de outro que combine força tão genuína com gosto tão horrível”.⁹

Raymond Williams argumenta que a novidade de *Jane Eyre* residia em uma “ênfase na intensidade do sentimento, um compromisso com o que devemos chamar diretamente de paixão”, o que, segundo o crítico, fazia parte dos distúrbios daqueles anos de 1840 na Inglaterra: “um mundo de desejo e fome, de rebelião e de inexpressiva convenção”, de opressão e de privação.¹⁰ Williams afirma que a proeza de Charlotte Brontë, juntamente com Emily, foi recriar o romance de modo a comunicar esse tipo de paixão. Em um mundo que preconizava controle, rigidez, sobriedade, tornando-se mais austero, um grupo de romancistas mulheres, entre as quais as Brontë, conheceu uma estrutura completa de repressão e, cada uma a seu modo, a rompeu com força e coragem. *Jane Eyre* pôs em cena essa tensão entre intensidade e controle na voz de sua protagonista, que acompanhamos desde a abertura e com a qual acabamos por estabelecer uma relação íntima.

Sob a forma autobiográfica, o romance narra a trajetória da pequena órfã Jane desde os dez anos de idade até a vida adulta, quando finalmente supera os diversos obstáculos que se interpuseram durante os anos de sua formação: uma tia cruel e abusiva, o internato soturno e opressivo, sua condição social, o quase envolvimento em um caso de bigamia. Na jornada da infância à maturidade da protagonista, o leitor acompanha seu processo de crescimento, sua passagem do mundo da inocência para o mundo da experiência, e a construção de sua identidade, até que ela, por um golpe da fortuna, atinja sua almejada independência. Nesse sentido, sua narrativa — Sandra M. Gilbert e Susan Gubar a descrevem como “uma história de clausura e libertação”¹¹ — se inscreve na tradição do *Bildungsroman*,¹² isto é, do romance de aprendizagem ou de formação, cujo desfecho envolve a socialização da heroína e sua integração à ordem social, graças à herança e ao casamento. O curso de sua vida deságua na “reconciliação do indivíduo problemático [...] com a realidade social concreta”,¹³ operando uma síntese ou solução de compromisso entre interioridade e exterioridade, com a internalização das normas sociais por parte da protagonista e sua “adaptação à sociedade na resignada aceitação de suas formas de vida”.¹⁴ Aquele que é na origem um enredo tipicamente masculino, no qual se encena o conflito entre o ideal de autonomia e autodeterminação do indivíduo e as exigências do mundo externo, ganha aqui coloração feminina, ao se centrar nas vicissitudes e conflitos que Jane terá de enfrentar até seu retorno a Thornfield e o reencontro com Rochester. Ao longo desse percurso, alguns traços definirão a personagem: a moral inquebrantável, a força de vontade e a rebeldia, que, somadas, constituem um estranho amálgama de submissão, espírito de rebelião latente e convencionalismo altivo.

Quatro diferentes espaços servem de cenários para os estágios, ou etapas, da trajetória de Jane: Gateshead Hall, residência dos Reed, que deveria ser lugar de acolhimento e da possibilidade de uma vida em família, se tornará sinônimo da experiência de orfandade, exclusão e da diferença social. Ali, em um ambiente caracterizado pela opressão, a personagem terá de conviver com “as tiranias de John Reed, toda a indiferença de suas irmãs, toda a aversão de sua mãe, toda a parcialidade dos criados”. Lowood, para onde Jane é enviada pela tia, irá representar o contato da menina com o mundo da instrução, mas ali ela sofrerá fome e frio (física e afetivamente) como instrumentos de submissão. A escola, que deveria ser local de socialização e troca entre iguais, prova ser uma instituição severa e impiedosa. No colégio interno, Jane encontrará duas figuras maternas em Helen Burns e na srta. Temple, cujo conforto e apoio a ajudarão a suportar os maus-tratos enquanto desenvolve as aptidões necessárias para o magistério e o que ela vai denominar “uma nova servidão”.

Em Thornfield Hall, propriedade do sr. Rochester e centro da peregrinação de Jane, já como preceptora, ela experimentará a ambiguidade de seu status — não faz parte da família, mas também não é uma criada — e deverá aprender a controlar sua ira e indignação. Sua fuga de Thornfield, diante da iminência de uma união ilegal, a levará até Marsh End, depois de vagar pelas charnecas e quase perecer de inanição e frio. Sua longa e exaustiva caminhada vai acabar, em uma noite chuvosa, na soleira de uma casa, onde é recolhida por três irmãos que se revelarão depois ser seus primos (Diana, Mary e St. John Rivers). Pela primeira vez, desde a infância, Jane irá conhecer o sentido de lar, afeto e cuidados e restaurar para ela o real significado de família. Marsh End será o ponto final de sua jornada “em direção à individualidade” e o início da descoberta de “seu verdadeiro lugar no mundo”,¹⁵ sem abrir mão de seus princípios. O emprego de

professora na escola de um vilarejo, o pedido de casamento de St. John Rivers e a perspectiva de ser missionária na Índia pareceriam abrir para Jane novos horizontes até que um pressentimento e um estranho chamado *vão* levá-la de volta a Thornfield.

O relato autobiográfico obriga o narrador a transitar entre duas temporalidades — isto é, entre o presente da narrativa e o tempo vivido. Pelo trabalho da memória, graças à distância que o separa dos acontecimentos vivenciados, o narrador refaz seu percurso e reconstitui os fatos a partir da perspectiva do adulto. Quando Jane Eyre inicia sua história, na qual desempenha o duplo papel de narradora e protagonista, ela precisa conciliar a inocência da menina e a experiência da mulher adulta, já casada e mãe de dois filhos, que viveu todos aqueles eventos e foi formada por eles. Com a distância temporal que separa história (o narrado) e discurso (a narração), Jane tem a prerrogativa de controlar a exposição de fatos que precederam o tempo da narrativa, como a revelação sobre sua origem, seus pais, o motivo do ódio da sra. Reed, a existência do tio da Ilha da Madeira. A técnica bifocal possibilita esse trânsito entre passado e presente, entre inocência e experiência: “Eu não conseguia responder à incessante pergunta interna de *por que* sofria daquela maneira; hoje, passados não direi quantos anos, posso ver com clareza” (p. 81).

Ainda que a narrativa em primeira pessoa confira unidade ao relato, por ser um autorretrato, o leitor está diante de uma vida que se desdobra em anos e de uma subjetividade que se configura ao longo do tempo. O capítulo de abertura, com a frase que nos joga diretamente em meio às circunstâncias de uma Jane órfã, pobre e dependente, põe a narrativa em movimento e estabelece de imediato o nó de um dos muitos conflitos que a personagem enfrentará dali em diante. Sem entregar ao leitor detalhes do seu passado, porque também ela os desconhece, Jane compartilhará, no

entanto, o drama do seu presente, todo ele marcado pela sua condição de orfandade, pobreza e dependência, e por um ambiente de opressão e tirania. Começam a se delinear aqui os traços que definirão a personalidade de Jane — a paixão e a rebeldia, que a família substituta e a escola tentarão domar e adequar às convenções sociais. De saída, também fica exposta a estrutura de classes que, apesar do parentesco, separa Jane dos Reed. A falta de recursos da menina faria supor que, dela, os Reed esperam obediência, gratidão e subserviência. Longe de amoldar-se a esse padrão, Jane, desde o início, afirmará sua individualidade e usará suas armas para defender-se das injustiças que atravessam seu caminho. À cena realista no primeiro capítulo, na qual ficam evidentes o lugar de inferioridade da menina e as diferenças sociais que a separam da família Reed, segue-se o episódio do “quarto vermelho” — um aposento de clara inspiração gótica — que lhe servirá de prisão e ao qual Jane, atormentada pela imaginação e pelo medo, atribui propriedades sobrenaturais à medida que a noite cai. A punição que recebe por sua insubmissão será uma dessas lembranças que irão assolá-la por muito tempo.

Lowood é a tentativa da sra. Reed de livrar-se do que julga um fardo e de enquadrar Jane em uma sociabilidade que se julgava “normal”. O internato representará para a menina um refúgio e a oportunidade de aprender a controlar sua ira, ao mesmo tempo que a educará para se tornar governanta na companhia de outras meninas de poucos recursos como ela. A austeridade e o rigor das normas internas do colégio serão amenizados para Jane pelo convívio com a devota Helen Burns e a bondosa e justa srta. Temple. Objetos da admiração de narradora, elas constituem o que Gilbert and Gubar caracterizam como ideais de feminilidade, ambos impossíveis de ser atingidos no caso de Jane: por um lado, Helen, com seu ascetismo e fé no Novo Testamento, é a encarnação da renúncia e da espiritualidade; por

outro, a srta. Temple é “um altar de virtudes refinadas”,¹⁶ a personificação da bem-comportada moça vitoriana. Ambas acolherão Jane, mas será a professora a que chegará mais próximo de constituir um modelo para ela. Quando a srta. Temple se casa e parte, Jane não será mais a mesma:

[...] com ela se foram todos os sentimentos aquietados, todas as associações que haviam transformado Lowood em alguma medida num lar para mim. Eu tinha absorvido um pouco do seu temperamento e muitos de seus hábitos. Pensamentos mais harmoniosos e o que pareciam ser sentimentos mais bem regulados tinham passado a habitar minha mente. Eu passara a me dedicar ao dever e à ordem; era tranquila; acreditava estar satisfeita. Aos olhos dos outros, em geral até mesmo aos meus, aparentava ser disciplinada e contida (pp. 179-80).

Com a partida da srta. Temple, Jane passará a ansiar pela liberdade. Seu caminho não será nem o da renúncia, nem o da contenção, mas uma espécie de meio-termo, que não apagará seu espírito de rebelião. A busca de liberdade a levará até Thornfield Hall, para assumir o posto de preceptora da menina Adèle Varens, tutelada do sr. Rochester. Embora fosse um dos poucos trabalhos respeitáveis para as mulheres educadas, mas solteiras e pobres, um emprego de preceptora no mundo vitoriano significava uma posição extremamente incômoda no seio de uma família de classe média, para cuja estabilidade ela era considerada uma potencial ameaça. Sua figura deveria conciliar tensões: viver junto à família sem pertencer a ela; exercer uma função pública em um espaço privado; executar tarefas maternas e ser remunerada para isso; fazer parte da criadagem, mas ser instruída e educada, ocupando assim um lugar fronteiriço, em última instância, um não lugar.¹⁷ Na Inglaterra vitoriana, não era incomum associar a preceptora, com seu desejo de liberdade e autonomia, à loucura e à prostituição. Assim como a louca e a prostituta, ela era uma proscrita social e não se moldava ao ideal de feminilidade prevalente então.¹⁸ Cercada de preconceitos por parte tanto da elite como da classe média, a preceptora — ao mesmo tempo uma agregada e uma segregada — “combina características da nobreza,

pela educação, com as da classe operária, pela independência”.¹⁹ A ambiguidade de sua condição fica evidente nesse que é o núcleo da trama do romance. Thornfield apresentará uma série de desafios para Jane: nesse que é seu primeiro emprego, ela terá de negociar as tensões inerentes à sua posição; será alvo do preconceito de classe e da zombaria de Blanche Ingram; virá a conhecer o amor e a paixão pelas mãos do byroniano Edward Fairfax Rochester; sofrerá as consequências do terrível segredo que a propriedade esconde.

Thornfield Hall concentra os episódios mais importantes do romance e se configura como um espaço no qual os elementos realistas e romanescos de *Jane Eyre* se combinam de modo significativo pela soma da “ênfase na verossimilhança e no comum e cotidiano” com os “contrastes fortes, padrões repetitivos, e o uso do sobrenatural e simbólico”.²⁰ Bela construção gótica no campo, cercada de jardins e bosques, Thornfield “era um casarão de três andares”, soturno, cujos “ar antigo”, móveis centenários e “aspecto de uma residência do passado” fazem Jane concluir que “de modo algum desejaria repousar à noite numa daquelas largas e pesadas camas, algumas fechadas com portas de carvalho, outras rodeadas por velhos cortinados ingleses, pesados e com grossos bordados retratando imagens de estranhas flores, de mais estranhos pássaros, de seres humanos mais estranhos ainda” (p. 211). Para a jovem protagonista, a cabeça cheia de fantasias, Thornfield é um cenário de histórias de assombração, é o “castelo de algum Barba Azul”. Ao mesmo tempo, é o espaço do novo dia a dia de Jane, dedicado às aulas de Adèle, às caminhadas pela propriedade, às conversas com a sra. Fairfax, e permeado pelo desejo de liberdade, de “todos os incidentes, por toda a vida, todo o fogo e todo o sentimento que [...] não tinha na minha existência real” (p. 217). Como ela reconhece, a inquietação faz parte de sua natureza e sua insatisfação se traduz em uma espécie de reivindicação

feminista, a qual articula não apenas uma experiência individual, mas a condição feminina naquela quadra histórica:

As mulheres supostamente são em geral muito calmas, mas elas sentem da mesma forma que os homens sentem, e precisam exercitar suas faculdades e direcionar seus esforços da mesma forma que seus irmãos; uma contenção demasiado rígida, uma estagnação demasiado absoluta as fazem sofrer exatamente como os homens sofreriam; e trata-se de uma estreiteza de pensamento por parte dos seus semelhantes mais privilegiados dizer que elas deveriam se ater a preparar sobremesas e tricotar meias, a tocar piano e bordar sacolas. É insensível condená-las ou rir delas caso busquem fazer mais ou aprender mais do que o costume declarou ser necessário ao seu sexo (p. 217).

A tranquilidade exterior oculta, dessa forma, uma ânsia interior, traduzidas no plano sensível pelas inúmeras imagens de gelo e de fogo que permeiam a narrativa. Apesar de todo o controle aprendido em Lowood, há em Jane uma avidez, uma paixão, à espreita e pronta para se libertar. Tudo, no romance, participa desses dois planos e transita entre eles — sob a capa das convenções, da contenção, das normas, há uma força irracional sempre prestes a eclodir. Bertha Mason²¹ é, nesse sentido, a figuração mais potente dessa tensão; ela é a força irracional que habita as entranhas de Thornfield. Por detrás da fachada da respeitável e centenária mansão, uma alcova escondida no terceiro andar abriga a esposa louca de Rochester, a qual, ao escapar da vigilância de Grace Poole, também vai irromper no espaço doméstico e o desestabilizar com sua insanidade e violência.

Por sua vez, o proprietário do casarão, e patrão de Jane, encarna o poder patriarcal do homem vitoriano, ao mesmo tempo que Jane o representa como um Barba Azul, essa personagem de conto infantil que figura uma masculinidade violenta e predatória. Ainda que a narrativa de Jane esteja firmemente ancorada no seu presente histórico, está ainda pontilhada de elementos simbólicos (as baladas e histórias da criada Bessie, os sonhos da protagonista, os sinais e enigmas), todos eles dispositivos que tingem o

relato de certa tonalidade romanesca, ou mesmo gótica, todos eles estímulos à fértil imaginação da protagonista.

O primeiro encontro de Jane e Rochester tem ecos dos contos de fadas: um caminho deserto, a ainda pálida lua nascente, o lusco-fusco gelado, um cavaleiro “envolto numa capa de viagem com gola de pele e fecho de aço” e um cachorro “imenso”: “exatamente um dos disfarces do Gytrash de Bessie: uma criatura semelhante a um leão, com pelos longos e uma cabeça enorme. Mas ele passou por mim quase sem fazer barulho; não se demorou para erguer em direção ao meu rosto estranhos olhos caninos sobrenaturais, como eu quase esperava que fizesse” (p. 221).

A fantasia de Jane logo se desfaz, mas Rochester assumirá ares principescos para a “preceptora sem família, pobre e feia”. É como se o subtexto do romance entrelaçasse os contos de Barba Azul, da Fera (sem Bela) e de Cinderela. A representação do proprietário de Thornfield Hall como uma combinação dessas duas personagens masculinas funciona como instrumento de caracterização de Rochester, com sua mescla de feiura física, sexualidade, riqueza, autoridade e poder patriarcal.

Para justificar sua carreira de Don Juan, Rochester narra sua condição de segundo filho, forçado a um casamento de interesse. O que ele define como uma vida infernal com “uma esposa ao mesmo tempo destemperada e depravada” o transformou “em fogo-fátuo” e o levou a uma busca incessante pela mulher ideal e, com o fracasso, à dissipação e a uma série de amantes. À medida que compartilha sua experiência de vida com a preceptora, ele se mostra como alguém que reina sobre a pequena comunidade de mulheres, manipula discursos, cria narrativas e se apresenta como vítima, enquanto trama para arrastar Jane para uma relação de bigamia. Como no castelo de Barba Azul, por trás da porta de uma alcova no terceiro andar Rochester esconde Bertha Mason, que, assim como Céline

Varens, Blanche Ingram e as “damas inglesas, condessas francesas, *signoras* italianas e *gräfinnen* alemãs”, é mais uma no rol das mulheres do qual Jane reluta em fazer parte. Por amor-próprio, senso de independência e dignidade, ela rejeita ser transformada em uma boneca (“Não vou ser sua Céline Varens inglesa”), no jogo de poder em que Rochester pretende aprisioná-la. Sua rebeldia e insubmissão se fazem ouvir nas suas conversas com o patrão e, antes mesmo de descobrir o que se oculta na alcova, Jane se recusa a se sujeitar à coisificação. Graças à paixão que os une, ela quebra o padrão da vida amorosa de Rochester e seu ciclo de conquistas; porém, ao se ver diante de um dilema moral que a obriga a uma escolha, não abre mão da liberdade e da afirmação de sua individualidade: “*Eu me importo comigo. Quanto mais solitária, quanto mais sem amigos, quanto mais sem amparo estiver, mais respeitarei a mim mesma*” (p. 512).

A relação amorosa de Rochester e Jane põe em evidência a preocupação do romance com questões de classe, gênero e formação do sujeito e com as desigualdades de poder entre os dois protagonistas. Ainda assim, Jane reivindica e insiste em ser tratada em pé de igualdade:

Acha que posso ficar aqui e me tornar um nada para o senhor? Acha que sou um autômato? Uma máquina sem sentimentos? [...] Acha que por eu ser pobre, desconhecida, feia e miúda não tenho alma nem coração? Pois está enganado! Tenho tanta alma quanto o senhor... e o mesmo coração! (p. 421)

A descoberta da existência de Bertha, o envolvimento com um caso extremo de loucura e a recusa em viver ilegalmente com Rochester fazem Jane decidir-se por romper seu vínculo com Thornfield Hall, como antes o fizera em relação a Gateshead e a Lowood, as outras duas propriedades remissivas de castelos góticos sob o comando de um poder autocrático onde havia passado a infância e a adolescência. Em cada uma, Jane faz valer sua capacidade de autoafirmação, que a conduz a uma nova etapa no

seu processo formativo. Portanto, mesmo que se insinuem identificações entre ela e personagens de contos de fadas (Cinderela, Bela), no final Jane resiste às narrativas convencionais dessas personagens e cria uma identidade própria. Charlotte Brontë parece sugerir que, apesar da força das estruturas herdadas de classe e gênero prevalentes no século XIX, havia espaço para resistência e transformação.

Em Moor House, outra figura masculina tentará dominar Jane, dessa vez com o apelo da religião e do sacrifício. Embora seja o lugar de acolhimento que lhe dará uma família e fortuna, ali ela terá de mobilizar toda a sua agência e vontade, para não ceder aos argumentos de St. John, mais difíceis de contrapor porque falam aos valores morais e às crenças religiosas dela. A frieza do primo, seu ascetismo, comedimento e devoção não deixam de fazer dele também um déspota, que inflige sobre Jane “uma tortura sutil e prolongada”. Prestes a sucumbir à pressão e ao desejo dele de levá-la para a Índia como missionária, Jane, já de posse da herança do tio, afirma ouvir o chamado de Rochester e decide retornar a Thornfield, que ela encontrará em ruínas, depois do incêndio que Bertha provocara e que causara sua morte. A partir desse momento, Jane empunhará o controle de sua própria vida e completará sua jornada.

O fogo, símbolo de purificação e de regeneração, destrói o emblema do poder ancestral de Rochester e mutila seu proprietário, enquanto abre caminho para a concretização do amor-paixão que une Jane a ele. Incapacitado pela cegueira e pela perda de uma das mãos, Rochester tornou-se um homem dependente, transformado e reformado pelo sofrimento: “só ultimamente comecei a ver e a reconhecer a mão de Deus no meu infortúnio. Comecei a sentir remorso, arrependimento e um desejo de me reconciliar com meu Criador” (p. 699). A mudança de condição de

Jane, por sua vez, lhe dá a possibilidade de uma relação mais igualitária com ele.

Em Ferndean, o local do reencontro de ambos, as transgressões que o romance até aqui vinha promovendo serão contidas dentro dos limites da ideologia patriarcal e das convenções novelísticas predominantes no século XIX. No fim das contas, Charlotte Brontë acaba por negociar as normas sociais e morais, que permanecem intocadas. Também aqui, o casamento e a ascensão pela herança, que são lugares-comuns do romance doméstico e sentimental, representam a conciliação de interesses e diferenças, contradizendo, dessa maneira, os aspectos mais perturbadores e subversivos de *Jane Eyre*. A resolução do romance envolve, no seu desfecho, a inserção da protagonista na estrutura social não mais em condição marginal, mas como esposa e mãe, e portanto como parte integrante da família burguesa.

Ao longo de sua trajetória, Jane conquistou uma voz, que é sua identidade e seu poder. Prova disso é o relato que lemos, o qual leva Jane Eyre no título, e não Jane Rochester. Sua narrativa é a linguagem do eu e expressa suas emoções e sentimentos com uma intensidade estranha à noção vitoriana de decoro. Sua independência de espírito e determinação contaminam sua fala e fazem com que conteste figuras de autoridade, como a tia e como Rochester. A uma ordem desse último, ela responde energicamente, com um desafio às convenções e a afirmação de seus direitos: “Não acho que o senhor tenha o direito de mandar em mim apenas por ser mais velho do que eu, ou por ter visto mais do mundo do que eu; sua reivindicação de superioridade depende do uso que o senhor fez do seu tempo e da sua experiência” (p. 252).

Como escreveria Virginia Woolf, muito mais tarde em um ensaio sobre o romance: “Não é preciso ir buscar longe as desvantagens que há em ser Jane Eyre. Ser sempre uma governanta e sempre estar apaixonada é uma

limitação perigosa num mundo que afinal está cheio de pessoas que nem são o que ela é nem apaixonadas estão”.²² Não é nenhuma surpresa, portanto, que os críticos oitocentistas tenham objetado tão veementemente ao erotismo e à tensão sexual que emanam do texto, a partir do encontro entre Jane e Rochester. Aos críticos vitorianos também chocaram o orgulho da heroína e sua recusa em aceitar o destino que a ordem social lhe havia reservado, ambos também medida do feminismo rebelde de Jane. Como argumenta Heather Glen, “a reelaboração inovadora do melodrama e do romanesco em um novo realismo historicamente específico e psicologicamente sagaz”²³ foi uma das grandes contribuições do romance de Charlotte Brontë.

Como sua personagem, a escritora foi compelida a negociar os limites impostos pela sociedade de seu tempo, sem se deixar dobrar por eles. Do poeta laureado Robert Southey, a quem uma jovem Charlotte Brontë enviara uma carta com seleção de seus poemas em busca de uma opinião e de um mentor, ela receberia em 12 de março de 1837 uma advertência como resposta:

A literatura não pode ser a ocupação da vida de uma mulher, e nem deveria sê-lo. Quanto mais ela se dedicar aos deveres que lhe cabem, menos ócio ela terá para essa ocupação até mesmo como uma conquista e uma recreação. A aqueles deveres não fostes ainda chamada e, quando fores, ficarás menos ávida pela fama.²⁴

A resposta de Charlotte Brontë a Southey não tardou e tomou a forma de um agradecimento ambíguo, pela mescla de docilidade e sarcasmo velado. A mesma ambiguidade que se pode ler no envelope que ela guardou: “Conselho de Southey. A ser guardado para sempre”.

* Os leitores que ainda não conhecem o livro devem levar em conta que detalhes do enredo serão revelados neste prefácio. (n. e.)

1. Alusão às três bruxas, personagens de *Macbeth*, de William Shakespeare, referidas como “*weird sisters*” por várias personagens na peça. O adjetivo “*weird*” pode ter as seguintes traduções em português: estranho, esquisito, misterioso, sobrenatural.
2. Eles têm o tamanho de uma caixa de fósforos; seis deles sobreviveram e se encontram no Brontë Parsonage Museum, em Haworth.
3. “Tecemos uma teia na infância/ Uma teia de ar ensolarado/ Cavamos uma fonte na meninice/ De água pura e clara.” Tradução livre.
4. Os nomes provocaram alguma curiosidade quando da publicação dos poemas em 1846, pois não havia nenhuma informação sobre quem eram os/as autores/as. Alguns questionaram seu gênero, outros sua identidade, enquanto houve quem se perguntasse se se tratava de três pessoas diferentes ou de uma só pessoa.
5. Charlotte Brontë, “Biographical Notice of Ellis and Acton Bell (1850)”. In Emily Brontë, *Wuthering Heights*. Nova York e Londres: W. W. Norton & Company, 2003, p. 308
6. Terry Eagleton, *Myths of Power. A Marxist Study of the Brontës* Londres: Macmillan, 1988, p. 8.
7. “Eram mulheres educadas, presas em uma armadilha quase intolerável entre cultura e economia — entre aspiração fantasiosa e a fria verdade de uma sociedade que podia aproveitá-las apenas como criadas ‘superiores’” (Ibid., p. 8).
8. George Henry Lewes, *Recent Novels: French and English* Disponível em: <<https://www.bl.uk/collection-items/review-of-jane-eyre-by-george-henry-lewes#>>.
9. Elizabeth [Lady Eastlake] Rigby, *Vanity Fair—and Jane Eyre* Disponível em: <<https://www.bl.uk/collection-items/review-of-jane-eyre-by-elizabeth-rigby#>>.
10. Raymond Williams, “Charlotte and Emily Brontë”. In *The English Novel from Dickens to Hardy* Londres: The Hogarth Press, 1987, p. 60
11. Susan M. Gilbert e Susan Gubar, “A Dialogue of Self and Soul: *Jane Eyre*”. In *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Imagination* Yale University Press, 2000, p. 339
12. O modelo arquetípico do *Bildungsroman* é *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1796) de Goethe.
13. Georg Lukács, *A teoria do romance* São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000, p. 138
14. Lukács, op. cit., p. 143
15. Gilbert e Gubar, *The Madwoman in the Attic*, p. 364
16. Gilbert e Gubar, *The Madwoman in the Attic*, pp. 344-5.

17. Em carta a Emily, datada de 8 de junho de 1839, Charlotte Brontë escreveu: “[...] uma preceptora particular não tem existência, não é considerada como um ser vivo racional, exceto em relação aos deveres cansativos que tem de cumprir”. Elizabeth Gaskell, *The Life of Charlotte Brontë* Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 137
18. Ver Mary Poovey, “The Anathematized Race: The Governess and *Jane Eyre*”. In Stephen Regan (ed.), *The Nineteenth-Century Novel. A Critical Reader* (Londres e Nova York: Routledge; The Open University, 2001).
19. Ver Maria Conceição Monteiro, *Sombra errante: A preceptora na narrativa inglesa do século XIX* (Niterói: Eduff, 2000).
20. Jill Matus, “*Jane Eyre* and *The Tenant of Wildfell Hall*”. In Heather Glen (ed.), *The Cambridge Companion to the Brontës* Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 110
21. *Vasto mar de sargaços*, romance de Jean Rhys publicado em 1966, narra a história do sr. Rochester a partir do ponto de vista da “louca do sótão”.
22. Virginia Woolf, “*Jane Eyre* e *O morro dos ventos uivantes*”. In *Mulheres e ficção* São Paulo: Penguin-Companhia, 2019, p. 48
23. Heather Glen, “Introduction”. In Glen, *The Cambridge Companion to the Brontës*, op. cit., p. 5
24. Robert Southey, *Letters of Robert Southey A Selection. Edited, with Introduction and Notes, by Maurice H. Fitzgerald* Londres: Oxford University Press, 1912 Disponível em: <https://archive.org/stream/lettersofroberts00soutuoft/lettersofroberts00soutuoft_djvu.txt>.

Jane Eyre

*Esta obra é respeitosamente dedicada pelo autor ao ilustríssimo sr. W.
M. Thackeray*

Prefácio do autor

Como um prefácio à primeira edição de *Jane Eyre* se fazia desnecessário, não incluí nenhum. Esta segunda edição exige algumas palavras tanto de reconhecimento quanto à guisa de comentários diversos.

Meus agradecimentos são devidos a três grupos.

Ao Público, pelo ouvido indulgente que emprestou a uma história simples com poucas pretensões.

À Imprensa, pela arena justa que seu apoio honesto inaugurou para um obscuro aspirante.

Aos meus Editores, pela ajuda que seu tato, sua energia, seu senso prático e sua extrema generosidade proporcionaram a um Autor desconhecido e sem recomendações.

A Imprensa e o Público para mim não passam de vagas personificações, e devo lhes agradecer em termos vagos; meus Editores, porém, são concretos: assim como o são determinados críticos generosos que me incentivaram como apenas os homens de grande coração e intelecto elevado sabem incentivar um iniciante desconhecido; a eles, isto é, a meus Editores e a esses Críticos específicos, digo cordialmente: Cavalheiros, agradeço de coração.

Tendo assim reconhecido minha dívida para com aqueles que me ajudaram e aprovaram, volto-me para outro grupo; um grupo pequeno, até onde sei, mas que portanto não deve ser ignorado. Refiro-me aos poucos temerosos ou difíceis de agradar que duvidam da tendência de livros como *Jane Eyre*, aqueles para quem tudo o que é fora do comum é errado; cujos ouvidos detectam em cada protesto contra a intolerância — essa parenta do crime — uma ofensa à fé, essa regente de Deus sobre a terra. Eu poderia sugerir a esses céticos algumas distinções óbvias; poderia lembrar-lhes algumas verdades singelas.

Convencionalidade não é moralidade. Correção não é religião. Atacar as primeiras não significa assaltar as segundas. Arrancar a máscara do rosto do fariseu não significa levantar mão ímpia para tocar a Coroa de Espinhos.

Essas coisas e esses fatos são diametralmente opostos: tão distintos quanto o vício é distinto da virtude. Com demasiada frequência, os homens os confundem: as aparências não devem ser confundidas com a verdade; nem as doutrinas humanas estreitas, que só tendem a exaltar ou magnificar uns poucos, devem substituir o credo de Cristo que redime o mundo. Existe — repito — uma diferença; e assinalar de modo decidido e claro a linha que separa as duas coisas é uma ação boa, não má.

O mundo talvez não goste de ver essas ideias separadas, pois está acostumado a misturá-las; e acha conveniente fazer as aparências externas passarem por valor intrínseco — deixar paredes caiadas servirem como garantia de altares limpos. Pode odiar aquele que se atreve a examinar e expor, a raspar a folha de ouro para exhibir o reles metal que há por baixo, a penetrar no sepulcro e revelar relíquias da morte; no entanto, por mais que o odeie, o mundo tem para com ele uma dívida.

Acabe não gostava de Micaías, pois este nunca profetizava coisas boas a seu respeito, só ruins; provavelmente preferia o bajulador filho de

Quenaaná; no entanto, Acabe talvez tivesse evitado uma morte sangrenta caso houvesse fechado os ouvidos para as bajulações e os houvesse aberto para os conselhos sinceros.

Existe em nossa época um homem cujas palavras não foram feitas para agradar ouvidos delicados; um homem que, na minha opinião, vem antes dos grandes da sociedade da mesma forma que o filho de Inlá vinha antes dos reis sentados nos tronos da Judeia e de Israel, e que fala uma verdade igualmente profunda, com um poder igualmente profético e vital e uma expressão igualmente corajosa e ousada. O satirista da *Feira das vaidades* é admirado nas altas rodas? Eu não saberia dizer; mas acho que se alguns daqueles sobre quem ele lança o fogo grego do seu sarcasmo e que atinge com o raio das suas denúncias escutassem a tempo os seus alertas, eles ou seus sucessores ainda poderiam escapar a uma fatal Ramote-Gileade.¹

Por que aludi a esse homem? Aludi a ele, Leitor, porque penso ver nele um intelecto mais profundo e mais singular do que os seus contemporâneos reconheceram até agora; por considerá-lo o primeiro regenerador social de sua época, o próprio líder desse grupo desejoso de restaurar a retidão do sistema deturpado das coisas; por pensar que nenhum comentador dos seus escritos até hoje encontrou a comparação adequada para ele, os termos que qualificam corretamente seu talento. Dizem que ele é como Fielding. Falam da sua inteligência, do seu senso de humor, da sua capacidade cômica. Ele se assemelha a Fielding tanto quanto uma águia se assemelha a um abutre: Fielding poderia se curvar diante de uma carniça, mas Thackeray nunca o faz. Sua inteligência é brilhante, seu senso de humor atraente, mas ambos têm com sua genialidade mais séria a mesma relação que um mero raio tremeluzente que surge sob a borda de uma nuvem de verão tem com a centelha elétrica mortal escondida em seu âmago. Por fim, aludi ao sr.

Thackeray porque foi a ele — caso aceite a homenagem de um total desconhecido — que dediquei esta segunda edição de *Jane Eyre*.

Currer Bell

21 de dezembro de 1848

1. Referência à morte de Acabe na tentativa de retomar aos sírios a cidade de Ramote-Gileade.

Nota à terceira edição

Aproveito a oportunidade que me proporciona uma terceira edição de *Jane Eyre* para mais uma vez dirigir algumas palavras ao Público e explicar que minha reivindicação do título de romancista repousa unicamente nesta obra. Portanto, caso a autoria de outras obras de ficção me tenha sido atribuída,¹ faz-se aí uma honra que não é merecida e que é, por conseguinte, negada onde justamente devida.

Essa explicação servirá para retificar erros que já possam ter sido cometidos e para evitar erros futuros.

Currer Bell

13 de abril de 1848

1. Referência a *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë, e *Agnes Grey*, de Anne Brontë, ambos publicados em 1847, cujas vendas seu editor tentou alavancar espalhando o boato de que eram também obras de Currer Bell, pseudônimo de Charlotte Brontë.

Não havia possibilidade alguma de sair para caminhar naquele dia. De fato, tínhamos passeado de manhã durante uma hora pelo meio dos arbustos sem folhas, mas desde a hora do almoço (quando não havia convidados, a sra. Reed almoçava cedo) o vento frio trouxera consigo nuvens tão escuras e uma chuva tão penetrante que qualquer outro exercício ao ar livre estava agora fora de cogitação.

Fiquei aliviada; nunca tinha apreciado caminhadas longas, sobretudo em tardes geladas. Para mim era terrível voltar para casa no lusco-fusco cortante, com os dedos das mãos e dos pés ardendo e um coração entristecido pelas reprimendas da ama-seca Bessie e diminuído pela consciência de minha inferioridade física em relação a Eliza, John e Georgiana Reed.

Os citados Eliza, John e Georgiana estavam agora reunidos ao redor de sua mamã no salão. Reclinada num sofá junto ao fogo e cercada por seus queridos (que por ora não estavam nem brigando nem chorando), ela aparentava uma felicidade perfeita. Quanto a mim, ela havia me dispensado de integrar o grupo dizendo que “lamentava ser obrigada a me manter à distância, mas que até saber por Bessie e poder constatar por observação própria que eu estava me esforçando com afinco para adquirir uma

disposição mais sociável e mais condizente com uma criança, um comportamento mais atraente e mais cheio de vida, algo mais leve, mais franco, mais natural, por assim dizer, ela de fato precisava me excluir de privilégios reservados apenas a criancinhas satisfeitas e felizes”.

“O que Bessie está dizendo que eu fiz?”, perguntei.

“Jane, não gosto de quem cria caso nem de quem faz perguntas. Além do mais, há algo de realmente insuportável numa criança que contesta dessa forma os mais velhos. Vá se sentar em algum lugar e fique calada enquanto não conseguir falar de modo agradável.”

Anexa ao salão havia uma pequena sala de café da manhã, e para lá eu fui. A sala continha uma estante de livros; não demorei a me apoderar de um volume, tomando cuidado para que fosse um repleto de ilustrações. Subi no banco abaixo da janela, encolhi os pés e sentei-me de pernas cruzadas, como um turco; e, após fechar muito bem a cortina de morim vermelho, vi-me abrigada por dupla proteção.

Dobras de tecido escarlata me impediam de ver à direita; à esquerda ficavam as vidraças transparentes que me protegiam, mas não me separavam do feio dia de novembro. De tempos em tempos, enquanto virava as páginas do livro, eu estudava o aspecto daquela tarde invernal. Ao longe, ela exibia um vazio pálido de névoa e nuvens; mais perto, um cenário de grama molhada e arbustos castigados pelo mau tempo, com uma chuva incessante a cair sem trégua, impelida por constante e desoladora ventania.

Voltei a meu livro — *História das aves britânicas*, de Bewick. O texto de modo geral pouco me importava; havia, porém, determinadas páginas introdutórias que eu, por mais criança que fosse, não podia deixar passar sem lhes dar atenção. Eram aquelas que discorriam sobre os locais de habitação das aves marinhas; sobre “os solitários rochedos e promontórios”

somente por elas habitados; sobre o litoral da Noruega, coalhado de ilhotas do seu extremo sul, a região de Lindesnes, até o cabo Norte...

*Onde o oceano setentrional, em grandes turbilhões,
Ferve ao redor das ilhotas nuas e melancólicas
Da distante Thule; e as águas do Atlântico
Se derramam por entre as tempestuosas Hébridas.*

Tampouco podia deixar de reparar na sugestão das desoladas costas de Lapônia, Sibéria, Spitzbergen, Nova Zembla, Islândia, Groenlândia, com “a vasta extensão da zona ártica e suas regiões remotas de espaços desolados — esse reservatório de gelo e neve onde firmes campos de gelo, acumulados em séculos de invernos, cristalizados em alturas alpinas descomunais, circundam o polo e concentram os rigores multiplicados do frio extremo”. Formei minha própria ideia sobre esses reinos de branca morte, uma ideia difusa como todos os conceitos parcialmente compreendidos que flutuam vagos pelo cérebro das crianças, mas estranhamente impressionante. Os mundos dessas páginas introdutórias se interligavam com as ilustrações a seguir e emprestavam significado à pedra que se erguia solitária de um mar de ondas e espuma; à embarcação quebrada naufragada numa costa erma; à fria e pavorosa lua a espiar por entre massas de nuvens um navio que afundava.

Não sei dizer que sentimentos assombravam o cemitério um tanto solitário com sua lápide gravada, seu portão, seu par de árvores, seu horizonte baixo cingido por um muro quebrado e sua meia-lua recém-surgida a confirmar o horário vespertino.

Acreditei serem fantasmas marinhos os dois navios à deriva num mar de calmaria.

Pelo diabo que imobilizava atrás de si o bando de ladrões passei depressa, pois me aterrorizava.

Também me aterrorizava a coisa sombria e chifruda sentada sozinha numa pedra a observar uma multidão distante ao redor de um cadafalso.

Cada ilustração contava uma história, muitas vezes misteriosa para minha compreensão pouco desenvolvida e para meus sentimentos imperfeitos, mas mesmo assim sempre profundamente interessante. Tão interessante quanto as histórias que Bessie às vezes contava nas noites de inverno, quando por acaso lhe acontecia estar de bom humor, e quando, após ter levado sua tábua de passar para junto do fogo no quarto das crianças, permitia que nos sentássemos à sua volta, e enquanto ia afofando os babados de renda da sra. Reed e pressionando as bainhas de sua touca de dormir, alimentava nossa ávida atenção com trechos de amor e aventura tirados de contos de fadas antigos e outras baladas; ou então (conforme descobri mais tarde) das páginas de *Pamela* e de *Henry, conde de Moreland*.

Com Bewick no colo eu estava feliz: pelo menos feliz ao meu modo. Não temia nada, exceto a interrupção, que ocorreu cedo demais. A porta da sala de café da manhã se abriu.

“Olá! madame Emburrada!”, chamou a voz de John Reed. Ele então fez uma pausa, pois encontrou a sala aparentemente vazia.

“Onde diabos ela está?”, continuou. “Lizzy? Georgy! (chamando as irmãs) Joan não está aqui. Avisem a mamã que ela fugiu para debaixo da chuva... Que criaturinha ruim!”

“*Ainda bem que eu fechei a cortina*”, pensei, e desejei com fervor que ele não descobrisse meu esconderijo. Não que John Reed fosse descobri-lo sozinho: ele não era perspicaz nem na visão nem no pensamento. Mas a cabeça de Eliza apontou no vão da porta e na mesma hora falou: “Ela com certeza está no banco da janela, Jack”.

E eu saí na mesma hora, pois a possibilidade de ser arrastada lá de dentro pelo citado Jack me fazia estremecer.

“O que você quer?”, perguntei, num tom de desafio canhestro.

“Diga: ‘O que você quer, senhorzinho Reed?’”, foi a resposta. “Quero que você venha aqui.” E, sentando-se numa poltrona, ele indicou com um gesto para eu me aproximar e ficar em pé na sua frente.

John Reed era um colegial de catorze anos; tinha quatro anos mais que eu, que contava só dez; era grande e forte para sua idade, com uma pele sem viço e espinhenta, traços grosseiros num rosto largo, membros pesados e extremidades grandes. Ele em geral se empanturrava à mesa, o que lhe dava enjoos e o deixava com os olhos opacos e lacrimejantes e as bochechas flácidas. Naquele período deveria estar no colégio interno, mas sua mamã o tinha levado para passar um mês ou dois em casa “por causa da sua saúde delicada”. O sr. Miles, seu professor, afirmava que ele passaria muito bem se comesse um pouco menos dos bolos e doces que lhe mandavam de casa, mas o coração de sua mãe não aceitava tão severa opinião e pendia, isso sim, para a alternativa mais refinada de que a má compleição de John se devia ao excesso de estudo e talvez à falta que sentia de casa.

John não tinha muito afeto pela mãe e pelas irmãs, e por mim tinha verdadeira antipatia. Atormentava-me e castigava-me; não duas ou três vezes por semana, nem uma ou duas vezes por dia, mas continuamente. Cada nervo meu o temia, e cada parcela de carne sobre meus ossos se encolhia quando ele se aproximava. Havia momentos em que eu ficava atarantada com o terror que ele me causava, pois não tinha poder algum quer contra suas ameaças, quer contra seus tormentos; os criados não gostavam de ofender seu jovem patrão tomando meu partido contra ele, e a sra. Reed era cega e surda em relação ao tema. Ela nunca o via me bater nem nunca o via me xingar, embora ele às vezes fizesse as duas coisas na sua presença; mas o mais frequente era que o fizesse pelas suas costas.

Eu, que em geral obedecia a John, fui até sua poltrona. Ele passou uns três minutos me mostrando a língua até onde era possível sem danificar sua raiz. Eu sabia que ele em breve atacaria, e embora temesse o golpe fiquei refletindo sobre a aparência nojenta e feia daquele que em breve ia desferir-lo. Pergunto-me se John leu aquilo no meu rosto, pois, de um segundo para o outro, sem dizer nada, bateu em mim com força. Cambaleei, e ao recuperar o equilíbrio recuei um ou dois passos para longe da sua poltrona.

“Isso é pela sua impertinência ao responder a mamã agora há pouco”, disse ele, “e pelo seu comportamento dissimulado ao se esconder atrás de cortinas, e pela expressão que tinha nos olhos dois minutos atrás, sua ratazana!”

Acostumada aos maus-tratos de John Reed, nunca me ocorria responder alguma coisa. O que me preocupava era aguentar a pancada que com certeza viria depois do xingamento.

“O que você estava fazendo atrás da cortina?”, perguntou ele.

“Lendo.”

“Mostre o livro.”

Voltei à janela e o peguei.

“Você não tem nada que pegar nossos livros; é uma dependente, segundo mamã; não tem dinheiro algum; seu pai não deixou nada para você; deveria estar mendigando, não morando aqui com os filhos de gente elegante como nós, comendo a mesma comida que nós e usando roupas às custas da nossa mamã. Agora vou ensinar você a não mexer nas minhas estantes. Porque elas são *minhas*; a casa inteira pertence a mim, ou vai pertencer daqui a alguns anos. Fique em pé perto da porta, longe do espelho e das janelas.”

Assim o fiz, no início sem saber qual era sua intenção, mas quando o vi erguer e sopesar o livro e se preparar para arremessá-lo, instintivamente me encolhi de lado com um grito de alarme. Porém, não fui rápida o suficiente;

o volume foi lançado, acertou-me e eu caí, bati com a cabeça na porta e a cortei. O corte sangrou, a dor foi intensa. O clímax do meu terror tinha passado; outros sentimentos o sucederam.

“Seu garoto mau e cruel!”, falei. “Você parece um assassino... parece um feitor de escravos... parece os imperadores de Roma!”

Eu tinha lido a *História de Roma* de Goldsmith e formado minha opinião sobre Nero, Calígula etc. Também tinha traçado paralelos em silêncio, que jamais pensara que iria declarar daquele jeito, em voz alta.

“O quê? O quê?”, exclamou ele. “Ela me disse isso? Ouviram o que ela falou, Eliza e Georgiana? Acham que não vou contar para mamã? Mas antes...”

Ele correu direto para cima de mim. Senti-o agarrar meus cabelos e meu ombro; ele havia se aproximado com afã. Eu de fato via em John um tirano, um assassino. Senti uma ou duas gotas de sangue da minha cabeça escorrerem pelo pescoço e senti uma dor bastante pungente; essas sensações sobrepujaram temporariamente o medo, e eu o recebi com exasperação. Não sei muito bem o que fiz com as mãos, mas ele berrou bem alto: “Ratazana! Ratazana!”. A ajuda logo veio: Eliza e Georgiana tinham corrido para chamar a sra. Reed, que estava no andar de cima; ela então irrompeu diante daquela cena, seguida por Bessie e por Abbott, sua criada. Fomos separados. Ouvi as palavras: “Ai! Ai! Mas que fúria, atirar-se desse jeito em cima do patrãozinho!”.

“Onde já se viu uma cena de arrebatamento dessas?”

A sra. Reed então acrescentou: “Levem-na para o quarto vermelho e tranquem-na lá”. Quatro mãos na mesma hora me seguraram e fui carregada escada acima.

Resisti durante todo o caminho. Foi algo novo para mim, e uma circunstância que fortaleceu em muito o mau juízo que Bessie e a srta. Abbot estavam inclinadas a fazer de mim. O fato é que eu estava um tantinho alterada; ou melhor, estava *fora de mim*, como diriam os franceses. Tinha consciência de que um instante de motim já tinha me tornado suscetível a estranhas penalidades e, como qualquer outro escravo rebelde, sentia-me decidida em meu desespero a fazer o que fosse preciso.

“Srta. Abbot, segure os braços. Ela parece um gato enlouquecido.”

“Mas que vergonha, que vergonha!”, exclamava a criada. “Que conduta chocante, srta. Eyre, bater num jovem cavalheiro, filho da sua benfeitora! Seu jovem patrão.”

“Patrão? Em que ele é meu patrão? Por acaso sou empregada?”

“Não; a senhorita é menos do que uma empregada, pois não faz nada em troca do seu sustento. Pronto, sente-se aqui e pense no quanto foi má.”

Elas àquela altura já tinham me conduzido até o cômodo indicado pela sra. Reed e me jogado sentada num banquinho. Meu impulso foi me levantar dali feito uma mola, mas os dois pares de mãos me impediram na hora.

“Se não ficar sentada vai ter de ser amarrada”, disse Bessie. “Srta. Abbot, me empreste suas ligas; as minhas ela arrebentaria na hora.”

A srta. Abbot se virou para despir de uma das pernas robustas a amarra necessária. Esses preparativos para me amarrar e a humilhação suplementar que aquilo pressupunha diminuíram um pouco meu arrebatamento.

“Não as tire”, gritei; “não vou me mexer.”

Como garantia, agarrei-me ao banquinho com as duas mãos.

“É melhor não se mexer mesmo”, disse Bessie, e após se certificar de que eu tinha de fato me acalmado, me soltou; então ela e a srta. Abbot ficaram paradas de braços cruzados, olhando para mim com uma expressão sombria e cética, como se duvidassem da minha sanidade.

“Ela nunca fez nada do tipo”, disse Bessie por fim, virando-se para a criada.

“Mas sempre teve isso dentro de si”, foi a resposta. “Eu já disse à patroa muitas vezes o que penso dessa menina, e ela concordou comigo. Uma coisinha dissimulada. Nunca vi uma menina tão ardilosa nessa idade.”

Bessie não respondeu, mas, pouco depois, falou para mim:

“A senhorita deveria saber, mocinha, que tem obrigações para com a sra. Reed. É ela quem a sustenta; se a expulsasse daqui, você iria para o lar dos pobres.”

Eu não tinha nada a dizer sobre aquelas palavras: elas não eram novidade para mim. Minhas primeiras lembranças incluíam sugestões do mesmo tipo. Tal reprovação da minha dependência havia se transformado numa vaga cantilena em meus ouvidos, muito dolorosa e humilhante, mas apenas parcialmente inteligível. A srta. Abbot fez coro: “E não deveria achar que está em pé de igualdade com as senhorinhas Reed e com o patrãozinho apenas porque a patroa gentilmente lhe permite ser criada junto com eles.

Eles vão ter muito dinheiro e você não vai ter nenhum. Seu dever é ser humilde e tentar se mostrar agradável para com eles”.

“O que estamos dizendo é para o seu próprio bem”, emendou Bessie sem usar um tom severo. “A senhorita deveria tentar ser útil e agradável, então quem sabe poderia ter um lar nesta casa; mas caso se torne arrebatada e grosseira, a patroa vai mandá-la embora, tenho certeza.”

“Além do mais”, disse a srta. Abbot, “Deus vai puni-la: quem sabe Ele a fulmine no meio de um de seus ataques, e nesse caso para onde irá? Venha, Bessie, vamos deixá-la; nem quero ouvir o que ela tem a dizer. Quando estiver sozinha, faça suas orações, srta. Eyre, pois se não se arrepender, algo ruim pode descer pela chaminé e levá-la embora.”

Elas se foram, fechando e trancando a porta atrás de si.

O quarto vermelho era um cômodo suplementar onde raramente alguém dormia. De fato, eu poderia dizer *nunca*, a não ser quando um fluxo ocasional de visitantes em Gateshead Hall tornava necessário utilizar todas as acomodações de que a casa dispunha. No entanto, era um dos maiores e mais grandiosos cômodos da mansão. Uma cama sustentada por imensas colunas de mogno, cercada por cortinas de adamascado vermelho-escuro, destacava-se no centro como um tabernáculo, e as duas grandes janelas, cujas persianas viviam abaixadas, ficavam parcialmente cobertas por guirlandas e dobras de um tecido semelhante; o tapete era vermelho; a mesa ao pé da cama estava coberta por uma toalha carmim; as paredes tinham um tom de marrom suavemente amarelado com um toque de rosa; o guarda-roupa, a penteadeira e as cadeiras eram de mogno antigo, escuro e encerado. Em meio a essas sombras profundas, em toda a volta erguiam-se os colchões e travesseiros altos e de um branco ofuscante empilhados sobre a cama, coberta por uma colcha de piquê branca como neve. Apenas um pouco menos proeminente era uma larga poltrona estofada junto à

cabeceira, branca também, e que achei parecida com um trono, com um banquinho para os pés logo em frente.

O cômodo era frio, pois raramente se acendia a lareira ali; silencioso, pois ficava distante do quarto das crianças e das cozinhas; e solene, pois sabia-se que era pouco frequentado. Somente a faxineira ia ali aos sábados espanar dos espelhos e dos móveis uma semana de poeira muda. E a própria sra. Reed, a intervalos mais espaçados, ia lá passar em revista o conteúdo de certa gaveta secreta no guarda-roupa onde eram mantidos pergaminhos diversos, sua caixa de joias e um retrato em miniatura de seu finado marido; e nessas últimas palavras está contido o segredo do quarto vermelho — o feitiço que o mantinha tão vazio, apesar da sua grandiosidade.

Fazia nove anos desde a morte do sr. Reed; naquele quarto ele tinha dado seu último suspiro; ali tinha sido velado; dali seu caixão tinha sido levado pelos homens da funerária; e desde aquele dia uma impressão de triste consagração havia protegido o quarto de intrusões frequentes.

Meu assento, no qual Bessie e a amarga srta. Abbot haviam me deixado pregada, era um banquinho baixo posicionado perto da lareira de mármore; a cama se erguia na minha frente; à minha direita ficava o guarda-roupa alto e escuro, no qual reflexos discretos e entrecortados faziam variar o brilho das superfícies; à minha esquerda estavam as janelas fechadas; um grande espelho entre elas replicava a majestade vazia da cama e do quarto. Eu não tinha muita certeza se as duas haviam trancado a porta, e quando ousei me mexer, levantei-me e fui olhar. Infelizmente, haviam. Não poderia haver prisão mais segura. Na volta tive de passar em frente ao espelho; meu olhar fascinado explorou involuntariamente a profundidade por ele revelada. Naquele vazio ilusório tudo parecia mais frio e mais escuro do que na realidade, e a estranha e pequena figura que me encarou dali, com o rosto e os braços brancos a se destacar no cômodo e os olhos cintilantes de medo a

se mover enquanto tudo o mais permanecia imóvel, teve o efeito de um fantasma de verdade. Achei-a parecida com um daqueles diminutos espectros, metade fada, metade espírito mau, que as histórias noturnas de Bessie diziam sair de vales ermos cheios de samambaias no meio das charnecas e surgir diante de viajantes perdidos. Voltei para meu banquinho.

Naquele momento a superstição já estava comigo, mas ainda não era chegada a hora de sua vitória completa. Meu sangue continuava quente; a disposição do escravo rebelado ainda me fortalecia com seu amargo vigor; eu precisava conter um fluxo veloz de pensamentos retrospectivos antes de me render ao soturno presente.

Todas as violentas tiranias de John Reed, toda a orgulhosa indiferença de suas irmãs, toda a aversão de sua mãe, toda a parcialidade dos criados, tudo aquilo surgiu na minha mente atormentada como um sedimento escuro num poço turvo. Por que eu vivia sempre sofrendo, era sempre repreendida, sempre acusada, eternamente condenada? Por que nunca conseguia agradar? Por que era inútil tentar conquistar o apoio de qualquer um? Eliza, obstinada e egoísta, era respeitada. Georgiana, que era mimada e tinha um temperamento amargurado e briguento, e uma postura capciosa e insolente, era adulada por todos. Sua beleza, suas bochechas rosadas e seus cachos louros pareciam causar deleite em todos os que a viam e comprar imunidade para todos os erros. Já John ninguém contrariava, muito menos punia, embora ele torcesse o pescoço dos pombos, matasse os pintinhos, soltasse os cães em cima das ovelhas, arrancasse os frutos das videiras na estufa e quebrasse os brotos das plantas mais raras do jardim de inverno; ele também chamava a mãe de “menina velha”, às vezes a menosprezava por causa da tez escura parecida com a sua, ignorava solenemente os desejos dela, com frequência rasgava e estragava os trajes de seda da mãe, e mesmo assim continuava a ser seu “querido”. Eu não me atrevia a cometer erro

algun; esforçava-me para cumprir todos os deveres, e era chamada de malcriada e irritante, emburrada e dissimulada, de manhã até a tarde, e da tarde até a noite.

Minha cabeça ainda doía por causa do impacto e da queda que eu havia sofrido. Ninguém repreendera John por ter me batido sem motivo; e eu, por ter me voltado contra ele para impedir mais violência irracional, fora alvo da reprovação de todos.

“Que injustiça! Que injustiça!”, dizia minha razão, forçada pelo estímulo do sofrimento a adquirir um poder precoce, ainda que transitório; e a resolução, igualmente estimulada, incitava algum estranho artifício para conseguir escapar a uma opressão tão insuportável — como fugir ou, caso não fosse possível, nunca mais comer ou beber e me deixar morrer.

Que tormento senti na alma naquela tarde sombria! Como o tumulto dominou todo o meu cérebro, e a revolta, meu coração! Mas em que escuridão, em que densa ignorância minha batalha mental se travou! Eu não conseguia responder à incessante pergunta interna de *por que* sofria daquela maneira; hoje, passados não direi quantos anos, posso ver com clareza.

Eu era uma dissonância em Gateshead Hall; não era igual a ninguém ali; não tinha nada em comum com a sra. Reed ou com seus filhos, nem com a criadagem que ela escolhera. Se não me amavam, na verdade eu tampouco os amava. Eles não tinham propensão a considerar com afeto alguém incapaz de sentir empatia por qualquer um ali; algo heterogêneo, o contrário deles em matéria de temperamento, capacidade, propensões; algo inútil, incapaz de atender seus interesses ou aumentar seu prazer; algo nocivo, que cultivava as sementes da indignação diante do seu tratamento, do desprezo diante do seu juízo. Sei que se eu fosse uma criança sanguínea, inteligente, despreocupada, exigente, bonita, enérgica — embora igualmente dependente e sem amigos —, a sra. Reed teria suportado com mais

complacência minha presença; seus filhos teriam demonstrado para comigo um pouco mais da cordialidade gerada pela identificação; os criados teriam sentido menos propensão a me transformar no bode expiatório do quarto das crianças.

A luz do dia começou a abandonar o quarto vermelho; já passava das quatro, e a tarde nublada foi se transformando num crepúsculo tristonho. Eu podia ouvir a chuva que ainda batia continuamente na janela da escada e o vento que uivava no bosque atrás do corredor; fui ficando aos poucos fria como pedra, e minha coragem então se esvaiu. Minha costumeira disposição de humilhação, de dúvida em relação a mim mesma, de depressão e abandono, cobriu de umidade as brasas da minha ira já moribunda. Todos diziam que eu era má, e talvez eu fosse mesmo: não acabara de cogitar matar-me de inanição? Isso com certeza era um crime. E eu merecia morrer? Seria o jazigo sob o presbitério da igreja de Gateshead um destino convidativo? Eu ouvira dizer que naquele túmulo jazia sepulto o sr. Reed; e levada por tal pensamento a recordá-lo passei a refletir sobre ele com crescente apreensão. Não tinha lembrança alguma dele, mas sabia que era meu tio de sangue — irmão da minha mãe —, que tinha me levado para sua casa quando eu era um bebê órfão, e que em seus últimos instantes de vida havia arrancado da sra. Reed a promessa de me criar e de me sustentar como se eu fosse um de seus próprios filhos. Ela decerto pensava ter cumprido a promessa, e de fato tinha, ousado dizer, até onde seu temperamento lhe permitia. Mas como poderia de fato gostar de uma intrusa que não era de sua raça nem tinha com ela relação alguma após a morte do marido? Devia ter sido muito enervante se ver obrigada por uma promessa duramente arrancada a desempenhar um papel parental para uma criança estranha que ela não conseguia amar e ver uma forasteira antipática invadir permanentemente seu próprio grupo familiar.

Um pensamento singular me ocorreu. Eu não tinha dúvidas — nunca tivera — de que caso o sr. Reed fosse vivo, teria me tratado bem, e agora, sentada ali olhando para a cama branca e para as paredes cobertas de sombras — e às vezes lançando também olhares fascinados para o espelho e seus débeis reflexos —, comecei a recordar o que ouvira dizer sobre homens mortos, perturbados no túmulo pela violação de seus últimos desejos, revisitando a terra para punir os perjuros e vingar os oprimidos. E pensei que o espírito do sr. Reed, atormentado pelos erros da filha da irmã, talvez pudesse deixar o lugar em que se encontrava — fosse no jazigo da igreja ou no mundo desconhecido dos que já se foram — e surgir diante de mim naquele quarto. Enxuguei as lágrimas e contive os soluços, temendo que qualquer mostra de tristeza violenta pudesse despertar uma voz sobrenatural para ir me reconfortar, ou fazer surgir da escuridão algum rosto emoldurado por um halo para se debruçar sobre mim com estranha piedade. Senti que aquela ideia, em teoria consoladora, seria terrível caso viesse a se realizar. Com todas as minhas forças tentei sufocá-la, procurei ser firme. Afastando os cabelos dos olhos, ergui a cabeça e tentei olhar corajosamente para o cômodo escuro à minha volta. Bem naquele instante, uma luz cintilou na parede. Seria um raio de luar penetrando por alguma abertura nas persianas?, pensei. Não: o luar estava imóvel, e aquilo se mexia; enquanto eu olhava, deslizou até o teto e ficou tremeluzindo acima da minha cabeça. Hoje consigo imaginar exatamente o que era o risco de luz, com toda probabilidade o brilho de um lampião carregado por alguém pelo gramado. Na hora, porém, preparada para os horrores como estava minha mente, abalados pela agitação como estavam meus nervos, pensei que o raio veloz fosse o arauto de alguma visão de outro mundo prestes a surgir. Meu coração disparou, minha cabeça ficou quente; um som que pensei ser o bater de asas me encheu os ouvidos. Algo pareceu estar perto de mim;

senti-me oprimida, sufocada. Minhas forças ruíram; soltei um grito selvagem, involuntário; corri até a porta e sacudi a fechadura num esforço desesperado. Passos vieram correndo pelo corredor; a chave girou, e Bessie e Abbot entraram.

“Está se sentindo bem, srta. Eyre?”, perguntou Bessie.

“Que barulho horrível! Varou meu corpo inteiro!”, exclamou Abbot.

“Me tirem daqui! Me deixem ir para o quarto das crianças!”, gritei.

“Por quê? Está ferida? Viu alguma coisa?”, tornou a indagar Bessie.

“Ah! Vi uma luz e pensei que um fantasma fosse aparecer.” Eu tinha agarrado a mão de Bessie, e ela não a puxou de volta.

“Ela gritou de propósito”, declarou Abbot, com alguma repulsa. “E que grito! Se estivesse sentindo alguma grande dor seria perdoada, mas só queria nos trazer para cá. Conheço os seus truques maliciosos.”

“O que está acontecendo?”, indagou outra voz com autoridade; e a sra. Reed veio subindo o corredor, com a touca a esvoaçar e o vestido a farfalhar ruidosamente. “Abbot e Bessie, acho que dei ordens para Jane Eyre ser deixada no quarto vermelho até eu mesma vir buscá-la.”

“A srta. Jane gritou muito alto, senhora”, disse Bessie.

“Solte-a”, foi a única resposta. “Solte a mão de Bessie, menina. Esteja certa de que não vai conseguir sair dessa forma. Abomino o fingimento, principalmente em crianças; é meu dever lhe mostrar que truques não vão surtir efeito. Você agora vai ficar aqui por mais uma hora, e só mediante submissão e imobilidade perfeitas vou soltá-la.”

“Ah, tia! Tenha dó! Me perdoe! Não aguento... me puna de outra forma! Vou morrer se...”

“Silêncio! Essa violência é quase repugnante.” E sem dúvida era como ela devia se sentir. Aos seus olhos, eu era uma atriz precoce. Ela me

considerava sinceramente uma combinação de paixões virulentas, espírito cruel e perigosa duplicidade.

Com Bessie e Abbot já tendo recuado, a sra. Reed, impaciente diante da minha angústia agora frenética, empurrou-me abruptamente de volta e me trancou lá dentro sem dizer mais nada. Ouvi-a se afastar, e pouco depois acho que tive uma espécie de ataque. A cena se concluiu com um desmaio.

A lembrança seguinte que tenho é de acordar com a sensação de haver tido um pesadelo assustador e ver diante de mim uma terrível claridade vermelha riscada por grossas barras pretas. Ouvi vozes também, falando com um som oco, e como se estivessem abafadas por uma correnteza de vento ou água. A agitação, a incerteza e um sentimento de terror que dominava tudo confundiam meus sentidos. Em pouco tempo, tomei consciência de que alguém estava me manipulando, me levantando e me amparando numa posição sentada, e isso com mais delicadeza do que eu jamais tinha sido levantada ou amparada antes. Recostei a cabeça num travesseiro ou num braço e me senti relaxar.

Dali a mais cinco minutos a nuvem de torpor se dissipou. Eu soube muito bem que estava na minha própria cama, e que a claridade vermelha era a lareira do quarto das crianças. Era noite. Sobre a mesa havia uma vela acesa. Bessie estava parada ao pé da cama segurando uma bacia, e sentado numa cadeira junto ao meu travesseiro havia um cavalheiro debruçado sobre mim.

Senti um alívio inexprimível, uma certeza tranquilizadora de proteção e segurança ao saber que havia um desconhecido no quarto, um indivíduo que não pertencia a Gateshead nem tinha relação com a sra. Reed. Tirei os olhos

de Bessie (embora a sua presença fosse para mim bem menos odiosa do que teria sido a de Abbot, por exemplo) e examinei o rosto do cavalheiro. Eu o conhecia: era o sr. Lloyd, um boticário, às vezes chamado pela sra. Reed quando os criados adoeciam. Para si e para os filhos ela chamava um médico.

“Bem, sabe quem sou eu?”, indagou ele.

Pronunciei seu nome ao mesmo tempo que lhe estendia a mão. Ele a segurou sorrindo e disse: “Tudo vai ficar bem logo, logo”. Então me deitou, e dirigindo-se a Bessie encarregou-a de tomar muito cuidado para que eu não fosse incomodada durante a noite. Após dar mais algumas instruções e afirmar que viria novamente no dia seguinte, ele se foi, para minha tristeza. Eu tinha me sentido muito abrigada e amparada enquanto ele estava sentado na cadeira junto ao meu travesseiro, e quando ele saiu e fechou a porta, o quarto inteiro escureceu e meu coração tornou a pesar. Uma tristeza inexprimível o subjugou.

“Acha que pode dormir, senhorita?”, perguntou Bessie com bastante suavidade.

Mal me atrevi a responder, pois temia que a frase seguinte fosse ser dura. “Vou tentar.”

“Gostaria de beber alguma coisa, ou quem sabe consegue comer um pouco?”

“Não, Bessie, obrigada.”

“Então acho que vou me deitar, pois já passa da meia-noite; mas pode me chamar se precisar de algo.”

Que civilidade maravilhosa! Aquilo me encorajou a fazer uma pergunta.

“Bessie, qual é o problema comigo? Estou doente?”

“Acho que a senhorita se sentiu mal de tanto chorar no quarto vermelho; sem dúvida, logo vai ficar boa.”

Bessie se retirou para os aposentos das criadas, que ficavam ali perto. Ouvi-a dizer: “Sarah, venha dormir comigo no quarto das crianças; não me atrevo de jeito nenhum a ficar sozinha hoje à noite com essa pobre menina; ela pode morrer; que coisa mais estranha aquele ataque. Fico pensando se terá visto alguma coisa. A patroa foi dura demais”.

Sarah voltou com ela; as duas foram se deitar; passaram meia hora cochichando antes de pegar no sono. Captei trechos da conversa, a partir dos quais pude inferir muito distintamente o principal tema discutido.

“Alguma coisa passou por ela, toda vestida de branco, depois sumiu...” “Com um grande cão preto atrás dele...” “Três batidas fortes na porta do quarto...” “Uma luz no cemitério bem em cima do túmulo dele...” Etc. etc.

Por fim, ambas adormeceram; a lareira e a vela se apagaram. Para mim, as horas daquela longa noite transcorreram numa vigília atroz; meus ouvidos, meus olhos e minha mente estavam dominados pelo medo, um medo que só as crianças são capazes de sentir.

Nenhuma enfermidade física severa ou prolongada se sucedeu a esse incidente no quarto vermelho. Ele só fez provocar em mim um choque nervoso cujas reverberações sinto até hoje. Sim, sra. Reed, eu lhe devo algumas terríveis crises de sofrimento mental. Mas deveria perdoá-la, pois a senhora não sabia o que estava fazendo; ao fazer rebentar as cordas do meu coração, pensava estar apenas extirpando minhas propensões ruins.

No dia seguinte, ao meio-dia, eu já estava acordada, vestida e sentada junto à lareira do quarto das crianças enrolada num xale. Sentia-me fisicamente fraca e abatida. Mas meu pior tormento era uma inquietação indizível da mente, uma inquietação que não parava de me arrancar lágrimas silenciosas. Bastava eu enxugar uma gota salgada do rosto para outra surgir. Apesar disso, pensei que deveria estar feliz, pois nenhum dos Reed estava presente: todos tinham saído de carruagem com sua mamã.

Abbot estava costurando noutra cômoda, e Bessie, enquanto andava de lá para cá guardando brinquedos e organizando gavetas, dirigia-me de vez em quando uma palavra de gentileza pouco habitual. Tal estado de coisas deveria ter sido para mim um paraíso de paz, acostumada como eu estava a uma vida de reprimendas incessantes e esforço sem reconhecimento; mas na realidade meus nervos em frangalhos se encontravam agora numa condição que calma alguma era capaz de tranquilizar, e prazer algum de me animar agradavelmente.

Bessie tinha descido até a cozinha e subiu trazendo um doce sobre certo prato de louça pintado em cores vivas cuja ave-do-paraíso, aninhada em meio a uma guirlanda de ipomeias e botões de rosa, costumava despertar em mim um sentimento de admiração dos mais entusiasmados, e que eu muitas vezes pedira para me deixarem pegar e examinar mais de perto, mas sempre fora até então considerada indigna de tal privilégio. O precioso recipiente foi então posto no meu colo, e fui cordialmente convidada a comer o pequeno círculo de massa delicada em cima dele. Um favor vão, já que como a maioria dos outros favores muito adiados e frequentemente desejados, chegava demasiado tarde! Não consegui comer o doce, e a plumagem da ave, o matiz das flores me pareceram estranhamente desbotados! Afastei tanto o prato quanto o doce. Bessie perguntou se eu gostaria de um livro. A palavra “livro” serviu de estímulo passageiro, e eu lhe pedi para ir buscar *As viagens de Gulliver* na biblioteca. Já tinha folheado o volume inúmeras vezes com deleite. Considerava-o uma narrativa de fatos e descobrira nele uma linha de interesse mais profunda do que conseguia encontrar nos contos de fadas, pois em relação aos duendes, após tê-los procurado em vão entre as folhas e flores da dedaleira, debaixo de cogumelos e nos vãos do antigo muro cobertos por seu manto de hera, finalmente me convencera da triste verdade: que eles tinham todos ido

embora da Inglaterra para algum país não desbravado, onde as matas eram mais selvagens e mais densas e a população mais escassa. Mesmo assim, visto que Lilliput e Brobdingnag eram na minha mente lugares reais da superfície terrestre, eu não duvidava que algum dia talvez, ao fazer uma longa viagem, viesse a ver com meus próprios olhos os pequenos campos, casas e árvores, as pessoas diminutas, os minúsculos pássaros, vacas e ovelhas de um dos reinos, e os milharais altos como florestas, os imensos mastins, os gatos monstruosos, os homens e mulheres altos como torres do outro. Quando aquele volume querido foi posto nas minhas mãos, porém — quando virei suas páginas e procurei em suas maravilhosas ilustrações o encanto que até então nunca deixara de encontrar —, tudo pareceu sinistro e sombrio; os gigantes eram anões emaciados, os pigmeus espíritos malévolos e assustadores, e Gulliver um andarilho muito solitário em regiões das mais temíveis e perigosas. Fechei o livro, que não me atrevi mais a folhear, e o pus sobre a mesa, ao lado do doce que não havia comido.

Bessie agora tinha terminado de espanar e arrumar o quarto, e após lavar as mãos abriu certa gavetinha cheia de esplêndidos retalhos de seda e cetim, e começou a fabricar uma touca nova para a boneca de Georgiana. Enquanto isso, cantava; sua canção era:

*Na época em que saíamos como ciganos,
Muito tempo atrás.*

Eu já tinha ouvido aquela canção muitas vezes, e sempre com deleite e animação, pois Bessie tinha uma voz bonita — ou pelo menos era o que eu pensava. Mas agora, embora sua voz continuasse bonita, encontrei naquela melodia uma tristeza indescritível. Às vezes, preocupada com a costura, ela cantava o refrão bem baixinho, bem devagar: “muito tempo atrás” ecoava como a mais triste cadência de um canto fúnebre. Bessie começou a cantar outra balada, essa de fato pesarosa.

*Meus pés estão doloridos, minhas pernas cansadas;
O caminho é longo e as montanhas colossais;
O crepúsculo triste e sem lua logo virá se abater
No caminho da pobre criança sem pais.*

*Por que fui mandada para tão longe e tão só,
Entre as charnecas com pedras cinza por trás?
Duro coração têm os homens, e só anjos bons
Protegem os passos de uma pobre criança sem pais.*

*Mas ao longe sopra a suave brisa da noite,
No céu sem nuvens estrelas lançam seu brilho que apraz;
Deus, em Sua clemência, vem trazer proteção,
Reconforto e esperança para a pobre criança sem pais.*

*Mesmo se eu caísse da ponte quebrada ao passar,
Ou me perdesse nos charcos, atraída por luz fugaz,
Mesmo assim meu Pai, com Suas promessas e bênçãos,
Para junto de Si levará a pobre criança sem pais.*

*Há um pensamento que forças deveria me dar;
Embora eu não tenha teto nem parentes mais;
O céu é um lar, e não ficarei sem descanso;
Deus é amigo da pobre criança sem pais.*

“Vamos, srta. Jane, não chore”, disse Bessie ao terminar. Foi como se tivesse dito ao fogo: Não queime!, mas como ela poderia adivinhar o mórbido sofrimento que me acometia? No decorrer da manhã, o sr. Lloyd tornou a aparecer.

“O quê, já acordada?”, disse ele ao entrar no quarto. “Bem, como ela está passando?”

Bessie respondeu que eu estava bem.

“Nesse caso deveria estar com uma cara mais alegre. Venha cá, srta. Jane; seu nome é Jane, não é?”

“Sim, senhor; Jane Eyre.”

“Bem, você andou chorando, srta. Jane Eyre. Pode me dizer por quê? Está sentindo alguma dor?”

“Não, senhor.”

“Ah! Acho que ela está chorando porque não pôde sair de carruagem com a patroa”, interrompeu Bessie.

“Certamente não! Ela não tem mais idade para essas bobagens.”

Eu também pensava daquele modo, e com a autoestima ferida pela falsa acusação, respondi na hora: “Nunca chorei por um motivo assim na vida. Detesto sair de carruagem. Estou chorando porque estou infeliz”.

“Ora, senhorita!”

O bom boticário pareceu um pouco intrigado. Eu estava em pé à sua frente. Ele mantinha os olhos bem firmes e fixos em mim. Tinha os olhos pequenos e cinza; não muito brilhantes; mas ousou dizer que hoje os considero astutos. Ele possuía um rosto de traços duros, porém de aspecto afável. Após me examinar demoradamente, falou: “O que a fez se sentir mal ontem?”.

“Ela sofreu uma queda”, disse Bessie, intrometendo-se novamente.

“Queda! Parece mais uma vez que ela é um bebê! Por acaso na sua idade ela não sabe andar? Já deve ter uns oito ou nove anos.”

“Eu fui derrubada”, foi a explicação sucinta arrancada de dentro de mim por uma nova pontada de orgulho ferido; “mas não foi isso que me fez passar mal”, acrescentei, enquanto o sr. Lloyd se servia uma pitada de rapé.

Quando o boticário estava recolocando a caixinha no bolso do colete, uma campainha alta soou anunciando o jantar dos criados; ele sabia o que era aquilo. “É para a senhora, ama”, falou; “pode descer; ficarei conversando com a srta. Jane até a senhora voltar.”

Bessie teria preferido ficar, mas foi obrigada a ir, pois a pontualidade no horário das refeições era algo estritamente respeitado em Gateshead Hall.

“A queda não a fez passar mal; o que foi, então?”, continuou o sr. Lloyd depois de Bessie sair.

“Fiquei trancada num quarto onde há um fantasma até depois de escurecer.”

Vi o sr. Lloyd sorrir e franzir o cenho ao mesmo tempo: “Fantasma! Mas no fim das contas a senhorita é mesmo um bebê! Tem medo de fantasmas?”.

“Do fantasma do sr. Reed, sim: ele morreu naquele quarto e foi velado lá. Nem Bessie nem ninguém entra lá à noite se puder evitar; e foi cruel me trancar lá dentro sozinha sem uma vela — tão cruel que acho que nunca vou esquecer.”

“Que bobagem! E é isso que a está deixando tão triste? Está com medo agora de dia?”

“Não. Mas a noite não vai demorar a chegar outra vez; além do mais... eu estou infeliz... muito infeliz, por outros motivos.”

“Que outros motivos? Pode me dizer alguns deles?”

Como eu quis dar uma resposta completa à pergunta! Como foi difícil formular qualquer resposta! As crianças conseguem sentir, mas não conseguem analisar o que sentem; e embora a análise se traduza parcialmente em pensamento, não sabem expressar em palavras o resultado do processo. No entanto, com medo de perder aquela primeira e única oportunidade de aliviar minha tristeza dividindo-a, após uma pausa aflita consegui construir uma resposta parca, ainda que razoavelmente verdadeira.

“Para começar, não tenho pai nem mãe, irmãos nem irmãs.”

“Tem uma tia bondosa e primos.”

Mais uma vez fiz uma pausa: então falei, atabalhoadamente:

“Mas John Reed me derrubou e minha tia me trancou no quarto vermelho.”

O sr. Lloyd sacou pela segunda vez a caixinha de rapé.

“A senhorita não acha que Gateshead Hall é uma casa muito linda?”, perguntou. “Não se sente grata por ter um lugar tão bonito onde morar?”

“Esta casa não é minha, senhor; e Abbot diz que eu tenho menos direito de estar aqui do que uma criada.”

“Pff! Não é possível a senhorita ser boba a ponto de querer ir embora de um lugar assim esplêndido.”

“Se eu tivesse outro lugar para ir, ficaria aliviada em partir; mas não poderei ir embora de Gateshead Hall antes de virar mulher.”

“Talvez possa... quem sabe? Tem algum outro parente além da sra. Reed?”

“Acho que não, senhor.”

“Nenhum por parte de pai?”

“Não sei. Perguntei a tia Reed uma vez, e ela disse que talvez eu tivesse algum parente pobre e desclassificado de sobrenome Eyre, mas que ela não sabia nada deles.”

“Se tivesse, gostaria de ir morar com eles?”

Refleti. Os adultos acham a pobreza algo sombrio; as crianças, mais ainda. As crianças praticamente desconhecem a pobreza industriosa, trabalhadora, respeitável; só pensam na palavra em conexão com roupas esfarrapadas, comida escassa, braseiros sem fogo, maus modos e vícios degradantes. Para mim, pobreza era sinônimo de degradação.

“Não; eu não gostaria de ficar com gente pobre”, foi minha resposta.

“Nem mesmo se a tratassem bem?”

Fiz que não com a cabeça. Não conseguia entender como os pobres poderiam ter condições de ser bondosos; além do mais, aprender a falar como eles, adotar seus modos, não ter instrução, crescer como uma das mulheres pobres que eu às vezes via amamentando os filhos ou lavando

roupas na porta dos casebres do vilarejo de Gateshead... não, eu não era heroica o suficiente para abrir mão de posição social em troca de liberdade.

“Mas seus parentes são tão pobres assim? São trabalhadores?”

“Não sei dizer; tia Reed falou que se eu tiver parentes, eles devem ser pedintes. Eu não gostaria de virar pedinte.”

“Gostaria de ir para um colégio interno?”

Mais uma vez refleti; mal sabia o que era um colégio interno. Bessie às vezes se referia àquilo como um lugar onde as jovens senhoritas se sentavam imóveis, com as costas bem retas, e onde se esperava que fossem extraordinariamente educadas e objetivas. John Reed detestava o colégio interno e maltratava seu professor; mas os gostos de John Reed não eram referência para os meus, e ainda que os relatos de Bessie sobre a disciplina escolar (obtidos das jovens de uma família com a qual ela havia morado antes de chegar a Gateshead) fossem um tanto aterradores, os detalhes relacionados a determinadas conquistas obtidas por aquelas mesmas jovens senhoritas eram, na minha opinião, igualmente atraentes. Bessie se gabava de lindas pinturas de paisagens e flores executadas por elas, de canções que sabiam cantar e peças que sabiam tocar ao piano, de bolsinhas que sabiam tricotar, de livros em francês que sabiam traduzir, até meu espírito se sentir impelido a imitá-las de tanto escutar. Além do mais, um colégio interno seria uma mudança completa; supunha uma longa viagem, uma separação total de Gateshead, o ingresso numa vida nova.

“Sim, eu gostaria de ir para um colégio interno”, foi a conclusão audível de minhas reflexões.

“Bem, bem; quem há de saber o que pode acontecer?”, disse o sr. Lloyd, levantando-se. “A menina precisa mudar de ares e de ambiente”, acrescentou, falando para si mesmo; “não está com os nervos em bom estado.”

Bessie então voltou; na mesma hora, foi possível escutar a carruagem subindo o caminho de cascalho.

“É sua patroa, ama?”, indagou o sr. Lloyd. “Gostaria de falar com ela antes de ir.”

Bessie convidou-o a ir até a sala de café da manhã e saiu na frente. Na conversa que se seguiu entre o boticário e a sra. Reed, imagino, a julgar pelos acontecimentos subsequentes, que o boticário tenha se atrevido a recomendar que eu fosse para um colégio interno. E a recomendação sem dúvida foi adotada bem prontamente, pois, como disse Abbot ao falar sobre o assunto com Bessie quando ambas estavam costurando no quarto das crianças certa noite após eu ir me deitar, e quando elas pensavam que eu tinha pegado no sono: “A patroa confessou ter ficado um tanto aliviada por se livrar de uma menina tão cansativa e mal condicionada, que sempre parecia estar observando a todos e tramando planos secretos”. Acho que Abbot me considerava uma espécie de Guy Fawkes infantil.

Na mesma ocasião, fiquei sabendo pela primeira vez, pela conversa da srta. Abbot com Bessie, que meu pai fora um vigário pobre; que minha mãe se casara com ele contra a vontade dos amigos, que consideravam a união aquém do seu nível; que meu avô Reed ficara tão irritado com a desobediência da filha que a mandara embora sem um xelim; que um ano depois de minha mãe e meu pai se casarem, ele havia contraído febre tifoide quando estava visitando os pobres de uma grande cidade manufatureira próxima da sua paróquia e onde essa doença na época era prevalente; que minha mãe havia pegado a infecção dele, e ambos tinham morrido com menos de um mês de diferença.

Ao ouvir aquela narrativa, Bessie suspirou e disse: “A coitada da srta. Jane também é motivo de pena, Abbot”.

“Sim”, respondeu Abbot, “se ela fosse uma menina boa e bonita, seria possível se compadecer do seu infortúnio; mas não se pode sentir algo por uma pessoinha detestável como aquela.”

“Não muita coisa, com certeza”, concordou Bessie; “seja como for, uma beleza como a da srta. Georgiana seria mais comovente na mesma situação.”

“Sim, eu adoro a srta. Georgiana!”, exclamou a fervorosa Abbot. “Que graça! Com seus cachos compridos e olhos azuis, e aquele seu tom de pele encantador; igualzinha a uma pintura! Bessie, eu bem que gostaria de um coelho galês para o jantar.”

“Eu também... com cebolas assadas. Venha, vamos descer.” Elas saíram.

Minha conversa com o sr. Lloyd e o diálogo entre Bessie e Abbot antes relatado me deram esperanças suficientes para ter motivos para desejar ficar boa. Uma mudança parecia estar próxima; desejei-a e aguardei-a em silêncio. Mas ela demorou a chegar; dias e semanas se passaram; eu havia recuperado meu estado de saúde normal, porém nenhuma outra alusão fora feita ao assunto que me ocupava. De vez em quando a sra. Reed me observava com um olhar severo, mas raramente se dirigia a mim. Desde a minha doença, ela havia traçado uma linha de separação mais nítida do que nunca entre mim e os filhos, atribuindo-me um pequeno quartinho onde dormia separada, condenando-me a fazer as refeições sozinha e a passar todo o meu tempo no quarto das crianças, enquanto meus primos viviam no salão. Não fez, porém, nenhuma alusão a mandar-me para o colégio interno; mesmo assim, eu tinha uma certeza instintiva de que ela não suportaria por muito tempo ter-me debaixo do mesmo teto, pois seu olhar, agora mais do que nunca, exprimia uma aversão arraigada e insuperável ao se voltar para mim.

Eliza e Georgiana, obviamente agindo mediante ordens, falavam comigo o menos possível; John estufava a bochecha com a língua sempre que me via, e certa vez tentou um castigo, mas como eu na mesma hora me virei

contra ele, movida pelo mesmo sentimento de ira profunda e revolta desesperada responsáveis por meu deslize anterior, achou melhor desistir, e fugiu correndo de mim, resmungando execrações e jurando que eu havia arrebatado seu nariz. De fato, eu havia acertado aquele seu traço proeminente com um soco tão forte quanto meus dedos eram capazes de infligir, e quando vi que ou aquilo ou minha expressão o intimidavam, senti-me fortemente inclinada a tirar proveito da minha vantagem, mas ele já estava junto da sua mamã. Ouvi-o começar num tom choroso a história de como “aquela detestável Jane Eyre” tinha voado para cima dele feito um gato enlouquecido; foi interrompido um tanto duramente:

“Não fale dela para mim, John. Eu já lhe disse para não se aproximar dela. Aquela menina não merece sua atenção. Não quero que nem você nem suas irmãs se relacionem com ela.”

Nesse ponto, debruçada no corrimão, eu de repente gritei, e sem pensar nem um pouco nas minhas palavras, disse: “Eles não estão à minha altura”.

A sra. Reed era uma mulher um tanto robusta, mas ao ouvir aquela declaração estranha e audaciosa, subiu correndo a escada e, com agilidade, carregou-me feito um pé de vento até o quarto das crianças. Fazendo-me sentar com força na borda da cama, me desafiou num tom enfático a me levantar dali ou pronunciar uma sílaba sequer até o final do dia.

“O que tio Reed diria se estivesse vivo?”, foi minha pergunta quase involuntária. Digo quase involuntária pois minha língua pareceu pronunciar palavras sem que minha vontade autorizasse sua articulação. Algo que eu não controlava falou por mim.

“O quê?”, disse a sra. Reed entre os dentes. Seus olhos cinzentos, em geral frios e controlados, se perturbaram com uma expressão semelhante ao medo; ela tirou a mão do meu braço e me encarou como se de fato não

soubesse se eu era uma criança ou um demônio. Eu já não conseguia me conter.

“Meu tio Reed está no céu e pode ver tudo o que a senhora faz e pensa; e papá e mamã também. Eles sabem que me obriga a ficar trancada o dia inteiro e que deseja minha morte.”

A sra. Reed não demorou a se recuperar. Sacudiu-me com grande energia, deu-me um tapa em cada orelha e então se retirou sem dizer nada. Bessie preencheu o hiato com uma homilia que durou uma hora, na qual provou que sem sombra de dúvida eu era a mais malvada e mais irrefreável criança jamais criada debaixo de um teto. Quase acreditei nela, pois de fato sentia apenas sentimentos maus me brotarem no peito.

Novembro, dezembro e metade de janeiro passaram. O Natal e o Ano-Novo tinham sido celebrados em Gateshead com a costumeira alegria festiva; presentes tinham sido trocados, jantares e festas oferecidos. Eu naturalmente fora excluída de todos os folguedos. Meu quinhão de alegria consistia em testemunhar a arrumação diária de Eliza e Georgiana e vê-las descer para o salão usando vestidos de musselina e fitas escarlates na cintura, com os cabelos caprichosamente enrolados, depois em escutar o som do piano ou da harpa tocados lá embaixo, o mordomo e o laçao passando para lá e para cá, o tilintar de vidro e porcelana conforme eram servidos os comes e bebes, o burburinho interrompido das conversas quando as portas do salão se abriam e se fechavam. Quando cansava dessa atividade, eu me recolhia do alto da escada ao solitário e silencioso quarto das crianças; ali, embora um pouco triste, não me sentia infeliz. Para dizer a verdade, não tinha o menor desejo de me juntar aos outros, pois com os outros eu raramente era notada. E se Bessie ao menos tivesse se mostrado bondosa e agradável, eu teria considerado um presente passar as noites tranquilamente ao seu lado, em vez de passá-las sob o olhar ameaçador da

sra. Reed num recinto repleto de damas e cavalheiros. Mas Bessie, assim que terminava de vestir suas jovens patroas, costumava se retirar para a animação da cozinha e do quarto da governanta, em geral levando a vela consigo. Eu então ficava sentada com minha boneca no colo até o fogo baixar na lareira, olhando em volta de vez em quando para me certificar de que nada pior do que eu mesma assombrava o quarto escuro; e quando as brasas ficavam de um vermelho baço, eu me despia depressa, puxando nós e cordinhas do melhor modo que conseguia, e ia buscar na minha cama abrigo do frio e da escuridão. Para essa cama sempre levava minha boneca; os seres humanos precisam amar alguma coisa, e na falta de objetos de afeto mais dignos, eu me esforçava para encontrar prazer em amar e me apegar a uma imagem desbotada e remendada, maltrapilha feito um espantalho em miniatura. Hoje me sinto intrigada ao recordar a absurda sinceridade que dedicava àquele pequeno brinquedo, quase julgando-o vivo e passível de sensações. Só conseguia dormir se a boneca estivesse enrolada na minha camisola, e quando ela estava ali, segura e quentinha, eu ficava comparativamente feliz, pois acreditava que ela também estivesse.

As horas pareciam longas enquanto eu esperava os convidados partirem e apurava os ouvidos para o barulho dos passos de Bessie na escada. Às vezes ela subia no intervalo para buscar seu dedal ou sua tesoura, ou quem sabe para me levar algo à guisa de jantar — um brioche ou bolinho de queijo —, e ficava sentada na cama enquanto eu comia, e depois de eu terminar ajeitava as cobertas à minha volta, e por duas vezes me beijou e disse: “Boa noite, srta. Jane”. Quando era assim bondosa, Bessie me parecia a melhor, a mais bonita e a mais gentil criatura do mundo; e meu desejo mais intenso era que ela fosse sempre assim agradável e simpática e que nunca mandasse em mim, nem ralhasse comigo ou me atribuísse tarefas demais, como costumava fazer com tanta frequência. Acho que Bessie Lee devia ser uma

moça de boa natureza, uma vez que era inteligente em tudo o que fazia e tinha um talento notável para a narrativa; pelo menos era o que me fazia pensar o modo como as histórias infantis que ela contava me deixavam impressionada. Além disso, era bonita, se minhas recordações de seu rosto e de sua pessoa estiverem corretas. Lembro-me dela como uma jovem esbelta, de cabelos pretos, olhos escuros, traços muito agradáveis e uma compleição boa e lisa; mas ela possuía um temperamento caprichoso e afobado, e ideias indiferentes em relação a princípios ou justiça; mesmo assim, eu a preferia a qualquer outra pessoa em Gateshead Hall.

Era dia 15 de janeiro, por volta das nove da manhã. Bessie tinha descido para tomar café; meus primos ainda não tinham sido chamados para junto de sua mamã; Eliza estava pondo o chapéu e o casaco quente de jardim para ir dar de comer às galinhas — atividade que lhe agradava, e mais ainda vender os ovos para a governanta e guardar para si o dinheiro obtido. Ela possuía um talento para o comércio e uma propensão acentuada para a economia — demonstrados não apenas na venda de ovos e galinhas, mas também na condução de duras negociações com o jardineiro em relação a bulbos, sementes e mudas, já que esse funcionário tinha ordens da sra. Reed para comprar de sua jovem patroa todos os produtos do seu canteiro que ela desejasse vender. E Eliza teria vendido seus próprios cabelos caso pudesse ter obtido um bom lucro com isso. Quanto ao dinheiro, primeiro o guardava em cantos estranhos, enrolado num trapo ou num velho papelote de cabelo, mas como alguns daqueles esconderijos tinham sido descobertos pela criada, Eliza, temendo um dia perder seu valioso tesouro, aceitou confiá-lo aos cuidados da mãe mediante uma taxa de juros extorsiva — cinquenta ou sessenta por cento —, que ela cobrava trimestralmente, mantendo a contabilidade num livrinho com ansiosa precisão.

Georgiana estava sentada num banco alto arrumando os cabelos em frente ao espelho e entremeando aos cachos flores artificiais e penas desbotadas, de um estoque encontrado numa gaveta do sótão. Eu estava arrumando minha cama, uma vez que tinha recebido ordens estritas de Bessie para fazê-lo antes de ela voltar (pois Bessie agora me usava com frequência como uma espécie de criada auxiliar no quarto das crianças, para arrumar o aposento, espanar as cadeiras etc.). Depois de esticar a colcha e dobrar a camisola, fui até o banco junto à janela arrumar uns livros com ilustrações e móveis de casa de bonecas espalhados ali; uma ordem abrupta de Georgiana para não mexer nos seus brinquedos (pois as cadeirinhas e os pequeninos espelhos, os pratos e copos em miniatura lhe pertenciam) me interrompeu; e então, na falta de outra atividade, contentei-me em respirar sobre as flores de gelo que haviam se formado na janela, abrindo assim um espaço no vidro pelo qual pude ver o jardim, onde tudo estava parado e petrificado sob uma grossa camada de gelo.

Daquela janela dava para ver a guarita do porteiro e a estrada, e assim que retirei uma porção da folhagem branca e prateada que recobria as vidraças deixando espaço suficiente para olhar para fora, vi os portões sendo abertos e uma carruagem entrar. Observei com indiferença enquanto ela subia pelo caminho. Carruagens apareciam com frequência em Gateshead, mas nenhuma nunca trazia visitantes nos quais eu tivesse interesse; aquela parou em frente à casa, e a campainha da porta tocou bem alto, o recém-chegado foi recebido. Como nada daquilo me dizia respeito, minha atenção dispersa logo encontrou uma atração mais animada no espetáculo de um pequeno pintarroxo faminto que apareceu e começou a piar nos galhos da cerejeira sem folhas pregada no muro junto à janela. Os restos de pão e leite do meu desjejum estavam em cima da mesa. Esfarelei

um pedaço de pão e já estava puxando o trinco para pôr as migalhas no peitoril quando Bessie chegou correndo pela escada e entrou no quarto.

“Srta. Jane, tire o avental. O que está fazendo aí? Lavou as mãos e o rosto hoje de manhã?” Dei mais um puxão antes de responder, pois queria garantir o pão do passarinho. O trinco cedeu, espalhei as migalhas — algumas no peitoril de pedra, outras no galho da cerejeira; então, fechando a janela, respondi: “Não, Bessie; acabei de terminar de espanar”.

“Sua menina levada, que desleixo! E o que está fazendo agora? Está toda vermelha, como se estivesse aprontando alguma travessura. Para que estava abrindo a janela?”

Fui poupada de responder, pois Bessie parecia estar apressada demais para ouvir explicações; ela me arrastou até o lavatório, infligiu ao meu rosto e às minhas mãos uma esfregada impiedosa, porém felizmente breve, usando sabão, água e uma toalha áspera, disciplinou meus cabelos com uma escova de cerdas duras, despiu meu avental e então, levando-me depressa até o alto da escada, me disse para descer sem demora, pois estavam me chamando na sala de café da manhã.

Eu teria perguntado quem queria falar comigo — teria perguntado se a sra. Reed estava lá; mas Bessie já tinha ido embora e fechado a porta do quarto das crianças na minha cara. Desci devagar. Fazia quase três meses que não era chamada para falar com a sra. Reed; confinada por tanto tempo ao quarto das crianças, as salas de café da manhã, de jantar e o salão tinham se transformado para mim em regiões terríveis onde me dava pavor me aventurar.

Eu estava agora parada no hall deserto; na minha frente estava a porta da sala de café da manhã, e ali parei, intimidada e trêmula. Em que triste covarde o medo gerado por punições injustas tinha me transformado naquela época! Eu tinha medo de voltar para o quarto das crianças e tinha

medo de seguir em frente até a sala; passei dez minutos parada numa hesitação aflita; o toque veemente da sineta da sala de café da manhã me fez decidir: eu *precisava* entrar.

“Quem poderia querer falar comigo?”, perguntei para mim mesma enquanto com as duas mãos girava a dura maçaneta da porta, que por um segundo ou dois resistiu ao meu esforço. “O que verei dentro da sala além de tia Reed? Um homem ou uma mulher?” A maçaneta girou, a porta se abriu, e após passar por ela e fazer uma profunda medida, ergui os olhos para... uma coluna negra! Pelo menos foi assim que me pareceu, à primeira vista, a forma reta, estreita e vestida de zibelina parada muito ereta sobre o tapete; o rosto severo no alto parecia uma máscara esculpida pousada sobre o pilar para servir de capitel.

A sra. Reed estava sentada em seu lugar de costume, junto à lareira; fez um gesto para eu me aproximar; assim o fiz, e ela me apresentou ao desconhecido pético com as palavras: “Esta é a menininha sobre a qual lhe escrevi”.

Ele — pois se tratava de um homem — virou a cabeça devagar para onde eu estava e, após me examinar com dois olhos cinza curiosos a piscar sob um par de sobranceiras peludas, falou solenemente, com uma voz de baixo: “Ela é pequena; quantos anos tem?”.

“Dez.”

“Tudo isso?”, foi a resposta em tom de quem duvida; e ele prolongou seu exame por mais alguns minutos. Pouco depois, dirigiu-se a mim:

“Como se chama, menina?”

“Jane Eyre.”

Ao pronunciar essas palavras, olhei para cima. Ele me pareceu um cavalheiro alto, mas afinal eu era muito pequena; seus traços eram largos, e eles e todos os contornos de seu corpo eram igualmente duros e rígidos.

“Bem, Jane Eyre, você é uma boa menina?”

Impossível responder com uma afirmativa. Meu pequeno mundo tinha uma opinião contrária a meu respeito. Fiquei calada. A sra. Reed respondeu por mim com um movimento de cabeça expressivo, ao qual logo acrescentou: “Talvez quanto menos se diga sobre esse assunto melhor, sr. Brocklehurst”.

“Lamento muito ouvir isso! Ela e eu precisamos conversar”; e curvando-se na perpendicular, ele acomodou sua pessoa na poltrona em frente à da sra. Reed. “Venha cá”, falou.

Cruzei o tapete; ele me posicionou bem na sua frente. Que rosto tinha, agora que estava quase na mesma altura do meu! Que nariz imenso! E que boca! E que dentes grandes e saltados!

“Não existe visão mais triste do que uma criança malcriada”, começou ele, “principalmente uma menina malcriada. Você sabe para onde vão os malvados quando morrem?”

“Para o inferno”, foi minha resposta imediata e ortodoxa.

“E o que é o inferno? Pode me responder isso?”

“Uma vala cheia de fogo.”

“E você gostaria de cair nessa vala e ficar queimando lá para sempre?”

“Não, senhor.”

“Então o que precisa fazer para evitar isso?”

Passei alguns instantes pensando. Minha resposta, quando a dei, foi questionável: “Preciso me manter em boa saúde e não morrer”.

“Como pode se manter em boa saúde? Crianças mais novas do que você morrem diariamente. Enterrei uma criancinha de cinco anos faz apenas um ou dois dias... uma criancinha boa, cuja alma agora está no céu. Temo que o mesmo não possa ser dito a seu respeito, caso seja chamada.”

Como não estava em condições de sanar sua dúvida, apenas baixei os olhos para os dois grandes pés plantados no tapete e suspirei, desejando estar bem longe dali.

“Espero que esse suspiro venha do coração e que você se arrependa de algum dia ter sido motivo de desconforto para sua excelente benfeitora.”

“Benfeitora! Benfeitora!”, falei internamente; “eles chamam a sra. Reed de minha benfeitora; nesse caso, uma benfeitora é algo desagradável.”

“Você faz suas orações à noite e de manhã?”, prosseguiu meu inquisidor.

“Sim, senhor.”

“Lê a Bíblia?”

“Às vezes.”

“Com prazer? Gosta de lê-la?”

“Gosto do Apocalipse, do Livro de Daniel, do Gênesis e de Samuel, e um pouco do Êxodo, e de algumas partes de Reis e Crônicas, e de Jó e Jonas.”

“E dos Salmos? Espero que goste deles.”

“Não, senhor.”

“Não? Ah, que pena! Tenho um menininho, mais novo do que você, que sabe seis salmos de cor. E quando alguém lhe pergunta o que prefere, entre um biscoito de gengibre para comer ou o verso de um salmo para decorar, ele diz: ‘Ah! O verso do salmo! Anjos cantam salmos’. Ele diz: ‘Quero ser um anjo aqui na terra’. Então ganha dois biscoitos como recompensa pela sua fé infantil.”

“Salmos não são interessantes”, comentei.

“Isso prova que você tem um coração mau; e que precisa rezar a Deus para mudar isso, para que Ele lhe dê um coração novo e limpo, para que leve embora seu coração de pedra e lhe dê um novo, de carne.”

Eu estava prestes a fazer uma pergunta em relação ao modo como aquela operação de troca de coração seria realizada quando a sra. Reed interveio e

disse para eu me sentar; em seguida, retomou ela própria a conversa.

“Sr. Brocklehurst, acredito ter dado a entender na carta que lhe escrevi três semanas atrás que esta menininha não tem exatamente o temperamento e a índole que eu desejaria. Se o senhor a aceitar na escola de Lowood, peço que solicite à diretora e às professoras que a mantenham sob estrita vigilância e, acima de tudo, que a impeçam de cometer seu maior pecado: a inclinação para o engodo. Menciono isso na sua frente, Jane, para que não tente se aproveitar do sr. Brocklehurst.”

Era natural que eu temesse, era natural que desgostasse da sra. Reed, pois ferir-me cruelmente fazia parte da sua índole. Nunca fui feliz na sua presença. Por maior que fosse o cuidado com o qual lhe obedecia, por mais arduamente que me esforçasse para lhe agradar, meus esforços eram repelidos e retribuídos com frases como a anterior. Dita diante de um desconhecido, a acusação me feriu de morte. Pressenti difusamente que ela já estava extinguindo a esperança da nova fase de vida que me fazia adentrar. Senti, embora não pudesse ter expressado esse sentimento, que ela estava semeando aversão e indelicadeza no meu futuro caminho. Vi-me transformada ante os olhos do sr. Brocklehurst numa criança ardilosa, desagradável. O que eu podia fazer para reparar aquele dano?

“Nada, nada mesmo”, pensei enquanto me esforçava para reprimir um soluço e enxugava apressadamente algumas lágrimas, indícios impotentes da minha aflição.

“O engodo é de fato um triste defeito numa criança”, disse o sr. Brocklehurst; “ele se assemelha à mentira, e todos os que mentem terão seu quinhão do lago ardente de fogo e cal; mas ela será vigiada, sra. Reed. Falarei com a srta. Temple e com as professoras.”

“Eu gostaria que ela fosse criada de modo condizente com as suas possibilidades”, prosseguiu minha benfeitora; “que a tornassem útil, que a

mantivessem humilde. Quanto às férias, com sua permissão, ela irá passá-las sempre em Lowood.”

“Suas decisões são perfeitamente judiciosas, senhora”, respondeu o sr. Brocklehurst. “A humildade é uma virtude cristã e especialmente adequada às alunas de Lowood; sendo assim, minha instrução é que se dedique um cuidado especial ao seu cultivo entre elas. Já estudei a melhor forma de extinguir nas alunas o sentimento mundano do orgulho, e no outro dia mesmo tive uma prova agradável de meu sucesso. Minha segunda filha, Augusta, foi visitar a escola com sua mamã, e ao voltar exclamou: ‘Ah, papá querido, como todas as meninas de Lowood parecem caladas e feias; de cabelos penteados para trás da orelha, aventais compridos e aquelas pequenas bolsas de pano do lado de fora dos vestidos, quase parecem filhas de pobres! E olharam para meu traje e para o de mamã como se nunca tivessem visto um vestido de seda na vida’.”

“Essa é exatamente a situação que eu aprovo”, retrucou a sra. Reed. “Nem que tivesse procurado por toda a Inglaterra eu teria conseguido encontrar um sistema mais adequado a uma menina como Jane Eyre. Firmeza, meu caro sr. Brocklehurst... defendo a firmeza em tudo.”

“A firmeza é o primeiro dos deveres cristãos, senhora, e foi observada em todas as providências ligadas à instituição de Lowood: comida simples, trajes simples, acomodações pouco sofisticadas, hábitos rígidos e ativos; essa é a ordem do dia para a casa e suas residentes.”

“Muito bem, senhor. Posso então ficar assegurada de que a menina será recebida como aluna em Lowood, e educada em conformidade com sua situação e suas possibilidades?”

“Pode, senhora; ela será posta num viveiro de plantas seletas, e estou certo de que demonstrará gratidão pelo privilégio inestimável de ter sido escolhida.”

“Sendo assim, vou mandá-la tão logo seja possível, sr. Brocklehurst, pois acredite que estou ansiosa para me livrar de uma responsabilidade que estava se tornando por demais irritante.”

“Sem dúvida, senhora, sem dúvida. E agora lhe desejo um bom dia. Voltarei para Brocklehurst Hall daqui a uma ou duas semanas; meu bom amigo arcediogo não permite que eu o deixe antes disso. Mandarei avisar à srta. Temple que aguarde a chegada de uma menina nova, para que não haja dificuldade em sua acolhida. Adeus.”

“Adeus, sr. Brocklehurst; mande lembranças minhas para a sra. e a srta. Brocklehurst, também para Augusta e Theodore, e para o senhorzinho Broughton Brocklehurst.”

“Mandarei, senhora. Menina, aqui está um livro chamado *Guia da criança*; leia-o na hora das orações, sobretudo o trecho que contém ‘um relato da terrível e súbita morte de Martha G., menina má viciada em mentira e engodo’.”

Com essas palavras, o sr. Brocklehurst entregou-me um fino folheto de capa costurada, e tendo mandado chamar sua carruagem, retirou-se.

A sra. Reed e eu ficamos a sós. Alguns minutos transcorreram em silêncio; ela ficou costurando enquanto eu a observava. Devia ter na época trinta e seis ou trinta e sete anos; era uma mulher de constituição corpulenta, ombros largos e membros fortes, não muito alta, e embora fosse robusta, não era obesa; tinha o rosto um tanto grande, com o maxilar bem desenvolvido e muito sólido; a testa estreita, o queixo grande e saltado, a boca e o nariz suficientemente regulares; debaixo das sobrancelhas claras cintilavam olhos desprovidos de piedade; sua pele era morena e opaca, os cabelos eram quase brancos; sua saúde era sólida como um sino de igreja — ela nunca adoecia; era uma administradora exata e inteligente, e mantinha sob total controle sua casa e seus arrendatários; somente os filhos às vezes

desafiavam sua autoridade e riam da mãe com desdém; ela se vestia bem e tinha uma presença e um porte calculados para valorizar trajes bonitos.

Sentada num banco baixo a poucos metros da sua poltrona, fiquei examinando seu corpo e observando seus traços. Na mão segurava o folheto que continha a morte súbita da Mentirosa, narrativa para a qual minha atenção fora direcionada como sendo um alerta condizente. O que tinha acabado de acontecer, o que a sra. Reed dissera a meu respeito para o sr. Brocklehurst, todo o teor da conversa estava fresco em minha mente, ainda recente e dolorido; eu sentira cada palavra com a mesma força com a qual a escutara, e agora um ressentimento arrebatado crescia dentro de mim.

A sra. Reed ergueu os olhos da costura; seus olhos encontraram os meus, e ao mesmo tempo seus dedos suspenderam seus ágeis movimentos.

“Saia daqui; volte para o quarto das crianças”, foi sua ordem. Minha expressão ou alguma outra coisa deviam ter lhe parecido ofensivos, pois ela falara com uma irritação extrema, embora contida. Levantei-me; fui até a porta; tornei a voltar; fui até a janela do outro lado da sala, depois me aproximei dela.

Eu precisava *falar*. Tinha sido gravemente pisoteada e *precisava* reverter aquilo; mas como? Que força tinha eu para lançar uma retaliação contra minha antagonista? Reuni minhas energias e as projetei nesta frase crua: “Não sou mentirosa. Se fosse, diria que amo a senhora; mas afirmo que não a amo. A senhora me desagrada mais do que qualquer outra pessoa no mundo, com exceção de John Reed. E este livro aqui, sobre a Mentirosa, a senhora pode dar a sua filha Georgiana, pois quem conta mentiras é ela, não eu”.

As mãos da sra. Reed continuaram imóveis sobre a costura; seus olhos glaciais permaneceram pregados gelidamente nos meus.

“O que mais tem a dizer?”, perguntou ela, num tom mais parecido com o que alguém poderia usar para se dirigir a um oponente de idade adulta do que o que em geral se usa com uma criança.

Aqueles olhos, aquela voz despertaram toda a antipatia que eu sentia. Tremendo da cabeça aos pés, movida por um ímpeto incontrollável, continuei: “Que bom que a senhora não é minha parente. Nunca mais na vida vou chamá-la de tia. Nunca virei visitá-la quando for adulta, e se alguém me perguntar se eu gostava da senhora ou como a senhora me tratava, direi que o simples fato de pensar a seu respeito me dá enjoo e que a senhora me tratava com a mais miserável crueldade”.

“Como se atreve a afirmar isso, Jane Eyre?”

“Como me atrevo, sra. Reed? Como me atrevo? Essa é a *verdade*. A senhora acha que eu não tenho sentimentos, que posso viver sem nenhum pinga de amor e de bondade; mas eu não posso viver assim, e a senhora é cruel. Até o dia da minha morte me lembrarei como me jogou de volta, como me jogou de volta de modo brusco e violento no quarto vermelho e de como me trancou lá apesar de eu estar sofrendo, apesar de eu ter gritado, sufocada de aflição: ‘Tenha dó! Tenha dó, tia Reed!’. E a senhora me fez suportar essa punição porque seu filho malvado bateu em mim, me derrubou sem motivo. Vou contar exatamente essa história a qualquer um que me perguntar. As pessoas acham que a senhora é uma mulher boa, mas a senhora é má e tem o coração duro. Quem engana é *a senhora!*”

Antes de eu terminar, minha alma começou a se expandir, a exultar com a mais estranha sensação de liberdade, de triunfo, que eu jamais experimentara. Era como se uma corda invisível houvesse se partido e eu tivesse me desvencilhado rumo a uma libertação que não esperava. Aquele sentimento tinha um motivo: a sra. Reed parecia assustada. A costura havia

escorregado de seu colo; ela estava erguendo as mãos, balançando-se para a frente e para trás, chegava a contorcer o rosto como se fosse chorar.

“Jane, você está enganada; qual é o seu problema? Por que está tremendo de modo tão violento assim? Gostaria de tomar um pouco d’água?”

“Não, sra. Reed.”

“Deseja alguma outra coisa, Jane? Quero ser sua amiga, garanto.”

“Não. A senhora disse ao sr. Brocklehurst que eu tinha um temperamento ruim e uma índole mentirosa; vou contar a todo mundo em Lowood o que a senhora é e o que a senhora fez.”

“Jane, você não entende essas coisas. As crianças precisam ser corrigidas por seus defeitos.”

“Mentir não é um defeito meu!”, exclamei, com uma voz descontrolada e aguda.

“Mas você é arrebatada, Jane, isso precisa reconhecer; e agora volte para o quarto das crianças... isso, querida... vá se deitar um pouco.”

“Eu não sou sua querida; não consigo me deitar. Mande-me logo para o colégio interno, sra. Reed, pois detesto morar aqui.”

“Vou mesmo mandá-la logo para o colégio interno”, murmurou a sra. Reed; depois recolheu a costura e saiu abruptamente do recinto.

Fui deixada ali sozinha — a vitoriosa no campo de batalha. Aquele tinha sido o embate mais difícil que eu já travara na vida e a primeira vitória que conseguira conquistar. Fiquei parada no tapete algum tempo, no mesmo lugar em que o sr. Brocklehurst havia estado, e saboreei minha solidão de vencedora. Primeiro sorri para mim mesma e senti júbilo, mas aquele prazer intenso murchou dentro de mim tão depressa quanto o latejar acelerado da minha pulsação. Uma criança não pode brigar com os mais velhos como eu tinha feito — não pode dar aos seus sentimentos furiosos uma vazão descontrolada como eu tinha dado —, sem experimentar em seguida a dor

do remorso e o frio da reação. Um cume de vegetação em chamas, viva, reluzente e devorante teria sido um emblema condizente da minha mente no momento em que eu havia acusado e ameaçado a sra. Reed; o mesmo cume, enegrecido e arrasado uma vez apagadas as chamas, teria representado com igual exatidão minha disposição subsequente, após meia hora de silêncio e reflexão terem me mostrado a insanidade da minha conduta, a desolação da minha posição de quem odeia e é odiada.

Eu havia experimentado pela primeira vez um gostinho de vingança. Por mais perfumado que parecesse um gole daquele vinho morno e estimulante, o sabor metálico e corrosivo que ficava na boca me dava a sensação de ter sido envenenada. Eu agora teria de bom grado ido pedir o perdão da sra. Reed, mas sabia, em parte por experiência e em parte por instinto, que essa era a forma de fazê-la sentir repulsa por mim com um desdém redobrado, o que voltaria a inflamar todos os impulsos turbulentos do meu temperamento.

Eu precisava exercitar outra faculdade que não a das falas arrebatadas — precisava me nutrir de algum sentimento menos desagradável do que o da sombria indignação. Peguei um livro, de contos árabes; sentei-me e tentei ler. Não consegui compreender o assunto; meus próprios pensamentos ficavam sempre nadando entre mim e a página que eu em geral achava fascinante. Abri a porta de vidro da sala de café da manhã. Os arbustos estavam imóveis, e um gelo escuro cobria o terreno sem que o sol nem o vento o perturbassem. Cobri a cabeça e os braços com a saia do vestido e saí para caminhar por um trecho de jardim bastante isolado, mas não encontrei prazer algum nas árvores silenciosas, nas pinhas caídas, nas relíquias petrificadas das folhas outonais cor de ferrugem empilhadas por ventos antigos e agora enrijecidas. Apoiei-me num portão e olhei para um pasto vazio onde nenhuma ovelha pastava, onde a grama curta estava

cortada rente e esbranquiçada. O dia estava muito cinza; um céu inteiramente opaco tudo cobria, ameaçando neve; flocos começaram a cair ocasionalmente e a se assentar no chão duro e no campo branco sem derreter. Fiquei ali parada, uma criança infeliz, sussurrando sem parar comigo mesma: “O que devo fazer? O que devo fazer?”.

De repente, escutei uma voz chamar nitidamente: “Srta. Jane! Onde está? Venha almoçar!”.

Era Bessie, eu bem sabia; mas não me mexi. Seus passos leves desceram o caminho aos tropeços.

“Sua coisinha levada!”, disse ela. “Por que não vem quando é chamada?”

Em comparação com os pensamentos que me ocupavam a mente, a presença de Bessie pareceu alegre, muito embora estivesse um pouco zangada, como de costume. O fato é que, após meu conflito com a sra. Reed e minha vitória, eu não estava disposta a dar muita importância à raiva transitória de Bessie, mas *estava*, isso sim, disposta a tirar proveito da sua leveza juvenil. Simplesmente a envolvi com os dois braços e falei: “Vamos, Bessie! Não ralhe comigo!”.

O ato foi mais franco e mais destemido do que eu estava habituada. Por algum motivo, aquilo agradou a ela.

“Que criança estranha a senhorita é, srta. Jane”, disse ela, e baixou os olhos para mim; “uma coisinha errante e solitária. Quer dizer então que vai para o colégio interno, suponho?”

Aquiesci.

“E não vai ficar com pena de abandonar a pobre Bessie?”

“E Bessie por acaso liga para mim? Vive ralhando comigo.”

“Porque a senhorita é uma coisinha esquisita, assustada e tímida. Deveria ser mais corajosa.”

“Para quê? Levar mais pancadas?”

“Que bobagem! Mas é bem verdade que eles abusam um pouco da senhorita. Quando veio me visitar na semana passada, minha mãe falou que não gostaria de ver um filho dela no seu lugar. Agora vamos entrar, e eu tenho uma boa notícia para lhe dar.”

“Acho que não tem não, Bessie.”

“Menina! Como assim? Que olhos tristes são esses, pregados em mim? Ora, essa! A patroa, as jovens patroas e o senhorzinho John vão sair para o chá hoje à tarde, e a senhorita vai tomar chá comigo. Pedirei para a cozinheira fazer um bolinho, depois a senhorita vai me ajudar a olhar suas gavetas, porque em breve terei de preparar seus baús. A patroa quer que vá embora de Gateshead daqui a um ou dois dias, e vai poder escolher quais brinquedos gostaria de levar.”

“Bessie, você precisa prometer não ralar mais comigo até eu ir embora.”

“Bom, prometo. Mas preste atenção para ser uma menina muito boa e não tenha medo de mim. Não se sobressalte quando eu por acaso falar de modo um pouco ríspido; isso é muito irritante.”

“Não acho que vá mais ter medo de você, Bessie, porque me acostumei. E em breve terei um novo grupo de pessoas para temer.”

“Se tiver medo, não vão gostar da senhorita.”

“Como você, Bessie?”

“Não desgosto da senhorita; acho que gosto mais da senhorita do que de todos os outros.”

“Não é o que demonstra.”

“Sua petulante! Que jeito novo é esse de falar? O que a torna tão ousada e vigorosa?”

“Ora, em breve estarei longe de você, e além do mais...” Eu ia dizer algo sobre o que havia acontecido entre mim e a sra. Reed, mas, pensando bem, achei melhor guardar silêncio em relação àquilo.

“Quer dizer que está feliz por me deixar?”

“Nem um pouco, Bessie; na verdade, no presente momento, estou razoavelmente triste.”

“No presente momento! Razoavelmente! Vejam só como fala a minha pequena dama! Ouso dizer que se eu lhe pedisse um beijo agora, a senhorita não ia me dar, diria que *preferiria* não dar.”

“Dou-lhe um beijo, sim, e de bom grado; abaixe a cabeça.” Bessie se abaixou; nos abraçamos e eu a segui para dentro de casa um tanto reconfortada. A tarde transcorreu em paz e harmonia; e à noite Bessie me contou algumas de suas histórias mais encantadoras e cantou para mim algumas de suas mais doces canções. Até mesmo para mim a vida tinha seus raios de sol.

V

Cinco horas mal tinham soado na manhã do dia 19 de janeiro quando Bessie entrou no meu quartinho trazendo uma vela e me encontrou já acordada e praticamente vestida. Eu tinha me levantado meia hora antes de ela entrar, lavado o rosto e me vestido à luz de uma meia lua a ponto de se pôr e cujos raios entravam pela estreita janela perto da minha cama. Naquele dia eu iria embora de Gateshead numa diligência que passaria pelos portões da guarita às seis da manhã. Bessie era a única pessoa acordada; ela acendera a lareira no quarto das crianças, onde agora estava ocupada preparando meu desjejum. Poucas crianças conseguem comer quando animadas com a perspectiva de uma viagem; eu também não consegui. Depois de insistir em vão para eu aceitar algumas colheradas do leite fervido e do pão que tinha preparado para mim, Bessie enrolou alguns biscoitos num papel e pôs na minha bolsa; a seguir me ajudou com a capa e o chapéu, e após se enrolar num xale, saiu junto comigo do quarto. Quando passamos pelo quarto da sra. Reed, falou: “Quer entrar e se despedir da patroa?”.

“Não, Bessie; ela foi até minha cama ontem à noite quando você tinha descido para jantar e disse que eu não precisava incomodá-la esta manhã, nem ela nem meus primos; e disse para eu nunca esquecer que ela sempre

tinha sido a minha melhor amiga, e para falar nela e ser grata a ela de modo condizente com isso.”

“O que você disse?”

“Nada; cobri o rosto com a roupa de cama e me virei para a parede, fiquei de costas para ela.”

“Isso foi errado, srta. Jane.”

“Foi certíssimo, Bessie; sua patroa não foi minha amiga, foi minha inimiga.”

“Ah, srta. Jane! Não diga isso!”

“Adeus, Gateshead!”, exclamei ao atravessar o hall e sair pela porta da frente.

A lua tinha se posto e estava muito escuro; Bessie carregava um lampião cuja luz deslizou pelos degraus molhados e pelo caminho de cascalho encharcado pela neve recém-derretida. A manhã de inverno estava fria e cortante; meus dentes batiam enquanto eu descia apressada o caminho. Havia uma luz na guarita do porteiro. Quando chegamos lá, encontramos a esposa dele acendendo o fogo; meu baú, que fora levado na noite anterior, estava amarrado junto à porta. Faltavam poucos minutos para as seis, e pouco depois que essa hora soou, rodas girando ao longe anunciaram a chegada da diligência; fui até a porta e observei seus lampiões se aproximarem rapidamente pela escuridão.

“Ela vai sozinha?”, perguntou a esposa do porteiro.

“Vai.”

“E fica longe?”

“Cinquenta milhas.”

“Muito longe! Me pergunto como a sra. Reed não tem medo de deixá-la ir tão longe sozinha.”

A diligência se aproximou; ali estava ela nos portões, com seus quatro cavalos e seu interior lotado de passageiros. O ajudante e o condutor pediram pressa em voz alta; meu baú foi içado para o alto; fui separada do pescoço de Bessie, ao qual me agarrava aos beijos.

“Certifiquem-se de cuidar bem dela”, exclamou Bessie para o ajudante quando ele me suspendeu para dentro do veículo.

“Sim, sim!”, foi a resposta. Um tapa foi desferido na porta, uma voz exclamou: “Está bem”, e partimos. Assim fui separada de Bessie e de Gateshead. Assim fui levada rumo a regiões desconhecidas e, como eu pensava então, remotas e misteriosas.

Lembro-me pouco da viagem; só sei que o dia me pareceu de uma duração sobrenatural, e que parecemos percorrer centenas de milhas de estrada. Passamos por várias cidades, e numa delas, grande, a diligência parou; os cavalos foram retirados e os passageiros saltaram para almoçar. Fui levada até uma hospedaria, onde o ajudante quis que eu almoçasse; mas como eu não estava com fome, ele me deixou num imenso salão com uma lareira em cada ponta, um lustre pendurado no teto e uma pequena estante alta, vermelha, encostada na parede repleta de instrumentos musicais. Ali fiquei andando durante muito tempo, sentindo-me muito estranha e mortalmente apreensiva de alguém entrar e me raptar, pois eu acreditava em raptos, uma vez que suas peripécias costumavam aparecer com frequência nas histórias de Bessie junto à lareira. Por fim, o ajudante voltou; fui mais uma vez levada até a diligência, meu protetor ocupou seu lugar e tocou sua corneta oca, de modo que lá fomos nós sacolejando pela “rua pedregosa” de L***.¹

A tarde caiu chuvosa e um pouco enevoadas; à medida que ela cedia lugar ao crepúsculo, comecei a sentir que estávamos de fato nos afastando muito de Gateshead. Paramos de passar por cidades; a paisagem se modificou;

grandes morros cinzentos se ergueram no horizonte, e à medida que o crepúsculo se adensava, descemos por um vale que a vegetação tornava escuro, e bem depois de a noite obscurecer tudo em volta ouvi um vento forte farfalhar por entre as árvores.

Embalada por esse som, finalmente adormeci. Não tinha pegado no sono havia muito tempo quando a interrupção repentina de movimento me fez despertar; a porta da diligência foi aberta, e uma pessoa vestida como uma criada estava postada em frente a ela; pude ver seu rosto e seu vestido à luz dos lampiões.

“Tem uma menininha chamada Jane Eyre aqui?”, indagou ela. Respondi: “Sim”, e fui então desembarcada; meu baú foi baixado, e a diligência na mesma hora se foi.

Eu estava dolorida por ter passado tanto tempo sentada e atarantada com o barulho e o movimento da diligência; recobrando os sentidos, olhei em volta. Chuva, vento e escuridão dominavam o ar; mesmo assim, pude distinguir debilmente à minha frente uma parede e nela uma porta aberta; por essa porta passei com minha nova guia. Ela a fechou e trancou depois de entrar. Então foi possível ver uma casa ou várias — pois a construção se estendia até bem longe —, com muitas janelas, e luzes acesas em algumas delas; subimos um largo caminho de seixos, todo empoçado da chuva, e fomos recebidas numa porta; a criada então me guiou por um corredor até um cômodo com uma lareira acesa, onde me deixou sozinha.

Fiquei parada, aquecendo os dedos perto do fogo, então olhei em volta; não havia vela, mas a luz hesitante do fogo revelava, a intervalos, paredes forradas de papel, tapetes, cortinas, móveis de mogno lustroso; aquilo era uma sala, não tão espaçosa ou luxuosa quanto o salão de Gateshead, mas suficientemente confortável. Eu estava intrigada tentando entender o tema

de um quadro na parede quando a porta se abriu, e uma pessoa carregando um lampião entrou; outra veio no seu encalço.

A primeira era uma senhora alta de cabelos escuros, olhos escuros e uma testa pálida e larga; tinha o corpo parcialmente envolto num xale, uma atitude grave e a postura ereta.

“A menina é muito jovem para ter sido mandada sozinha”, disse ela, pousando sua vela sobre a mesa. Examinou-me com atenção por um ou dois minutos, depois acrescentou:

“É melhor colocá-la na cama logo; ela parece cansada. Está cansada?”, indagou a mulher, pondo a mão no meu ombro.

“Um pouco, senhora.”

“E deve estar com fome também; que coma alguma coisa antes de ir para a cama, srta. Miller. É a primeira vez que você deixa seus pais para vir à escola, minha menina?”

Expliquei-lhe que eu não tinha pais. Ela quis saber quanto tempo fazia que eles tinham morrido; depois, quantos anos eu tinha, como me chamava, se sabia ler, escrever e costurar um pouco. Então tocou delicadamente minha bochecha com o indicador, e dizendo “esperar que eu fosse uma boa menina”, me dispensou junto com a srta. Miller.

A mulher que eu acabara de deixar devia ter uns vinte e nove anos; a que saiu comigo aparentava alguns anos a menos. A primeira me impressionou pela voz, pelo aspecto e pelo comportamento. A srta. Miller era mais comum: tinha uma compleição avermelhada e postura cansada. Era afobada no andar e nas ações, como quem sempre tinha múltiplas tarefas a desempenhar; parecia o que mais tarde vim a descobrir que de fato era: uma professora assistente. Conduzida por ela, fui atravessando cômodo por cômodo, corredor por corredor, de uma construção grande e irregular; ainda emergindo daquele silêncio total e um pouco triste que dominava o trecho

da casa que acabáramos de atravessar, deparamos com o zum-zum de muitas vozes, e pouco depois adentramos um cômodo largo e comprido com várias mesas, duas em cada ponta, sobre cada uma das quais ardia um par de velas, e sentadas em toda a volta em bancos havia uma congregação de meninas de todas as idades, de nove ou dez até os vinte anos. À luz fraca das velas, o número me pareceu incontável, embora na realidade não ultrapassasse oitenta; estavam todas uniformemente vestidas com túnicas de fazenda marrom e modelagem antiquada e longos aventais de linho grosso. Era a hora dos estudos; elas estavam entretidas decorando as tarefas para o dia seguinte, e o zum-zum que eu havia escutado era o resultado combinado de suas repetições sussurradas.

A srta. Miller fez sinal para eu me sentar num banco perto da porta, e então, indo até a frente da sala comprida, gritou:

“Monitoras, recolham e guardem os livros!”

Quatro meninas altas se levantaram de mesas diferentes e percorreram o recinto recolhendo os livros que levaram embora. A srta. Miller emitiu um novo comando:

“Monitoras, vão buscar as bandejas do jantar!”

As meninas altas saíram e em pouco tempo voltaram trazendo cada qual uma bandeja com porções de alguma coisa, eu não soube o quê, arrumadas em cima, e uma jarra d’água e uma caneca no meio de cada bandeja. As porções foram distribuídas; quem quisesse tomava um gole da água, a mesma caneca sendo usada por todas. Quando chegou a minha vez, eu bebi, pois estava com sede, mas na comida não toquei, já que a animação e o cansaço me tornavam incapaz de comer. Agora podia ver, contudo, que era um fino biscoito de aveia partido em pedaços.

Finda a refeição, as orações foram lidas pela srta. Miller e as turmas se retiraram duas a duas escada acima. Àquela altura, subjugada pelo cansaço,

mal reparei no tipo de lugar que era o dormitório, exceto para ver que, assim como a sala de aula, era muito comprido. Naquela noite eu ia dormir com a srta. Miller; ela me ajudou a tirar a roupa, e quando me deitei, olhei para as compridas fileiras de camas, cada uma das quais foi rapidamente preenchida por duas ocupantes; em dez minutos a única luz foi apagada; em meio ao silêncio e à escuridão total, adormeci.

A noite passou depressa. Eu estava cansada demais até para sonhar; somente uma vez acordei e pude ouvir o vento soprando em rajadas furiosas e a chuva torrencial, e percebi que a srta. Miller tinha ocupado seu lugar ao meu lado. Quando tornei a abrir os olhos, uma sineta alta estava tocando. As meninas estavam de pé, se vestindo; o dia ainda não começara a despontar, e havia uma ou duas velas de sebo acesas no recinto. Levantei-me também, com relutância; fazia um frio de rachar, e eu me vesti do melhor modo que pude por causa dos calafrios; depois me lavei quando uma bacia ficou vaga, o que demorou a acontecer, já que havia apenas uma para cada seis meninas nas bancadas que ocupavam o centro do recinto. A sineta tornou a tocar. Todas se organizaram em fila, duas a duas, e assim formadas desceram a escada e adentraram a fria e mal iluminada sala de aula; ali as preces foram lidas pela srta. Miller, que em seguida bradou: “Formem as turmas!”.

Seguiu-se por alguns minutos um grande tumulto, durante o qual a srta. Miller exclamou várias vezes: “Silêncio!” e “Ordem!”. Quando ele cessou, vi as meninas todas dispostas em quatro semicírculos diante de quatro cadeiras posicionadas em frente às quatro mesas; todas segurando livros nas mãos, e sobre cada mesa diante de uma cadeira vazia estava disposto um livro grande parecido com uma Bíblia. Seguiu-se uma pausa de alguns segundos, preenchida pelo murmúrio baixo e indistinto de uma multidão

reunida; a srta. Miller foi de turma em turma silenciando aquele barulho indefinido.

Uma sineta distante tilintou. Na mesma hora, três damas adentraram a sala, cada uma se dirigiu a uma mesa e ocupou seu lugar; a srta. Miller se acomodou na quarta cadeira vazia, a que ficava mais perto da porta e em volta da qual estavam reunidas as meninas mais novas. Fui chamada para aquela turma e posicionada no final dela.

Começaram então os estudos. A oração do dia foi dita, em seguida foram lidos alguns trechos das Escrituras, e a eles se sucedeu uma demorada leitura de capítulos da Bíblia que durou uma hora. Findo esse exercício, o dia já tinha raiado por completo. A incansável sineta tocou pela quarta vez; as turmas foram reunidas e conduzidas até outro recinto para fazer o desjejum. Como fiquei feliz com a perspectiva de poder comer alguma coisa! Estava quase passando mal de tanta fome, uma vez que comera muito pouco na véspera.

O refeitório era um recinto imenso, de teto baixo e soturno; sobre duas mesas compridas fumegavam bacias de algo quente que, no entanto, para minha consternação, exalava um cheiro longe de ser apetitoso. Testemunhei uma manifestação generalizada de descontentamento quando os eflúvios da comida chegaram às narinas daquelas que a deveriam ingerir; da dianteira do cortejo, onde caminhavam as meninas altas da primeira turma, vieram palavras sussurradas: “Que nojo! O mingau queimou outra vez!”.

“Silêncio!”, interrompeu uma voz; não era a da srta. Miller, mas sim a de uma das professoras principais, uma mulher baixa e escura, vestida com elegância, porém de aspecto um tanto moroso, que se acomodou na cabeceira de uma das mesas enquanto uma senhora mais gorda encabeçava a outra. Procurei em vão a mulher que vira na noite anterior; ela não estava lá, e quem ocupava a cabeceira da mesa à qual eu estava sentada era a srta.

Miller; enquanto uma senhora estranha, de aspecto estrangeiro e idade avançada, a professora de francês, conforme descobri mais tarde, ocupava o lugar correspondente na outra. Longos agradecimentos foram feitos e um hino foi cantado; então uma criada apareceu com chá para as professoras, e a refeição começou.

Esfomeada, e agora muito fraca, devorei uma ou duas colheradas da minha porção sem pensar no gosto; no entanto, uma vez saciado o mais crítico da fome, reparei que tinha nas mãos uma gororoba repugnante — mingau queimado é quase tão ruim quanto batatas podres; mesmo os esfomeados logo ficam com náuseas. As colheres se moviam devagar; eu via cada menina provar a comida e tentar engoli-la, mas na maior parte dos casos o esforço era logo abandonado. O café da manhã se encerrou sem ninguém comer nada. Depois de agradecer por algo que não nos tinha sido dado e cantar um segundo hino, o refeitório foi evacuado e trocado pela sala de aula. Fui uma das últimas a sair, e ao passar pelas mesas vi uma das professoras pegar uma das bacias do mingau e provar; ela olhou para as outras; todos os seus semblantes denotavam reprovação, e uma delas, a mais gorda, sussurrou: “Que coisa abominável! Que vergonha!”.

Um quarto de hora se passou antes de as aulas serem retomadas, durante o qual um glorioso tumulto reinou na sala de aula; nesse intervalo pareceu-me ser permitido falar alto e de modo mais livre, e as meninas usaram esse privilégio. A conversa toda versou sobre o desjejum, que todas criticaram sem dó. Pobrezinhas! Era o único consolo que tinham. A srta. Miller era agora a única professora no recinto; um grupo de meninas altas em pé à sua volta falava com ela usando gestos sérios e amuados. Ouvi o nome do sr. Brocklehurst ser pronunciado por algumas bocas, diante do que a srta. Miller balançou a cabeça em reprovação; mas sem fazer nenhum grande esforço para conter a ira geral, de que sem dúvida compartilhava.

Um relógio na sala de aula bateu as nove; a srta. Miller saiu do meu do círculo e, postando-se no centro do recinto, bradou: “Silêncio! Aos seus lugares!”.

A disciplina prevaleceu; em cinco minutos, a turba confusa se ordenou, e um silêncio comparativo calou o clamor babélico das línguas. As professoras principais então reocuparam pontualmente seus postos, mas mesmo assim todas pareceram aguardar. Acomodadas em bancos nas laterais do recinto, as oitenta meninas ficaram sentadas, imóveis e eretas. Que grupo extravagante parecia ser, todas com as madeixas lisas penteadas para longe do rosto, sem nenhum cacho à vista; trajando vestidos marrons fechados e cingidos por uma estreita gola no pescoço, com pequenas bolsas de linho (no formato semelhante ao da de um escocês) amarradas em frente à roupa e destinadas a cumprir o objetivo de uma bolsa de costura; todas usavam meias de lã e calçavam sapatos de fabricação rústica, fechados por fivelas de latão. Mais de vinte daquelas vestidas com esse uniforme eram moças-feitas, ou melhor, jovens mulheres; a roupa lhes caía mal e dava um aspecto esquisito até mesmo às mais bonitas.

Eu ainda estava olhando para elas, por vezes examinando as professoras — nenhuma das quais me agradava exatamente, pois a gorda era um pouco grosseira, a escura, bastante brava, a estrangeira, ríspida e grotesca, e a srta. Miller, coitada!, tinha um aspecto roxo, castigado pelo tempo e exaurido —, quando, enquanto meus olhos passavam de um rosto ao outro, a escola inteira se levantou ao mesmo tempo, como que movida por uma mesma mola.

Qual era o problema? Eu não tinha escutado nenhuma ordem ser dada; fiquei sem entender. Antes de conseguir atinar coisa com coisa, as turmas tornaram a se sentar, mas como todos os olhos agora estavam virados para um ponto, os meus seguiram essa direção genérica e encontraram a pessoa

que havia me recebido na noite anterior. Ela estava em pé no fundo da sala comprida, sobre o degrau da lareira, pois havia um fogo aceso em cada ponta; correu os olhos silenciosa e grave pelas duas fileiras de meninas. A srta. Miller se aproximou e pareceu lhe fazer uma pergunta, e depois de receber a resposta, voltou ao seu lugar e disse em voz alta: “Monitora da primeira turma, vá buscar os globos!”.

Enquanto a instrução era seguida, a dama que fora consultada pôs-se a avançar lentamente pela sala. Devo possuir um órgão de veneração² considerável, pois ainda recordo o sentimento de assombro e admiração com o qual meus olhos acompanharam seus passos. Vista daquele modo, à luz do dia, ela parecia alta, bela e bem-feita de corpo; olhos castanhos, dotados de uma luz bondosa nas íris, e um fino traçado de longos cílios em toda a volta aliviavam a alvura da testa larga; em ambas as têmporas, os cabelos, de um castanho muito escuro, reuniam-se em cachos redondos conforme a moda da época, quando nem as faixas lisas nem os cachos compridos estavam em voga; seu vestido, também ao estilo da época, era de fazenda roxa e suavizado por uma espécie de arremate espanhol de veludo negro; um relógio de ouro (os relógios na época não eram tão comuns quanto agora) brilhava na sua cintura. Para completar a imagem, o leitor pode acrescentar traços refinados; uma tez lisa, apesar de pálida; e um ar e uma postura imponentes. E assim teremos, pelo menos com a maior clareza que as palavras podem proporcionar, uma ideia correta da aparência externa da srta. Temple — Maria Temple, como depois vi seu nome escrito num livro de horas que me foi confiado para transportar até a igreja.

A diretora de Lowood (pois era dela que se tratava), após sentar-se diante de um par de globos terrestres dispostos sobre uma das mesas, chamou para junto de si a primeira turma e começou a dar uma aula de geografia; as turmas inferiores foram chamadas pelas professoras. Aulas de história,

gramática etc. prosseguiram durante uma hora; seguiram-se redação e aritmética, e aulas de música foram dadas pela srta. Temple a algumas das meninas mais velhas. A duração de cada aula era medida pelo relógio, que finalmente marcou o meio-dia. A diretora se levantou. “Tenho uma palavrinha para dizer às alunas”, disse ela. O tumulto do fim das aulas já estava começando, mas sua voz o fez cessar. Ela prosseguiu: “Hoje de manhã vocês receberam um desjejum que não puderam comer; devem estar com fome. Dei ordens para que um lanche de pão e queijo fosse servido a todas”.

As professoras a olharam com uma espécie de surpresa.

“Eu me responsabilizo por isso”, acrescentou a srta. Temple para as outras num tom de explicação, e imediatamente depois se retirou.

O pão e o queijo foram então trazidos e distribuídos, para grande deleite e saciedade da escola inteira. Então foi dada a ordem: “Para o jardim!”. Cada uma pôs um chapéu de palha grosseiro com cordões de algodão colorido e uma capa de grossa lã cinza. Fui igualmente equipada, e seguindo o fluxo encaminhei-me para o lado de fora.

O jardim era um espaço amplo cercado por muros tão altos que impediam qualquer vislumbre da paisagem; uma varanda coberta margeava um dos lados, e largos caminhos circundavam um espaço central dividido em dezenas de pequenos canteiros; esses canteiros eram atribuídos como jardins para as alunas cultivarem, e cada um tinha sua dona. Quando cheios de flores, sem dúvida eles deviam ser bonitos, mas agora, no final do mês de janeiro, tudo o que havia era desolação invernal e putrefação marrom. Estremeci ao parar e olhar em volta; era um dia inclemente para se exercitar ao ar livre — não propriamente chuvoso, mas escurecido por uma névoa amarela e úmida; tudo no chão ainda estava encharcado devido à chuva da véspera. As meninas mais fortes puseram-se a correr e a brincar de maneira

ativa, mas várias pálidas e magras se uniram na varanda em busca de abrigo e calor; e entre as últimas, à medida que a densa névoa penetrava seus corpos trêmulos, pude ouvir com frequência o som de uma tosse seca.

Até então eu ainda não havia falado com ninguém, e ninguém tampouco parecera me notar; eu estava bastante sozinha, mas me acostumara com esse sentimento de ficar isolada, e ele não me oprimia muito. Apoiei-me numa das colunas da varanda e, tentando esquecer o frio que me mordida por fora e a fome não saciada que me devorava por dentro, entreguei-me à atividade de observar e refletir. Minhas reflexões foram por demais indefinidas e fragmentadas para merecer registro. Eu ainda mal sabia onde estava. Gateshead e minha vida anterior pareciam ter flutuado para longe até uma distância incomensurável. O presente era vago e estranho, e sobre o futuro eu não conseguia fazer conjectura alguma. Olhei em volta, para aquele jardim semelhante ao de um convento, e em seguida para a casa — uma construção grande, metade da qual parecia cinza e velha, e a outra metade relativamente nova. A parte nova, que continha a sala de aula e o dormitório, era iluminada por janelas com divisórias e treliças que lhe davam um aspecto semelhante ao de uma igreja. Uma tabuleta de pedra acima da porta trazia a seguinte inscrição:

instituição lowood

esta parte foi reconstruída no ano de ***

por naomi brocklehurst, de brocklehurst hall, neste condado.

Assim brilhe sua luz diante dos homens,

para que vejam suas boas obras e glorifiquem vosso Pai, que está no céu.

mateus, versículo 16

Li e reli aquelas palavras. Senti que necessitavam de uma explicação, e não consegui compreender por completo seu teor. Ainda estava refletindo

sobre o significado de “instituição” e tentando fazer uma conexão entre as primeiras palavras e o versículo das Escrituras, quando o barulho de tosse logo atrás de mim me fez virar a cabeça. Vi uma menina sentada num banco de pedra ali perto. Ela estava curvada acima de um livro em cujo exame parecia entretida. De onde eu estava pude ver o título — era *Rasselas* —, que me pareceu estranho e por isso atraente. Ao virar uma página, ela por acaso ergueu os olhos, e eu lhe disse então: “Seu livro é interessante?”. Já estava decidida a lhe pedir que me emprestasse o livro um dia.

“Estou gostando”, respondeu a menina após uma pausa de um ou dois segundos, durante a qual me examinou.

“É sobre o quê?”, continuei. Nem sei de onde fui tirar a audácia para iniciar daquele modo uma conversa com uma desconhecida. Era um comportamento contrário à minha natureza e aos meus hábitos, mas acho que a atividade da menina tinha feito ecoar em mim alguma empatia, pois eu também gostava de ler, embora minhas leituras fossem de um tipo frívolo e infantil. Não conseguia nem digerir nem compreender as mais sérias ou densas.

“Pode olhar”, respondeu a menina, estendendo-me o livro.

Olhei. Um exame breve me convenceu de que o conteúdo era menos interessante do que o título. *Rasselas* pareceu maçante para meu gosto trivial. Não vi nada sobre fadas, nada sobre gênios; nenhuma diversão colorida parecia estar contida entre as páginas de texto apertado. Devolvi-lhe o livro. Ela o pegou em silêncio e pareceu prestes a retomar a atitude estudiosa de antes. Mais uma vez me aventurei a incomodá-la: “Pode me dizer o que significa aquilo escrito na pedra acima da porta? O que é Instituição Lowood?”.

“Esta casa em que você veio morar.”

“E por que a chamam de instituição? Ela tem algo de diferente dos outros colégios internos?”

“É em parte uma escola beneficente. Você, eu e todas as outras aqui vivemos de caridade. Imagino que você seja órfã. Seu pai ou sua mãe já morreram?”

“Os dois morreram antes de eu ter como recordá-los.”

“Bem, todas as meninas aqui perderam pai ou mãe ou ambos, e este lugar é uma instituição para educar órfãs.”

“Não pagamos nada? Eles nos sustentam sem custo?”

“Pagamos, ou nossos amigos pagam, quinze libras anuais cada uma.”

“Então por que dizer que vivemos de caridade?”

“Porque quinze libras não bastam para o sustento e o ensino, e a diferença é coberta por colaboradores.”

“Quem colabora?”

“Diversos cavalheiros e damas de inclinação caridosa nesta região e em Londres.”

“Quem foi Naomi Brocklehurst?”

“A senhora que construiu a parte nova desta casa, como informa a tabuleta, e cujo filho supervisiona e dirige tudo aqui.”

“Por quê?”

“Porque ele é o tesoureiro e administrador do estabelecimento.”

“Quer dizer que esta casa não pertence à senhora alta que usa um relógio e que disse que íamos comer pão com queijo?”

“A srta. Temple? Ah, não! Quem dera. Ela precisa prestar contas de tudo o que faz ao sr. Brocklehurst. Ele compra toda a nossa comida e todas as nossas roupas.”

“Ele mora aqui?”

“Não... mora a duas milhas daqui, numa grande mansão.”

“E é um homem bom?”

“Ele é clérigo, e dizem que vive fazendo o bem.”

“Você disse que aquela senhora alta se chama srta. Temple?”

“Isso.”

“E como se chamam as outras professoras?”

“A de bochechas vermelhas se chama srta. Smith; ela cuida da costura e corta os moldes, pois somos nós quem fazemos nossas próprias roupas, os vestidos, as capas e tudo o mais; a baixinha de cabelos pretos é a srta. Scatcherd; ela leciona história e gramática, e ouve as repetições da segunda turma; e a que usa um xale e um lenço amarrado na roupa com uma fita amarela é madame Pierrot; ela vem de Lille, na França, e leciona francês.”

“Você gosta das professoras.”

“Razoavelmente.”

“Gosta da pequena de cabelos pretos e de madame...? Não consigo pronunciar o nome dela como você pronuncia.”

“A srta. Scatcherd é afobada; é preciso tomar cuidado para não ofendê-la; madame Pierrot não é má pessoa.”

“Mas a srta. Temple é a melhor... não é?”

“A srta. Temple é muito boa e inteligente; ela está acima das outras, pois sabe muito mais do que elas.”

“Faz tempo que você está aqui?”

“Dois anos.”

“Você é órfã?”

“Minha mãe morreu.”

“É feliz aqui?”

“Você faz perguntas demais. Já lhe dei respostas suficientes por ora. Agora eu quero ler.”

Mas naquele momento soou o chamado para o almoço. Todas entraram outra vez na casa. O cheiro que agora dominava o refeitório era praticamente tão pouco apetitoso quando o que havia penetrado por nossas narinas na hora do desjejum. O almoço foi servido em dois recipientes de latão dos quais se erguia um forte vapor que recendia a gordura rançosa. Constatei que a gororoba dessa vez era feita de batatas insossas e estranhos fiapos de carne rançosa misturados e cozidos juntos. Uma pratinha relativamente generosa do preparado foi servida a cada aluna. Comi o que pude, pensando comigo mesma se a comida seria assim todos os dias.

Depois do almoço fomos levadas imediatamente para a sala de aula. As lições recomeçaram e prosseguiram até as cinco da tarde.

O único acontecimento digno de nota da tarde foi eu ter visto a menina com quem tinha conversado na varanda ser dispensada miseravelmente pela srta. Scatcherd de uma aula de história e obrigada a ficar em pé no meio da grande sala de aula. A punição me pareceu altamente ignominiosa, ainda mais para uma menina tão grande — ela parecia ter treze anos ou mais. Imaginei que fosse dar mostras de estar muito abalada e envergonhada, mas, para minha surpresa, ela não chorou nem enrubesceu. Contida, embora séria, ficou ali parada, alvo de todos os olhares. “Como ela consegue suportar isso de modo tão tranquilo... tão firme?”, pensei. “Se eu estivesse no lugar dela, acho que teria desejado que um buraco abrisse na terra e me engolisse. Ela parece estar pensando em algo diferente da sua punição, diferente da situação em que se encontra; algo que não está ao seu redor nem na sua frente. Já ouvi falar em devaneios... será que ela está tendo um devaneio? Seus olhos estão pregados no chão, mas tenho certeza de que ela não o vê — sua visão parece voltada para dentro, para as profundezas do próprio coração; acho que ela está olhando para aquilo que consegue

recordar; não para o que está de fato presente. Pergunto-me que tipo de menina ela é — se boa ou má.”

Logo depois das cinco da tarde fizemos outra refeição, que consistiu numa caneca pequena de café e meia fatia de pão preto. Devorei meu pão e bebi meu café com gosto, mas teria comido o dobro; continuei com fome. Meia hora de recreação se sucedeu, depois estudo; então o copo d’água e o pedaço de biscoito de aveia, as preces e cama. Assim foi meu primeiro dia em Lowood.

1. Referência ao poema narrativo de Byron “*A peregrinação de Childe Harold*”.

2. Referência a *The Constitution of Man* (1835), de George Combe, que, segundo os princípios da frenologia, considerava a conformação do crânio uma indicação do caráter e do intelecto humanos.

Começamos o dia seguinte como o anterior, levantando-nos e vestindo-nos à luz das velas de sebo; mas fomos obrigadas a pular a cerimônia da toalete: a água nas jarras havia congelado. Na noite anterior ocorrera uma mudança no tempo, e um forte vento nordeste que passara a noite inteira assobiando pelas frestas das janelas do nosso dormitório nos fizera tremer na cama e transformara em gelo o conteúdo das jarras.

Antes de a longa hora e meia de preces e leitura da Bíblia acabar, eu já estava quase morta de frio. Finalmente veio a hora do desjejum, e nesse dia o mingau não tinha queimado; a qualidade era comível, a quantidade pequena; que pequena pareceu minha porção! Eu queria que tivesse tido o dobro da quantidade.

Ao longo do dia fui incluída como integrante da quarta turma, e tarefas e atividades regulares me foram atribuídas; enquanto até então eu fora apenas uma espectadora dos acontecimentos em Lowood, agora ia tomar parte deles. No início, como estava pouco acostumada a decorar, as aulas me pareceram ao mesmo tempo longas e difíceis; a mudança frequente de uma tarefa para outra também me deixava atarantada, e fiquei aliviada quando, por volta das três da tarde, a srta. Smith pôs nas minhas mãos uma faixa de musselina com dois metros de comprimento juntamente com agulha, dedal

etc., e me mandou sentar num canto tranquilo da sala com instruções para fazer bainha no tecido. Naquele horário a maioria das outras também estava costurando, mas uma das turmas continuava ao redor da cadeira da srta. Scatcherd, lendo, e como tudo era silêncio, o tema de sua aula podia ser ouvido, assim como o modo como cada menina se saía, e as críticas e comentários da srta. Scatcherd sobre seu desempenho. Era uma aula de história da Inglaterra. Entre as que estavam lendo, observei minha conhecida da varanda, e no início da aula seu lugar era na frente da turma, mas devido a algum erro de pronúncia ou alguma desatenção com os pontos-finais, ela de repente foi mandada lá para trás. Mesmo nesse lugar obscuro, a srta. Scatcherd continuou a fazer dela um objeto de atenção constante; não parava de lhe dirigir frases como as que se seguem:

“Burns” (esse parecia ser o seu nome; todas as meninas ali eram chamadas pelo sobrenome, como acontece com os meninos em outros lugares). “Burns, você está pisando com a borda do sapato, vire o pé para dentro agora mesmo.” “Burns, seu queixo está empinado de modo bem desagradável; encolha-o.” “Burns, insisto para que mantenha a cabeça erguida; não vou tolerá-la na minha frente com essa postura” etc. etc.

Após um capítulo ser lido duas vezes, os livros foram fechados e as meninas, arguidas. A aula havia abordado parte do reinado de Carlos I, e houve perguntas variadas sobre taxas e os impostos de guerra cobrados aos navios, as quais a maioria delas pareceu incapaz de responder; no entanto, todas as pequenas dificuldades foram solucionadas no mesmo instante quando chegou a vez de Burns. Sua memória parecia ter armazenado o essencial da aula inteira, e ela tinha as respostas para cada pergunta prontas. Fiquei esperando a srta. Scatcherd elogiar sua atenção, mas em vez disso a professora de repente exclamou:

“Sua menina suja e desagradável! Você não limpou as unhas hoje de manhã!”

Burns não respondeu nada; fiquei intrigada com seu silêncio.

“Ora”, pensei, “por que ela não explica que não pôde limpar as unhas nem lavar o rosto porque a água estava congelada?”

Minha atenção foi então atraída quando a srta. Smith me pediu para segurar uma meada de linha; enquanto a enrolava, ela falava comigo de tempos em tempos, perguntando se eu já tinha frequentado alguma escola, se sabia alinhar, costurar, tricotar etc.; até ela me dispensar, não pude continuar minha observação dos movimentos da srta. Scatcherd. Quando voltei para o meu lugar, a professora estava dando uma ordem cujo teor não consegui captar, mas Burns imediatamente se afastou da turma e, entrando na salinha interna onde ficavam guardados os livros, saiu dali um minuto depois tendo nas mãos um feixe de gravetos amarrados todos juntos numa das pontas. Apresentou essa ferramenta ameaçadora à srta. Scatcherd com uma cortesia respeitosa; então, sem dizer nada e sem que lhe mandassem, soltou o avental, e na mesma hora a professora desferiu com força doze golpes com o feixe de gravetos em seu pescoço. Nenhuma lágrima brotou dos olhos de Burns, e embora eu tivesse feito uma pausa na costura porque meus dedos tremiam com um sentimento de raiva inútil e impotente diante daquele espetáculo, nenhum traço sequer de seu rosto pensativo se alterou em reação à sua expressão habitual.

“Sua menina insensível”, exclamou a srta. Scatcherd; “nada é capaz de corrigi-la ou de mudar seus hábitos desleixados; leve a vara embora.”

Burns obedeceu; observei-a com atenção quando ela estava saindo da salinha dos livros. Acabava de guardar o lenço de volta no bolso, e o rastro de uma lágrima cintilava em sua bochecha magra.

A parte do dia em Lowood que eu achava mais agradável era a hora da recreação no fim da tarde: o pedaço de pão e o gole de café consumidos às cinco restauravam a vitalidade, ainda que não saciassem a fome; o rígido controle do dia se abrandava; a sala de aula parecia mais quente do que de manhã, já que permitiam que as lareiras ardessem com um pouco mais de intensidade para substituir em alguma medida as velas, que ainda não tinham sido acesas; a claridade avermelhada, a agitação permitida e a confusão de muitas vozes proporcionavam uma bem-vinda sensação de liberdade.

No final do dia em que eu tinha visto a srta. Scatcherd castigar sua aluna Burns, percorri os bancos, mesas e grupos que riam, como de costume sem uma companheira, mas ainda assim não me senti solitária. Ao passar pelas janelas, de vez em quando erguia uma persiana e olhava para fora; nevava forte, e a neve já se amontoava contra as vidraças mais baixas; ao aproximar o ouvido da janela, pude distinguir do alegre tumulto interno o gemido desconsolado do vento lá fora.

Se eu tivesse pouco antes deixado uma boa casa e pais bondosos, provavelmente aquele seria o momento em que teria lamentado com mais intensidade essa separação. Aquele vento teria me entristecido o coração e aquele caos obscuro perturbaria a minha paz. Mas a verdade é que eu extraía de ambos uma estranha animação e, destemida e febril, desejei que o vento uivasse com mais força, que a penumbra virasse escuridão e que a confusão se transformasse em clamor.

Pulando por cima de bancos e esgueirando-me por baixo de mesas, consegui chegar a uma das lareiras; ali, ajoelhada junto à grade alta de arame, encontrei Burns, absorta, calada, distraída de tudo à sua volta pela companhia de um livro que lia à débil luz das brasas.

“Ainda é *Rasselas*?”, perguntei, chegando por trás dela.

“Sim”, respondeu Burns, “e acabei de terminar.”

E dali a outros cinco minutos ela fechou o livro. Aquilo me deixou contente.

“Agora quem sabe consigo fazê-la falar”, pensei. Sentei-me ao lado dela, no chão.

“Qual é seu nome, além de Burns?”

“Helen.”

“Você é de muito longe daqui?”

“Sou de um lugar mais ao norte; quase na fronteira com a Escócia.”

“Vai voltar para lá algum dia?”

“Espero que sim; mas ninguém pode ter certeza do futuro.”

“Você deve querer ir embora de Lowood, não?”

“Não; por que deveria? Fui mandada para cá para receber uma educação, e de nada adiantaria ir embora antes de ter alcançado esse objetivo.”

“Mas aquela professora, a srta. Scatcherd, é muito cruel com você, não?”

“Cruel? Nem um pouco! Ela é severa; não gosta quando cometo erros.”

“Se eu estivesse no seu lugar não gostaria dela, resistiria; se ela me batesse com aquela vara, arrancaria a vara da mão dela, quebraria a vara debaixo do nariz dela.”

“Você provavelmente não faria nada do tipo, mas, se fizesse, o sr. Brocklehurst a expulsaria da escola. Isso causaria grande pesar aos seus familiares. Mais vale aguentar pacientemente um castigo que ninguém sente a não ser você do que cometer um ato impensado cujas consequências ruins atingirão todos aqueles ligados a você; além do mais, a Bíblia nos ensina a retribuir o mal com o bem.”

“Mas parece horrível apanhar e ser obrigada a ficar em pé no meio de uma sala cheia de gente. E você é uma menina tão grande; eu sou bem mais nova, não conseguiria suportar.”

“Mas seria seu dever suportar, se não pudesse evitar tal coisa. É fraco e tolo dizer que não consegue suportar uma coisa que seu destino exige que suporte.”

Escutei-a com assombro. Não conseguia compreender aquela doutrina da resistência, menos ainda compreender ou me solidarizar com a tolerância que ela exprimia por sua algaz. No entanto, tinha a sensação de que Helen Burns considerava as coisas a uma luz invisível aos meus olhos. Desconfiava que ela pudesse estar certa e eu, errada, mas não pude refletir mais profundamente sobre o assunto; assim como Félix, adiei aquilo para uma estação mais propícia.

“Você diz que comete erros. Que erros, Helen? A mim você parece muito boa.”

“Então aprenda comigo a não julgar pelas aparências. Sou desleixada, como a srta. Scatcherd falou; raramente ponho as coisas em ordem e nunca as mantenho assim; sou descuidada; esqueço as regras; leio quando deveria estar decorando as lições; não tenho método, e às vezes digo, como você, que não *suporto* ser submetida a uma organização sistemática. Isso tudo é muito irritante para a srta. Scatcherd, que é naturalmente organizada, pontual e precisa.”

“E enfezada e cruel”, acrescentei. Mas Helen Burns não reconheceu meu acréscimo e se manteve calada.

“A srta. Temple é tão severa com você quanto a srta. Scatcherd?”

Ao escutar o nome da srta. Temple, um leve sorriso cruzou seu semblante grave.

“A srta. Temple é repleta de bondade; dói-lhe ser severa com qualquer uma, mesmo com as piores da escola. Ela vê meus erros e os assinala para mim com brandura; e quando eu faço algo digno de elogio, a srta. Temple me recompensa com generosidade. Uma prova forte da minha índole

irremediavelmente defeituosa é que nem mesmo as reprimendas dela, tão suaves, tão racionais, têm influência no sentido de me curar de meus erros; e nem mesmo seus elogios, embora eu os valorize imensamente, conseguem me estimular a cultivar o cuidado e a organização.”

“Que curioso”, comentei. “Ser cuidadosa é bem fácil.”

“Não tenho dúvida de que para *você* é. Fiquei observando-a na aula hoje de manhã e vi como prestava atenção. Seu pensamento nunca pareceu vagar enquanto a srta. Miller explicava a lição e a tomava. Mas o meu vive se distraindo. Quando eu deveria estar escutando a sra. Scatcherd e decorando cuidadosamente tudo o que ela diz, muitas vezes chego a perder o próprio som da sua voz e mergulho numa espécie de sonho. Às vezes acho que estou em Northumberland e que os ruídos que escuto à minha volta são os gorgolejos de um pequeno regato que passa por Deepden, perto da nossa casa... Então, quando chega a minha vez de responder, preciso ser despertada. E, como não escutei nada do que foi lido porque estava ouvindo o regato imaginário, não tenho nenhuma resposta pronta.”

“Mas *você* respondeu muito bem hoje à tarde.”

“Foi por puro acaso. O assunto sobre o qual estávamos lendo tinha me interessado. Hoje à tarde, em vez de sonhar com Deepden, fiquei pensando como um homem que desejava agir corretamente pode ter agido de modo tão injusto e insensato quanto Carlos i às vezes agiu; e pensei que era uma pena que, com sua integridade e sua consciência, ele não conseguisse ver além das prerrogativas da coroa. Se ao menos tivesse conseguido olhar mais adiante, ver para onde rumava o que chamam de espírito da época! Apesar disso gosto de Carlos, respeito-o e tenho pena dele, pobre rei assassinado! Sim, seus inimigos foram os piores que poderia haver. Verteram sangue que não tinham o direito de verter. Como se atreveram a matá-lo?”

Helen agora estava falando sozinha; tinha esquecido que eu não podia compreendê-la muito bem — que era ignorante, ou quase, em relação ao tema sobre o qual ela falava. Chamei-a de volta ao meu nível.

“E quando quem está ensinando é a srta. Temple, seus pensamentos vagueiam?”

“Não, certamente não com frequência. Porque a srta. Temple em geral tem algo a dizer que é mais novo do que minhas próprias reflexões. Sua linguagem me é singularmente agradável, e as informações que ela transmite são com frequência exatamente aquilo que eu desejava aprender.”

“Bom, então com a srta. Temple você é boa aluna?”

“Sim, de um modo passivo; não faço nenhum esforço; sigo na direção a que sou levada por minha inclinação. Não há mérito algum em ser boa assim.”

“Há, sim, e muito; você é boa com aqueles que são bons com você. Não almejo nada além disso. Se as pessoas sempre fossem bondosas e obedientes com quem é cruel e injusto, os maus fariam sempre tudo o que quisessem; como nunca sentiriam medo, nunca mudariam, mas ficariam cada vez piores. Quando apanhamos sem motivo, deveríamos revidar com muita força, disso eu tenho certeza... com tanta força a ponto de ensinar a pessoa que está nos batendo a nunca mais fazer isso.”

“Espero que você mude de ideia quando ficar mais velha. Por enquanto é apenas uma menina sem instrução.”

“Mas é isso que eu sinto, Helen. Preciso não gostar de quem, por mais que eu me esforce para agradar, insiste em não gostar de mim; preciso resistir a quem me pune injustamente. É tão natural quanto amar aqueles que demonstram afeto por mim, ou que me submetem à punição quando julgo que ela é merecida.”

“Os pagãos e as tribos selvagens sustentam essa doutrina; mas os cristãos e as nações civilizadas a rejeitam.”

“Como? Não estou entendendo.”

“O melhor modo de sobrepujar o ódio não é a violência, assim como a vingança não é o melhor modo de curar uma ofensa.”

“Então qual é?”

“Leia o Novo Testamento e observe o que diz Jesus e como Ele age; faça das palavras Dele a sua regra, e da conduta Dele o seu exemplo.”

“O que Ele diz?”

“Ame seus inimigos; abençoe aqueles que o amaldiçoam; trate bem quem o odeia e o trata com desprezo.”

“Nesse caso, eu deveria amar a sra. Reed, coisa de que sou incapaz. Deveria abençoar seu filho John, o que é impossível.”

Por sua vez, Helen Burns me pediu para explicar, e eu então comecei a contar, à minha própria maneira, a história de meus sofrimentos e mágoas. Amarga e truculenta quando exaltada, falei da mesma forma que me sentia, sem reserva ou abrandamento.

Helen me escutou pacientemente até o fim; imaginei que ela então fosse comentar alguma coisa, mas ela nada disse.

“Bem”, falei, impaciente, “a sra. Reed não é uma mulher má, de coração duro?”

“Ela foi má com você, sem dúvida, porque seu tipo de temperamento a desagrada, entende, assim como o meu desagrada à srta. Scatcherd; mas com que detalhe você recorda tudo o que ela lhe fez e lhe disse! Que impressão singularmente profunda a injustiça dela parece ter deixado no seu coração! Nenhum abuso assim deixa tal marca nos meus sentimentos. Você não seria feliz se tentasse esquecer a severidade dela, bem como as arrebatadas emoções que ela suscitou? A vida me parece demasiado curta

para ser passada cultivando a animosidade ou registrando erros. Todos neste mundo temos defeito, e não há como ser diferente. Mas acredito que logo chegará o dia em que, acredito, vamos nos livrar deles ao nos livrar de nosso corpo corruptível; quando a vileza e o pecado nos abandonarem junto com esse frágil envelope de carne e restar apenas a centelha do espírito: o princípio impalpável da vida e do pensamento, tão puro quanto quando deixou o Criador para inspirar a criatura; de onde ele veio, para lá irá voltar, talvez para ser novamente transmitido a algum ser superior ao homem, talvez para atravessar gradações de glória, da simples alma humana ao brilhante serafim! Com certeza, ao contrário, nunca lhe será permitido degenerar de homem em demônio? Não, nisso não posso crer; defendo outro credo, que ninguém nunca me ensinou e ao qual raramente me refiro, mas que muito me alegra e ao qual me agarro, pois dá esperanças a todos; faz da eternidade um descanso — um lar poderoso, não um terror e um abismo. Além do mais, com esse credo, posso distinguir claramente entre o criminoso e o crime, e consigo perdoar com sinceridade o primeiro ao mesmo tempo que abomino o segundo; com esse credo, a vingança nunca preocupa meu coração, a degradação nunca me repugna profundamente demais, a injustiça nunca me esmaga com força excessiva. E eu levo uma vida de calma, com os olhos voltados para o fim.”

A cabeça de Helen, que sempre estivera abaixada, afundou mais um pouco quando ela concluiu essa frase. Vi por sua expressão que ela não desejava mais falar comigo, preferindo se entreter com os próprios pensamentos. Não lhe foi dado muito tempo para a meditação. Uma das monitoras, uma menina alta e rude, apareceu exclamando num forte sotaque de Cumberland:

“Helen Burns, se não for agora mesmo arrumar sua gaveta e dobrar sua costura, vou dizer à srta. Scatterd para vir olhar!”

Helen suspirou quando seu devaneio se dissipou, então ela se levantou e obedeceu à monitora sem demora ou hesitação.

Meu primeiro trimestre em Lowood pareceu durar uma eternidade, e não foi a melhor das épocas; nela travei uma irritante batalha com as dificuldades de me habituar a novas regras e tarefas indesejadas. O medo de fracassar nesses quesitos me atormentava mais do que as agruras físicas da minha existência, embora elas não fossem poucas.

Durante os meses de janeiro e fevereiro e em parte de março, a neve profunda e, após esta derreter, as estradas praticamente intransponíveis nos impediram de ultrapassar os muros do jardim, exceto para ir à igreja, mas dentro daqueles limites tínhamos de passar uma hora por dia ao ar livre. Nossas roupas eram insuficientes para nos proteger do frio intenso; não tínhamos botas, a neve entrava em nossos sapatos e derretia lá dentro; nossas mãos sem luvas ficavam dormentes e cobertas de feridas, assim como nossos pés. Lembro-me bem da distração irritante que isso me provocava toda noite, quando meus pés se inflamavam, e da tortura de enfiar os dedos inchados, vermelhos e rígidos nos sapatos pela manhã. Além do mais, o estoque escasso de comida era motivo de aflição; com o grande apetite de crianças em fase de crescimento, mal recebíamos o bastante para sustentar um frágil inválido. A deficiência alimentar dava origem a um abuso que pesava com força sobre as alunas mais novas:

sempre que as meninas maiores famintas tinham oportunidade, convenciam ou ameaçavam as menores para lhes tirar sua porção. Muitas vezes tive que dividir entre duas solicitantes o precioso pedaço de pão preto distribuído na hora do chá, e após ceder a uma terceira metade do conteúdo de minha caneca de café, engoli o que restava acompanhado por lágrimas secretas arrancadas de mim pelos rigores da fome.

Domingos eram dias desolados naquela estação invernal. Tínhamos de percorrer a pé as duas milhas até a igreja de Brocklebridge, onde nosso patrono oficiava. Saíamos com frio e chegávamos à igreja com mais frio ainda. Durante a missa da manhã, ficávamos quase paralisadas. A distância era grande demais para voltarmos a tempo do almoço, e uma porção de carne fria e pão, na mesma parca quantidade observada em nossas refeições habituais, era servida entre uma missa e outra.

Ao final da missa da tarde, voltávamos por uma estrada exposta e acidentada, onde o vento cruel que soprava de uma cordilheira de montanhas com picos nevados em direção ao norte quase nos arrancava a pele do rosto.

Lembro-me da srta. Temple caminhando com um passo leve e rápido junto à nossa fileira encurvada, com a capa quadriculada que o vento glacial fazia esvoaçar bem fechada em volta do corpo, incentivando-nos, por meio de preceitos e do próprio exemplo, a manter o moral e seguir caminhando “qual valentes soldados”, como ela dizia. As outras professoras, pobrezinhas, em geral estavam elas próprias demasiado desalentadas para se arriscar na tarefa de incentivar os outros.

Como ansiávamos pela luz e pelo calor de uma lareira acesa ao voltar! Mas pelo menos às menores aquilo era negado; cada lareira da sala de aula era imediatamente cercada por uma fileira dupla de meninas grandes, e

atrás delas as menores se agachavam em grupos, cruzando os braços descarnados dentro de seus aventais.

Certo alento surgia na hora do chá na forma de uma porção dupla de pão — uma fatia inteira em vez de meia — com o delicioso acréscimo de uma fina camada de manteiga; era o banquete semanal pelo qual todas ansiávamos de um domingo ao outro. Eu em geral conseguia reservar metade desse suntuoso repasto para mim mesma, mas o restante, invariavelmente, era obrigada a entregar.

O final do domingo era passado repetindo de cor o catecismo da igreja e o quinto, o sexto e o sétimo capítulos de são Mateus, e ouvindo um longo sermão lido pela srta. Miller, cujos bocejos impossíveis de conter testemunhavam seu cansaço. Um interlúdio frequente daquelas leituras era o papel de Êutico representado por meia dúzia de meninas que, subjugadas pelo sono, caíam, ainda que não do terceiro andar, pelo menos da quarta fila, e eram recolhidas semimortas. O remédio era empurrá-las até o meio da sala de aula e obrigá-las a ficar em pé ali até o final do sermão. Às vezes seus pés fraquejavam e elas desabavam todas juntas numa ilha; eram então escoradas com os bancos altos das monitoras.

Ainda não fiz alusão às visitas do sr. Brocklehurst, e de fato esse cavalheiro passou a maior parte do primeiro mês após minha chegada longe, talvez prolongando a temporada com seu amigo arcediago; sua ausência foi para mim um alívio. Nem preciso dizer que eu tinha meus próprios motivos para temer sua vinda. Mas ele por fim apareceu.

Certa tarde (fazia três semanas que eu chegara em Lowood), quando estava sentada com uma lousa na mão quebrando a cabeça com uma divisão, meus olhos, erguidos distraidamente na direção da janela, captaram o vislumbre de uma silhueta que passava. Reconheci quase por instinto aquele contorno emaciado; e quando, dois minutos depois, a escola inteira,

inclusive as professoras, levantou-se *en masse*, não foi preciso erguer os olhos para entender de quem era a chegada que fazia todas reagirem daquele modo. Um passo longo percorreu a sala de aula, e pouco depois parou ao lado da srta. Temple, que tinha se levantado também, a mesma coluna negra que havia me encarado com o cenho franzido e uma expressão ameaçadora do tapete em frente à lareira de Gateshead. Espiei então de esguelha aquele elemento arquitetônico. Sim, eu estava certa: era o sr. Brocklehurst, todo abotoado num sobretudo e com um aspecto mais comprido, mais estreito e mais rijo do que nunca.

Eu tinha meus próprios motivos para ficar consternada com aquela aparição; lembrava-me muito bem das pérfidas insinuações feitas pela sra. Reed em relação à minha índole etc., e da promessa do sr. Brocklehurst de informar a srta. Temple e as professoras sobre a minha índole ruim. Vinha temendo desde o início o cumprimento dessa promessa, esperando diariamente o “Advento” do homem cujas informações relativas à minha vida e às minhas relações pregressas iriam me rotular para sempre como uma criança má; agora ali estava ele. Parado ao lado da srta. Temple, falou-lhe em voz baixa ao ouvido. Não tive dúvidas de que estava lhe fazendo revelações sobre minha vilania; e fiquei observando os olhos dela com doloroso nervosismo, esperando a qualquer momento ver sua órbita escura se virar para mim com uma expressão de repulsa e desprezo. Fiquei escutando também; e como por acaso estava sentada mais para a frente da sala, pude ouvir a maior parte do que ele disse. O teor da conversa aliviou momentaneamente minha apreensão.

“Srta. Temple, imagino que a linha que comprei em Lowton vá servir. Pareceu-me que seria da qualidade ideal para as camisas de algodão, e escolhi as agulhas adequadas. Pode avisar à srta. Smith que esqueci de fazer um memorando sobre as agulhas de cerzir, mas que ela receberá alguns

pacotes na semana que vem, e que não deve, sob hipótese alguma, entregar mais de uma por vez a cada aluna. Se receberem mais, elas tenderão a ser descuidadas e perdê-las. E, ah, senhorita! Eu gostaria que as meias de lã fossem mais bem cuidadas! Na última vez em que estive aqui, fui ao quintal da cozinha e examinei as roupas estendidas no varal; havia muitas meias pretas em péssimo estado de conservação; pelo tamanho dos buracos, tive certeza de que não vinham sendo cerzidas de tempos em tempos.”

Ele fez uma pausa.

“Suas instruções serão obedecidas, senhor”, disse a srta. Temple.

“E senhorita”, prosseguiu ele, “a lavadeira me disse que algumas das meninas recebem duas golas limpas por semana; é demais. As regras as limitam a apenas uma.”

“Acho que consigo explicar isso, senhor. Agnes e Catherine Johnstone foram convidadas para tomar chá com amigas em Lowton na quinta-feira passada, e eu lhes dei permissão para usar golas limpas nesse dia.”

O sr. Brocklehurst aquiesceu.

“Bem, dessa vez está bem; mas, por favor, não permita que isso ocorra com demasiada frequência. E tem mais uma coisa que me deixou surpreso: ao acertar as contas com a governanta, descobri que um lanche de pão com queijo foi servido duas vezes às meninas nos últimos quinze dias. Por que isso? Examinei o regulamento e não encontrei nenhuma refeição do tipo. Quem introduziu essa inovação? E com que autoridade?”

“Quem deve se responsabilizar por isso sou eu”, respondeu a srta. Temple. “O desjejum foi tão mal preparado que as alunas não puderam comer, e não tive coragem de deixá-las em jejum até a hora do almoço.”

“Um instante. A senhorita sabe que meu plano ao criar essas meninas é não acostamá-las a hábitos de luxo e indulgência, mas torná-las resistentes, pacientes, abnegadas. Caso venha a ocorrer alguma decepção acidental do

apetite, como uma refeição estragada ou algum prato insuficiente ou excessivamente condimentado, o incidente não deve ser neutralizado com a substituição do conforto perdido por algo mais delicado, afagando assim o corpo e contrariando o objetivo desta instituição; isso deveria ser usado para a edificação espiritual das alunas, para incentivá-las a cultivar a fortaleza diante da privação temporária. Em tais ocasiões, um breve sermão não seria equivocado, por meio do qual um instrutor judicioso aproveitaria a oportunidade para se referir aos sofrimentos dos primeiros cristãos; aos tormentos dos mártires; às exortações de Nosso Senhor em pessoa, que convocou Seus discípulos a abraçar a cruz e segui-Lo; aos Seus alertas de que o homem não deve viver apenas de pão, mas de cada palavra que sai da boca de Deus; e aos Seus divinos consolos: ‘Felizes os que sofrerem fome ou sede por minha causa’. Ah, quando a senhora põe na boca dessas crianças pão e queijo em vez de mingau queimado, pode até estar alimentando seus corpos vis, mas não percebe que mata de fome suas almas imortais!”

O sr. Brocklehurst fez uma nova pausa, talvez subjugado pelas próprias emoções. A srta. Temple havia baixado os olhos quando ele começara a lhe falar, mas agora os mantinha bem fixos à frente, e seu rosto, naturalmente pálido como mármore, parecia estar também assumindo a frieza e a imobilidade daquele material, principalmente a boca, fechada como se fosse necessário um cinzel de escultor para abri-la, enquanto a testa aos poucos se imobilizava numa severidade pétrea.

Enquanto isso, o sr. Brocklehurst, em pé junto à lareira, com as mãos atrás das costas, majestosamente corria os olhos pela escola inteira. De repente seus olhos piscaram, como se tivessem dado com algo que ofuscassem ou chocassem suas pupilas; virando-se, ele falou num ritmo mais veloz do que o que usara até então. “Srta. Temple, srta. Temple, mas o

quê... *o que é* aquela menina de cabelos cacheados? Cabelos ruivos, madame, cacheados... inteiramente cacheados?” E, estendendo a bengala, ele apontou para o detestável objeto com a mão trêmula.

“Aquela é Julia Severn”, respondeu a srta. Temple bem baixinho.

“Julia Severn, senhorita! E por que ela, ou outra qualquer, tem os cabelos cacheados? Por que, contrariando todos os preceitos e princípios desta casa, ela se conforma tão abertamente ao mundo — aqui, num estabelecimento cristão, benéfico —, a ponto de usar os cabelos numa profusão de cachos?”

“Os cachos de Julia são naturais”, retrucou a srta. Temple numa voz mais baixa ainda.

“Naturais! Sim, mas não devemos nos conformar à natureza. Desejo que essas meninas sejam as filhas da Graça. E por que essa abundância toda? Várias vezes deixei claro que desejo que os cabelos sejam arrumados rente à cabeça, de forma modesta e simples. Srta. Temple, os cabelos dessa menina precisam ser inteiramente cortados; mandarei vir um barbeiro amanhã, e estou vendo outras que possuem essa excrescência em demasiada fartura... aquele alta ali, diga-lhe para se virar. Diga a toda a primeira turma para se levantar e ficar de frente para a parede.

A srta. Temple passou o lenço por cima dos lábios como para alisar o sorriso involuntário que os fazia se curvar; no entanto, deu a ordem, e quando conseguiu entender o que lhe estava sendo pedido, a primeira turma obedeceu. Inclinando-me um pouco para trás na minha carteira, pude ver as expressões e caretas com as quais as meninas reagiam à manobra. Era uma pena o sr. Brocklehurst não poder vê-las também; talvez ele tivesse sentido que, fizesse o que fizesse com o exterior do copo e do prato, o interior estava mais fora do alcance da sua interferência do que ele imaginava.

Ele passou uns cinco minutos examinando o verso daquelas medalhas vivas, então proferiu sua sentença. As palavras caíram como uma condenação. “Todos esses cabelos precisam ser cortados.”

A srta. Temple pareceu protestar.

“Senhorita”, prosseguiu ele, “eu tenho um Mestre a quem servir cujo reino não é deste mundo. Minha missão é reprimir nessas meninas os anseios da carne, ensinar-lhes a se vestir com pudor e sobriedade, não com tranças nos cabelos e trajes custosos; e todas essas jovens aqui na nossa frente têm os cabelos frisados em cachos que a própria vaidade poderia ter moldado. Eles devem ser cortados, repito; pense no tempo perdido, pense no...”

Nesse ponto, o sr. Brocklehurst foi interrompido. Três outras visitas, todas mulheres, adentraram o recinto. Elas deveriam ter chegado um pouco antes para escutar seu sermão sobre indumentária, pois vinham esplendidamente vestidas de veludo, seda e peles. As duas mais jovens do trio (belas moças de dezesseis e dezessete anos) usavam chapéu de castor cinza, então em voga, enfeitado com penas de avestruz, e por baixo da aba do gracioso adorno de cabeça se derramava uma profusão de pequenos cachos cuidadosamente frisados; a senhora mais velha estava enrolada num caro xale de veludo debruado de arminho e usava uma franja postiça de cachos franceses.

As senhoras foram recebidas com deferência pela srta. Temple como a sra. e as srtas. Brocklehurst, e conduzidas a lugares de honra na frente da sala. Pelo visto tinham chegado na mesma carruagem do reverendo seu parente e realizado uma escrupulosa vistoria no andar de cima enquanto ele falava de negócios com a governanta, questionava a lavadeira e passava um sermão na diretora. Elas então começaram fazer comentários e reprimendas variados à srta. Smith, que era encarregada das roupas e da inspeção dos

dormitórios; mas não tive tempo de escutar o que diziam, pois outras questões desviaram e retiveram minha atenção.

Até então, enquanto escutava o diálogo entre o sr. Brocklehurst e a srta. Temple, eu ao mesmo tempo não deixara de tomar precauções para garantir minha segurança pessoal, algo que pensei só ser possível caso conseguisse passar despercebida. Com esse intuito, tinha me sentado bem para trás da turma e, aparentando estar entretida com minha conta, havia segurado a lousa de modo a esconder o rosto. Poderia não ter chamado atenção se minha traiçoeira lousa não tivesse de algum modo me escorregado das mãos e caído com um estrondo audível, atraindo todos os olhares para mim no mesmo instante; nessa hora eu soube que era o fim, e ao me abaixar para recolher os dois fragmentos de lousa, reuni forças para suportar o pior. E ele veio.

“Que menina descuidada!”, comentou o sr. Brocklehurst, e logo depois acrescentou: “Mas vejo que é a aluna nova”. E, antes de eu conseguir recuperar o fôlego: “Não posso esquecer que tenho uma palavrinha a dizer em relação a ela”. Então, em voz alta — e quão alta ela me soou!: “Que a menina que quebrou a lousa dê um passo à frente!”.

Por moto próprio eu não poderia ter me mexido; estava paralisada. Mas as duas meninas maiores sentadas de um lado e outro de mim me puseram de pé e me empurraram na direção do temido juiz, e então a srta. Temple me ajudou delicadamente a chegar bem junto dele, e pude ouvir seu conselho sussurrado: “Não tenha medo, Jane, eu vi que foi um acidente; você não vai ser punida”.

O sussurro bondoso atingiu meu coração como uma adaga.

“Mais um minuto e ela vai me desprezar por ser hipócrita”, pensei, e um impulso de fúria contra Reed, Brocklehurst e companhia latejou em minhas veias. Eu não era nenhuma Helen Burns. “Peguem aquele banquinho”, disse

o sr. Brocklehurst, apontando para um banco bem alto do qual uma monitora acabara de se levantar. Ele foi trazido.

“Ponham a criança nele.”

E ali fui posta, por quem não sei. Não estava em condições de reparar em detalhes. Tive consciência apenas de ter sido içada até a altura do nariz do sr. Brocklehurst, de que ele estava a um metro de mim, e de que uma mancha de capas de seda entremeadas de laranja e roxo e uma nuvem de penas prateadas se espalhava e ondulava abaixo de mim.

O sr. Brocklehurst bradou:

“Senhoras”, falou, virando-se para as parentes; “srta. Temple, professoras e alunas, estão todas vendo esta menina?”

É claro que eles estavam, pois eu podia sentir seus olhos cravados na minha pele, que ardia como o sol através de uma lupa.

“Podem ver que ela ainda é jovem; podem observar que possui o formato normal da infância; Deus graciosamente lhe concedeu o mesmo formato que concedeu a todos nós; nenhuma deformidade a destaca como alguém marcado. Quem poderia pensar que o Maldoso já encontrou nela uma serva e uma agente? No entanto, lamento dizer que assim é.”

Houve uma pausa, durante a qual comecei a vencer a paralisia de meus nervos e a sentir que fora atravessado o Rubicão, e que o julgamento, não mais possível de evitar, precisava ser suportado com firmeza.

“Minhas caras crianças”, prosseguiu o clérigo de mármore negro em tom de pesar, “este é um dia triste e melancólico, pois é meu dever alertá-las de que essa menina, que poderia ser uma das ovelhas do próprio Deus, é uma pequena naufraga — não uma integrante do verdadeiro rebanho, mas obviamente uma intrusa, uma forasteira. Vocês precisam ficar atentas a ela; precisam repelir seu exemplo e, se necessário, evitar sua companhia, excluí-la de suas atividades e isolá-la de suas conversas. Professoras, é preciso

vigiá-la: observem seus movimentos, sopesem bem cada palavra sua, examinem seus atos, punam seu corpo de modo a salvar sua alma, se de fato essa salvação for possível, pois (minha língua falha ao contar isso) essa menina, essa criança, filha de uma terra cristã, pior do que muitos pequenos pagãos que fazem preces a Brahma e que se ajoelham diante de Jagannath... esta menina... ela mente!”

Sobreveio então uma pausa de dez minutos durante a qual eu — àquela altura em pleno controle das minhas emoções — observei todas as mulheres da família Brocklehurst sacarem e levarem aos olhos seus lenços de bolso, enquanto a senhora mais velha se balançava para a frente e para trás e as duas mais jovens murmuravam: “Que vergonha!”.

O sr. Brocklehurst voltou a falar.

“Isso eu soube pela benfeitora dela, pela devota e caridosa dama que a adotou no seu estado de orfandade, que a criou como se fosse sua própria filha, e cuja bondade, cuja generosidade, a infeliz menina retribuiu com tamanha ingratidão, de forma tão terrível, que por fim a excelente benfeitora foi obrigada a separá-la dos próprios filhos, pois temia que o mau exemplo contaminasse a pureza deles. Ela a mandou para cá para ser curada, da mesma forma que os antigos judeus mandavam seus doentes para o tanque de Betesda; e professoras, diretora, eu lhes imploro: não deixem as águas estagnarem ao seu redor.”

Com essa sublime conclusão, o sr. Brocklehurst ajeitou o primeiro botão do sobretudo, murmurou alguma coisa para as parentes que se puseram de pé, curvou-se diante da srta. Temple, e todos os adultos se retiraram do recinto em procissão. Virando-se na porta, meu juiz falou: “Que ela fique mais meia hora nesse banco e que ninguém lhe dirija a palavra pelo restante do dia”.

Ali fiquei, portanto, empoleirada. Eu, que afirmara não ser capaz de suportar a vergonha de ficar parada sobre meus próprios pés no meio da sala, estava agora exposta à vista de todos em cima de um pedestal de infâmia. A linguagem não é capaz de descrever as sensações que experimentei, mas no instante em que todas se levantaram, sufocando minha respiração e apertando minha garganta, uma menina se aproximou e passou por mim. Ao passar, ergueu os olhos. Que estranha luz os iluminava! Que sensação extraordinária aquele raio me causou! Como o novo sentimento me deu ânimo! Era como se um mártir ou herói tivesse passado por um escravo ou vítima, e ao passar havia lhe transmitido força. Controlei a histeria que aumentava, ergui a cabeça e me firmei em cima do banco. Helen Burns fez à srta. Smith alguma pergunta sobre sua costura, foi repreendida pela trivialidade da indagação, voltou ao seu lugar e me sorriu outra vez ao passar. Que sorriso! Lembro-me dele agora, e sei que foi a manifestação de um nobre intelecto, de uma coragem verdadeira; acendeu seus traços marcados, seu rosto magro, seus olhos cinzentos encovados como o reflexo da imagem de um anjo. No entanto, nessa hora Helen Burns estava usando no braço o “distintivo da bagunceira”; menos de uma hora antes, eu a vira ser condenada pela srta. Scatcherd a um almoço de pão e água no dia seguinte por ter manchado um exercício de tinta ao copiá-lo. Assim é a natureza humana imperfeita! Essas máculas existem na superfície do mais claro dos planetas; e olhos como os da srta. Scatcherd só conseguem ver esses diminutos defeitos, cegos ante o brilho completo do globo.

Antes que a meia hora terminasse, soaram as cinco da tarde; a aula foi encerrada, e fomos todas para o refeitório tomar o chá. Então me atrevi a descer. O crepúsculo estava denso; fui até um canto e sentei-me no chão. O enleio que até então me sustentava começou a arrefecer; uma reação ocorreu, e em pouco tempo a tristeza que se apoderou de mim foi tão avassaladora que afundei prostrada, com o rosto encostado no chão. Então chorei. Helen Burns não estava por perto; nada me amparava; sozinha, abandonei-me, e minhas lágrimas molharam as tábuas. Eu tinha a intenção de ser boa e fazer muita coisa em Lowood. De fazer muitas amigas, ganhar respeito, conquistar afeto. Já havia feito progressos visíveis: naquela manhã mesmo, tinha me tornado a melhor da minha turma; a srta. Miller me elogiara profusamente; a srta. Temple sorria com aprovação; prometera me ensinar desenho e me deixar aprender francês caso eu continuasse por mais dois meses a ter uma evolução semelhante; eu era tratada de igual para igual por aquelas da mesma idade, e não era molestada por ninguém; e agora estava ali, mais uma vez esmagada e pisoteada; e será que algum dia conseguiria tornar a me levantar?

“Nunca”, pensei, e desejei ardentemente morrer. Enquanto soluçava esse desejo com palavras entrecortadas, alguém se aproximou. Sobressaltei-me:

era Helen Burns mais uma vez ao meu lado; os fogos já baixos nas lareiras a mostraram avançando pelo recinto comprido e vazio; ela vinha trazendo meu café e meu pão.

“Vamos, coma alguma coisa”, falou; mas eu afastei ambos de mim, sentindo que uma única gota ou migalha teria me sufocado, no estado em que me encontrava. Helen provavelmente me olhou com surpresa. Não consegui conter naquele momento minha agitação, embora tentasse muito; continuei a chorar bem alto. Ela se sentou no chão perto de mim, envolveu os joelhos com os braços e neles descansou a cabeça; e nessa postura permaneceu calada feito um índio. A primeira a falar fui eu: “Helen, por que você fica com uma menina que todo mundo acredita ser uma mentirosa?”.

“Todo mundo, Jane? Ora, só oitenta pessoas ouviram você ser chamada assim, e o mundo contém centenas de milhões.”

“Mas que relação tenho eu com esses milhões? As oitenta que eu conheço me desprezam.”

“Você está enganada, Jane. Provavelmente ninguém na escola tem desprezo ou antipatia por você. Muitas, tenho certeza, sentem bastante pena de você.”

“Como podem sentir pena de mim depois do que o sr. Brocklehurst disse?”

“O sr. Brocklehurst não é um deus. Não é nem um homem grande e admirado. Aqui pouco se gosta dele; ele nunca fez nada para se fazer gostar. Caso tivesse tratado você como uma preferida especial, você teria feito inimigas a toda volta, declaradas ou ocultas; do modo como as coisas estão, a maioria se compadeceria de você caso ousasse. Professoras e alunas podem passar um dia ou dois encarando-a com frieza, mas o coração delas esconde sentimentos amigáveis; e se você perseverar em se sair bem, tais

sentimentos em pouco tempo aparecerão de modo mais evidente ainda devido à sua temporária supressão. Além do mais, Jane...” Ela se interrompeu.

“Sim, Helen?”, falei, levando a mão até a dela. Helen esfregou meus dedos com delicadeza para esquentá-los, então prosseguiu:

“Se o mundo inteiro a odiasse e a achasse má, mas sua própria consciência a aprovasse e a absolvesse da culpa, você não estaria sem amigos.”

“Não; eu sei que deveria ter a mim mesma em boa conta; mas isso só não basta. Se os outros não me amam, eu preferiria morrer a viver... não suporto ficar sozinha ou ser odiada, Helen. Olhe, para conseguir algum afeto de você, ou da srta. Temple, ou de qualquer outra que eu ame de verdade, eu aceitaria de bom grado ter o osso do meu braço quebrado, ou deixaria um touro me chifrar, ou ficaria em pé atrás de um cavalo aos coices deixando ele projetar o casco no meu peito...”

“Shh, Jane! Você dá valor demais ao amor dos humanos. É demasiado impulsiva, demasiado veemente. A Mão soberana que criou seu corpo e nele insuflou vida lhe deu outros recursos além de seu fraco eu, ou de criaturas tão fracas quanto você. Para lá desta terra, e para lá da raça dos homens, há um mundo invisível e um reino espiritual. Esse mundo está à nossa volta, pois existe por toda parte; e esses espíritos nos observam, pois foram incumbidos de nos proteger; e se estivéssemos morrendo em meio à dor e à vergonha, se o desdém nos atacasse por todos os lados e o ódio nos esmagasse, os anjos veriam nossas torturas, reconheceriam nossa inocência (isso se fôssemos inocentes, como eu sei que você é dessa acusação que o sr. Brocklehurst fraca e pomposamente repetiu de segunda mão da sra. Reed, pois leio sinceridade no seu olhar ardente e na sua fronte lisa), e Deus aguarda apenas a separação do espírito e da carne para nos coroar com uma

plena recompensa. Por que deveríamos algum dia afundar, subjugados pela aflição, quando a vida é tão breve e a morte um ingresso tão certo para a felicidade... para a glória?”

Fiquei calada. Helen tinha conseguido me acalmar, mas a tranquilidade que me transmitira vinha entremeada a uma tristeza indizível. À medida que ela falava, fui sendo tomada de consternação, mas não soube dizer de onde vinha esse sentimento; e quando, após terminar, ela respirou um pouco depressa e tossiu de leve, esqueci momentaneamente minhas próprias aflições e me deixei tomar por uma vaga preocupação em relação a ela.

Descansando a cabeça no ombro de Helen, passei o braço pela sua cintura; ela me puxou para si, e ficamos paradas em silêncio. Não tínhamos passado muito tempo sentadas daquele modo quando outra pessoa entrou. Algumas nuvens pesadas, varridas do céu por um vento cada vez mais forte, tinham revelado a lua; e o luar, ao entrar por uma janela próxima, bateu bem em cima de nós duas e da figura que se aproximava, que reconhecemos na mesma hora como a srta. Temple.

“Vim aqui especialmente encontrar você, Jane Eyre”, disse ela. “Venha aos meus aposentos; e como Helen Burns está com você, ela pode vir também.”

Nós fomos; seguindo as instruções da diretora, atravessamos alguns corredores intrincados e subimos uma escada antes de chegar aos seus aposentos, onde encontramos uma bela lareira acesa e uma atmosfera alegre. A srta. Temple disse a Helen Burns para se sentar numa poltrona baixa ao lado da lareira, e após se acomodar em outra, me chamou para junto de si.

“Já acabou?”, ela perguntou, olhando para o meu rosto. “Já chorou toda a sua tristeza?”

“Tenho medo de nunca conseguir fazer isso.”

“Por quê?”

“Porque fui falsamente acusada; e agora a senhorita e todas as outras vão achar que sou má.”

“Vamos achar de você o que você demonstrar ser, minha criança. Continue agindo como uma boa menina e nos deixará contentes.”

“É mesmo, srta. Temple?”

“É, sim”, disse ela, passando o braço ao meu redor. “E agora me diga: quem é a dama que o sr. Brocklehurst chamou de sua benfeitora?”

“A sra. Reed, esposa do meu tio. Ele morreu e me deixou sob os cuidados dela.”

“Quer dizer que ela não a adotou por vontade própria?”

“Não, senhora; ela lamentou ter de fazê-lo. Mas meu tio, como eu muitas vezes ouvi os criados dizerem, a fez jurar antes de morrer que ela me manteria consigo para sempre.”

“Bem, Jane, você sabe, ou pelo menos eu vou lhe dizer, que quando um criminoso é acusado ele sempre tem permissão para falar em sua própria defesa. Você foi acusada de mentir; defenda-se da melhor maneira que puder. Diga tudo o que a sua memória acredita ser a verdade, mas não acrescente nem exagere nada.”

Tomei a decisão, no fundo de meu coração, de ser extremamente moderada — extremamente correta; e após refletir por alguns minutos de modo a organizar com coerência o que tinha a dizer, contei-lhe toda a história da minha triste infância. Exaurida pela emoção, falei numa linguagem mais contida do que em geral usava ao versar sobre o triste tema, e pensando nos alertas de Helen em relação a guardar mágoas, introduzi em minha narrativa bem menos fel e bem menos amargor do que de costume. Assim contida e simplificada, a história soou mais plausível; conforme eu ia falando, senti que a srta. Temple acreditava totalmente em mim.

Durante a história, eu havia mencionado que o sr. Lloyd fora me ver após a crise, pois jamais esquecera o episódio do quarto vermelho, para mim assustador. Ao narrar seus detalhes, minha animação com certeza em certa medida fugiria ao controle, pois nada era capaz de suavizar na minha lembrança o espasmo de agonia que me contraíra o coração quando a sra. Reed havia negado minhas súplicas desesperadas de perdão e me trancara pela segunda vez no quarto escuro e mal-assombrado.

Terminei. A srta. Temple passou alguns instantes me encarando em silêncio, então falou: “Conheço um pouco o sr. Lloyd; vou escrever para ele; se a resposta dele coincidir com a sua história, você será publicamente inocentada de qualquer acusação. Para mim, Jane, você já é inocente”.

Ela me deu um beijo e, ainda me segurando contra si (onde fiquei feliz em permanecer, pois derivava um prazer infantil da contemplação de seu rosto, de seu vestido, de um ou dois adornos seus, de sua testa branca, de seus cachos densos e brilhantes e de seus olhos escuros fulgurantes), dirigiu-se então a Helen Burns.

“Como está você hoje, Helen? Tossiu muito?”

“Não muito, senhora, acho.”

“E a dor no peito?”

“Está um pouco melhor.”

A srta. Temple se levantou, segurou a mão dela e tomou seu pulso. Então voltou para seu lugar. Quando tornou a ocupá-lo, ouvi-a suspirar baixinho. Ela passou alguns minutos pensativa; depois, levantando-se, disse num tom alegre: “Vocês duas hoje são minhas convidadas; preciso tratá-las como tal”. Ela tocou sua sineta.

“Barbara”, falou para a criada que atendeu, “ainda não tomei meu chá. Pode trazer a bandeja, e ponha xícaras para estas duas senhoritas.”

Uma bandeja logo foi trazida. Como as xícaras de porcelana e o bule colorido pareceram bonitos aos meus olhos, pousados sobre a mesinha redonda junto à lareira! Como eram perfumados o vapor da bebida e o aroma da torrada! Desta porém, para minha consternação (pois estava começando a ficar com fome), só pude ver uma porção muito pequena; a srta. Temple também reparou. “Barbara”, disse ela, “você não poderia trazer um pouco mais de pão e manteiga? Isso não basta para três.”

Barbara saiu. Dali a pouco, retornou. “A sra. Harden disse que mandou subir a quantidade habitual, senhorita.”

A sra. Harden, note-se, era a governanta, mulher de coração semelhante ao do sr. Brocklehurst, composto por partes iguais de barbatanas de espartilho e ferro.

“Ah, está bem então!”, retrucou a srta. Temple; “acho que vamos ter de nos contentar com isso, Barbara.” E quando a jovem se retirou, ela acrescentou sorrindo: “Felizmente, desta vez eu posso suprir as deficiências”.

Após convidar Helen e eu a nos aproximarmos da mesa e dispor diante de cada uma de nós uma xícara de chá com um pedaço delicioso, porém fino de torrada, ela se levantou, destrancou uma gaveta e, tirando de lá um pacote, revelou aos nossos olhos um bolo de tamanho razoável.

“Eu pretendia dar a cada uma de vocês um pedaço disto aqui para levar”, falou, “mas já que há tão pouca torrada, é melhor vocês comerem agora.” Ela começou a cortar fatias com gestos generosos.

Naquela noite nos banqueteamos com néctar e ambrosia, e uma parte não menos deleitável dos divertimentos foi o sorriso satisfeito com que nossa anfitriã nos observava enquanto saciávamos nossos apetites esfomeados com a delicada iguaria que ela generosamente nos servira. Uma vez terminado o chá e tendo sido a bandeja levada embora, a srta. Temple

novamente nos chamou até junto da lareira; sentamo-nos uma de cada lado dela e seguiu-se uma conversa entre ela e Helen que era um privilégio poder escutar.

A srta. Temple tinha sempre algo de sereno em sua atitude, de altivo em sua postura, de refinado e exato em sua linguagem que a impedia de descambar para o ardor, a empolgação ou a ansiedade; algo que matizava o prazer de quem a olhava e escutava com uma profunda sensação de respeito; e foi isso o que senti naquele momento. Em relação a Helen Burns, porém, fui tomada de assombro.

A refeição revigorante, o fogo vivo, a presença e a bondade de sua querida instrutora, ou talvez mais do que isso ainda, algo na sua mente singular, havia despertado os poderes nela contidos. Eles acordaram e se abraçaram. Primeiro se acenderam no vivo colorido de suas faces, que até então eu sempre vira pálidas e exangues; então reluziram no brilho líquido de seus olhos, que de repente haviam adquirido uma beleza mais singular ainda do que os da srta. Temple — uma beleza feita nem de belas cores nem de longos cílios ou sobancelhas delineadas, mas de significado, movimento, radiância. Sua alma então lhe veio aos lábios e a linguagem pôs-se a fluir, sem que eu soubesse dizer de qual fonte; terá uma menina de catorze anos um coração grande o bastante, vigoroso o bastante, para conter a fonte abundante da pura, da plena, da fervorosa eloquência? Tais foram as qualidades do discurso de Helen naquela noite para mim memorável; seu espírito parecia ter pressa para viver durante um intervalo bem curto tanto quanto muitos vivem numa prolongada existência.

Elas conversaram sobre coisas das quais eu nunca ouvira falar; sobre nações e épocas passadas; sobre países distantes; sobre segredos descobertos ou deduzidos da natureza. Falaram sobre livros; quantos tinham lido! Que reservas de conhecimento possuíam! E pareciam também ter

muita familiaridade com nomes e autores franceses. Mas meu assombro atingiu seu ápice quando a srta. Temple perguntou a Helen se ela às vezes tirava algum tempo para relembrar o latim que seu pai havia lhe ensinado, então pegou um livro numa prateleira e lhe pediu para ler e analisar uma página de Virgílio; Helen obedeceu, e meu órgão de veneração aumentou de tamanho a cada linha pronunciada. Ela mal havia terminado quando a sineta anunciou a hora de dormir; nenhum atraso seria tolerado; a srta. Temple abraçou nós duas e disse, puxando-nos para junto do peito: “Que Deus as abençoe, minhas filhas!”.

Ela passou um pouco mais de tempo abraçando Helen do que a mim, e soltou-a com mais relutância. Foi Helen que seus olhos acompanharam até a porta; foi por Helen que ela pela segunda vez deixou escapar um suspiro; e foi por Helen que enxugou da face uma lágrima.

Chegando ao quarto, ouvimos a voz da srta. Scatcherd. Ela estava examinando gavetas e acabara de abrir a de Helen Burns, e quando entramos, Helen foi recebida com uma severa reprimenda e avisada de que no dia seguinte teria pregadas no ombro meia dúzia de peças mal dobradas.

“Minhas coisas estavam de fato numa bagunça de dar vergonha”, murmurou Helen para mim em voz baixa. “Eu pretendia arrumar, mas esqueci.”

Na manhã seguinte, a srta. Scatcherd escreveu em letras graúdas num pedaço de papelão a palavra “Desleixada” e o prendeu como um filactério em volta da cabeça grande, dócil, inteligente e de aspecto afável de Helen. Ela o usou até a noite, com paciência e sem ressentimento, considerando-o uma punição merecida. Assim que a srta. Scatcherd se retirou após as aulas da tarde, corri até Helen, arranquei aquilo e atirei no fogo. A fúria da qual ela era incapaz passara o dia inteiro ardendo no meu peito, e lágrimas quentes e grossas não tinham parado de queimar minha bochecha, pois o

espetáculo da sua triste resignação causava uma dor intolerável no meu coração.

Cerca de uma semana após os acontecimentos narrados acima, a srta. Temple, que havia escrito para o sr. Lloyd, recebeu sua resposta. Pelo visto o que ele escreveu corroborava o meu relato. Então a srta. Temple reuniu a escola inteira e anunciou que as supostas acusações contra Jane Eyre tinham sido investigadas, e que muito se alegrava em poder afirmar que eu estava completamente inocentada de todas elas. As professoras apertaram minhas mãos e me beijaram, e um murmúrio de prazer percorreu as fileiras de minhas companheiras.

Liberada assim de um fardo tremendo, comecei a partir daquele instante a redobrar meus esforços, decidida a suplantar qualquer dificuldade. Estudei com afinco, e meu sucesso foi proporcional a meus esforços; minha memória, que não era naturalmente tenaz, melhorou com a prática; o exercício aguçou minha inteligência. Em poucas semanas fui promovida a uma turma superior; em menos de dois meses tive permissão para começar a estudar francês e desenho. No mesmo dia aprendi os dois primeiros tempos do verbo *être* e desenhei minha primeira casa (cujas paredes, aliás, rivalizavam em ângulo com a torre inclinada de Pisa). Naquela noite, ao ir para a cama, esqueci de preparar na minha imaginação o jantar ilusório de batatas assadas quentinhas, pão branco e leite com o qual costumava acalmar o clamor de minhas entranhas. Banquetei-me em vez disso com o espetáculo de desenhos ideais que via no escuro, todos eles obras de minhas próprias mãos; casas e árvores desenhados a lápis à mão livre, rochedos e ruínas pitorescos, grupos de vacas ao estilo de Cuyp, lindos desenhos de borboletas voejando acima de rosas ainda em botão, de passarinhos bicando frutas silvestres maduras, de ninhos abrigando ovos semelhantes a pérolas entremeados a jovens filamentos de hera. Examinei também, em

pensamento, a possibilidade de algum dia ser capaz de traduzir com fluência certo livrinho de histórias em francês que madame Pierrot tinha naquele dia me mostrado; esse problema tampouco se resolveu de modo satisfatório antes de eu cair num sono agradável.

Como bem disse Salomão: “É melhor ter verduras na refeição onde há amor do que um boi gordo acompanhado de ódio”.

Eu não teria trocado Lowood, com todas as suas privações, por Gateshead e seus luxos cotidianos.

Mas as privações, ou melhor, as dificuldades de Lowood se abrandaram. A primavera foi se aproximando — na verdade já chegara; as geladas invernais haviam cessado; a neve que elas traziam derretera, os ventos cortantes se amenizaram. Meus pobres pés, esfolados e inchados pelo ar glacial de janeiro a ponto de perderem parte do movimento, começaram a cicatrizar e a se apaziguar sob o hálito mais suave de abril; as noites e manhãs já não gelavam o sangue em nossas veias com suas temperaturas dignas do Canadá; agora conseguíamos suportar a hora de recreação passada no jardim; às vezes, nos dias de sol, o lugar começava até a ser agradável e alegre, e um verde brotava nos canteiros marrons que, mais viçosos a cada dia, sugeriam a ideia de que a Esperança os percorria durante a noite e deixava a cada manhã indícios mais vivos de seus passos. Flores despontavam no meio das folhas: galantos, íris, prímulas e amores-perfeitos de miolo dourado. Nas tardes de quinta-feira (dias de meia folga), agora saíamos para caminhar e encontrávamos flores mais belas ainda desabrochando sob as sebes que margeavam o caminho.

Descobri também que um imenso prazer, uma diversão que tinha por limite somente o horizonte, estendia-se à toda volta dos altos muros encimados por estacas pontiagudas do nosso jardim; esse prazer consistia

na paisagem de nobres cumes a circundar um grande vale rico em vegetação e sombras, e num brilhante regato cheio de pedras escuras e redemoinhos cintilantes. Como aquela cena me parecera diferente quando eu a vira estendida sob o céu de ferro do inverno, enregelada, coberta de neve! Quando brumas frias como a morte se moviam por aqueles cimos arroxeados impulsionadas por ventos do leste e desciam rolando por campinas e terrenos encharcados até se misturarem à névoa congelada do regato! O regato em si era na época uma torrente, turvo e incontido; rasgava ao meio a floresta, muitas vezes somado às chuvas incessantes ou à neve derretida que rodopiava; a floresta em suas margens, por sua vez, exibia apenas fileiras de esqueletos.

Abril avançou em direção a maio — e que maio claro e sereno; dias de céu azul, um sol tranquilo e suaves rajadas de vento sudoeste ou sul preenchiem seus dias. A vegetação então amadureceu com vigor; Lowood se sacudiu para soltar os cabelos e se tornou inteiramente verde e florido; seus imensos esqueletos de olmos, freixos e carvalhos recuperaram majestosamente a vida; plantas rasteiras brotaram em profusão de seus recônditos; infinitas variedades de musgos preencheram seus desvãos, e a grande variedade de prímulas silvestres fez seu solo irradiar uma estranha claridade. Eu via seu brilho claro e dourado nos pontos de sombra como se fossem gotas do mais belo fulgor. Tudo isso eu podia saborear com frequência e sem contenção, sem que ninguém me vigiasse e praticamente sozinha. Pois essa liberdade e esse prazer inéditos tinham uma causa, que agora cabe a mim revelar.

Por acaso não descrevi um local agradável para se morar quando me referi a um vale cercado por montanhas e florestas, situado às margens de um regato? Certamente muito agradável, mas se ele era saudável ou não, esse era outro problema.

Aquele vale de floresta em que Lowood ficava situada era um berço para a bruma e as doenças por ela trazidas, que, despertadas pelo advento da primavera, invadiram o orfanato e trouxeram o tifo para a sala de aula e o dormitório lotado, e antes de maio chegar transformaram a escola num hospital.

A inanição parcial e os resfriados mal curados haviam predisposto a maioria das alunas a pegar infecções; houve um momento em que quarenta e cinco das oitenta meninas se encontravam doentes. As aulas foram interrompidas, as regras, abrandadas. Às poucas que continuavam bem era concedida uma liberdade quase irrestrita, pois o médico insistia na necessidade de exercícios frequentes para mantê-las em boa saúde; e ainda que não fosse o caso, ninguém tinha tempo para vigiá-las ou contê-las. Toda a atenção da srta. Temple foi absorvida pelas pacientes; ela morava na enfermaria e nunca saía de lá, a não ser para umas poucas horas de sono à noite. As professoras viviam ocupadas, fazendo as malas e cuidando de outros preparativos necessários para a partida daquelas com sorte suficiente para ter amigos e parentes em condições de afastá-las do local de contágio e dispostos a fazê-lo. Muitas, já doentes, foram para casa e logo morreram; outras morreram na escola e foram enterradas de modo discreto e rápido, já que a natureza da moléstia não permitia demoras.

Enquanto a doença se tornara uma moradora de Lowood e a morte uma visita frequente; que reinava entre seus muros a desolação e o medo; que seus cômodos e corredores cheiravam a hospital, e as drogas e pastilhas se esforçavam em vão para conter os eflúvios de morte, aquele maio solar seguia brilhando sem nuvens sobre as altas montanhas e os lindos bosques do lado de fora. O jardim também reluzia de flores: as malvas-rosa, de tão altas, pareciam árvores, os lírios haviam desabrochado, as tulipas e rosas estavam em plena floração; as bordas dos pequenos canteiros eram

enfeitadas pelo rosa da relva-de-espanha e pelo vermelho das margaridas duplas; a rosa-mosqueta exalava dia e noite seu aroma de especiarias e maçãs; e todos esses tesouros perfumados eram inúteis para a maioria das moradoras de Lowood, exceto para de vez em quando proporcionar um punhado de ervas e flores para pôr em um caixão.

Mas eu e o restante daquelas que seguiam com saúde aproveitávamos ao máximo a beleza da paisagem e da estação; era-nos permitido percorrer a floresta qual ciganas de manhã até a noite; fazíamos o que quiséssemos, íamos aonde quiséssemos. Vivíamos melhor também. O sr. Brocklehurst e seus familiares agora não chegavam nem perto de Lowood; ninguém investigava as questões de administração doméstica; a governanta emburrada tinha ido embora, afugentada pelo medo da doença, e sua sucessora, que antes trabalhava no Dispensário de Lowton e não estava acostumada com o funcionamento de sua nova casa, dava mostras de uma comparativa liberalidade. Além disso, havia menos bocas para alimentar: as doentes só conseguiam comer pouco; nossos pratos do desjejum ficavam mais cheios; quando não havia tempo para preparar um almoço de verdade, o que acontecia com frequência, ela nos dava um grande pedaço de empadão frio ou então uma grossa fatia de pão e queijo, e isso levávamos conosco para a floresta, onde cada uma escolhia o local que mais lhe agradava para consumir seu suntuoso almoço.

Meu ponto predileto era uma pedra lisa e larga que se erguia, branca e seca, bem do meio do regato, e à qual só se podia chegar andando por dentro d'água, feito que eu realizava descalça. A pedra tinha a largura certa para acomodar confortavelmente outra menina e eu, minha companheira escolhida na época: certa Mary Ann Wilson, personagem astuta e observadora cuja companhia me agradava, em parte por ela ser inteligente e original, em parte por ter um comportamento que me deixava à vontade.

Alguns anos mais velha do que eu, conhecia melhor o mundo e podia me contar muitas coisas que eu gostava de ouvir. Com ela minha curiosidade era gratificada, e ela também demonstrava ampla indulgência para com meus defeitos, sem nunca restringir nem refrear nada do que eu dizia. Tinha um dom para a narrativa, para a análise; gostava de informar, eu de questionar; e assim nos dávamos bem e nos divertíamos muito com a companhia mútua, ainda que dela não derivássemos grande progresso.

E Helen Burns, enquanto isso, onde estava? Por que não aproveitei com ela os lindos dias de liberdade? Será que eu a esquecera? Ou seria eu indigna a ponto de ter me cansado de sua convivência sincera? Com certeza a Mary Ann Wilson que acabei de mencionar era inferior à minha primeira amiga. Ela só era capaz de me contar histórias divertidas e compartilhar alguma fofoca apimentada e cáustica que eu desejasse contar, enquanto Helen, a bem da verdade, era capaz de proporcionar àqueles que gozavam do privilégio da sua conversa um gosto de coisas bem mais elevadas.

É verdade, leitor, e isso eu sabia e sentia. E embora seja um ser imperfeito, com muitos defeitos e poucas qualidades redentoras, nunca me cansei de Helen Burns, nem jamais deixei de nutrir por ela um sentimento de apego tão forte, afetuoso e respeitoso quanto qualquer outro que jamais moveu meu coração. Como poderia ser diferente quando Helen, a todo momento e sob qualquer circunstância, despertava em mim uma amizade tranquila e fiel que o mau humor jamais azedou e a irritação jamais perturbou? Mas Helen estava doente. Já fazia algumas semanas que fora tirada de junto de mim e levada para eu não sabia que cômodo no andar de cima. Tomei conhecimento de que não estava na parte da casa transformada em hospital junto com as pacientes da febre, pois o que a afligia era a tísica, não o tifo, e por tísica eu, na minha ignorância, supunha algo brando, que o tempo e os cuidados com certeza aliviarão.

Minha ideia fora confirmada pelo fato de Helen ter descido uma ou duas vezes em tardes de sol muito quentes, levada pela srta. Temple até o jardim. Mas nessas ocasiões não me permitiram falar com ela, e eu só a via pela janela da sala de aula, mesmo assim de modo indistinto, pois ela estava muito enrolada em roupas e ficava sentada debaixo da varanda, a alguma distância.

Certo início de noite, no começo de junho, eu tinha ficado fora até bem tarde na floresta com Mary Ann; como de costume, havíamos nos separado das outras e ido até bem longe, tanto que nos perdemos e tivemos de pedir informações numa casa isolada onde viviam um homem e uma mulher que cuidavam de um bando de porcos selvagens que se alimentavam dos frutos das árvores caídos na floresta. Quando voltamos, a lua já tinha saído, e um pônei, que sabíamos ser o do médico, estava parado em frente à porta do jardim. Mary Ann comentou que supunha que alguém devesse estar muito doente para o sr. Bates ter sido chamado àquela hora da noite. Ela entrou na casa; eu fiquei mais alguns minutos do lado de fora, para plantar no meu canteiro um punhado de raízes que desenterrara na floresta e que temia que fossem murchar caso as deixasse até de manhã. Isso feito, demorei-me ainda mais um pouco. O sereno fazia as flores exalarem um delicioso perfume e a noite estava muito agradável, tranquila e amena; o oeste ainda alaranjado prometia mais um dia bonito; a lua galgava majestosa o leste escuro. Eu estava observando essas coisas e saboreando tudo com um olhar de criança quando minha mente foi tomada por uma ideia que nunca me ocorrera:

“Que tristeza estar deitado num leito de doente e correndo risco de morte! Este mundo é belo, e que tristeza seria ser chamado para longe dele e ter de ir sabe-se lá para onde.”

Minha mente então fez seu primeiro esforço sincero para compreender o que lhe fora inculcado em relação ao céu e ao inferno, e pela primeira vez recuou, sem entender, e pela primeira vez, ao olhar para trás, para os lados e para a frente, viu a toda a volta um abismo insondável e sentiu o único ponto firme: o presente; todo o resto não passava de nuvens informes e profundezas vazias, e minha mente estremeceu ao pensar em perder o equilíbrio e mergulhar no meio desse caos. Enquanto eu refletia sobre aquela nova ideia, ouvi a porta da frente se abrir; o sr. Bates saiu, e ao seu lado estava uma enfermeira. Depois de vê-lo montar seu cavalo e ir embora, ela estava prestes a fechar a porta quando corri até lá.

“Como está Helen Burns?”

“Muito mal”, foi a resposta.

“Foi ela quem o sr. Bates veio ver?”

“Foi.”

“E o que ele disse a respeito?”

“Que ela não tem mais muito tempo aqui.”

Aquela frase, caso me houvesse sido dita na véspera, teria apenas comunicado a informação de que ela estava prestes a ser transferida para sua casa em Northumberland. Eu não teria desconfiado que significava sua morte iminente; naquele dia, porém, entendi na hora: compreendi com clareza que Helen Burns estava vivendo seus últimos dias neste mundo e que seria levada para o reino dos espíritos, se é que tal reino de fato existia. Senti um choque de horror seguido por uma forte onda de tristeza, e em seguida um desejo, uma necessidade de vê-la, e perguntei em que quarto Helen estava.

“No quarto da srta. Temple”, respondeu a enfermeira.

“Posso subir para falar com ela?”

“Ah, não, menina! Isso não se faz. E agora está na hora de você entrar; vai ficar com febre se continuar aí fora no sereno.”

A enfermeira fechou a porta da frente; usei a entrada lateral que conduzia à sala de aula. Cheguei bem a tempo: eram nove da noite, e a srta. Miller estava chamando as alunas para irem se deitar.

Deve ter sido umas duas horas depois, provavelmente por volta das onze, que eu, sem ter conseguido pegar no sono e avaliando pelo total silêncio do dormitório que minhas companheiras estavam todas imersas num repouso profundo, levantei-me sem fazer barulho, pus o vestido por cima da camisola e, descalça, esgueirei-me para fora do aposento e saí em busca do quarto da srta. Temple. O quarto ficava no outro extremo da casa, mas eu conhecia o caminho, e a luz da lua de verão desobstruída por nuvens que entrava aqui e ali pelas janelas dos corredores me permitiu encontrá-lo sem dificuldade. Um cheiro de cânfora e vinagre queimado me alertou quando me aproximei do quarto das doentes, e passei depressa pela porta, temendo que a enfermeira que ficava a noite inteira acordada me escutasse. Temia ser descoberta e mandada de volta, pois *precisava* ver Helen; precisava abraçá-la antes de ela morrer, precisava lhe dar um último beijo e trocar com ela uma última palavra.

Após descer uma escada, atravessar uma parte da casa lá embaixo e conseguir abrir e fechar duas portas sem fazer barulho, cheguei a outro lance de escada. Subi e dei com o quarto da srta. Temple bem na minha frente. Uma luz saía pela fechadura e por baixo da porta; uma profunda imobilidade permeava o entorno. Ao chegar perto, constatei que a porta estava levemente entreaberta, decerto para deixar um pouco de ar puro entrar naquele ambiente fechado e doente. Sem disposição para hesitar e tomada por impulsos de impaciência, com a alma e os nervos tremendo

intensamente, empurrei-a e olhei lá dentro. Meus olhos buscaram Helen, temendo encontrar a morte.

Perto da cama da srta. Temple, e parcialmente encoberto por seu cortinado branco, havia um pequeno leito. Vi o contorno de uma forma sob os lençóis, mas o rosto estava escondido pelas cortinas; a enfermeira com quem eu havia falado no jardim dormia sentada numa poltrona; uma vela acesa ardia debilmente sobre a mesa. A srta. Temple não estava por perto; depois eu soube que fora chamada para cuidar de uma paciente delirante na enfermaria. Avancei, então parei junto à cama. Já estava com a mão na cortina, mas preferi falar antes de afastá-la. Ainda estava tomada pelo medo de ver um cadáver.

“Helen!”, sussurrei baixinho. “Está acordada?”

Ela se mexeu, afastou a cortina; então vi seu rosto, pálido e emaciado, mas perfeitamente tranquilo. Pareceu-me tão pouco mudada que meus temores foram na mesma hora dispersados.

“Será mesmo possível? É você, Jane?”, indagou ela, também em voz baixa.

“Ah!”, pensei. “Ela não vai morrer. Eles estão errados. Não poderia falar nem aparentar tamanha calma se fosse morrer.”

Subi na sua cama e a beijei. Sua testa estava fria e sua face estava ao mesmo tempo fria e magra, assim como sua mão e seu pulso; mas ela sorriu como antigamente.

“Por que veio aqui, Jane? Já passa das onze; ouvi o relógio bater faz alguns minutos.”

“Vim ver você, Helen. Ouvi dizer que estava muito doente e não conseguiria dormir antes de ter falado com você.”

“Então veio se despedir de mim; provavelmente chegou bem a tempo.”

“Você vai para algum lugar, Helen? Vai voltar para casa?”

“Sim, para minha verdadeira morada... minha última morada.”

“Não, não, Helen!” Calei-me, abalada. Enquanto eu tentava engolir o choro, Helen foi tomada por um acesso de tosse; no entanto, isso não acordou a enfermeira. Quando a crise terminou, ela passou alguns instantes deitada, exaurida. Depois sussurrou: “Jane, seus pezinhos estão descalços; deite-se e cubra-se com a minha manta”.

Assim fiz. Helen passou o braço à minha volta, e eu me aninhei junto dela. Após um longo silêncio, ela continuou, ainda aos sussurros: “Estou muito feliz, Jane; e quando você souber que eu morri, não vá lamentar, de jeito nenhum. Não há o que lamentar. Todos nós precisamos morrer um dia, e a doença que está me levando não é dolorosa, é lenta e gradual; minha mente está tranquila. Não deixo ninguém que vá sofrer muito com a minha morte; tenho apenas meu pai, e ele se casou recentemente e não vai sentir minha falta. Ao morrer jovem escaparei de muito sofrimento. Não tinha qualidades nem talentos que me permitissem grande sucesso no mundo. Eu teria fracassado continuamente”.

“Mas para onde você vai, Helen? Você entende isso? Você sabe?”

“Eu acredito; eu tenho fé. Vou para junto de Deus.”

“Onde fica Deus? O que é Deus?”

“O meu Criador e o seu também, que jamais destruirá aquilo que criou. Confio implicitamente no Seu poder e me entrego por inteiro à Sua Bondade. Conto as horas para o glorioso momento que vai me devolver a Ele e revelá-Lo a mim.”

“Então você tem certeza de que existe um lugar chamado céu e de que as nossas almas podem ir para lá quando morremos?”

“Tenho certeza de que existe um estado futuro; acredito que Deus é bom; posso entregar a Ele sem qualquer receio minha porção imortal. Deus é meu pai; Deus é meu amigo; eu O amo; acredito que Ele me ame.”

“E eu verei você de novo quando morrer, Helen?”

“Você irá para o mesmo reino de felicidade. Será sem dúvida recebida pelo mesmo Pai poderoso e universal, Jane.”

Mais uma vez perguntei, mas então só em pensamento: “Onde fica esse reino? Ele existe?”. E apertei mais o braço em volta de Helen; ela me pareceu mais querida do que nunca; senti que não podia soltá-la; fiquei deitada com o rosto escondido em seu pescoço. Pouco depois, ela disse, com uma voz dulcíssima: “Como me sinto confortável! Esse último acesso de tosse me deixou um pouco cansada; sinto que poderia dormir. Mas Jane, não vá embora; gosto de ter você perto de mim”.

“Vou ficar com você, Helen *querida*. Ninguém vai me tirar daqui.”

“Está quentinha, querida?”

“Estou.”

“Boa noite, Jane.”

“Boa noite, Helen.”

Ela me beijou e eu a beijei, e logo pegamos as duas no sono.

Quando acordei, era dia. Um movimento inusual me despertou; ergui os olhos; estava no colo de alguém; era a enfermeira, me carregando; me levava pelo corredor de volta para o dormitório. Não fui repreendida por ter saído da cama; as pessoas tinham outras coisas com que se preocupar. Nenhuma explicação me foi dada na ocasião para minhas muitas perguntas, mas um dia ou dois depois fiquei sabendo que a srta. Temple, ao voltar para o seu quarto de manhã, tinha me encontrado deitada na pequena cama, com o rosto encostado no ombro de Helen Burns e os braços ao redor do seu pescoço. Eu estava dormindo, e Helen... estava morta.

Seu túmulo fica no cemitério da igreja de Brocklebridge; por quinze anos após sua morte, foi coberto apenas por um montinho de grama. Mas hoje

uma lápide de mármore cinza marca o local, gravada com seu nome e a palavra “*Resurgam*”.¹

1. “Ressuscitarei”, em latim.

X

Até então registrei em detalhes os acontecimentos de minha insignificante existência; aos dez primeiros anos de minha vida dediquei quase a mesma quantidade de capítulos. Mas esta não vai ser uma autobiografia comum: sou levada a invocar as lembranças apenas quando sei que sua reação terá algum grau de interesse. Assim, agora atravessarei um intervalo de oito anos praticamente em silêncio; apenas umas poucas linhas são necessárias para manter a sequência de acontecimentos.

Após concluir sua devastadora missão em Lowood, a febre tifoide foi desaparecendo aos poucos. Não antes, porém, de sua virulência e do número de vítimas terem atraído a atenção do público para a escola. Houve uma investigação sobre a origem da epidemia, e gradualmente foram vindo à tona vários fatos que causaram forte indignação no público. A natureza insalubre do local; a quantidade e a qualidade da comida servida às alunas; a água salobra e fétida usada em sua preparação; as roupas e acomodações terríveis das internas — tudo isso foi descoberto, e a descoberta produziu um resultado humilhante para o sr. Brocklehurst, mas benéfico para a instituição.

Vários indivíduos ricos e bondosos no país contribuíram generosamente para a construção de um prédio mais adequado numa localização melhor;

novos regulamentos foram criados; melhorias na dieta e no vestuário foram introduzidas; os recursos da escola foram confiados à administração de um comitê. O sr. Brocklehurst, que devido à sua riqueza e aos seus contatos familiares não podia ser ignorado, continuou ocupando o cargo de tesoureiro, mas agora era auxiliado no desempenho das suas funções por cavalheiros de mentalidade bem mais liberal e compreensiva; seu cargo de inspetor também foi compartilhado por outros que sabiam aliar racionalidade e rigidez, conforto e economia, compaixão e correção. Assim melhorada, a escola se tornou com o tempo uma instituição verdadeiramente útil e nobre. Ainda permaneci prisioneira de seus muros por oito anos após sua regeneração, seis como aluna e dois como professora, e em ambas as condições posso testemunhar seu valor e sua importância.

Durante esses oito anos minha vida foi uniforme, mas não infeliz, pois não foi inativa. Tive oportunidade de receber uma excelente educação; senti apreço por parte de meus estudos e desejo de sobressair em todos, e ao mesmo tempo um grande deleite ao agradar a minhas professoras, sobretudo àquelas de quem gostava; tudo isso me instigou a prosseguir. Aproveitei plenamente as vantagens que me foram oferecidas. Com o tempo, passei a ocupar o posto de melhor aluna da primeira turma; então me foi confiado o cargo de professora, que desempenhei com zelo durante dois anos, mas depois desse tempo mudei.

Ao longo de todas as modificações, a srta. Temple mantivera a posição de diretora da escola; a maior parte do que eu aprendera, devia a seus ensinamentos; sua amizade e companhia foram meus contínuos alentos; ela me amparou, ocupando o papel de mãe, de preceptora e, mais tarde, de colega. Nesse último período, casou-se, mudou-se com o marido (um

membro do clero, homem excelente e quase digno de tal esposa) para um condado distante, e conseqüentemente eu a perdi.

Desde o dia em que ela partiu, não fui mais a mesma; com ela se foram todos os sentimentos aquietados, todas as associações que haviam transformado Lowood em alguma medida num lar para mim. Eu tinha absorvido um pouco do seu temperamento e muitos de seus hábitos. Pensamentos mais harmoniosos e o que pareciam ser sentimentos mais bem regulados tinham passado a habitar minha mente. Eu passara a me dedicar ao dever e à ordem; era tranquila, acreditava estar satisfeita. Aos olhos dos outros, em geral até mesmo aos meus, aparentava ser disciplinada e contida.

Mas o destino, na forma do reverendo sr. Nasmyth, veio se interpor entre mim e a srta. Temple; eu a vi subir numa diligência em trajes de viagem logo após a cerimônia de casamento. Observei o veículo subir o morro e desaparecer do outro lado, e então me retirei para meu quarto e lá passei sozinha a maior parte do feriado parcial concedido em homenagem ao evento.

Fiquei quase o tempo todo andando pelo quarto. Imaginei que estivesse apenas lamentando a perda e imaginando como compensá-la; mas quando minhas reflexões se concluíram, quando ergui os olhos e descobri que a tarde havia terminado e a noite já ia avançada, outra descoberta me ocorreu — a saber que naquele intervalo eu tinha atravessado um processo de transformação; que minha mente se livrara de tudo o que tomara emprestado à srta. Temple, ou melhor, que ela levara consigo a atmosfera serena em que eu vivia na sua proximidade — e que agora eu fora deixada no meu elemento natural e começava a sentir o despertar de antigas emoções. Não pareceu como se um acessório houvesse sido removido, mas como se uma motivação tivesse desaparecido. O que havia me abandonado não era a capacidade de ser tranquila, mas o motivo da tranquilidade não

existia mais. Durante alguns anos, Lowood fora o meu mundo, e minha experiência a de suas regras e sistemas; eu agora me lembrava que o mundo real era vasto e que uma ampla gama de esperanças e temores, de sensações e emoções, aguardava aqueles que tinham a coragem de se lançar na sua vastidão, de buscar o verdadeiro conhecimento da vida em meio a seus perigos.

Fui até minha janela, abri-a e olhei para fora. Ali estavam as duas alas da construção; ali estava o jardim; ali estavam os limites de Lowood; ali estava o horizonte dos morros. Meus olhos passaram por todos os outros objetos e foram pousar nos mais remotos de todos, os cumes azuis. Eram eles que eu desejava galgar; tudo dentro das suas fronteiras de pedra e vegetação parecia um terreno de prisão, os limites de um exílio. Acompanhei com os olhos a estrada branca que serpenteava pelo sopé de um dos morros e desaparecia num desfiladeiro entre dois outros. Como eu ansiava por segui-la até mais além! Recordei a ocasião em que havia percorrido aquela mesma estrada numa diligência; lembrei-me de descer aquele morro sob o lusco-fusco. Um século parecia ter transcorrido desde o dia em que pisei em Lowood pela primeira vez, e eu nunca saíra de lá desde então. Todas as minhas férias tinham sido passadas na escola. A sra. Reed nunca havia mandado me chamar para ir a Gateshead; nem ela e nem ninguém da sua família nunca foram me visitar. Eu não tivera comunicação alguma com o mundo exterior, fosse por carta ou por recado. As regras da escola, as obrigações da escola, os hábitos e conceitos da escola, suas vozes, seus rostos, suas expressões, seus costumes, suas preferências e antipatias: era isso que eu conhecia da existência. E agora eu sentia que não bastava. Cansei-me numa única tarde da rotina de oito anos. A liberdade desejei; pela liberdade arquejei; pela liberdade orei, e minha prece pareceu se desfazer ao vento leve que então soprava. Abandonei-a e formulei uma

súplica mais humilde. Por mudança, por estímulo. Esse pedido também pareceu ser levado embora espaço afora. “Então”, exclamei, quase em desespero, “conceda-me ao menos uma nova servidão!”

Naquele instante a sineta anunciando o jantar me chamou para descer.

Só pude retomar o fluxo de meus pensamentos interrompidos na hora de dormir; então, uma professora que ocupava o mesmo quarto que eu me afastou dessa questão à qual eu ansiava voltar com uma prolongada e efusiva conversa sobre temas banais. Como desejei que o sono a silenciasse! Parecia-me que, se ao menos conseguisse voltar à última ideia que havia adentrado minha mente quando eu estava em pé junto à janela, alguma sugestão criativa surgiria para me acudir.

Por fim, a srta. Gryce pôs-se a roncar. Ela era uma galesa pesada, e até então seus costumeiros esforços nasais nunca tinham me parecido nada além de um incômodo. Naquela noite, foi com satisfação que escutei suas primeiras notas graves. Estava livre de interrupções; meu pensamento parcialmente apagado reviveu no mesmo instante.

“Uma nova servidão! Isso faz sentido”, disse eu em meu monólogo interior (mentalmente, que fique claro; não disse nada em voz alta). “Sei que faz, pois não soa demasiado bom. Não é igual a palavras como liberdade, empolgação, prazer, sons encantadores, decerto, mas para mim nada além de sons, e tão vazios e passageiros que escutá-los é pura perda de tempo. Mas servidão! Isso deve ser possível. Qualquer um pode servir. Estou servindo aqui há oito anos; agora só o que desejo é servir em outro lugar. Será que não consigo isso por meus próprios meios? Não será algo factível? Sim... sim... não é um objetivo tão difícil, se ao menos eu tivesse um cérebro suficientemente capaz para encontrar o meio de alcançá-lo.”

Sentei-me na cama para tentar despertar o cérebro em questão. A noite estava gelada; cobri os ombros com um xale, e então recomecei a pensar

com todas as minhas forças.

“O que eu quero? Um lugar novo, numa nova casa, em meio a rostos novos numa nova situação. Quero isso porque de nada adianta querer qualquer coisa melhor. Como as pessoas fazem para conseguir um novo lugar? Recorrem aos amigos, tenho certeza. Não tenho amigo nenhum. Existem muitas outras pessoas que não têm amigos, que precisam procurar por si próprias e ser suas próprias ajudantes; e a que elas recorrem?”

Eu não sabia dizer; nada veio responder à minha pergunta. Ordenei então ao meu cérebro que encontrasse uma resposta, e logo. Ele pôs-se a trabalhar cada vez mais depressa. Senti a pulsação latejar na cabeça e nas têmporas, mas durante quase uma hora ele trabalhou de maneira caótica, sem que seus esforços produzissem resultado algum. Febril com o esforço vão, levantei-me e dei uma volta pelo quarto, abri a cortina, espiei uma estrela ou duas, estremeci de frio, e uma vez mais esgueirei-me até a cama.

Na minha ausência, uma fada bondosa devia ter deixado a resposta em cima do meu travesseiro, pois quando me deitei ela surgiu na minha mente de modo tranquilo e natural: “Aqueles que desejam empregos anunciam. Você precisa anunciar na *Gazeta de ***shire*”.

“Como? Não sei nada sobre anúncios.”

As respostas agora vinham fáceis e rápidas: “Você deve pôr o anúncio e o dinheiro do pagamento num envelope endereçado ao editor da *Gazeta*. Deve postá-lo na primeira oportunidade que tiver no correio de Lowton. As respostas devem ser enviadas a J. E. na agência de correio de lá. Pode ir perguntar cerca de uma semana após mandar sua carta se alguma resposta chegou, e agir conforme o caso”.

Repassei o plano duas, três vezes; ele foi então digerido por minha mente; eu agora o dominava de modo claro e prático. Fiquei satisfeita e adormeci.

Acordei mal o dia raiou. Escrevi meu anúncio, pus no envelope e o enderecei antes que a sineta que acordava a escola tocasse; ele dizia o seguinte: “Jovem acostumada a lecionar” (eu não era professora havia dois anos?) “deseja emprego numa família com crianças menores de catorze anos” (pensei que, como eu mal havia completado dezoito, não poderia aceitar lecionar para alunos próximos da minha idade). “Está apta a ensinar os temas habituais da boa educação inglesa, bem como *francês, desenho e música.*” (Na época, leitor, essa lista sucinta de habilidades teria sido considerada razoavelmente completa.) “Endereço J. E., agência de correio, Lowton, ***shire.”

O documento passou o dia inteiro trancado na minha gaveta. Depois do chá, pedi permissão à nova diretora para ir a Lowton cuidar de alguns pequenos afazeres meus e de uma ou duas de minhas colegas professoras; a permissão foi concedida no ato; lá fui eu. Era uma caminhada de duas milhas, e o fim de tarde estava chuvoso, mas os dias ainda eram longos; visitei uma loja ou duas, deixei a carta na agência de correio e voltei debaixo de uma forte chuva, com as roupas pingando, mas o coração aliviado.

A semana seguinte pareceu se arrastar. Por fim encerrou-se, porém, como todas as coisas entre o céu e a terra, e mais uma vez, ao final de um agradável dia de outono, parti a pé rumo ao vilarejo de Lowton. Era um caminho pitoresco, aliás, situado à margem do regato e passando pelas mais belas curvas do vale; mas naquele dia eu pensava mais nas cartas que poderiam ou não estar à minha espera no pequeno povoado ao qual me dirigia do que nos encantos do terreno e do curso d'água.

Meu pretexto era mandar tirar medidas para um par de sapatos; sendo assim, dei primeiro conta dessa questão e, ao terminar, atravessei a ruazinha limpa e tranquila do sapateiro até a agência do correio, que era administrada

por uma velha senhora que usava óculos de armação de chifre no nariz e nas mãos luvas pretas sem dedos.

“Chegou alguma carta para J. E.?”, perguntei.

Ela me espiou por cima dos óculos, então abriu uma gaveta e ficou remexendo o conteúdo por muito tempo, tanto que minha esperança começou a fraquejar. Por fim, após segurar um documento diante dos óculos por quase cinco minutos, estendeu-o por cima do balcão, acompanhando o gesto de outro olhar inquisitivo e desconfiado — estava endereçado a J. E.

“Só esse?”, eu quis saber.

“Não tem mais nenhum”, disse ela, e eu o pus no bolso e virei-me na direção de casa. Não podia abri-lo ali; as regras me obrigavam a voltar antes das oito, e já eram sete e meia.

Diversas obrigações me aguardavam ao chegar. Tive de ficar sentada com as alunas durante sua hora de estudos; depois foi minha vez de ler as preces; em seguida, tive de colocá-las na cama e jantei com as outras professoras. Mesmo quando enfim nos recolhemos para a noite, a inevitável srta. Gryce continuou comigo. Restava-nos apenas um toco curto de vela em nosso castiçal, e temi que ela ficasse falando até ele se extinguir. Felizmente, porém, o pesado jantar por ela consumido teve um efeito soporífero; antes mesmo de eu terminar de me despir, ela já estava roncando. Ainda restavam uns dois ou três centímetros de vela. Então peguei minha carta; rompi o lacre com a inicial F; o conteúdo era sucinto.

“Se J. E., que publicou um anúncio na *Gazeta de ***shire* na última quinta-feira, possuir as qualificações mencionadas; e se tiver condições de fornecer referências satisfatórias em relação ao seu temperamento e às suas competências, um emprego lhe pode ser oferecido com apenas uma aluna, uma menina com menos de dez anos de idade, mediante um salário de trinta

libras *per annum*. Pede-se a J. E. que mande referências, nome, endereço e todos os detalhes para: ‘sra. Fairfax, Thornfield, perto de Millcote, ***shire.’”

Passei muito tempo examinando o documento; a caligrafia era antiquada e um tanto hesitante, como a de uma senhora idosa. Esse detalhe me tranquilizou; eu me sentia assombrada por um medo secreto de que, ao agir sozinha daquele modo, sem a orientação de ninguém, corria o risco de cair em alguma armadilha, e mais do que tudo desejava que o resultado de minhas ações fosse respeitável, adequado, *en règle*. Agora sentia que uma senhora de idade não era um mau ingrediente para minha atual empreitada. Sra. Fairfax! Imaginei-a de vestido preto e touca de viúva; fria talvez, mas não descortês. Um modelo da respeitabilidade inglesa tradicional. Thornfield! Aquele decerto era o nome da sua casa, um lugar limpo e bem-arrumado, eu tinha certeza, embora fracassasse ao tentar imaginar uma planta correta do local. Millcote, ***shire; espanei minhas lembranças do mapa da Inglaterra; sim, já sabia onde ficava; tanto o condado como a cidade. ***shire se localizava setenta milhas mais perto de Londres do que o distante condado em que eu agora residia; isso para mim era uma vantagem. Eu ansiava por ir para onde houvesse vida e movimento. Millcote era uma grande cidade manufatureira às margens do rio A***; sem dúvida era um lugar bastante movimentado. Melhor ainda; pelo menos a mudança seria completa. Não que imaginar chaminés compridas e nuvens de fumaça me agradasse muito, “mas”, argumentei, “Thornfield provavelmente deve ficar a uma boa distância da cidade.

Naquele instante, a base da vela tombou e o pavio se apagou.

No dia seguinte seria preciso tomar providências. Meus planos não podiam mais ficar limitados apenas ao meu conhecimento; eu precisava comunicá-los para garantir seu sucesso. Após pedir e conseguir uma

audiência com a diretora durante a recreação da hora do almoço, eu lhe disse que tinha a possibilidade de obter um novo emprego cujo salário seria o dobro do que o que eu ganhava no momento (pois em Lowood eu recebia somente quinze libras *per annum*), e lhe pedi que falasse sobre meu caso com o sr. Brocklehurst ou alguém do comitê e avaliasse se eles permitiriam que eu os citasse como referência. Ela aceitou de bom grado ser minha intermediária na questão. No dia seguinte, apresentou o caso ao sr. Brocklehurst, que afirmou ser preciso escrever para a sra. Reed, já que ela era minha tutora natural. Um bilhete foi conseqüentemente endereçado àquela senhora, cuja resposta foi que “eu poderia fazer o que quisesse; ela já tinha aberto mão havia muito tempo de qualquer interferência na minha vida”. O bilhete passou por todo o comitê, e, por fim, após o que me pareceu um intervalo muito demorado, foi-me concedida permissão formal para melhorar minha situação caso pudesse fazê-lo; e foi-me garantido também que, como eu sempre havia me portado bem em Lowood, tanto como professora quanto como aluna, uma referência pessoal e profissional assinada pelos inspetores da instituição me seria fornecida sem demora.

Recebi devidamente essas referências cerca de um mês depois, encaminhei uma cópia para a sra. Fairfax e recebi sua resposta afirmando estar satisfeita e estabelecendo para dali a quinze dias a data em que eu assumiria o cargo de preceptora em sua casa.

Passei então a cuidar dos preparativos; as duas semanas passaram depressa. Eu não possuía um guarda-roupa muito extenso, embora ele fosse adequado às minhas necessidades, e o último dia bastou para arrumar meu baú de viagem — o mesmo que eu trouxera comigo de Gateshead oito anos antes.

O baú foi amarrado com uma corda, um cartão com o endereço pregado. Dali a meia hora o carregador viria buscá-lo para levá-lo até Lowton, aonde

eu mesma iria no dia seguinte bem cedo, pegar a diligência. Eu já tinha escovado meu vestido de viagem de fazenda preta, preparado meu chapéu, minhas luvas e meu regalo; vasculhado todas as minhas gavetas para me certificar de que nenhum artigo ficasse para trás; e então, sem nada mais a fazer, sentei-me e tentei descansar. Mas não consegui; embora houvesse passado o dia inteiro de pé, não pude repousar um só instante; estava demasiado ansiosa. Uma fase da minha vida se encerrava naquela noite e outra se inaugurava no dia seguinte. Impossível dormir entre uma e outra; eu precisava observar atentamente enquanto a mudança estivesse ocorrendo.

“Senhorita”, disse uma criada que foi me encontrar no saguão pelo qual eu vagava feito um espírito atormentado, “uma pessoa deseja vê-la lá embaixo.”

“Deve ser o carregador”, pensei, e desci correndo sem perguntar. A caminho da cozinha, estava passando pela sala dos fundos, ou sala das professoras, cuja porta estava aberta pela metade, quando alguém saiu correndo de lá:

“É ela, tenho certeza! Seria capaz de reconhecê-la em qualquer lugar!”, exclamou a pessoa que me deteve e segurou minha mão.

Olhei para ela; vi uma mulher usando trajes de criada muito bem-vestida, com ares de matrona, mas ainda jovem; muito atraente, com cabelos e olhos negros e pele viçosa.

“Ora, quem será?”, perguntou ela, com uma voz e um sorriso que reconheci parcialmente; “não se esqueceu inteiramente de mim, esqueceu-se, srta. Jane?”

Um segundo depois, eu a estava abraçando e beijando com fervor: “Bessie! Bessie! Bessie!”, foi tudo o que disse; diante do que ela em parte

riu, em parte chorou, e juntas nós entramos na sala. Perto do fogo estava parado um menininho de três anos, de túnica e calça quadriculadas.

“É meu filhinho”, disse Bessie na hora.

“Então você se casou, Bessie?”

“Sim. Há quase cinco anos, com Robert Leaven, o cocheiro. E além de Bobby tenho uma menininha que batizei de Jane.”

“E não mora mais em Gateshead?”

“Moro na guarita; o velho porteiro foi embora.”

“Bem, e como vão todos eles? Conte-me tudo sobre eles, Bessie. Mas primeiro sente-se, e Bobby, venha sentar no meu colo, sim?” Mas Bobby preferiu ficar perto da mãe.

“A senhorita não ficou muito alta, srta. Jane, nem muito forte”, prosseguiu a sra. Leaven. “Ouso dizer que não a alimentaram muito bem na escola: a srta. Reed tem a cabeça e os ombros a mais do que a sua altura, e a srta. Georgiana é duas vezes mais larga.”

“Imagino que Georgiana seja bonita, não, Bessie?”

“Muito. Ela foi para Londres no inverno passado com a mamã e todos a admiraram, e um jovem lorde se apaixonou por ela. Mas os parentes dele foram contra o enlace; e... a senhorita não vai acreditar... ele e a srta. Georgiana combinaram de fugir. Mas foram desmascarados e impedidos. Quem os descobriu foi a srta. Reed; acho que ela ficou com inveja; e agora ela e a irmã vivem como gato e rato; estão sempre às turras.”

“Bem, e John Reed?”

“Ah, ele não tem ido tão bem quanto sua mamã poderia desejar. Entrou na universidade e foi... reprovado, acho que é assim que se diz. E então seus tios quiseram que ele virasse advogado e estudasse direito. Mas é um rapaz muito desvirtuado, acho que nunca vão conseguir transformá-lo em grande coisa.”

“Como ele é?”

“Muito alto. Há quem diga que é um belo rapaz, mas ele tem os lábios muito grossos.”

“E a sra. Reed?”

“De rosto a patroa parece bastante robusta e disposta, mas acho que sua mente não está muito tranquila. O comportamento do sr. John não lhe agrada; ele gasta muito dinheiro.”

“Foi ela quem a mandou aqui, Bessie?”

“Ah, não; mas eu queria ver a senhorita faz tempo, e quando ouvi dizer que tinha chegado uma carta sua e que a senhorita estava de mudança para outra região do país, resolvi fazer a viagem para dar uma olhada na senhorita antes que escapasse de vez ao meu alcance.”

“Acho que desapontei você, não é, Bessie?”, perguntei, rindo. Reparei que o olhar de Bessie, embora expressasse apreço, de modo algum denotava admiração.

“Não, srta. Jane, não exatamente. A senhorita é bastante respeitável; tem o aspecto de uma dama, e nunca esperei mais do que isso. A senhorita não era nenhuma beldade quando criança.”

A resposta franca de Bessie me fez sorrir; senti que era uma resposta correta, mas confesso que não fiquei totalmente indiferente ao seu teor. Aos dezoito anos de idade, a maioria das pessoas deseja agradar, e a certeza de não ter um exterior passível de sustentar esse desejo está longe de causar satisfação.

“Mas imagino que a senhorita seja inteligente”, continuou Bessie à guisa de consolo. “O que sabe fazer? Sabe tocar piano?”

“Um pouco.”

Havia um na sala; Bessie foi até lá e o abriu, então me pediu que sentasse e lhe tocasse uma música. Toquei uma ou duas valsas, e ela ficou encantada.

“As srtas. Reed não sabem tocar tão bem!”, falou, exultante. “Eu sempre disse que a senhorita iria superá-las na educação; e sabe desenhar?”

“Aquele ali, acima da lareira, é minha.” Era uma paisagem em aquarela que eu dera de presente à diretora como agradecimento por sua solícita mediação em meu benefício junto ao comitê, e que ela havia emoldurado e mandado pôr vidro.

“Ora, srta. Jane, que lindo! É um quadro tão bonito quanto qualquer um que o professor de desenho das srtas. Reed pudesse ter pintado, quanto mais as jovens damas, que não teriam chegado nem perto. E a senhorita aprendeu francês?”

“Aprendi, Bessie, sei ler e falar francês.”

“E sabe bordar e fazer tapeçaria?”

“Sei.”

“Ah, srta. Jane, então a senhorita é uma dama de verdade! Eu sabia que seria; vai traçar seu caminho quer seus parentes reparem ou não. Tem uma coisa que eu queria perguntar. Alguma vez teve notícias dos parentes do seu pai, os Eyre?”

“Nunca em toda a minha vida.”

“Bem, a senhorita sabe que a patroa sempre disse que eles eram pobres e um tanto baixos. E podem até ser pobres, mas acredito que sejam tão refinados quanto os Reed. Pois um dia, quase sete anos atrás, um certo sr. Eyre foi a Gateshead e pediu para ver a senhorita. A patroa falou que a senhorita estava no colégio interno, a cinquenta milhas de distância. Ele pareceu muito decepcionado, pois não podia ficar; ia partir em viagem para um país estrangeiro, e o navio zarparia de Londres dali a um dia ou dois. Ele parecia um cavalheiro de verdade, e acredito que fosse irmão do seu pai.”

“Para que país estrangeiro ele estava indo, Bessie?”

“Uma ilha a milhares de milhas daqui, onde fabricam vinho... o mordomo me disse, disse sim...”

“Madeira?”, sugeri

“Sim, é isso... é exatamente essa a palavra.”

“E ele foi embora?”

“Foi; não ficou mais que alguns minutos na casa. A patroa o tratou com muita arrogância; depois que ele foi embora, chamou-o de ‘comerciante dissimulado’. Meu Robert acha que ele era um comerciante de vinhos.”

“Muito provavelmente”, retruquei; “ou quem sabe o funcionário ou representante de um comerciante de vinhos.”

Bessie e eu passamos mais uma hora falando sobre os velhos tempos, e ela então precisou me deixar. Tornei a vê-la na manhã seguinte em Lowton por alguns minutos enquanto aguardava a diligência. Despedimo-nos por fim em frente à porta do Brocklehurst Arms, no vilarejo. Partimos cada qual na sua direção: ela tomou o rumo de Lowood Fell para pegar o transporte que a levaria de volta a Gateshead; eu subi no veículo que me levaria até minhas novas obrigações e uma vida nova nos arredores desconhecidos de Millcote.

O novo capítulo de um romance é como a nova cena de uma peça de teatro; e quando eu subir a cortina dessa vez, leitor, é preciso imaginar que está vendo um quarto na hospedaria George Inn, em Millcote, com a estampa graúda no papel de parede típica dos quartos de hospedaria; com o típico tapete, os típicos móveis, os típicos enfeites na moldura da lareira, as típicas gravuras, entre elas um retrato de Jorge iii e outro do príncipe de Gales, e uma representação da morte de Wolfe.¹ Tudo isso é visível graças à luz de uma lamparina a óleo pendurada no teto e de um excelente fogo aceso na lareira, junto à qual me encontro sentada com minha capa e meu chapéu; meu regalo e minha sombrinha estão em cima da mesa, e me espanto com o calor, a dormência e o frio acumulados nas dezesseis horas de exposição aos rigores de um dia de outubro. Saí de Lowton às quatro da manhã, e o relógio da praça em Millcote neste exato instante bate as oito da noite.

Embora eu pareça confortavelmente instalada, leitor, não tenho a mente muito tranquila. Pensei que quando a diligência parasse ali fosse haver alguém à minha espera; olhei em volta ansiosa ao descer os degraus de madeira que o criado do hotel posicionou para meu conforto, imaginando que fosse ouvir meu nome ser pronunciado e ver algum tipo de transporte à espera para me levar até Thornfield. Não foi possível ver nada do tipo, e

quando perguntei a um ajudante se alguém estivera ali perguntando por uma srta. Eyre, recebi resposta negativa. De modo que não tive outro remédio a não ser solicitar que me levassem até um quarto particular. E aqui estou, à espera, enquanto minha mente é atormentada por todo tipo de dúvida e temor.

É uma sensação muito estranha para alguém jovem e inexperiente sentir-se absolutamente só no mundo, sem nenhum vínculo, sem saber se o porto que é seu destino poderá ser alcançado, impedido por muitos empecilhos de voltar àquilo que já abandonou. Os encantos da aventura tornam essa sensação mais agradável, o calor do orgulho a aquece; mas em seguida o latejar do medo vem perturbá-la; e no meu caso o medo passou a predominar quando meia hora se passou e eu continuei sozinha. Por fim, decidi tocar a sineta.

“Existe aqui por perto um lugar chamado Thornfield?”, perguntei ao ajudante que veio atender.

“Thornfield? Não sei, senhora. Vou perguntar no bar.” Ele desapareceu, mas instantes depois tornou a aparecer. “Seu sobrenome é Eyre, senhorita?”

“Sim.”

“Tem uma pessoa à sua espera.”

Levantei-me num pulo, peguei meu regalo e minha sombrinha, e segui apressada pelo corredor da hospedaria. Um homem estava em pé junto à porta, e à luz do lampião da rua pude ver um veículo puxado por um cavalo só.

“Esta deve ser sua bagagem, imagino”, disse o homem de modo um tanto abrupto ao me ver, apontando para meu baú no corredor.

“Sim.” Ele o suspendeu para cima do veículo, que era uma espécie de carroça, e então subi; antes de ele fechar a porta, perguntei-lhe a que distância ficava Thornfield.

“Umas seis milhas.”

“Quanto tempo levaremos para chegar?”

“Uma hora e meia, talvez.”

Ele fechou a porta do veículo e subiu para seu próprio assento do lado de fora, então partimos. Nosso ritmo foi lento, o que me deu tempo de sobra para refletir. Eu estava contente por enfim me aproximar do fim da viagem, e ao me recostar no veículo confortável, ainda que não elegante, pude meditar à vontade.

“Suponho”, pensei, “a julgar pela simplicidade do criado e do transporte, que a sra. Fairfax não seja uma pessoa de grandes recursos. Melhor assim; só morei uma vez com pessoas refinadas, e fui muito infeliz com elas. Pergunto-me se ela vive sozinha a não ser pela menina; nesse caso, e contanto que demonstre um mínimo de amabilidade, com certeza poderei me entender com ela; farei o meu melhor. Pena que fazer nosso melhor nem sempre funcione. Em Lowood, de fato, tomei essa decisão, ative-me a ela e consegui agradar; mas com a sra. Reed lembro que meu melhor era sempre rejeitado com desprezo. Rezo a Deus para a sra. Fairfax não se revelar uma segunda sra. Reed, mas, caso isso aconteça, não é provável que eu fique com ela; se o pior acontecer, sempre posso publicar outro anúncio. Quanto será que já avançamos em nosso caminho?”

Baixei a janela e olhei para fora; Millcote já tinha ficado para trás. A julgar pela quantidade de luzes, a cidade parecia ter um tamanho razoável, bem maior do que Lowton. Estávamos agora, até onde eu podia ver, numa espécie de área sem construções; mas havia casas espalhadas por todos os arredores; senti que estávamos numa região diferente da de Lowood, mais populosa, menos pitoresca. Mais empolgante e menos romântica.

As estradas estavam molhadas, a noite enevoadas. Meu condutor deixou o cavalo percorrer o caminho inteiro a passo, e a hora e meia se transformou,

creio, em duas; por fim, ele se virou no assento e disse: “A senhorita agora não está muito longe de Thornfield”.

Olhei para fora outra vez. Passávamos por uma igreja. Vi o campanário baixo e largo destacado contra o céu, enquanto o sino batia o quarto de hora; vi também uma pequena galáxia de luzes numa encosta de morro que assinalava um vilarejo ou povoado. Uns dez minutos depois, o condutor saltou e abriu um par de portões; passamos, e eles se fecharam atrás de nós com alarde. Então subimos lentamente um caminho e chegamos diante da fachada comprida de uma casa. Luz de velas emanava de uma janela arredondada fechada por uma cortina; todo o resto estava às escuras. O veículo parou diante da porta principal; esta foi aberta por uma criada; saltei e entrei.

“Pode vir por aqui, senhora?”, disse a moça, e eu a segui por um saguão quadrado com portas altas de todos os lados. Ela me fez entrar num recinto cuja iluminação dupla de lareira e vela no início me ofuscou a visão, tamanho seu contraste com a escuridão à qual meus olhos haviam se acostumado durante duas horas; quando consegui enxergar, porém, um quadro aconchegante e harmonioso se apresentou à minha visão.

Um cômodo confortável, pequeno; uma mesa redonda junto a um fogo vivo; uma poltrona de espaldar alto e feitiço antiquado, na qual estava sentada uma velha senhora miúda e muito bem-arrumada, de touca de viúva, vestido de seda preta e avental de musselina branca; exatamente como eu havia imaginado a sra. Fairfax, só que menos imponente e com um aspecto mais suave. Ela estava ocupada tricotando; havia um gato grande sentado comportadamente aos seus pés; em suma, nada faltava para completar o belo ideal de conforto doméstico. Não seria possível imaginar uma apresentação mais reconfortante para uma nova professora particular; não havia nenhuma grandiosidade intimidadora, nenhuma formalidade

embaraçosa; e então, quando entrei, a velha senhora se levantou e na mesma hora avançou gentilmente para me cumprimentar.

“Como vai, minha cara? Lamento se a sua viagem foi maçante; John dirige muito devagar; a senhorita deve estar com frio, venha para perto do fogo.”

“Sra. Fairfax, imagino”, falei.

“Sim, está certa. Sente-se.”

Ela me conduziu até sua própria poltrona e começou a tirar meu xale e a desatar os cordões do meu chapéu. Implorei-lhe que não se desse a esse trabalho.

“Ah, não é trabalho algum. Ouso dizer que suas mãos devem estar quase congeladas de frio. Leah, prepare um vinho quente e prepare um ou dois sanduíches. Aqui estão as chaves da despensa.”

E tirou do bolso um molho de chaves típico de uma dona de casa, o qual entregou à criada.

“Agora chegue mais perto do fogo”, continuou. “Trouxe consigo sua bagagem, não trouxe, minha cara?”

“Sim, senhora.”

“Vou providenciar para que seja levada até seu quarto”, disse ela, e saiu apressada.

“Ela está me tratando como se eu fosse uma visita”, pensei. “Eu não esperava uma recepção dessas; imaginava apenas frieza e rigidez. Não é assim que ouvi dizer que são tratadas as preceptoras; mas não devo festejar tão cedo.”

A sra. Fairfax voltou; com as próprias mãos, guardou os apetrechos de tricô e tirou da mesa um ou dois livros para dar lugar à bandeja que Leah logo trouxe, em seguida me serviu os comes e bebes. Senti-me um tanto confusa ao ser objeto de mais atenção do que jamais recebera antes, e além

do mais demonstrada por minha empregadora e superior; mas como ela própria não parecia pensar estar fazendo nada fora do normal, achei melhor aceitar suas gentilezas sem dizer nada.

“Terei o prazer de encontrar a srta. Fairfax hoje à noite?”, perguntei, após ter consumido o que ela me oferecera.

“Como disse, minha cara? Sou um pouco surda”, retrucou a velha senhora, aproximando o ouvido da minha boca.

Repeti a pergunta de modo mais claro.

“Srta. Fairfax? Ah, se refere à srta. Varens! Sua futura aluna se chama Varens.”

“É mesmo? Quer dizer que ela não é sua filha?”

“Não... eu não tenho família.”

Eu deveria ter dado continuidade à minha primeira pergunta indagando qual era a ligação da srta. Varens com ela; mas lembrei que não era educado fazer perguntas em excesso; além do mais, eu com certeza acabaria sabendo.

“Estou muito contente”, continuou ela, sentando-se em frente a mim e pegando o gato no colo; “muito contente que a senhorita esteja conosco; vai ser bem agradável viver aqui agora com companhia. É agradável o tempo todo, claro, pois Thornfield é uma bela mansão antiga, um tanto negligenciada nos últimos anos talvez, mas ainda assim um lugar respeitável; mas a senhorita sabe que no inverno a pessoa se sente bastante sozinha, mesmo no melhor dos lugares. Digo sozinha... Leah é com certeza uma boa moça, e John e sua esposa são pessoas muito decentes; mas são apenas criados, e não se pode conversar com eles em pé de igualdade; é preciso mantê-los a uma distância adequada devido ao medo de perder a autoridade. Tenho certeza de que no inverno passado (foi um inverno muito rigoroso, se a senhorita recorda, e, quando não nevava, chovia e ventava)

ninguém, exceto o açougueiro e o carteiro, vieram a esta casa de novembro até fevereiro; e eu fiquei de fato bastante melancólica sentada sozinha noite após noite; pedia para Leah vir ler para mim às vezes, mas não acho que a pobre moça apreciasse muito a tarefa. Ela se sentia confinada. Na primavera e no verão todos ficam mais felizes; o sol e os dias longos fazem muita diferença; e então, logo no início deste outono, a pequena Adela Varens chegou com sua ama-seca. Uma criança traz vida para uma casa na mesma hora; e agora que a senhorita chegou, eu vou ficar bem alegre mesmo.”

Senti um verdadeiro calor no coração pela bondosa senhora enquanto a escutava falar, cheguei minha cadeira um pouco mais para perto e exprimi o desejo sincero de que ela fosse achar minha companhia tão agradável quanto previa.

“Mas não vou fazê-la ficar acordada até tarde hoje”, disse a sra. Fairfax; “já vai dar meia-noite, e a senhorita passou o dia inteiro viajando; deve estar cansada. Se estiver com os pés bem aquecidos, vou lhe mostrar seu quarto. Mandei preparar para a senhorita o quarto ao lado do meu; são aposentos pequenos, mas achei que a senhorita fosse preferi-los a um dos grandes quartos da frente. Os móveis lá com certeza são mais bonitos, mas são cômodos tão tristes e solitários que eu mesma nunca durmo lá.”

Agradei-lhe pela escolha judiciosa, e como estava mesmo cansada por causa da longa viagem, expressei o desejo de me recolher. Ela pegou a vela e eu a segui para fora da sala. Primeiro ela foi ver se a porta do saguão estava trancada; depois de tirar a chave da fechadura, seguiu na frente rumo ao primeiro andar. Os degraus e corrimões eram de carvalho; a janela da escada era alta e coberta por uma treliça; tanto ela quanto o longo corredor para o qual se abriam as portas dos quartos pareciam pertencer mais a uma igreja do que a uma casa. Um ar muito gelado e semelhante ao de uma cripta dominava a escada e o corredor, trazendo à mente ideias sombrias de

espaço e solidão; e fiquei aliviada, ao ser finalmente conduzida para o interior do meu quarto, e constatar que ele era pequeno e estava mobiliado com peças de estilo moderno comum.

Depois que a sra. Fairfax me desejou um gentil boa-noite e eu tranquei minha porta, olhei demoradamente em volta e em alguma medida apaguei, com o aspecto mais vivaz de meu pequeno quarto, a impressão sinistra causada por aquele amplo saguão, pela escada escura e espaçosa e pelo longo e frio corredor, lembrei que após um dia de cansaço físico e ansiedade mental eu agora, finalmente, estava num lugar seguro. Meu coração foi tomado pelo impulso da gratidão, então ajoelhei-me ao pé da cama e dei graças a quem eram devidas; sem esquecer, antes de levantar, de implorar por ajuda no caminho que tinha pela frente e pelo poder de merecer a gentileza que parecia me estar sendo oferecida com tanta sinceridade antes de eu lhe fazer jus. Meu leito naquela noite não teve nenhum espinho; meus aposentos solitários não abrigaram nenhum temor. Ao mesmo tempo cansada e satisfeita, adormeci pronta e profundamente. Quando acordei, era dia claro.

O quarto me pareceu um lugar tão claro, com o sol brilhando por entre as alegres cortinas de chintz azul das janelas e permitindo ver paredes revestidas com papel e um chão coberto por tapetes muito diferentes das tábuas e do gesso manchado de Lowood, que a visão me deixou animada. Aspectos externos têm muito efeito nos jovens. Pensei que uma fase mais justa da vida estivesse começando para mim, uma fase que teria suas flores e prazeres bem como seus espinhos e agruras. Meus sentidos, aguçados pela mudança de cenário que o novo campo permitia esperar, pareciam todos em polvorosa. Não sei definir exatamente o que eles esperavam, mas era algo agradável; talvez não naquele dia ou naquele mês, mas em algum momento indefinido no futuro.

Levantei-me; vesti-me com esmero. Mesmo obrigada a ser simples — uma vez que não possuía nenhum artigo de vestuário que não fosse de extrema simplicidade —, minha natureza exigia que eu me arrumasse. Não era meu costume ser negligente com a aparência ou descuidada com a impressão que eu transmitia; pelo contrário, eu sempre desejava ter o melhor aspecto possível e agradar tanto quanto permitia minha falta de beleza. Às vezes lamentava não ser mais bonita; às vezes desejava ter faces rosadas, um nariz reto e uma pequena boca polpuda. Desejava ser alta, imponente e bem-feita de corpo; considerava um infortúnio ser tão pequena, tão pálida e ter os traços tão irregulares e marcados. E por que tinha essas aspirações e esses pesares? Seria difícil dizer; eu na época não conseguia formular a questão de modo distinto para mim mesma; mas tinha um motivo, e um motivo lógico, aliás. No entanto, após escovar os cabelos até deixá-los bem lisos, pôr meu vestido preto — que, por mais austero que fosse, pelo menos tinha o mérito de me cair bem — e ajeitar meu lenço de pescoço branco e limpo, pensei que estava respeitável o suficiente para me apresentar diante da sra. Fairfax; e que minha nova aluna pelo menos não se encolheria de repulsa ao me ver. Após abrir a janela do quarto e verificar que tinha deixado tudo arrumado e limpo sobre a penteadeira, aventurei-me a sair.

Atravessei o corredor comprido e atapetado, desci os escorregadios degraus de carvalho; então avancei pelo saguão. Parei ali por alguns instantes; observei alguns quadros nas paredes (um deles, lembro-me, retratava um homem carrancudo com o peito coberto por uma couraça, e outro uma senhora de cabelos empoados e colar de pérolas), uma lamparina de bronze pendurada no teto, e um grande relógio de pé cujo gabinete era feito de carvalho intrincadamente entalhado e tornado negro feito ébano pela idade e pelo uso. Tudo me pareceu muito grandioso e imponente, mas,

afinal, eu estava pouco acostumada com a grandiosidade. A porta do saguão, metade dela feita de vidro, estava aberta; cruzei a soleira. Era uma bela manhã outonal; o sol do início da manhã brilhava sereno sobre bosques já marrons e campos ainda verdes; avancei até o gramado, olhei para cima e examinei a fachada da mansão. Era um casarão de três andares, de tamanho não muito grande, embora considerável; o casarão de um cavalheiro, não a propriedade de um nobre; as ameias do telhado lhe davam um aspecto pitoresco. A fachada cinza se destacava bastante do fundo formado pelas copas das árvores repletas de ninhos de gralhas, cujos moradores grasnantes tinham agora alçado voo. As aves sobrevoaram o gramado e o jardim e foram pousar numa vasta campina separada dos primeiros por uma cerca fincada no solo, e onde uma profusão de imensas árvores cheias de grossos espinhos, enodoadas e largas como carvalhos, explicaram na mesma hora a etimologia do nome do casarão.² Mais adiante havia morros. Não eram tão altos quanto os de Lowood, e tampouco tão escarpados, nem lembravam tanto barreiras de separação do mundo dos vivos; mas ainda assim eram morros bastante silenciosos e desertos, que pareciam circundar Thornfield com um isolamento que eu não imaginava poder existir tão perto de uma localidade animada como Millcote. Um pequeno povoado, cujos telhados se misturavam às árvores, subia pela encosta de um desses morros. A igreja dos arredores ficava mais perto de Thornfield; e seu velho campanário se erguia acima de um monte entre a casa e os portões.

Eu ainda admirava a paisagem tranquila e aproveitava o agradável ar puro, ainda escutava deliciada o grasnar das gralhas, ainda examinava a larga e acinzentada fachada do casarão e pensava em que ótimo lugar era aquele para uma velha dama solitária como a sra. Fairfax morar, quando a própria sra. Fairfax apareceu na porta.

“O quê? Já aqui fora?”, disse ela. “Estou vendo que a senhorita acorda cedo.” Aproximei-me dela, que me recebeu com um beijo afável e um aperto de mão.

“O que acha de Thornfield?”, perguntou. Eu lhe disse que tinha gostado muito.

“Sim”, disse ela, “é um belo lugar; mas temo que comece a se deteriorar a não ser que o sr. Rochester decida vir morar aqui permanentemente — ou pelo menos visitar com mais frequência. Casarões e belos jardins exigem a presença de seu proprietário.”

“Sr. Rochester!”, exclamei. “Quem é?”

“O dono de Thornfield”, respondeu a sra. Fairfax baixinho. “A senhorita não sabia que ele se chamava Rochester?”

É claro que eu não sabia; nunca tinha ouvido falar nele antes. Mas a velha senhora parecia considerar sua existência um fato universalmente conhecido, com o qual todos deveriam estar familiarizados por instinto.

“Pensei que Thornfield pertencesse à senhora”, continuei.

“A mim? Por Deus, criança; mas que ideia! A mim? Sou só a governanta — a administradora da casa. Claro, tenho um parentesco distante com os Rochester pelo lado materno — ou pelo menos meu marido tinha. Ele era o cura responsável por Hay — aquele pequeno povoado lá em cima do morro — e aquela igreja perto dos portões era dele. A mãe do atual sr. Rochester era uma Fairfax, prima em segundo grau do meu marido; mas nunca tento me aproveitar desse vínculo — na verdade ele não significa nada para mim. Considero-me de fato uma simples governanta. Meu patrão é sempre educado, e não espero nada além disso.”

“E a menina... minha aluna?”

“Ela é a pupila do sr. Rochester. Ele me incumbiu de encontrar uma preceptora para ela. Quer que a menina seja criada em ***shire, creio. Ali

vem ela, com sua *bonne*, que é como se refere à ama.” O enigma estava então explicado: aquela pequena viúva afável e bondosa não era nenhuma grande dama, mas uma dependente como eu. Meu apreço por ela não diminuiu por causa disso; pelo contrário, fiquei mais satisfeita do que nunca. A igualdade entre nós duas era real, não o simples resultado de uma condescendência sua. Melhor assim; minha situação ficava ainda mais livre.

Enquanto eu meditava sobre essa descoberta, uma menininha seguida por sua acompanhante veio correndo pelo gramado. Olhei para minha aluna, que no início não pareceu reparar em mim. Ela era uma menina e tanto: devia ter uns sete ou oito anos, era franzina, possuía um rosto pálido de traços miúdos e uma basta cabeleira, cujos cachos lhe batiam na cintura.

“Bom dia, srta. Adela”, disse a sra. Fairfax. “Venha falar com a dama que vai lhe dar aulas e transformar você um dia numa mulher inteligente.” A menina se aproximou.

“*C’est là ma gouvernante?*”,³ perguntou ela apontando para mim e dirigindo-se à ama, que respondeu:

“*Mais oui, certainement.*”⁴

“Elas são estrangeiras?”, indaguei, assombrada ao escutar o idioma francês.

“A ama é estrangeira, e Adela nasceu no continente; creio que jamais saiu de lá até seis meses atrás. Quando chegou aqui, não sabia inglês; agora consegue improvisar e falar um pouco. Eu não a entendo, de tanto que mistura sua fala com o francês; mas ousa dizer que a senhorita vai entender muito bem o que ela diz.”

Por sorte, eu tivera o privilégio de aprender francês com uma francesa; e como sempre fizera questão de conversar com madame Pierrot com a maior frequência possível, e como, além disso, nos últimos sete anos decorara um pouco de francês diariamente — caprichando no sotaque e imitando do

modo mais próximo possível a pronúncia da minha professora —, adquirira certo grau de desenvoltura e correção no idioma, de modo que provavelmente não ficaria muito perdida com mademoiselle Adela. Ao saber que eu seria sua preceptora, ela veio apertar minha mão, e enquanto eu a conduzia até o café da manhã, disse-lhe algumas palavras na sua própria língua. Ela no início respondeu de modo breve, mas depois que nos sentamos à mesa e que ela passou dez minutos me examinando com seus grandes olhos cor de avelã, de repente pôs-se a falar com fluência.

“Ah!”, exclamou ela, em francês. “A senhorita fala minha língua tão bem quanto o sr. Rochester. Posso falar com a senhorita como falo com ele, e Sophie também. Ela vai ficar contente; ninguém aqui entende o que ela diz; madame Fairfax só fala inglês. Sophie é minha ama-seca; ela atravessou o mar comigo num enorme navio com uma chaminé que soltava fumaça — quanta fumaça! — e eu fiquei enjoada, e Sophie também, e também o sr. Rochester. O sr. Rochester se deitou num sofá numa sala bonita chamada *salon*, e Sophie e eu tínhamos caminhas em outro lugar. Quase caí da minha; parecia uma prateleira. E, mademoiselle... qual é o seu nome?”

“Eyre... Jane Eyre.”

“*Aire?* Ora! Não consigo dizer isso. Bom, nosso navio parou de manhã, antes que o dia raiasse, numa grande cidade — uma cidade imensa, com casas muito escuras e toda enfumaçada; nem um pouco parecida com a cidade bonita e limpa da qual eu venho; e o sr. Rochester me carregou no colo por uma passarela até a terra firme, e Sophie veio atrás, e todos nós embarcamos numa diligência que nos levou até uma grande e linda casa, maior do que esta e mais elegante, chamada hotel. Ficamos lá quase uma semana. Eu e Sophie costumávamos passear todos os dias por um grande lugar verde cheio de árvores chamado parque; e lá havia muitas crianças

além de mim, e um lago com lindas aves dentro, para as quais eu jogava migalhas.”

“A senhorita consegue entender quando ela fala tão depressa?”, perguntou a sra. Fairfax.

Eu entendia muito bem, pois estava acostumada com a dicção fluente de madame Pierrot.

“Eu gostaria”, continuou a bondosa senhora, “que a senhorita lhe fizesse uma ou duas perguntas sobre os pais. Será que ela se lembra deles?”

“Adèle”, falei, “com quem você morava quando vivia naquela cidade bonita e limpa da qual falou?”

“Muito tempo atrás eu morava com mamã, mas ela foi para junto da Santa Virgem. Mamã costumava me ensinar a dançar e cantar, e a recitar poemas. Muitos cavalheiros e damas visitavam mamã, e eu costumava dançar para eles, ou então me sentava no colo dela e cantava para eles. Eu gostava. Quer me ouvir cantar agora?”

Como ela já tinha terminado seu desjejum, autorizei-a a fazer uma demonstração de suas prendas. Ela desceu da cadeira e veio se sentar no meu colo; então, unindo as mãozinhas em frente ao corpo comportadamente, jogou os cachos para trás e ergueu os olhos para o teto, depois começou a cantar a letra de alguma ópera. Era a história de uma dama abandonada que, após lamentar a perfídia do amante, recorre ao orgulho; pede para sua criada paramentá-la com as mais reluzentes joias e os mais ricos vestidos e decide ir ao encontro do traidor num baile, naquela noite, para provar-lhe, com seu comportamento alegre, quão pouco seu abandono a afetava.

O tema me pareceu uma escolha estranha para uma cantora infantil; mas suponho que o objetivo da exibição fosse justamente escutar os versos de

amor e ciúme balbuciados por uma voz infantil, um objetivo de muito mau gosto — pelo menos assim pensei.

Adèle cantou a *canzonette* de modo razoavelmente afinado, e com a *naïveté* típica da sua idade. Isso feito, pulou do meu colo e disse: “Agora, mademoiselle, vou recitar alguns versos”.

Fazendo uma pose, ela começou a recitar “La Ligue des Rats, fable de La Fontaine”.⁵ Então declamou a curta fábula atenta à pontuação e às ênfases, com uma flexibilidade vocal e uma propriedade de gestos de fato muito incomuns para sua idade, demonstrando que havia sido cuidadosamente treinada.

“Foi sua mamã quem lhe ensinou essa fábula?”, perguntei.

“Sim; e ela costumava dizer assim: ‘*Qu’avez-vous donc?, lui dit un de ces rats; parlez!*’.”⁶ Me fazia erguer a mão — assim — para me lembrar de levantar a voz na pergunta. Agora quer que eu dance para a senhorita?”

“Não; assim já está bom. Mas depois que sua mamã foi para junto da Santa Virgem, como você disse, com quem você foi morar?”

“Com madame Frédéric e o marido dela. Ela cuidou de mim, mas não tem nenhum parentesco comigo. Acho que é pobre, porque não tinha uma casa tão elegante quanto a de mamã. Não fiquei lá por muito tempo. O sr. Rochester perguntou se eu queria ir morar com ele na Inglaterra, e eu falei que sim, porque já conhecia o sr. Rochester antes de conhecer madame Frédéric, e ele sempre foi bondoso comigo e me dava belos vestidos e brinquedos. Mas ele não cumpriu o que prometeu, sabe, porque me trouxe para a Inglaterra e agora ele mesmo foi embora de novo, sabe?, e eu nunca o vejo.”

Depois do desjejum, Adèle e eu fomos para a biblioteca, cômodo que o sr. Rochester aparentemente havia indicado para ser usado como sala de aula. A maioria dos livros ficava trancada atrás de portas de vidro, mas uma

das estantes estava aberta e continha tudo o que alguém poderia vir a precisar para fazer estudos elementares, além de vários títulos de literatura leve, poesia, biografia, viagens, alguns romances etc. Imagino que ele tenha considerado que aqueles livros fossem tudo o que uma preceptora pudesse necessitar para suas consultas pessoais, e de fato eles me satisfaziam totalmente por ora; comparados aos poucos recursos que eu conseguia encontrar de vez em quando em Lowood, pareciam proporcionar um belo farnel de diversão e informações. No cômodo havia também um piano de parede razoavelmente novo e muito bem afinado, além de um cavalete de pintura e um par de globos terrestres.

Pude constatar que minha aluna era suficientemente dócil, embora pouco afeita a se concentrar; não estando acostumada com tarefas regulares de nenhum tipo. Senti que não seria judicioso confiná-la demais no início; assim, depois de lhe falar bastante e conseguir que ela aprendesse um pouco, e com a manhã já avançada até o meio-dia, deixei-a voltar para junto de sua ama. Então resolvi me ocupar até a hora do almoço fazendo alguns pequenos esboços para ela.

Quando estava subindo para pegar minha pasta e meus lápis, a sra. Fairfax me chamou: “Imagino que suas horas de aula da manhã já tenham terminado”, disse ela. Estava num cômodo cujas portas sanfonadas se encontravam abertas; entrei quando ela assim me indicou. Eram aposentos amplos e suntuosos, com cadeiras e cortinas roxas, um tapete turco, paredes revestidas de nogueira, uma imensa janela de vitral e um teto muito alto, elegantemente esculpido. A sra. Fairfax espanava alguns vasos de bela marcassita púrpura que estavam sobre um aparador.

“Que sala linda!”, exclamei, olhando em volta, pois nunca tinha visto algo nem de longe tão imponente.

“Sim, aqui é a sala de jantar. Acabei de abrir a janela para deixar entrar um pouco de ar e de luz, pois tudo fica muito úmido em aposentos que se usa raramente; o salão ali parece uma cripta.”

Ela apontou para um grande arco oposto à janela, dotado, como esta, de uma cortina tingida de roxo, agora presa. Galguei dois largos degraus até lá e, olhando para dentro, tive a impressão de estar vendo um lugar de conto de fadas, tão formosa a visão pareceu a meus olhos de noviça. No entanto, era apenas um salão muito bonito, e anexo a ele um *boudoir*, ambos revestidos de tapetes brancos sobre os quais pareciam estar dispostas brilhantes guirlandas de flores; ambos tinham no teto sancas brancas no formato de uvas e videiras, sob as quais reluziam em forte contraste divãs e pufes vermelhos. Os enfeites sobre a moldura de mármore branco da lareira eram de reluzente vidro da Boêmia, rubros como rubis, e entre as janelas grandes espelhos reproduziam a mistura reinante de neve e fogo.

“Como a senhora mantém esses cômodos bem-arrumados, sra. Fairfax!”, falei. “Nenhuma poeira, nenhum lençol a cobrir os móveis. Tirando o frio, ninguém pensaria que não são usados diariamente.”

“Ora, srta. Eyre, embora as visitas do sr. Rochester sejam raras, são sempre repentinas e inesperadas; e como observei que lhe desagradava encontrar tudo coberto e ter um atropelo de providências na sua chegada, achei melhor manter os cômodos prontos.”

“O sr. Rochester é um homem exigente e meticuloso?”

“Não particularmente, mas ele tem gostos e hábitos de um cavalheiro e espera que as coisas sejam administradas em conformidade com eles.”

“A senhora gosta dele? É um homem apreciado de modo geral?”

“Ah, sim; a família sempre foi respeitada por aqui. Quase todas as terras destas redondezas, até onde a vista alcança, pertencem aos Rochester desde tempos imemoriais.”

“Bem, mas tirando as terras, a senhora gosta dele? Ele é apreciado por quem é?”

“*Eu* não tenho motivo algum para desgostar dele e creio que seja considerado por seus arrendatários um senhorio justo e generoso. Mas o sr. Rochester nunca morou por muito tempo entre eles.”

“Mas ele não tem nenhuma peculiaridade? Que temperamento ele tem, em suma?”

“Ah! O temperamento dele é inquestionável, suponho. Talvez ele seja um tanto excêntrico; acho que viajou muito e conhece uma parte grande do mundo. Ouso dizer que é inteligente, mas nunca conversei muito com ele.”

“Excêntrico em que sentido?”

“Não sei... não é fácil explicar... nada explícito, mas dá para perceber quando ele nos dirige a palavra. Nem sempre se pode ter certeza se ele está brincando ou falando sério, se está satisfeito ou contrariado; resumindo, nem sempre é possível compreendê-lo por completo... pelo menos eu não consigo. Mas isso não tem importância, ele é um ótimo patrão.”

Foi tudo o que consegui saber da sra. Fairfax sobre nosso empregador. Há pessoas que parecem não ter talento para descrever uma personalidade, para observar e descrever pontos importantes, tanto em pessoas como em coisas; a bondosa senhora era obviamente desse tipo. Minhas perguntas a deixavam intrigada, mas não a levavam a falar. Aos olhos dela o sr. Rochester era o sr. Rochester: um cavalheiro, um proprietário de terras, nada mais; não estava interessada em descobrir mais nada e não se esforçava para isso, e obviamente estranhava meu desejo de ter uma ideia mais definida em relação à identidade dele.

Quando saímos da sala de jantar, a sra. Fairfax sugeriu me mostrar o restante da casa, e eu a segui escadas acima e abaixo, admirando tudo pelo caminho; pois tudo era bem organizado e bonito. Achei especialmente

suntuosos os grandes dormitórios da frente; e alguns dos cômodos do terceiro andar, embora escuros e de teto baixo, eram interessantes por seu ar antigo. A mobília outrora adequada aos aposentos inferiores fora transferida de tempos em tempos para lá, à medida que mudavam as modas, e a luz imperfeita que entrava por suas janelas estreitas mostrava cabeceiras de cama centenárias; baús de carvalho ou nogueira que pareciam parentes da arca hebraica, com seus estranhos entalhes de folhas de palmeira e cabeças de querubim; fileiras de cadeiras veneráveis, estreitas e de alto espaldar; bancos mais antiquados ainda, sobre cujas superfícies estofadas restavam os vestígios aparentes de bordados feitos por dedos que havia muitas gerações já tinham se transformado em pó de caixão. Todas essas relíquias davam ao terceiro andar de Thornfield Hall o aspecto de uma residência do passado — um altar de recordações. Durante o dia eu gostava do silêncio, da penumbra e da excentricidade desses refúgios; mas de modo algum desejaria repousar à noite numa daquelas largas e pesadas camas, algumas fechadas com portas de carvalho, outras rodeadas por velhos cortinados ingleses, pesados e com grossos bordados retratando imagens de estranhas flores, de mais estranhos pássaros, de seres humanos mais estranhos ainda — tudo isso teria parecido de fato estranho à pálida luz do luar.

“Os criados dormem nesses quartos?”, perguntei.

“Não; eles ocupam uma série de aposentos menores nos fundos da casa; ninguém nunca dorme aqui. Quase se poderia dizer que, se houvesse um fantasma em Thornfield Hall, aqui seria o seu antro.”

“Também acho. Quer dizer que aqui não tem nenhum fantasma?”

“Não que eu saiba”, retrucou a sra. Fairfax com um sorriso.

“Nem tradições relacionadas a algum? Nenhuma lenda ou história de assombração?”

“Não creio. No entanto, dizem que os Rochester na sua época foram uma raça mais violenta do que tranquila. Mas talvez seja por isso que eles agora repousam tranquilamente em seus túmulos.”

“Sim... ‘depois da agitação da vida, eles dormem bem’”,⁷ murmurei. “Para onde está indo agora, sra. Fairfax?”, perguntei, pois ela se afastava.

“Para o telhado; quer vir olhar a vista lá de cima?” Continuei a segui-la por uma escada muito estreita até o sótão, em seguida por uma escadinha de madeira e um alçapão até o telhado da casa. Estava agora na mesma altura da colônia de gralhas, e podia ver seus ninhos. Debrucei-me nas ameias e olhei lá para baixo, examinando a propriedade estendida feito um mapa: o gramado reluzente e aveludado que circundava de perto a base cinza da mansão; o campo, vasto como um parque, salpicado com suas árvores ancestrais; a floresta marrom e seca cortada por uma trilha visivelmente mal conservada, mais verde de musgo do que as árvores de folhas; a igreja junto aos portões, a estrada, os morros tranquilos, tudo a repousar sob o sol do dia outonal; o horizonte encimado por um céu auspicioso, azul, entremeado por um branco perolado. Nenhum aspecto daquela cena era extraordinário, mas todos eram agradáveis. Quando lhe dei as costas e desci pelo alçapão, mal consegui enxergar ao descer a escada de madeira; o sótão pareceu negro como uma cripta em comparação com aquele arco de ar azul que eu estivera admirando, e com aquela cena ensolarada de mata, pasto e colina verdejante cujo centro o casarão ocupava e que eu admirara encantada.

A sra. Fairfax ficou para trás alguns instantes, de modo a trancar o alçapão. Tateando, encontrei a saída do sótão e comecei a descer pela estreita escada. Demorei-me no corredor comprido em que ela ia dar e que separava os cômodos da frente dos de trás no terceiro andar — um corredor estreito, baixo e escuro, com apenas uma janelinha no final, e que parecia,

com suas duas fileiras de pequenas portas pretas todas fechadas, o corredor do castelo de algum Barba Azul.

Enquanto eu prosseguia a passos leves, o último som que esperava escutar num lugar tão silencioso me chegou aos ouvidos. Era uma curiosa risada — nítida, formal, sem qualquer alegria. Estaquei. O som cessou apenas por alguns instantes. Aí recomeçou, mais alto — pois no início, embora distinto, havia soado muito baixo. Então se desfez num retinir estrondoso que pareceu despertar um eco em cada cômodo vazio, embora tivesse se originado apenas em um, e eu poderia ter apontado para a porta da qual os ruídos tinham emanado.

“Sra. Fairfax!”, chamei, pois agora podia escutá-la descendo a grande escadaria. “A senhora ouviu essa estranha risada? Quem é?”

“Algum dos criados, muito provavelmente”, respondeu ela; “talvez Grace Poole.”

“A senhora ouviu?”, tornei a perguntar.

“Sim, muito bem; ouço-a com frequência. Ela costura num desses quartos. Às vezes Leah vai ficar com ela; é comum as duas fazerem barulho juntas.”

A risada se repetiu com seu tom grave e sincopado, e se encerrou num estranho murmúrio.

“Grace!”, exclamou a sra. Fairfax.

Eu na verdade não esperava que Grace respondesse, pois a risada era a mais trágica e mais sobrenatural que eu já havia escutado. Não fosse o fato de ser meio-dia e nenhuma circunstância fantasmagórica acompanhar a curiosa gargalhada; não fosse o fato de nem a situação nem a estação favorecerem o medo, eu teria ficado supersticiosamente apavorada. Mas o acontecimento me mostrou como eu era tola por nem sequer ter me assustado.

A porta mais perto de mim se abriu, e uma criada saiu lá de dentro: uma mulher de entre trinta e quarenta anos, com a silhueta pesada, quadrada, cabelos ruivos e um rosto duro e desgracioso; não se poderia imaginar aparição menos romântica ou menos fantasmagórica.

“Barulho demais, Grace”, disse a sra. Fairfax. “Lembre-se das instruções!” Grace fez uma mesura silenciosa e tornou a entrar.

“Nós a chamamos para costurar e ajudar Leah no trabalho de limpeza”, continuou a viúva; “ela não é de todo irrepreensível em determinados aspectos, mas se sai razoavelmente bem. A propósito, como a senhorita se entendeu com sua nova aluna hoje de manhã?”

A conversa, assim desviada para o tema de Adèle, prosseguiu até chegarmos aos cômodos claros e alegres do andar de baixo. A menina veio correndo ao nosso encontro no saguão, exclamando: “*Mesdames, vous êtes servies!*”, e emendou: “*J’ai bien faim, moi!*”.⁸

Encontramos o almoço pronto e à nossa espera no quarto da sra. Fairfax.

1. Em referência ao general James Wolfe, morto na batalha para tomar o Québec dos franceses em 1759.

2. Thornfield significa literalmente “campo de espinhos”.

3. “É essa a minha preceptora?”

4. “Sim, certamente.”

5. “A assembleia dos ratos”, fábula de La Fontaine.

6. “Qual é o problema?”, disse-lhe um dos ratos. ‘Fale!’”

7. Referência a *Macbeth*, peça de William Shakespeare.

8. “Senhoras, está na mesa! Eu mesma estou com muita fome.”

A promessa de uma carreira sem sobressaltos, que meu primeiro e tranquilo contato com Thornfield Hall pareceu garantir, não foi desmentida por uma convivência mais prolongada com o local e seus habitantes. A sra. Fairfax se revelou ser aquilo que aparentava: uma mulher de temperamento plácido e natureza bondosa, de educação competente e inteligência mediana. Minha aluna era uma criança cheia de vida que tinha sido mimada e atendida em seus caprichos, e que portanto às vezes se revelava difícil de controlar; no entanto, como fora posta inteiramente sob meus cuidados e nenhuma interferência pouco judiciosa de qualquer origem jamais tenha vindo prejudicar meus planos para seu progresso, logo esqueceu suas pequenas birras e tornou-se obediente e dócil. Ela não tinha nenhum grande talento, nenhum traço de caráter mais marcado, nenhum desenvolvimento incomum de sentimento ou gosto que a elevasse um centímetro sequer acima do nível normal da infância; tampouco tinha qualquer deficiência ou vício que a fizesse cair abaixo dele. Teve um progresso razoável e demonstrou por mim um afeto vivaz, embora talvez não muito profundo. Com sua simplicidade, sua alegre tagarelice e seus esforços para agradar, inspirou em mim, por sua vez, um nível de apego suficiente para nos deixar ambas satisfeitas com a companhia uma da outra.

Entre parênteses, essa descrição será considerada fria por pessoas que defendem doutrinas solenes em relação à natureza angelical das crianças e ao dever daqueles encarregados da sua educação de nutrir por elas uma devoção que beira a idolatria. Mas não estou escrevendo para afagar o ego dos pais nem para repetir falsidades ou sustentar hipocrisias; estou apenas dizendo a verdade. Eu tinha uma preocupação bem-intencionada com o bem-estar e o progresso de Adèle, e um carinho discreto por sua pequena pessoa, assim como nutria pela sra. Fairfax uma gratidão por sua gentileza e um prazer com sua companhia proporcionais ao apreço tranquilo que ela tinha por mim e à moderação da sua opinião e do seu temperamento.

Quem quiser pode me culpar quando eu acrescentar que às vezes, quando ia caminhar sozinha pela propriedade; quando descia até os portões e olhava através deles para a estrada; ou quando, enquanto Adèle brincava com sua ama-seca e a sra. Fairfax preparava geleias na despensa, eu subia as três escadas, erguia o alçapão do sótão e, uma vez no telhado, deixava meus olhos se perderem nos campos e colinas isolados e no horizonte difuso — que nesses momentos eu ansiava por possuir um poder de visão capaz de ultrapassar aqueles limites, capaz de chegar ao mundo agitado, às cidades, aos lugares cheios de vida dos quais eu ouvira falar, mas que nunca tinha visto; que nesses momentos desejava mais experiências práticas do que as que tinha; mais relações com meus semelhantes, mais conhecimento de variados temperamentos do que havia ali ao meu alcance. Eu valorizava o que havia de bom na sra. Fairfax e o que havia de bom em Adèle, mas acreditava na existência de outros e mais vívidos tipos de bondade, e desejava ver aquilo em que acreditava.

Quem poderia me culpar? Muitos, não duvido; e eu seria chamada de insatisfeita. Mas não podia evitar; a inquietação fazia parte da minha natureza, e às vezes a agitação me causava dor. Naquelas horas meu único

alívio era percorrer de um lado para o outro o corredor do terceiro andar, segura no silêncio e na solidão daquele lugar, e deixar minha imaginação se demorar em quaisquer visões brilhantes que nela surgissem — e com certeza houve muitas e fulgurantes; permitir ao meu coração ser levado por esse movimento exultante que, embora o enchesse de tormento, inflava-o de vida; e, o melhor de tudo, permitir ao meu ouvido interior se abrir para uma história que nunca findava — uma história criada e narrada continuamente pela minha imaginação, animada por todos os incidentes, por toda a vida, todo o fogo e todo o sentimento que eu desejava e não tinha na minha existência real.

É vão afirmar que os seres humanos deveriam se contentar com a tranquilidade; eles precisam de ação, e se não conseguem encontrá-la, a criam. Milhões são condenados a um destino ainda mais parado do que o meu, e milhões se revoltam em silêncio contra tal sina. Ninguém sabe quantas rebeliões além das políticas fervilham nas massas de vida que povoam a Terra. As mulheres supostamente são em geral muito calmas, mas elas sentem da mesma forma que os homens, e precisam exercitar suas faculdades e direcionar seus esforços da mesma forma que seus irmãos; uma contenção demasiado rígida, uma estagnação demasiado absoluta as fazem sofrer exatamente como os homens sofreriam; e trata-se de uma estreiteza de pensamento por parte dos seus semelhantes mais privilegiados dizer que elas deveriam se ater a preparar sobremesas e tricotar meias, a tocar piano e bordar sacolas. É insensível condená-las ou rir delas caso busquem fazer mais ou aprender mais do que o costume declarou ser necessário ao seu sexo.

Quando estava assim sozinha, não era raro eu escutar a risada de Grace Poole: o mesmo repique, o mesmo grave e lento ha! ha! que tanto me impressionara quando eu o escutara pela primeira vez; também ouvia seus

excêntricos murmúrios, mais estranhos do que o seu riso. Em alguns dias ela ficava totalmente em silêncio, mas em outros eu não sabia explicar os barulhos que fazia. Às vezes eu a via: ela saía de seu quarto com uma bacia, um prato ou uma bandeja na mão, descia até a cozinha e pouco depois voltava, em geral (ah, romântico leitor, me perdoe por dizer a simples verdade!) trazendo uma jarra de cerveja. Seu aspecto sempre funcionava como mata-borrão para a curiosidade despertada por suas excentricidades vocais: rígida e de traços duros, ela não tinha nenhuma característica que pudesse interessar. Fiz algumas tentativas de entabular conversa, mas ela parecia ser uma pessoa de poucas palavras; uma resposta monossilábica em geral cortava pela raiz qualquer tentativa nesse sentido.

Os outros habitantes da casa, a saber John e sua esposa, Leah, a empregada, e Sophie, a ama-seca francesa, eram pessoas decentes, mas de modo algum notáveis; com Sophie eu costumava falar francês e às vezes lhe fazia perguntas sobre o seu país natal, mas ela não tinha inclinação para a descrição ou a narrativa, e em geral dava respostas tão banais e confusas que pareciam calculadas para frear o interesse em vez de incentivá-lo.

Outubro, novembro e dezembro passaram. Numa tarde de janeiro, a sra. Fairfax tinha pedido uma folga para Adèle, pois a menina estava resfriada; e como Adèle reiterou o pedido com um ardor que me fez recordar o quão preciosas as folgas ocasionais tinham sido para mim na minha própria infância, aceitei, avaliando que seria bom demonstrar flexibilidade em relação ao assunto. O dia estava bonito e calmo, apesar de muito frio; eu estava cansada de ficar parada durante toda uma longa manhã sentada na biblioteca. Como a sra. Fairfax tinha acabado de escrever uma carta que estava aguardando para ser postada, pus meu chapéu e minha capa e me ofereci para levá-la até Hay; a distância, duas milhas, seria uma agradável caminhada vespertina invernal. Após me certificar de que Adèle estava

confortavelmente acomodada em sua pequena cadeira junto à lareira da saleta da sra. Fairfax e de que tinham lhe dado sua melhor boneca de cera para brincar (que eu em geral guardava numa gaveta envolta em papel prateado) e um livro de histórias para se divertir; e após ter respondido com um beijo ao seu “*Revenez bientôt, ma bonne amie, ma chère Mlle. Jeannette*”,¹ parti.

O chão estava duro, o ar parado, meu caminho foi solitário; caminhei depressa até me aquecer, depois devagar para aproveitar e analisar o tipo de prazer que o momento e a situação me proporcionavam. Eram três da tarde; o sino da igreja soou quando passei debaixo do campanário. O charme do horário consistia na penumbra que se avizinhava, no sol baixo e fraco. Eu estava a uma milha de Thornfield, num caminho conhecido pelas rosas silvestres no verão e pelas castanhas e amoras no outono, e que mesmo agora exibia alguns tesouros avermelhados na forma de frutinhas e bagas, mas cujo maior deleite invernal consistia na completa solidão e na imobilidade sem folhas. Se algum sopro de ar se movia, ali não produzia ruído algum, pois não havia nenhum azevinho, nenhuma folhagem resistente ao inverno para farfalhar, e os arbustos nus de espinheiro e avelaira estavam tão parados quanto as pedras brancas e gastas que marcavam o meio da estrada. A toda a volta, de ambos os lados, havia apenas campos onde nenhum animal agora pastava, e os pequenos passarinhos marrons que se moviam de vez em quando na sebe pareciam folhas soltas cor de ferrugem que houvessem esquecido de cair.

Esse caminho subia o morro até ir dar em Hay; quando cheguei à metade, sentei-me nuns degraus de pedra que separavam a estrada de um campo. Fechando a capa em volta do corpo e com as mãos abrigadas dentro do regalo, eu não sentia o frio, embora estivesse muito gelado, conforme demonstrado por uma camada sólida que cobria a estrada no ponto em que

um pequeno regato, agora congelado, havia transbordado após um degelo rápido alguns dias antes. De onde estava sentada podia ver Thornfield: a casa cinza com suas ameias era o principal elemento no vale lá embaixo; suas florestas e os ninhos escuros das gralhas se destacavam no céu do oeste. Fiquei ali até o sol descer por entre as árvores e afundar atrás delas, rubro e nítido. Então virei-me para leste.

No alto do morro acima de mim erguia-se a lua nascente, ainda pálida como uma nuvem, mas ficando mais brilhante a cada segundo; ela pairava sobre Hay, que, parcialmente perdida no meio das árvores, exalava uma fumaça azul de suas poucas chaminés; o vilarejo ainda estava a uma milha de distância, mas no silêncio absoluto eu podia escutar perfeitamente seus fracos murmúrios de vida. Meu ouvido captou também o fluxo de cursos d'água, em que vales ou profundezas eu não soube dizer, mas havia muitos morros para lá de Hay, e sem dúvida muitos regatos corriam por seus desfiladeiros. A calma vespertina permitia escutar tanto o retinir dos mais próximos quanto o gemido dos mais distantes.

Um ruído tosco irrompeu em meio aos doces murmúrios e sussurros, ao mesmo tempo longínquo e muito nítido: um clac, clac distinto, um clangor metálico que abafou os suaves movimentos das águas, como a massa sólida de um despenhadeiro desenhado escuro e forte no primeiro plano de um quadro apaga os morros azuis, o horizonte ensolarado e as nuvens esfumaçadas ao longe, onde as cores se mesclam umas às outras.

O alarido vinha da estrada: um cavalo se aproximava; as curvas do caminho ainda o escondiam, mas ele estava vindo. Eu ia justamente me levantar do degrau, mas, como a estrada era estreita, continuei sentada para esperar ele passar. Naquela época eu era jovem, e fantasias de todo tipo, brilhantes e sombrias, povoavam minha mente; em meio às outras bobagens, estavam lá as lembranças das histórias infantis, e quando elas

retornavam, a juventude quase madura lhes insuflava um vigor e uma nitidez que a infância não podia alcançar. Enquanto o cavalo se aproximava e enquanto eu esperava ele surgir do lusco-fusco, recordei algumas das histórias de Bessie que falavam de um espírito do Norte da Inglaterra chamado “Gytrash”, que, na forma de um cavalo, de uma mula ou de um cachorro grande, assombrava os caminhos desertos e às vezes atacava viajantes tardios como aquele cavalo estava agora vindo me atacar.

Ele estava muito perto, mas ainda não visível quando, além do clac, clac, ouvi um farfalhar debaixo da sebe, e rente ao chão, perto dos caules das avelheiras, passou um cachorro imenso, cuja cor preta e branca o tornava um objeto distinto em contraste com as árvores. Aquele era exatamente um dos disfarces do Gytrash de Bessie: uma criatura semelhante a um leão, com pelos longos e uma cabeça enorme. Mas ele passou por mim quase sem fazer barulho; não se demorou para erguer em direção ao meu rosto estranhos olhos caninos sobrenaturais, como eu quase esperava que fizesse. O cavalo surgiu em seguida: um corcel alto, e montado nele um cavaleiro. O homem, o ser humano, quebrou o feitiço na hora. Nada nunca vinha montado no Gytrash; ele aparecia sempre sozinho. E na minha opinião, os espíritos, embora pudessem ocupar as carcaças burras dos animais, jamais poderiam se abrigar na forma humana comum. Aquilo não era nenhum Gytrash, apenas um viajante usando o atalho para Millcote. Ele passou e eu prossegui; dei alguns passos e me virei; o barulho de algo escorregando e uma exclamação de “Mas que raio eu faço agora?” e um estardalhaço quando algo caiu no chão atraíram minha atenção. Homem e cavalo tinham vindo abaixo após escorregar na capa de gelo que cobria a estrada. O cão voltou correndo, e ao ver o dono naquela triste situação e o cavalo gemendo, pôs-se a latir até os morros sob o crepúsculo reverberarem o som, que era tão grave quanto portentoso. O cão ficou farejando em volta da

dupla prostrada, então correu para mim; era tudo o que podia fazer — não havia nenhum outro socorro possível por perto. Obedeci-lhe e desci até o viajante, que àquela altura já se esfalfava para se desvencilhar do corcel. Seus esforços eram tão vigorosos que pensei que ele não poderia estar ferido com gravidade; mas perguntei: “O senhor se machucou?”.

Acho que ele estava praguejando, mas não tenho certeza; no entanto, estava pronunciando alguma coisa que o impediu de me responder na hora.

“Posso fazer alguma coisa?”, tornei a perguntar.

“A senhorita precisa apenas ficar onde está”, respondeu ele enquanto se levantava, ficando primeiro de joelhos, em seguida de pé. Fiz o que ele dizia; iniciou-se então um processo de empurrões, pisadas e estalos acompanhado por latidos e relinchos que me fizeram com efeito afastar-me alguns metros; mas não fui capaz de me afastar por completo antes de testemunhar o fato, que por fim veio a cabo: o cavalo foi novamente posto em pé e o cão silenciado com um: “Piloto, deitado!”. Abaixando-se, o viajante então apalpou o próprio pé e a perna, como se tentasse avaliar sua integridade; pelo visto algo o afligia, pois foi até os degraus de pedra dos quais eu acabara de me levantar e sentou-se.

Eu estava disposta a ser prestativa, ou pelo menos solícita, acho, pois naquela hora tornei a me aproximar dele.

“Se estiver machucado e precisar de ajuda, posso ir chamar alguém em Thornfield Hall ou em Hay.”

“Obrigado; vou ficar bem. Não quebrei nenhum osso, foi só uma torção.” Ele mais uma vez se levantou e experimentou o pé, mas o resultado provocou um “Ai!” involuntário.

Ainda restava um pouco de luz do dia, e a lua estava ficando mais luminosa; eu podia vê-lo com clareza. Seu corpo estava envolto numa capa de viagem com gola de pele e fecho de aço; os detalhes não eram visíveis,

mas pude identificar as características genéricas de uma estatura mediana e de uma considerável largura peitoral. Ele tinha um semblante fechado, com traços severos e uma testa franzida; os olhos e as sobrancelhas unidas pareciam no momento tomados pela ira e pela frustração; já não era um homem jovem, mas ainda não tinha chegado à meia-idade; devia ter trinta e cinco anos. Não senti medo algum dele e muito pouca timidez. Se ele fosse um jovem cavalheiro bonito e de aparência audaz, não teria me atrevido a interrogá-lo daquele modo contra sua vontade nem lhe oferecido minha ajuda sem ser solicitada. Eu quase nunca vira um rapaz bonito; nunca em toda a vida falara com um. Tinha uma reverência e um respeito teóricos pela beleza, pela elegância, pela galanteria e pelo charme, mas se houvesse me deparado com essas qualidades encarnadas numa forma masculina, teria percebido instintivamente que elas não nutriam nem poderiam nutrir nenhuma empatia por nada em mim, e as teria afastado como quem afasta o fogo, o raio, ou qualquer outra coisa que brilhe mas seja desagradável.

Se aquele desconhecido tivesse me sorrido e se mostrado bem-humorado quando lhe dirigi a palavra; se ele tivesse recusado alegremente e agradecido minha oferta de ajuda, eu teria seguido meu caminho sem sentir qualquer inclinação a refazer a pergunta; mas o cenho franzido e a rudeza do viajante me deixaram à vontade. Fiquei onde estava quando ele abanou a mão mandando-me embora e anunciei: “Enquanto eu não vir que está em condições de montar seu cavalo, não posso nem pensar em deixá-lo sozinho, ainda mais numa hora destas e nesta estrada deserta”.

Ele olhou para mim quando eu disse isso; mal tinha virado os olhos antes na minha direção.

“Pois eu acho que a senhorita deveria estar em casa”, ele falou, “se tiver uma casa por estas bandas. De onde vem?”

“Logo ali de baixo, e não tenho medo nenhum de ficar fora até tarde quando há lua no céu. Correria até Hay para o senhor com prazer, se assim o desejar. Na verdade, estou indo para lá, para pôr uma carta no correio.”

“Ali embaixo... está se referindo àquela casa com as ameias?” Ele apontou para Thornfield Hall, sobre o qual a lua lançava um brilho esbranquiçado que fazia o casarão se destacar nítido e claro em meio à floresta, que, em contraste com o céu do oeste, agora se assemelhava a uma só massa de sombras.

“Sim, senhor.”

“A quem pertence essa casa?”

“Ao sr. Rochester.”

“A senhorita conhece o sr. Rochester?”

“Não, nunca o vi.”

“Quer dizer que ele não mora lá?”

“Não.”

“Sabe me dizer onde ele está?”

“Não, não sei.”

“A senhorita não é uma criada no casarão, naturalmente. A senhorita é...” Ele se deteve e correu os olhos pelo meu vestido, que como de costume era bem simples: uma capa de lã preta, um gorro preto de castor, nenhum deles nem de longe elegantes o suficiente para a criada pessoal de uma dama. Pareceu não saber concluir o que eu era; então o ajudei.

“Sou a preceptora.”

“Ah, a preceptora!”, repetiu ele. “Que o diabo me carregue, tinha esquecido! A preceptora!” E mais uma vez meu traje foi inspecionado. Dois minutos depois, ele se levantou dos degraus; seu rosto exprimiu dor quando tentou andar.

“Não posso incumbi-la de ir chamar ajuda”, disse ele, “mas a senhorita mesma talvez possa me ajudar um pouco, se tiver a bondade.”

“Pois não, senhor.”

“Não tem um guarda-chuva que eu possa usar como bengala?”

“Não.”

“Tente segurar o bridão do meu cavalo e trazê-lo até mim. Não tem medo, tem?”

Sozinha, eu teria medo de tocar no cavalo, mas ao receber a ordem senti-me inclinada a obedecer. Pousei meu regalo no degrau e fui até o alto corcel; tentei segurar o bridão, mas o animal era arisco e não me deixou chegar perto da sua cabeça; tentei várias vezes, mas em vão. Enquanto isso, senti um pavor mortal de que me pisoteasse com as patas dianteiras. O viajante passou algum tempo aguardando e me observando; e então, por fim, riu.

“Estou vendo”, disse ele, “que a montanha nunca virá até Maomé, então tudo o que a senhorita pode fazer é ajudar Maomé a ir até a montanha; preciso lhe pedir que venha aqui.”

Eu fui. “Me perdoe”, continuou ele; “a necessidade me obriga a usá-la.” Ele pousou no meu ombro a mão pesada e, apoiando-se em mim com alguma dificuldade, foi mancando até o cavalo. Após agarrar o bridão na hora, controlou o animal imediatamente e pulou para cima da sela, fazendo uma careta feia com o movimento, que havia forçado sua torção.

“Agora”, disse ele, soltando o lábio inferior de uma forte mordida, “apenas me passe meu chicote; está ali debaixo da sebe.”

Procurei-o e encontrei.

“Obrigado; agora vá logo levar essa carta até Hay e volte o mais depressa que puder.”

O toque de um calcanhar com espora primeiro fez o cavalo se sobressaltar e empinar, depois sair correndo; o cão partiu atrás em disparada. Todos os três sumiram.

Como o mato que, nos descampados,

O vento forte faz rodopiar e leva embora.²

Peguei meu regalo e segui viagem. O incidente para mim tinha acontecido e acabado; fora *mesmo* um incidente sem importância, sem qualquer romantismo, em certo sentido sem interesse. No entanto, assinalou com uma mudança uma única hora de uma vida monótona. Minha ajuda fora necessitada e solicitada; eu a dispensara. Estava contente por ter feito alguma coisa; por mais trivial, por mais transitório que fosse o ato, era ainda assim algo ativo, e eu estava cansada de uma existência inteiramente passiva. O rosto novo também era como um novo quadro acrescentado à galeria da memória e era distinto de todos os outros pendurados ali. Em primeiro lugar por ser masculino e em segundo lugar por ser sombrio, forte e severo. Ainda podia vê-lo na minha mente ao entrar em Hay e deixar a carta na agência do correio; pude vê-lo ao descer o morro depressa por todo o caminho até em casa. Chegando aos degraus de pedra, parei por alguns instantes, olhei em volta e apurei os ouvidos, pensando que os cascos de um cavalo pudessem novamente ecoar na estrada e que um cavaleiro de capa e um cão terra-nova semelhante a um Gytrash pudessem novamente surgir; mas tudo o que vi diante de mim foi a sebe e um salgueiro podado, erguendo-se imóvel e reto ao encontro do luar; tudo o que escutei foi um debilíssimo sopro de vento a passear intermitente por entre as árvores ao redor de Thornfield, a uma milha dali; e quando olhei para baixo na direção do murmúrio, meus olhos, ao passearem pela fachada da casa, captaram uma luz acesa numa janela. Aquilo me lembrou que eu estava atrasada, e apurei o passo.

Não gostei de entrar de novo em Thornfield. Passar pela soleira era voltar à estagnação; atravessar o hall silencioso e subir a escadaria escura em direção ao meu próprio e solitário quarto, e depois ir ao encontro da plácida sra. Fairfax e passar na sua companhia, e somente na sua, a longa noite de inverno era sufocar por inteiro a débil animação despertada por meu passeio — cobrir outra vez meus sentidos com os antolhos cegos de uma existência uniforme e excessivamente parada; de uma existência na qual justamente os privilégios de segurança e tranquilidade eu estava me tornando incapaz de apreciar. Como teria me feito bem naquela época ter sido lançada na tormenta de uma vida incerta e difícil, ter sido ensinada pela violenta e amarga experiência a ansiar pela calma que agora maldizia! Sim; tão bem quanto teria feito a um homem cansado de ficar sentado sem se mexer numa “poltrona reclinada demais” dar uma longa caminhada. E o desejo de se mexer era tão natural, na minha situação, quanto teria sido na dele.

Demorei-me nos portões; demorei-me no gramado; fiquei andando para lá e para cá em frente à casa. As persianas da porta de vidro estavam fechadas; eu não conseguia ver lá dentro, e tanto meus olhos quanto meu espírito pareceram ser puxados para longe da casa sombria — daquele campo cinza e deserto com celas sem luz, como ela me parecia — em direção àquele céu aberto à minha frente: um mar azul sem qualquer mácula ou nuvem, com a lua a galgá-lo em marcha solene; com sua esfera parecendo olhar para cima conforme ela ia deixando os cumes dos morros, de trás dos quais tinha surgido, cada vez mais para baixo de si, e subia rumo à escuridão do zênite com suas insondáveis profundezas e incomensuráveis distâncias. Quanto às estrelas trêmulas que acompanhavam seu curso, elas faziam meu coração estremecer e minhas veias se acenderem quando eu as olhava. Pequenas coisas nos chamam de volta à terra: o relógio soou no

saguão, isso bastou. Dei as costas para a lua e as estrelas, abri uma porta lateral e entrei.

O saguão não estava às escuras e tampouco estava iluminado ainda, com exceção da lamparina de bronze pendurada bem alto no teto. Uma claridade âmbar banhava tanto aquele espaço quanto os degraus inferiores da escadaria de carvalho. Esse brilho avermelhado vinha da grande sala de jantar, cuja porta de duas folhas se encontrava aberta e permitia ver um fogo vivo aceso na grelha, resvalando no mármore da lareira e no latão dos atiçadores, e revelando cortinas roxas e móveis encerados com uma luz muito agradável. O fogo revelou também um grupo junto à lareira. Mal consegui distingui-lo e mal pude tomar consciência de uma alegre mistura de vozes entre as quais tive a impressão de distinguir a de Adèle quando a porta se fechou.

Segui apressada até o quarto da sra. Fairfax. Lá também havia um fogo aceso, mas nada de vela, e nada de sra. Fairfax. Em vez disso, sozinho, sentado muito ereto no tapete e observando o fogo com gravidade, vi um imenso cão preto e branco de pelo longo, igualzinho ao Gytrash da estrada. Era tão parecido que me adiantei e disse “Piloto”, e o animal se levantou, veio até mim e me cheirou. Acariciei-o, e ele abanou seu grande rabo; mas parecia uma criatura sinistra com a qual ficar a sós, e eu não soube dizer de onde tinha vindo. Toquei a sineta, pois queria uma vela; e queria também uma explicação sobre aquele visitante. Leah entrou.

“Que cão é este?”

“Veio com o patrão.”

“Com quem?”

“Com o patrão... o sr. Rochester. Ele acaba de chegar.”

“É mesmo? E a sra. Fairfax está com ele?”

“Sim, e a srta. Adèle; eles estão na sala de jantar, e John foi chamar o médico, pois o patrão teve um acidente. Seu cavalo caiu e ele torceu o tornozelo.”

“O cavalo caiu na estrada de Hay?”

“Sim, descendo o morro; escorregou no gelo.”

“Ah! Traga-me uma vela, sim, Leah?”

Leah atendeu. Entrou seguida pela sra. Fairfax, que repetiu a novidade e acrescentou que o sr. Carter, o médico, tinha chegado e estava agora com o sr. Rochester. Então saiu apressada para dar ordens em relação ao chá, e eu subi para tirar minha capa e meu chapéu.

1. “Volte logo minha amiga, minha cara srta. Jeannette.”

2. Citação do canto “Caído está seu trono, ó Israel”, do livro *Cantos sagrados* (1816), de Thomas Moore.

Por ordens do médico, ao que parecia, o sr. Rochester foi se deitar cedo naquela noite; tampouco se levantou cedo na manhã seguinte. Quando desceu, foi para cuidar de negócios. Seu administrador e alguns de seus arrendatários tinham chegado e estavam esperando para falar com ele.

Adèle e eu precisávamos agora sair da biblioteca; o cômodo seria usado diariamente como sala de recepção para as visitas. A lareira foi acesa num dos cômodos do andar de cima, e para lá levei nossos livros. Organizei-o para ser nossa futura sala de aula. Percebi no decorrer da manhã que Thornfield Hall era um lugar diferente. Não mais silencioso como uma igreja; a cada hora ou duas ouvia-se uma batida na porta ou um toque da sineta. Passos também atravessavam o saguão com frequência, e novas vozes falavam lá embaixo em tons diferentes. Um regato do mundo exterior corria pela casa. Eu tinha um patrão; pessoalmente, preferia assim.

Não foi fácil dar aula para Adèle naquele dia; ela não conseguia se concentrar. Vivia correndo até a porta e olhando por cima do corrimão para tentar ver de relance o sr. Rochester. Ficava arrumando pretextos para descer de modo a ir até a biblioteca, como eu astutamente desconfieei, onde sabia que não era desejada. Então, quando me zanguei um pouco e a fiz sentar-se quieta, continuou falando sem parar no seu “*ami, monsieur*

Edouard Fairfax de Rochester”,¹ como o chamava (eu ainda não havia escutado os primeiros nomes dele), e conjecturando que presentes ele teria trazido para ela, pois ao que parecia ele dera a entender na noite anterior que, quando sua bagagem chegasse de Millcote, haveria no meio dela uma caixinha cujo conteúdo poderia interessar à menina.

*“Et cela doit signifier”, disse ela, “qu’il y aura là-dedans un cadeau pour moi, et peut-être pour vous aussi, mademoiselle. monsieur a parlé de vous: il m’a demandé le nom de ma gouvernante, et si elle n’était pas une petite personne, assez mince et un peu pâle. J’ai dit que oui; car c’est vrai, n’est-ce pas, mademoiselle?”*²

Eu e minha aluna jantamos como de costume na saleta da sra. Fairfax. A tarde foi de tormenta e neve, e nós a passamos na sala de aula. Quando anoiteceu, deixei Adèle guardar os livros e os exercícios e descer correndo a escada, pois pelo silêncio comparativo do andar térreo e pela cessação dos toques da campainha, supus que o sr. Rochester estivesse agora disponível. Quando fiquei a sós, fui até a janela, mas não havia nada a ser visto dali. O crepúsculo e os flocos de neve somados deixavam o ar espesso e escondiam até os arbustos no gramado. Soltei a cortina e voltei para junto da lareira.

Estava traçando nas brasas um desenho não muito diferente de um quadro que recordava ter visto do castelo de Heidelberg, no Reno, quando a sra. Fairfax entrou, desfazendo com sua entrada o mosaico de fogo que eu vinha construindo e espalhando, e junto com ele alguns pensamentos densos e indesejados que começavam a ocupar minha solidão.

“O sr. Rochester ficaria grato se a senhorita e sua aluna fossem tomar chá com ele no salão hoje no final do dia”, disse ela. “Passou o dia inteiro tão ocupado que não conseguiu pedir para encontrá-la antes.”

“A que horas o sr. Rochester toma chá?”, indaguei.

“Ah, às seis. Ele adianta seus horários quando está no campo. É melhor a senhorita trocar de roupa agora; vou ajudá-la a se vestir. Tome aqui uma vela.”

“É preciso trocar de roupa?”

“Sim, é melhor. Eu sempre me arrumo à noite quando o sr. Rochester está em casa.”

Essa formalidade suplementar pareceu um tanto cerimoniosa. No entanto, retirei-me até meu quarto e, com a ajuda da sra. Fairfax, substituí meu vestido de lã preta por outro de seda preta; era o melhor e o único vestido suplementar que eu tinha, com exceção de um cinza-claro que, para meus padrões de vestimenta de Lowood, eu considerava elegante demais para ser usado, exceto em ocasiões de gala.

“A senhorita precisa de um broche”, disse a sra. Fairfax. Eu tinha apenas um pequeno adorno de pérola que a srta. Temple me deixara de recordação ao se despedir. Coloquei-o, e então descemos. Desacostumada como eu estava com desconhecidos, foi um tanto penoso me apresentar assim diante do sr. Rochester, depois de convocada com tanta formalidade. Deixei a sra. Fairfax entrar na minha frente na sala de jantar e permaneci atrás dela quando atravessamos o recinto; depois de passar pelo arco, cuja cortina estava abaixada, adentramos o elegante salão mais além.

Duas velas de cera estavam acesas sobre a mesa e duas outras na moldura da lareira; Piloto estava deitado, banhando-se na luz e no calor de um esplêndido fogo — com Adèle ajoelhada perto dele. Parcialmente reclinado num sofá estava o sr. Rochester, com o pé apoiado na almofada; olhava para Adèle e o cão. O fogo iluminava em cheio seu rosto. Reconheci meu viajante, com suas sobrancelhas grossas e negras, sua testa quadrada tornada ainda mais quadrada pela linha horizontal dos cabelos negros. Reconheci o nariz decidido, mais notável pela força do que pela beleza; as

narinas largas que denotavam, pensei, um temperamento arrebatado; a boca, o queixo e o maxilar severos — sim, todos os três eram muito severos, não havia dúvida. Notei que seu corpo, agora despido da capa, tinha um formato quadrado, em harmonia com seu semblante. Suponho que fosse um belo corpo no sentido atlético da palavra — ombros largos, quadril estreito, embora não fosse alto nem gracioso.

O sr. Rochester deve ter percebido a entrada da sra. Fairfax e a minha, mas aparentemente não estava disposto a prestar atenção em nós, pois sequer ergueu a cabeça quando nos aproximamos.

“Aqui está a srta. Eyre, senhor”, disse a sra. Fairfax no seu tom calmo. Ele meneou a cabeça, ainda sem tirar os olhos do grupo formado pelo cachorro e pela menina.

“Que a srta. Eyre se sente”, ele falou; e houve algo no movimento de cabeça rígido e forçado, no tom impaciente apesar de formal, que pareceu dizer também: “Que diabo me importa se a srta. Eyre está aqui ou não? No momento não estou disposto a falar com ela”.

Sentei-me sem embaraço algum. Uma recepção de refinada polidez decerto teria me desconcertado: eu não teria sido capaz de retrucar ou retribuir com graça e elegância equivalentes da minha parte; mas um tratamento ríspido não me prendia a nenhuma obrigação; pelo contrário, uma aquiescência educada diante daqueles modos extravagantes me deixava em posição de vantagem. Além do mais, a excentricidade do encontro era estimulante; fiquei interessada em ver como ele ia prosseguir.

Ele continuou em seu papel de estátua, ou seja, não disse nada nem se mexeu. A sra. Fairfax pareceu achar necessário alguém ser simpático e começou a falar. De modo gentil como sempre — e um tanto banal como sempre —, solidarizou-se com o patrão pela pressão dos negócios que ele passara o dia resolvendo; pelo incômodo que sem dúvida sofrera fazendo-o

com aquela dolorosa torção; e depois elogiou sua paciência e perseverança ao lidar com a situação.

“Senhora, eu gostaria de tomar um chá”, foi a única resposta que obtive. Ela tocou a sineta, e quando a bandeja chegou, dedicou-se a dispor as xícaras, colheres etc. com rapidez esmerada. Eu e Adèle fomos até a mesa, mas o patrão não se levantou de seu sofá.

“Poderia levar a xícara do sr. Rochester?”, pediu-me a sra. Fairfax. “Adèle talvez a derrame.”

Fiz o que ela pedia. Quando ele pegou a xícara da minha mão, Adèle, considerando aquele um momento propício para fazer um pedido em meu nome, exclamou: “*N’est-ce pas, monsieur, qu’il y a un cadeau pour mademoiselle Eyre dans votre petit coffre?*”.³

“Que conversa é essa de *cadeaux*?”, disse ele, irritado. “Estava esperando um presente, srta. Eyre? Gosta de presentes?”, e perscrutou meu rosto com olhos que vi serem escuros, irados e penetrantes.

“Não sei, senhor; tenho pouca experiência a respeito; em geral são considerados coisas agradáveis.”

“Em geral? Mas o que a *senhorita* acha?”

“Eu seria obrigada a pedir algum tempo antes de poder lhe dar uma resposta digna da sua aceitação, senhor; um presente tem muitos aspectos, não é? E seria preciso considerar todos eles antes de emitir uma opinião quanto à sua natureza.”

“Srta. Eyre, vejo que não é tão pouco sofisticada quando Adèle: ela exige um *cadeau* clamorosamente assim que me vê; a senhorita faz rodeios.”

“É porque tenho menos confiança do que Adèle nos meus merecimentos; ela pode invocar o conhecimento prévio e o direito do costume, pois diz que o senhor sempre teve o hábito de lhe dar brinquedos. Mas se eu tivesse que

reivindicar alguma coisa, não saberia o que fazer, pois sou uma forasteira e nada fiz que me dê direito a um reconhecimento.”

“Ah, não exagere na modéstia! Examinei Adèle e constatei que a senhorita se esforçou muito com ela. A menina não é brilhante, não tem nenhum talento, mas mesmo assim em pouco tempo melhorou bastante.”

“O senhor acaba de me dar meu *cadeau*; muito obrigada. É a recompensa pela qual os professores mais anseiam: um elogio ao progresso de seus alunos.”

“Humpf!”, fez o sr. Rochester, e tomou seu chá em silêncio.

“Venham para perto do fogo”, disse o patrão, depois que a bandeja foi retirada e a sra. Fairfax se acomodou num canto com seu tricô, enquanto Adèle me conduzia pela mão numa volta pela sala, de modo a me mostrar os lindos livros e enfeites sobre os consoles e *chiffonières*.⁴ Obedecemos, como era nosso dever; Adèle quis se sentar no meu colo, mas recebeu a ordem de ir se divertir com Piloto.

“A senhorita reside na minha casa há três meses?”

“Sim, senhor.”

“E veio de...?”

“Da escola de Lowood, em ***shire.”

“Ah! Uma instituição de caridade. Quanto tempo passou lá?”

“Oito anos.”

“Oito anos! A senhorita deve se agarrar à vida com tenacidade. Achei que metade desse tempo num lugar assim teria acabado com qualquer saúde! Não é de espantar que tenha certo ar de outro mundo. Fiquei assombrado pensando onde teria arrumado um rosto assim. Quando me abordou ontem à noite na estrada de Hay, pensei inexplicavelmente em contos de fadas e quase perguntei se tinha enfeitiçado meu cavalo; até agora não estou bem certo. Quem são seus pais?”

“Não tenho pais.”

“Nunca teve, suponho; lembra-se deles?”

“Não.”

“Assim pensei. Então estava esperando sua gente sentada naqueles degraus de pedra?”

“Esperando quem, senhor?”

“Os homens de verde. Era uma noite de lua perfeita para eles. Eu invadi um dos seus círculos para fazê-la espalhar aquele maldito gelo na estrada?”

Fiz que não com a cabeça. “Todos os homens de verde abandonaram a Inglaterra cem anos atrás”, falei, empregando um tom tão sério quanto o dele. “E nem na estrada de Hay ou nos campos em volta seria possível encontrar sinal deles. Não acho que a lua de verão ou a da colheita ou a de inverno voltem algum dia a iluminar seus folguedos.”

A sra. Fairfax tinha largado seu tricô e, com as sobrancelhas arqueadas, parecia se perguntar que espécie de conversa era aquela.

“Bem”, retomou o sr. Rochester, “se a senhorita não tem pais, deve ter algum tipo de parente; algum tio ou tia.”

“Nenhum que algum dia tenha visto.”

“E sua casa?”

“Não tenho casa.”

“Onde moram seus irmãos e suas irmãs?”

“Eu não tenho irmãos nem irmãs.”

“Quem a recomendou para vir para cá?”

“Publiquei um anúncio, e a sra. Fairfax respondeu.”

“Sim”, disse a bondosa senhora, agora sabendo em que terreno estávamos pisando. “E agradeço todos os dias a escolha que a Providência me levou a fazer. A srta. Eyre tem sido uma companhia inestimável para mim, e uma professora gentil e cuidadosa para Adèle.”

“Não se incomode em descrever o temperamento dela”, retrucou o sr. Rochester; “elogios não vão me influenciar; julgarei por mim mesmo. Ela começou por derrubar meu cavalo.”

“Como disse, senhor?”, perguntou a sra. Fairfax.

“É a ela que devo esta torção.”

A viúva pareceu não entender.

“Já morou em alguma cidade, srta. Eyre?”

“Não, senhor.”

“Frequentou muitas pessoas?”

“Só as alunas e professoras de Lowood, e agora os moradores de Thornfield.”

“Leu muito?”

“Somente os livros que me caíram nas mãos, e não foram muitos, nem muito refinados.”

“A senhorita levou a vida de uma freira; sem dúvida deve ser bem versada em conhecimento religioso. Brocklehurst, que pelo que sei administra Lowood, é vigário, não é?”

“Sim, senhor.”

“E vocês meninas decerto deviam venerá-lo, como um convento cheio de religiosas veneraria sua madre.”

“Ah, não.”

“Como a senhorita é fria! Não! O quê? Uma noviça que não venera seu padre? Isso me soa blasfemo.”

“Eu não gostava do sr. Brocklehurst e não era a única. Ele é um homem duro, ao mesmo tempo pomposo e intrometido. Cortava nossos cabelos, e para economizar nos comprava agulhas e linhas ruins, com as quais mal conseguíamos costurar.”

“Uma falsa economia”, comentou a sra. Fairfax, que agora voltava ao teor do diálogo.

“E essa era toda a extensão das suas ofensas?”, indagou o sr. Rochester.

“Ele nos fazia passar fome quando era o único responsável pelo departamento de mantimentos, antes da criação do comitê; e nos entediava com longos sermões uma vez por semana, e com leituras noturnas de livros que ele mesmo havia escrito sobre mortes e julgamentos súbitos, que nos deixavam com medo de ir para a cama.”

“Que idade a senhorita tinha quando entrou em Lowood?”

“Uns dez anos.”

“E passou oito anos lá. Então tem agora dezoito?”

Aquiesci.

“A aritmética é útil, está vendo? Sem seu auxílio, eu não teria conseguido adivinhar sua idade. É algo difícil de estabelecer quando os traços e a atitude são tão díspares, como é o seu caso. Mas então o que aprendeu em Lowood? Sabe tocar piano?”

“Um pouco.”

“Claro; é a resposta-padrão. Vá até a biblioteca... por favor, digo. (Perdoe meu tom de comando; estou acostumado a dizer: ‘Faça isso’, e a coisa é feita. Não posso alterar meus hábitos costumeiros por causa de uma nova moradora.) Vá, portanto, até a biblioteca; leve uma vela; deixe a porta aberta; sente-se ao piano e toque uma música.”

Retirei-me e fui obedecer às suas instruções.

“Já chega!”, gritou ele poucos minutos depois. “Vejo que a senhorita toca *um pouco*; igual a qualquer outra colegial inglesa; talvez um tanto melhor do que algumas, mas não bem.”

Fechei o piano e voltei. O sr. Rochester prosseguiu:

“Hoje de manhã Adèle me mostrou alguns desenhos que afirmou serem seus. Não sei se são inteiramente da sua lavra; é provável que um professor a tenha ajudado.”

“Não, senhor!”, protestei.

“Ah! Isso me cheira a orgulho. Bem, se pode garantir que o conteúdo da sua pasta de desenhos é original, vá buscá-la; mas não dê sua palavra a menos que tenha certeza. Sei reconhecer uma colagem.”

“Nesse caso não direi nada, e o senhor julgará por si.”

Fui buscar minha pasta na biblioteca.

“Traga a mesa mais para perto”, disse ele, e eu a fiz rolar até o sofá. Adèle e a sra. Fairfax se aproximaram para olhar os quadros.

“Não se amontoem”, disse o sr. Rochester; “peguem os desenhos da minha mão quando eu terminar de vê-los, mas não ponham o rosto assim tão perto do meu.”

Ele examinou com grande cuidado cada esboço e cada pintura. Separou três deles; os outros, depois de avaliados, afastou de si.

“Leve-os para a outra mesa, sra. Fairfax”, disse ele, “e vá observá-los com Adèle... A senhorita (olhando para mim) sente-se outra vez e responda às minhas perguntas. Vejo que estes desenhos foram feitos pela mesma mão. Foi a sua?”

“Sim.”

“E quando encontrou tempo para fazê-los? Demandaram algum tempo e alguma reflexão.”

“Eu os fiz durante as duas últimas férias que passei em Lowood, quando não tinha nenhuma outra ocupação.”

“De onde vieram os originais?”

“Da minha cabeça.”

“Dessa cabeça que estou vendo agora em cima dos seus ombros?”

“Sim, senhor.”

“E será que aí dentro ela dispõe de outras peças do mesmo tipo?”

“Penso que talvez sim. Melhores, espero.”

O sr. Rochester espalhou as imagens diante de si e mais uma vez as examinou alternadamente.

Enquanto ele está assim entretido, direi ao leitor o que eram aquelas imagens. Antes de mais nada, preciso informar que não eram nenhuma maravilha. De fato, os temas tinham surgido vividamente na minha imaginação. Do modo que eu os via com meu olhar espiritual, antes de tentar lhes dar corpo; eram esplêndidos, mas minha mão não estava à altura da minha fantasia, e em todos os casos eu conseguira apenas produzir um pálido retrato daquilo que ela havia criado.

Eram desenhos em aquarela. O primeiro representava nuvens baixas e escuras correndo acima de um mar agitado. Todo o resto estava às escuras; inclusive o primeiro plano, ou melhor, as ondas mais próximas, pois não havia terra firme. Uma centelha de luz destacava o formato de um mastro parcialmente submerso, no topo do qual estava pousado um cormorão grande e negro, com as asas salpicadas de espuma; a ave segurava no bico um bracelete dourado incrustado de pedras preciosas que eu havia pintado com as cores mais vivas que minha paleta era capaz de proporcionar, e realçado com o máximo de brilho que meu lápis era capaz de conferir. Submerso abaixo da ave e do mastro, o cadáver de um afogado espiava através da água verde; o único membro claramente visível era um braço descorado cujo bracelete fora removido pelo mar ou arrancado.

O segundo desenho tinha no primeiro plano apenas o cume borrado de um morro, com o mato e algumas folhas enviesadas como que sopradas pela brisa. Atrás e acima dele estendia-se uma vastidão de céu azul-escuro como o do crepúsculo; erguendo-se em direção ao céu estava uma forma de

mulher do busto para cima, retratada em tons tão sombreados e suaves quanto fui capaz de produzir. A testa escura estava coroada por uma estrela; os traços mais abaixo davam a impressão de ser vistos através de uma nuvem de vapor; os olhos brilhavam, escuros e desvairados; os cabelos flutuavam em sombras, como uma nuvem escura rasgada pela tempestade ou por uma descarga elétrica. No pescoço havia um débil reflexo semelhante ao luar; o mesmo brilho tênue tocava a série de nuvens esgarçadas das quais nascia e se curvava aquela aparição da estrela vespertina.

O terceiro desenho retratava a ponta de um iceberg a perfurar um céu de inverno polar; um batalhão de luzes setentrionais apontava suas lanças obscuras em fila cerrada no horizonte. Lançando-as mais para longe erguia-se, em primeiro plano, uma cabeça — uma cabeça colossai inclinada em direção ao iceberg e nele repousada. Duas mãos magras, unidas debaixo da testa e sustentando-a, formavam um véu negro diante dos traços inferiores; via-se apenas uma testa exangue, branca feito osso, e olhos ocos e fixos, inexpressivos a não ser pelo aspecto vítreo do desespero. Acima das têmporas, em meio às dobras entrelaçadas do pano preto de um turbante, tão vago quanto nuvens no aspecto e na consistência, luzia um anel de chama branca salpicado por pontinhos de um tom mais vivo. Aquela pálida meia-lua era “a representação da coroa de um rei”; o que ela cingia era “a forma que não tinha forma”.⁵

“A senhorita estava feliz quando pintou estes quadros?”, perguntou o sr. Rochester então.

“Estava concentrada, senhor. Sim, estava feliz. Pintá-los, em suma, foi experimentar um dos maiores prazeres que já conheci.”

“Isso não quer dizer grande coisa. Segundo seu próprio relato, seus prazeres foram pouco numerosos; mas ousei dizer que a senhorita estava de

fato numa espécie de mundo de sonhos de artista quando misturou e dispôs essas estranhas tintas. Passou muitas horas por dia pintando?”

“Eu não tinha mais nada para fazer, pois era o período das férias, e ficava desenhando da manhã até o meio-dia, e do meio-dia até a noite. A extensão dos dias de verão favorecia minha inclinação a me concentrar.”

“E ficou satisfeita com o resultado de seus ingentes esforços?”

“Longe disso. Atormentava-me o contraste entre minha ideia e o resultado. Em todos os casos eu havia imaginado algo que fui totalmente incapaz de retratar.”

“Não por completo. A senhorita conseguiu alcançar a sombra da sua ideia; mas nada além disso, decerto. Não tinha habilidade artística nem conhecimento suficiente para representá-la por inteiro; mesmo assim, para uma colegial, são desenhos singulares. As ideias, quanto a elas, são sobrenaturais. Esses olhos da estrela vespertina a senhorita deve ter visto num sonho. Como conseguiu deixá-los tão nítidos e ao mesmo tempo nem um pouco brilhantes, pois o planeta acima ofusca seu brilho? E que significado é esse nas suas solenes profundezas? E quem lhe ensinou a desenhar o vento? Há uma forte ventania nesse céu, e no alto deste morro aqui. Onde a senhorita viu Latmos? Pois isto aqui é Latmos. Tome... guarde os desenhos!”

Eu mal tinha amarrado os cordões da pasta quando ele olhou para o relógio e disse abruptamente: “São nove horas. Onde está com a cabeça, srta. Eyre, para deixar Adèle acordada até tão tarde? Leve-a para a cama”.

Adèle foi lhe dar um beijo antes de se retirar da sala. Ele tolerou o carinho, mas não pareceu apreciá-lo mais do que Piloto teria apreciado, talvez nem tanto.

“Agora desejo boa noite a todas”, o sr. Rochester falou, fazendo um gesto com a mão em direção à porta para dar a entender que estava farto da nossa

companhia e desejava nos dispensar. A sra. Fairfax recolheu seu tricô; eu peguei minha pasta de desenhos; fizemos uma medida para ele, recebemos em resposta um meneio de cabeça glacial e então nos retiramos.

“A senhora falou que o sr. Rochester não era particularmente excêntrico, sra. Fairfax”, observei quando fui encontrar a governanta em seu quarto, após ter posto Adèle na cama.

“Bem, e ele é?”

“Eu acho que sim; ele é muito volúvel e abrupto.”

“Verdade; sem dúvida deve parecer assim para uma desconhecida, mas estou tão acostumada com seu comportamento que nunca presto atenção; além do mais, se ele tem algumas peculiaridades de temperamento, é preciso compreendê-las.”

“Por quê?”

“Em parte porque é sua natureza, e nenhum de nós pode contrariar a própria natureza; e em parte porque ele sem dúvida é atormentado por pensamentos dolorosos que desequilibram seu espírito.”

“Pensamentos relativos a quê?”

“Problemas de família, para começar.”

“Mas ele não tem família.”

“Agora não, mas já teve... ou pelo menos teve parentes. Perdeu o irmão mais velho faz alguns anos.”

“O irmão *mais velho*?”

“Sim. Não faz muito tempo que o atual sr. Rochester é dono da propriedade; somente uns nove anos.”

“Nove anos é um tempo razoável. Ele gostava tanto assim do irmão para ainda estar inconsolável com a sua perda?”

“Ora, não... talvez não. Creio que havia alguns desentendimentos entre os dois. O sr. Rowland Rochester não foi exatamente justo com o sr.

Edward e pode ser que tenha influenciado o pai contra o irmão. O velho cavalheiro gostava de dinheiro e queria muito manter a integridade do patrimônio da família. Não queria diminuir o patrimônio dividindo-o, mas ao mesmo tempo queria muito que o sr. Edward também tivesse alguma riqueza, para manter a importância do nome; e pouco depois de ele atingir a maioridade, foram tomadas algumas providências que não foram inteiramente justas, e que causaram muitos problemas. O velho sr. Rochester e o sr. Rowland se aliaram para pôr o sr. Edward numa situação que este considerou difícil — só para garantir que este tivesse fortuna. Eu nunca soube exatamente qual foi a natureza dessa situação, mas o espírito do sr. Edward não soube admitir aquilo que, nela, era forçado a tolerar. O sr. Edward não é homem que perdoe fácil; rompeu com a família, e agora leva há muitos anos uma vida um tanto instável. Acho que nunca passou mais de quinze dias seguidos em Thornfield desde que a morte do irmão sem testamento fez dele o dono da propriedade; e não é de espantar que evite isto aqui.”

“Qual a razão de ele evitar?”

“Talvez ache a casa soturna.”

Foi uma resposta evasiva. Eu teria preferido algo mais claro, mas a sra. Fairfax não pôde ou não quis me dar informações mais explícitas quanto à origem e à natureza das provações do sr. Rochester. Afirmou que até mesmo para ela isso era um mistério e que o que sabia era principalmente por conjectura. De fato ficou evidente que desejava me ver encerrar o assunto, o que então fiz.

1. “Amigo, o monsieur Edouard Fairfax de Rochester.”

2. “E isso deve significar que haverá lá dentro um presente para mim, e talvez para a senhorita também, mademoiselle. Monsieur falou sobre a senhorita. Perguntou-me o nome da minha

preceptora, e se ela não era uma pessoa pequenina, bastante esbelta e um pouco pálida. Eu disse que sim, pois é verdade, não é, mademoiselle?”

3. “Não é verdade, monsieur, que há um presente para mademoiselle Eyre em seu pequeno baú?”

4. Pequeno armário cujo tampo era usado como aparador.

5. Referências a *Paraíso perdido* (1667), de John Milton.

Durante vários dias depois disso, pouco vi o sr. Rochester. Pela manhã ele parecia muito ocupado com os negócios, e à tarde cavalheiros de Millcote ou dos arredores o procuravam, e às vezes ficavam para jantar. Quando sua torção melhorou o suficiente para lhe permitir montar, ele passou a sair bastante a cavalo, provavelmente para retribuir essas visitas, e em geral só retornava tarde da noite.

Nesse intervalo, até mesmo Adèle era raramente convocada diante da sua presença, e todo o meu relacionamento com o sr. Rochester se limitou a encontros ocasionais no saguão, na escada ou no corredor, quando ele às vezes passava por mim com um ar arrogante e frio, reconhecendo minha presença apenas com um meneio de cabeça distante ou um olhar casual, e às vezes curvando-se e sorrindo com cavalheiresca afabilidade. Essas mudanças de humor não me ofendiam, pois eu via que nada tinha a ver com sua alternância e que sua maré dependia de causas sem qualquer relação comigo.

Certo dia, ele recebeu visitas para o almoço e mandou buscar minha pasta de desenhos, sem dúvida para exhibir seu conteúdo; os cavalheiros saíram cedo para participar de uma reunião pública em Millcote, como me informou a sra. Fairfax, mas como a noite estava chuvosa e inclemente, o sr.

Rochester não se juntou a eles. Pouco depois de os convidados saírem, ele tocou a sineta. Chegou um recado dizendo que Adèle e eu deveríamos descer. Escovei os cabelos dela e arrumei suas roupas, e após me certificar de que eu própria exibia meu costumeiro alinhado quacre, no qual não havia nenhum retoque a fazer — uma vez que tudo era por demais ajustado e simples, inclusive os cabelos trançados, para permitir qualquer desarrumação —, descemos. Adèle se perguntava se o *petit coffre* teria finalmente chegado, pois devido a algum equívoco sua vinda fora até então retardada. Ela foi gratificada: ali estava ele sobre a mesa quando adentramos a sala de jantar, uma pequena caixa. Ela pareceu reconhecê-la por instinto.

“*Ma boîte! Ma boîte!*”,¹ exclamou, correndo na direção da caixa.

“Sim, eis aí enfim sua *boîte*; leve-a para um canto, sua verdadeira filha de Paris, e divirta-se destripando-a”, disse a voz grave e um tanto sarcástica do sr. Rochester, emanando das profundezas de uma imensa poltrona junto à lareira. “E veja bem”, prosseguiu ele, “não venha me incomodar com nenhum detalhe desse processo anatômico nem com nenhuma observação relacionada à condição das tripas; conduza sua operação em silêncio. *Tiens-toi tranquille, enfant; comprends-tu?*”²

Adèle mal parecia precisar do alerta: já tinha se refugiado num sofá com seu tesouro e estava ocupada desamarrando o barbante que prendia a tampa. Após remover esse empecilho e pegar uns envelopes de papel de seda prateado, exclamou apenas: “*Oh, ciel! Que c’est beau!*”,³ e então permaneceu absorta numa contemplação extasiada.

“A srta. Eyre está aí?”, perguntou então o patrão, levantando-se parcialmente da poltrona para olhar em direção à porta junto à qual eu continuava parada.

“Ah! Bem, entre; sente-se aqui.” Ele puxou uma cadeira para perto da sua. “Não gosto da tagarelice das crianças”, continuou, “pois como velho solteiro que sou não tenho nenhuma associação agradável com a sua fala. Seria intolerável para mim passar uma noite inteira em tête-à-tête com um pirralho. Não afaste mais essa cadeira, srta. Eyre; sente-se exatamente onde eu a pus... digo, por favor. Que frustrantes essas cortesias! Eu as vivo esquecendo. Tampouco aprecio particularmente velhas senhoras de intelecto limitado. Aliás, devo estar pensando na minha; não devo negligenciá-la; ela é uma Fairfax, afinal, ou foi casada com um; e dizem que o sangue é mais grosso que a água.”

Ele tocou a sineta e despachou um convite para a sra. Fairfax, que logo chegou com seu cesto de tricô no braço.

“Boa noite, senhora; mandei chamá-la por um motivo caridoso. Proibi Adèle de falar comigo sobre os seus presentes, e ela está quase explodindo; tenha a bondade de lhe servir de plateia e interlocutora; será um dos atos mais bondosos que a senhora jamais desempenhou.”

Adèle, de fato, mal viu a sra. Fairfax e já a convocou até o sofá, onde rapidamente encheu-lhe o colo com os artigos de porcelana, marfim e cera que continha sua *boîte*, despejando enquanto isso explicações e palavras de êxtase no inglês capenga que dominava.

“Agora que já desempenhei o papel de bom anfitrião”, prosseguiu o sr. Rochester, “e pus meus hóspedes em situação de se entreter mutuamente, deveria estar livre para cuidar das minhas próprias vontades. Srta. Eyre, chegue sua cadeira um pouco mais para a frente ainda; continua muito para trás. Não consigo vê-la sem prejudicar minha posição nesta confortável poltrona, coisa que não pretendo fazer.”

Fiz o que ele me pedia, embora tivesse preferido, de longe, permanecer um pouco na sombra; mas o sr. Rochester tinha um modo tão direto de dar

ordens que parecia necessário obedecer sem demora.

Estávamos, como eu disse, na sala de jantar; o lustre, que fora aceso para a refeição, enchia o recinto com uma claridade festiva; o fogo alto na lareira estava todo vermelho e vivo; as cortinas roxas pendiam luxuosas e fartas em frente à alta janela e ao arco mais alto ainda; tudo estava imóvel, a não ser pela voz discreta de Adèle (ela não se atrevia a falar alto) e, a preencher cada pausa, o tamborilar da chuva de inverno nas vidraças.

Sentado em sua poltrona forrada de adamascado, o sr. Rochester tinha um aspecto diferente do que eu vira antes; não tão severo e muito menos sombrio. Havia um sorriso em seus lábios e seus olhos brilhavam, não sei ao certo se por causa do vinho ou não, mas era bem provável. Resumindo: ele se encontrava na sua disposição pós-refeição, mais expansiva e afável, e também mais autoindulgente do que o temperamento glacial e rígido da manhã; mesmo assim parecia extremamente soturno, com a cabeça apoiada no encosto curvo da poltrona e a luz da lareira a iluminar seus traços que pareciam talhados em granito e seus grandes olhos escuros; pois ele tinha olhos escuros imensos, e muito belos também — não desprovidos às vezes de certa mudança de profundidade que, ainda que não fosse brandura, pelo menos fazia pensar nesse sentimento.

Ele vinha observando o fogo havia dois minutos, enquanto eu o observava durante o mesmo intervalo de tempo, quando, ao virar-se de repente flagrou meus olhos cravados no seu semblante.

“Está me examinando, srta. Eyre?”, perguntou ele. “Está me achando bonito?”

Se eu houvesse refletido, deveria ter respondido à pergunta com algo convencionalmente vago e educado, mas por algum motivo a resposta escorregou da minha língua antes de eu me dar conta. “Não, senhor.”

“Ah! Há mesmo algo de incomum na senhorita, palavra de honra”, disse ele. “Parece uma pequena *nonnette*,⁴ antiquada, calada, grave e modesta, sentada com as mãos na frente do corpo e os olhos em geral virados para o tapete (exceto, aliás, quando estão dirigidos penetrantemente para o meu rosto, como agora há pouco, por exemplo); e quando alguém lhe dirige uma pergunta ou faz algum comentário ao qual precise responder, a senhorita se sai com uma bela resposta que, quando não é grosseira, é no mínimo brusca. O que quer dizer com isso?”

“Fui direta demais, senhor; queira me desculpar. Eu deveria ter respondido que não é fácil dar uma resposta inesperada a uma pergunta sobre aparência; que os gostos diferem muito; e que a beleza não tem muita importância, ou algo do tipo.”

“Não deveria ter respondido nada disso. A beleza não tem muita importância, imagine! E assim, sob o disfarce de suavizar a ofensa anterior, de me afagar e de me tranquilizar para garantir minha placidez, a senhorita me crava uma dissimulada faca pelas costas! Continue; que defeitos observa em mim, por obséquio? Tenho todos os membros e todos os traços como qualquer outro homem, não?”

“Sr. Rochester, permita-me voltar atrás na minha primeira resposta. Não tive a intenção de fazer nenhum comentário espirituoso; fui apenas atabalhoada.”

“Exato, é o que eu acho também; e vai ter que responder por isso. Critique-me: minha testa não a agrada?”

Ele ergueu as escuras ondas de cabelos que lhe caíam horizontalmente na testa e exibiu uma massa adequadamente sólida de órgãos intelectuais, mas uma deficiência abrupta apareceu no lugar em que deveria ter surgido a marca suave da benevolência.

“Então, senhora, eu sou um tolo?”

“Longe disso, senhor. Por acaso me acharia mal-educada se eu lhe perguntasse de meu lado se o senhor é um filantropo?”

“Pronto! Mais uma estocada quando ela fingia afagar minha cabeça; e tudo porque eu disse não apreciar a companhia das crianças e das velhas (falemos baixo!). Não, minha jovem, não sou um filantropo generalizado, mas tenho consciência.” O sr. Rochester apontou para as proeminências que se diz representarem essa faculdade e que, felizmente para ele, eram salientes o bastante, proporcionando de fato à parte superior da sua cabeça uma largura notável. “Além do mais, costumava possuir no coração uma espécie de rude ternura. Quando eu tinha sua idade, era um rapaz razoavelmente dado aos sentimentos; comoviam-me os fracos, os desamparados e os desafortunados; mas de lá para cá a Fortuna me deu alguns trancos. Chegou a me amassar com seus punhos, e hoje me orgulho de pensar que sou duro e resistente como uma bola de látex, mas ainda permeável através de uma ou duas fissuras e com um âmago sensível no meio do calombo. Sim; a senhorita acha que ainda resta esperança para mim?”

“Esperança de quê, senhor?”

“De uma derradeira transformação de látex outra vez em carne?”

“Decididamente ele bebeu vinho demais”, pensei, e não soube como responder a essa estranha pergunta; como saber se ele era capaz de se retransformar?

“Parece muito intrigada, srta. Eyre. E ainda que não seja bonita, da mesma forma que eu não sou, esse ar intrigado lhe cai bem; além disso, é prático, pois mantém esses seus olhos perscrutadores distantes do meu rosto e os ocupa em vez disso com as flores de lã do tapete; então pode continuar intrigada. Minha jovem, hoje estou inclinado a ser sociável e comunicativo.”

Com essa declaração, ele se levantou da poltrona e ficou de pé, apoiando o braço na moldura de mármore da lareira; nessa postura seu físico ficou tão aparente quanto seu rosto, a largura incomum do peito quase desproporcional ao comprimento dos membros. Tenho certeza de que a maioria das pessoas consideraria o sr. Rochester um homem feio. No entanto, havia no seu porte tanto orgulho inconsciente, tanta desenvoltura na sua atitude, uma expressão de tão completa indiferença em relação ao próprio aspecto exterior, uma confiança tão suprema no poder de outras qualidades, fossem elas intrínsecas ou exógenas, para compensar a falta da simples atração física, que ao olhar para ele inevitavelmente se compartilhava a indiferença e, ainda que de modo cego e imperfeito, confiava-se nessa segurança.

“Estou inclinado a ser sociável e comunicativo esta noite”, repetiu ele, “e foi por isso que mandei chamá-la; a lareira e o lustre não me bastavam como companhia. Nem Piloto teria bastado, pois nenhum deles pode falar. Adèle é um pouco melhor, mas ainda bem abaixo do meu nível; idem para a sra. Fairfax; já a senhorita, estou convencido, pode me atender se quiser; pois me deixou intrigado na primeira vez em que a chamei aqui para baixo. Quase a esqueci desde então; outros assuntos a expulsaram da minha mente. Mas hoje à noite estou decidido a relaxar; a dispensar aquilo que importuna e a recordar o que agrada. Agora me agradaria fazê-la falar, descobrir mais a seu respeito; Sendo assim, fale.”

Em vez de falar, sorri, e não foi um sorriso muito complacente nem muito submisso.

“Fale”, instou ele.

“Sobre o quê, senhor?”

“Sobre o que a senhorita quiser. Deixo inteiramente ao seu encargo a escolha do tema e o modo de tratá-lo.”

Consequentemente, fiquei sentada sem dizer nada. “Se ele imagina que vou falar simplesmente por falar e me exhibir, vai descobrir que pediu à pessoa errada”, pensei.

“Está muda, srta. Eyre.”

Continuei muda. Ele abaixou um pouco a cabeça na minha direção, e com um único olhar veloz pareceu mergulhar nos meus olhos.

“Teimosa?”, disse ele. “E contrariada. Ah, faz sentido! Fiz meu pedido de um modo absurdo, quase insolente. Queira me desculpar, srta. Eyre. O fato é que, de uma vez por todas, não desejo tratá-la como inferior. Quero dizer (corrigindo-se), só alego a superioridade que deve resultar de vinte anos de diferença na idade e de um século de vantagem na experiência. Isso é legítimo *et j’y tiens*,⁵ como diria Adèle; e é por causa dessa superioridade, e somente dela, que desejo que a senhorita tenha a bondade de conversar um pouco comigo agora, e de distrair meus pensamentos fartos de tanto se dedicar a um assunto só — infectados como um prego enferrujado.”

Ele tinha se dignado a dar uma explicação, quase a pedir desculpas; não fiquei insensível à condescendência e quis demonstrá-lo.

“Estou disposta a diverti-lo, senhor, se puder... inteiramente disposta; mas não posso sugerir nenhum tema, pois como saber o que iria interessá-lo? Faça-me perguntas e darei o melhor de mim para respondê-las.”

“Então, em primeiro lugar, a senhorita concorda comigo que tenho o direito de ser um pouco autoritário, abrupto, exigente talvez, às vezes, pelos motivos que citei, a saber que tenho idade suficiente para ser seu pai, e por ter uma experiência variada com muitos homens de muitos países, e ter percorrido metade do globo enquanto a senhorita viveu tranquilamente com as mesmas pessoas numa única casa?”

“Faça como preferir, senhor.”

“Isso não é resposta; ou melhor, é uma resposta muito irritante, por ser muito evasiva. Responda com clareza.”

“Não acho que o senhor tenha o direito de mandar em mim apenas por ser mais velho do que eu, ou por ter visto mais do mundo do que eu; sua reivindicação de superioridade depende do uso que o senhor fez do seu tempo e da sua experiência.”

“Hmpf! Bela resposta. Mas não vou admiti-la, visto que ela jamais atenderia aos meus propósitos, já que fiz um uso indiferente, para não dizer ruim de ambas as vantagens. Deixando então a superioridade fora da equação, a senhorita ainda assim precisa concordar em receber ordens minhas de quando em quando sem se ofender ou se magoar com o tom autoritário. Aceita isso?”

Eu sorri; pensei comigo mesma: o sr. Rochester é *mesmo* estranho. Parece esquecer que me paga trinta libras anuais para receber ordens suas.

“Sorrir é ótimo”, disse ele, captando na hora a expressão passageira; “mas fale também.”

“Eu estava pensando, senhor, que muito poucos patrões se dariam ao trabalho de perguntar se os subalternos pagos se sentem ofendidos ou magoados com suas ordens.”

“Subalternos pagos! Como assim? A senhorita é uma subalterna paga? Ah, sim, eu tinha esquecido do salário! Muito bem, então, por esse motivo mercenário, aceita me deixar mandar um pouco na senhorita?”

“Não, senhor, não por esse motivo; mas pelo senhor ter esquecido esse fato e se preocupar em saber se um empregado se sente à vontade ou não na sua dependência, aceito de bom grado.”

“E aceita deixar de lado todo um conjunto de fórmulas e expressões convencionais sem pensar que sua omissão decorre da insolência?”

“Tenho certeza, senhor, de que eu jamais confundiria informalidade com insolência; a primeira até me agrada, e à segunda nenhuma criatura nascida livre se sujeitaria, nem mesmo em troca de um salário.”

“Que bobagem! A maioria das criaturas nascidas livres se sujeita a qualquer coisa em troca de um salário; sendo assim, atenha-se a si mesma e não se aventure a fazer generalizações em relação às quais é profundamente ignorante. Seja como for, aperto sua mão mentalmente pela resposta que deu, apesar de ela ser inexata; e tanto pelo modo como foi dita quanto pelo conteúdo da fala. O modo foi franco e sincero; não é frequente ver algo assim; não: pelo contrário, a afetação, a frieza, ou ainda uma incompreensão estúpida e embotada do que se está dizendo são as recompensas habituais da franqueza. Nem mesmo três em cada três mil misturas cruas de estudante com preceptora teriam respondido como a senhorita acaba de fazer. Mas não é minha intenção lisonjeá-la; se a senhorita foi feita com um molde diferente do da maioria, não é por mérito seu; quem fez isso foi a Natureza. Mas, enfim, pensando bem, estou sendo apressado demais nas minhas conclusões; pelo que sei até agora, a senhorita talvez não seja melhor do que o resto; talvez tenha defeitos intoleráveis que compensem seus poucos pontos positivos.”

“O senhor também”, pensei. Meu olhar cruzou com o dele no mesmo instante em que a ideia me passou pela cabeça; ele pareceu ler minha expressão e respondeu como se seu teor tivesse sido pronunciado, além de imaginado:

“Sim, sim, tem razão”, falou. “Também tenho vários defeitos; sei disso e não desejo amenizá-los, garanto. Deus bem sabe que não posso ser demasiado severo com os outros; tenho uma existência pregressa, uma série de atos, uma intensidade de vida a considerar dentro do meu próprio peito capaz de desviar meu desdém e minha censura de meus vizinhos para mim

mesmo. Comecei, ou melhor (pois, assim como outros pecadores, gosto de pôr metade da culpa na má sorte e nas circunstâncias adversas), fui lançado num mau caminho aos vinte e um anos de idade, e desde então nunca consegui retomar o curso correto; mas eu poderia ter sido muito diferente; poderia ter sido tão bom quanto a senhorita, mais sensato, quase igualmente imaculado. Invejo sua paz de espírito, sua consciência limpa, sua lembrança impoluta. Menina, uma lembrança sem mácula ou contaminação deve ser um tesouro inestimável — uma fonte inexaurível de puro vigor; não é assim?”

“Como era sua lembrança quando o senhor tinha dezoito anos?”

“Está certo, então; era límpida, salubre; nenhum jato de água suja a transformara numa poça fétida. Aos dezoito anos eu era como a senhorita... sim, igualzinho. A natureza tinha previsto que eu fosse de modo geral um homem bom, srta. Eyre; um homem de um tipo melhor, e a senhorita pode ver que não sou. Poderia dizer que não o vê; pelo menos gosto de pensar poder ler isso nos seus olhos (cuidado, aliás, com o que a senhorita exprime com esses órgãos; sou rápido para interpretar sua linguagem). Portanto, acredite em mim quando digo: não sou nenhum vilão; a senhorita não deve pensar isso, não deve me atribuir tamanha má reputação. Mas, creio, devido mais às circunstâncias do que à minha inclinação natural, sou um pecador banal, comum, afeito a todos os excessos mesquinhos com os quais os ricos e inúteis tentam suportar a vida. Está se perguntando por que lhe confesso isso? Saiba que, no decurso de sua futura vida, a senhorita muitas vezes se verá escolhida para ser a confidente involuntária dos segredos de seus conhecidos; as pessoas instintivamente descobrirão, como eu descobri, que falar sobre si mesma não é o seu forte, e sim escutar os outros falarem de si; elas sentirão também que a senhorita ouve suas indiscrições sem nenhum

desdém maldoso, mas com uma espécie de empatia nata, não menos reconfortante e encorajadora por ser muito discreta em suas manifestações.”

“Como o senhor sabe? Como consegue adivinhar tudo isso?”

“Sei muito bem; assim sendo, sinto-me quase tão à vontade ao falar quanto se estivesse anotando meus pensamentos num diário. A senhorita diria que eu deveria ter me mostrado superior às circunstâncias; deveria mesmo... deveria mesmo; mas não me mostrei, entende? Quando o destino foi injusto comigo, não tive o bom senso de permanecer calmo: fiquei desesperado, depois degenerarei. Hoje, quando algum idiota nefando suscita minha repulsa com sua vileza devassa, não posso lisonjear a mim mesmo julgando-me seu superior; sou forçado a confessar que ele e eu estamos no mesmo patamar. Queria ter me mantido firme... Deus sabe que eu queria! Tema o remorso quando se sentir tentada a cometer um deslize, srta. Eyre; o remorso é o veneno da vida.”

“Dizem que o arrependimento é a cura, senhor.”

“Não é a cura. A mudança poderia ser a cura, e eu poderia mudar... ainda tenho forças para isso... se... mas de que adianta pensar isso impedido, esmagado, amaldiçoado como estou? Além do mais, como a felicidade me é irrevogavelmente negada, tenho o direito de obter prazer da vida. E *vou* obtê-lo, custe o que custar.”

“Nesse caso o senhor vai degenerar mais ainda.”

“Pode ser. Mas por que deveria, se posso conseguir prazeres frescos e deliciosos? E posso consegui-los tão frescos e deliciosos quanto o mel que a abelha colhe na charneca.”

“Isso vai arder... vai ter um gosto amargo, senhor.”

“Como a senhorita sabe? Nunca experimentou. Como seu ar é sério, como é solene! Mas é tão ignorante em relação ao assunto quanto esta cabeça de camafeu” (ele pegou uma de cima da moldura da lareira). “Não

tem direito algum de me fazer sermão, sua neófita que ainda não atravessou o portão de entrada da vida e não conhece absolutamente nada de seus mistérios.”

“Só recordei suas próprias palavras: o senhor disse que os erros causavam remorso e afirmou que o remorso era o veneno da existência.”

“E quem está falando em erros agora? Não acho que a ideia que me passou pela cabeça tenha sido um erro. Acredito que tenha sido uma inspiração, mais do que uma tentação; foi muito agradável, muito tranquilizadora... isso eu sei. Lá vem ela outra vez! Não é nenhum demônio, eu lhe garanto, ou se for vem trajando as vestes de um anjo de luz. Creio que devo permitir a entrada de um convidado tão belo quando ele solicita acesso ao meu coração.”

“Desconfie, senhor; ele não é um anjo de verdade.”

“Uma vez mais, como a senhorita sabe? Graças a que instinto tem a pretensão de distinguir entre um serafim caído do abismo e um mensageiro do trono eterno, entre um guia e um sedutor?”

“Julguei pela sua atitude, que se alterou quando o senhor disse que a sugestão tinha lhe voltado à mente. Tenho certeza de que ela vai lhe provocar mais infelicidade ainda se o senhor a escutar.”

“De modo algum... ela traz a mais bela mensagem do mundo. De resto, a senhorita não é a guardiã da minha consciência, de modo que não precisa se incomodar. Vamos, entre, meu formoso viajante!”

Ele disse isso como se estivesse falando com uma aparição que nenhum outro olho a não ser o seu pudesse ver; então, dobrando os braços que havia estendido parcialmente em frente ao peito, pareceu envolver em seu abraço o ser invisível.

“Então”, continuou ele, mais uma vez se dirigindo a mim, “eu recebi o peregrino... uma divindade disfarçada, como de fato acredito. Ele já me fez

bem: meu coração antes era uma espécie de tumba e agora será um santuário.”

“Para dizer a verdade, não estou entendendo o senhor nem um pouco; não consigo manter esta conversa porque ela fugiu ao meu alcance. Sei apenas uma coisa: o senhor disse que não era tão bom quanto gostaria de ser, e que sua própria imperfeição lhe causava tristeza; uma coisa sou capaz de compreender: o senhor sugeriu que ter uma lembrança conspurcada era um castigo eterno. Parece-me que, se tentasse com afinco, acabaria constatando que é possível se tornar algo que o senhor mesmo aprovaria; e que se a partir de hoje tomasse a decisão de corrigir seus pensamentos e ações, em poucos anos teria juntado uma nova e imaculada coleção de lembranças às quais poderia recorrer com prazer.”

“Judiciosamente pensado e corretamente enunciado, srta. Eyre; e neste exato momento eu estou energicamente preparando o terreno do inferno.”

“Como disse?”

“Estou dispondo boas intenções que considero duráveis como pedra. Certamente minhas relações e atividades serão diferentes das de antes.”

“E melhores?”

“E melhores... tão melhores quanto o mais puro ouro é melhor do que a escória. A senhorita parece duvidar de mim; eu não duvido de mim mesmo. Sei qual é meu objetivo, sei quais são meus motivos; e neste exato momento promulgo uma lei, tão inalterável quanto a lei da Pérsia e da Média, de que ambos estão certos.”

“Mas não podem estar, senhor, se exigem um novo estatuto para legalizá-los.”

“Estão, srta. Eyre, embora com certeza exijam um novo estatuto. Combinações de circunstâncias inéditas exigem regras inéditas.”

“Essa me parece uma máxima perigosa, senhor, pois pode-se ver na hora que é passível de abusos.”

“Sábia sentença! Mas juro pelos meus deuses de casa não abusar dela.”

“O senhor é humano e falível.”

“Sou. A senhorita também... e daí?”

“Quem é humano e falível não deveria reivindicar um poder que só pode ser confiado com segurança aos divinos e perfeitos.”

“Que poder?”

“O de declarar, sobre toda linha de ação estranha e não verificada: ‘Que esteja correta’.”

“‘Que esteja correta... exatamente isso. A senhorita pronunciou as palavras exatas.’”

“Que *possa* estar correta, então”, falei, levantando-me, pois considerava inútil continuar uma conversa que para mim era pura escuridão; além do mais, sabia que o temperamento de meu interlocutor estava além da minha compreensão, pelo menos além de seu alcance atual; e experimentava a incerteza, a vaga sensação de insegurança que acompanha uma sentença de ignorância.

“Aonde está indo?”

“Pôr Adèle na cama; já passou da hora.”

“Está com medo de mim porque falo como uma esfinge.”

“Sua linguagem é enigmática, senhor. Mas, embora eu esteja perplexa, de modo algum estou com medo.”

“Está com medo, *sim*; seu amor-próprio teme dizer a coisa errada.”

“Nesse sentido eu de fato me sinto apreensiva... não tenho desejo algum de falar bobagens.”

“Se falasse, seria de um modo tão grave e tão discreto que eu as confundiria com sensatez. A senhorita alguma vez ri, srta. Eyre? Não se dê

ao trabalho de responder; vejo que raramente o faz. Mas pode rir com grande alegria. Acredite, a senhorita não é naturalmente austera, assim como eu não sou naturalmente mau. Ainda carrega de algum modo a rigidez de Lowood; ela controla seus traços, abafa sua voz, restringe seus membros; e a senhorita teme sorrir com demasiada alegria na presença de um homem e de um irmão — ou de um pai ou de um patrão, como queira —, falar com demasiada liberdade, ou mover-se com demasiada presteza. Mas com o tempo acho que vai aprender a ser natural comigo, assim como sinto ser impossível me portar de modo convencional na sua presença; e seu aspecto e seus movimentos terão então mais vivacidade e variedade do que se atrevem a oferecer agora. De vez em quando vejo de relance um tipo curioso de passarinho por entre as grades estreitas de uma gaiola. Há lá dentro uma prisioneira cheia de vida, inquieta e decidida; se ela fosse livre, alçaria voo até o céu. Ainda está decidida a se retirar?”

“Já soaram as nove, senhor.”

“Pouco importa... espere um minuto; Adèle ainda não está pronta para ir para a cama. Minha posição de costas para o fogo e de frente para a sala favorece a observação, srta. Eyre. Durante nossa conversa, também observei ocasionalmente Adèle (tenho meus próprios motivos para considerá-la um objeto de estudo curioso — motivos que talvez, ou melhor, que certamente vou lhe revelar um dia). Uns dez minutos atrás, ela tirou de sua caixa um pequeno vestido de seda cor-de-rosa, e o êxtase dominou seu semblante quando ela o desdobrou; a vaidade corre no seu sangue, vive no seu cérebro e tempera a medula de seus ossos. “*Il faut que je l’essaie*”, exclamou ela, “*et à l’instant même!*”,⁶ e saiu correndo da sala. Está agora com Sophie passando pelo processo de ser vestida; daqui a poucos minutos vai reaparecer. E eu sei o que vou ver: uma miniatura de Céline Varens, como ela costumava aparecer no palco quando se levantava a... mas pouco

importa isso. Pressinto que meus sentimentos mais sensíveis estão prestes a receber um choque. Fique então, para ver se isso vai se realizar.”

Pouco tempo depois, os pezinhos de Adèle puderam ser ouvidos atravessando o hall aos tropeços. Ela entrou, transformada conforme previra seu tutor. Um vestido de cetim rosa, muito curto e com a saia tão rodada quanto permitia a costura, agora substituía o traje marrom que ela estava usando antes; uma guirlanda de botões de rosa lhe cingia a testa; e ela calçava meias de seda e sandalinhas de cetim branco.

“*Est-ce que ma robe va bien?*”, exclamou Adèle ao irromper recinto adentro; “*et mes souliers? et mes bas? Tenez, je crois que je vais danser!*”⁷

Levantando a borda do vestido, ela atravessou a sala aos saltos; até que, chegando ao sr. Rochester, fez uma leve pirueta na ponta dos pés na frente dele e se apoiou sobre um joelho aos seus pés e exclamou:

“*Monsieur, je vous remercie mille fois de votre bonté*”; então se levantou e acrescentou: “*C’est comme cela que maman faisait, n’est-ce pas, monsieur?*”⁸

“E-xa-ta-men-te!”, foi a resposta; “e foi *comme cela*⁹ que ela surruiu meu ouro inglês do bolso da minha inglesa calça. Eu também já fui ingênuo, srta. Eyre... sim, muito ingênuo. O mesmo frescor que hoje a distingue antes distinguia também a mim. A minha primavera passou, porém, mas deixou nas minhas mãos essa pequena flor francesa da qual, em alguns momentos, eu gostaria de me livrar. Como agora já não valorizo a raiz da qual ela brotou; como descobri que ela era de um tipo que só o pó de ouro podia adubar, meu apreço pela flor é parcial, principalmente quando ele se encontra num estado tão artificial quanto agora. Eu a mantenho comigo e a crio em grande parte devido ao princípio católico de expiar pecados diversos, grandes ou pequenos, com uma boa ação. Um dia explicarei tudo isso. Boa noite.”

-
1. “Minha caixa, minha caixa!”
 2. “Comporte-se, menina, está entendendo?”
 3. “Ah, céus! Como é lindo!”
 4. Freirinha.
 5. “E disso eu não abro mão.”
 6. “Preciso experimentá-lo, e agora mesmo!”
 7. “Meu vestido ficou bom? E meus sapatos? E minhas meias? Ora, acho que vou dançar!”
 8. “Senhor, eu lhe agradeço mil vezes pela sua bondade. Era assim que mamãe fazia, não era, senhor?”
 9. “Desse jeito.”

XV

Numa ocasião posterior, o sr. Rochester de fato explicou.

Foi numa tarde em que por acaso encontrou Adèle e eu no jardim. Enquanto ela brincava com Piloto e com sua peteca, ele me pediu para subir e descer ao seu lado uma longa aleia de faias de onde podíamos vê-la.

Então contou que ela era filha de uma dançarina de ópera francesa, Céline Varens, por quem ele havia nutrido o que chamou de uma “*grande passion*”.¹ Céline havia jurado corresponder àquela paixão com um ardor maior ainda. Embora fosse feio, ele pensara ser seu ídolo. Acreditara, contou, que ela preferisse sua “*taille d’athlète*”² à elegância do Apolo do Belvedere.

“E eu me senti tão lisonjeado por essa preferência da sífide gaulesa por seu gnomo britânico que a instalei num hotel; dei-lhe um séquito completo de criados, uma carruagem, roupas de caxemira, diamantes, rendas etc. Em suma, dei início ao processo de me arruinar em grande estilo, como qualquer outro tolo apaixonado. Pelo visto não tive originalidade suficiente para seguir outro caminho rumo à vergonha e à destruição, mas trilhei o percurso habitual com uma tola precisão, de modo a não me desviar nem um centímetro sequer de seu pisado e repisado centro. E tive, como merecia ter, o destino de todos os tolos apaixonados. Certa noite, quando por acaso

fui visitar Céline sem ela estar me esperando, descobri que ela havia saído, mas como a noite estava quente e eu cansado de andar por Paris, sentei-me no seu *boudoir*, satisfeito por respirar o ar tão pouco tempo antes santificado pela sua presença. Não... estou exagerando; nunca considerei haver nela qualquer virtude santificadora; na verdade ela havia deixado ao sair, mais do que um odor de santidade, o perfume de uma espécie de defumador, um aroma de almíscar e âmbar. Eu estava começando a sufocar com o cheiro das flores de estufa e das essências vaporizadas quando tive a ideia de abrir a janela e sair para a sacada. A noite estava iluminada pela lua e pelos postes a gás, muito calma e serena. A sacada era mobiliada com uma ou duas cadeiras; sentei-me e saquei um charuto... fumarei um agora, com sua licença.”

Seguiu-se um intervalo preenchido pela aparição e o acendimento de um charuto; após levá-lo à boca e inalar uma lufada de incenso de Havana no ar gelado e sem sol, ele prosseguiu:

“Eu também gostava de balas naquele tempo, srta. Eyre, e fiquei *croquant*³... (queira perdoar o barbarismo...) fiquei alternadamente *croquant* balas de chocolate e fumando enquanto observava os veículos que passavam pelas ruas elegantes em direção à ópera ali perto, quando reconheci numa elegante carruagem fechada puxada por uma linda parelha de cavalos ingleses que se destacava nitidamente na noite clara da cidade a *voiture*⁴ que tinha dado a Céline. Ela estava chegando; meu coração, claro, pôs-se a bater de impaciência com força contra a grade de ferro na qual eu estava apoiado. Como eu imaginava, a carruagem parou na porta do hotel; minha paixão (essa é a palavra perfeita para descrever uma amante dançarina da ópera) saltou; embora ela estivesse envolta numa capa — traje desnecessário, aliás, numa noite de junho tão quente —, reconheci-a no mesmo instante pelos pés pequeninos que despontavam por baixo da saia do

vestido quando ela desceu os degraus do veículo. Curvando-me por cima da grade, estava prestes a murmurar “*mon ange*”⁵ num tom que só deveria, é claro, ser audível para os ouvidos do amor, quando outra pessoa desceu da carruagem atrás dela; essa pessoa também estava de capa; mas o que ecoou na calçada foi um calcanhar com esporas, e foi uma cabeça enchapelada que passou em seguida sob o arco da *porte-cochère*⁶ do hotel.

“A senhorita nunca sentiu ciúme, sentiu, srta. Eyre? É claro que não; nem preciso perguntar, já que a senhorita nunca sentiu amor. São dois sentimentos que ainda precisa experimentar; sua alma ainda dorme; o choque que irá acordá-la ainda não aconteceu. A senhorita pensa que a vida inteira corre num fluxo tão tranquilo quanto aquele que até agora carregou sua juventude. Flutuando nele de olhos fechados e com a audição abafada, não chega a ver as pedras afiadas que jazem não muito distantes no leito do rio, nem ouve as ondas que se formam na sua base. Mas eu lhe digo, e pode acreditar nas minhas palavras, que um dia a senhorita irá encontrar um trecho pedregoso do canal em que toda a correnteza da vida se transformará em redemoinho e tormenta, em espuma e barulho. Ou será despedaçada pelas pontas das pedras, ou então será colhida e levada por alguma onda gigantesca até um lugar mais calmo, como eu fui.

“Gosto desse dia; gosto desse céu de aço, da severidade e da imobilidade do mundo nessa temperatura gelada. Gosto de Thornfield, de sua antiguidade, de seu isolamento, de suas velhas árvores cheias de ninhos de gralhas e de seus espinheiros, de sua fachada cinza e de suas fileiras de janelas escuras a refletir esse firmamento de metal; mas por muito tempo odiei o simples fato de pensar nisto aqui, e por muito tempo rejeitei a casa como se ela fosse um antro de pestilentos. Assim como ainda odeio...”

O sr. Rochester cerrou os dentes e se calou; deteve-se e bateu com a bota no chão duro. Algum pensamento odiado parecia ter ocupado sua mente,

segurando-o com tanta força que ele não conseguia se mover.

Estávamos subindo a aleia quando ele fez essa parada; a casa estava na nossa frente. Erguendo os olhos para as ameias, ele as fitou com uma expressão de ira que eu nunca tinha visto e que nunca mais vi desde então. Dor, vergonha, fúria — impaciência, repulsa, ódio — pareceram por alguns instantes se digladiar no tremor das grandes pupilas dilatadas sob as sobrancelhas negras. O embate para ver qual dessas emoções prevaleceria foi árduo, mas um outro sentimento surgiu e triunfou: algo duro e cínico, obstinado e decidido, que acalmou seu arrebatamento e petrificou sua atitude. O sr. Rochester retomou: “Naqueles instantes em que fiquei calado, srta. Eyre, eu decidia uma questão com minha sina. Ela estava postada ali, junto àquele tronco de faia... uma bruxa como uma daquelas que apareceu diante de Macbeth no bosque de Forres. ‘Você gosta de Thornfield?’, disse ela, erguendo o dedo; e então escreveu no ar um lembrete que se estendeu em vistosos hieróglifos por toda a fachada da casa, entre a fileiras de janelas de cima e a de baixo: ‘Goste se puder! Atreva-se a gostar!’”.

“‘Eu vou gostar, disse-lhe eu. ‘Vou me atrever a gostar’; e (acrescentou ele, arrebatado) irei cumprir minha palavra; superarei obstáculos para alcançar a felicidade, para alcançar a bondade... sim, a bondade. Desejo ser um homem melhor do que fui, do que sou; assim como o leviatã de Jó quebrou a lança, o dardo e a cota de malhas, tratarei os empecilhos que os outros consideram de ferro e de bronze como se fossem feitos de palha e madeira podre.”

Naquele instante, Adèle passou correndo em frente a ele com sua peteca. “Fora daqui!”, exclamou o sr. Rochester, ríspido: “Fique longe, menina; ou então vá ficar com Sophie!” Quando ele retomou a caminhada em silêncio, atrevi-me a chamá-lo de volta ao ponto do qual havia abruptamente se desviado:

“O senhor saiu da sacada quando mademoiselle Varens entrou?”, perguntei

Quase imaginei que minha pergunta nada oportuna fosse ser rechaçada, mas, pelo contrário, despertando de seu devaneio carrancudo, ele virou os olhos para mim e a sombra pareceu se desvanecer do seu semblante. “Ah, tinha me esquecido de Céline! Bem, continuando. Ao ver minha sedutora chegar assim, acompanhada, pareci escutar um sibilo, e a cobra verde do ciúme, surgindo em curvas ondulantes da sacada enluarada, deslizou para dentro do meu colete, chegando em dois minutos ao cerne do meu coração. Que coisa estranha!”, exclamou o sr. Rochester, subitamente se desviando outra vez do assunto. “Que coisa estranha eu escolher a senhorita como minha confidente nisso tudo. E que estranho também que me escute sem dizer nada, como se fosse a coisa mais normal do mundo um homem como eu contar histórias sobre suas amantes da ópera a uma moça peculiar e inexperiente como a senhorita! Mas a segunda singularidade explica a primeira, conforme sugeri: com sua gravidade, sua consideração e sua cautela, a senhorita foi feita para escutar segredos. Além do mais, sei com que tipo de mente estou me comunicando; sei que é uma mente pouco propensa a se contaminar; uma mente singular, uma mente única. Felizmente não tenho a intenção de prejudicá-la, mas, caso tivesse, ela não ia deixar-se prejudicar por mim. Quanto mais a senhorita e eu conversarmos, melhor; pois ao mesmo tempo que não posso conspurcá-la, a senhorita talvez possa me revigorar.” Depois dessa digressão, ele prosseguiu...

“Eu continuei na sacada. ‘Eles virão para o *boudoir* dela, sem dúvida’, pensei. ‘Vou preparar uma emboscada.’ Assim, passei a mão pela janela aberta e puxei a cortina por cima, deixando apenas uma abertura por onde observar; depois fechei a persiana deixando uma fresta apenas suficiente

para que por ela pudessem escapar as juras sussurradas dos amantes. Então voltei para minha cadeira, e quando me sentei, a dupla entrou. Na mesma hora olhei para a abertura. A criada de Céline entrou, acendeu um lampião, deixou-o em cima da mesa e se retirou. O casal então me foi revelado com clareza, porque ambos tiraram as capas, e na minha frente surgiu a Varens, resplandecente de cetim e joias — presentes meus, claro — e também seu acompanhante, trajando uniforme de oficial; e eu o reconheci, era um jovem *vicomte*⁷ dissipado — um rapaz desmiolado e devasso com quem eu cruzara socialmente algumas vezes e que nunca cogitara odiar por desprezá-lo da maneira mais absoluta. Quando o reconheci, as presas da cobra do ciúme na mesma hora se quebraram, pois no mesmo instante meu amor por Céline se extinguiu. Não valia a pena lutar por uma mulher capaz de me trair com um rival daqueles; ela merecia apenas desprezo; e eu próprio, que me deixara tapear por ela, merecia mais desprezo ainda.

“Os dois começaram a falar; sua conversa me tranquilizou por completo: era frívola, mercenária, insensível e sem sentido, e mais calculada para entediar do que para enfurecer quem a escutasse. Sobre a mesa havia um cartão meu; quando ele foi notado, meu nome entrou na conversa. Nenhum dos dois tinha energia ou inteligência suficiente para me atacar de modo robusto, mas me insultaram tão grosseiramente quanto eram capazes do seu jeito mesquinho, principalmente Céline, que chegou até a discorrer de modo um tanto brilhante sobre meus defeitos pessoais — minhas deformidades, como ela as chamou. Era seu costume professar uma admiração fervorosa por aquilo que qualificava de minha “*beauté mâle*”,⁸ ponto em relação ao qual ela divergia diametralmente da senhorita, que me disse à queima-roupa, em nosso segundo encontro, que não me achava bonito. O contraste na época me chamou a atenção e...”

Adèle chegou outra vez.

“Monsieur, John acaba de avisar que seu administrador está aqui e deseja vê-lo.”

“Ah! Nesse caso preciso abreviar. Eu abri a janela e os surpreendi; liberei Céline da minha proteção; avisei-a de que deveria ir embora imediatamente do hotel; dei-lhe uma bolsinha de dinheiro para as despesas imediatas; desconsiderei os gritos, os ataques de histeria, as súplicas, os protestos, os desvarios; e marquei com o *vicomte* um encontro no Bois de Boulogne. Na manhã seguinte tive o prazer de encontrá-lo; alojei uma bala num de seus pobres braços descarnados e fracos como a asa de um frango doente, e com isso considerei encerrado meu assunto com a trupe toda. Infelizmente, uns seis meses antes a Varens tinha me dado essa menininha, Adèle, que segundo ela era minha filha; e talvez seja mesmo, embora eu não veja nenhuma prova dessa triste paternidade escrita no semblante da menina; Piloto se parece mais comigo do que ela. Alguns anos depois de eu ter rompido com a mãe, ela abandonou a filha e fugiu para a Itália com um músico ou cantor. Não reconheci nenhum direito natural de Adèle ser sustentada por mim, tampouco reconheço algum agora, pois não sou pai dela; mas ao saber que ela estava na mais completa miséria, tirei a pobrezinha da imundície e da lama de Paris e a transplantei para cá, para crescer limpa no solo rico de um jardim rural inglês. A sra. Fairfax encontrou a senhorita para conduzir seu crescimento; mas agora que sabe que ela é a filha ilegítima de uma dançarina da ópera de Paris, talvez a senhorita mude o que pensa sobre seu cargo e sua aluna; um dia virá me procurar para avisar que encontrou outro emprego e me pedir que procure outra preceptora etc. Não será assim?”

“Não; Adèle não é responsável nem pelos erros da mãe nem pelos seus; eu tenho apreço por ela; e agora que sei que ela é, em certo sentido, órfã — tendo sido abandonada pela mãe e não reconhecida pelo senhor —, vou me

agarrar a ela mais do que antes. Como poderia preferir a filha mimada de uma família rica, que detestaria sua preceptora e a consideraria um estorvo, a uma pequena e solitária órfã que recorre a ela como a uma amiga?”

“Ah, é assim que a senhorita vê a situação! Bem, agora preciso ir. E a senhorita também; está escurecendo.”

Mas ainda fiquei alguns minutos fora com Adèle e Piloto — apostei corrida com ela e jogamos uma partida de peteca com raquetes. Depois de entrarmos e de eu tirar seu chapéu e seu casaco, fiz com que ela se sentasse no meu colo; mantive-a ali durante uma hora e a deixei tagarelar à vontade; não repeli nem sequer as pequenas liberdades e trivialidades pelas quais ela era inclinada a se deixar levar ao receber demasiada atenção e que traíam nela uma superficialidade de caráter decerto herdada da mãe e bem pouco agradável para uma mente inglesa. Mesmo assim, Adèle possuía alguns méritos, e eu estava disposta a valorizar ao máximo tudo de bom que houvesse nela. Busquei no seu semblante e nos seus traços uma semelhança com o sr. Rochester, mas não encontrei nenhuma: nenhum traço, nenhuma expressão denunciava qualquer parentesco. Era uma pena; se a menina se parecesse com ele, o sr. Rochester teria mais apreço por ela.

Foi só depois de me recolher ao quarto para a noite que passei vagarosamente em revista toda a história que o sr. Rochester me contara. Como ele tinha dito, decerto não havia absolutamente nada de extraordinário no teor da narrativa em si: a paixão de um inglês rico por uma dançarina francesa e a traição dela eram sem dúvida acontecimentos bastante comuns na alta sociedade; mas havia algo decididamente estranho no paroxismo de emoção que de repente havia se apoderado dele quando ele estava expressando seu atual contentamento e seu prazer recém-reencontrado com a velha casa e suas cercanias. Meditei intrigada sobre o incidente; após abandoná-lo aos poucos, considerando-o por ora

inexplicável, passei a refletir sobre o comportamento de meu patrão comigo. A confiança que ele julgara adequado me fazer parecia uma homenagem à minha discrição; eu a considerava e valorizava como tal. Sua atitude para comigo havia algumas semanas vinha se mostrando mais uniforme do que no início. Eu nunca parecia incomodá-lo; ele não tinha acessos de arrogância e frieza; quando nos encontrávamos inesperadamente, o encontro parecia bem-vindo; ele sempre tinha uma palavra a me dizer, e às vezes um sorriso. Quando chamada a me apresentar diante dele por um convite formal, eu era honrada com uma recepção cordial que me fazia sentir possuir de fato o poder de diverti-lo, e pensar que aquelas conversas noturnas tinham por finalidade tanto o prazer dele quanto o meu benefício.

Eu falava comparativamente pouco, mas era com deleite que o escutava. O sr. Rochester tinha uma natureza comunicativa; gostava de expor a uma mente sem familiaridade com o mundo lampejos de suas cenas e costumes (não me refiro a cenas corruptas ou costumes inadequados, mas àqueles cujo interesse advinha da grande escala na qual ocorriam e da estranha novidade que os caracterizava); e eu experimentava um intenso prazer ao escutar as ideias novas que ele trazia, ao imaginar os quadros que pintava e ao segui-lo pelas novas regiões que ele revelava sem nunca me espantar nem perturbar com alusões desagradáveis.

A descontração do seu comportamento me libertou de uma contenção dolorosa; a franqueza e a simpatia ao mesmo tempo correta e cordial com a qual ele me tratava me atraíram para ele. Às vezes eu tinha a sensação de que ele era mais meu parente do que meu patrão. No entanto, às vezes ele ainda se mostrava autoritário, mas eu não me importava; via que era seu jeito. Esse novo interesse acrescido à minha vida me deixou tão feliz, tão satisfeita, que parei de ansiar por uma família; meu magro destino pareceu

se encorpar; as lacunas da existência foram preenchidas; minha saúde física melhorou; ganhei corpo e força.

E o sr. Rochester continuava feio aos meus olhos? Não, leitor; a gratidão e muitas associações, todas prazerosas e agradáveis, faziam do seu rosto o objeto que eu mais gostava de ver; sua presença num recinto era mais animadora do que o mais vivo dos fogos. No entanto, eu não esquecera seus defeitos; não podia esquecê-los, na verdade, pois ele os expunha com frequência. Era orgulhoso, sardônico, duro com qualquer tipo de inferioridade; no fundo da minha alma eu sabia que sua grande bondade comigo era contrabalançada por uma severidade injusta com muitos outros. Ele também tinha um humor inconstante, inexplicavelmente inconstante; mais de uma vez, quando chamada para ler em voz alta para ele, eu o encontrava sentado sozinho em sua biblioteca, com a cabeça abaixada sobre os braços cruzados, e quando ele erguia o rosto, uma expressão desanimada, quase malévola, obscurecia seus traços. Mas eu acreditava que suas mudanças de humor, sua aspereza e seus desvios morais do passado (digo *do passado* porque ele agora parecia ter se corrigido) tinham sua origem em alguma cruel encruzilhada do destino. Eu acreditava que ele fosse naturalmente um homem de tendências melhores, princípios mais elevados e gostos mais puros do que os que as circunstâncias tinham desenvolvido, a educação instilado ou o destino estimulado. Pensava haver nele materiais excelentes, embora estivessem atualmente um tanto estragados e emaranhados. Não posso negar que sentia tristeza pela tristeza dele, fosse ela qual fosse, e que teria me esforçado muito para aliviá-la.

Embora eu já houvesse apagado minha vela e estivesse deitada na cama, não conseguia dormir pensando na expressão dele quando havia parado na aleia e contado como seu destino surgira à sua frente e o desafiara a ser feliz em Thornfield.

“Por que não?”, perguntei a mim mesma. “O que o separa tanto desta casa? Será que ele logo tornará a deixá-la? A sra. Fairfax disse que ele raramente ficava aqui mais de duas semanas seguidas; e agora já faz oito semanas que ele chegou. Se de fato for embora, a mudança vai ser triste. Suponhamos que ele passe a primavera, o verão e o outono ausente; como os dias de sol e tempo bom vão parecer sem alegria!”

Nem sei se dormi ou não depois dessas reflexões; de toda forma, acordei com um sobressalto ao escutar um vago murmúrio, estranho e lúgubre, que pensei ter soado logo acima de mim. Desejei ter deixado minha vela acesa: a noite estava terrivelmente escura; meu espírito se abateu. Levantei-me, sentei-me na cama e apurei os ouvidos. O barulho havia cessado.

Tentei dormir outra vez, mas meu coração batia nervosamente; minha tranquilidade interna fora abalada. O relógio no outro extremo do corredor bateu as duas. Bem naquela hora, senti que algo tocava a porta do meu quarto, como se dedos deslizassem pela madeira que revestia a parede do corredor escuro lá fora, avançando aos tateios. “Quem está aí?”, chamei. Nada respondeu. Fiquei gelada de medo.

No mesmo instante, lembrei que poderia ser Piloto que, quando a porta da cozinha por acaso era deixada aberta, com frequência subia até a soleira da porta do quarto do sr. Rochester; eu mesma já o vira deitado ali de manhã. A ideia me acalmou um pouco; deitei-me. O silêncio acalma os nervos, e como total tranquilidade reinava agora na casa inteira, comecei a sentir a sonolência voltar. Mas o destino não quis que eu dormisse naquela noite. Um sonho mau se aproximara de meu ouvido quando fugiu, afugentado por um incidente de gelar a espinha.

Foi uma risada demoníaca — baixa, abafada e grave — que pareceu ecoar bem no buraco da fechadura da porta do meu quarto. A cabeceira da minha cama ficava perto da porta, e no início pensei que aquela risada

espectral estivesse na minha cabeceira — ou melhor, agachada junto ao meu travesseiro; mas levantei-me, olhei em volta e não consegui ver nada. Enquanto ainda procurava, o som sobrenatural se repetiu, e eu soube que ele vinha de trás dos painéis de madeira. Meu primeiro impulso foi me levantar e ir passar o trinco na porta; o seguinte foi dizer em voz alta: “Quem está aí?”.

Alguma coisa gorgolejou e gemeu. Pouco depois, passos se afastaram pelo corredor em direção à escada que conduzia ao terceiro andar. Uma porta fora recentemente instalada para fechar essa escada; ouvi-a se abrir e se fechar, e o silêncio voltou.

“Terá sido Grace Poole? Estará ela possuída pelo demônio?”, pensei. Impossível, agora, continuar sozinha; eu precisava ir ao encontro da sra. Fairfax. Pus apressadamente meu vestido e um xale; puxei o trinco e abri a porta com a mão trêmula. Havia uma vela acesa logo do lado de fora, sobre o tapete do corredor. Aquilo me espantou, e fiquei mais assombrada ainda ao constatar que o ambiente estava bastante mal iluminado, como se estivesse cheio de fumaça; e enquanto olhava para a direita e para a esquerda para tentar discernir de onde vinham aquelas volutas azuladas, tornei-me consciente além disso de um forte cheiro de queimado.

Algo rangeu; era uma porta entreaberta; e essa porta era a do quarto do sr. Rochester, de onde a fumaça emergiu numa lufada. Não pensei mais na sra. Fairfax; não pensei mais em Grace Poole nem na risada; num segundo estava dentro do quarto. Línguas de fogo chispavam ao redor da cama: as cortinas estavam em chamas. Em meio à névoa de fogo e fumaça, o sr. Rochester jazia deitado, imóvel, profundamente adormecido.

“Acorde! Acorde!”, gritei. Sacudi-o, mas ele só fez resmungar e se virar: a fumaça o deixara entorpecido. Não havia um só segundo a perder: o fogo já estava chegando aos lençóis. Corri até sua bacia e sua moringa; por sorte,

a primeira era larga e a segunda profunda, e ambas estavam cheias d'água. Peguei-as, inundei a cama e seu ocupante, voltei correndo para meu próprio quarto, peguei minha própria moringa, tornei a batizar a cama e, com a ajuda de Deus, consegui apagar as chamas que a devoravam.

O sibilo do fogo apagado, o barulho de uma das moringas que se espatifou quando eu a joguei longe após tê-la esvaziado e, acima de tudo, o barulho do banho que eu havia despejado em cima dele de propósito finalmente acordaram o sr. Rochester. Apesar de agora estar escuro, eu soube que ele estava acordado, pois o escutei proferir estranhos anátemas ao se ver deitado no meio de uma poça d'água.

“Houve uma inundação?”, exclamou ele.

“Não, senhor”, respondi, “mas houve um incêndio; levante-se, vamos; o senhor está encharcado; vou buscar uma vela.”

“Por todos os duendes da cristandade, quem está aí? É Jane Eyre?”, indagou ele. “O que fez comigo, sua bruxa? Feiticeira! Quem mais está neste quarto? Estava planejando me afogar?”

“Vou buscar uma vela, senhor; e pelo amor dos céus, levante-se. Alguém tramou alguma coisa; é bom o senhor descobrir quem e como o quanto antes.”

“Pronto! Já estou de pé; mas não ouse ir buscar uma vela agora; espere dois minutos até eu vestir umas roupas secas, se é que há alguma... sim, aqui está meu robe. Agora corra!”

Corri; peguei a vela ainda acesa no corredor. Ele a pegou da minha mão, levantou-a e examinou a cama, toda enegrecida e chamuscada, com os lençóis ensopados e o tapete em volta boiando em água.

“O que é isso? E quem é o responsável?”, perguntou ele.

Relatei-lhe sucintamente o que havia acontecido: a estranha risada que ouvira no corredor; os passos subindo para o terceiro andar; a fumaça e o

cheiro de queimado que tinham me levado até seu quarto; a situação com a qual eu me deparara ali, e como eu o inundara com toda a água que conseguira encontrar.

Ele escutou com um ar muito grave; conforme eu falava, seu rosto começou a expressar mais preocupação do que espanto; quando concluí, ele não falou de imediato.

“Devo chamar a sra. Fairfax?”, indaguei.

“A sra. Fairfax? Não; por que diabos iria chamá-la? O que ela pode fazer? Deixe-a dormir em paz.”

“Então vou chamar Leah e acordar John e a esposa.”

“Nada disso; fique quieta e pronto. A senhorita está de xale. Se não estiver aquecida o bastante, pode pegar minha capa ali adiante; enrole-se nela e sente-se na poltrona; pronto... vou ajudá-la. Agora ponha os pés no banquinho para tirá-los da água. Vou deixá-la por alguns minutos. Levarei a vela. Fique onde está até eu voltar; não dê um pio. Preciso ir fazer uma visita ao terceiro andar. Lembre-se, não se mexa nem chame ninguém.”

O sr. Rochester saiu; vi a luz se afastar. Após atravessar o corredor pisando bem de mansinho, ele abriu a porta da escada com o mínimo de barulho possível e fechou-a depois de passar; então o último resquício de claridade sumiu. Fiquei imersa numa total escuridão. Tentei escutar algum barulho, mas não ouvi nada. Um longo tempo transcorreu. Fui ficando cansada; apesar da capa, fazia frio. Além disso, não via motivo para continuar ali, já que não deveria acordar ninguém da casa. Estava a ponto de arriscar o desprazer do sr. Rochester desobedecendo às suas ordens quando a luz mais uma vez iluminou debilmente a parede do corredor e ouvi seus pés descalços pisarem no tapete. “Espero que seja ele”, pensei, “e não algo pior.”

Ele tornou a entrar no quarto, pálido e com uma expressão muito sombria. “Descobri tudo”, disse, pousando a vela ao lado da bacia; “é o que eu pensava.”

“Como assim, senhor?”

Ele não respondeu, mas permaneceu de braços cruzados, olhando para o chão. Após alguns minutos, perguntou num tom um tanto peculiar: “Esqueci se a senhorita disse ter visto alguma coisa quando abriu a porta do seu quarto”.

“Não, senhor, apenas a vela no chão.”

“Mas escutou uma risada esquisita? Já ouviu essa risada antes, imagino, ou algo parecido com ela.”

“Sim, senhor: tem uma mulher que vem aqui costurar, seu nome é Grace Poole... Ela ri exatamente assim. É uma pessoa singular.”

“Exato. Grace Poole... a senhorita adivinhou. Como diz, ela é singular... muito. Bem, vou refletir sobre o assunto. Enquanto isso, fico grato pelo fato de a senhorita ser a única pessoa, com exceção de mim mesmo, a conhecer os detalhes precisos do incidente de hoje à noite. A senhorita não é falastrona; não comente nada a respeito. Vou resolver essa situação” (ele apontou para a cama); “e agora volte para o seu quarto. Ficarei muito bem no sofá da biblioteca pelo restante da noite. São quase quatro da manhã; daqui a duas horas os criados vão acordar.”

“Boa noite para o senhor então”, falei, retirando-me.

Ele pareceu surpreso — de modo muito incoerente, uma vez que acabara de me dizer para ir embora.

“O quê?”, exclamou. “Já vai me abandonar, e desse jeito?”

“O senhor disse que eu podia ir.”

“Mas não sem se despedir; não sem uma palavra ou duas de reconhecimento e simpatia. Resumindo, não desse jeito breve e seco. Ora, a

senhorita salvou minha vida! Arrancou-me de uma morte horrível e excruciante! E passa por mim como se fôssemos dois desconhecidos! Pelo menos aperte a minha mão.”

Ele estendeu a mão; eu lhe estendi a minha. Ele a segurou primeiro com uma das suas, depois com as duas.

“A senhorita salvou minha vida; é um prazer ser-lhe devedor de tão imensa dívida. Não posso dizer mais nada. Nenhuma outra criatura viva teria sido tolerável como credora de tamanha obrigação; mas no seu caso... é diferente. Não sinto que o que fez por mim seja nenhum fardo, Jane.”

Ele fez uma pausa; encarou-me. Palavras quase visíveis tremeram nos seus lábios, mas sua voz foi contida.

“Boa noite outra vez, senhor. Nesse caso não existe dívida, vantagem, fardo nem obrigação.”

“Eu sabia”, continuou ele, “que ia me fazer o bem de alguma forma, em algum momento; percebi isso nos seus olhos na primeira vez em que a vi. Sua expressão e seu sorriso não...” (mais uma vez ele parou) “... não” (continuou ele apressado) “me causaram satisfação nos recantos mais profundos do meu coração a troco de nada. Fala-se em empatia natural; já ouvi falar em gênios do bem. Até mesmo nas mais desvairadas fábulas há vestígios de razão. Boa noite, minha querida protetora!”

Havia uma estranha energia em sua voz, um estranho brilho em seu olhar.

“Que bom que eu estava acordada”, falei; e então fiz menção de sair.

“O quê? Já vai *mesmo*?”

“Estou com frio, senhor.”

“Frio? Sim... e está pisando numa poça d’água! Então vá, Jane, vá!” Mas ele continuou segurando minha mão e eu não consegui soltá-la. Inventei uma desculpa.

“Acho que estou ouvindo a sra. Fairfax se mexer, senhor”, falei.

“Bem, deixei-me então.” Ele soltou meus dedos e fui embora.

Tornei a deitar em minha cama, mas nem sequer pensei em dormir. Até a manhã despontar, fiquei sendo lançada num mar exultante, porém revolto, no qual ondas de preocupação se agitavam sob correntes de alegria. Às vezes pensava ver para lá das águas revoltas um pedaço de terra firme, belo como as colinas de Beulá; e de quando em quando um vento refrescante, despertado pela esperança, carregava em triunfo meu espírito em direção ao destino. Mas eu não conseguia alcançá-lo, nem mesmo na imaginação, pois uma brisa contrária soprava do interior e me empurrava continuamente de volta. O bom senso resistiu ao delírio; o juízo conteve a paixão. Agitada demais para repousar, levantei-me assim que o dia raiou.

-
1. Grande paixão.
 2. Físico de atleta.
 3. Mastigando.
 4. Veículo.
 5. Meu anjo.
 6. Portão pelo qual as carruagens entravam nos prédios.
 7. Visconde.
 8. Beleza máscula.

No dia seguinte à noite insone, ao mesmo tempo desejei e temi encontrar o sr. Rochester; queria ouvir sua voz outra vez, mas temia encarar seus olhos. Durante a primeira parte da manhã, aguardei por algum tempo a sua aparição; ele não tinha o hábito frequente de entrar na sala de aula, mas aparecia às vezes por alguns minutos, e eu tinha a impressão de que naquele dia faria uma visita.

Mas a manhã transcorreu como de costume. Nada interrompeu a progressão tranquila dos estudos de Adèle; apenas, logo após o desjejum, ouvi uma agitação nas cercanias do quarto do sr. Rochester, as vozes da sra. Fairfax, de Leah e da cozinheira — isto é, a esposa de John — e até mesmo o timbre áspero da voz do próprio John. Houve exclamações de “Que bênção o patrão não ter sido queimado na cama!”, “É sempre um perigo deixar uma vela acesa à noite”, “Que providencial ele ter tido a presença de espírito de pensar na moringa!”, “Estranho não ter acordado ninguém!”, “Tomara que não se resfrie dormindo no sofá da biblioteca” etc.

As extensas confabulações foram sucedidas por ruídos de esfregação e arrumação; e quando passei pelo quarto ao descer para o almoço, vi pela porta aberta que tudo tinha sido recolocado na mais completa ordem; apenas a cama estava sem o cortinado. Em pé no banco da janela, Leah

esfregava as vidraças sujas de fumaça. Eu estava prestes a falar com ela, pois queria saber que explicação fora dada para o ocorrido. Ao avançar, porém, vi dentro do quarto uma segunda pessoa — uma mulher sentada numa cadeira junto à cabeceira da cama, costurando argolas em cortinas novas. Essa mulher não era outra senão Grace Poole.

Ali estava ela, com seu ar rígido e taciturno de sempre, usando seu traje de lã marrom, seu avental quadriculado, seu lenço branco e sua touca. Estava concentrada no trabalho, que parecia lhe absorver todos os pensamentos. Em sua testa dura e em seus traços comuns não se via vestígio algum da palidez e do desespero que se poderia esperar encontrar no semblante de uma mulher que tentara assassinar alguém e cuja pretensa vítima da noite anterior a seguira até sua toca e (conforme eu acreditava) a acusara do crime que desejara perpetrar. Fiquei assombrada e estarrecida. A mulher ergueu os olhos enquanto eu ainda a observava; nenhum sobressalto, nenhum aumento ou diminuição da cor traíram qualquer emoção, qualquer consciência de culpa, qualquer medo de ser desmascarada. Ela disse “Bom dia, senhorita” do seu modo habitual, fleumático e breve, e empunhando uma nova argola e mais fita prosseguiu com a costura.

“Vou fazê-la passar por um teste”, pensei; “uma impenetrabilidade absoluta assim é incompreensível.”

“Bom dia, Grace”, falei. “Aconteceu alguma coisa aqui? Pensei ter escutado os criados todos conversando agora há pouco.”

“É só que o patrão estava lendo na cama ontem à noite; ele pegou no sono com uma vela acesa. As cortinas pegaram fogo; mas felizmente ele acordou antes que as chamas se alastrassem pela roupa de cama ou a madeira, e conseguiu apagá-las com a água da moringa.”

“Que coisa estranha!”, comentei em voz baixa; então, encarando-a fixamente, disse: “O sr. Rochester não acordou ninguém? Ninguém o ouviu se mexer?”.

Grace Poole mais uma vez ergueu os olhos para mim, e agora havia na sua expressão algo de consciente. Pareceu examinar-me com cautela, então respondeu: “Os criados dormem tão longe, senhorita, que provavelmente não escutariam nada. O quarto da sra. Fairfax e o seu são os mais próximos do quarto do patrão, mas a sra. Fairfax disse não ter escutado nada; quando as pessoas ficam mais velhas, é comum terem o sono pesado”. Ela fez uma pausa e então acrescentou, com uma espécie de pretensa indiferença, mas ainda assim num tom enfático e pleno de significado: “Mas a senhorita é jovem, e suponho que tenha o sono leve. Talvez tenha ouvido algum barulho”.

“Ouvi, sim”, falei, baixando a voz para que Leah, ainda limpando as vidraças, não pudesse me ouvir. “No início achei que fosse Piloto; mas Piloto não pode rir, e tenho certeza de que ouvi uma risada, e uma risada estranha.”

Ela pegou outro pedaço de linha para a agulha, encerrou-o com cuidado, passou-o pelo buraco com a mão firme e então observou, com perfeita compostura: “Acho que não seria muito provável o patrão rir no momento de correr tamanho risco; a senhorita devia estar sonhando”.

“Eu não estava sonhando”, falei, com certo arrebatamento, pois sua frieza me irritou. Ela tornou a me olhar com a mesma expressão examinadora e atenta.

“A senhorita disse ao patrão que escutou uma risada?”, Grace Poole indagou.

“Não tive oportunidade de falar com ele hoje de manhã.”

“Não pensou em abrir a porta e espiar o corredor?”, perguntou ela ainda.

Ela parecia estar me interrogando para tentar arrancar informações de mim sem eu perceber. Ocorreu-me que, se descobrisse que eu sabia ou desconfiava de sua culpa, poderia fazer de mim o alvo de alguma das suas brincadeiras maldosas; achei recomendável ter cautela.

“Pelo contrário”, falei. “Passei o trinco na porta.”

“Quer dizer que a senhorita não tem o hábito de passar o trinco na porta todas as noites antes de se deitar?”

“Monstro! Ela quer saber meus hábitos para poder adaptar seus planos!” A indignação superou a prudência, e eu respondi com rispidez: “Até agora muitas vezes deixei de passar o trinco, porque não achava necessário fazê-lo. Não sabia que era preciso temer algum perigo ou incômodo em Thornfield Hall; mas daqui em diante...” (e enfatizei bastante as palavras) “... tomarei bastante cuidado para deixar tudo bem fechado antes de me atrever a me deitar”.

“Seria sensato fazer isso”, foi sua resposta; “estas redondezas são as mais tranquilas que já conheci, e nunca ouvi dizer que o casarão tenha sofrido alguma tentativa de assalto desde que era uma casa simples, muito embora os pratos no armário valham centenas de libras, como todos sabem. E veja bem, para uma casa deste tamanho há poucos criados, pois o patrão nunca morou aqui por muito tempo; e quando ele vem para cá, por ser solteiro, precisa de pouco serviço. Mas sempre acho melhor ser precavido; é fácil fechar uma porta, e mais vale ter um trinco entre si e qualquer perigo que possa estar rondando. Muita gente confia inteiramente na Providência, senhorita; mas eu acho que a Providência não dispensa as precauções, embora em geral as abençoe quando usadas com discernimento.” E assim se concluiu sua arenga, uma arenga longa para ela, e proferida com o recato digno de uma quacre.

Eu continuava absolutamente estarecida com o que me parecia o milagroso autocontrole da mulher e sua inescrutável hipocrisia, quando a cozinheira entrou.

“Sra. Poole”, disse ela, dirigindo-se a Grace, “o almoço dos criados logo vai estar pronto; a senhora não quer descer?”

“Não; apenas ponha minha caneca de cerveja e meu pedaço de empadão numa bandeja, que trago aqui para cima.”

“Não quer um pouco de carne?”

“Só um pedacinho, e um pouco de queijo, nada mais.”

“E a sobremesa?”

“Não precisa, por enquanto; vou descer antes da hora do chá, de modo que eu mesma a preparo.”

A cozinheira virou-se para mim e disse que a sra. Fairfax estava à minha espera. Então me retirei.

Mal escutei o relato que a sra. Fairfax fez da conflagração da cortina durante o almoço, de tão ocupada que estava quebrando a cabeça com o caráter enigmático de Grace Poole, e mais ainda com o problema do seu cargo em Thornfield, e perguntando-me por que ela não fora entregue à polícia naquela manhã ou, no mínimo, demitida da casa do patrão. O sr. Rochester havia praticamente declarado sua convicção quanto à culpa dela na noite anterior; que causa misteriosa o impedia de acusá-la? Por que ele pedira segredo a mim também? Era estranho: um cavalheiro audaz, vingativo e arrogante parecia por algum motivo subjugado pelo poder da mais reles de suas dependentes; tão subjugado que, quando ela levantara a mão para atentar contra a sua vida, ele não se atrevera a acusá-la abertamente dessa tentativa, e menos ainda a puni-la por isso.

Se Grace fosse jovem e bonita, eu teria me sentido tentada a pensar que sentimentos mais delicados do que a prudência ou o medo influenciavam o

sr. Rochester em relação a ela; no entanto, visto a matrona sem predicados que ela era, essa ideia não se sustentava. “Mas”, refleti, “ela já foi jovem um dia; sua juventude deve ter sido contemporânea à de seu patrão. A sra. Fairfax certa vez me disse que ela havia morado aqui por muitos anos. Não acho que possa ter sido bonita um dia, mas, até onde sei, talvez possua uma originalidade e uma força de caráter capazes de compensar a falta de atrativos pessoais. O sr. Rochester é um apreciador da decisão e da excentricidade; pelo menos excêntrica Grace é. E se um antigo capricho (acontecimento bem possível para um temperamento tão repentino e obstinado quanto o dele) o deixou à mercê dela, e ela agora exerce sobre as suas ações uma influência secreta, resultado da sua própria indiscrição, da qual ele não consegue se livrar e que não se atreve a ignorar? No entanto, após chegar a esse ponto na minha conjectura, o corpo quadrado e achatado da sra. Poole e seu rosto feio, seco e até áspero me surgiram na mente de modo tão nítido que pensei: “Não, impossível! Minha suposição não pode estar correta. Entretanto”, sugeriu a voz secreta que nos fala em nossos próprios corações, “você tampouco é bonita, e pode ser que o sr. Rochester a aprove; pelo menos você muitas vezes teve essa sensação. E ontem à noite... lembre-se das palavras dele, lembre-se do seu olhar, lembre-se da sua voz!”.

Eu me lembrava muito bem de tudo — naquele momento as palavras, o olhar e o tom de voz me pareceram vividamente renovados. Eu estava agora na sala de aula; Adèle desenhava; curvei-me por sobre ela e direcionei seu lápis. A menina ergueu o rosto com uma espécie de sobressalto.

“*Qu’avez-vous, mademoiselle?*”, indagou. “*Vos doigts tremblent comme la feuille, et vos joues sont rouges, mais rouges comme des cerises!*”¹

“Estou com calor, Adèle, de tanto me abaixar!” Ela continuou a desenhar; eu continuei a pensar.

Apressei-me em afastar da mente a ideia odiosa que vinha alimentando em relação a Grace Poole; aquilo me repugnava. Comparei-me com ela e constatei que éramos diferentes. Bessie Leaven dissera que eu era uma dama, e dissera a verdade — eu de fato era. E agora estava com um aspecto muito melhor do que quando ela me vira, mais corada e com mais corpo, mais cheia de vida, mais viva, pois agora tinha mais esperança e prazeres mais agradáveis.

“Está anoitecendo”, falei, voltando os olhos para a janela. “Não escutei a voz nem os passos do sr. Rochester nesta casa hoje, mas certamente vou vê-lo antes da noite. Pela manhã eu temia esse encontro; mas agora o desejo, pois a expectativa passou tanto tempo contrariada que se tornou impaciente.”

Quando a noite caiu e Adèle me deixou para ir brincar no quarto das crianças com Sophie, de fato desejei intensamente o encontro. Fiquei esperando a sineta tocar lá embaixo; fiquei esperando ouvir Leah subir com um recado; cheguei a imaginar ter escutado o andar do próprio sr. Rochester e a me virar para a porta na esperança de vê-la abrir-se para ele entrar. A porta permaneceu fechada; apenas a escuridão entrava pela janela. Não era tarde, porém; ele muitas vezes mandava me chamar às sete ou oito da noite, e ainda eram apenas seis. Com certeza eu não ficaria decepcionada naquela noite, quando tinha tantas coisas a lhe dizer! Queria mais uma vez abordar o tema de Grace Poole e ouvir qual seria sua resposta; queria perguntar-lhe explicitamente se de fato acreditava ter sido ela a responsável pela medonha tentativa da noite anterior e, em caso afirmativo, por que ele guardava segredo em relação à sua maldade. Pouco me importava se minha curiosidade ia deixá-lo irritado; eu conhecia o prazer de irritá-lo e tranquilizá-lo alternadamente; era algo que me proporcionava grande deleite, e um instinto afiado sempre me impedia de ir longe demais; eu

nunca me atrevia a ultrapassar a fronteira da provocação; gostava de testar minhas habilidades até o limite extremo. Conservando todas as mínimas fórmulas de respeito, tudo aquilo que condizia com minha posição, eu mesmo assim podia argumentar com ele sem medo nem reserva, o que satisfazia tanto a ele quanto a mim.

Um passo rangeu enfim na escada; Leah entrou, mas só para me avisar que o chá estava servido no quarto da sra. Fairfax. Para lá me dirigi, aliviada ao menos por descer, pois isso, imaginei, me deixava mais perto da presença do sr. Rochester.

“A senhorita deve estar querendo seu chá”, disse a bondosa senhora quando a encontrei; “comeu tão pouco no almoço. Infelizmente”, continuou ela, “eu acho que a senhorita hoje não está bem; tem um aspecto afogueado e febril.”

“Ah, estou bem, sim! Nunca estive melhor.”

“Nesse caso deve provar isso exibindo um bom apetite; pode encher o bule enquanto eu termino esta fileira?” Após completar sua tarefa, ela se levantou para baixar a persiana que até então mantivera aberta para, assim supus, aproveitar ao máximo a luz do dia, embora o crepúsculo estivesse agora se adensando depressa rumo a uma escuridão total.

“Está uma noite bonita”, comentou ela, olhando pelas vidraças, “ainda que não estrelada; de um modo geral, o sr. Rochester teve um dia propício para viajar.”

“Viajar! O sr. Rochester foi a algum lugar? Não sabia que ele tinha saído.”

“Ah, saiu logo depois do desjejum! Foi para Leas, a propriedade do sr. Eshton, dez milhas para lá de Millcote. Creio que há um grupo bastante grande reunido lá: Lord Ingram, Sir George Lynne, o coronel Dent e outros.”

“A senhora o espera de volta ainda hoje?”

“Não... nem amanhã tampouco; imagino que muito provavelmente fique uma semana ou mais. Quando essas pessoas finas e distintas se reúnem, ficam tão cercadas por elegância e alegria, tão atendidas em tudo o que possa agradar e divertir, que não têm a menor pressa em separar-se. Os cavalheiros, sobretudo, são com frequência muito requisitados nesses eventos, e o sr. Rochester é tão talentoso, tão alegre em sociedade que acredito ser apreciado por todos. As senhoras gostam muito dele, embora não seja o caso de considerá-lo dono de uma aparência calculada especialmente para torná-lo agradável aos olhos delas. Mas acho que suas virtudes e habilidades, e talvez sua riqueza e seu sangue nobre, compensam todo pequeno defeito de aparência.”

“Há senhoras em Leas?”

“A sra. Eshton e suas três filhas... três moças muito elegantes; e também as distintas Blanche e Mary Ingram, mulheres muito bonitas, suponho. Na verdade, vi Blanche uns seis ou sete anos atrás, quando ela era uma jovem de dezoito. Veio a um baile de Natal e a uma festa que o sr. Rochester deu aqui. A senhorita devia ter visto a sala de jantar nesse dia... que rica decoração, que iluminação resplandecente! Acho que devia haver uns cinquenta cavalheiros e damas presentes... de todas as famílias ilustres do condado; e a srta. Ingram foi considerada a mais bela da noite.”

“A senhora diz que a viu, sra. Fairfax. Como ela era?”

“Sim, eu a vi. As portas da sala de jantar estavam abertas, e como era época de Natal os criados tiveram licença para se reunir no saguão e ouvir algumas das senhoras cantarem e tocarem instrumentos. O sr. Rochester quis que eu entrasse, e fui me sentar num canto tranquilo para ficar observando. Nunca vi cena mais esplêndida: as senhoras estavam

estupendamente vestidas, a maioria — pelo menos a maioria das mais jovens — estava linda, mas a srta. Ingram com certeza era a rainha.”

“E como ela era?”

“Alta, com um belo busto e ombros estreitos, um pescoço comprido e esguio, uma pele morena e lisa, traços nobres, olhos bem parecidos com os do sr. Rochester, grandes e negros, e tão brilhantes quanto as joias que usava. E tinha também uma bela cabeleira, negra como as penas de um corvo e arrumada num penteado muito vistoso: uma coroa de grossas tranças atrás, e na frente os cachos mais compridos e mais lustrosos que já vi. Estava toda vestida de branco, com um lenço cor de âmbar nos ombros e no colo, amarrado de lado, com as pontas compridas e franjadas descendo-lhe até abaixo dos joelhos. Usava ainda, nos cabelos, uma flor cor de âmbar que contrastava com a massa negra de seus cachos.”

“Ela foi muito admirada, naturalmente?”

“Foi, de fato; e não só pela beleza, mas também por suas prendas. Foi uma das senhoras que cantaram; com um cavalheiro acompanhando ao piano. Ela e o sr. Rochester cantaram um dueto.”

“O sr. Rochester? Eu não sabia que ele cantava.”

“Ah! Ele tem uma bela voz de baixo e um excelente gosto musical.”

“E a srta. Ingram? Que tipo de voz ela tem?”

“Uma voz muito rica e muito potente; ela cantou muito bem. Foi um prazer escutá-la, e em seguida ela tocou. Não sou nenhuma especialista em música, mas o sr. Rochester sim, e ouvi-o dizer que a execução dela fora particularmente boa.”

“E essa dama tão bela e tão prendada ainda não se casou?”

“Ao que parece, não; imagino que nem ela nem a irmã tenham fortunas muito grandes. A maior parte dos bens do finado Lord Ingram estava atrelada ao título, e o filho mais velho herdou quase tudo.”

“Mas é estranho nenhum nobre ou cavalheiro rico ter se interessado por ela; o sr. Rochester, por exemplo. Ele é rico, não é?”

“Ah, sim! Mas existe uma diferença de idade considerável, entende: o sr. Rochester tem quase quarenta anos, e ela apenas vinte e cinco.”

“E o que tem isso? Enlaces mais desiguais se fazem todos os dias.”

“Verdade, porém realmente não imagino que o sr. Rochester possa considerar uma ideia do tipo. Mas a senhorita não comeu nada; mal pôs alguma coisa na boca desde o começo do chá.”

“Não; estou com sede demais para comer. Pode me servir outra xícara?”

Eu estava prestes a recomeçar a discorrer sobre a probabilidade de uma união entre o sr. Rochester e a linda Blanche, mas Adèle entrou e a conversa se desviou para outro assunto.

Quando me vi mais uma vez sozinha, repassei as informações que havia obtido; olhei para dentro do meu coração, examinei suas ideias e seus sentimentos, e tentei trazer com mão firme quaisquer deles que tivessem se extraviado em meio aos confins infindáveis e sem norte da imaginação de volta ao terreno seguro do bom senso.

Convocada diante do meu próprio tribunal, após a memória ter testemunhado sobre esperanças, desejos e sentimentos que eu vinha acalentando desde a noite anterior — sobre o estado geral ao qual eu me entregava havia quase duas semanas; depois de a Razão ter dado um passo à frente e feito, ao seu modo calmo, um relato simples e sem ornamentos que mostrava como eu havia rejeitado a realidade e devorara sofregamente o ideal, pronunciei o seguinte veredito:

“Que uma tola mais tola do que Jane Eyre jamais pisara a face da terra; que uma idiota mais propensa a fantasias jamais se empanturrara de mais doces mentiras nem bebera veneno assim, como se fosse néctar.

“Você”, falei, “a preferida do sr. Rochester? Você, imbuída do poder de agradá-lo? Você, importante para ele de algum modo? Ora! Sua tolice me dá náuseas. E você extraiu prazer de eventuais mostras de afeto, demonstrações equívocas feitas por um cavalheiro de família e homem do mundo a uma dependente sem qualquer experiência. Como teve tamanho topete? Sua coitada equivocada e burra! Será que nem a necessidade de zelar por seus interesses pessoais lhe deu um pouco de sensatez? Você repetiu para si mesma hoje de manhã a breve cena de ontem à noite? Cubra o rosto e sinta vergonha! Ele fez algum elogio aos seus olhos, foi? Seu filhote cego! Abra essas pálpebras avermelhadas e olhe para sua maldita falta de bom senso! Não é bom para mulher nenhuma ser elogiada por seu superior, que não pode de modo algum ter a intenção de se casar com ela; e é loucura para qualquer mulher deixar arder dentro de si um amor secreto que, caso permaneça secreto e não correspondido, está fadado a devorar a vida que o alimenta; e que, caso seja descoberto e correspondido, está fadado a conduzir, como fogo-fátuo, a desertos pantanosos dos quais é impossível evadir-se.

“Ouça então sua sentença, Jane Eyre: amanhã, ponha o espelho na sua frente e desenhe com giz seu próprio retrato, um retrato fiel, sem suavizar um só defeito; não omita nenhuma linha dura, não disfarce nenhuma irregularidade desagradável; escreva embaixo: ‘Retrato de uma preceptora sem família, pobre e feia’.

“Em seguida pegue um pedaço de papel em branco; você tem um disponível na sua caixa de desenho; pegue sua paleta, misture suas cores mais frescas, belas e vivas; escolha seus mais delicados pincéis de pelo de camelo; delinieie com cuidado o rosto mais belo que puder imaginar; pinte-o com seus matizes mais suaves e tons mais formosos, conforme a descrição feita pela sra. Fairfax de Blanche Ingram; lembre-se dos cachos negros, dos

olhos orientais... O quê? Está usando o sr. Rochester como modelo? Ordem! Sem choramingsos! Sem sentimentalidades! Sem arrependimentos! Não tolerarei nada a não ser bom senso e decisão. Lembre-se dos imponentes porém harmoniosos contornos, do pescoço e busto gregos; permita que o braço ofuscante e a mão delicada fiquem à vista; não omita nem o anel de brilhante nem a pulseira de ouro; retrate fielmente o traje, as rendas etéreas e os reluzentes cetins, o lenço gracioso e a rosa dourada; intitule-o ‘Blanche, dama nobre e prendada’.

“Toda vez que, no futuro, porventura imaginar que o sr. Rochester tem estima por você, pegue esses dois retratos e os compare. Diga: ‘O sr. Rochester provavelmente poderia conquistar o amor dessa nobre dama caso decidisse brigar por ele; é provável que fosse dedicar alguma consideração séria a essa plebeia indigente e insignificante?’”

“Farei isso”, decidi; e tendo tomado essa decisão me acalmei e adormeci.

Cumpri minha palavra. Uma hora ou duas bastaram para esboçar meu próprio retrato em giz; e em menos de duas semanas concluí um retrato em miniatura de uma Blanche Ingram imaginária. Era um rosto suficientemente belo, e quando comparado ao retrato em giz de verdade, o contraste era tão grande quanto eu poderia desejar. A tarefa me fez bem: manteve-me a cabeça e as mãos ocupadas, e deu força e permanência às novas impressões que eu desejava gravar de modo indelével em meu coração.

Em pouco tempo tive motivos para me congratular pela conduta de louvável disciplina à qual havia forçado meus sentimentos a se submeterem; graças a ela, pude encarar os acontecimentos subsequentes com razoável calma: caso esses acontecimentos tivessem me apanhado desprevenida, é provável que eu não tivesse conseguido mantê-la, nem sequer externamente.

1. “O que tem mademoiselle? Seus dedos tremem como folhas e sua face está vermelha, vermelha como cereja!”

Uma semana transcorreu sem notícias do sr. Rochester; dez dias se passaram, e ainda assim ele não voltou. A sra. Fairfax disse que não ficaria surpresa se ele fosse direto de Leas para Londres, e de lá para o continente, e não tornasse a dar as caras em Thornfield por um ano; não fora incomum que partisse de modo tão abrupto e inesperado. Quando ouvi isso, estava começando a sentir uma estranha frieza e fraqueza no coração. Na verdade, permitia-me experimentar uma sensação nauseante de decepção, mas controlei meus sentimentos, relembrei meus princípios, e imediatamente tornei a pôr ordem nas minhas sensações; e foi maravilhoso como consegui superar o equívoco temporário — como esclareci o erro de supor que os movimentos do sr. Rochester fossem um assunto pelo qual eu tivesse algum motivo para demonstrar um interesse vital. Não que eu me pusesse na posição humilhante de alimentar uma noção de inferioridade equivalente à de uma escrava; ao contrário, eu disse apenas:

“Você não tem nenhuma outra relação com o patrão de Thornfield a não ser receber o salário que ele lhe paga para ensinar sua protegida e ser grata pelo tratamento respeitoso e educado que, caso cumpra com o seu dever, tem o direito de esperar dele. Certifique-se de que esse é o único vínculo que ele reconhece haver entre vocês; então não faça dele o motivo de seus

nobres sentimentos, de suas fantasias, agonias e que tais. Ele não é do seu nível; atenha-se à sua laia e tenha respeito suficiente por si mesma para não despejar o amor com todo o coração, com toda a alma e com toda a força num lugar onde tal presente não é desejado e seria desprezado.”

Prossegui tranquilamente com meus afazeres diários, mas de vez em quando me passavam pela cabeça vagas sugestões de por que eu deveria ir embora de Thornfield, e involuntariamente não parava de redigir anúncios e fazer conjecturas sobre novos empregos. Não considerei necessário reprimir tais pensamentos; eles podiam germinar e dar frutos se conseguissem.

O sr. Rochester estava ausente havia mais de duas semanas quando o correio trouxe uma carta para a sra. Fairfax.

“É do patrão”, disse ela, e olhou o endereço. “Agora imagino que vamos saber se devemos esperar ou não seu retorno.”

E enquanto ela rompia o lacre e examinava o documento, continuei tomando meu café (estávamos à mesa do desjejum); a bebida estava quente, e atribuí a isso um rubor escaldante que me subiu ao rosto de repente. Por que minha mão tremeu e por que sem querer derramei no pires metade do conteúdo de minha xícara foram coisas nas quais não quis pensar.

“Bem, eu às vezes acho que levamos uma vida demasiado calma mas agora corremos o risco de ficar razoavelmente ocupadas. Pelo menos por um tempo”, disse a sra. Fairfax, ainda segurando a carta diante dos óculos.

Antes de me permitir pedir uma explicação, amarrei o cordão do avental de Adèle, que por acaso estava solto; depois de ajudá-la também a se servir de mais um pãozinho e tornar a encher sua caneca de leite, perguntei num tom casual: “O sr. Rochester não vai voltar em breve, imagino”.

“Vai, sim... daqui a três dias, segundo ele; na quinta-feira que vem; e não virá sozinho, aliás. Não sei quantas das elegantes pessoas de Leas virão com ele. Ele manda instruções para que todos os melhores quartos de

dormir sejam arrumados, e a biblioteca e os salões devem ser limpos; e eu devo ir contratar mais ajudantes para a cozinha na hospedaria de George Inn, em Millcote, e onde mais conseguir; e as senhoras trarão suas criadas e os cavalheiros seus lacaios, de modo que ficaremos com a casa cheia.” E a sra. Fairfax engoliu seu desjejum e retirou-se depressa para dar início aos preparativos.

Conforme ela previra, os três dias foram bastante movimentados. Eu pensava que todos os quartos de Thornfield estavam esplendidamente limpos e bem-arrumados, mas pelo visto me enganava. Três mulheres foram chamadas para ajudar, e nunca em toda a minha vida vi nem tornei a ver desde então tamanha esfregação, tamanha escovação, tamanha lavagem de paredes e batida de tapetes, tamanha remoção e colocação de quadros, tamanho polimento de espelhos e metais, tamanho acendimento de lareiras em quartos, tamanho arejamento de lençóis e colchões diante da lareira. Adèle corria de modo um tanto descontrolado no meio daquilo tudo; os preparativos para os hóspedes e a perspectiva da sua chegada pareciam provocar nela um verdadeiro frenesi. A menina fez Sophie passar em revista todas as suas “*toilettes*”, como ela chamava os vestidos; depois reajustar todas as que estivessem “*passées*”¹ e arejar e arrumar as novas. Ela mesma, por sua vez, não fazia outra coisa senão correr de um lado para o outro pelos quartos da frente, subir e descer das camas, deitar-se nos colchões e nos rolos e travesseiros empilhados diante dos altos fogos acesos nas lareiras. Foi dispensada das tarefas escolares; a sra. Fairfax havia me recrutado para auxiliá-la, e eu passava o dia inteiro na despensa, ajudando (ou atrapalhando) a governanta e a cozinheira, aprendendo a fazer cremes, doces de queijo e receitas de confeitaria francesa, a preparar carne de caça e a enfeitar sobremesas.

O grupo deveria chegar na quinta-feira à tarde, a tempo de jantar às seis. Nesse ínterim não tive nenhum momento livre para alimentar quimeras, e acredito ter me mostrado tão atarefada e animada quanto qualquer outra pessoa — com exceção de Adèle. Mesmo assim, de quando em quando minha alegria levava um banho de água fria e, até contra a vontade, eu era de novo arremessada para o meio das dúvidas, dos maus presságios e das conjecturas sombrias. Era quando por acaso via a porta da escada do terceiro andar (agora mantida sempre trancada) abrir-se devagar e dar passagem à figura de Grace Poole de touca engomada, avental branco e lenço; quando a via atravessar deslizando o corredor com seus passos silenciosos, abafados por chinelos macios; quando a via espiar para dentro dos movimentados e revirados quartos de dormir — apenas para dar uma palavrinha talvez com a encarregada da faxina sobre como polir uma grelha de lareira, ou como limpar um parapeito de mármore, ou como remover manchas de um papel de parede, e então seguir seu caminho. Assim, ela descia até a cozinha uma vez por dia, almoçava, fumava um pequeno cachimbo junto ao fogo e tornava a subir levando consigo a caneca de cerveja para seu refúgio particular em seus escuros domínios no último andar. Das vinte e quatro horas do dia, passava apenas uma lá embaixo na companhia do resto da criadagem; todo o restante de seu tempo era passado em algum aposento de teto baixo e madeira do terceiro andar; lá ela ficava sentada costurando — e decerto rindo sinistramente consigo mesma —, tão solitária quanto uma prisioneira em sua masmorra.

O mais estranho de tudo era que ninguém na casa exceto eu reparava nos seus hábitos ou parecia por eles intrigado; ninguém mencionava seu cargo ou o fato de ela trabalhar ali; ninguém lamentava sua solidão ou seu isolamento. Certa vez, de fato, escutei parte de uma conversa entre Leah e uma das faxineiras cujo tema era Grace. Leah tinha dito alguma coisa que

eu não havia escutado, e a faxineira observou: “Ela deve receber um bom salário, imagino”.

“Sim”, disse Leah, “quem me dera receber um salário tão bom; não que o meu seja motivo de reclamação... não existe avareza em Thornfield; mas o meu não chega a um quinto da soma que a sra. Poole ganha. E ela tem poupado: todo trimestre vai ao banco em Millcote. Eu não me espantaria se tivesse guardado o suficiente para levar uma vida independente se quisesse ir embora; mas se habituou a isto aqui, suponho; além do mais, ainda não tem quarenta anos e é forte, pode fazer qualquer coisa. Muito cedo para ela parar de trabalhar.”

“Imagino que seja uma boa empregada”, disse a faxineira.

“Ah! Grace entende o que precisa fazer... ninguém melhor do que ela”, retrucou Leah num tom pleno de significado; “e não é qualquer pessoa que poderia ocupar seu lugar... nem por todo o dinheiro que ela ganha.”

“Isso lá é verdade!”, foi a resposta. “Me pergunto se o patrão...”

A faxineira ia continuar, mas nesse instante Leah se virou e me viu, e na mesma hora deu um cutucão na companheira.

“Ela não sabe?”, ouvi a mulher perguntar.

Leah balançou a cabeça, e a conversa, claro, foi interrompida. O que entendi dela se resumia ao seguinte: havia um mistério em Thornfield, e do conhecimento desse mistério eu estava propositalmente excluída.

A quinta-feira chegou. Todo o trabalho fora concluído na noite anterior: tapetes tinham sido estendidos, cortinas de camas penduradas, colchas de um branco fulgurante desdobradas, penteadeiras organizadas, móveis encerados, flores dispostas em vasos; tanto os quartos quanto os salões estavam tão limpos e radiantes quanto possível. O saguão também fora limpo, e o grande relógio entalhado, bem como os degraus e os corrimões da escada, tinham sido encerados até brilharem feito vidro; na sala de jantar,

o aparador reluzia com o esplendor de muitas travessas; no salão e no *boudoir*, vasos de flores exóticas enfeitavam cada canto.

A tarde chegou. A sra. Fairfax pôs seu melhor vestido de cetim preto, suas luvas e seu relógio de bolso, pois cabia a ela receber os convidados, conduzir as senhoras a seus quartos etc. Adèle também seria vestida, embora eu achasse que eram poucas as chances de ela ser apresentada ao grupo, pelo menos naquela noite. Mesmo assim, para agradá-la, deixei que Sophie a arrumasse com um de seus vestidos curtos e rodados de musselina. Quanto a mim, não tinha necessidade de fazer mudança alguma: não seria solicitada a deixar meu santuário da sala de aula, pois para mim ela agora se tornara um santuário — um refúgio muito agradável em momentos de adversidade.

Tivéramos um dia de primavera ameno e calmo, um daqueles dias que, por volta de fins de março ou início de abril, nascem brilhantes sobre a terra anunciando o verão. Esse dia agora aproximava-se do fim, mas o entardecer chegava a estar quente, e eu trabalhava sentada na sala de aula com a janela aberta.

“Está ficando tarde”, comentou a sra. Fairfax, entrando em meio a um farfalhar de tecido. “Que bom que pedi o jantar para uma hora depois do horário que o sr. Rochester mencionou, pois agora já passam das seis. Mandeí John até o portão para ver se há algo na estrada; de lá pode-se ver um longo trecho na direção de Millcote.” Ela foi até a janela. “Aí está ele!”, exclamou. “Então, John” (debruçando-se para fora), “alguma novidade?”

“Estão chegando, senhora”, foi a resposta. “Estarão aqui em dez minutos.”

Adèle correu para a janela. Fui atrás, tomando cuidado para me posicionar de lado, de modo a poder ver sem ser vista, protegida pela cortina.

Os dez minutos que John havia mencionado pareceram muito demorados, mas finalmente ouvimos rodas; quatro cavaleiros subiam a galope em direção à casa, e atrás deles vinham duas carruagens abertas. Véus esvoaçantes e plumas ondulantes ocupavam os veículos; dois dos que vinham a cavalo eram cavaleiros jovens e vistosos; o terceiro era o sr. Rochester, montado em seu corcel negro, Mesrour, com Piloto a correr à frente; ao seu lado vinha montada uma senhora, e ela e ele lideravam o grupo. O traje de montaria roxo que ela usava ia quase até o chão, e seu véu comprido esvoaçava à brisa; misturando-se a suas dobras transparentes e cintilando através delas cintilavam luxuriantes cachos negros.

“A srta. Ingram!”, exclamou a sra. Fairfax, e apressada correu para seu posto lá embaixo.

A cavalgada acompanhou a curva do caminho, dobrou rapidamente a quina da casa e eu a perdi de vista. Adèle então pediu para descer, mas eu a peguei no colo e a fiz entender que não deveria de modo algum pensar em aparecer diante das senhoras, agora ou em outro momento qualquer, a menos que fosse chamada expressamente; que o sr. Rochester ficaria muito bravo etc. Ela chorou um pouco ao ouvir isso, mas como adotei um semblante muito severo, por fim aceitou enxugar as lágrimas.

Uma agitação alegre fez-se então ouvir no saguão: as vozes graves dos cavalheiros e os timbres melodiosos das damas se combinavam harmoniosamente, e nítida acima de todas elas, embora ele não falasse alto, ouvia-se a voz do senhor de Thornfield Hall, acolhendo sob seu teto os belos e galantes hóspedes. Passos leves então subiram a escada, ouviram-se tropeções no corredor e risinhos baixos e satisfeitos, portas se abrindo e fechando, e por algum tempo, silêncio.

“*Elles changent de toilettes*”,² disse Adèle que, de ouvidos atentos, acompanhara cada movimento; ela soltou um suspiro.

*“Chez maman”, disse, “quand il y avait du monde, je les suivais partout, au salon et à leurs chambres; souvent je regardais les femmes de chambre coiffer et habiller les dames, et c’était si amusant. Comme cela on apprend.”*³

“Não está com fome, Adèle?”

*“Mais oui, mademoiselle; voilà cinq ou six heures que nous n’avons pas mangé.”*⁴

“Bem, então enquanto as senhoras estão em seus quartos vou me aventurar a descer e pegar algo para você comer.”

E, abandonando com cautela meu abrigo, dirigi-me a uma escada dos fundos que conduzia diretamente à cozinha. Tudo por ali era energia e agitação; a sopa e o peixe estavam nos últimos estágios de preparo, e a cozinheira se encontrava curvada acima de seus caldeirões com uma atitude mental e física que beirava a combustão espontânea. Na sala dos criados havia dois cocheiros e três lacaios em pé ou sentados em volta da lareira; imagino que as criadas estivessem no andar de cima com suas patroas; os novos empregados trazidos de Millcote corriam de um lado para o outro. Após atravessar aquele caos, finalmente cheguei à despensa; lá peguei um frango frio, um pãozinho, alguns doces, um ou dois pratos e um garfo e uma faca; com esse butim em mãos, bati rapidamente em retirada. Tinha chegado de volta ao corredor e estava fechando a porta dos fundos atrás de mim quando um zumbido acelerado me alertou que as senhoras estavam a ponto de sair de seus quartos. Visto que não tinha como chegar à sala de aula sem passar na frente de algumas portas e correr o risco de ser surpreendida com meu carregamento de vitualhas, fiquei imóvel naquela ponta que, por não ter janelas, estava escura, bastante escura agora, pois o sol já havia se posto e o crepúsculo se adensava.

Os quartos então foram despejando suas belas ocupantes uma após a outra; todas saíam alegres e graciosas, trajando vestidos que cintilavam no lusco-fusco. Por alguns instantes permaneceram reunidas no outro extremo do corredor, conversando num tom de animação contida; então desceram a escada quase tão em silêncio quanto uma névoa brilhante rola encosta abaixo. Sua aparição coletiva havia causado em mim uma impressão de nobre elegância de um tipo que eu jamais sentira até então.

Encontrei Adèle espiando pela porta da sala de aula que segurava entreaberta. “Que senhoras mais lindas!”, exclamou ela em inglês. “Ah, queria ir falar com elas! A senhorita acha que o sr. Rochester vai mandar nos chamar depois do jantar?”

“Não, não acho; o sr. Rochester tem mais no que pensar. Esqueça as senhoras por hoje; pode ser que as veja amanhã. Aqui está seu jantar.”

Adèle estava com muita fome, de modo que o frango e os doces conseguiram distrair sua atenção por um tempo. Foi bom eu ter ido buscar aquela comida, caso contrário tanto ela quanto eu e Sophie, a quem dei uma parte de nosso repasto, teríamos corrido o risco de ficar sem jantar algum: todos lá embaixo estavam atarefados demais para pensar em nós. A sobremesa só foi servida depois das nove, e às dez lacaios ainda corriam para lá e para cá com bandejas e xícaras de café. Deixei Adèle ficar acordada até bem mais tarde do que de costume, pois ela declarou que com toda a certeza não conseguiria dormir enquanto as portas continuassem se abrindo e fechando lá embaixo, com pessoas passando de um lado para o outro. Além do mais, acrescentou, um recado do sr. Rochester poderia chegar quando ela já estivesse despida, “*et alors quel dommage!*”⁵

Fiquei lhe contando histórias pelo máximo de tempo que ela as quis escutar, e então, para mudar de ares, levei-a até o corredor. A lamparina do saguão estava agora acesa, e ela se divertiu olhando por cima da balaustrada

e observando os criados passarem para lá e para cá. Quando a noite já estava bem avançada, um som de música veio do salão, para onde o piano fora levado; Adèle e eu nos sentamos no alto da escada para escutar. Pouco depois, uma voz se misturou ao rico som do instrumento; era uma senhora, que cantava com uma voz muito bonita. Terminado o solo veio um dueto, e em seguida um terceto de cavalheiros; um murmúrio alegre de conversas preenchia os intervalos. Passei muito tempo escutando. De repente me dei conta de que meus ouvidos estavam inteiramente dedicados a analisar os sons misturados e a tentar distinguir, em meio à confusão, o timbre do sr. Rochester; e após o identificarem, coisa que logo aconteceu, passaram a dedicar-se à tarefa de isolar os sons que a distância desarticulava e transformá-los em palavras.

O relógio bateu as onze. Olhei para Adèle, cuja cabeça estava agora pousada no meu ombro; como seus olhos se fechavam pesadamente, peguei-a no colo e a carreguei até a cama. Já era quase uma da manhã quando os cavalheiros e as damas se recolheram a seus quartos.

No dia seguinte fez um tempo tão bonito quanto no anterior; o grupo o dedicou a uma excursão até algum local das redondezas. Partiram cedo de manhã, alguns a cavalo, o restante em carruagens; testemunhei tanto a partida quanto o retorno. Como da primeira vez, a srta. Ingram foi a única dama a ir montada, e, como da primeira vez, o sr. Rochester foi galopando ao seu lado; os dois seguiram um pouco afastados do resto. Comentei sobre isso com a sra. Fairfax, em pé ao meu lado junto à janela:

“A senhora disse que não era provável que pensassem em se casar”, falei, “mas como vê, o sr. Rochester a prefere a qualquer uma das outras senhoras.”

“Sim, acho que sim; não há dúvida de que ele a admira.”

“E ela o admira também”, acrescentei; “veja como inclina a cabeça na direção dele, como se estivessem tendo uma conversa confidencial. Queria ver seu rosto; até agora não consegui dar uma espiada nele.”

“Vai vê-lo hoje à noite”, respondeu a sra. Fairfax. “Comentei com o sr. Rochester o quanto Adèle queria ser apresentada às senhoras, e ele falou: ‘Ah! Deixe-a ir ao salão depois do jantar; e peça à srta. Eyre para acompanhá-la’.”

“Ele disse isso só por educação. Tenho certeza de que não preciso ir”, falei.

“Bem, eu observei com ele que, como a senhorita não estava acostumada a ter companhia, não achava que fosse gostar de aparecer diante de um grupo tão animado formado por desconhecidos; e ele respondeu, do seu jeito rápido: ‘Que bobagem! Se ela fizer objeção, diga-lhe que é meu desejo pessoal; e se ela resistir, diga que irei buscá-la em caso de obstinação’.”

“Não lhe darei esse trabalho”, respondi. “Se não há outro remédio, eu vou; mas isso não me agrada. A senhora também estará lá, sra. Fairfax?”

“Não; pedi para ser dispensada, e ele acatou meu pedido. Vou lhe ensinar como agir para evitar o constrangimento de fazer uma aparição formal, que é a parte mais desagradável da história toda. A senhorita precisa chegar ao salão quando ele estiver vazio, antes de as senhoras se levantarem da mesa do jantar. Escolha seu lugar em qualquer canto tranquilo que preferir; não precisa ficar muito tempo depois de os cavalheiros entrarem, a menos que assim deseje. Basta deixar o sr. Rochester ver que está lá e sair de fininho... ninguém vai reparar na senhorita.”

“Essas pessoas vão ficar muito tempo, a senhora acha?”

“Duas ou três semanas, talvez, com certeza não mais do que isso. Depois do feriado de Páscoa, Sir George Lynn, que foi eleito recentemente representante de Millcote no Parlamento, terá de ir para Londres assumir

seu posto; imagino que o sr. Rochester vá acompanhá-lo. Espanta-me ele ter passado uma temporada tão longa aqui em Thornfield.”

A aproximação do horário em que eu deveria comparecer ao salão com minha aluna me causou certo nervosismo. Depois de saber que seria apresentada às senhoras à noite, Adèle passara o dia inteiro em estado de êxtase, e foi só quando Sophie deu início à operação de vesti-la que a menina se aquietou. A importância do processo a deixou rapidamente mais contida, e quando seus cabelos foram arrumados em cachos lustrosos e pendentes, quando seu vestido de cetim rosa foi posto, a comprida fita amarrada e as luvas de renda calçadas, seu semblante estava tão grave quanto o de um juiz. Não foi preciso alertá-la para não estragar a roupa; uma vez pronta, foi se sentar comportada em sua cadeirinha, tomando antes o cuidado de erguer a saia de cetim por medo de amassá-la, e me garantiu que dali não sairia enquanto eu não ficasse pronta. Não demorei a ficar: meu melhor vestido (o cinza prateado comprado para o casamento da srta. Temple e jamais usado desde então) não demorou a ser posto; meus cabelos não demoraram a ser escovados; meu único adorno, o broche de pérola, não demorou a ser prendido. Descemos.

Por sorte havia outro jeito de entrar no salão que não pela sala de jantar onde estavam todos sentados comendo. Encontramos o recinto vazio, com um fogo alto ardendo silenciosamente na lareira de mármore e velas de cera acesas em luminosa solidão em meio às lindas flores que enfeitavam as mesas. O arco estava fechado pela cortina carmim. Por mais ínfima que fosse a separação proporcionada por aquele tecido do grupo no recinto ao lado, todos falavam em vozes tão baixas que nada se podia distinguir da sua conversa, exceto um murmúrio tranquilizador.

Adèle, que ainda parecia estar sob a influência de uma disposição muito solene, sentou-se sem dizer nada no banquinho que lhe apontei. Eu fui me

refugiar num dos bancos da janela, peguei um livro numa mesa próxima e tentei ler. Adèle trouxe seu banquinho para junto de mim; não demorou muito para que tocasse meu joelho.

“O que foi, Adèle?”

*“Est-ce que je ne puis pas prendre une seule de ces fleurs magnifiques, mademoiselle? Seulement pour compléter ma toilette.”*⁶

“Você dá valor demais à sua *toilette*, Adèle; mas pode pegar uma flor.” E tirei uma flor de um vaso e a preendi na faixa de Adèle. Ela deu um suspiro de inefável satisfação, como se sua felicidade agora estivesse completa. Virei o rosto para o outro lado de modo a esconder um sorriso que não pude conter; a devoção extrema e nata da pequena *parisienne*⁷ às questões de vestimenta tinha algo de engraçado, mas de doloroso também.

Um ruído suave de pessoas se levantando fez-se ouvir então; a cortina do arco foi aberta; do seu outro lado surgiu a sala de jantar, com seu lustre a derramar luz sobre a prataria e os vidros da magnífica louça de sobremesa que ocupava a mesa comprida; um grupo de senhoras estava em pé no vão; elas entraram, e a cortina baixou atrás delas.

Eram apenas oito, mas ao entrarem deram a impressão de ser bem mais numerosas. Algumas eram muito altas; muitas vestiam branco; e todas tinham trajes amplos e esvoaçantes que pareciam magnificá-las da mesma forma que a névoa magnifica a lua. Levantei-me e fiz uma mesura. Uma ou duas delas curvaram a cabeça em resposta; as outras só fizeram me encarar.

Elas se espalharam pela sala fazendo-me pensar, pela leveza e fluidez de seus movimentos, num bando de aves brancas emplumadas. Algumas se jogaram em poses parcialmente reclinadas nos sofás e divãs; outras se curvaram acima das mesas para examinar as flores e os livros; o restante se reuniu num grupo em volta da lareira; todas conversavam num tom baixo,

porém nítido, que parecia ser o seu habitual. Eu soube seus nomes depois, e posso desde agora mencioná-los.

Primeiro havia a sra. Eshton e duas de suas filhas. Ela obviamente tinha sido uma bela mulher e ainda estava bem conservada. Das filhas, Amy, a filha mais velha, era um tanto pequena, ingênua e infantil no rosto e na atitude, e agradável de corpo; seu vestido de musselina branca com faixa azul lhe caía bem. A segunda, Louisa, era mais alta e mais elegante de corpo, com um rosto muito bonito, do tipo que os franceses costumam chamar de *minois chiffonné*.⁸ Ambas as irmãs eram belas como lírios.

Lady Lynn era uma mulher grande e robusta de seus quarenta anos, muito ereta, com um ar muito altivo, ricamente vestida com um traje de cetim furta-cor; seus cabelos escuros luziam lustrosos à sombra de uma pluma azul e cingidos por uma faixa de cabeça feita de pedras preciosas.

A esposa do coronel Dent era menos vistosa, porém mais digna, na minha opinião. Tinha uma silhueta mais esbelta, um rosto pálido e suave, e cabelos louros. Seu vestido de cetim preto, o lenço de renda estrangeira luxuosa e os enfeites de pérola me agradaram mais do que o brilho de arco-íris da nobre lady.

As três mais notáveis, porém, em parte talvez por serem as mais altas do grupo, eram a viúva Lady Ingram e suas filhas Blanche e Mary. Eram todas as três mulheres muito altas. A viúva devia ter entre quarenta e cinquenta anos; sua silhueta ainda era elegante; os cabelos (ao menos à luz das velas) ainda negros; os dentes também ainda eram aparentemente perfeitos. A maioria das pessoas a teria qualificado como uma esplêndida mulher de sua idade, e ela de fato o era, fisicamente falando, mas havia na sua atitude e na sua postura uma expressão de altivez quase insuportável. Tinha os traços romanos e uma papada no queixo que desaparecia num pescoço semelhante a uma coluna; esses traços me pareceram não apenas inchados e

escurecidos, como também vincados de orgulho, e o queixo era sustentado pelo mesmo princípio numa posição ereta quase sobrenatural. Do mesmo modo, seu olhar era incisivo e duro, e me fez pensar na sra. Reed. Ela articulava as palavras ao falar e tinha uma voz grave, com inflexões muito pomposas, muito dogmáticas — em suma, muito insuportáveis. Um vestido de veludo bordô e um xale usado como turbante feito de algum tecido indiano com fios dourados lhe davam (assim ela devia pensar, imagino) uma dignidade de fato imperial.

Blanche e Mary eram da mesma altura, retas e altas como choupos. Mary era magra demais para sua altura, enquanto Blanche tinha o físico de uma Diana. Observei-a naturalmente com um interesse especial. Primeiro queria ver se sua aparência condizia com a descrição da sra. Fairfax; segundo, se era parecida, remotamente que fosse, com o singular retrato que eu pintara dela; e terceiro, é preciso dizer, se era do tipo que eu julgava propenso a agradar ao sr. Rochester.

No que dizia respeito à aparência, ela correspondia nos mínimos detalhes tanto ao meu retrato quanto à descrição da sra. Fairfax. O busto elegante, os ombros estreitos, o pescoço gracioso, os olhos escuros e os cachos negros estavam todos ali; mas o rosto... O rosto era igual ao da mãe, uma cópia mais jovem e sem as rugas: a mesma testa estreita, os mesmos traços altivos, o mesmo orgulho. Seu orgulho, porém, não era tão severo: ela estava sempre rindo, uma risada zombeteira, assim como a expressão habitual de sua boca encurvada e desdenhosa.

Dizem que os gênios têm a si mesmos em muito alta conta. Não sei dizer se a srta. Ingram era um gênio, mas a moça tinha a si mesma em alta conta, em muito alta conta de fato. Iniciou uma conversa sobre botânica com a suave sra. Dent. Pelo visto a sra. Dent não estudara essa ciência, embora, segundo disse, gostasse de flores, “principalmente as selvagens”; a srta.

Ingram sim, e desfiou com superioridade seu vocabulário. Em pouco tempo percebi que ela estava (como se diz no vernáculo) caçoando da sra. Dent, ou seja, aproveitando-se da sua ignorância; tal comportamento podia ser inteligente, mas com certeza não era gentil. Ela tocou: sua execução foi brilhante; ela cantou: sua voz era bonita; ela falou francês em reservado com a mãe, e falava bem, com fluência e uma boa pronúncia.

Mary tinha um temperamento mais ameno e mais franco do que Blanche; tinha os traços mais suaves, também, e uma pele alguns tons mais clara (a srta. Ingram era morena como uma espanhola), mas carecia de vida: seu rosto era inexpressivo, seus olhos opacos; ela não tinha nada a dizer e, uma vez sentada, permaneceu imóvel feito uma estátua em seu nicho. As irmãs trajavam ambas um branco impecável.

Então eu achava que a srta. Ingram fosse uma escolha provável para o sr. Rochester? Não soube dizer; não conhecia o gosto dele em matéria de beleza feminina. Se apreciava a majestade, ela era a majestade em pessoa; era também prendada e cheia de energia. A maioria dos cavalheiros devia admirá-la, pensei, e que *ele* a admirava, disso eu já parecia ter obtido provas; para eliminar a última sombra de dúvida, restava ver os dois juntos.

Não vá pensar, leitor, que Adèle passou todo esse tempo sentada sem se mexer no banquinho a meus pés. Não; quando as senhoras entraram, ela se levantou, avançou ao seu encontro, fez uma reverência imponente e disse com gravidade: “*Bonjour, mesdames*”.⁹

E a srta. Ingram baixara os olhos para ela com ar zombeteiro e exclamara: “Ah, um pequeno fantoche!”.

Lady Lynn comentara: “É a pupila do sr. Rochester, imagino... a menininha francesa de quem ele falou”.

A sra. Dent gentilmente pegara a mão dela e a beijara. Amy e Louisa Eshton haviam exclamado ao mesmo tempo:

“Que amor de menina!”

E então a haviam chamado para um dos sofás onde ela agora estava sentada, aninhada entre as duas, tagarelando alternadamente em francês e inglês capenga, prendendo a atenção não apenas das jovens, mas também da sra. Eshton e de Lady Lynn, e sendo tão mimada quanto poderia desejar.

Por fim, o café foi trazido, e os cavalheiros foram chamados. Fiquei sentada na sombra, se é que alguma sombra havia naquele salão tão iluminado, parcialmente escondida pela cortina da janela. O arco se abre novamente e eles entram. A aparição coletiva dos cavalheiros, assim como a das senhoras, é muito impressionante. Todos trajam preto; a maioria é alta, alguns são jovens. Henry e Frederick Lynn são de fato dois rapazes muito vistosos, e o coronel Dent um belo tipo militar. O sr. Eshton, magistrado do distrito, tem o aspecto de um cavalheiro; seus cabelos são muito brancos e as sobrancelhas e suíças permanecem escuros, o que lhe dá certo aspecto de *père noble de théâtre*.¹⁰ Lord Ingram, assim como as irmãs, é muito alto; também como elas, é bonito, mas tem o mesmo aspecto apático e sem vida de Mary; parece ter os membros mais compridos do que o sangue vivaz ou o cérebro vigoroso.

E onde está o sr. Rochester?

Ele entra, por fim; apesar de não estar olhando para o arco, eu o vejo entrar. Tento concentrar minha atenção nas agulhas de crochê e nos pontos da bolsa que estou fabricando; desejo pensar apenas na costura que tenho nas mãos, ver apenas as contas prateadas e os fios de seda que estão no meu colo. Apesar disso, distingo perfeitamente sua silhueta e recordo inevitavelmente o último instante em que o vi, logo depois de ter lhe prestado o que ele considerou um serviço essencial e de ele, segurando minha mão e baixando o olhar para o meu rosto, me observar com uma expressão que revelava um coração pleno e ávido por transbordar, e em

cujas emoções eu tinha uma participação. Como eu chegara perto dele naquele instante! O que teria acontecido desde então para modificar relativamente nossas posições? Como estávamos distantes agora, como estávamos alheios um ao outro! Tão alheios que eu não esperava que ele viesse falar comigo. Portanto, não estranhei quando, sem olhar para mim, ele foi se sentar do outro lado da sala e começou a conversar com algumas das senhoras.

Assim que vi que sua atenção se concentrava nelas, e que eu podia olhar sem ser observada, meus olhos foram involuntariamente atraídos para o rosto dele. Não consegui manter o controle sobre minhas pálpebras; elas se ergueram, e minhas íris se cravaram nele. Eu olhei, e ao olhar experimentei um prazer intenso, um prazer precioso, ainda que dolorido, feito de ouro puro, com uma pitada metálica de agonia; um prazer como aquele que poderia sentir um homem sedento ciente de que o poço até o qual rastejou está envenenado, mas que mesmo assim se abaixa e sorve divinos goles.

É a mais pura verdade que “a beleza está nos olhos de quem vê”. O rosto pálido e de pele morena do meu patrão, sua fronte quadrada e maciça, as sobrancelhas grossas e negras, os olhos fundos, os traços fortes, a boca severa — todos marcas de energia, decisão, força de vontade — não eram belos segundo os padrões, mas para mim eram mais do que belos: possuíam um interesse, uma influência que praticamente me dominava, que tirava meus sentimentos do meu próprio poder e os acorrentava ao seu. Eu não tinha a intenção de amá-lo; o leitor bem sabe que muito havia me esforçado para extirpar da minha alma as sementes do amor ali detectadas; e agora, na primeira vez em que tornava a vê-lo, elas brotavam de novo, espontaneamente, novas e vigorosas! Ele me fez amá-lo sem olhar para mim.

Comparei-o a seus convidados. O que eram a graça galante dos Lynn, a lânguida elegância de Lord Ingram ou mesmo a distinção militar do coronel Dent se comparadas à sua expressão de vigor nato e poder genuíno? Eu não tinha simpatia nem pela sua aparência nem pela sua expressão, mas podia imaginar que a maioria dos observadores qualificaria aqueles homens como atraentes, bonitos e imponentes, ao passo que na mesma hora declarariam o sr. Rochester um homem de traços duros e expressão melancólica. Vi-os sorrir, vi-os rir — isso não significou nada; a luz das velas tinha tanta alma quanto o sorriso dele, o toque da sineta tanto significado quanto sua risada. Vi o sr. Rochester sorrir: seus traços severos se suavizaram; seus olhos se tornaram ao mesmo tempo brilhantes e bondosos, sua expressão ao mesmo tempo curiosa e gentil. No momento ele estava falando com Louisa e Amy Eshton. Estranhei que elas recebessem com calma aquele olhar que para mim parecia tão penetrante; imaginava que os olhos delas fossem baixar, o rosto delas corar diante dele; no entanto, fiquei contente ao constatar que elas não se comoviam de modo algum. “Ele não significa para elas o que significa para mim”, pensei; “não é o tipo delas. Acredito que seja do meu, tenho certeza de que é; sinto-me sua semelhante. Compreendo a linguagem da sua postura e dos seus movimentos. Embora a posição social e a riqueza nos separem muito, tenho algo no meu cérebro e no meu coração, no meu sangue e nos meus nervos, que me assemelha mentalmente a ele. Eu disse alguns dias atrás que não tinha relação alguma com ele exceto receber meu salário da sua mão? Proibi a mim mesma de pensar nele de outro modo que não como um patrão? Que blasfêmia contra a natureza! Todo sentimento bom, verdadeiro e vigoroso que eu possuo é impulsivamente atraído para ele. Sei que devo esconder meus sentimentos; preciso sufocar a esperança, preciso me lembrar que não é possível ele gostar de mim. Pois quando digo que sou do seu tipo, não quero dizer que tenha o seu poder de influenciar ou

a sua capacidade de atrair; quero dizer apenas que tenho alguns gostos e sentimentos em comum com ele. Vejo-me obrigada, portanto, a repetir continuamente que estamos para sempre separados, e no entanto, enquanto for capaz de respirar e de pensar, vejo-me obrigada a amá-lo.”

O café é servido. Desde a chegada dos cavalheiros, as senhoras se tornaram vivazes como cotovias; as conversas vão aumentando de intensidade, animadas e alegres. O coronel Dent e o sr. Eshton discutem sobre política; suas esposas escutam. As duas orgulhosas viúvas, Lady Lynn e Lady Ingram, confabulam. Sir George — a quem, aliás, esqueci de descrever — um cavalheiro da zona rural muito grande e de ar muito bem-disposto, está em pé em frente ao seu sofá, com a xícara de café na mão, e de vez em quando contribui com uma ou outra palavra. O sr. Frederick Lynn se acomodou ao lado de Mary Ingram e lhe mostra as gravuras de um esplêndido volume; ela olha, sorri de vez em quando, mas aparentemente pouco diz. O alto e fleumático Lord Ingram está apoiado com os braços cruzados no encosto da cadeira da pequena e vivaz Amy Eshton; ela ergue os olhos para ele e tagarela feito um passarinho; gosta mais dele do que do sr. Rochester. Henry Lynn tomou posse de um divã aos pés de Louisa; Adèle o divide com ele; ele está tentando falar francês com a menina, e Louisa ri de seus tropeços. Com quem será que Blanche Ingram vai formar sua dupla? Ela está em pé sozinha junto à mesa, graciosamente curvada sobre um álbum. Parece estar esperando ser procurada, mas não espera muito tempo: ela mesma escolhe um parceiro.

Depois de sair de perto dos Eshton, o sr. Rochester está parado em frente ao fogo tão solitário quanto ela junto à mesa; ela vai ao seu encontro e se posiciona do outro lado da lareira.

“Achei que não gostasse de crianças, sr. Rochester.”

“Não gosto mesmo.”

“Então o que o faz assumir a criação de uma bonequinha como essa?”
(apontando para Adèle) “Onde a encontrou?”

“Eu não a encontrei; ela me foi deixada.”

“O senhor deveria tê-la confiado a um colégio interno.”

“Eu não teria como pagar; colégios internos são muito caros.”

“Ora, imagino que o senhor tenha uma preceptora para ela; vi alguém com a menina agora há pouco... ela já foi? Ah, não! Está ali ainda, atrás da cortina da janela. O senhor a paga, naturalmente; imagino que isso custe igualmente caro, ou até mais, pois além disso precisa sustentar as duas.”

Temí — ou será que deveria dizer esperei? — que a alusão a mim fosse fazer o sr. Rochester olhar na minha direção, e involuntariamente afundei mais ainda nas sombras; mas ele nem sequer desviou os olhos.

“Não pensei no assunto”, falou, indiferente, olhar fixo à frente.

“Não, os homens nunca pensam na economia e no bom senso. O senhor deveria ouvir o que mamã tem a dizer em relação às preceptoras; Mary e eu tivemos uma dúzia delas ao longo da vida. Metade era detestável e o restante ridículo, e todas eram demônios... não eram, mamã?”

“Disse alguma coisa, meu bem?”

A jovem, assim reconhecida pela viúva como sua propriedade particular, repetiu a pergunta com uma explicação.

“Não fale em preceptoras, querida; a palavra me deixa nervosa. Sofri um verdadeiro martírio com a incompetência e os caprichos delas. Agradeço a Deus por não precisarmos mais delas.”

A essa altura a sra. Dent se curvou para junto da piedosa senhora e cochichou algo em seu ouvido; pela resposta que isso provocou, imagino que tenha sido um lembrete de que um membro daquela raça proscrita se encontrava presente.

“*Tant pis*”,¹¹ disse a lady, “espero que ouvir isso lhe seja proveitoso!” Então, num tom mais baixo, mas ainda alto o suficiente para eu escutar, prosseguiu: “Reparei nela. Sou boa fisionomista, e na fisionomia dela vejo todos os defeitos da sua classe”.

“E quais são eles, senhora?”, indagou o sr. Rochester em voz alta.

“Eu lhe direi reservadamente”, respondeu ela, agitando o turbante três vezes com forte ênfase.

“Mas a minha curiosidade já terá passado; é agora que ela anseia por uma resposta.”

“Pergunte a Blanche; ela está mais perto do senhor do que eu.”

“Ah, não me peça para responder à pergunta dele, mamã! Eu só tenho uma palavra a dizer sobre a tribo inteira: elas são um estorvo. Não que eu tenha sofrido muito nas mãos delas; tive o cuidado de reverter a situação. Que traquinagens Theodore e eu costumávamos fazer com as nossas srtas. Wilson, sras. Grey e madames Joubert! Mary estava sempre sonolenta demais para entrar com energia num complô. A mais divertida era madame Joubert; a srta. Wilson era uma pobre coisinha doente, chorosa e desanimada que nem valia a pena derrotar; e a sra. Grey era grosseira e insensível, nenhum golpe surtia efeito nela. Mas a pobre madame Joubert! Ainda posso vê-la num de seus acessos de ira depois de a levarmos ao extremo — de derramar nosso chá, esfarelar nosso pão com manteiga, jogar nossos livros para o alto e fazer uma algazarra com a régua e a carteira, com a grade e o atiçador de lareira. Você se lembra daqueles dias felizes, Theodore?”

“Lembro-me, é claro”, respondeu Lord Ingram com seu sotaque arrastado, “e a pobre coitada costumava gritar: ‘Ah, suas crianças arteiras!’, e nós então lhe fazíamos um sermão sobre sua presunção de tentar ensinar jovens tão inteligentes quanto nós sendo ela própria tão ignorante.”

“Sim; e você sabe, Tedo, que eu o ajudei a perseguir seu professor, o sr. Vining Cara de Lua, o vigário adoentado, como costumávamos chamá-lo. Ele e a srta. Wilson tomaram a liberdade de se apaixonar um pelo outro; pelo menos foi o que Tedo e eu pensamos: surpreendemos olhares e suspiros cheios de afeto e langor que interpretamos como sinais de ‘*la belle passion*’.¹² Posso lhes garantir que em pouco tempo todos ficaram a par da nossa descoberta; nós a usamos como uma espécie de alavanca para expulsar de casa aqueles dois pesos mortos. Mamã querida, assim que ficou a par do assunto, descobriu que se tratava de algo imoral. Não foi assim, mamã?”

“Certamente, meu bem. E eu tinha razão, pode ter certeza; existem mil motivos pelos quais relacionamentos entre preceptoras e preceptores nunca devem ser tolerados nem sequer por um instante em qualquer casa bem administrada; em primeiro lugar porque...”

“Ah, minha graciosa mamã! Poupe-nos dessa enumeração! *Au reste*,¹³ todos nós a conhecemos: o perigo de servir de mau exemplo para a inocência da infância; distrações e consequente negligência dos deveres por parte dos enamorados; aliança e apoio mútuos, produzindo assim autoconfiança e a insolência que a acompanha, rebeldia e insurreição generalizada. Estou certa, baronesa Ingram de Ingram Park?”

“Sim, meu lírio do campo, está tão certa agora quanto sempre.”

“Então nada mais precisa ser dito; mudemos de assunto.”

Amy Eshton, que não tinha escutado ou não estava obedecendo à instrução, entrou na conversa com sua voz suave e infantil: “Louisa e eu também costumávamos atormentar nossa preceptora, mas ela era uma criatura tão bondosa que suportava qualquer coisa, nada a fazia desistir. Ela nunca se zangava conosco, não é, Louisa?”.

“Não, nunca; podíamos fazer o que quiséssemos: saquear sua mesa de trabalho e sua caixa de costura, revirar suas gavetas. E ela era tão boa que nos dava qualquer coisa que pedíssemos.”

“Suponho que agora”, disse a srta. Ingram, curvando os lábios numa expressão de sarcasmo, “nós vamos ouvir um resumo das memórias de todas as preceptoras do mundo; para evitar tal coisa, mais uma vez sugiro a introdução de um novo tema. Apoia minha sugestão, sr. Rochester?”

“Apoio-a nesse ponto assim como em todos os outros, senhora.”

“Então cabe a mim enunciá-lo. Signor Eduardo, está disposto a cantar hoje?”

“Se a senhora assim ordenar, *donna* Bianca, estarei.”

“Nesse caso, *signor*, faço-lhe meu soberano pedido para que prepare seus pulmões e outros órgãos vocais, já que eles serão requisitados para o meu real serviço.”

“Quem não ia querer ser o Rizzio de tão divina Maria?”

“Que Rizzio o quê!”, exclamou ela, jogando a cabeça com todos os seus cachos enquanto se encaminhava para o piano. “Acho que esse David tocador de violino deve ter sido um sujeito para lá de sem graça; prefiro o malvado Bothwell; na minha opinião, um homem não é nada sem uma pitada de maldade, e a história pode dizer o que quiser sobre James Hepburn,¹⁴ mas acho que ele era exatamente o tipo de herói bandido livre e feroz ao qual eu teria consentido em ceder minha mão.”

“Ouviram bem, cavalheiros? Então, qual de vocês mais se parece com Bothwell?”, exclamou o sr. Rochester.

“Eu diria que o mais próximo seria o senhor”, respondeu o coronel Dent.

“Pela minha honra, muito lhe agradeço”, foi a resposta.

A srta. Ingram, que agora se instalara diante do piano com altiva graça, esparramando as saias brancas dignas de uma rainha, iniciou um brilhante

prelúdio ao mesmo tempo que continuava falando. Parecia estar muito disposta naquela noite; tanto suas palavras como sua atitude pareciam destinadas a suscitar não só a admiração, como também o assombro dos presentes. Ela obviamente estava decidida a fazer o papel de uma pessoa de fato muito impressionante e ousada.

“Ah, estou tão farta dos rapazes de hoje!”, exclamou, tagarelando diante do instrumento. “Uns pobres coitados, fracotes, que não conseguem nem passar dos portões da casa de papá; que não dão sequer um passo sem a permissão e a proteção de mamã! Criaturas dedicadas a cuidar de seus rostinhos bonitos, de suas brancas mãos e de seus pés pequeninos, como se um homem precisasse ser bonito! Como se a beleza não fosse prerrogativa especial das mulheres, seu atributo e sua herança legítima! Reconheço que a *mulher* feia é uma mácula no belo rosto da criação, mas os *cavalheiros* só precisam ser dotados de força e valor; que seu lema seja caçar, atirar e lutar, o resto não interessa. Esse seria o meu lema, se eu fosse homem.

“Quando eu me casar”, continuou, depois de uma pausa que ninguém interrompeu, “faço questão de que meu marido não seja um rival, mas um contraponto. Não tolerarei nenhum competidor perto do trono; exigirei homenagens irrestritas. Sua devoção não deve ser compartilhada entre mim e a imagem que ele vê no espelho. Agora cante, sr. Rochester, e eu tocarei para o senhor.”

“Sou todo obediência”, foi a resposta.

“Eis aqui então uma canção de corsário. Saiba que eu amo os corsários, por isso cante *con spirito*.”

“Ordens da boca da srta. Ingram seriam capazes de animar o espírito de uma caneca de leite agitado.”

“Então cuidado: se não me agradar, hei de envergonhá-lo mostrando como essas coisas *deveriam* ser feitas.”

“Isso seria recompensar com um prêmio a incompetência; agora me esforçarei para fracassar.”

“*Gardez-vous en bien!*”¹⁵ Se errar de propósito, inventarei uma punição condizente.”

“A srta. Ingram deveria ter clemência, pois tem o poder de infligir um castigo que mortal algum seria capaz de suportar.”

“Ah! Explique-se!”, ordenou a dama.

“Perdoe-me, senhorita, mas não é necessário explicar. Sua própria e aguçada inteligência sem dúvida a informa de que sua testa franzida bastaria para substituir a pena capital.”

“Cante!”, disse ela, e levando de novo as mãos ao piano, pôs-se a tocar um acompanhamento animado.

“Agora é o momento de sair de fininho”, pensei; mas a voz que se fez então ouvir me deteve. A sra. Fairfax dissera que o sr. Rochester possuía uma bela voz, e de fato assim era: um baixo melodioso, potente, no qual ele projetava todo o seu sentimento e toda a sua força; uma voz que abria caminho dos ouvidos até o coração para ali despertar estranhas sensações. Esperei até a última vibração plena e profunda se extinguir, até a maré de conversas por um instante contida retomar seu fluxo; então deixei meu canto isolado e saí pela porta lateral, felizmente bem próxima. Dali um corredor estreito conduzia ao saguão; ao atravessá-lo, reparei que meu sapato estava solto; parei para amarrá-lo, e para isso me ajoelhei no tapetinho ao pé da escada. Ouvi a porta da sala de jantar se abrir; um cavalheiro saiu; levantei-me apressada e me ergui, dando de cara com ele: era o sr. Rochester.

“Como vai?”, perguntou ele.

“Vou muito bem, senhor.”

“Por que não foi falar comigo no salão?”

Pensei que eu poderia ter feito a mesma pergunta a quem a havia formulado, mas não ia tomar essa liberdade. Respondi: “Não quis incomodá-lo, pois o senhor parecia ocupado”.

“O que tem feito durante a minha ausência?”

“Nada de especial; dou aulas a Adèle, como de costume.”

“E ficou bastante mais pálida do que era... vi isso na hora. Qual é o problema?”

“Nenhum, senhor.”

“Resfriou-se naquela noite em que quase me afogou?”

“De jeito nenhum.”

“Volte para o salão; está desertando antes da hora.”

“Estou cansada, senhor.”

Ele me olhou durante um minuto.

“E um pouco deprimida”, disse ele. “Por quê? Me diga.”

“Por nada... por nada, senhor. Não estou deprimida.”

“Mas eu afirmo que está, sim; tão deprimida que mais umas poucas palavras bastariam para arrancar lágrimas dos seus olhos... na verdade elas já estão aí agora, brilhando e tremendo, e uma gota escorregou do cílio e caiu na lajota do chão. Se eu tivesse tempo e não morresse de medo de algum criado mexeriqueiro passar, descobriria o que significa isso tudo. Bem, por hoje vou dispensá-la; mas saiba que, enquanto meus convidados estiverem aqui, quero que você se apresente no salão todas as noites. É esse o meu desejo; não o ignore. Agora vá e mande Sophie vir buscar Adèle. Boa noite, minha...” Ele se calou, mordeu o lábio, e abruptamente me deixou.

1. Ultrapassadas.

2. “Elas estão trocando de roupa.”

3. “Quando havia convidadas na casa de mamãe eu as seguia por toda parte, no salão e em seus quartos. Muitas vezes ficava observando as criadas pentear e vestir as damas, e era muito divertido. É assim que se aprende.”
4. “Estou, sim, mademoiselle. Faz cinco ou seis horas que não comemos nada.”
5. “E isso seria uma pena!”
6. “Mademoiselle, será que não posso pegar só uma dessas magníficas flores? Só para completar meu traje?”
7. Parisiense.
8. Rostinho franzido.
9. “Olá, senhoras.”
10. O papel do pai de família no teatro.
11. “Paciência.”
12. A bela paixão.
13. De resto.
14. Alusão ao músico italiano David Rizzio, objeto da paixão da rainha Maria Stuart e assassinado pelo segundo marido dela, Lord Darnley. James Hepburn, conde de Bothwell, assassinou por sua vez Darnley.
15. “Nem pense em fazer isso!”

Foram dias felizes em Thornfield Hall, e dias atarefados também; que diferença em relação aos três primeiros meses de imobilidade, monotonia e solidão que eu tinha vivido debaixo daquele teto! Todos os sentimentos tristes pareciam agora ter sido expulsos da casa, todas as associações sombrias esquecidas; a vida estava por toda parte, havia movimento o dia inteiro. Já não era possível atravessar o corredor, antes tão silencioso, nem adentrar os cômodos da frente, antes tão vazios, sem encontrar a bem-vestida criada de alguma senhora ou um alinhado lacaio.

A cozinha, a despensa do mordomo, a sala dos empregados e o saguão estavam igualmente cheios de vida, e os salões só ficavam vazios e silenciosos quando o céu azul e o lindo sol do agradável clima de primavera chamavam seus ocupantes para o exterior da propriedade. Mesmo quando esse tempo se fechava e uma chuva contínua se instalava por alguns dias, a alegria não parecia ser prejudicada: uma vez freados os prazeres ao ar livre, os divertimentos de interior só faziam adquirir mais animação e mais variedade.

Perguntei-me o que iriam fazer na primeira noite em que se propôs uma mudança nos divertimentos; eles falaram em “brincar de charada”, mas minha ignorância não me permitiu compreender essa expressão. Os criados

foram chamados, as mesas da sala de jantar levadas embora, as luzes dispostas de outra maneira, as cadeiras posicionadas em semicírculo diante do arco. Enquanto o sr. Rochester e os outros cavalheiros coordenavam as mudanças, as senhoras subiam e desciam correndo a escada, tocando a sineta para chamar suas criadas. A sra. Fairfax foi chamada para dar informações relativas aos recursos da casa em matéria de xales, vestidos e panos de todo tipo, e alguns dos guarda-roupas do terceiro andar foram saqueados, e seu conteúdo, na forma de saias armadas enfeitadas com brocados, vestidos de cetim e seda preta, véus de renda etc., trazido às braçadas pelas criadas; uma escolha então foi feita, e os artigos escolhidos levados para o boudoir do salão.

Enquanto isso, o sr. Rochester tinha mais uma vez reunido as senhoras à sua volta e estava escolhendo algumas delas para fazer parte do seu grupo. “A srta. Ingram fica comigo, naturalmente”, falou; em seguida escolheu as duas srtas. Eshton e a sra. Dent. Olhou para mim; eu por acaso estava perto dele, já que cuidava de prender o fecho da pulseira da sra. Dent, que havia se soltado.

“Vai brincar também?”, perguntou. Fiz que não com a cabeça. Ele não insistiu, coisa que temi que fizesse; permitiu que eu retornasse em silêncio ao meu lugar habitual.

Ele e suas ajudantes então se retiraram para trás da cortina; o outro grupo, encabeçado pelo coronel Dent, sentou-se na meia-lua de cadeiras. Um dos cavalheiros, o sr. Eshton, ao me ver, pareceu sugerir que eu fosse chamada para me juntar a eles, mas Lady Ingram se opôs na mesma hora.

“Não”, ouvi-a dizer, “ela parece burra demais para qualquer brincadeira desse tipo.”

Pouco depois, uma sineta retiniu e a cortina se ergueu. Dentro do arco logo surgiu, envolta num lençol branco, a silhueta maciça de Sir George

Lynn, que o sr. Rochester havia igualmente escolhido; sobre uma mesa a sua frente estava aberto um livro grande; e de pé ao seu lado estava Amy Eshton, vestida com a capa do sr. Rochester e segurando um livro. Alguém fora de vista tocou a sineta alegremente; então Adèle (que havia insistido para fazer parte do grupo de seu tutor) deu um salto para a frente e espalhou por todos os lados o conteúdo de um cesto de flores que trazia no braço. Surgiu então a magnífica figura da srta. Ingram, vestida de branco, com um véu comprido na cabeça e a testa cingida por uma guirlanda de rosas; ao seu lado vinha o sr. Rochester, e juntos eles se aproximaram da mesa. Ambos se ajoelharam, enquanto a sra. Dent e Louisa Eshton, também de branco, assumiam seus lugares atrás deles. Seguiu-se a mímica de uma cerimônia na qual foi fácil reconhecer a pantomima de um casamento. Quando a cena se encerrou, o coronel Dent e seu grupo passaram dois minutos confabulando aos sussurros, e então o coronel Dent exclamou: “*Bride!*”.¹ O sr. Rochester aquiesceu e o pano caiu.

Um intervalo considerável transcorreu antes de ele se erguer novamente. Essa segunda cortina exibiu uma cena mais bem preparada do que a anterior. O salão, como já observei, ficava dois degraus acima da sala de jantar, e no alto do degrau de cima, posicionada um ou dois metros para dentro do recinto, estava uma grande bacia de mármore que identifiquei como sendo um ornamento da estufa — onde costumava ficar, rodeada de plantas exóticas e ocupada por peixes dourados —, e de onde devia ter sido transportada com alguma dificuldade, visto seu tamanho e seu peso.

Sentado sobre o tapete junto à bacia podia-se ver o sr. Rochester fantasiado com xales e com um turbante na cabeça. Seus olhos escuros, a pele morena e os traços mouros se adequavam à fantasia com perfeição: ele estava igualzinho a um emir do Oriente, agente ou vítima da corda de um arco. Surgiu então a srta. Ingram. Ela também estava vestida ao estilo

oriental: lenço bordô preso como uma faixa na cintura, lenço de bolso bordado amarrado em volta da cabeça, nus os braços de belos contornos — um deles suspenso no ato de segurar uma jarra graciosamente equilibrada sobre a cabeça. Tanto o formato de seu corpo como seus traços, seu colorido e sua atitude de modo geral sugeriam a ideia de alguma princesa israelita da era dos patriarcas, e era sem dúvida esse o personagem que ela desejava interpretar.

A srta. Ingram se aproximou da bacia e curvou-se por cima dela como se pretendesse encher a jarra; em seguida a ergueu novamente até a cabeça. O personagem na borda do poço então pareceu abordá-la e fazer algum pedido; e ela “tirou rapidamente dos ombros o cântaro e o serviu”.² De dentro das roupas ele então tirou uma caixinha e a abriu para exhibir magníficas pulseiras e brincos; ela fingiu espanto e admiração; ajoelhando-se, ele dispôs o tesouro aos seus pés; incredulidade e deleite se estamparam nas expressões e gestos dela; o forasteiro então pôs as pulseiras em seus braços e os brincos em suas orelhas. Eram Eliezer e Rebeca; só faltavam os camelos.

O grupo encarregado de adivinhar novamente uniu as cabeças; pelo visto não conseguiram chegar a um acordo em relação à palavra ou sílaba que aquela cena ilustrava. Seu porta-voz, o coronel Dent, solicitou “a cena inteira”; a cortina tornou a baixar.

Na terceira vez em que ela se ergueu, apenas uma parte do salão foi revelada; o restante ficou escondido por um biombo do qual pendia algum tipo de pano escuro e grosseiro. A bacia de mármore fora removida e em seu lugar havia uma mesa de madeira e uma cadeira de cozinha; esses objetos estavam visíveis graças a uma luz muito fraca que provinha de um lampião de chifre, uma vez que todas as velas de cera estavam apagadas.

No sórdido cenário estava sentado um homem com os punhos cerrados pousados nos joelhos e os olhos fixos no chão. Reconheci o sr. Rochester, muito embora o rosto sujo de fuligem, as roupas em desalinho (ele tinha o casaco pendurado num dos braços, como se tivesse sido quase arrancado de suas costas numa briga), o semblante desesperado e carrancudo e os cabelos ásperos e espetados pudessem muito bem tê-lo disfarçado. Quando ele se moveu, uma corrente tilintou; havia algemas em seus pulsos.

“Bridewell!”,³ exclamou o coronel Dent, e a charada foi solucionada.

Após um intervalo suficiente para os atores tornarem a vestir seus trajes habituais, eles adentraram novamente o salão. O sr. Rochester veio conduzindo a srta. Ingram, que o cumprimentava pela sua atuação.

“Sabe que dos três personagens foi o terceiro que mais me agradou? Ah, se tivesse vivido alguns anos antes, que bandoleiro mais galante o senhor teria sido!”

“Toda a fuligem saiu do meu rosto?”, perguntou ele, virando-se para ela.

“Infelizmente, sim; uma pena! Nada poderia ter caído melhor no senhor do que o colorido daquele bandoleiro.”

“Quer dizer então que a senhorita gostaria de um herói das estradas?”

“Um herói das estradas inglês seria a melhor opção depois de um bandoleiro italiano; e este só poderia ser suplantado por um pirata do Levante.”

“Bem, seja lá o que eu for, lembre-se de que a senhorita é minha esposa; nós nos casamos uma hora atrás diante de todas essas testemunhas.” Ela riu, e seu rosto corou.

“Sua vez agora, Dent”, continuou o sr. Rochester. E, enquanto o outro grupo se retirava, ele e o seu ocuparam os lugares vagos. A srta. Ingram sentou-se à direita do seu líder; os outros adivinhos preencheram as cadeiras de um lado e outro dos dois. Eu agora não mais olhava para os atores; não

mais esperava com interesse a cortina subir; minha atenção fora absorvida pelos espectadores; meus olhos, antes cravados no arco, eram agora atraídos de modo irresistível para o semicírculo de cadeiras. Que charada o coronel Dent e seu grupo representaram, que palavras eles escolheram, como se saíram no jogo, disso tudo eu já não me lembro; mas ainda posso ver a consulta que se seguiu a cada cena. Vejo o sr. Rochester se virar para a srta. Ingram, e a srta. Ingram para ele; vejo-a inclinar a cabeça na direção dele até os cachos cor de ébano quase lhe tocarem o ombro e ondularem rente ao seu rosto; ouço seus sussurros mútuos; recordo os olhares por eles trocados; e até mesmo algo do sentimento despertado por aquele espetáculo me volta à memória neste momento.

Como lhe contei, leitor, eu havia aprendido a amar o sr. Rochester; não podia deixar de amá-lo agora apenas por ter descoberto que ele deixara de prestar atenção em mim; porque eu podia passar horas na presença dele sem que ele voltasse os olhos nem sequer uma vez na minha direção; porque via toda a sua atenção requisitada por uma grande dama que não se dignava a me tocar com a barra do vestido ao passar e que, mesmo que seus olhos escuros e imperiosos por acaso dessem comigo, ela os desviava no ato, como de um objeto irrisório demais para merecer observação. Não podia deixar de amá-lo por ter certeza de que ele em breve iria desposar aquela dama, por ler diariamente nela uma segurança orgulhosa das intenções dele a seu respeito, por testemunhar nele a cada hora que passava um estilo de corte amorosa que, embora descuidado e preferindo ser solicitado a solicitar, mesmo assim, justamente por seu descuido, era cativante, e justamente por seu orgulho era irresistível.

Não havia nada capaz de esfriar ou eliminar o amor naquela situação, embora muito houvesse capaz de causar desespero. Muito também para gerar ciúme, pensará o leitor, se é que uma mulher na minha posição

poderia se atrever a sentir ciúmes de outra na posição da srta. Ingram. Mas eu não sentia ciúmes, ou só muito raramente; a natureza da dor que me atormentava não podia ser expressada com tal palavra. A srta. Ingram não estava à altura do ciúme; ela era por demais inferior para despertar esse sentimento. Perdoe-me o paradoxo aparente; digo isso com toda a sinceridade. Ela era muito exuberante, mas não era genuína; tinha uma bela aparência e muitas prendas notáveis, porém sua mente era pobre, seu coração, estéril por natureza. Nada brotava espontaneamente naquele solo; nenhum fruto natural se deliciava com seu frescor. Ela não era boa, não era original. Costumava repetir frases de efeito de livros e nunca proferia, e tampouco tinha, uma opinião própria. Defendia sentimentos nobres, mas não conhecia as sensações provocadas pela empatia ou pela piedade; a ternura e a verdade não tinham lugar dentro dela. Com demasiada frequência traía esse fato demonstrando de modo inadequado a antipatia desdenhosa que desenvolvera em relação à pequena Adèle, afastando-a com algum epíteto insultuoso se a menina por acaso se aproximasse dela, às vezes expulsando-a do recinto, sempre tratando-a com frieza e amargor. Outros olhos que não os meus também observaram aquelas manifestações de temperamento, observaram-nas de perto, com interesse, com argúcia. Sim, o futuro noivo sr. Rochester exercia sobre sua prometida uma vigilância sem trégua, e era dessa sua sagacidade, dessa sua frieza, dessa perfeita e óbvia consciência dos defeitos de sua garota, da evidente ausência de paixão nos seus sentimentos em relação a ela, que vinha a dor que me atormentava.

Eu via que ele iria desposá-la, por motivos de família ou talvez políticos, porque a posição e as conexões sociais dela lhe convinham; e sentia que ele não lhe dera o seu amor e que as qualificações dela eram inadequadas para conquistar nele tal tesouro. Era essa a questão, era isso que me tocava e

afligia os nervos, isso que sustentava e alimentava meu tormento: *ela não tinha como conquistá-lo*.

Se tivesse conseguido obter essa vitória logo de início, e se ele houvesse cedido e lhe entregado sinceramente o coração, eu teria escondido o rosto, virado para a parede e (no sentido figurado) morrido para os dois. Se a srta. Ingram tivesse sido uma mulher boa e nobre, provida de força, fervor, bondade, bom senso, eu teria travado uma luta de morte com duas feras: o ciúme e o desespero; e então, com o coração esfaqueado e devorado, teria admirado aquela dama, reconhecido sua excelência e passado o resto de meus dias calada; e quanto mais absoluta fosse sua superioridade, mais profunda teria sido minha admiração e mais verdadeiramente plácida minha aquiescência. Na presente situação, porém, ver o esforço da srta. Ingram para conquistar o sr. Rochester, testemunhar seu repetido fracasso e sua inconsciência de ter fracassado, pensando que cada flecha desferida tinha atingido o alvo e orgulhosamente se ufanando do próprio sucesso, quando seu orgulho e sua admiração por si mesma só faziam afastar cada vez mais aquilo que ela desejava atrair, testemunhar isso era estar submetida ao mesmo tempo a uma aflição incessante e a uma implacável contenção.

Porque quando ela fracassava eu via como poderia ter obtido sucesso. Flechas que não paravam de resvalar no peito do sr. Rochester e de cair inócuas a seus pés poderiam, eu sabia, caso fossem disparadas por mão mais segura, ter acertado em cheio seu coração orgulhoso, ter despertado o amor em seus olhos graves e suavizado sua expressão sardônica; ou então, melhor ainda, sem armas teria sido possível obter uma vitória silenciosa.

“Por que ela não consegue influenciá-lo mais, tendo o privilégio de se aproximar dele tanto assim?”, perguntei para mim mesma. “Com certeza não deve gostar dele de verdade, ou não com verdadeiro afeto! Se gostasse, não precisaria exagerar tanto nos sorrisos nem insistir tanto nos olhares,

nem ostentar um comportamento tão afetado ou encantos tão numerosos. A mim parece que talvez ela pudesse, apenas sentando-se calada ao lado dele, dizendo pouco e expressando menos ainda, chegar mais perto do seu coração. Já vi no rosto dele uma expressão bem diferente da que agora o endurece quando ela o solicita com tanto afã; só que aquela expressão surgia livremente, não era provocada por artimanhas nem manobras calculadas; e a única atitude cabível era aceitá-la, responder ao que ele perguntava sem pretensão, dirigir-se a ele quando necessário sem afetação, e a expressão se intensificava, ficava mais bondosa e afável, aquecendo como o calor de um raio de sol. Como a srta. Ingram vai fazer para agradá-lo quando os dois estiverem casados? Não creio que consiga, mas isso seria possível, e acredito mesmo que a esposa dele fosse ser a mulher mais feliz da face da terra.”

Eu ainda não disse nada condenatório em relação aos planos do sr. Rochester de se casar por interesse e devido às relações dela. Tinha ficado surpresa ao descobrir ser essa a sua intenção; pensava que ele fosse um homem que não se deixava influenciar por motivos tão banais na escolha de uma esposa, mas quanto mais pensava na situação social de ambos, na educação deles etc., menos me sentia justificada a culpar o sr. Rochester ou a srta. Ingram por agir de acordo com ideias e princípios que sem dúvida lhes haviam sido inculcados desde a infância. Toda a classe a que pertenciam tinha os mesmos princípios; supus, assim, que os dois acreditassem neles por motivos que eu não era capaz de conceber. Parecia-me que, se eu fosse um cavalheiro como o sr. Rochester, só tomaria uma esposa que pudesse amar; mas a simples obviedade das vantagens para a felicidade do próprio marido proporcionadas por esse plano me convenceu de que sem dúvida havia argumentos contrários à sua adoção generalizada

que eu desconhecia: senão, tinha certeza de que o mundo inteiro agiria do jeito que eu desejava agir.

Mas em outros aspectos, bem como nesse, eu estava ficando muito leniente para com meu patrão; esquecia todos os seus defeitos, em relação aos quais antes me mantinha muito atenta. No passado eu tentara estudar todos os lados de seu temperamento: considerar tanto o que ele tinha de bom como o que tinha de ruim; e a partir da justa avaliação de ambos construir um juízo equilibrado. Agora não via nada de ruim. O sarcasmo que antes me desagradava, a rispidez que me perturbava funcionavam apenas como temperos fortes num prato refinado: sua presença realçava o sabor, mas sua ausência teria parecido comparativamente insípida. Quanto àquele quê indefinido — seria uma expressão sinistra ou pesarosa, calculada ou pessimista? — que surgia de vez em quando em seus olhos diante de um observador cuidadoso e tornava a desaparecer antes que se pudesse compreender as estranhas profundezas parcialmente reveladas; aquele quê que costumava me causar medo e fazer eu me encolher como quem vaga em meio a montanhas de aspecto vulcânico e de repente sente o chão tremer e vê se abrir nele uma brecha; aquele quê que eu de vez em quando ainda via, com o coração a latejar, mas sem sentir os nervos paralisados: em vez de tentar afastá-lo, eu desejava apenas me atrever a decifrá-lo, e pensava que a srta. Ingram tinha sorte por um dia poder observar aquele abismo à vontade, explorar seus segredos e analisar sua natureza.

Enquanto isso, ao passo que eu pensava apenas em meu patrão e na sua futura noiva, via somente a eles, ouvia apenas suas conversas e considerava importantes apenas os seus movimentos, o restante dos hóspedes estava ocupado com seus próprios interesses e prazeres. Lady Lynn e Lady Ingram continuavam a confabular em conferências solenes nas quais meneavam os

respectivos turbantes uma para a outra e erguiam as quatro mãos como duas marionetes gigantes em gestos espelhados de surpresa, mistério ou horror, conforme o tema sobre o qual versavam suas fofocas. O afável sr. Dent conversava com a simpática sra. Eshton, e os dois às vezes me dedicavam uma palavra ou um sorriso cortês. Sir George Lynn, o coronel Dent e o sr. Eshton discorriam sobre política ou questões locais, ou então sobre temas jurídicos. Lord Ingram flertava com Amy Eshton; Louisa tocava e cantava para um dos srs. Lynn, ou com ele; e Mary Ingram escutava languidamente os discursos galantes do outro. Às vezes todos eles, como que movidos por uma só vontade, suspendiam suas tramas secundárias para observar e escutar os atores principais, pois, afinal de contas, o sr. Rochester e a srta. Ingram, por sua íntima ligação com ele, eram a vida e a alma do grupo. Se ele passava uma hora ausente do salão, uma calma perceptível parecia se abater sobre a disposição de seus convidados, e sua reaparição nunca deixava de propiciar um impulso renovado à vivacidade das conversas.

A falta de sua influência animadora pareceu ser especialmente sentida num dia em que ele foi chamado para ir cuidar de negócios em Millcote, devendo voltar só bem tarde. A tarde estava chuvosa, e o passeio sugerido pelo grupo, de visitar um acampamento de ciganos que se instalara havia pouco numa área descampada para lá de Hay, foi consequentemente adiado. Alguns dos cavalheiros tinham ido aos estábulos; os mais jovens, assim como as jovens senhoras, jogavam na sala de bilhar. As viúvas Ingram e Lynn buscaram refúgio numa tranquila partida de cartas. Blanche Ingram, após ter repellido com uma superioridade taciturna os esforços das sras. Dent e Eshton no sentido de atraí-la para uma conversa, primeiro murmurara algumas canções e melodias sentimentais ao piano, e então, depois de ir buscar um romance na biblioteca, se atirara com um desânimo ativo num sofá e se preparara para domar com o feitiço da ficção as horas

de tédio da ausência. O cômodo e a casa estavam em silêncio; apenas de vez em quando podiam-se ouvir os jogadores de bilhar se divertindo lá embaixo.

O crepúsculo já se aproximava e o relógio anunciara a hora de se vestir para o jantar quando a pequena Adèle, ajoelhada ao meu lado no banco da janela do salão, subitamente exclamou: “*Voilà monsieur Rochester qui revient!*”.⁴

Virei-me, e a srta. Ingram se levantou num pulo do sofá; os outros também ergueram os olhos de suas ocupações variadas, pois ao mesmo tempo o estalo de rodas e o ruído de cascos de cavalo batendo em poças d’água se fez ouvir no cascalho molhado. Uma diligência se aproximava.

“O que deu nele para voltar para casa assim?”, disse a srta. Ingram. “Ele montava Mesrour (o cavalo negro) ao partir, não é? E levou Piloto consigo... O que fez com os animais?”

Enquanto dizia isso, ela aproximou tanto da janela sua alta pessoa e seus vastos trajes que fui obrigada a me curvar para trás, quase a ponto de quebrar a espinha; na sua ansiedade, no início a srta. Ingram não me viu, mas, ao dar por mim, fez beicinho e se transferiu para outra janela. A diligência parou; o condutor tocou a campainha da porta, e um cavalheiro vestido em trajes de viagem saltou, mas não era o sr. Rochester: era um homem alto e de aspecto elegante, um desconhecido.

“Que intrigante!”, exclamou a srta. Ingram. “Sua macaquinha insuportável!” (repreendendo Adèle) “Quem a mandou ficar empoleirada na janela dando falsas informações?” Então me dirigiu um olhar zangado, como se eu tivesse cometido um erro.

Ouviram-se algumas palavras sendo trocadas no saguão, e pouco depois o recém-chegado entrou e se curvou diante de Lady Ingram como se a considerasse a mais velha dentre as damas presentes.

“Tenho a impressão de que cheguei num momento inoportuno, senhora”, disse ele, “quando meu amigo sr. Rochester está ausente de casa; mas venho de uma viagem muito longa e acho que posso me valer de uma relação antiga e próxima para me acomodar aqui até ele voltar.”

Seus modos eram educados; seu sotaque, quando ele falou, me pareceu um tanto fora do comum, não especialmente estrangeiro, mas ainda assim não de todo inglês. Sua idade devia ser aproximadamente a mesma do sr. Rochester, entre trinta e quarenta anos; sua tez era particularmente acastanhada. Fora isso, era um belo homem, sobretudo à primeira vista. Num exame mais atento era possível detectar na sua expressão algo que desagradava, ou melhor, que deixava de agradar. Ele tinha os traços regulares, mas excessivamente relaxados; os olhos eram grandes e bem-feitos, mas a vida que brilhava neles era uma vida domesticada, vazia — ou pelo menos foi o que pensei.

O toque da sineta dispersou o grupo. Só tornei a ver o homem depois do jantar, quando ele me pareceu bastante à vontade. No entanto, gostei menos ainda do que antes da sua fisionomia, que achei ao mesmo tempo ansiosa e sem energia. Os olhos se moviam constantemente sem que esses movimentos significassem alguma coisa; isso lhe dava um aspecto estranho como eu não me lembrava de ter visto um dia. Para um homem bonito e de aparência afável, ele me repelia intensamente. Não havia nenhuma força naquele rosto de pele lisa e formato perfeitamente oval, nenhuma firmeza no nariz aquilino e na pequena boca vermelha, nenhuma inteligência na testa pequena e regular, nenhuma vontade naqueles olhos castanhos e vazios.

Sentada no meu nicho habitual, fiquei a observá-lo à luz dos castiçais sobre o parapeito da lareira; a luz batia em cheio nele — já que o homem ocupava uma poltrona perto do fogo e não parava de se encolher para mais

perto ainda, como se estivesse com frio — e o comparei ao sr. Rochester. Acho (e é com deferência que o digo) que o contraste entre um ganso longilíneo e um falcão feroz, entre uma dócil ovelha e o cão de pelo duro e olhos argutos que a pastoreia não poderia ser maior.

Ele se referira ao sr. Rochester como sendo um velho amigo. Que curiosa amizade devia ter sido a daqueles dois; uma ilustração precisa, na verdade, do antigo ditado “os opostos se atraem”.

Dois ou três dos cavalheiros foram se sentar perto dele, e, sentada do outro lado do recinto, captei partes do diálogo deles. No início não entendi muito bem o que escutei, pois a conversa entre Louisa Eshton e Mary Ingram, sentadas mais perto de mim, embaralhava as frases fragmentadas que me chegavam de tanto em tanto. As duas falavam sobre o desconhecido; ambas o qualificavam como sendo “um homem lindo”. Louisa afirmou que ele era “um amor de criatura” e que ela “o adorava”, e Mary citou a “pequena boca bem-feita e o belo nariz” como seu ideal de beleza.

“E que testa mais adorável ele tem!”, exclamou Louisa, “tão lisa, sem nenhuma daquelas irregularidades causadas pelos vincos que tanto me desagradam; e que olhos e que sorriso tão tranquilos!”

Até que, para meu grande alívio, o sr. Henry Lynn as chamou ao outro lado da sala para decidir alguma questão relacionada à excursão adiada ao descampado de Hay.

Pude então concentrar minha atenção no grupo junto à lareira, e em pouco tempo entendi que o recém-chegado se chamava sr. Mason; em seguida soube que ele acabara de chegar à Inglaterra de algum país quente, motivo sem dúvida pelo qual tinha o rosto tão acastanhado, estava sentado tão perto do fogo e usava um sobretudo dentro de casa. Pouco depois, as palavras Jamaica, Kingston e Spanish Town indicaram que sua residência

ficava nas Índias Ocidentais, e foi sem grande surpresa que eu soube, antes de transcorrido muito tempo, que fora lá que ele havia conhecido o sr. Rochester e ficara próximo dele. O sr. Mason comentou o quanto os calores escaldantes, os furacões e as estações de chuvas daquela região desagradavam a seu amigo. Eu sabia que o sr. Rochester fora um viajante; a sra. Fairfax havia mencionado isso. Mas pensava que suas andanças tivessem se limitado ao continente europeu, e até então nunca escutara a menor referência a visitas a lugares mais distantes.

Estava refletindo sobre essas coisas quando um incidente, e dos mais inesperados, interrompeu o fluxo de meus devaneios. O sr. Mason, estremeando quando alguém por acaso abriu a porta, pediu que pusessem mais carvão no fogo que já não tinha chamas, muito embora a massa de brasas ainda reluzisse quente e rubra. Ao sair, o laçao que trouxera o carvão parou junto à cadeira do sr. Eshton e lhe disse algo em voz baixa do qual só escutei as palavras “velha”, “causando problemas”.

“Diga-lhe que se ela não for embora daqui, irá presa”, respondeu o magistrado.

“Não... espere!”, interrompeu o coronel Dent. “Não a mande embora, Eshton. Ela pode nos ser útil; vamos consultar as damas.” E prosseguiu em voz alta. “Minhas senhoras, houve menção a irmos até o descampado de Hay visitar o acampamento dos ciganos. Sam está dizendo que neste exato momento há uma velha mexeriqueira na sala dos empregados insistindo para ser apresentada aos ‘grã-finos’ para ler seu futuro. Gostariam de encontrá-la?”

“Coronel”, exclamou Lady Ingram, “o senhor não incentivaria uma impostora rasteira como aquela, não é mesmo? Mande-a embora por favor, agora mesmo!”

“Mas eu não consigo convencê-la a ir embora, milady”, disse o laçao, “nem nenhum dos outros criados. A sra. Fairfax está com ela neste exato momento insistindo para que parta, mas ela se acomodou numa cadeira no canto perto da chaminé e diz que nada vai tirá-la de lá enquanto ela não receber permissão para entrar aqui.”

“O que ela quer?”, perguntou a sra. Eshton.

“‘Prever o futuro dos fidalgos’, senhora, segundo diz; e jura que precisa fazer isso e que o fará.”

“Como ela é?”, indagaram as srtas. Eshton num fôlego só.

“Uma velha criatura assustadora de tão feia, senhorita, quase tão preta quanto fuligem.”

“Ora, é uma feiticeira de verdade!”, exclamou Frederick Lynn. “Vamos mandá-la entrar, claro.”

“Com certeza seria uma grande pena desperdiçar uma chance dessas de se divertir”, concordou seu irmão.

“Meus queridos meninos, onde estão com a cabeça?”, indignou-se a sra. Lynn.

“Não posso de modo algum concordar com algo tão irregular”, interveio a viúva Ingram.

“Claro que pode, mamã, pode... e vai”, pontificou a voz altiva de Blanche quando ela se virou na banquetta do piano, onde até então estivera sentada sem dizer nada, aparentemente entretida examinando partituras variadas. “Estou curiosa para ouvir previsões sobre meu futuro; Sam, mande a bruxa entrar.”

“Blanche, minha querida! Pense bem...”

“Eu já pensei; já sei tudo que a senhora pode me dizer e estou decidida... rápido, Sam!”

“Sim, sim, sim!”, exclamaram todos os jovens, tanto as damas quanto os cavalheiros. “Deixem-na vir, vai ser muito divertido!”

O lacaio mesmo assim hesitou. “Ela parece bem grosseira”, disse ele.

“Vá!”, ordenou a srta. Ingram, e o rapaz saiu.

Na mesma hora, a animação se apoderou do grupo; quando Sam voltou, a sala estava tomada por uma saraivada de provocações e brincadeiras.

“Ela agora não quer vir”, disse ele. “Falou que não é sua missão comparecer diante do ‘vulgar rebanho’ (são palavras dela). Quer que eu a instale sozinha num recinto, onde as pessoas que quiserem consultá-la devem se apresentar uma de cada vez.”

“Viu só, minha esplêndida Blanche?”, começou Lady Ingram. “Ela está criando obstáculos. Pense bem, meu anjo, e...”

“Leve-a até a biblioteca, claro”, interrompeu o “anjo”. “Tampouco é minha missão escutá-la diante do vulgar rebanho; pretendo tê-la só para mim. A lareira está acesa na biblioteca?”

“Sim, senhora... mas ela parece uma cigana.”

“Pare de tagarelar, seu aparvalhado, e faça o que estou mandando!”

Mais uma vez Sam desapareceu, e o mistério, a animação e a expectativa tornaram a atingir seu ápice.

“Ela está pronta agora”, disse o lacaio ao reaparecer. “Deseja saber quem será seu primeiro visitante.”

“Acho que seria melhor eu dar uma olhada nela antes de alguma das senhoras ir até lá”, disse o coronel Dent.

“Sam, diga a ela que um cavalheiro está indo.”

Sam foi e voltou.

“Senhor, ela disse que não vai receber nenhum cavalheiro; que eles nem precisam se dar ao trabalho de chegar perto dela e tampouco”, acrescentou,

reprimindo com dificuldade um acesso de gagueira, “vai receber nenhuma senhora que não seja jovem e solteira.”

“Por Deus, ela tem bom gosto!”, exclamou Henry Lynn.

A srta. Ingram pôs-se solenemente de pé. “Eu vou primeiro”, falou, num tom que teria sido adequado ao líder de um pelotão de ataque tentando impedir uma investida contra a dianteira de seus soldados.

“Ah, meu bem! Ah, minha querida! Pare um pouco... reflita!”, lamentou sua mamã, mas ela passou em seu silêncio altivo, atravessou a porta que o coronel Dent segurava aberta, e ouvimos quando entrou na biblioteca.

Seguiu-se um relativo silêncio. Lady Ingram achou adequado torcer as mãos, e assim o fez. A srta. Mary, por sua vez, declarou pensar que jamais se atreveria. Amy e Louisa Eshton soltaram risadinhas abafadas e pareceram um pouco assustadas.

Os minutos passaram devagar; quinze transcorreram antes de a porta da biblioteca tornar a se abrir. A srta. Ingram passou pelo arco e voltou para junto de nós.

Será que ela iria rir? Será que iria levar aquilo na brincadeira? Todos os olhos se cravaram na srta. Ingram com uma expressão de intensa curiosidade, e ela recebeu a todos com um olhar distante e frio; não parecia nem abalada nem alegre. Foi até seu lugar com um andar rígido e se sentou sem dizer nada.

“Então, Blanche?”, perguntou Lord Ingram.

“O que ela disse, irmã?”, perguntou Mary.

“O que você achou? Como se sentiu? Ela é uma vidente de verdade?”, quiseram saber as srtas. Eshton.

“Ora, minha boa gente”, retrucou a srta. Ingram, “não me pressionem. Seus órgãos de assombro e credulidade são mesmo muito fáceis de estimular; pela importância que todos vocês estão atribuindo a esse assunto,

inclusive minha bondosa mamã, parecem acreditar piamente que temos uma bruxa de verdade dentro desta casa que possui uma aliança próxima com o coisa-ruim. O que vi foi uma andarilha cigana; ela possui um domínio banal da arte da quiromancia e me disse o que essas pessoas em geral dizem. Meu capricho foi satisfeito, e agora acho que o sr. Eshton faria bem em mandar prender a megera amanhã de manhã, conforme ameaçou fazer.”

A srta. Ingram pegou um livro, recostou-se na cadeira e se recusou a continuar a conversa. Passei quase meia hora observando-a; durante todo esse tempo ela não virou sequer uma página, e seu semblante foi ficando cada vez mais sombrio, cada vez mais desgostoso, expressando uma decepção cada vez mais amarga. Obviamente não havia escutado nada do seu agrado, e a mim parecia, considerando aquele acesso prolongado de pessimismo e taciturnidade, que ela própria, apesar da declarada indiferença, dava uma importância indevida a toda revelação que lhe tivesse sido feita.

Enquanto isso, Mary Ingram, Amy e Louisa Eshton declararam que não se atreviam a ir sozinhas, ainda que todas quisessem se consultar. Abriu-se uma negociação intermediada pelo embaixador Sam, e, após muitas idas e vindas, até os pés do referido Sam ficarem — acho — doloridos de tanto esforço, por fim conseguiu-se obter, com grande dificuldade, a permissão da rigorosa profetisa para que as três entrassem juntas.

A visita delas não foi tão silenciosa quanto fora a da srta. Ingram: ouvimos risadinhas histéricas e gritinhos emanarem da biblioteca, e ao cabo de cerca de vinte minutos elas abriram a porta de supetão e atravessaram o saguão correndo, como se estivessem mortas de pavor.

“Com certeza ela tem algum poder sombrio!”, exclamaram as três de uma vez só. “As coisas que ela nos disse! Ela sabe tudo sobre nós!” E

deixaram-se cair ofegantes nos diversos assentos que os cavalheiros se apressaram em lhes trazer.

Pressionadas a fornecer maiores explicações, declararam que a mulher lhes falara sobre coisas que haviam dito e feito quando eram meras crianças, e descrito livros e enfeites que possuíam nos boudoirs de suas casas, lembranças recebidas como presente de parentes variados. As três afirmaram que ela havia adivinhado até seus pensamentos e sussurrado no ouvido de cada uma o nome da pessoa de quem cada uma mais gostava no mundo, e que lhes informara o que cada uma mais desejava.

Nesse ponto, os cavalheiros as interromperam com pedidos insistentes para que os dois últimos pontos fossem mais bem esclarecidos, mas como resposta para tanta impertinência só receberam rubores, interjeições, tremores e risadinhas. Enquanto isso, as damas mais velhas ofereciam saís de cheiro e abriam leques, e mais de uma vez tornaram a expressar preocupação com o fato de o seu alerta não ter sido ouvido a tempo; e os cavalheiros mais velhos riam, e os mais novos se apressavam em acudir as agitadas moças.

Em meio ao alvoroço, e enquanto meus olhos e ouvidos estavam totalmente absorvidos pela cena diante de mim, ouvi alguém pigarrear junto ao meu cotovelo; virei-me e vi Sam.

“Com licença, senhorita. A cigana está dizendo que tem outra jovem senhora solteira no recinto que ainda não foi falar com ela e jura que não vai embora enquanto não falar com todas. Pensei que devia ser a senhorita; é a única pessoa possível. O que devo dizer a ela?”

“Ah, eu vou, claro”, respondi, e senti-me grata pela oportunidade inesperada de satisfazer minha mui atiçada curiosidade. Saí do salão de fininho, sem que ninguém me visse — pois estavam todos reunidos numa

só massa ao redor do trio trêmulo que acabara de voltar —, e fechei a porta atrás de mim sem fazer barulho.

“Se quiser, senhorita”, disse Sam, “ficarei à sua espera no saguão, e se ela lhe meter medo é só chamar que eu entro.”

“Não, Sam, volte para a cozinha. Não sinto medo algum.” De fato, não sentia, mas estava muito interessada e animada.

1. Noiva.

2. Gênesis 24,18.

3. Entre os séculos xvi e xix, “Bridewell” foi uma prisão londrina. Anteriormente um palácio, em 1553 o prédio foi doado por Eduardo vi para abrigar órfãos e “mulheres desviantes”, cumprindo depois os papéis de prisão e escola. Foi demolido em 1864.

4. “O sr. Rochester está voltando!”

xix

A biblioteca parecia bem tranquila quando entrei, e a profetisa — se é que profetisa havia — estava sentada bem aconchegada numa poltrona em frente ao canto da lareira. Vestia uma capa vermelha e um chapéu preto de senhora, ou melhor, um chapéu cigano de aba larga amarrado no queixo com um lenço listrado. Sobre a mesa havia uma vela apagada. A mulher estava inclinada na direção do fogo e parecia ler à luz das chamas um pequeno livro preto que parecia um Livro de Orações. Enquanto lia, ia murmurando as palavras consigo mesma como faz a maioria das velhas. Não se interrompeu na mesma hora, quando entrei; pelo visto, queria terminar o parágrafo.

Fiquei parada em pé no tapete e aqueci as mãos, que estavam um bocado frias de tanto ficar sentada longe da lareira do salão. Sentia-me agora mais calma do que jamais havia me sentido em toda a vida. De fato, não havia nada na aparência da cigana capaz de perturbar a calma de alguém. Ela fechou o livro e ergueu os olhos devagar; ainda que a aba do chapéu escondesse parcialmente seu rosto, pude ver que era um rosto estranho quando ela o ergueu. Parecia todo marrom e preto; cabelos emaranhados despontavam sob uma faixa branca passada por baixo do queixo e que

cobria metade das bochechas, ou melhor, do maxilar. Ela me lançou na mesma hora um olhar franco e direto.

“Bem, quer ouvir seu futuro?”, indagou numa voz tão decidida quanto seu olhar, tão dura quanto seus traços.

“Não faço questão, mãe; pode fazer como preferir. Mas vou logo avisando: não tenho fé.”

“Que impudência a sua, falar assim. Mas eu já esperava isso de você; ouvi no seu passo quando cruzou a soleira.”

“É mesmo? A senhora tem um ouvido apurado.”

“Tenho, sim. E um olho arguto, e o raciocínio também.”

“Precisa de tudo isso no seu ofício.”

“De fato. Principalmente quanto tenho que lidar com clientes como você. Por que não está tremendo?”

“Não estou com frio.”

“Por que não empalidece?”

“Não estou doente.”

“Por que não quer ouvir minhas previsões?”

“Não sou tola.”

A velha soltou uma risada que parecia um relincho sob o chapéu e a faixa, depois pegou um cachimbo preto e curto, acendeu e começou a fumar. Após saborear um pouco esse sedativo, empertigou o corpo curvado, tirou o cachimbo da boca, e com os olhos fixos no fogo falou bem devagar: “Você está com frio. Está doente. E é tola, sim”.

“Prove”, retruquei.

“Assim farei, em poucas palavras. Está com frio porque está sozinha; nenhum contato desperta o fogo que existe dentro de você. Está doente porque o melhor dos sentimentos, o mais nobre e o mais doce que o homem pode experimentar, mantém distância de você. E é tola porque, por mais que

esteja sofrendo, não faz nenhum gesto para chamá-lo para perto e tampouco dá um passo que seja para encontrá-lo onde ele a aguarda.”

Ela mais uma vez levou à boca o cachimbo curto e preto e recomeçou a fumar com vigor.

“A senhora poderia dizer essas coisas a quase toda pessoa que, com seu conhecimento, vivesse como dependente numa casa grande sem contar com mais ninguém.”

“Eu poderia dizer essas coisas a quase qualquer pessoa; mas será que seria verdade em relação a quase qualquer pessoa?”

“Na minha situação.”

“Sim, exatamente. Na *sua* situação. Mas me mostre outra pessoa na mesma situação que você.”

“Seria fácil encontrar mil outras.”

“Não seria fácil encontrar uma sequer. Se você soubesse o quanto sua situação é singular; muito próxima da felicidade; sim, ao alcance dela. Os materiais estão todos prontos; é preciso apenas um movimento para combiná-los. O acaso os dispôs um pouco separados; quando eles se reunirem, o resultado será maravilhoso.”

“Não entendo charadas. Nunca fui capaz de responder a uma adivinhação em toda a minha vida.”

“Se deseja que eu fale com mais clareza, mostre-me a palma da sua mão.”

“E ela deve conter dinheiro, imagino?”

“Naturalmente.”

Dei-lhe um xelim; ela o guardou dentro de uma velha meia que tirou do bolso e, depois de amarrá-la e guardá-la outra vez, disse-me para estender a mão. Assim o fiz. A mulher aproximou o rosto da minha palma e a examinou sem tocá-la.

“A pele é fina demais”, falou. “Não consigo entender nada de uma mão como esta, quase sem linhas. Além do mais, o que é uma palma? O destino está escrito aí.”

“Acredito na senhora”, falei.

“Não”, prosseguiu ela, “o destino está escrito no rosto, na testa, ao redor dos olhos, nos olhos em si, no desenho da boca. Ajoelhe-se e erga o rosto.”

“Ah! Agora a senhora está chegando perto da realidade”, falei, e obedeci. “Agora vou começar a ter alguma confiança na senhora.”

Ajoelhei-me a meio metro dela. Ela atçou o fogo e uma faísca de luz escapou da brasa remexida. Onde ela estava sentada, porém, a luz só fez seu rosto mergulhar mais ainda na sombra. O meu, ela iluminou.

“Pergunto-me com que sentimentos você veio falar comigo hoje”, disse ela depois de me examinar um pouco. “Pergunto-me que pensamentos se agitam no seu coração durante todas as horas em que fica sentada lá naquele salão com aquela gente elegante se agitando na sua frente como as formas de um teatro de sombras, com tão pouca empatia e comunhão entre você e eles quanto se eles fossem de fato meras sombras em forma humana, e não pessoas de verdade.”

“Muitas vezes me sinto cansada, às vezes sonolenta, mas raramente triste.”

“Então tem alguma esperança secreta que a sustenta e que lhe agrada com sussurros relacionados ao futuro?”

“Não. Minha maior esperança é guardar dinheiro suficiente do meu salário para um dia montar uma escola numa pequena casa que eu própria tenha alugado.”

“Um alimento minguado para sustentar o espírito. E sentada naquele banco junto à janela (está vendo, eu conheço seus hábitos.)”

“A senhora soube pelos criados.”

“Ah! Você se acha muito astuta. Bem, talvez tenha sabido mesmo. Para dizer a verdade, conheço um deles, a sra. Poole...”

Levantei-me num pulo ao escutar o nome.

“Conhece, mesmo?”, pensei; “há *magia* perversa envolvida então, no fim das contas!”

“Não fique alarmada”, continuou a estranha criatura; “ela é de confiança, a sra. Poole, é sim: calada e discreta; qualquer um pode se confidenciar com ela. Mas, como eu estava dizendo, sentada naquele banco junto à janela, você só pensa na sua futura escola e em mais nada? Não tem nenhum interesse atual por nenhum daqueles que ocupam os sofás e cadeiras na sua frente? Não estuda nenhum rosto? Não acompanha com a menor curiosidade os movimentos de nenhum personagem?”

“Gosto de observar todos os rostos e todos os personagens.”

“Mas nunca destaca nenhum deles dos restantes... ou quem sabe dois?”

“Sim, com frequência, quando os gestos ou expressões de uma dupla parecem contar uma história. Acho divertido observar.”

“Que história mais gosta de ouvir?”

“Ah, não tenho muita escolha! As conversas em geral são sobre o mesmo tema: a corte amorosa; e prometem terminar na mesma catástrofe: o casamento.”

“E esse tema monótono lhe agrada?”

“Não ligo nem um pouco para ele; para mim não significa nada.”

“Não significa nada? Quando uma dama jovem e cheia de vida e de saúde, radiante de beleza e provida com as dádivas da posição social e da fortuna, quando uma dama assim se senta e sorri para um cavalheiro que você...”

“Que eu o quê?”

“Que você conhece... e que talvez tenha em alta conta.”

“Não conheço os cavalheiros aqui. Mal troquei uma única sílaba com qualquer um deles, e quanto a tê-los em alta conta, considero alguns deles respeitáveis, imponentes e de meia-idade, e outros jovens, atraentes, belos e vivazes. Mas certamente todos estão livres para receber os sorrisos de quem desejar sem que eu me disponha a considerar esse fato de qualquer relevância para mim.”

“Não conhece os cavalheiros aqui? Não trocou uma sílaba sequer com nenhum deles? Diria isso em relação ao dono da casa?”

“Ele não se encontra.”

“Que comentário profundo! Que engenhoso jogo de palavras! Ele partiu hoje de manhã para Millcote e vai voltar hoje à noite ou amanhã. Essa circunstância por acaso o exclui do rol de seus conhecidos ou o elimina, por assim dizer, da face da terra?”

“Não. Mas não entendo muito bem o que o sr. Rochester tem a ver com o tema que a senhora mencionou.”

“Eu estava falando sobre senhoras que sorriem diante dos olhos de cavalheiros, e ultimamente tantos sorrisos têm sido lançados nos olhos do sr. Rochester que estes parecem transbordar feito dois cálices repletos até a borda. Não reparou nisso?”

“O sr. Rochester tem o direito de gozar da companhia de seus hóspedes.”

“Não há dúvida quanto a isso. Mas já observou que, de todas as histórias contadas aqui sobre matrimônio, o sr. Rochester foi agraciado com a mais animada e a mais contínua?”

“A avidez de quem ouve aguça a língua de quem fala.” Eu disse isso mais para mim mesma do que para a cigana, cuja estranha conversa, voz e trejeitos tinham tido o efeito, àquela altura, de mergulhar-me numa espécie de sonho. Uma frase inesperada após a outra foram saindo de sua boca até eu me ver envolta numa rede de perplexidade e me perguntar que espírito

invisível havia passado semanas sentado junto ao meu coração, observando seu funcionamento e registrando cada uma de suas pulsações.

“Avidez de quem ouve!”, repetiu ela. “Sim, o sr. Rochester passou horas sentado, inclinado a escutar os fascinantes lábios que tanto se deleitavam na sua tarefa de comunicação, e mostrou-se muito disposto a ouvir e pareceu muito grato pela distração. Não reparou nisso?”

“Grato! Não me lembro de ter detectado gratidão no rosto dele.”

“Detectado! Quer dizer que você o analisou. E o que detectou, se não gratidão?”

Não falei nada.

“Você viu amor, não viu? E olhando para o futuro o viu casado e sua noiva feliz?”

“Hmpf! Não exatamente. Suas habilidades de bruxa de fato às vezes falham.”

“Que diabos você viu então?”

“Pouco importa. Vim aqui perguntar, não confessar. É fato notório que o sr. Rochester vai se casar?”

“Sim, e com a linda srta. Ingram.”

“Em breve?”

“As aparências apontariam para esse desfecho, e eles sem dúvida formarão um casal extremamente feliz (embora, com uma audácia que merece castigo, você pareça questionar isso). Ele deve amar uma dama tão bela, tão nobre, espirituosa e cheia de prendas, e ela provavelmente o ama, ou, se não ama sua pessoa, pelo menos ama seu dinheiro. Sei que considera a propriedade dos Rochester um partido extremamente bom, embora (Deus me perdoe!) eu tenha lhe dito algo em relação a isso cerca de uma hora atrás que a fez adotar um semblante assombrosamente grave: os cantos de sua boca desabaram um centímetro. Eu recomendaria ao seu moreno

pretendente ficar atento: caso surja outro com uma fortuna mais substancial ou menos complicada, ele está perdido...”

“Mas, mãe, eu não vim aqui ouvir sobre o futuro do sr. Rochester; vim ouvir sobre o meu. E a senhora nada me disse em relação a isso.”

“Seu futuro ainda é incerto; quando examinei seu rosto, um traço contradisse o outro. O acaso lhe reservou um quinhão de felicidade, disso eu tenho certeza. Já tinha antes de vir para cá hoje. Ele o guardou para você com todo o cuidado. Eu vi quando fez isso. Só depende de você estender a mão e pegá-lo, mas o problema que estou estudando é se você vai fazer isso. Ajoelhe-se de novo no tapete.”

“Não me faça ficar assim por tempo demais; o fogo me deixa ardida.”

Ajoelhei-me. Ela não se abaixou na minha direção, apenas me olhou, recostada na poltrona. Começou a resmungar: “As chamas tremeluzem nos olhos; os olhos brilham como o orvalho, são suaves e cheios de sentimento, sorriem ao me ouvir falar. São olhos suscetíveis; as impressões se sucedem em suas límpidas esferas; quando param de sorrir, são olhos tristes: uma lassidão inconsciente pesa nas pálpebras. Isso significa melancolia resultante da solidão. Eles se desviam de mim, não querem mais ser examinados; parecem negar, com uma expressão zombeteira, a verdade das descobertas que fiz até aqui, e negar a acusação tanto de sensibilidade quanto de tristeza. Seu orgulho e sua reserva só fazem confirmar minha opinião. Os olhos são favoráveis.

“Quanto à boca, ela às vezes se delicia rindo. Tem tendência a expressar tudo o que o cérebro imagina, embora eu pense que guarde silêncio em relação a muitas das experiências do coração. Móvel e flexível, nunca teve a intenção de ser comprimida no eterno silêncio da solidão. É uma boca que gostaria de falar muito e sorrir com frequência, e de ter como interlocutor o afeto humano. Esse traço também é auspicioso.

“Somente na frente vejo um inimigo do desfecho favorável, e essa frente afirma: ‘Posso viver sozinha se o respeito por mim mesma e as circunstâncias exigirem que assim seja. Não preciso vender minha alma para comprar felicidade. Tenho um tesouro interior que nasceu comigo e que pode me manter viva caso todos os prazeres externos sejam negados, ou oferecidos apenas mediante um preço que não posso pagar’. A testa declara: ‘A razão está sentada com firmeza e as rédeas na mão, e não vai deixar os sentimentos dispararem e a levarem apressadamente para dentro de precipícios. As paixões podem se amotinar furiosamente, como as verdadeiras nações que são, e os desejos podem imaginar toda sorte de coisas vãs, mas mesmo assim o juízo terá a última palavra em todas as discussões, e o voto decisivo em todas as resoluções. Ventos fortes, terremotos e incêndios podem vir, mas eu seguirei a orientação dessa voz ainda pequenina que interpreta as vontades da consciência’.

“Belas palavras, frente; sua declaração há de ser respeitada. Já tenho os meus planos, planos que considero corretos, e neles respeitei as demandas da consciência e os conselhos da razão. Sei em quão pouco tempo a juventude perde o viço e a flor fenece quando, no cálice de felicidade que é oferecido, detecta-se um fragmento sequer de culpa ou um resquício sequer de arrependimento, e não desejo sacrifício, tristeza, ruína — meu gosto não é esse. Desejo criar, não destruir; conquistar gratidão, não arrancar lágrimas de sangue — não, nem de sal. Minha colheita deve ser toda sorrisos, palavras de ternura, doces... Chega. Acho que estou delirando numa espécie de transe encantador. Agora desejaria prolongar este momento ao infinito, mas não me atrevo. Até agora mantive pleno controle de mim. Agi como jurei internamente que agiria, mas passar deste ponto seria uma provação além das minhas forças. Levante-se, srta. Eyre. Deixe-me a sós. Acabou-se o teatro.”

Onde eu estava? Acordada ou dormindo? Teria sonhado? Ainda estaria sonhando? A voz da velha mulher se modificara; seu modo de falar, seus gestos e tudo o mais nela me eram tão familiares quanto meu próprio rosto num espelho, quanto as palavras proferidas por minha própria língua. Levantei-me, mas não me retirei. Olhei; aticei o fogo e tornei a olhar. Mas ela fechou mais o chapéu e a faixa ao redor do rosto, e novamente acenou para eu sair. As chamas iluminaram sua mão estendida; agora desconfiada e à espreita de qualquer descoberta, na mesma hora reconheci aquela mão. Era tanto a mão encarquilhada de uma velha quanto a minha; era, isso sim, um membro arredondado e flexível, com dedos lisos de formato simétrico, e no mindinho cintilava um grande anel. Eu me inclinei para diante, olhei-o e identifiquei uma pedra preciosa que já tinha visto cem vezes. Novamente olhei para o rosto, que já não estava virado para o outro lado; pelo contrário, o chapéu fora removido, a faixa desamarrada, a cabeça aproximada.

“Bem, Jane, está me reconhecendo?”, perguntou a voz familiar.

“Tire a capa vermelha, senhor, e assim...”

“Mas o cordão deu um nó; ajude-me.”

“Arrebente-o, senhor.”

“Pronto então... ‘Basta de empréstimos!’”¹

E o sr. Rochester tirou o disfarce.

“Ora, senhor, que ideia mais estranha!”

“Mas bem executada, não? Você não acha?”

“Com as senhoras o senhor deve ter se saído bem.”

“Mas com você não?”

“Comigo o senhor não interpretou o papel de uma cigana.”

“E que papel interpretei? O de mim mesmo?”

“Não; algum outro inexplicável. Para resumir, acredito que tenha tentado fazer eu me expor... ou então me enredar. Ficou falando coisas sem sentido para me fazer falar coisas sem sentido. Não é justo, senhor.”

“Você me perdoa, Jane?”

“Não posso responder antes de ter refletido sobre tudo isso. Se ao pensar melhor eu descobrir que não disse nada demasiado absurdo, tentarei perdô-lo; mas não foi correto.”

“Ah, você foi muito correta... muito cuidadosa, muito sensata.”

Refleti e pensei que, de modo geral, tinha sido mesmo. Foi reconfortante; mas na verdade eu quase não havia baixado a guarda desde o início da conversa. Tinha desconfiado de alguma coisa naquela encenação. Sabia que ciganos e videntes não se expressavam como aquela aparente velha tinha se expressado; além do mais, havia notado sua voz forçada, seu esforço para ocultar os próprios traços. Mas meus pensamentos voltavam sempre para Grace Poole, aquele enigma vivo, aquele mistério entre os mistérios, como eu a considerava. O sr. Rochester nunca tinha me passado pela cabeça.

“Bem”, disse ele, “no que está pensando? O que significa esse sorriso grave?”

“Assombro e autocongratulação, senhor. Imagino que eu agora tenha sua permissão para me retirar.”

“Não. Fique um instante. E me diga o que as pessoas lá no salão estão fazendo.”

“Falando sobre a cigana, imagino.”

“Sente-se! Conte-me o que disseram sobre mim.”

“É melhor eu não ficar muito, senhor; devem ser quase onze horas. Ah, sr. Rochester! Sabe que um desconhecido chegou à casa assim que o senhor partiu hoje de manhã?”

“Um desconhecido! Não. Quem poderia ser? Eu não estava esperando ninguém. Ele já foi?”

“Não. Disse que o conhece há muito tempo e que ia tomar a liberdade de se acomodar aqui até o senhor voltar.”

“Ele fez isso? Que diabos! Disse como se chamava?”

“O nome dele é Mason, senhor; e ele vem das Índias Ocidentais, de Spanish Town na Jamaica, acho.”

O sr. Rochester estava em pé perto de mim; tinha segurado minha mão como se fosse me guiar até uma cadeira. Quando eu falei, ele apertou meu pulso com uma força convulsa; o sorriso em seus lábios congelou; um espasmo pareceu fazê-lo arquejar.

“Mason! Índias Ocidentais!”, disse ele, no tom em que seria possível imaginar que um autômato dissesse aquelas palavras. “Mason! Índias Ocidentais!”, repetiu, e tornou a dizer as mesmas sílabas três vezes, ficando cada vez mais branco, mais branco do que cinzas; mal pareceu perceber o que estava fazendo.

“Está se sentindo mal, senhor?”, perguntei.

“Jane, que golpe... que golpe, Jane!” Ele cambaleou.

“Ah, senhor, apoie-se em mim.”

“Jane, você já me ofereceu seu ombro uma vez; permita-me segurá-lo agora.”

“Sim, senhor, claro; e meu braço.”

Ele se sentou e me fez sentar ao seu lado. Segurando a minha mão entre as suas, esfregou-a, e ao mesmo tempo me encarava com uma expressão extremamente perturbada e infeliz.

“Minha pequena amiga”, disse ele, “eu queria estar numa ilha tranquila só na sua companhia e longe de todos os perigos, preocupações e lembranças medonhas.”

“Posso ajudá-lo, senhor? Eu daria a vida para servi-lo.”

“Jane, se eu precisar de ajuda, vou procurá-la com você, isso eu lhe prometo.”

“Obrigada, senhor. Diga-me o que fazer... tentarei fazê-lo, ao menos.”

“Vá buscar um cálice de vinho na sala de jantar para mim, Jane. Eles devem estar ceando; e diga-me se o sr. Mason está com eles e o que faz.”

Eu fui. Encontrei o grupo todo na sala de jantar, ceando, como tinha dito o sr. Rochester. Eles não estavam sentados à mesa: a ceia fora servida num aparador; cada um havia pegado o que desejava, e estavam todos em pé aqui e ali, em grupos, com pratos e copos nas mãos. Pareciam muito bem-dispostos; os risos e as conversas eram generalizados e animados. Em pé junto à lareira, conversando com o coronel Dent e sua esposa, o sr. Mason parecia tão contente quanto qualquer outro dos presentes. Enchi um cálice de vinho (vi a srta. Ingram me olhar com o cenho franzido enquanto eu o fazia; imaginei que pensasse que eu estava tomando liberdade) e voltei para a biblioteca.

A palidez extrema do sr. Rochester tinha desaparecido, e ele exibia novamente um aspecto firme e severo. Pegou o cálice da minha mão.

“À sua saúde, espírito benfeitor!”, disse ele. Engoliu o conteúdo e me devolveu o cálice. “O que eles estão fazendo, Jane?”

“Rindo e conversando, senhor.”

“Não estão com um ar grave e misterioso, como se tivessem ficado sabendo de alguma coisa estranha?”

“Nem um pouco. Estão muito alegres e fazendo brincadeiras.”

“E Mason?”

“Estava rindo também.”

“Se todas essas pessoas entrassem juntas aqui e cuspissem em mim, Jane, o que você faria?”

“Eu as expulsaria do recinto, senhor, se pudesse.”

O sr. Rochester deu um meio sorriso. “Mas se eu fosse ao seu encontro e elas apenas me olhassem com frieza e sussurrassem em voz baixa umas com as outras, depois fossem embora e me abandonassem uma a uma, e nesse caso? Você iria com elas?”

“Eu acho que não, senhor; teria mais prazer em continuar ao seu lado.”

“Para me reconfortar?”

“Sim, senhor, para reconfortá-lo da melhor maneira que conseguisse.”

“E se elas a deixassem no ostracismo por me apoiar?”

“Eu provavelmente nem notaria, e se notasse não daria a menor importância.”

“Então suportaria a censura por mim?”

“Faria isso por qualquer amigo que merecesse o meu apoio, como tenho certeza de que o senhor merece.”

“Volte para a sala agora. Vá discretamente até Mason e cochiche no ouvido dele que o sr. Rochester chegou e deseja lhe falar. Traga-o até aqui, depois vá embora.”

“Sim, senhor.”

Fiz o que ele mandava. Todos me encararam quando passei por eles em linha reta. Procurei o sr. Mason, dei o recado e saí da sala na frente dele. Conduzi-o até a biblioteca, em seguida subi.

Bem tarde, quando já estava na cama havia algum tempo, ouvi os hóspedes se recolherem a seus quartos. Distingui a voz do sr. Rochester dizendo: “Por aqui, Mason; seu quarto é este”.

Ele falava num tom animado; sua voz alegre me tranquilizou o coração. Não demorei a pegar no sono.

1. Alusão a *Rei Lear*, de Shakespeare.

XX

Eu tinha esquecido de fechar a cortina do quarto, como em geral fazia, e também de abaixar a persiana da janela. Consequentemente, quando a lua que estava cheia e brilhante (pois era uma bela noite) na sua trajetória chegou ao trecho de céu em frente à minha janela e me olhou através das vidraças descobertas, seu olhar glorioso me fez despertar. Acordei no meio da noite e abri os olhos para sua esfera de um branco prateado e límpida como cristal. Era uma visão linda, mas demasiado solene. Levantei-me parcialmente e estiquei o braço para fechar a cortina.

Deus do céu! Que grito!

A noite, seu silêncio, sua tranquilidade foram rasgados por um som selvagem, agudo e estridente que percorreu Thornfield Hall de um extremo a outro.

Minha pulsação parou; meu coração se imobilizou; meu braço estendido ficou paralisado. O grito se calou e não se repetiu. De fato, a criatura que havia proferido aquele grito assustador não poderia repeti-lo tão cedo: nem mesmo o maior condor dos Andes poderia soltar duas vezes seguidas um mesmo grito como aquele das nuvens que cercavam seu ninho. A criatura que desse tal grito precisaria descansar antes de conseguir repetir o feito.

O grito tinha vindo do terceiro andar, pois passara acima da minha cabeça. E lá em cima, sim, no cômodo imediatamente acima do teto do meu quarto, escutei então uma luta, uma luta que pelo barulho parecia de morte, e uma voz parcialmente abafada gritou: “Socorro! Socorro! Socorro!”, três vezes em rápida sucessão.

“Será que ninguém vai vir?”, gritou a voz. E então, enquanto os ruídos de pessoas cambaleando e batendo com os pés no chão prosseguiram descontrolados, pude distinguir através das tábuas e da alvenaria: “Rochester! Rochester! Pelo amor de Deus, venha!”.

A porta de um quarto se abriu; alguém saiu correndo ou andando apressado pelo corredor. Mais um passo pisou o chão do andar de cima, e algo caiu; fez-se então silêncio.

Embora todos os meus membros tremessem de pavor, eu tinha vestido algumas roupas; saí do quarto. Todos os que estavam dormindo tinham sido acordados: interjeições e murmúrios apavorados se faziam ouvir em cada cômodo; portas atrás de portas se abriram; alguém espiou para fora seguido de outro alguém; o corredor ficou repleto. Tanto os cavalheiros quanto as damas tinham se levantado da cama, e “Ah, o que está acontecendo?”, “Quem se machucou?”, “O que houve”, “Vá buscar uma luz!”, “É um incêndio?”, “São ladrões?”, “Para onde devemos correr?” foram indagados confusamente de todos os lados. Não fosse o luar, a escuridão teria sido completa. Todos correram para lá e para cá, então se reuniram. Alguns soluçavam, outros cambaleavam numa confusão indistinta.

“Onde diabos está Rochester?”, exclamou o coronel Dent. “Não o encontrei na sua cama.”

“Estou aqui! Estou aqui!”, ouviu-se alguém gritar em resposta. “Calma, todos vocês. Estou indo.”

A porta no final do corredor se abriu, e o sr. Rochester surgiu com uma vela; acabara de descer do andar de cima. Uma das senhoras correu na hora até ele e o agarrou pelo braço; era a srta. Ingram.

“Que coisa horrível foi essa que aconteceu?”, perguntou ela. “Fale! Digam-nos logo o pior!”

“Mas não me derrubem nem me esganem”, respondeu ele, pois as srtas. Eshton agora o agarravam, e as duas viúvas, ambas trajando amplos robes brancos, singravam na sua direção feito dois navios com todas as velas desfraldadas.

“Está tudo bem! Está tudo bem!”, gritou ele. “É só um ensaio de *Muito barulho por nada*. Afastem-se, senhoras, ou vou ficar perigoso.”

E ele de fato parecia perigoso; seus olhos escuros chispavam. Acalmando-se com esforço, acrescentou: “Uma criada teve um pesadelo, só isso. Ela é uma pessoa suscetível e nervosa; transformou o próprio sonho numa aparição ou algo assim, sem dúvida, e teve um ataque de pavor. Mas agora preciso que todos vocês voltem para os seus quartos, pois enquanto a casa não estiver tranquila ela não poderá ser cuidada. Cavalheiros, queiram ter a bondade de dar o exemplo às damas. Srta. Ingram, estou certo de que não vai deixar de se mostrar superior em relação a terrores sem importância. Amy e Louisa, voltem para seus ninhos como as duas pombinhas que são. *Mesdames*” (para as viúvas), “as senhoras com certeza vão pegar um resfriado se continuarem por mais tempo aqui neste corredor frio.”

E assim, graças à alternância de insistência com ordens, ele conseguiu fazer todos voltarem para os respectivos quartos e lá se trancarem. Eu não queria que me mandassem voltar para o meu, porém, voltei sem chamar a atenção, do mesmo jeito que havia chegado.

Mas não foi para ir para a cama; muito pelo contrário, terminei de me vestir com cuidado. Os barulhos que escutara depois do grito e as palavras

pronunciadas provavelmente haviam sido escutados apenas por mim, pois tinham vindo do quarto acima do meu, mas garantiam que aquilo que espalhara o terror pela casa não tinha sido o pesadelo de uma criada, e que as explicações dadas pelo sr. Rochester eram apenas uma invenção destinada a acalmar os hóspedes. Vesti-me, portanto, de modo a estar pronta para qualquer emergência. Uma vez vestida, passei muito tempo sentada junto à janela, olhando para o jardim silencioso e para os campos cor de prata e esperando não sabia o quê. Parecia-me que algum acontecimento deveria se suceder ao estranho grito, à luta e ao chamado.

Mas não. A imobilidade retornou. Todos os murmúrios, todos os movimentos foram cessando aos poucos, e em cerca de uma hora Thornfield Hall estava novamente tão silenciosa quanto um deserto. O sono e a noite pareciam ter recuperado seu império. Enquanto isso, a lua havia baixado; estava prestes a se pôr. Como eu não queria ficar sentada no frio e no escuro, pensei em ir deitar na cama, vestida como estava. Saí da janela e atravessei o tapete sem fazer barulho. Quando parei para tirar os sapatos, a mão cautelosa de alguém bateu de leve na porta.

“Alguém precisa de mim?”, perguntei.

“Está acordada?”, perguntou a voz que eu esperava ouvir, a saber, a de meu patrão.

“Sim, senhor.”

“E vestida?”

“Sim.”

“Então saia sem fazer barulho.”

Obedeci. O sr. Rochester estava em pé no corredor, segurando uma luz.

“Preciso de você”, disse ele. “Venha por aqui; não se apresse e não faça barulho.”

Meus sapatos eram finos; eu podia andar pelo tapete com passos tão leves quanto os de um gato. O sr. Rochester foi até o final do corredor, subiu a escada e parou no escuro e baixo corredor do fatídico terceiro andar. Eu o segui e parei ao seu lado.

“Você tem uma esponja no seu quarto?”, perguntou ele num sussurro.

“Tenho, senhor.”

“E sais, sais de cheiro?”

“Sim.”

“Volte e pegue as duas coisas.”

Voltei, procurei a esponja ao lado da pia, os sais na minha gaveta, depois refiz mais uma vez o mesmo caminho. O sr. Rochester continuava esperando; tinha uma chave na mão. Aproximando-se de uma das pequenas portas pretas, inseriu-a na fechadura; então parou e tornou a falar comigo.

“Você passa mal quando vê sangue?”

“Acho que não vou passar. Ainda não tive essa experiência.”

Senti um arrepio ao lhe responder, mas não frio nem tontura.

“Me dê a sua mão”, disse ele. “Não podemos arriscar um desmaio.”

Pus os dedos nos dele. “Mornos e firmes”, foi seu comentário. Então girou a chave e abriu a porta.

Vi um quarto que me lembrava de já ter visto antes, no dia em que a sra. Fairfax me mostrara a casa. Tapeçarias cobriam as paredes, mas elas agora estavam presas num dos lados, e era possível ver uma porta que antes ficava escondida. Essa porta estava aberta; uma luz vinha do cômodo mais além. Ali escutei um ruído de rosnado, de bocadas, quase como um cão brigando. O sr. Rochester pousou sua vela; disse-me: “Espere um minuto”, e entrou no outro cômodo. Uma risada gritada saudou sua chegada, ruidosa no início e concluída com o malévolo ha! ha! de ninguém menos do que Grace Poole. Então *ela* estava ali dentro. Ele realizou algum tipo de arrumação sem dizer

nada, embora eu tenha escutado uma voz baixa lhe falar. Então saiu e fechou a porta atrás de si.

“Jane, aqui!”, o sr. Rochester falou, e dei a volta até o outro lado de uma cama grande que, com suas cortinas fechadas, escondia uma parte considerável do quarto. Junto à cabeceira havia uma poltrona. Nela estava sentado um homem, todo vestido, a não ser pelo casaco. Estava imóvel. Sua cabeça pendia para trás. Seus olhos estavam fechados. Reconheci em seu rosto pálido e aparentemente sem vida o desconhecido, Mason. Vi também que um dos lados de sua roupa e um dos braços estavam quase ensopados de sangue.

“Segure a vela!”, disse o sr. Rochester, e eu a peguei. Ele foi buscar uma bacia d’água na bancada que servia de pia. “Segure isto”, falou. Obedeci. Ele pegou a esponja, mergulhou-a na água e com ela umedeceu o rosto semelhante ao de um cadáver; em seguida pediu meu frasco de sais de cheiro e os aproximou das narinas. O sr. Mason abriu os olhos por um breve instante; ele grunhiu. O sr. Rochester abriu a camisa do homem ferido, cujos braço e ombro estavam envoltos por uma atadura. Limpou com a esponja o sangue, que escorria depressa.

“Há algum perigo imediato?”, murmurou o sr. Mason.

“Pff! Não... foi só um arranhão. Não se deixe abater assim, homem, aguenta! Eu mesmo vou chamar um médico para você agora. Espero que pela manhã possa ser transportado. Jane”, chamou ele.

“Pois não, senhor?”

“Terei que deixá-la aqui neste quarto com este cavalheiro durante uma hora, talvez duas. Quando o sangue tornar a brotar, você o limpará como eu fiz. Se ele começar a perder os sentidos, leve o copo d’água que está naquela bancada aos lábios dele, e os seus sais ao seu nariz. Não falará com ele em hipótese alguma... e, Richard, você estará arriscando a vida se falar

com ela. Se abrir a boca, se ficar agitado, não responderei pelas consequências.”

Mais uma vez o pobre homem grunhiu; pelo visto, não ousava se mexer; o medo, da morte ou de alguma outra coisa, parecia deixá-lo quase paralisado. O sr. Rochester pôs na minha mão a esponja agora ensanguentada, e comecei a usá-la como ele havia feito. Ele me observou por alguns instantes e saiu do quarto, dizendo: “Lembre-se: nada de conversas!”. Fui tomada por um estranho sentimento quando a chave arranhou a fechadura e o barulho de seus passos se afastando não pôde mais ser ouvido.

Ali estava eu, portanto, no terceiro andar, dentro de um de seus misteriosos cômodos, rodeada pela noite, com uma cena pálida e sangrenta diante de meus olhos e sob as minhas mãos, e uma assassina de quem uma única porta mal me separava. Sim, aquilo era pavoroso; o resto eu podia suportar, mas estremecia ao pensar em Grace Poole vindo para me atacar.

No entanto, tive de permanecer no meu posto. Tive de olhar para aquela imagem medonha, para aqueles lábios azuis e imóveis proibidos de se abrir, para aqueles olhos ora fechados, ora abertos, ora passeando pelo quarto, ora fixos em mim, e sempre recobertos pelo brilho opaco do terror. Tive de mergulhar a mão vezes sem conta na bacia de água e sangue e limpar a ferida que escorria. Tive de ver a luz da vela acesa enfraquecer ao redor de meus gestos, as sombras se adensarem nas antigas e intrincadas tapeçarias que me cercavam e enegrecerem sob o cortinado da imensa e velha cama, e estremecerem de um jeito estranho nas portas de um grande guarda-roupa em frente a ela — cuja parte dianteira, dividida em doze painéis, exibia num estilo sombrio as cabeças dos doze apóstolos, cada qual limitada por seu painel distinto como por uma moldura, enquanto acima delas, no alto, erguia-se um crucifixo de ébano e um Cristo agonizante.

Conforme a obscuridade movente e a luz que tremeluzia pousavam aqui ou batiam acolá, era Lucas, o médico barbado, quem curvava a cabeça; eram os cabelos compridos de são João que ondulavam; e logo era o rosto diabólico de Judas que surgia do painel, parecendo ganhar vida e ameaçar uma revelação do arquitraidor — Satã em pessoa — na forma de seu subordinado.

Em meio a tudo isso, além de observar, tive de escutar. Tive de ficar atenta aos movimentos da besta selvagem ou do demônio em seu antro para lá da porta. No entanto, desde a visita do sr. Rochester, ele parecia paralisado por um feitiço. Durante a noite inteira, eu só havia escutado três sons separados por três longos intervalos: um passo com um rangido, uma repetição momentânea do rosnado canino e um profundo gemido humano.

Meus próprios pensamentos me atormentavam também. Que crime seria aquele que vivia encarnado naquela mansão isolada e não podia nem ser expulso nem subjugado por seu dono? Que mistério seria aquele que explodia ora em fogo, ora em sangue nas horas mais silenciosas da noite? Que criatura seria aquela que, disfarçada com o rosto e a forma de uma mulher comum, falava com a voz ora de um demônio zombeteiro, ora de uma ave de rapina ávida por carniça?

E aquele homem acima do qual eu estava curvada, aquele desconhecido normal e calado, como ele teria se envolvido naquela teia de horror? E por que a Fúria o teria atacado? O que o levava a buscar aquela parte da casa numa hora tão estranha, quando deveria estar dormindo em sua cama? Eu ouvira o sr. Rochester lhe atribuir um quarto no andar de baixo; o que o teria levado até ali? E por que ele estava agora tão dócil diante da violência ou traição de que fora vítima? Por que se submetia com tanta calma ao segredo pedido pelo sr. Rochester? *Por que* o sr. Rochester fazia questão desse segredo? Seu hóspede fora agredido, e numa ocasião anterior sua

própria vida fora objeto de um terrível complô, e ambas as tentativas ele sufocava com segredos e afundava no esquecimento! Por fim, vi que o sr. Mason era subjugado pelo sr. Rochester; que a impetuosa força de vontade do segundo exercia completo domínio sobre a inércia do primeiro. As poucas palavras trocadas pelos dois me davam certeza disso. Era óbvio que, no seu relacionamento anterior, a disposição passiva de um tinha sido habitualmente influenciada pela energia ativa do outro. De onde, então, teria vindo a consternação do sr. Rochester ao saber da chegada do sr. Mason? Por que o simples nome daquele dócil indivíduo — a quem agora podia controlar, como a uma criança, com o mero uso da palavra — poucas horas antes o abatera como um raio pode abater um carvalho?

Ah! Eu não conseguia esquecer sua expressão e sua palidez ao sussurrar: “Jane, que golpe... que golpe, Jane!”. Não conseguia esquecer como o braço que repousava no meu ombro havia tremido. E não era uma coisa à toa que iria vergar assim o espírito decidido e abater o corpo vigoroso de Fairfax Rochester.

“Quando ele vai voltar? Quando ele vai voltar?”, gemia eu por dentro à medida que a noite prosseguia interminável e meu paciente sangrava, pendia, gemia e padecia. Nem o dia nem a ajuda vieram. Inúmeras vezes eu tinha levado a água até os lábios brancos de Mason; inúmeras vezes tinha lhe oferecido os sais estimulantes. Meus esforços pareciam não adiantar. O sofrimento físico ou mental, ou a perda de sangue, ou as três coisas juntas minavam rapidamente sua força. Ele gemia tanto, e parecia tão fraco, desvairado e perdido, que temi que estivesse morrendo; e não podia sequer falar com ele.

A vela afinal chegou ao fim e se extinguiu; quando ela se apagou, reparei que riscas de luz cinza surgiam nas bordas das cortinas da janela; o dia estava raiando. Pouco depois, ouvi Piloto latir bem lá embaixo, em seu

distante canil no pátio; minha esperança se reacendeu. E era justificada. Dali a mais cinco minutos, o barulho da chave e a fechadura girando me alertaram que minha vigília chegara ao fim. Não podia ter durado mais de duas horas. Muitas semanas já me haviam parecido mais curtas.

O sr. Rochester entrou, e junto com ele o médico que ele fora buscar.

“Atenção agora, Carter”, disse ele para este último; “dou-lhe apenas meia hora para fazer um curativo no ferimento, prender as ataduras, ir lá para baixo com o paciente e todo o resto.”

“Mas, senhor, ele está em condições de se mover?”

“Sem dúvida; não é nada sério; ele está nervoso, é preciso manter seu ânimo. Vamos, ao trabalho!”

O sr. Rochester puxou de lado a pesada cortina, subiu a persiana de tecido, deixou entrar toda a luz do dia possível, e fiquei surpresa e contente ao ver como o dia estava avançado. Riscos rosados começavam a iluminar o céu do leste. Ele então foi até o sr. Mason, de quem o médico já estava cuidando.

“Então, meu bom rapaz, como está você?”, perguntou.

“Temo que ela tenha me matado”, foi a débil resposta.

“Longe disso! Coragem! Daqui a duas semanas você não vai nem se lembrar do que aconteceu hoje. Perdeu um pouco de sangue, só isso. Carter, assegure-o de que não corre perigo.”

“Posso afirmar isso em sã consciência”, disse Carter, que agora já tinha desamarrado as ataduras; “só queria ter chegado aqui antes. Ele não teria perdido tanto sangue. Mas o que é isto aqui? A pele do ombro está rasgada, além de cortada. Este ferimento não foi causado por uma faca. Algum dente foi cravado aqui!”

“Ela me mordeu”, murmurou ele. “Me atacou como uma tigresa quando Rochester tirou a faca da mão dela.”

“Você não deveria ter cedido. Deveria ter se engalfinhado com ela na hora”, disse o sr. Rochester.

“Mas o que eu podia fazer naquela situação?”, retrucou Mason. “Ah, foi horrível!”, acrescentou ele, e estremeceu. “E eu não esperava: ela no início parecia tão calma.”

“Eu avisei”, foi a resposta do amigo dele; “falei: fique atento quando chegar perto dela. Além do mais, você poderia ter esperado mais um dia e ter ido junto comigo. Foi pura loucura tentar falar com ela à noite e sozinho.”

“Eu pensei que poderia ter feito algum bem.”

“Pensou! Pensou! Sim, escutá-lo me deixa impaciente. Mas você sofreu, e provavelmente ainda sofrerá bastante por não seguir meu conselho; de modo que não direi mais nada. Carter... depressa! Depressa! O sol logo vai nascer, e eu preciso que ele vá embora.”

“Agora mesmo, senhor; acabei de enfaixar o ombro. Preciso cuidar deste outro ferimento aqui no braço. Acho que ela cravou os dentes aqui também.”

“Ela chupou o sangue. Falou que ia secar meu coração”, disse Mason.

Vi o sr. Rochester estremeecer. Uma expressão patente de repulsa, horror e ódio lhe distorceu os traços até quase deformá-los, mas ele disse apenas: “Vamos, Richard, fique quieto, e não ligue para as bobagens que ela disse. Não as repita”.

“Quem me dera poder esquecer”, foi a resposta.

“Você vai esquecer quando tiver saído do país. Quando estiver de volta a Spanish Town, poderá pensar nela como morta e enterrada... ou melhor, não precisará nem pensar nela.”

“Impossível esquecer esta noite!”

“Não é impossível; tenha um pouco de energia, homem. Duas horas atrás você pensava estar morto, e agora está vivo e falando. Pronto! Carter já terminou de cuidar de você, ou quase; vou deixá-lo apresentável num instante. Jane” (ele se virou para mim pela primeira vez desde que havia tornado a entrar), “pegue esta chave. Desça até meus aposentos e vá direto até meu quarto de vestir; abra a primeira gaveta de cima do armário e pegue uma camisa e um lenço de pescoço limpos. Traga-os aqui; e não faça barulho.”

Fui; procurei a gaveta que ele havia mencionado, encontrei as peças pedidas e voltei com elas.

“Agora”, disse o sr. Rochester, “vá até o outro lado da cama enquanto eu arrumo as roupas dele, mas não saia do quarto. Pode ser que eu ainda precise de você.”

Afastei-me como pedido.

“Alguém estava se mexendo lá embaixo quando você desceu, Jane?”, quis saber então o sr. Rochester.

“Não, senhor; está tudo muito silencioso.”

“Vamos levar você embora tranquilamente, Dick. E vai ser melhor assim, tanto para o seu bem quanto para o da criatura ali dentro. Passei muito tempo me esforçando para evitar uma exposição, e não gostaria que isso acontecesse agora. Venha, Carter, ajude-o a vestir o colete. Onde você deixou sua capa forrada de pele? Bem sei que não consegue viajar nem uma milha sem ela neste maldito clima frio. No seu quarto? Jane, desça correndo até o quarto do sr. Mason, o que fica ao lado do meu, e pegue a capa que encontrar lá.”

Mais uma vez saí correndo, e mais uma vez retornei, dessa vez trazendo um imenso manto forrado e debruado de pele.

“Agora tenho mais um pedido a lhe fazer”, disse meu incansável patrão; “você precisa ir outra vez até o meu quarto. Que bom que está calçando sapatos de veludo, Jane! Um mensageiro de tamancos nunca serviria numa situação como esta. Você precisa abrir a gaveta do meio da minha penteadeira e pegar um pequeno frasco e um copinho que vai encontrar lá dentro... depressa!”

Fui e voltei voando, com os recipientes desejados.

“Muito bem! Agora, doutor, tomarei a liberdade de administrar uma dose eu mesmo, por minha conta e risco. Consegui esta poção em Roma, com um charlatão italiano... um sujeito que você teria chutado, Carter. Não é algo a ser usado indiscriminadamente, mas de vez em quando é bom; agora, por exemplo. Um pouco d’água, Jane.”

Ele estendeu o copinho, e eu o enchi até a metade com a jarra d’água que estava em cima da bancada.

“Já chega. Agora molhe a borda do frasco.”

Assim o fiz; ele contou doze gotas de um líquido vermelho-escuro que ofereceu a Mason.

“Beba, Richard. Isso vai lhe dar a coragem que lhe falta por uma hora ou duas.”

“Mas vai me causar dor... é irritante?”

“Beba! Beba! Beba!”

O sr. Mason obedeceu, pois evidentemente era inútil resistir. Ele agora já estava vestido. Continuava pálido, mas já não estava sujo e ensanguentado. O sr. Rochester o deixou permanecer ali sentado por três minutos após ele ter bebido o líquido; então o segurou pelo braço.

“Agora tenho certeza de que você consegue ficar em pé”, falou; “tente.”

O paciente se levantou.

“Carter, segure-o por baixo do outro ombro. Ânimo, Richard; fique em pé... isso!”

“Sinto-me de fato melhor”, comentou o sr. Mason.

“Tenho certeza de que sim. Agora, Jane, siga na nossa frente até a escada dos fundos; abra o trinco da porta lateral e diga ao condutor da diligência que vai encontrar no pátio — ou bem em frente à porta, pois eu lhe disse para não passar na calçada com suas rodas barulhentas — para ficar pronto, que já estamos chegando. E, Jane, se alguém na casa estiver acordado, chegue no pé da escada e pigarreie.”

Àquela altura eram cinco e meia da manhã, e o sol estava prestes a nascer; no entanto, encontrei a cozinha ainda escura e silenciosa. A porta lateral estava fechada com o trinco; abri-a com o mínimo de barulho possível. O pátio inteiro estava silencioso, mas os portões estavam abertos de par em par, e parada lá fora havia uma diligência com os cavalos já arreados e o condutor acomodado em seu assento. Fui até ele e avisei que os cavalheiros estavam chegando; ele aquiesceu. Então olhei em volta com cuidado e apurei os ouvidos. O silêncio do início da manhã reinava por toda parte; as cortinas das janelas dos quartos dos empregados ainda estavam fechadas; os passarinhos mal começavam a piar nas árvores cobertas de flores do pomar, cujos galhos pendiam qual guirlandas brancas por cima do muro que delimitava um dos lados do pátio; os cavalos fechados em seus estábulos às vezes batiam os cascos no chão. Todo o resto era silêncio.

Os cavalheiros então apareceram. Amparado pelo sr. Rochester e pelo médico, Mason parecia caminhar com relativa facilidade. Eles o ajudaram a subir no transporte; Carter também embarcou.

“Cuide bem dele”, disse o sr. Rochester para este último, “e mantenha-o na sua casa até ele ficar bem. Daqui a um ou dois dias vou ver como ele está passando. Como está se sentindo, Richard?”

“O ar puro está me revigorando, Fairfax.”

“Deixe a janela aberta deste lado, Carter; não está ventando. Adeus, Dick.”

“Fairfax...”

“Sim, o que foi?”

“Cuidem dela. Tratem-na com o máximo de carinho possível. Façam com que ela...” Ele se deteve e começou a chorar.

“Estou fazendo o melhor que posso; assim fiz e assim farei”, foi a resposta. Ele fechou a porta da diligência e o veículo partiu.

“Mas quisera Deus que isso tudo chegasse ao fim!”, acrescentou o sr. Rochester enquanto fechava e passava o trinco nos pesados portões do pátio. Isso feito, ele caminhou com o passo lento e um ar distraído na direção de uma porta no muro rente ao pomar. Supondo que não precisasse mais de mim, preparei-me para voltar para dentro; mais uma vez, porém, ouvi-o chamar “Jane!”. Ele abriu o portão e estava em pé na soleira, à minha espera.

“Venha aqui onde está mais fresco por alguns instantes”, disse ele; “essa casa não passa de uma masmorra. Você não acha?”

“A mim parece uma esplêndida mansão, senhor.”

“O verniz da inexperiência recobre seus olhos”, respondeu ele, “e você a vê com um olhar encantado. Não percebe que as douraões são sujeira e as cortinas de seda, teias de aranha, que o mármore não passa de sórdida ardósia e que as madeiras enceradas são apenas lascas descartadas e cascas esfareladas. Mas *aqui*” (ele apontou para o recinto verde que acabáramos de adentrar) “tudo é real, agradável e puro.”

Ele avançou por um caminho margeado de buxinho, com macieiras, pereiras e cerejeiras de um lado, e do outro um canteiro cheio de todo tipo de flor tradicional, goivos, dantos, prímulas, margaridas, tudo misturado a

abrótanos, rosas-bravas e ervas aromáticas diversas. Estas agora tinham o viço que só uma sucessão de chuvas e sol de abril seguida por uma linda manhã de primavera podiam conferir. O sol surgia naquele exato momento ao leste no céu, e sua luz iluminava as árvores cobertas de folhas e orvalho e se refletia nos caminhos tranquilos abaixo delas.

“Aceita uma flor, Jane?”

Ele colheu uma rosa parcialmente desabrochada, a primeira da roseira, e me ofereceu.

“Obrigada, senhor.”

“Gosta desse nascer do sol, Jane? Desse céu com suas nuvens altas e leves, que certamente vão se desfazer quando o dia ficar mais quente... dessa atmosfera tranquila e fresca?”

“Gosto, sim, muito.”

“Você teve uma noite estranha, Jane.”

“Sim, senhor.”

“E ela a deixou pálida... teve medo quando a deixei sozinha com Mason?”

“Tive medo de alguém sair do quarto ao lado.”

“Mas eu tinha trancado a porta... Estava com a chave no bolso. Teria sido um pastor descuidado caso houvesse deixado um cordeiro, meu cordeiro preferido, tão próximo da toca de um lobo sem estar protegido. Você estava segura.”

“Grace Poole vai continuar morando aqui, senhor?”

“Ah, sim! Não se preocupe com ela... tire isso da cabeça.”

“Mas me parece que sua vida não está muito segura enquanto ela continuar aqui.”

“Não tenha medo... eu sei me cuidar.”

“O perigo que o senhor sentiu ontem passou, senhor?”

“Só posso garantir isso quando Mason estiver longe da Inglaterra. E nem assim. Para mim, Jane, viver é pisar na crosta de uma cratera que a qualquer momento pode rachar e cuspir fogo.”

“Mas o sr. Mason parece um homem fácil de conduzir. A influência do senhor sobre ele é obviamente forte. Ele nunca vai desafiá-lo nem feri-lo voluntariamente.”

“Ah, não! Mason não vai me desafiar, tampouco me ferir por vontade própria... mas de modo não intencional pode num instante, com uma palavra descuidada, me privar para sempre senão da vida, da felicidade.”

“Diga a ele para tomar cuidado, senhor. Diga a ele o que teme e mostre-lhe como evitar o perigo.”

Ele deu uma risada sardônica, segurou depressa minha mão e com a mesma rapidez a soltou.

“Se eu pudesse fazer isso, inocente, onde estaria o perigo? Seria destruído num instante. Desde que conheço Mason, só precisei lhe dizer: ‘Faça isso’, e a coisa foi feita. Mas neste caso não posso lhe dar ordens. Não posso dizer: ‘Cuidado para não me prejudicar, Richard’, pois é de suma importância mantê-lo ignorante em relação ao fato de que é possível me prejudicar. Agora você parece intrigada, e vou intrigá-la ainda mais. Você é minha pequena amiga, não é?”

“Gosto de servi-lo, senhor, e de obedecer-lhe em tudo o que é correto.”

“Justamente; vejo isso. Vejo um contentamento genuíno no seu comportamento e na sua expressão, nos seus olhos e no seu rosto, quando está me ajudando e me agradando... quando está trabalhando para mim e comigo em, como você diz de modo tão característico, ‘tudo o que é correto’. Pois se eu lhe dissesse para fazer algo que julgasse errado, não haveria nenhuma correria de passos leves, nenhuma hábil presteza, nenhum olhar vivaz, nenhuma expressão animada. Nesse caso, minha amiga se

viraria para mim, calma e pálida, e diria: ‘Não, senhor, é impossível. Não posso fazer isso porque é errado’; e permaneceria imóvel como uma estrela fixa. Bem, você também tem poder sobre mim e é capaz de me ferir. Não me atrevo a lhe mostrar onde sou vulnerável de medo de que, por mais fiel e amiga que seja, você me traspasse na mesma hora.”

“Se tiver tanto a temer do sr. Mason quanto tem de mim, está muito seguro.”

“Deus permita que assim seja! Olhe, Jane, um caramanchão; sente-se.”

O caramanchão era um arco no muro revestido de hera, no centro do qual havia um banco rústico. O sr. Rochester sentou-se ali, mas deixou espaço para mim. Eu, contudo, fiquei em pé na frente dele.

“Sente-se”, insistiu; “o banco é comprido que chegue para dois. Não está hesitando em se sentar ao meu lado, está? Isso é errado, Jane?”

Respondi-lhe me sentando. Pensei que seria insensato recusar.

“Agora, minha pequena amiga, enquanto o sol bebe o orvalho, enquanto todas as flores deste velho jardim despertam e se abrem, enquanto os pássaros vão buscar no milharal o desjejum de seus pequenos e as abelhas matinais fazem seus primeiros trabalhos, vou lhe apresentar uma questão que deve considerar como se fosse sua. Mas primeiro olhe para mim e me diga que está à vontade e que não teme que eu esteja agindo errado ao mantê-la aqui, ou que você esteja agindo errado ao ficar.”

“Não, senhor; estou satisfeita.”

“Bem, Jane, nesse caso use sua imaginação: imagine que não é mais uma moça bem-criada e disciplinada, mas um menino sem rédeas mimado desde a infância; imagine-se numa terra estrangeira distante; imagine que lá cometeu um erro capital, pouco importa de que natureza ou por que motivo, mas um erro cujas consequências a acompanharão por toda a vida e macularão toda a sua existência. Veja bem, eu não disse um *crime*; não me

refiro a verter sangue ou nenhum outro ato criminoso que pudesse deixar o responsável à mercê da lei. A palavra que usei foi *erro*. Com o passar do tempo, os resultados daquilo que você fez se tornam totalmente insuportáveis para você; você toma providências para obter alívio; providências incomuns, mas nem proibidas nem repreensíveis. Mesmo assim sente-se triste, pois a esperança a abandonou nos confins mais remotos da existência. O seu sol do meio-dia escurece num eclipse que você tem a sensação de que não vai passar até a hora do poente. Relações amargas e ultrajantes tornaram-se o único alimento da sua memória. Você vaga sem rumo, buscando descanso no exílio, felicidade no prazer — refiro-me ao prazer sensual e desprovido de emoção —, do tipo que entorpece o intelecto e embota os sentimentos. Com o coração exausto e a alma ressequida, volta para casa após anos de exílio voluntário. Conhece uma pessoa, não importa como nem onde. Encontra nessa pessoa desconhecida muitas das qualidades boas e positivas que buscou por vinte anos sem nunca encontrar; e elas estão todas frescas, saudáveis, sem sujeira e sem mácula. Essa relação a faz reviver e a regenera. Você sente dias melhores chegarem, tem desejos mais nobres, sentimentos mais puros; quer recomeçar a vida e passar o que resta dos seus dias de um modo mais digno de uma criatura imortal. Para alcançar esse fim, é-lhe permitido ignorar um obstáculo do costume, um impedimento apenas convencional que nem sua consciência santifica nem sua razão aprova?”

Ele parou para esperar uma resposta. O que eu poderia dizer? Ah, quem me dera um espírito bom me sugerisse uma resposta judiciosa e satisfatória! Que desejo vão! O vento oeste sussurrava na hera à minha volta, mas nenhum bondoso Ariel¹ tomou emprestado seu sopro para falar comigo. Os pássaros cantavam no alto das árvores, mas seu canto, por mais belo que fosse, era desarticulado.

O sr. Rochester tornou a fazer sua pergunta:

“O homem errante e pecador, mas que agora almeja o descanso e o arrependimento, está justificado em desafiar a opinião do mundo de modo a prender junto a si para todo o sempre essa criatura desconhecida e bondosa, graciosa e afável, garantindo assim sua própria paz de espírito e a regeneração de sua vida?”

“Senhor”, respondi, “o repouso de um homem errante ou a conversão de um pecador nunca deveriam depender de um semelhante. Homens e mulheres morrem; a sabedoria dos filósofos vacila, assim como a bondade dos cristãos. Se alguém que o senhor conhece sofreu e cometeu erros, que busque além dos seus semelhantes a força para se emendar e a tranquilidade para alcançar a cura.”

“Mas o instrumento... o instrumento! O mesmo Deus que cria a obra aponta o instrumento. Eu próprio, e lhe digo isso sem parábola, já fui um homem mundano, devasso, inquieto; e acredito ter encontrado o instrumento da minha cura em...”

Ele se interrompeu. Os pássaros seguiram cantando, as folhas farfalhavam de leve. Quase me perguntei por que eles não interrompiam seus cantos e sussurros para captar a revelação iminente; mas teriam tido que esperar muitos minutos, de tanto que o silêncio durou. Por fim, ergui os olhos para meu atrasado interlocutor. Ele me encarava avidamente.

“Minha pequena amiga”, disse o sr. Rochester num tom bem diferente, ao mesmo tempo que sua expressão também mudava, perdendo toda a suavidade e a gravidade e tornando-se dura e sarcástica, “você reparou na minha inclinação afetuosa pela srta. Ingram. Não acha que se eu a desposasse ela me regeneraria na hora?”

Ele se levantou imediatamente, foi quase até o outro extremo do caminho, e ao voltar estava cantarolando uma melodia.

“Jane, Jane”, falou, parando na minha frente. “Você está muito pálida com todo esse tempo sem dormir; não me maldiz por atrapalhar seu descanso?”

“Maldizê-lo? Não, senhor.”

“Aperte minha mão para confirmar o que diz. Que dedos frios! Estavam mais quentes ontem à noite quando os toquei na porta do misterioso quarto. Jane, quando vai ficar acordada comigo de novo?”

“Sempre que eu puder ser útil, senhor.”

“Por exemplo, na véspera do meu casamento! Tenho certeza de que não conseguirei dormir. Promete ficar acordada comigo para me fazer companhia? Com você posso falar sobre minha bela, pois agora você a viu e a conhece.”

“Sim, senhor.”

“Ela é uma pérola rara, não é, Jane?”

“Sim, senhor.”

“Um deslumbre, um verdadeiro deslumbre, Jane: alta, morena e opulenta, com os cabelos como deviam ser os das damas de Cartago. Por Deus! Ali estão Dent e Lynn nos estábulos! Entre pelo meio dos arbustos, por aquele portãozinho.”

Enquanto eu ia para um lado, ele foi para o outro, e pude ouvi-lo no pátio dizendo num tom jovial: “Mason hoje madrugou, acordou antes de todos vocês; partiu antes de o sol nascer. Acordei às quatro da manhã para me despedir dele”.

1. Referência ao personagem de *A tempestade*, de Shakespeare.

Pressentimentos são uma coisa estranha! Afinidades também; e o mesmo vale para os sinais. E as três coisas combinadas formam um mistério único para o qual a humanidade ainda não encontrou resposta. Nunca ri dos pressentimentos na minha vida, pois eu mesma já tive alguns bem estranhos. A meu ver, existem afinidades (por exemplo entre parentes distantes, há muito separados, que apesar do afastamento confirmam a unidade da fonte à qual remontam suas respectivas origens) cujo funcionamento desafia a compreensão dos mortais. E os sinais, até onde sabemos, podem ser apenas afinidades da natureza em relação ao homem.

Quando eu era uma menina pequena e tinha apenas seis anos de idade, certa noite ouvi Bessie Leaven dizer a Martha Abbot que havia sonhado com uma criancinha, e que sonhar com crianças era um sinal certo de problemas, fosse consigo mesmo ou com alguém próximo. A frase podia ter se apagado da minha lembrança caso uma situação não tivesse ocorrido imediatamente após e servido para gravá-la de modo indelével ali. No dia seguinte, Bessie foi chamada de volta à sua casa, para o leito de morte da irmã mais nova.

Nos últimos tempos eu vinha recordando com frequência essa frase e esse incidente, pois na semana anterior praticamente não transcorreria uma

noite sequer que não trouxesse para minha cama um sonho com uma criança que eu ora ninava no colo, ora fazia pular sobre os joelhos, ora observava brincar com margaridas num gramado, ora mergulhar as mãos em água corrente. Numa noite era uma criança chorando, na outra uma criança rindo. Ela ora estava perto de mim, ora fugia de mim correndo. Mas, fosse qual fosse a disposição da aparição, fosse qual fosse o aspecto por ela adotado, não falhou em me encontrar por sete noites seguidas bem no instante em que eu adentrava o reino do sono.

Não gostei dessa repetição de uma mesma ideia, dessa estranha recorrência de uma mesma imagem, e comecei a ficar nervosa quando se aproximava a hora de dormir e o horário da aparição ia chegando. Naquela noite de lua em que ouvira o grito, fora da companhia do bebê fantasma que havia sido arrancada; e na tarde do dia seguinte é que havia sido convocada a descer, ao ser informada de que alguém queria falar comigo no quarto da sra. Fairfax. Ao ir até lá, encontrei à minha espera um homem com a aparência do criado de um cavalheiro. Ele trajava um luto profundo, e o chapéu que segurava na mão estava rodeado por uma faixa negra.

“Imagino que não deva se lembrar de mim, senhorita”, disse ele, levantando-se quando entrei; “mas meu nome é Leaven. Eu era o cocheiro da sra. Reed quando a senhorita morava em Gateshead, oito ou nove anos atrás, e ainda vivo lá.”

“Ah, Robert! Como vai? Lembro-me muito bem de você. Às vezes você me dava carona no pônei baio da srta. Georgiana. E como vai Bessie? Você não é casado com Bessie?”

“Sim, senhorita. Minha esposa vai muito bem, obrigado; ela me deu outro filho uns dois meses atrás — temos três agora, e tanto a mãe quanto a criança passam bem.”

“E a família na casa grande vai bem, Robert?”

“Sinto não poder lhe dar notícias melhores deles, senhorita; no momento estão muito mal, passando por grandes problemas.”

“Espero que ninguém tenha morrido”, falei, olhando para seu traje negro. Ele também baixou os olhos para a faixa em volta do chapéu e respondeu:

“Ontem fez uma semana que o sr. John morreu em seus aposentos de Londres.”

“O sr. John?”

“Sim.”

“E como a mãe dele está suportando isso?”

“Bem, srta. Eyre, não é um infortúnio normal, entende? A vida dele vinha sendo muito desregrada. Nos últimos três anos ele se entregou a estranhos hábitos, e sua morte foi um choque.”

“Eu soube por Bessie que ele não estava bem.”

“Não estava bem! Ele não poderia estar pior: arruinou a própria saúde e a própria fortuna na companhia dos piores homens e das piores mulheres. Endividou-se, foi preso. A mãe o ajudou duas vezes, mas assim que ele era solto, voltava a conviver com as mesmas pessoas e a cultivar os mesmos hábitos. Ele não tinha a cabeça boa; os pilantras que o cercavam o engambelaram mais do que eu jamais tive notícia. Umas três semanas atrás, ele foi a Gateshead e quis que a patroa lhe desse tudo o que tinha. A patroa recusou; faz tempo que seus recursos estão muito diminuídos devido à extravagância do filho. Então o sr. John voltou para Londres, e a primeira notícia que tivemos dele foi de que tinha morrido. De que modo morreu, só Deus sabe! Dizem que se matou.”

Fiquei calada; eram notícias terríveis. Robert Leaven retomou: “A patroa também não estava com a saúde muito boa já fazia algum tempo. Ela se tornou uma mulher bem gorda, mas sem a força correspondente; além disso, a perda de dinheiro e o medo de ficar pobre a estavam enfraquecendo

bastante. A notícia da morte do sr. John e do modo como ocorreu foi súbita demais: causou-lhe uma apoplexia. Ela passou três dias sem falar, mas na terça-feira passada pareceu melhorar um pouco. Pareceu querer dizer alguma coisa, e não parava de fazer sinais para minha esposa e balbuciar. Mas foi só ontem de manhã que Bessie entendeu que ela estava pronunciando o seu nome, e por fim conseguiu discernir as palavras: ‘Traga Jane... vá buscar Jane Eyre. Desejo falar com ela’. Bessie não sabe ao certo se ela está raciocinando direito ou se essas palavras querem de fato dizer alguma coisa, mas falou com a srta. Reed e com a srta. Georgiana e lhes recomendou que mandassem buscar a senhorita. As jovens senhoras no início recusaram, mas a mãe ficou tão nervosa, e disse ‘Jane, Jane’ tantas vezes, que por fim cederam. Parti ontem de Gateshead e, se a senhorita puder se aprontar, gostaria de levá-la de volta comigo amanhã cedo”.

“Sim, Robert, estarei pronta. Parece-me que devo ir.”

“Também acho, senhorita. Bessie falou que tinha certeza de que a senhorita não diria não. Mas imagino que tenha de pedir permissão para se ausentar?”

“Sim, e farei isso agora mesmo.” Após conduzi-lo até a sala dos empregados e confiá-lo aos cuidados da esposa de John e às atenções do próprio, saí em busca do sr. Rochester.

Ele não estava em nenhum dos cômodos de baixo; não estava no quintal, nos estábulos nem no jardim. Perguntei à sra. Fairfax se ela o tinha visto. Sim: ela achava que ele estivesse jogando bilhar com a srta. Ingram. Segui apressada até a sala de bilhar. Um estalo de bolas e um murmúrio de vozes vinha lá de dentro. O sr. Rochester, a srta. Ingram, as duas srtas. Eshton e seus admiradores estavam todos entretidos com o jogo. Foi preciso certa coragem para incomodar um grupo tão interessante; no entanto, aquela minha incumbência era de um tipo que eu não podia adiar, de modo que

abordei o patrão ao lado da srta. Ingram. Ela se virou quando me aproximei e me olhou com altivez; seus olhos pareciam indagar: “O que essa criatura sorrateira pode estar querendo agora?”. E quando eu disse em voz baixa: “Sr. Rochester”, ela fez um movimento como se estivesse tentada a me enxotar dali. Lembro-me da sua aparência nessa hora, que era muito formosa e muito exuberante: ela estava usando um vestido diurno de crepe azul-claro e tinha um lenço translúcido azul-celeste enrolado nos cabelos. Estava muito animada com a partida, e o orgulho irritado não alterou a expressão de seus traços altivos.

“Essa pessoa quer lhe falar?”, indagou ela ao sr. Rochester, e ele se virou para ver quem era “essa pessoa”. Fez uma careta curiosa, uma daquelas suas expressões estranhas e contraditórias, largou o taco e me seguiu até o lado de fora da sala.

“Então, Jane?”, indagou, recostando-se na porta da sala de aula, que havia fechado.

“Com a sua licença, senhor, preciso de uma folga de uma semana ou duas.”

“Para fazer o quê? Para ir aonde?”

“Visitar uma senhora doente que mandou me chamar.”

“Que senhora doente? Onde ela mora?”

“Em Gateshead, senhor, em ***shire.”

“***shire? Mas isso fica a cem milhas daqui! Quem é essa pessoa que manda buscar os outros assim tão longe?”

“O nome dela é Reed, senhor... sra. Reed.”

“Reed, de Gateshead? Havia um Reed de Gateshead, um magistrado.”

“É a viúva dele, senhor.”

“E o que você tem a ver com ela? Como a conhece?”

“O sr. Reed era meu tio... irmão da minha mãe.”

“Uma ova que era! Você nunca me contou isso antes. Sempre disse que não tinha parentes.”

“Nenhum que me assumisse, senhor. O sr. Reed já morreu, e a esposa dele me expulsou de casa.”

“Por quê?”

“Porque eu era pobre, era um estorvo, e ela não gostava de mim.”

“Mas Reed deixou filhos, não? Você deve ter primos. Sir George Lynn estava falando ontem sobre um Reed de Gateshead que, segundo ele, era um dos maiores patifes da cidade; e Ingram comentou sobre certa Georgiana Reed, da mesma casa, que foi muito admirada por sua beleza em Londres uma ou duas temporadas atrás.”

“John Reed também morreu, senhor; ele se arruinou e quase arruinou a família, e dizem que cometeu suicídio. A notícia foi um choque tão grande para a mãe que causou um ataque apoplético.”

“E que bem você pode fazer a ela? Que bobagem, Jane! Eu jamais pensaria em correr cem milhas para visitar uma velha senhora que pode morrer antes de você chegar lá. Além do mais, você disse que ela a expulsou de casa.”

“Sim, senhor, mas isso faz muito tempo, e quando a situação dela era outra; eu não poderia ignorar seus desejos agora.”

“Quanto tempo vai ficar?”

“O mínimo possível, senhor.”

“Prometa-me ficar apenas uma semana.”

“É melhor eu não dar minha palavra. Pode ser que seja obrigada a descumpri-la.”

“Mas você *vai* voltar; não vai ser convencida sob hipótese alguma a ficar morando com ela de modo permanente, vai?”

“Ah, não! Com certeza voltarei, se tudo estiver bem.”

“E quem vai acompanhá-la? Não se viaja cem milhas sozinha.”

“Não, senhor. Ela mandou o cocheiro.”

“Uma pessoa de confiança?”

“Sim, senhor. Ele mora com a família há dez anos.”

O sr. Rochester refletiu um pouco. “Quando deseja partir?”

“Amanhã cedo, senhor.”

“Bem, você precisa de algum dinheiro; não pode viajar sem dinheiro, e imagino que não tenha muito. Ainda não lhe paguei nenhum salário. Quanto dinheiro você tem no mundo, Jane?”, perguntou ele, sorrindo.

Saquei meu porta-moedas; era mesmo uma coisinha mirrada. “Cinco xelins, senhor.” Ele pegou a bolsinha, despejou seu butim na palma da mão e deu uma risadinha como se achasse aquela escassez divertida. Então sacou a própria carteira. “Tome”, falou, estendendo-me uma nota; eram cinquenta libras, e ele me devia apenas quinze. Eu lhe disse que não tinha troco.

“Não quero troco, você sabe disso. Pegue o seu salário.”

Recusei-me a aceitar mais do que aquilo a que tinha direito. Ele no início fez cara feia; então, como quem recorda alguma coisa, falou: “Certo, certo! É melhor não lhe dar tudo agora. Você poderia ficar três meses fora se tivesse cinquenta libras. Aqui estão dez; isso não basta?”.

“Sim, mas agora o senhor me deve cinco libras.”

“Então volte para pegá-las; serei seu banqueiro para quarenta libras.”

“Sr. Rochester, talvez eu deva mencionar outra questão profissional enquanto tenho oportunidade.”

“Questão profissional? Estou curioso para ouvi-la.”

“O senhor praticamente me informou que vai se casar em breve, não é?”

“Sim, e daí?”

“Nesse caso, senhor, Adèle deveria ir para um colégio interno. Estou certa de que perceberá a necessidade disso.”

“Para tirá-la do caminho da minha noiva, que não fosse isso poderia atropelá-la de modo excessivamente enérgico? É uma sugestão sensata, não resta dúvida. Como você diz, Adèle deve ir para um colégio interno; e você, claro, deve ir diretamente... para o inferno?”

“Espero que não, senhor; mas preciso procurar outro emprego em algum lugar.”

“Mas claro!”, exclamou ele com uma inflexão da voz e uma distorção dos traços ao mesmo tempo extremas e absurdas. Passou alguns minutos me encarando.

“E vai pedir ajuda à velha sra. Reed, ou então às senhoritas filhas dela, para encontrar um emprego, suponho.”

“Não, senhor; não tenho um relacionamento com minhas parentes que justifique pedir favores. Mas vou pôr um anúncio.”

“Vai escalar a pé as pirâmides do Egito, isso sim!”, rosnou ele. “Não se atreva a pôr um anúncio! Queria ter lhe dado apenas um soberano em vez de dez libras. Devolva-me nove libras, Jane; preciso delas.”

“Eu também, senhor”, retruquei, escondendo as mãos e a bolsinha atrás das costas. “Não poderia abrir mão desse dinheiro de modo algum.”

“Sua avarenta!”, disse ele. “Recusar assim meu pedido de dinheiro! Me dê cinco libras, Jane.”

“Nem cinco xelins, senhor; nem mesmo cinco pence.”

“Deixe-me apenas ver o dinheiro.”

“Não; o senhor não merece confiança.”

“Jane!”

“Pois não?”

“Prometa-me uma coisa.”

“Prometo qualquer coisa que acredite ser provável cumprir, senhor.”

“Prometa não pôr um anúncio. E prometa deixar ao meu encargo essa busca de emprego. Encontrarei um para você a tempo.”

“Farei isso de bom grado se o senhor, por sua vez, prometer que eu e Adèle estaremos ambas fora desta casa em segurança antes de a sua noiva aqui entrar.”

“Muito bem! Muito bem! Eu lhe dou minha palavra. Então você parte amanhã?”

“Sim, senhor; amanhã cedo.”

“Vai descer para o salão depois do jantar?”

“Não, senhor. Preciso me preparar para a viagem.”

“Então você e eu temos de nos despedir por algum tempo?”

“Suponho que sim, senhor.”

“E como as pessoas desempenham essa cerimônia de despedida, Jane? Me ensine; eu não sei muito bem como fazer isso.”

“Elas dizem até logo, ou qualquer outra fórmula da sua preferência.”

“Então diga.”

“Até logo, sr. Rochester, por enquanto.”

“E o que eu devo dizer?”

“A mesma coisa, se o senhor quiser.”

“Até logo, srta. Eyre, por enquanto; só isso?”

“Sim.”

“Parece-me pouco generoso para o meu gosto, e seco, e nada simpático. Eu gostaria de alguma outra coisa. Um pequeno acréscimo ao ritual. Um aperto de mãos, quem sabe... mas não. Isso tampouco me satisfaria. Quer dizer que não vai fazer mais nada além de dizer até logo, Jane?”

“É o suficiente, senhor. Pode-se transmitir a mesma quantidade de bons sentimentos numa palavra sincera ou em muitas.”

“É bem provável; mas é uma expressão vazia e fria... ‘até logo’.”

“Por quanto tempo ele vai ficar com as costas apoiadas nessa porta?”, perguntei-me; “quero começar a fazer minha mala.” A sineta do jantar tocou, e de repente ele foi embora de supetão, sem dizer mais nada. Não tornei a vê-lo durante o dia, e parti pela manhã antes de ele acordar.

Cheguei à guarita do portão de Gateshead por volta das cinco da tarde no dia primeiro de maio. Entrei lá antes de subir até o casarão. Estava tudo muito limpo e arrumado. As janelas ornamentais tinham pequenas cortinas brancas na frente; o piso estava impecável; a grade e os apetrechos da lareira reluziam de tão polidos, e um belo fogo ardia lá dentro. Diante dele, Bessie estava sentada amamentando seu caçula, enquanto Robert e a irmã brincavam tranquilamente num canto.

“Que Deus a abençoe! Eu sabia que a senhorita viria!”, exclamou a sra. Leaven quando entrei.

“Sim, Bessie”, falei, depois de lhe dar um beijo; “e torço para não ter chegado tarde demais. Como vai a sra. Reed? Ainda viva, espero?”

“Sim, ela está viva; e mais racional e mais calma do que antes. Segundo o médico, ainda pode durar uma ou duas semanas; mas ele não acha que vá se recuperar.”

“Ela mencionou meu nome recentemente?”

“Falou na senhorita hoje de manhã mesmo e desejou que chegasse. Mas agora está dormindo, ou pelo menos estava dez minutos atrás, quando desci lá da casa. Em geral passa a tarde inteira deitada numa espécie de letargia e acorda por volta das seis ou sete. Quer descansar aqui por uma hora, e depois eu a acompanho até lá em cima?”

Nesse momento Robert entrou, e Bessie deitou o bebê adormecido no berço e foi recebê-lo. Depois, insistiu para eu tirar o chapéu e tomar um chá, dizendo que eu estava com um ar abatido e cansado. Fiquei grata em

poder aceitar sua hospitalidade e me submeti à remoção de minhas roupas de viagem de modo tão passivo quanto costumava deixar que ela me despisse quando criança.

Os velhos tempos me voltaram depressa à mente enquanto eu a observava tomar conta das coisas, arrumando a bandeja do chá com sua melhor porcelana, cortando o pão e a manteiga, torrando um bolinho e, nos intervalos, dando uma leve cutucada ou um empurrãozinho nos pequenos Robert e Jane, da mesma forma que fazia comigo antigamente. Bessie havia conservado seu pavio curto, assim como seu passo leve e sua bela aparência.

Quando o chá ficou pronto, preparei-me para me aproximar da mesa, mas ela me mandou ficar sentada num tom peremptório bem parecido com o do passado. Eu deveria ser servida diante da lareira, ela falou, e dispôs na minha frente um pequeno suporte redondo com minha xícara e um prato com torradas, exatamente como costumava me oferecer alguma iguaria secretamente surrupiada sobre uma das cadeiras do quarto das crianças. E eu sorri e obedeci como antigamente.

Ela quis saber se eu estava feliz em Thornfield Hall e que tipo de pessoa era a patroa; e, quando eu lhe disse que havia apenas um patrão, perguntou se ele era um cavalheiro agradável e se eu gostava dele. Eu lhe disse que ele era um homem bastante feio, mas um cavalheiro de verdade; e que me tratava bem, e que eu estava contente. Então passei a descrever o alegre grupo que se encontrava hospedado na casa ultimamente, e Bessie escutou interessada os detalhes. Era exatamente o tipo de coisa que ela adorava ouvir.

Com essas conversas, uma hora logo transcorreu. Bessie me ajudou a recolocar o chapéu etc., e na sua companhia saí da guarita em direção à casa grande. Fora também acompanhada por ela que, nove anos antes, eu tinha

descido o caminho que agora subia. Numa escura, brumosa e fria manhã de janeiro, havia deixado um teto hostil com o coração tomado pelo desespero e pela amargura, uma sensação de exclusão e quase de reprovação, rumo ao refúgio gelado de Lowood, destino muito distante e inexplorado. O mesmo teto hostil se erguia outra vez à minha frente; eu ainda não sabia o que esperar, e meu coração ainda doía. Ainda me sentia uma fugitiva errante pelo mundo, mas tinha uma confiança mais firme em mim mesma e em meus próprios poderes, e um medo menos paralisante da opressão. A ferida aberta de meus erros também estava agora completamente curada, e a chama do ressentimento já não ardia.

“A senhorita primeiro deve ir à sala do desjejum”, disse Bessie, seguindo na minha frente pelo saguão; “as jovens senhoras estarão lá.”

Um segundo depois, eu estava naquele recinto. Todas as peças de mobília tinham exatamente o mesmo aspecto da manhã em que eu fora apresentada pela primeira vez ao sr. Brocklehurst. O tapete que ele havia pisado continuava estendido em frente à lareira. Ao voltar os olhos para as estantes, pensei poder discernir os dois volumes de *Pássaros da Grã-Bretanha* de Bewick ocupando seu lugar de sempre na terceira prateleira, e *As viagens de Gulliver* e *As mil e uma noites* dispostos logo acima. Os objetos inanimados não tinham mudado, mas as criaturas vivas estavam tão alteradas que eram praticamente irreconhecíveis.

Duas jovens damas surgiram na minha frente, uma delas muito alta, quase tanto quanto a srta. Ingram, e muito magra também, com uma tez amarelada e uma expressão severa. Havia na sua aparência algo de ascético realçado pela extrema simplicidade de um vestido de tecido preto e saia reta com gola de linho engomada, pelos cabelos penteados para longe das têmporas e pelo enfeite semelhante ao de uma freira feito com uma fileira de contas de ébano e um crucifixo. Tive certeza de que aquela era Eliza,

embora pudesse ver no rosto alongado e descolorido pouca semelhança com a Eliza de antigamente.

A outra com certeza era Georgiana. Mas não era a Georgiana de quem eu me lembrava, a esbelta menina de onze anos que me fazia pensar numa fada. Aquela era uma moça plenamente desenvolvida e muito roliça, alva como cera, com traços belos e regulares, lânguidos olhos azuis e cabelos louros cacheados. A cor do seu vestido também era preta, mas o feitio era tão diferente do da irmã, tão mais fluido e elegante, que o traje parecia tão refinado quanto o da outra parecia puritano.

Em ambas as irmãs havia um traço da mãe, e apenas um. A magra e pálida filha mais velha tinha os olhos acinzentados da genitora. A viçosa e exuberante caçula tinha o mesmo contorno do maxilar e do queixo, talvez um pouco suavizado, mas que ainda assim conferia ao seu rosto, em tudo o mais voluptuoso e fornido, uma dureza indescritível.

As duas damas se levantaram para me receber quando entrei, e as duas se dirigiram a mim chamando-me “srta. Eyre”. O cumprimento de Eliza foi feito numa voz curta e abrupta, e sem sorrir; e ela em seguida tornou a se sentar, cravou os olhos no fogo e pareceu me esquecer. Georgiana acrescentou ao seu “como vai?” diversas banalidades sobre minha viagem, o tempo e coisas assim, proferidas numa dicção um tanto arrastada e acompanhadas por olhares de soslaio variados que me mediram da cabeça aos pés, ora traspassando as dobras de minha capa de lã puída, ora se demorando nos detalhes simples do meu chapéu de fabricação caseira. As jovens damas possuem um modo notável de informar uma pessoa que a consideram ridícula sem chegar a pronunciar as palavras. Certa superioridade no olhar, uma frieza dos modos, uma displicência da voz dão total expressão a seus sentimentos em relação ao tema sem comprometê-las com qualquer grosseria explícita nas palavras ou nos atos.

Mas o desdém, fosse ele disfarçado ou franco, já não tinha sobre mim o mesmo poder de antes. Sentada entre minhas duas primas, espantei-me ao constatar quão à vontade me sentia diante da total negligência de uma e das atenções parcialmente sarcásticas da outra; Eliza não me mortificou, Georgiana não me ofendeu. A verdade é que eu tinha outras coisas com as quais me preocupar; nos últimos meses haviam sido despertados em mim sentimentos tão mais fortes do que qualquer um que elas pudessem provocar, tinham sido instigados dores e prazeres tão mais intensos e deliciosos do que elas tinham o poder de infligir ou estimular, que o comportamento delas não me atingia de modo algum, nem para o bem nem para o mal.

“Como vai a sra. Reed?”, logo perguntei, olhando calmamente para Georgiana, que julgou conveniente reagir à pergunta direta com um movimento brusco da cabeça, como se aquilo fosse uma liberdade não solicitada.

“A sra. Reed? Ah! Mamã, a senhorita quer dizer; ela não vai nada bem. Duvido que possa vê-la hoje à noite.”

“Se a senhorita pudesse ir até lá em cima avisar a ela que cheguei, eu ficaria muito grata”, falei.

Georgiana quase se sobressaltou, e arregalou os olhos azuis de estupefação. “Sei que ela expressou um desejo específico de me ver”, acrescentei, “e não gostaria de adiar o atendimento desse desejo mais do que o estritamente necessário.”

“Mamã não gosta de ser incomodada à noite”, observou Eliza. Na mesma hora me levantei, tirei discretamente o chapéu e as luvas sem ser convidada a fazê-lo e disse que ia simplesmente procurar Bessie, que imaginava estar na cozinha, para lhe pedir que verificasse se a sra. Reed estava ou não disposta a me receber naquela noite. Assim o fiz, e após encontrar Bessie e

despachá-la em busca da informação, dediquei-me a tomar outras providências. Até então tivera o hábito de sempre recuar diante da arrogância; um ano antes, se houvesse sido recebida como naquela noite, teria tomado a decisão de ir embora de Gateshead no dia seguinte; mas naquele momento ficou claro para mim que esse teria sido um plano bobo. Eu tinha feito uma viagem de cem milhas para ver minha tia e precisava ficar com ela até ela melhorar... ou morrer; quanto ao orgulho ou à insensatez de suas filhas, precisava pôr essas coisas de lado e me distanciar delas. Fui então falar com a governanta; perguntei-lhe qual seria meu quarto, disse-lhe que provavelmente passaria uma ou duas semanas, fiz com que meu baú fosse levado até o quarto e me dirigi eu própria para lá. Encontrei Bessie no patamar da escada.

“A patroa está acordada”, disse ela; “avisei que a senhorita está aqui. Venha, vamos ver se a reconhece.”

Não precisei ser guiada até o conhecido quarto, ao qual fora tantas vezes convocada no passado para receber castigos ou reprimendas. Segui apressada na frente de Bessie e abri a porta com cuidado. Uma luz indireta estava acesa sobre a mesa, pois já escurecia. Ali estava a grande cama de baldaquino com o mesmo cortinado cor de âmbar dos velhos tempos; ali estavam a penteadeira, a poltrona, o banquinho diante do qual eu havia sido sentenciada uma centena de vezes a me ajoelhar e pedir perdão por ofensas que não cometera. Olhei para certo canto ali perto, quase esperando ver o fino contorno da outrora temida vara que costumava ficar à espreita, esperando para ganhar vida como um diabrete e fustigar a palma trêmula da minha mão ou meu pescoço encolhido. Aproximei-me da cama; abri o cortinado e me inclinei por sobre os travesseiros empilhados.

Lembrava-me bem do rosto da sra. Reed, e ansiosamente procurei a conhecida imagem. É uma boa coisa o tempo acalmar os anseios da

vingança e abrandar os impulsos da raiva e da aversão. Eu deixara aquela mulher cheia de amargura e ódio e agora voltava a encontrá-la despojada de toda emoção que não fosse uma espécie de pena por todo o sofrimento por que estava passando e um forte desejo de esquecer e perdoar todas as ofensas, de me reconciliar e de apertar suas mãos com amizade.

O rosto conhecido estava lá, tão grave e implacável quanto sempre fora; estavam lá aquele olhar singular que nada era capaz de derreter, e as sobrancelhas um pouco erguidas, imperiosas e despóticas. Quantas vezes elas tinham me dispensado ameaças e ódio! E como a lembrança dos terrores e tristezas da infância reviveram no instante em que fitei seu duro contorno! Apesar disso, abaixei-me e a beijei. Ela me encarou.

“É Jane Eyre quem está aqui?”, indagou.

“Sim, tia Reed. Como vai, cara tia?”

Eu um dia jurara nunca mais chamá-la de tia. Pensei que não era pecado esquecer essa jura. Meus dedos haviam se apertado em volta da mão que estava para fora do lençol; se ela tivesse apertado a minha com gentileza, eu teria experimentado um prazer genuíno. Mas os temperamentos irreduzíveis não se suavizam tão facilmente e tampouco as antipatias naturais se extinguem tão de pronto. A sra. Reed puxou a mão de volta e, virando o rosto para o outro lado, observou que a noite estava quente. Mais uma vez me encarou com tanta frieza que senti na mesma hora que sua opinião a meu respeito, seu sentimento em relação a mim não tinham mudado nem poderiam mudar. Soube por seus olhos pétreos, impermeáveis a qualquer ternura, imunes às lágrimas, que ela estava decidida a me considerar má até o fim, pois acreditar que eu era boa não lhe causaria nenhum generoso prazer, apenas um sentimento de mortificação.

Senti dor, em seguida senti ira; em seguida experimentei uma determinação de subjugá-la, de dominá-la, apesar da sua natureza e apesar

da sua vontade. As lágrimas me haviam subido aos olhos como na infância; ordenei-lhes que retornassem ao lugar de onde tinham vindo. Puxei uma cadeira até a cabeceira da cama, sentei-me e inclinei-me por sobre o travesseiro.

“A senhora mandou me chamar”, falei, “e eu estou aqui; minha intenção é ficar até ver como sua saúde evolui.”

“Ah, claro! Esteve com minhas filhas?”

“Sim.”

“Bem, pode dizer a elas que desejo que fique até eu poder conversar com você sobre algumas coisas que tenho em mente. Hoje à noite já está tarde, e tenho dificuldade para me lembrar. Mas havia algo que eu queria dizer... deixe-me ver...”

O olhar vago e a elocução prejudicada mostravam a ruína que havia acometido seu corpo outrora vigoroso. Virando-se inquieta, ela enrolou as cobertas à sua volta; meu cotovelo pousado num dos cantos da colcha a reteve. Ela se irritou na mesma hora.

“Sente-se direito!”, disse ela. “Não me irrite segurando as cobertas. Você é Jane Eyre?”

“Sim, sou Jane Eyre.”

“Tive mais problemas com essa menina do que qualquer um poderia acreditar. Que fardo me deixaram nas mãos... e quanta irritação ela me causou, todo dia e toda hora, com sua disposição incompreensível, seus súbitos acessos de mau humor e sua observação contínua e antinatural dos movimentos dos outros! Afirmando que certa vez falou comigo como se fosse louca, ou como se fosse um demônio... nenhuma criança jamais falou como ela ou exibiu a mesma expressão; fiquei aliviada em mandá-la embora. O que fizeram com ela em Lowood? Houve um surto de febre lá, e muitas das

alunas morreram. Mas ela não. Eu disse que tinha morrido, porém... queria que tivesse!”

“Estranho desejo, sra. Reed; por que a odeia tanto assim?”

“A mãe dela sempre me desagradou; era a única irmã do meu marido e sua grande preferida. Ele se opôs quando a família a rejeitou depois de ela fazer seu mau casamento, e ao receber a notícia da morte dela chorou feito um bobo. Quis mandar buscar o bebê, embora eu insistisse que o mandasse para uma ama de leite e pagasse pelo seu sustento. Detestei a menina desde a primeira vez que a vi: uma coisinha adoentada, chorona e carente! Passava a noite inteira aos prantos no berço, não chorando de verdade como qualquer outro bebê, mas ganindo e gemendo. Reed tinha pena dela e costumava niná-la e lhe dar atenção como se fosse sua filha; na verdade, mais atenção do que dava aos próprios filhos na mesma idade. Ele tentava fazer meus filhos simpatizarem com a pequena mendiga; meus queridos não suportavam isso, e ele se zangava com eles quando demonstravam seu desagrado. Na última vez em que adoeceu, mandava chamá-la continuamente à sua cabeceira, e apenas uma hora antes de morrer me fez jurar ficar com a criatura. Eu preferiria que tivessem me imposto a criança miserável de algum abrigo; mas ele era fraco, naturalmente fraco. John não se parece em nada com o pai, e fico grata por isso; John é como eu e meus irmãos... um verdadeiro Gibson. Ah, queria que ele parasse de me atormentar com suas cartas pedindo dinheiro! Eu não tenho mais dinheiro para lhe dar; estamos ficando pobres. Preciso mandar metade dos criados embora e fechar uma parte da casa, ou então alugá-la. Jamais poderia me submeter a isso... mas como vamos nos virar? Dois terços da minha renda vão para pagar os juros da hipoteca. John joga muito e sempre perde... pobre menino! É acossado por trapaceiros; está encovado e depauperado... tem um aspecto assustador... sinto vergonha dele quando o vejo.”

Ela estava ficando muito exaltada. “Acho que é melhor eu deixá-la agora”, falei para Bessie, parada do outro lado da cama.

“Talvez seja mesmo, senhorita; mas ela frequentemente fala assim mais à noitinha... pela manhã fica mais calma.”

Levantei-me. “Pare!”, exclamou a sra. Reed. “Tem mais uma coisa que eu queria dizer. Ele me ameaça... vive me ameaçando com a própria morte ou com a minha. E eu às vezes sonho que o vejo deitado com uma grande ferida no pescoço, ou com o rosto inchado e enegrecido. Estou numa situação estranha; ando muito aflita. O que devo fazer? Como encontrar o dinheiro?”

Bessie então a incentivou a tomar uma beberagem sedativa; a sra. Reed o fez com dificuldade. Pouco depois, ficou mais calma e mergulhou num estado de sonolência. Então a deixei.

Mais de dez dias se passaram antes de eu ter qualquer outra conversa com ela. Ela permanecia ou delirante ou letárgica, e o médico proibia tudo o que pudesse agité-la e lhe causar dor. Enquanto isso, convivi do melhor modo que pude com Georgiana e Eliza. No início elas se mostraram de fato muito frias. Eliza passava metade do dia sentada costurando, lendo ou escrevendo, e mal dizia uma palavra a mim ou à irmã. Georgiana passava o tempo inteiro falando bobagens com seu canário e não prestava atenção em mim. Mas eu estava decidida a não parecer carente de atividade ou diversão; tinha levado meu material de desenho, que me serviu para ambos os propósitos.

Provida de uma caixa de lápis e algumas folhas de papel, acostumei-me a me sentar distante delas, junto à janela, e a me entreter desenhando vinhetas imaginárias representando qualquer cena que porventura tomasse forma no caleidoscópio em contínuo movimento da minha imaginação: o mar vislumbrado entre dois rochedos; a lua nascente com uma embarcação

passando diante de sua esfera; um grupo de juncos e íris-amarelas e uma cabeça de náíade coroada com flores de lótus a emergir do meio deles; um elfo sentado no ninho de uma ferreirinha sob uma guirlanda de flores de estrepeiro.

Certa manhã, acabei começando a desenhar um rosto; não me importava nem sabia que tipo de rosto seria. Peguei um lápis preto macio, apontei-o e pus-me a trabalhar. Em pouco tempo tinha traçado no papel uma testa larga e proeminente e o contorno inferior de um rosto quadrado; esse contorno me deixou satisfeita; meus dedos passaram ativamente a preenchê-lo com traços. Vieram então, naturalmente, um nariz bem-feito, reto e com as narinas infladas, em seguida uma boca de aspecto flexível e de modo algum estreita; em seguida um queixo firme com uma covinha pronunciada no meio. Naturalmente foi preciso acrescentar suíças escuras, tufo de cabelos negros nas têmporas e ondas acima da testa. Depois os olhos; eu os deixara por último porque exigiam o trabalho mais cuidadoso. Desenhei-os grandes e caprichei no formato; tracei cílios longos e escuros, íris lustrosas e graúdas. “Ficou bom! Mas ainda não está perfeito”, pensei, avaliando o efeito; “falta mais força e decisão.” Então escureci os tons para que as luzes se refletissem com mais intensidade; bastaram um ou dois retoques para garantir o efeito. Pronto: agora tinha diante dos olhos o rosto de um amigo; e de que me importava se aquelas duas jovens damas me viravam as costas? Olhei para o rosto; sorri para a forte semelhança. Estava concentrada e satisfeita.

“É o retrato de algum conhecido seu?”, perguntou Eliza, que havia se aproximado sem eu perceber. Respondi que era apenas um rosto que eu havia imaginado e o escondi apressadamente debaixo das outras folhas. Estava mentindo, claro. Era na verdade uma representação muito fiel do sr. Rochester. Mas que importância tinha isso para ela, ou para qualquer outra

pessoa que não eu mesma? Georgiana também chegou mais perto para olhar. Os outros desenhos foram muito do seu agrado, mas aquele ela declarou ser de um “homem feio”. Elas pareceram surpresas com minha habilidade. Ofereci-me para fazer o retrato das duas, e ambas, uma depois da outra, posaram para um esboço a lápis. Georgiana então me mostrou seu álbum. Prometi contribuir com uma pequena aquarela; isso a deixou imediatamente de bom humor. Ela sugeriu um passeio pelo jardim. Menos de duas horas depois de sairmos, já estávamos mergulhadas numa conversa confidencial; ela me presenteara com uma descrição de seu brilhante inverno passado em Londres duas temporadas antes, da admiração que lá causara, das atenções que recebera; e cheguei a escutar alusões à nobre conquista por ela feita. Ao longo da tarde e no início da noite, essas alusões foram sendo mais desenvolvidas; várias conversas sussurradas foram relatadas e cenas românticas descritas; em suma, o volume de um romance da vida elegante foi improvisado por ela naquele dia para os meus ouvidos. A comunicação passou a se renovar a cada dia e versava sempre sobre o mesmo assunto: ela, seus amores e suas inquietações. Estranho ela nem sequer uma vez mencionar a doença da mãe, a morte do irmão ou o atual estado sombrio da fortuna da família. Seus pensamentos pareciam inteiramente ocupados por recordações de um passado feliz e aspirações a futuros prazeres. Ela passava cerca de cinco minutos por dia no quarto da mãe adoentada, e nada mais.

Eliza continuava a falar pouco; obviamente não tinha tempo para isso. Nunca vi ninguém mais ocupado do que ela parecia ser; no entanto, era difícil dizer o que fazia, ou melhor, era difícil detectar qualquer resultado de seus esforços. Determinava que a acordassem cedo. Não sei o que fazia antes do desjejum, mas depois dessa refeição dividia seu tempo em partes regulares, e cada hora tinha sua tarefa específica. Três vezes ao dia estudava

um livrinho que examinei e constatei ser um Livro de Orações comum. Perguntei-lhe certa vez qual era o grande atrativo daquele volume, e ela respondeu: “As indicações de liturgia”. Três horas ela dedicava a costurar, com fio de ouro, a bainha num quadrado de tecido vermelho-escuro quase grande o suficiente para ser um tapete. Em resposta às minhas perguntas sobre o uso daquele artigo, informou-me que era uma toalha para cobrir o altar de uma igreja nova recentemente construída perto de Gateshead. Duas horas ela dedicava ao seu diário; duas a cuidar sozinha da horta; e uma a administrar suas contas. Parecia não querer nenhuma companhia ou conversa. Acredito que era feliz daquele modo, que essa rotina lhe bastasse. E nada a irritava tanto quanto a ocorrência de qualquer incidente que a forçasse a variar sua regularidade digna de um relógio.

Uma vez me disse, certa noite em que estava mais disposta do que de hábito a ser comunicativa, que o comportamento de John e a ameaça de ruína da família tinham sido para ela uma fonte de profunda aflição; mas que agora, segundo me falou, estava tranquila e tomara uma decisão. Estava cuidando de garantir o próprio dinheiro, e quando a mãe morresse — e era totalmente improvável, comentou com calma, que se recuperasse ou durasse muito —, concretizaria um projeto que vinha acalentando havia muito: recolher-se a um lugar onde os hábitos regrados estivessem permanentemente protegidos de toda perturbação e interpor sólidas barreiras entre ela própria e um mundo frívolo. Perguntei se Georgiana a acompanharia.

Claro que não. Georgiana e ela não tinham nada em comum; nunca haviam tido. Ela não se deixaria atrapalhar de modo algum pelo convívio com a irmã. Georgiana deveria seguir seu próprio caminho; ela, Eliza, seguiria o seu.

Georgiana, quando não estava me abrindo seu coração, passava a maior parte do tempo deitada no sofá, reclamando de como a casa era sem graça e desejando repetidamente que sua tia Gibson lhe mandasse um convite para ir a Londres. “Seria tão melhor”, falou, “se conseguisse pelo menos sair por um mês ou dois, até tudo terminar.” Não perguntei o que ela queria dizer com “tudo terminar”, mas imagino que se referisse à esperada morte da mãe e aos sombrios ritos fúnebres que a sucederiam. Eliza em geral prestava tanta atenção na indolência e nas reclamações da irmã quanto se nenhuma criatura indolente e resmungona tivesse estado na sua presença. Certo dia, porém, quando estava guardando o livro-caixa e desdobrando seu bordado, de repente se dirigiu a ela assim: “Georgiana, com certeza jamais foi permitido que um animal mais absurdo e fútil do que você viesse atravancar a terra. Você não tinha o direito de nascer, pois não faz uso algum da vida. Em vez de viver para si, dentro de si e consigo mesma, como deveria fazer alguém sensato, tudo o que faz é tentar atrelar sua fraqueza à força de outra pessoa; quando não consegue encontrar ninguém disposto a carregar nas costas uma criatura tão gorda, fraca, inflada e inútil como você, geme que está sendo maltratada, negligenciada e que é infeliz. A vida para você precisa ser uma cena constantemente cambiante e animada, caso contrário o mundo é uma masmorra: você precisa ser admirada, cortejada e bajulada, precisa de música, dança e companhia, do contrário fenece e murcha. Por acaso não tem bom senso suficiente para pensar num sistema que a torne independente de qualquer esforço e vontade a não ser os seus próprios? Pegue um dia; divida-o em partes; atribua a cada parte a sua atividade; não deixe desocupado nenhum quarto de hora, nem dez minutos, nem cinco: inclua todos eles; realize cada atividade na sua vez de modo organizado e com rígida regularidade. O dia vai terminar quase antes de você perceber que começou, e você não terá se endividado com ninguém por ajudá-lo a se

livrar de algum instante vago; não terá precisado recorrer à companhia, à conversa, à empatia ou à paciência de ninguém; terá vivido, em suma, como uma criatura independente deve viver. Ouça esse conselho, o primeiro e último que vou lhe dar, e não dependerá de mim nem de mais ninguém, aconteça o que acontecer. Ignore-o e siga vivendo como tem vivido até hoje, ansiando, choramingando e não fazendo nada, e agunte as consequências da sua tolice, por piores e mais insuportáveis que possam vir a ser. Eu lhe digo claramente, e escute bem, pois não vou repetir o que agora estou prestes a dizer, mas assim agirei sem hesitar. Depois que minha mãe morrer, lavarei minhas mãos em relação a você; a partir do dia em que o caixão dela for levado para o jazigo na igreja de Gateshead, você e eu estaremos tão separadas quanto se jamais houvéssemos nos conhecido. Não vá pensar que, devido ao fato de por acaso termos nascido dos mesmos pais, vou permitir que você me prenda com a mais ínfima exigência que for. Uma coisa eu lhe digo: se a raça humana inteira, com exceção de nós duas, fosse varrida do mapa e ficássemos sozinhas nesta terra, eu deixaria você no Velho Mundo e iria sozinha para o Novo”.

Eliza fechou a boca.

“Você poderia ter se poupado o esforço de proferir esse discurso”, respondeu Georgiana. “Todo mundo sabe que é a criatura mais egoísta e mais sem coração que já existiu; e eu conheço seu ódio amargo contra mim; já tive uma amostra dele na rasteira que você me deu em relação a Lord Edwin Vere; você não suportou que eu alcançasse uma posição superior à sua, que tivesse um título nobre, que fosse recebida em círculos nos quais você não se atreveria a mostrar a cara, então agiu como espiã e informante e destruiu minhas chances para sempre.” Depois disso, Georgiana sacou o lenço e passou uma hora assoando o nariz; Eliza permaneceu sentada, fria, impassível e aplicadamente industriosa.

É verdade que alguns valorizam pouco a generosidade. Mas ali estavam dois temperamentos, um tornado insuportavelmente amargurado e o outro desprezivelmente frívolo, pela sua falta. Sentimentos sem julgamento são de fato uma coisa aguada; mas julgamentos sem sentimento são algo demasiado amargo e duro para um ser humano engolir.

A tarde estava chuvosa e ventava. Georgiana adormecera no sofá enquanto folheava um romance; Eliza fora assistir à missa em homenagem ao santo do dia na igreja nova, pois em matéria de religião era uma rígida formalista: nenhum clima jamais a impedia de desempenhar pontualmente o que considerava serem seus deveres devocionais; chovesse ou fizesse sol, ela ia à igreja três vezes aos domingos, e com tanta frequência nos dias de semana quanto missas houvesse.

Tive a ideia de subir ao andar de cima e ver como ia a moribunda, que ficava lá deitada quase sem que ninguém se importasse. Os próprios criados só lhe dedicavam uma atenção irregular; a enfermeira contratada, por ser pouco vigiada, saía do quarto sempre que podia. Bessie era fiel, mas tinha a própria família para cuidar e só podia ir ocasionalmente à casa grande. Encontrei o quarto da doente vazio, como imaginava; não havia enfermeira alguma ali. A paciente estava deitada sem se mexer e parecia letárgica; tinha o rosto lívido afundado nos travesseiros; na lareira, o fogo morria. Pus mais lenha, rearrumei a roupa de cama, passei um tempo observando aquela que já não podia me observar, então fui até a janela.

A chuva batia com força nas vidraças, e o vento soprava tempestuoso. “Aquela que está ali deitada”, pensei, “em breve estará além do alcance da guerra dos elementos terrenos. Para onde irá quando for enfim libertado esse espírito que agora luta para abandonar seu invólucro material?”

Enquanto eu refletia sobre o grande mistério, pensei em Helen Burns e relembrei suas últimas palavras, sua fé, sua doutrina quanto à igualdade das

almas desencarnadas. Ainda ouvia em pensamento a voz que tão bem recordava, ainda via o aspecto pálido e etéreo, o rosto emaciado e o sublime olhar quando ela estava deitada em seu plácido leito de morte, sussurrando seu desejo de ir novamente ao encontro de seu divino Pai, quando uma voz fraca murmurou da cama atrás de mim: “Quem está aí?”.

Sabia que a sra. Reed já não falava havia dias; estaria recuperando as forças? Fui até ela.

“Sou eu, tia Reed.”

“Eu quem?”, foi sua resposta. “Quem é você?”, perguntou, olhando para mim com surpresa e uma espécie de alarme, mas mesmo assim sem desvario. “Não conheço você... onde está Bessie?”

“Bessie está na guarita, tia.”

“Tia!”, repetiu ela. “Quem está me chamando de tia? Você não é uma das Gibson. Mas eu a conheço... esse rosto, esses olhos e essa testa são muito familiares para mim. Você parece... ora, você é igualzinha a Jane Eyre!”

Eu não disse nada; tive medo de causar algum choque ao declarar minha identidade.

“Sim”, disse ela, “deve ser um erro; minha mente está me pregando peças. Eu queria ver Jane Eyre e fico imaginando uma semelhança quando não existe nenhuma. Além do mais, em oito anos ela deve estar muito mudada.”

Eu então gentilmente lhe assegurei que era a pessoa que ela imaginava e desejava que eu fosse. E ao ver que ela me compreendia e que estava razoavelmente calma, expliquei como Bessie mandara o marido me buscar em Thornfield.

“Estou muito doente, eu sei”, disse ela pouco depois. “Estava tentando me virar há alguns minutos e constatei que não consigo mexer nem as pernas nem os braços. É melhor eu aliviar a consciência antes de morrer;

aquilo a que damos pouca importância quando estamos com saúde nos pesa num momento como este é para mim. A enfermeira está aqui? Ou não há mais ninguém no quarto exceto você?”

Garanti-lhe que estávamos a sós.

“Bem, por duas vezes eu agi mal com você de um modo do qual agora me arrependo. A primeira foi ao quebrar a promessa feita a meu marido de criá-la como se fosse minha própria filha. A segunda...” A sra. Reed se deteve. “Afinal talvez não tenha tanta importância assim”, murmurou consigo mesma. “E eu talvez melhore, e me humilhar assim diante dela é doloroso.”

Minha tia fez um esforço para mudar de posição, mas não conseguiu. Seu semblante se modificou; ela pareceu experimentar alguma sensação interna, talvez precursora do último espasmo.

“Bem, preciso acabar com isso. A eternidade se aproxima; é melhor eu lhe contar. Vá até minha penteadeira, abra-a e pegue a carta que vai ver lá.”

Obedeci às suas instruções.

“Leia a carta”, disse ela.

A carta era curta e dizia o seguinte:

Senhora, poderia ter a bondade de me mandar o endereço de minha sobrinha Jane Eyre e de me dizer como ela está? Tenho a intenção de lhe escrever em breve e desejo que ela venha me encontrar em Madeira. A Providência recompensou meus esforços de conseguir um emprego, e, como não sou casado nem tenho filhos, desejo adotá-la em vida e ao morrer deixar-lhe tudo o que houver para deixar. Queira aceitar, senhora etc. etc.

John Eyre, Madeira.

A data remontava a três anos.

“Por que nunca fiquei sabendo disso?”, perguntei.

“Porque minha antipatia por você era por demais intensa e completa para eu poder contribuir com o que quer que fosse para conduzi-la à prosperidade. Eu não conseguia esquecer o modo como você se portara

comigo, Jane... a fúria com a qual um dia me atacou; o tom com o qual declarou me odiar mais do que qualquer outra pessoa no mundo; a expressão e a voz, tão diferentes das de uma criança, com as quais afirmou que o simples fato de pensar em mim lhe dava náuseas, e garantiu que eu a tratara com a maior das crueldades. Não conseguia esquecer meus próprios sentimentos quando você começou a falar daquele jeito e destilou o fel de seus pensamentos: tive a sensação de que um animal que eu houvesse espancado ou escorraçado erguia para mim dois olhos humanos e me amaldiçoava com a voz de uma pessoa. Traga-me um pouco d'água! Ah, depressa!”

“Cara sra. Reed”, falei, oferecendo-lhe a água que ela necessitava, “não pense mais nisso tudo, deixe que se apague da sua mente. Perdoe minha linguagem arrebatada. Eu era uma criança na época; oito, nove anos se passaram desde aquele dia.”

Ela não escutou nada do que eu disse, mas após beber a água e tomar fôlego prosseguiu, dizendo o seguinte: “Estou lhe dizendo: eu não conseguia esquecer, então me vinguei. Pois o fato de você ser adotada por seu tio e alçada a uma condição de riqueza e conforto era algo que não podia suportar. Escrevi para ele; disse que lamentava muito decepcioná-lo, mas que Jane Eyre tinha morrido. Morrido de febre tifoide em Lowood. Agora faça o que achar melhor: escreva para ele e contradiga minha afirmação; exponha minha falsidade o quanto antes lhe aprouver. Acho que você nasceu para ser o meu tormento. Meus últimos instantes são assombrados por um ato que eu jamais teria sido tentada a cometer, a não ser em seu nome.”

“Se a senhora conseguisse não pensar mais nisso, tia, e pudesse me olhar com gentileza e perdão...”

“Você tem um temperamento muito ruim”, disse ela, “que até hoje considero impossível entender. Jamais compreenderei como pôde ser paciente e dócil por nove anos diante de qualquer tratamento, e no décimo explodir de forma tão furiosa e violenta.”

“Meu temperamento não é tão ruim quanto a senhora pensa. Sou arrebatada, mas não sou vingativa. Muitas vezes, quando criança, a teria amado de bom grado se a senhora houvesse permitido; e agora anseio intensamente por uma reconciliação. Dê-me um beijo, tia.”

Aproximei o rosto de seus lábios. Ela não o tocou. Disse que eu a estava oprimindo debruçando-me sobre a cama, e mais uma vez pediu água. Quando a deitei, pois a fizera sentar-se e a sustentara com o braço enquanto ela bebia, cobri sua mão gelada e repleta de suor com a minha. Os dedos fracos se desvencilharam do meu toque; os olhos vidrados evitaram os meus.

“Então me ame ou me odeie, como preferir”, falei, por fim. “A senhora tem meu total e espontâneo perdão. Peça agora o de Deus e fique em paz.”

Pobre e sofredora mulher! Agora era tarde para ela fazer o esforço de modificar sua inclinação habitual. Sempre havia me odiado quando viva; ao morrer, tinha de continuar me odiando.

A enfermeira então entrou, e atrás dela Bessie. Ainda fiquei ali mais meia hora na esperança de ver algum sinal de simpatia, mas a sra. Reed não deu nenhum. Estava mais uma vez sendo rapidamente dominada pelo estupor; sua mente não voltou a se recuperar. Ela morreu naquele mesmo dia, à meia-noite. Eu não estava presente para fechar seus olhos. Nenhuma de suas duas filhas tampouco. Vieram nos dizer na manhã seguinte que estava tudo acabado. Àquela altura ela já estava vestida e preparada. Eliza e eu fomos olhar. Georgiana, que havia irrompido num pranto ruidoso, disse não ter coragem de ir. Ali jazia estendido o corpo outrora robusto e animado de

Sarah Reed, rígido e imóvel. Seus olhos cor de ardósia estavam cobertos pelas pálpebras frias; a testa e os traços fortes ainda exibiam a força de sua alma inexorável. Aquele cadáver foi para mim um objeto estranho e solene. Fitei-o com pesar e dor. Ele não me inspirou nada suave, nada doce, nada piedoso, esperançoso ou tranquilizador, apenas uma dolorosa angústia pelas provações *dela* — e não pela *minha* perda — e uma consternação grave e sem lágrimas pelo caráter terrível de uma morte assim.

Eliza observou calmamente a genitora. Após um silêncio de alguns minutos, comentou: “Com sua constituição, ela deveria ter vivido até uma idade bem avançada; os problemas lhe encurtaram a vida”. Um espasmo então lhe repuxou os lábios por um instante. Quando passou, ela virou as costas e se retirou, e eu fiz o mesmo. Nenhuma de nós derramara uma única lágrima.

Apesar de o sr. Rochester ter me dado apenas uma semana de licença, um mês se passou antes de eu deixar Gateshead. Quis ir embora logo depois do enterro, mas Georgiana me convenceu a ficar até ela poder partir rumo a Londres, para onde fora enfim convidada pelo tio, o sr. Gibson, que viera coordenar o sepultamento da irmã e resolver os assuntos financeiros da família. Georgiana disse ter medo de ficar sozinha com Eliza; da irmã não recebia nem empatia na sua dor, nem apoio em seus temores, nem ajuda com seus preparativos; assim, supreei o quanto pude seus choramingos descerebrados e seus lamentos egoístas e dei o melhor de mim para costurar para ela e empacotar seus vestidos. É bem verdade que, enquanto eu trabalhava, ela não fazia nada; e eu pensava comigo mesma: “Se você e eu devêssemos viver sempre juntas, prima, começaríamos as coisas de um jeito diferente. Eu não me contentaria docilmente em ser a parte submissa; iria lhe atribuir o seu quinhão de trabalho e forçá-la a dar conta dele, caso contrário, ele ficaria por fazer. Também insistiria para que você guardasse dentro do próprio peito algumas dessas reclamações chorosas e parcialmente sinceras. É só pelo fato de nossa ligação por acaso ser muito transitória e ocorrer num período singular de luto que aceito me comportar de modo tão paciente e dócil”.

Por fim, despedi-me de Georgiana; mas então foi a vez de Eliza me pedir para ficar mais uma semana. Seus planos exigiam todo o seu tempo e toda a sua atenção, falou; ela estava prestes a partir rumo a um destino desconhecido; e passava o dia inteiro no próprio quarto, com a porta trancada por dentro, enchendo baús, esvaziando gavetas, queimando papéis e sem se comunicar com ninguém. Desejava que eu cuidasse da casa, recebesse visitas e respondesse às cartas de condolências.

Certa manhã, disse-me que eu estava dispensada. “E sou-lhe grata por seus valiosos serviços e por seu comportamento discreto!”, acrescentou. “Há uma diferença e tanto entre viver com alguém como a senhorita e com Georgiana: a senhorita cumpre seu papel na vida e não sobrecarrega ninguém. Amanhã”, prosseguiu ela, “partirei para o continente. Meu destino é uma casa religiosa perto de Lille, um convento, como diria a senhorita; lá ficarei tranquila e não serei incomodada. Durante algum tempo vou me dedicar a examinar os dogmas da Igreja católica e a estudar cuidadosamente como funciona seu sistema; se constatar que ele é, como desconfio que seja, o mais bem calculado para garantir que tudo seja feito com decência e ordem, abraçarei os princípios católicos e provavelmente tomarei o véu.”

Não expressei surpresa com a decisão nem tentei dissuadi-la. “A vocação lhe convém perfeitamente”, pensei; “bom proveito!”

Ao nos despedirmos, ela falou: “Adeus, prima Jane Eyre. Desejo-lhe felicidade. A senhorita tem a cabeça no lugar”.

Eu então retruquei: “A senhorita também tem a cabeça no lugar, prima Eliza; mas o que tem, imagino, será emparedado vivo daqui a um ano dentro dos muros de um convento francês. Isso não é assunto meu, entretanto, e se assim lhe convém... não me importa muito”.

“Tem razão”, disse-me; e com essas palavras seguimos cada qual o seu caminho. Como não terei oportunidade de mencionar novamente ela ou a

irmã, mais vale dizer agora que Georgiana fez um casamento vantajoso com um homem elegante, rico e decrépito, e que Eliza de fato tomou o véu e é hoje madre superiora do convento no qual passou o período de seu noviciado e ao qual legou sua fortuna.

Eu não sabia como as pessoas se sentiam ao voltar para casa após uma ausência, fosse ela longa ou curta; nunca tinha experimentado essa sensação. Soubera o que era voltar a Gateshead, quando criança, depois de uma longa caminhada, e levar uma bronca por estar com um aspecto frio ou desanimado; e soubera mais tarde o que era voltar da igreja para Lowood, ansiosa por uma lauta refeição e por um bom fogo, e não conseguir nenhuma das duas coisas. Nenhum desses retornos fora muito agradável ou desejável; nenhum ímã me atraía para um ponto fixo, aumentando sua força conforme eu me aproximava. A volta a Thornfield ainda precisava ser vivida.

Minha viagem me pareceu tediosa, muito tediosa: cinquenta milhas num dia, pernoite numa hospedaria; cinquenta milhas no dia seguinte. Passei as primeiras doze horas pensando na sra. Reed em seus últimos momentos; vi seu rosto desfigurado e descorado, e ouvi sua voz estranhamente alterada. Pensei no dia do enterro, no caixão, no carro fúnebre, no negro cortejo de arrendatários e empregados — eram poucos os parentes —, no jazigo aberto, na igreja silenciosa, na missa solene. Então pensei em Eliza e Georgiana; imaginei uma como o centro das atenções num salão de baile, a outra confinada à cela de um convento; e fiquei refletindo e analisando as respectivas peculiaridades de suas aparências e de seus temperamentos. A chegada à noite à cidade de *** dispersou esses pensamentos, e a noite os guiou numa direção bem distinta. Deitada em minha cama de viajante, troquei as reminiscências pela expectativa.

Estava voltando para Thornfield. Mas quanto tempo ficaria lá? Não muito, disso eu tinha certeza. Tivera notícias da sra. Fairfax durante minha ausência: os hóspedes da casa tinham ido embora; o sr. Rochester partira para Londres três semanas antes, mas esperava-se que voltasse dali a quinze dias. A sra. Fairfax supunha que tivesse ido tomar providências relacionadas ao seu casamento, já que ele mencionara a compra de uma carruagem nova. Disse que a ideia de ele se casar com a srta. Ingram ainda lhe parecia estranha, mas que, pelo que todos diziam e pelo que ela própria tinha visto, não podia mais haver dúvidas de que aquilo em breve aconteceria. “A senhora faria prova de uma estranha incredulidade caso tivesse dúvidas”, foi meu comentário mental. “Eu não tenho.”

A pergunta que veio em seguida foi: “Para onde eu irei?”. Sonhei a noite inteira com a srta. Ingram. Num vívido sonho matinal, vi-a fechando os portões de Thornfield comigo do lado de fora e me apontando outra estrada, enquanto o sr. Rochester assistia de braços cruzados, sorrindo de modo sardônico, aparentemente tanto para ela quanto para mim.

Eu não tinha avisado à sra. Fairfax o dia exato da minha volta, pois não queria nem carroça nem carruagem à minha espera em Millcote. Pretendia percorrer o caminho tranquilamente a pé, sozinha; e muito discretamente, após deixar meu baú aos cuidados do estalajadeiro, saí da George Inn por volta das seis horas de uma tarde de junho e peguei a estrada que conduzia a Thornfield, a qual passava principalmente por campos e era agora pouco frequentada.

A noite de verão não estava clara nem esplêndida, mas bela e suave. Os camponeses juntavam feno ao longo de toda a estrada, e o céu, embora longe de estar sem nuvens, era um poço de promessas para o futuro: seu azul, quando visível, era ameno e calmo, e suas camadas de nuvens eram altas e esgarçadas. O oeste também tinha um tom quente: nenhum brilho

aquoso o esfriava; era como se houvesse um fogo aceso, um altar a arder por trás de seu painel de vapor marmorizado, e pelas aberturas vazasse uma vermelhidão dourada.

Fiquei satisfeita quando a estrada à minha frente encurtou, tanto que parei uma vez para me perguntar o que significava aquela alegria e para lembrar à minha razão que não era para minha casa que eu estava indo, nem para um lugar de repouso permanente, ou onde velhos amigos quisessem o melhor para mim e aguardassem minha chegada. “A sra. Fairfax vai acolhê-la com um sorriso afetuoso”, falei, “e a pequena Adèle vai bater palmas e dar pulinhos quando a vir. Mas você sabe muito bem que está pensando em outra pessoa que não elas, e que ele não está pensando em você.”

Mas o que pode ser mais teimoso do que a juventude? O que pode ser mais cego do que a inexperiência? Ambas afirmavam que o prazer de rever o sr. Rochester bastava, quer ele olhasse para mim ou não; e acrescentavam: “Apresse-se! Apresse-se! Fique com ele enquanto puder. Só mais alguns dias ou semanas, no máximo, e será separada dele para sempre!”. Então sufoquei uma dor que acabara de surgir, uma coisa disforme que não conseguia convencer a mim mesma a reconhecer e acalantar, e segui em frente depressa.

Nas campinas de Thornfield também estão fazendo feno; ou melhor, os camponeses terminam seu trabalho e voltam para casa com seus ancinhos nos ombros bem na hora em que chego. Tenho apenas uma campina ou duas para atravessar, então cruzarei a estrada e chegarei aos portões. Como as sebes estão repletas de rosas! Mas não tenho tempo de colher nenhuma; quero chegar à casa. Passo por uma roseira-brava alta, que lança por cima do caminho galhos cheios de folhas e flores; vejo a passagem estreita com seus degraus de pedra; e vejo, sentado ali, o sr. Rochester, com um livro e um lápis na mão; está escrevendo.

Bem, ele não é um fantasma, mas mesmo assim todos os meus nervos fraquejam; por um instante, perco o controle de mim mesma. O que significa isso? Eu não pensava que fosse tremer assim quando o visse, ou perder a voz ou os movimentos na sua presença. Voltarei assim que puder me mover; não preciso fazer esse papel de boba. Conheço outro caminho até a casa. Pouco importa: poderia conhecer vinte, pois ele me viu.

“Olá!”, exclama, e levanta seu livro e seu lápis. “Aí está você! Venha cá, por favor.”

Suponho que eu tenha ido, embora não saiba dizer como, já que mal tenho consciência de meus movimentos e me esforço apenas para aparentar calma e, acima de tudo, para controlar os músculos do rosto, que sinto se rebelarem com insolência contra minha vontade e lutarem para expressar o que eu tinha decidido esconder. Mas estou de véu; o véu está abaixado. Talvez eu ainda consiga dar um jeito de manter uma razoável compostura.

“Jane Eyre, é você? Está vindo de Millcote, e a pé? Sim... típico de você: não mandar buscar um transporte e chegar sacolejando pelas ruas e estradas como uma mortal comum, mas se aproximar de fininho do seu lar junto com o crepúsculo, como se fosse um sonho ou uma sombra. Onde diabos esteve metida nesse mês que passou?”

“Estava com minha tia, senhor, que morreu.”

“Uma verdadeira resposta de Jane! Que os bons anjos me protejam! Ela veio de outro mundo, da morada dos mortos, e me diz isso ao me encontrar sozinho aqui ao anoitecer! Se eu me atrevesse, iria tocá-la para ver se é feita de carne e osso ou de sombra, sua elfa! Mas seria como tentar capturar um fogo-fátuo azul num pântano. Sua fujona! Sua fujona!”, acrescentou ele após se calar por alguns instantes. “Longe de mim por um mês inteiro, e deve ter me esquecido, aposto.”

Eu sabia que haveria prazer em reencontrar meu patrão, muito embora matizado pelo temor de que ele em breve deixasse de ser meu patrão e pela certeza de que eu não era nada para ele. Mas o sr. Rochester tinha sempre (pelo menos assim eu pensava) um poder tão gigantesco de transmitir felicidade que provar nem que fossem apenas as migalhas que lançava para os pássaros estranhos e perdidos como eu era um banquete de alegria. Essas suas últimas palavras foram um bálsamo: pareciam dar a entender que o fato de eu tê-lo esquecido ou não tinha pouca importância para ele. E havia se referido a Thornfield como meu lar... quem me dera ali fosse o meu lar! Ele não se levantou dos degraus, e eu não me atrevi a lhe pedir para passar. Perguntei, isso sim, se ele não tinha ido a Londres.

“Sim; imagino que tenha descoberto isso com sua visão sobrenatural.”

“A sra. Fairfax me contou numa carta.”

“E ela lhe informou o que fui fazer?”

“Ah, sim! Todo mundo sabia o que o senhor tinha ido fazer.”

“Você precisa ver a carruagem, Jane, e me dizer se não acha que será perfeita para a sra. Rochester, e se ela não vai ficar parecida com a rainha Boudica¹ reclinada naquelas almofadas roxas. Eu queria combinar um pouco mais com ela externamente. Diga-me, então, você que é uma fada: não pode me dar um amuleto, ou uma poção mágica, ou algo desse tipo para me transformar num homem belo?”

“Isso estaria além do alcance da magia, senhor”; e, após pensar melhor, acrescentei: “Um olhar amoroso é o único amuleto necessário. Para um olhar assim, o senhor é belo o bastante; ou melhor, sua expressão séria tem um poder maior do que a beleza”.

Com uma perspicácia incompreensível para mim, o sr. Rochester às vezes lera pensamentos que eu não enunciara em voz alta. Naquela oportunidade, não deu atenção à minha abrupta resposta vocal, mas sorriu

para mim com um sorriso que só ele tinha, e que só usava em raras ocasiões. Pelo visto o considerava bom demais para fins ordinários. O sorriso era como o sol dos sentimentos, e agora me cobria de luz.

“Pode passar, pequena Jane”, disse ele, abrindo espaço para que eu atravessasse os degraus de pedra. “Suba até em casa e descanse seus pezinhos andarilhos na soleira de um amigo.”

Tudo o que eu precisava fazer agora era obedecer em silêncio; não era preciso dizer mais nada. Passei pelos degraus sem dizer uma palavra e pretendia me afastar tranquilamente. Um impulso me reteve, e uma força me fez dar meia-volta. Falei, ou algo dentro de mim falou no meu lugar, e contra a minha vontade:

“Obrigada, sr. Rochester, pela sua grande gentileza. Estou estranhamente feliz em voltar para junto do senhor; e onde o senhor estiver, lá será o meu lar... meu único lar.”

Saí andando tão depressa que até mesmo ele teria dificuldade para me alcançar caso tentasse. A pequena Adèle ficou quase louca de alegria ao me ver. A sra. Fairfax me recebeu com a simpatia sem artifícios de sempre. Leah sorriu, e até mesmo Sophie me cumprimentou com um “*bonsoir*”² contente. Tudo isso foi muito agradável; não existe felicidade comparável à de ser amada por seus semelhantes e sentir que sua presença contribui para seu conforto.

Naquela noite fechei os olhos decidida para o futuro. Impedi meus ouvidos de escutar a voz que não parava de me alertar sobre a separação próxima e a tristeza que se anunciava. Concluído o chá, a sra. Fairfax pegou seu tricô e eu me sentei num banco perto dela, com Adèle, ajoelhada no tapete, aninhada bem junto a mim, e uma sensação de afeto recíproco parecer nos rodear com um anel de paz dourada, fiz uma prece muda para que não fôssemos separadas tão cedo; mas quando, enquanto estávamos

assim sentadas, o sr. Rochester entrou sem se fazer anunciar, e ao nos ver pareceu sentir prazer diante do espetáculo de um grupo tão unido — quando disse imaginar que a velha senhora estava bem agora que tinha recuperado sua filha adotiva, e acrescentou que via que Adèle estava “*prête à croquer sa petite maman anglaise*”³ —, quase me aventurei a esperar que, mesmo depois do casamento, ele fosse nos manter juntas em algum lugar sob o abrigo da sua proteção, e não totalmente exiladas da luz da sua presença.

Duas semanas de uma calma duvidosa sucederam meu retorno a Thornfield Hall. Nada foi dito sobre o casamento do patrão, e não vi nenhum preparativo em curso para esse acontecimento. Quase todos os dias perguntava à sra. Fairfax se ela já ficara sabendo de alguma decisão; a resposta era sempre negativa. Uma vez, disse ela, chegara a perguntar ao sr. Rochester quando ele traria sua noiva para casa, mas ele lhe respondera apenas com uma brincadeira e um de seus olhares esquisitos, e ela não soubera como interpretar aquilo.

Uma coisa me deixou especialmente surpresa, a saber, a ausência de quaisquer idas e vindas, de qualquer visita a Ingram Park. Está certo que a propriedade ficava a vinte milhas dali, na divisa de outro condado; mas o que significava essa distância para um homem apaixonado? Para um cavaleiro experiente e incansável como o sr. Rochester, a viagem teria levado uma simples manhã. Comecei a acalentar esperanças que não tinha o direito de imaginar: que o compromisso fora rompido; que os boatos estavam equivocados; que um dos noivos ou ambos haviam mudado de ideia. Costumava olhar para o rosto de meu patrão para ver se ele estava triste ou zangado, mas não conseguia recordar um tempo em que ele houvesse estado tão completamente livre de nuvens ou sentimentos ruins. Sempre que, nos momentos que eu e minha aluna passávamos com ele, eu perdia a energia e afundava num desânimo inevitável, ele chegava a se

alegrar. Nunca me chamara com mais frequência ao seu encontro; nunca se mostrara mais gentil comigo nessas ocasiões... e eu, ai de mim, nunca o amara tanto.

1. Guerreira celta da tribo bretã dos icenos, que em duas ocasiões derrotou os romanos no século i, e no xix se tornou um símbolo da identidade nacional britânica.

2. “Boa noite.”

3. “Quase devorando sua mãezinha inglesa.”

Um esplêndido solstício de verão brilhava sobre a Inglaterra: céus tão puros e sóis tão radiantes, vistos em tão longa sucessão, raras vezes alegram nossa ilha, mesmo isoladamente. Era como se um grupo de dias italianos tivesse chegado do Sul, qual um glorioso bando de aves migratórias, e pousado para descansar nos penhascos de Albion.¹ O feno já fora todo recolhido; os campos ao redor de Thornfield estavam verdes e ceifados; as estradas brancas e secas; as árvores no auge do esplendor; as sebes e a mata repletas de folhas e ricas em cores contrastavam fortemente com o tom ensolarado das campinas ceifadas ao redor.

Na véspera do solstício, Adèle, cansada por ter passado metade do dia colhendo morangos selvagens na estrada de Hay, fora cedo para a cama. Vi-a adormecer e, após deixá-la, saí para o jardim.

Era a hora mais agradável de todas. “O dia tinha esgotado seu fogo”,² e o sereno fresco encobria as planícies vaporosas e os cumes calcinados. No lado em que o sol se pusera sozinho — sem sua escolta de nuvens — espalhava-se um roxo solene que num ponto, acima do pico de um morro, ardia com a mesma luz de uma joia rubra e das chamas de uma fornalha, e então se estendia a toda a volta, cada vez mais suave, por metade do céu. O leste também exibia seu próprio charme de um azul belo e escuro, e sua

própria e modesta pedra preciosa: uma estrela a se erguer solitária. Em breve haveria ali a lua, mas esta ainda se encontrava abaixo do horizonte.

Caminhei um pouco pelo calçamento, mas um cheiro leve e conhecido — um cheiro de charuto — emanava de alguma janela; vi a da biblioteca se abrir um palmo; sabia que poderia ser vista de lá, de modo que me afastei e entrei no pomar. Não havia em todo o jardim um recanto mais protegido e mais semelhante ao Éden; o pomar era cheio de árvores e estava inteiro em flor. Um muro bem alto o protegia do pátio num dos lados; do outro, uma aleia de faias o separava do gramado. No final havia uma cerca afundada, única separação entre ele e os campos desertos. Um caminho sinuoso margeado de loureiros e que ia terminar num gigantesco castanheiro rodeado na base por um banco levava até a cerca. Ali era possível caminhar sem ser visto. Com aquele doce orvalho a cair, com o silêncio que reinava, com aquele anoitecer, tive a sensação de que poderia ficar naquela sombra para sempre; mas ao pisar os canteiros de flores e frutos na parte mais interna do espaço fechado, atraída para lá pela luz que a lua agora nascente lançava no trecho mais aberto, meus passos foram detidos não por um barulho nem por uma visão, mas outra vez por um cheiro que me alertou.

As rosas-bravas e os abrótanos, os jasmims, diantos e rosas já vinham exalando havia tempos seu noturno sacrifício de aromas. Esse cheiro novo não é de um arbusto nem de uma flor; é o cheiro — eu o conheço bem — do charuto do sr. Rochester. Olho em volta e apuro os ouvidos. Vejo árvores carregadas de frutos maduros. Ouço um rouxinol trinar na mata a meia milha dali; não se vê nenhuma forma em movimento, não se ouve nenhum passo se aproximar, mas o perfume se intensifica; preciso fugir. Vou em direção ao pequeno portão que conduz aos arbustos e vejo o sr. Rochester entrando. Dou um passo de lado para dentro do nicho de hera; ele não vai

ficar muito tempo. Em breve voltará para o lugar de onde veio, e se eu ficar sentada sem me mexer, ele nunca vai me ver.

Mas não: a noite está tão agradável para ele quanto para mim, e aquele velho jardim é encantador; ele segue caminhando, ora erguendo os galhos de uma groselheira para examinar os frutos grandes como ameixas de que estão carregados; ora pegando no muro uma cereja madura; ora se abaixando em direção a um emaranhado de flores, quer para sentir sua fragrância ou para admirar as gotas do orvalho em suas pétalas. Uma imensa mariposa passa zumbindo por mim e aterrissa numa planta aos pés do sr. Rochester. Ele a vê e se curva para examiná-la.

“Agora ele está de costas para mim”, pensei, “e além disso está ocupado; quem sabe se eu pisar de fininho consiga sair sem ele notar.”

Pisei num canteiro de grama para que os estalos do cascalho não me denunciasses. Ele estava parado no meio dos canteiros a um ou dois metros de onde eu precisava passar; parecia entretido com a mariposa. “Vou passar sem problemas”, refleti. Quando atravessei sua sombra, espichada no chão do pomar pela lua ainda não muito alta, ele disse baixinho, sem se virar: “Jane, venha ver esta criatura”.

Eu não tinha feito barulho algum. Ele não tinha olhos nas costas. Seria sua sombra capaz de sentir? De início me sobressaltei, depois me aproximei dele.

“Veja as asas”, disse ele; “ela me lembra um inseto das Índias Ocidentais; não é frequente ver um inseto noturno tão grande e de cores tão vistosas aqui na Inglaterra. Pronto! Voou.”

A mariposa se foi. Também comecei a recuar acanhadamente, mas o sr. Rochester me seguiu, e quando chegamos ao pequeno portão falou: “Volte. É uma pena sentar dentro de casa numa noite tão bonita. E com certeza

ninguém pode querer ir para a cama quando o poente encontra a lua desse jeito”.

Um de meus defeitos é que, embora minha língua seja às vezes razoavelmente rápida para responder, há ocasiões em que ela infelizmente não consegue me ajudar a inventar uma desculpa; e esse lapso ocorre sempre durante alguma crise, quando uma palavra fácil ou um pretexto plausível são especialmente necessários para me tirar de algum doloroso constrangimento. Eu não queria caminhar àquela hora sozinha com o sr. Rochester nas sombras do pomar, mas não consegui encontrar um motivo para ir embora. Segui-o remanchando o passo e revirando os pensamentos para tentar encontrar um modo de me retirar. No entanto, ele próprio tinha um ar tão tranquilo e ao mesmo tempo tão grave que fiquei envergonhada de sentir qualquer constrangimento; o mal — se é que mal havia, ou sua possibilidade — parecia estar apenas na minha mente; a dele estava inconsciente e tranquila.

“Jane”, retomou o sr. Rochester quando entramos no caminho dos loureiros e fomos avançando devagar em direção à cerca afundada e ao castanheiro, “Thornfield é um lugar agradável no verão, não é?”

“É sim, senhor.”

“Você deve ter se apegado à casa em alguma medida... você, que presta atenção nas belezas naturais e tem forte inclinação ao apego.”

“Sim, de fato me apeguei à casa.”

“E, embora eu não entenda como isso se deu, percebo que desenvolveu também certo apreço por aquela menina tola, Adèle; e até pela simplória sra. Fairfax.”

“Sim, senhor; de modos diferentes, sinto afeto pelas duas.”

“E ficaria triste em ter de se separar delas?”

“Sim.”

“Que pena!”, disse ele, e suspirou e fez uma pausa. “É sempre assim que as coisas da vida acontecem”, continuou depois de algum tempo; “assim que nos acomodamos num local agradável para descansar, uma voz nos diz para levantar e seguir em frente, pois a hora do repouso acabou.”

“Devo seguir em frente, senhor?”, indaguei. “Devo ir embora de Thornfield?”

“Acredito que sim, Jane. Sinto muito, pequena Jane, mas de fato acredito que sim.”

Aquilo foi um golpe, mas não deixei que ele me prostrasse.

“Bem, senhor, estarei pronta quando vier a ordem de marchar.”

“Ela já veio; preciso dá-la hoje à noite.”

“Quer dizer que vai *mesmo* se casar?”

“Exato... precisamente. Com sua sagacidade de sempre, você acertou em cheio.”

“Em breve, senhor?”

“Muito em breve, minha... digo, srta. Eyre. E há de se lembrar, Jane, que na primeira vez que eu ou os boatos lhe deram a entender claramente que eu tinha a intenção de pôr meu pescoço de velho solteirão na forca sagrada, de adentrar a sagrada condição do matrimônio — em suma, de abraçar a srta. Ingram (é preciso um braço bem comprido para abraçá-la, mas isso não vem ao caso... é impossível exagerar na dose de algo tão excelente quanto minha linda Blanche)... Bem, como eu ia dizendo... Escute-me, Jane! Não está virando a cabeça para olhar outras mariposas, está? Isso foi só uma joaninha ‘voando para o seu lar’,³ menina. Quero lembrar-lhe que foi a primeira pessoa a me dizer, com seu poder de observação que respeito, com a antecipação, prudência e humildade condizentes com seu cargo responsável e dependente, que caso eu viesse a desposar a srta. Ingram seria melhor tanto você quanto a pequena Adèle seguirem outros caminhos. Não

vou me alongar sobre o tipo de alusão ao caráter de minha amada contido nessa sugestão; na verdade, pequena Jane, quando você estiver longe, eu tentarei esquecê-la. Prestarei atenção somente no seu bom senso, que é de tal ordem a ponto de eu ter feito dele o norte de minhas ações. Adèle deve ir para um colégio interno; e você, srta. Eyre, precisa de um novo emprego.”

“Sim, senhor; porei um anúncio imediatamente. Enquanto isso, imagino que...” Eu ia dizer: “Imagino que eu possa ficar aqui até encontrar outro abrigo para onde ir”. Mas calei-me, pois senti que não era indicado arriscar uma frase longa, pois minha voz não se encontrava inteiramente sob meu controle.

“Daqui a cerca de um mês espero ser um noivo”, prosseguiu o sr. Rochester, “e nesse meio-tempo eu próprio buscarei um trabalho e um abrigo para você.”

“Obrigado, senhor. Sinto muito dar...”

“Ah, não precisa se desculpar! Considero que, quando um empregado cumpre seu dever tão bem quanto cumpriu o seu, pode exigir do patrão qualquer pequena ajuda que ele possa confortavelmente lhe prestar; na verdade, por intermédio de minha futura sogra, já fiquei sabendo de um lugar que, penso, será adequado. Trata-se de assumir a educação das cinco filhas da sra. Dionysius O’Gall, que vive em Bitternutt Lodge, Connaught, na Irlanda. Acho que vai gostar da Irlanda. Dizem que o povo é muito caloroso.”

“Lá é muito longe, senhor.”

“Pouco importa... uma moça com o seu bom senso não vai se opor à viagem nem à distância.”

“À viagem, não, mas à distância, sim. Além disso, o mar é um obstáculo...”

“Em relação a quê, Jane?”

“À Inglaterra e a Thornfield. E...”

“Sim?”

“Em relação *ao senhor*.”

Eu disse isso de modo quase involuntário, e, igualmente sem autorização da minha vontade, as lágrimas brotaram. Mas não chorei de um modo que pudesse ser ouvido; evitei os soluços. Pensar na sra. O’Gall e em Butternut Lodge fez meu coração gelar; e mais gelado ainda foi pensar em todo o mar e toda a espuma que pareciam destinados a correr entre mim e o patrão ao lado de quem agora caminhava; e o mais gelado de tudo era a lembrança do oceano mais vasto de riqueza, posição social e costume que havia entre mim e aquele que eu natural e inevitavelmente amava.

“É muito longe”, tornei a dizer.

“É sim, com certeza; e quando você chegar a Bitternutt Lodge, em Connaught, Irlanda, nunca mais irei vê-la, Jane. Isso é moralmente certo. Nunca vou à Irlanda, pois eu mesmo não gosto muito do país. Fomos bons amigos, não fomos, Jane?”

“Fomos, sim, senhor.”

“E, quando amigos estão prestes a se separar, eles gostam de passar todo o tempo que lhes resta perto um do outro. Venha! Vamos conversar calmamente sobre a viagem e a separação, por meia hora ou algo assim, enquanto as estrelas iniciam sua brilhante trajetória no céu lá em cima. Eis o castanheiro. Eis o banco sobre suas velhas raízes. Venha, vamos nos sentar ali em paz hoje à noite, embora estejamos fadados a nunca mais nos sentarmos ali juntos.” Ele se sentou e me fez sentar também.

“O caminho até a Irlanda é longo, pequena Jane, e lamento despachar minha amiguinha numa viagem tão cansativa. Mas se é o melhor que posso fazer, como evitar? Acha que tem alguma afinidade comigo, Jane?”

Eu agora já não podia arriscar nenhum tipo de resposta. Meu coração estava paralisado.

“Porque”, disse ele, “eu às vezes tenho uma estranha sensação em relação a você... principalmente quando está perto de mim como agora. É como se eu tivesse uma corda em algum lugar sob minhas costelas esquerdas, uma corda que estivesse presa com um nó apertado e inextricável a uma corda semelhante, situada no quadrante correspondente do seu pequeno corpo. E se aquele agitado canal e duzentas milhas ou algo assim se interpuserem entre nós, temo que essa corda entre nós se rompa; e se isso acontecer tenho medo de sangrar por dentro. Você, por sua vez... me esqueceria.”

“Isso eu *jamaiz* farei. O senhor sabe que...” Foi-me impossível continuar.

“Jane, está ouvindo esse rouxinol cantando na mata? Escute!”

Ao escutar, pus-me a soluçar convulsivamente, pois já não conseguia conter o que estava me atormentando; fui obrigada a ceder, e uma forte aflição me sacudiu da cabeça aos pés. Quando consegui falar, foi apenas para expressar um fervoroso desejo de *jamaiz* ter nascido ou de *jamaiz* ter posto os pés em Thornfield.

“Por que está triste por ter de partir?”

A veemência da emoção causada pela tristeza e pelo amor dentro do meu peito tentava assumir o controle e lutava para se libertar, e para reivindicar o direito de dominar, de se sobressair, de viver, crescer, e por fim reinar. Sim... e de falar.

“Fico triste por ir embora de Thornfield; eu amo Thornfield... amo porque aqui vivi uma vida plena e deliciosa... pelo menos por um tempo. Não fui pisoteada. Não fui tratada como se não existisse. Não fui enterrada com mentes inferiores e excluída de qualquer possibilidade de comunhão com aquilo que é brilhante, enérgico e superior. Conversei face a face com aquilo que venero, com aquilo que me deleita... com uma mente original,

vigorosa, expandida. Eu o conheci, sr. Rochester; e causa-me horror e angústia sentir que preciso definitivamente me separar do senhor para sempre. Vejo a necessidade de partir, e é como vislumbrar a necessidade da morte.”

“Onde vê essa necessidade?”, perguntou ele de repente.

“Onde? O senhor mesmo a pôs na minha frente.”

“Em que formato?”

“No formato da srta. Ingram, uma mulher nobre, uma mulher linda... sua noiva.”

“Minha noiva! Que noiva? Eu não tenho noiva!”

“Mas vai ter.”

“Sim... vou ter! Vou ter!” Ele cerrou os dentes.

“Nesse caso preciso partir... o senhor mesmo disse.”

“Não: você precisa ficar! Eu juro... e vou manter minha palavra.”

“Estou lhe dizendo que devo ir embora!”, retruquei, agora arrebatada. “Acha que posso ficar aqui e me tornar um nada para o senhor? Acha que sou um autômato? Uma máquina sem sentimentos? Que posso suportar que arranquem da minha boca meu pedaço de pão, que derramem do meu cálice a gota d’água que me faz viver? Acha que, por eu ser pobre, desconhecida, feia e miúda, não tenho alma nem coração? Pois está enganado! Tenho tanta alma quanto o senhor... e o mesmo coração! E se Deus tivesse me dado alguma beleza e muita riqueza, teria feito com que fosse tão difícil para o senhor me deixar quanto é agora para mim deixá-lo. Não estou lhe falando com a voz do costume, das convenções, nem mesmo da carne mortal; é meu espírito que se dirige ao seu, como se ambos tivéssemos passado pelo túmulo e estivéssemos postados aos pés de Deus, dois iguais... que é o que somos!”

“Que é o que somos!”, repetiu o sr. Rochester. “É isso mesmo”, acrescentou, tomando-me nos braços, puxando-me para seu peito e pressionando os lábios nos meus. “É isso mesmo, Jane!”

“Sim, senhor, é isso mesmo”, retruquei. “E ao mesmo tempo não é. Pois o senhor é um homem casado... ou praticamente casado, e casado com alguém que lhe é inferior, com alguém por quem não sente empatia e que não creio que ame de verdade, pois eu o vi e ouvi desdenhar dela. Eu rejeitaria uma união assim. Portanto, sou melhor do que o senhor... deixe-me ir!”

“Para onde, Jane? Para a Irlanda?”

“Sim... para a Irlanda. Já falei o que penso, e agora posso ir para qualquer lugar.”

“Jane, fique quieta; não se debata assim, como um passarinho selvagem descontrolado que perde as próprias penas de tanto desespero.”

“Não sou um passarinho, e nenhuma armadilha me prende; sou um ser humano livre com vontade própria, a qual agora vou exercer para deixá-lo.”

Um novo tranco me libertou, e fiquei parada na frente dele.

“E é você quem vai decidir seu destino”, disse ele. “Eu lhe ofereço a minha mão, o meu coração, e uma parte de todos os meus bens.”

“O senhor está encenando uma farsa que só me faz rir.”

“Estou lhe pedindo para passar a vida ao meu lado... para ser meu segundo eu, minha melhor companheira nesta terra.”

“Para esse papel o senhor já fez sua escolha e agora precisa respeitá-la.”

“Jane, fique quieta alguns instantes; você está alterada. Também ficarei parado.”

Uma lufada de vento desceu pelo caminho de loureiros e fez estremecer os galhos do castanheiro. Depois foi se afastando, se afastando até uma distância indefinida e abateu. O canto do rouxinol era a única voz a fazer-se

ouvir naquele horário; ao escutá-lo, mais uma vez chorei. O sr. Rochester ficou sentado calado, olhando-me com uma expressão suave e séria. Algum tempo transcorreu antes de ele falar; por fim, disse: “Venha aqui perto de mim, Jane, e vamos nos explicar e nos entender”.

“Nunca mais vou chegar perto do senhor; agora consegui escapar e não posso mais voltar.”

“Mas, Jane, é como minha esposa que eu a estou chamando; é só com você que pretendo me casar.”

Fiquei calada. Pensei que ele estivesse zombando de mim.

“Venha, Jane... chegue mas perto.”

“Sua noiva está entre nós.”

Ele se levantou e com um passo largo me alcançou.

“Minha noiva está aqui”, falou, puxando-me outra vez para si, “porque aqui está minha igual e minha semelhante. Jane, aceita se casar comigo?”

Continuei sem responder e tentando me desvencilhar do abraço dele, pois ainda não conseguia acreditar.

“Duvida de mim, Jane?”

“Totalmente.”

“Não acredita em mim?”

“Nem um pinga.”

“Sou um mentiroso aos seus olhos?”, perguntou ele num tom exaltado. “Sua pequena cética, *vou* convencê-la. Quanto amor eu tenho pela srta. Ingram? Nenhum, e você bem sabe. Quanto amor tem ela por mim? Nenhum, como me esforcei por provar: fiz chegar até ela um boato de que minha fortuna não chegava a um terço do que se supunha, e depois fui procurá-la para ver o resultado; o resultado foi frio, tanto da parte dela quanto da mãe dela. Eu não poderia, não conseguiria casar com a srta. Ingram. Já você, sua coisinha estranha, quase sobrenatural... já você eu

amo como se fizesse parte de mim. Você, por mais pobre e desconhecida que seja, por mais miúda e sem graça... eu lhe suplico que me aceite como marido.”

“O quê? Eu?”, exclamei, começando, pela sua veemência, e sobretudo pela sua grosseria, a acreditar que estava sendo sincero; “eu, que não tenho um amigo sequer no mundo, exceto o senhor, se é que o senhor é meu amigo? Eu, que não tenho um xelim, exceto aquilo que me deu?”

“Você, Jane. Preciso ter você para mim... inteira para mim. Aceita ser minha? Diga que sim, depressa.”

“Deixe-me olhar para o seu rosto, sr. Rochester. Vire-se para o luar.”

“Por quê?”

“Porque quero ler sua expressão... vire-se!”

“Pronto! Vai constatar que ela é tão legível quanto uma folha de papel rabiscada e amassada. Pode ler. Mas se apresse, pois estou sofrendo.”

O semblante dele estava muito agitado e muito vermelho, os traços exibiam forte alteração, e os olhos, um estranho brilho.

“Ah, Jane, você está me torturando!”, exclamou ele. “Está me torturando com esse olhar perscrutador e, no entanto, fiel e generoso!”

“Como posso fazer isso? Se estiver falando a verdade e sua proposta for real, meus únicos sentimentos em relação ao senhor devem ser gratidão e devoção... O que há de doloroso neles?”

“Gratidão!”, exclamou ele; e acrescentou com fervor: “Aceite-me depressa, Jane. Diga: Edward... me chame pelo meu nome, Edward... eu aceito me casar com você”.

“O senhor está sendo sincero? Ama-me de verdade? Deseja sinceramente que eu seja sua esposa?”

“Sim; e se for preciso jurar para satisfazê-la, eu juro.”

“Nesse caso, aceito me casar com o senhor.”

“Me chame de Edward... minha pequena esposa!”

“Querido Edward!”

“Venha cá... venha a mim por inteiro agora”, disse ele; e acrescentou, no seu tom mais grave, falando em meu ouvido, com o rosto encostado no meu: “Me faça feliz... eu a farei feliz também”. Pouco depois, arrematou:

“Que Deus me perdoe! E que homem algum se intrometa: eu agora a peguei e não vou soltá-la.”

“Não há ninguém para se intrometer, senhor. Não tenho parente nenhum para interferir.”

“Não... essa é a melhor parte”, disse ele.

Se eu o houvesse amado menos teria considerado desvairados seu tom e sua expressão exultante; mas ali, sentada ao seu lado, despertada do pesadelo da separação — e chamada ao paraíso da união —, tudo em que conseguia pensar era na alegria que me fora dada em tamanha abundância. Ele não parava de repetir: “Está feliz, Jane?”. E eu não parava de responder: “Sim”. Depois disso ele murmurou: “Isso vai me redimir... vai me redimir. Eu não a encontrei sem amigos, fria e sem ter quem a reconfortasse? Não vou protegê-la, amá-la e consolá-la? Meu coração não está cheio de amor, e não estão minhas decisões cheias de firmeza? Serei perdoado no tribunal de Deus. Sei que meu Criador aprova o que estou fazendo. Quanto ao julgamento do mundo... desse eu lavo minhas mãos. Quanto à opinião dos homens, vou enfrentá-la”.

Mas o que havia acontecido com a noite? A lua ainda não tinha se posto, e estávamos em completa escuridão. Por mais perto que estivesse, eu mal conseguia ver o rosto de meu patrão. E o que estava acontecendo com o castanheiro? Ele se contorcia e gemia, enquanto o vento rugia no caminho de loureiros e nos fustigava com força.

“Precisamos entrar”, disse o sr. Rochester; “o tempo está mudando. Eu poderia ficar sentado com você até de manhã, Jane.”

“E eu também com o senhor”, pensei. Talvez devesse ter dito aquilo, mas uma centelha clara e vívida irrompeu de uma nuvem para a qual eu estava olhando, e ouviu-se um estalo, um estrondo e um chacoalhar bem próximo; e tudo o que consegui pensar em fazer foi esconder meus olhos ofuscados no ombro do sr. Rochester.

Começou a chover. Ele me conduziu depressa pelo caminho de loureiros, pelo jardim e até dentro de casa, mas ficamos bastante molhados antes de conseguir passar pela soleira. O sr. Rochester estava tirando meu xale no saguão e sacudindo a água de meus cabelos soltos quando a sra. Fairfax saiu de seu quarto. No início eu não a vi, e o sr. Rochester tampouco. A lamparina estava acesa. O relógio marcava meia-noite.

“Tire depressa as roupas molhadas”, disse ele, “e antes de você ir, boa noite... boa noite, minha querida!”

Ele me beijou repetidas vezes. Quando ergui os olhos ao sair de seus braços, ali estava a viúva, pálida, grave e assombrada. Limitei-me a sorrir para ela e subi correndo a escada. “As explicações ficam para outro momento”, pensei. Mesmo assim, chegando ao meu quarto, senti uma pontada ao pensar que ela poderia, ainda que temporariamente, interpretar mal o que vira. Mas a felicidade logo apagou qualquer outro sentimento, e por maior que fosse o barulho do vento, próximo e grave quando o trovão rugia, por mais brilhantes e frequentes que fossem as explosões dos raios, por mais torrencial que fosse a chuva que desabou durante o temporal de duas horas, não experimentei medo algum e somente pouco assombro. O sr. Rochester foi três vezes à porta do meu quarto durante a tormenta perguntar se eu estava segura e tranquila. E isso foi um reconforto e me deu forças para qualquer coisa.

Pela manhã, antes de eu sair da cama, a pequena Adèle entrou correndo para me dizer que o grande castanheiro nos fundos do pomar tinha sido atingido por um raio durante a noite e que rachara ao meio.

-
1. Forma poética de se referir à Inglaterra.
 2. Referência ao poema “The Turkish Lady”, de Thomas Campbell (1777-1844).
 3. Alusão a uma canção de ninar tradicional: “*Ladybird, ladybird, fly away home/ Your house is on fire and your children are gone*” [Joaninha, joaninha, vá voando para o seu lar/ Sua casa está em chamas e seus filhos noutro lugar].

xxiv

Enquanto eu me levantava e me vestia, pensei sobre o que tinha acontecido e me perguntei se teria sido um sonho. Não podia ter certeza da realidade antes de tornar a ver o sr. Rochester e de ouvi-lo repetir suas palavras de amor e suas promessas.

Enquanto arrumava os cabelos, olhei meu rosto no espelho e senti que ele já não era mais feio: havia esperança em seu aspecto e vida em seu colorido, e meus olhos pareciam ter vislumbrado a fonte da felicidade e pegado emprestado o brilho de suas ondulações cintilantes. Muitas vezes eu não tinha querido olhar para meu patrão, pois temia que minha aparência não lhe agradasse, mas agora tinha certeza de que poderia erguer o rosto em direção ao dele e de que minhas feições não fariam arrefecer seu afeto. Tirei da gaveta um vestido de verão simples, porém limpo e leve, e o vesti; foi como se nenhum outro traje jamais houvesse me caído tão bem, porque eu nunca tinha usado nenhum numa disposição tão feliz.

Ao descer para o saguão, não fiquei surpresa ao ver que uma resplandecente manhã de junho havia sucedido a tempestade da noite e ao sentir pela porta de vidro aberta o sopro de uma brisa pura e perfumada. A natureza devia estar contente por me ver tão feliz. Uma mulher pobre e seu filhinho, ambos pálidos e trajando farrapos, vinham subindo em direção à

casa, e desci correndo para lhes dar todo o dinheiro que tinha no meu porta-moedas, uns três ou quatro xelins. Fossem eles bons ou maus, precisavam compartilhar meu júbilo. As gralhas grasnavam e outros pássaros mais animados cantavam, mas nada era tão alegre nem tão musical quanto meu exultante coração.

A sra. Fairfax me surpreendeu ao olhar pela janela com uma expressão triste e dizer, grave: “Quer subir para o desjejum, srta. Eyre?”. Durante a refeição, ela se mostrou calada e fria. Mas eu não podia lhe esclarecer as coisas ainda. Precisava esperar meu patrão para dar explicações, e ela também. Comi o que pude, então subi apressada. Cruzei com Adèle saindo da sala de aula.

“Aonde vai? Está na hora da aula.”

“O sr. Rochester me mandou ir para o quarto das crianças.”

“Onde ele está?”

“Ali dentro”, respondeu ela, apontando para o cômodo de onde acabara de sair; entrei, e lá estava ele.

“Venha me dar bom-dia”, disse ele. Satisfeita, avancei, e dessa vez não foi apenas uma palavra fria ou mesmo um aperto de mão que recebi, mas um abraço e um beijo. Aquilo me pareceu natural; era agradável ser amada e acariciada assim por ele.

“Jane, você está radiante, sorridente e bonita”, disse ele. “Está bonita mesmo hoje. Será essa minha pequena e pálida elfa? Será essa minha sementinha? Essa menininha de rosto brilhante, bochechas cheias de covinhas e lábios rosados; com esses lustrosos cabelos castanho-claros e esses brilhantes olhos cor de avelã?” (Meus olhos são verdes, leitor, mas é preciso perdoar esse equívoco; imagino que para ele agora tivessem uma nova cor.)

“Sou eu, senhor, Jane Eyre.”

“Em breve Jane Rochester”, acrescentou ele. “Daqui a quatro semanas, Jane, nenhum dia a mais. Está me ouvindo?”

Eu estava e não conseguia de todo compreender; aquilo me deixou tonta. A sensação que o anúncio provocou em mim foi algo mais forte do que a simples alegria, algo que embrutecia e atordoava. Creio que foi quase medo.

“Você corou e agora está branca. Por que isso, Jane?”

“Porque o senhor me chamou por outro nome... Jane Rochester; e isso parece muito estranho.”

“Sim, sra. Rochester”, disse ele, “jovem sra. Rochester... a menina-noiva de Fairfax Rochester.”

“Isso nunca será possível, senhor, nem parece provável. Os seres humanos nunca gozam de uma felicidade perfeita neste mundo. Não nasci para um destino diferente do restante da minha espécie. Imaginar algo assim acontecendo comigo é como um conto de fadas... um sonho em plena luz do dia.”

“Sonho que posso e vou realizar. Começarei hoje mesmo. Agora de manhã escrevi para meu banqueiro em Londres pedindo que me mandasse algumas joias que estão com ele... heranças das senhoras aqui de Thornfield. Daqui a um ou dois dias espero entregá-las a você. Pois terá todos os privilégios e todas as atenções que eu dispensaria a uma filha de nobre caso estivesse prestes a desposá-la.”

“Ah, senhor! Não se importe com joias! Nem gosto de ouvir falar nisso. Joias para Jane Eyre, como isso soa antinatural e estranho. Prefiro não recebê-las.”

“Eu mesmo porei o colar de brilhantes em volta do seu pescoço e a tiara em sua testa, onde ela cairá bem; pois pelo menos a natureza imprimiu seu

selo de nobreza nessa frente, Jane. E fecharei as pulseiras ao redor desses finos pulsos e encherei de anéis esses dedos de fada.”

“Não, senhor, não! Pense em outros assuntos, fale de outras coisas e em outro tom. Não fale comigo como se eu fosse uma beldade; sou sua feia preceptora, simples como uma quacre.”

“Aos meus olhos você é uma beldade, e uma beldade exatamente como meu coração deseja: delicada e etérea.”

“Diminuta e insignificante, o senhor quer dizer. Ou está sonhando ou está zombando de mim. Pelo amor de Deus, não seja irônico!”

“Farei o mundo reconhecer que você é uma beldade”, continuou o sr. Rochester enquanto eu ia ficando de fato incomodada com o tom por ele adotado, pois sentia que estava enganando a si mesmo, ou então tentava me enganar. “Vestirei minha Jane com cetins e rendas, e ela terá rosas nos cabelos; e cobrirei a cabeça que mais amo com um precioso véu.”

“Nesse caso não vai me reconhecer, senhor, e eu não serei mais sua Jane Eyre, mas uma macaca vestida de arlequim, um gaio trajando uma plumagem que não lhe pertence. Ver-me usando os trajes de uma dama da corte seria como vê-lo fantasiado para o palco, sr. Rochester; e apesar de amá-lo muito, não digo que o senhor é bonito. Amo-o demais para lhe fazer lisonjas. Não as faça a mim.”

Ele, porém, seguiu falando sobre o mesmo assunto sem dar atenção ao meu comentário. “Hoje mesmo levarei você de carruagem até Millcote, e escolherá alguns vestidos para usar. Eu lhe disse que vamos nos casar daqui a quatro semanas. Será um casamento discreto na igreja aqui perto da casa, e em seguida eu a levarei para Londres. Após uma breve estadia lá, conduzirei meu tesouro para regiões mais ensolaradas, vinhedos franceses e planícies italianas; e veremos tudo o que houver de famoso na velha história e nos tempos modernos. Vai experimentar também a vida nas cidades e

aprenderá a valorizar a si mesma por meio de uma justa comparação com as outras.”

“Vou viajar? E na sua companhia?”

“Você vai visitar Paris, Roma e Nápoles. Vai visitar Florença, Veneza e Viena. Todo o chão que eu pisei será percorrido novamente pelos seus pés; onde quer que eu tiver pousado meus cascos, seu pezinho de sítide também pisará. Dez anos atrás, percorri a Europa quase ensandecido; meus companheiros foram a repulsa, o ódio e a raiva. Agora vou revisité-la curado e purificado, com um verdadeiro anjo para me reconfortar.”

Eu ri quando ele disse aquilo. “Não sou um anjo”, afirmei, “nem o serei até o dia da minha morte; serei eu mesma. O senhor não deve esperar nem exigir de mim nada de celestial, sr. Rochester, pois não será bem-sucedido, não mais do que eu serei em relação ao senhor, coisa que de modo algum espero.”

“O que espera de mim?”

“Por algum tempo o senhor talvez seja como está sendo agora, por um tempo muito breve. Então passará a ser frio. Depois disso será caprichoso, e eu terei muita dificuldade em lhe agradar. Mas quando se acostumar comigo, talvez volte a gostar de mim... *gostar* de mim, estou dizendo, não me *amar*. Suponho que seu amor vá perder a efervescência em seis meses, ou menos ainda. Já observei, em livros escritos por homens, que esse período foi indicado como a duração máxima do ardor de um marido. Mas, no fim das contas, como amiga e companheira, espero jamais me tornar de todo desagradável para meu querido patrão.”

“Desagradável! E voltar a gostar de você! Acho que voltarei a gostar de você, e depois outra vez ainda; e a farei confessar que não apenas *gosto* de você, mas que a *amo*... com verdade, fervor e constância.”

“Está dizendo que não é dado a caprichos?”

“Com mulheres que me agradam apenas por seus rostos eu sou o diabo em pessoa quando descubro que não têm alma nem coração... quando me revelam uma visão de insipidez, trivialidade, e quiçá imbecilidade, grosseria e mau humor. Mas com os olhos límpidos e a língua eloquente, com a alma forjada pelo fogo e com o caráter que se verga mas não se rompe, ao mesmo tempo flexível e resistente, fácil de conviver e sólido, serei para sempre afetuoso e fiel.”

“Já teve experiência de um caráter assim? Já amou alguém assim?”

“Amo agora.”

“Mas antes de mim. Isto é, se eu de fato correspondo aos seus exigentes padrões sob qualquer aspecto.”

“Nunca conheci ninguém como você. Você me agrada, Jane, e me domina... parece se submeter a mim, e eu gosto da sensação de maleabilidade que você transmite; e enquanto enrolo no dedo esse fio macio e sedoso, ele me manda um choque braço acima, até o coração. Estou sob sua influência... fui conquistado; e essa influência é mais doce do que sou capaz de expressar, e a conquista que me acomete tem um encanto superior a qualquer triunfo que eu possa vir a obter. Por que está sorrindo, Jane? O que significa essa expressão inexplicável e misteriosa?”

“Eu estava pensando (o senhor há de me desculpar essa ideia, ela é involuntária), estava pensando em Hércules e Sansão com aquelas que os enfeitiçaram...”

“Estava mesmo, sua pequena elfa...”

“Shh! O senhor não está dizendo palavras muito sensatas agora, assim como esses cavalheiros não agiram com muita sensatez. No entanto, fossem eles casados, sem dúvida sua severidade como maridos teria compensado sua suavidade como pretendentes; e o mesmo, temo, acontecerá com o

senhor. Pergunto-me como vai me responder daqui a um ano se eu lhe pedir um favor que não lhe seja conveniente ou prazeroso conceder.”

“Peça-me algo agora, pequena Jane... qualquer coisa. Desejo ser solicitado...”

“Assim o farei, senhor; meu pedido já está pronto.”

“Fale! Mas se erguer os olhos e sorrir com essa expressão, vou jurar que aceito antes mesmo de saber do que se trata, e isso me fará passar por bobo.”

“Nem um pouco, senhor; tudo o que lhe peço é o seguinte: não mande buscar as joias e não me coroe de rosas; seria o mesmo que fazer um debrum de renda de ouro em volta desse lenço de bolso sem ornamentos que carrega consigo.”

“Seria como ‘dourar ouro de lei’.¹ Eu sei; seu pedido está aceito então... por enquanto. Corrigirei a ordem que enviei a meu banqueiro. Mas você ainda não pediu nada, apenas solicitou que um presente fosse retirado. Tente outra vez.”

“Bem, nesse caso, senhor, tenha a bondade de satisfazer minha curiosidade, que foi muito atijada em relação a um detalhe.”

Isso pareceu perturbá-lo. “Que detalhe? Que detalhe?”, indagou, apressado. “A curiosidade é um pedido perigoso. Que bom que não jurei acatar qualquer pedido...”

“Mas não há de haver perigo em atender a este, senhor.”

“Diga o que é, Jane. Mas eu preferiria, em vez de uma simples pergunta sobre um segredo, que fosse um desejo de ficar com metade dos meus bens, quem sabe?”

“Ora, rei Assuero!² Por que eu iria querer metade dos seus bens? Acha que sou uma usurária judia à procura de algum investimento lucrativo em

terras? Preferiria mil vezes ouvir todas as suas confidências. O senhor não me privaria delas caso me permitisse entrar em seu coração, não é?”

“Você pode ter todas as minhas confidências que valerem a pena, Jane, mas, pelo amor de Deus, não vá desejar um fardo inútil! Não vá ansiar por veneno... não vá se revelar uma verdadeira Eva nas minhas mãos!”

“Por que não? O senhor acaba de me dizer o quanto aprecia ser conquistado e como lhe é agradável deixar-se convencer. Não acha que seria melhor eu aproveitar a confissão e começar a insistir e suplicar, ou mesmo a chorar e fazer beicinho se preciso for, com o simples propósito de testar meu poder?”

“Eu a desafio a fazer algum experimento desse tipo. Se for intrometida e fizer suposições, será o fim da brincadeira.”

“É mesmo? Como o senhor desiste fácil. Que cara mais séria! Suas sobrancelhas ficaram grossas como meus dedos, e sua testa parece aquilo que certa vez vi ser descrito em versos muito espantosos como ‘nuvens azuis de tormenta’. Essa vai ser sua expressão de casado, suponho.”

“Se essa vai ser a *sua* expressão de casada, eu, como cristão que sou, vou logo desistir de me unir a um simples duende ou espírito. Mas qual era a pergunta, criatura? Diga logo.”

“Pronto, o senhor já está menos cortês; e eu prefiro de longe a grosseria à lisonja. Prefiro ser uma *criatura* do que um anjo. O que tenho a perguntar é o seguinte: por que o senhor se deu tanto trabalho para me fazer acreditar que desejava desposar a srta. Ingram?”

“Só isso? Graças a Deus não é nada pior!”

E ele então relaxou as sobrancelhas negras, baixou os olhos, sorrindo para mim, e afagou meus cabelos como se estivesse feliz por ter escapado de um perigo.

“Acho que posso confessar”, prosseguiu ele, “muito embora vá deixá-la um pouco indignada, Jane... e já vi como você pode se inflamar quando está indignada. Você brilhou ontem à noite sob o luar quando se rebelou contra o destino e reivindicou sua posição como minha igual. Aliás, pequena Jane, foi você quem me fez a proposta.”

“É claro que fui eu. Mas atenha-se ao assunto, por favor... a srta. Ingram.”

“Bem, eu fingi cortejar a srta. Ingram porque desejava deixá-la tão loucamente apaixonada por mim quanto eu estava por você, e sabia que o ciúme seria o melhor aliado para alcançar esse objetivo.”

“Excelente! Como o senhor está pequeno agora... quase do tamanho da ponta do meu dedo mindinho. Que vergonha, que desgraça escandalosa ter agido assim. Não levou em conta os sentimentos da srta. Ingram?”

“Os sentimentos dela se resumem a um só: orgulho, e isso precisa ser domado. Você ficou enciumada, Jane?”

“Pouco importa, sr. Rochester. O senhor não tem interesse algum em saber isso. Responda-me honestamente outra vez. Acha que a srta. Ingram não vai sofrer com sua corte desleal? Não vai se sentir traída e abandonada?”

“Impossível! Eu já lhe disse que, pelo contrário, quem me abandonou foi ela. Pensar que eu era inadimplente esfriou, ou melhor, apagou seu ardor num instante.”

“O senhor tem uma mente curiosa e ardilosa, sr. Rochester. Temo que seus princípios sejam excêntricos sob determinados aspectos.”

“Meus princípios nunca tiveram nenhum treinamento, Jane. Talvez a falta de atenção os tenha feito azedar um pouco.”

“Mais uma vez lhe pergunto, a sério: será que posso saborear o imenso bem que me foi feito sem temer que outra pessoa esteja sofrendo a amarga

dor que eu mesma sentia pouco tempo atrás?”

“Pode sim, minha boa menina. Não há outro ser vivo neste mundo que tenha por mim amor tão puro quanto o seu... pois cubro minha alma com esse agradável bálsamo, Jane: a crença no seu afeto.”

Virei os lábios para a mão pousada em meu ombro. Eu o amava muito, mais do que poderia ousar dizer, mais do que as palavras são capazes de expressar.

“Pergunte outra coisa”, disse ele então; “encanta-me ser solicitado e responder.”

Mais uma vez eu tinha meu pedido pronto.

“Comunique à sra. Fairfax o que pretende fazer. Ela me viu com o senhor ontem à noite no saguão e ficou chocada. Dê-lhe alguma explicação antes de eu tornar a encontrá-la. É doloroso ver uma mulher tão bondosa pensando mal de mim.”

“Vá até seu quarto e ponha seu chapéu”, respondeu ele. “Quero que vá comigo a Millcote hoje de manhã; e enquanto se prepara para o trajeto vou esclarecer as coisas com a velha senhora. Terá ela pensado que você deu o mundo em troca do amor, pequena Jane, e considerado a troca justa?”

“Acho que ela pensou que eu havia esquecido minha posição e a sua, senhor.”

“Posição! Posição! Sua posição é dentro do meu coração e no pescoço de quem a ofender, seja agora ou no futuro. Pode ir.”

Não demorei a me vestir, e quando ouvi o sr. Rochester sair da saleta da sra. Fairfax desci depressa até lá. A velha senhora estava lendo seu trecho matinal das Escrituras, a lição do dia; tinha sua Bíblia aberta diante de si, e por cima dela os óculos. Sua atividade, interrompida pelo anúncio do sr. Rochester, parecia agora esquecida. Os olhos, cravados na parede nua à sua frente, expressavam a surpresa de uma mente tranquila perturbada por

notícias indesejadas. Ao me ver, ela se levantou. Fez uma espécie de esforço para sorrir e articulou algumas palavras congratulatórias; o sorriso se apagou, porém, e a frase foi deixada pela metade. Ela pôs os óculos, fechou a Bíblia e empurrou sua cadeira para longe da mesa.

“Estou tão estarecida”, começou ela, “que mal sei o que lhe dizer, srta. Eyre. Com certeza não estive sonhando, ou estive? Às vezes pego no sono quando estou sentada sozinha e imagino coisas que nunca aconteceram. Mais de uma vez, quando estava cochilando, pareceu-me que meu querido marido, morto quinze anos atrás, tinha entrado e se sentado ao meu lado; e cheguei até a ouvi-lo chamar meu nome, Alice, como ele costumava fazer. Mas, então, pode me dizer se é mesmo verdade que o sr. Rochester a pediu em casamento? Não ria de mim. Tive mesmo a impressão de que ele entrou aqui cinco minutos atrás e me disse que em um mês a senhorita será sua esposa.”

“Ele disse a mesma coisa para mim”, respondi.

“É mesmo? A senhorita acredita nele? Aceitou o pedido?”

“Sim.”

A sra. Fairfax me encarou estupefata.

“Eu jamais teria pensado uma coisa dessas. Ele é um homem orgulhoso; todos os Rochester eram orgulhosos; e o pai dele pelo menos gostava de dinheiro. Ele também sempre foi chamado de cauteloso. Pretende se casar com a senhorita?”

“Disse-me que sim.”

Ela me avaliou de cima a baixo. Em seus olhos li que eles não haviam encontrado ali nenhum encanto poderoso o suficiente para solucionar o enigma.

“Não compreendo!”, prosseguiu a sra. Fairfax. “Mas sem dúvida deve ser verdade, se a senhorita está dizendo. Qual será o resultado, não sei dizer;

sinceramente não sei. Muitas vezes um equilíbrio de condição e de fortuna é recomendável em casos assim; além do mais, há vinte anos de diferença de idade. Ele quase poderia ser seu pai.”

“De jeito nenhum, sra. Fairfax!”, exclamei, irritada. “Ele não tem nada de meu pai! Ninguém que nos tenha visto juntos suporia isso nem por um instante. O sr. Rochester parece tão jovem, e o é, quanto alguns homens de vinte e cinco anos.”

“É mesmo por amor que ele vai desposá-la?”, perguntou ela.

Fiquei tão magoada com sua frieza e com seu ceticismo que meus olhos marejaram.

“Sinto muito lhe causar desgosto”, prosseguiu a viúva; “mas a senhorita é tão jovem e conhece tão pouco os homens que desejei alertá-la. Diz um velho ditado que ‘nem tudo que reluz é ouro’, e nesse caso temo mesmo que algo venha a se revelar diferente daquilo que a senhorita ou eu imaginamos.”

“Por quê? Sou um monstro?”, indaguei. “É impossível o sr. Rochester ter um afeto genuíno por mim?”

“Não. A senhorita é ótima, e melhorou muito ultimamente; atrevo-me a dizer que o sr. Rochester a aprecia. Sempre reparei que a senhorita era uma espécie de favorita dele. Houve momentos em que, pelo seu bem, senti certo incômodo com essa preferência tão marcada e desejei alertá-la. Mas não quis nem sequer sugerir a chance de qualquer impropriedade. Sabia que essa ideia a deixaria chocada, ofendida talvez; e a senhorita se mostrou tão discreta, tão inteiramente modesta e sensível, que torci para ser capaz de proteger a si mesma. Ontem à noite, nem sou capaz de lhe dizer o quanto sofri ao procurar pela casa inteira sem encontrá-la em lugar nenhum, e depois, à meia-noite, vê-la entrar junto com ele.”

“Bem, pouco importa agora”, interrompi, impaciente; “basta saber que tudo ficou bem.”

“Espero que fique tudo bem no final”, disse ela; “mas acredite: todo cuidado é pouco. Tente manter o sr. Rochester a certa distância; desconfie tanto de si mesma quanto dele. Cavalheiros na posição dele não costumam desposar suas preceptoras.”

Eu estava ficando realmente irritada. Por sorte, Adèle entrou correndo.

“Deixem-me ir... deixem-me ir a Millcote também!”, exclamou ela. “O sr. Rochester não quer deixar. Mas há muito espaço na carruagem nova. Implore para que ele me deixe ir, mademoiselle!”

“Farei isso, Adèle.” Fui embora com ela depressa, aliviada por sair de junto de minha pessimista conselheira. A carruagem estava pronta. Já estava sendo trazida até a frente da casa, e meu patrão andava de um lado para o outro do calçamento com Piloto atrás de si.

“Adèle pode ir conosco, não pode, senhor?”

“Eu disse a ela que não. Não quero nenhuma pirralha! Quero apenas você.”

“Deixe-a ir, sr. Rochester, por favor. Seria melhor.”

“Não. Ela vai ser um estorvo.”

Ele foi bastante peremptório, tanto no semblante quanto na voz. A frieza dos alertas da sra. Fairfax e o banho de água fria de suas dúvidas me atormentavam. Um certo quê de insubstancialidade e incerteza haviam matizado minha esperança. Quase perdi a sensação do poder que tinha sobre ele. Estava prestes a lhe obedecer de modo mecânico, sem qualquer outro protesto, mas, quando ele me ajudou a subir na carruagem, olhou para o meu rosto.

“Qual é o problema?”, perguntou. “Todo o brilho do seu rosto desapareceu. Quer mesmo que a menina vá? Ficaré contrariada se a

deixarmos aqui?”

“Eu preferiria muito que ela fosse, senhor.”

“Então vá pegar seu chapéu num pé e volte no outro!”, bradou ele para Adèle.

Ela lhe obedeceu com a maior velocidade de que era capaz.

“Uma interrupção de uma única manhã não vai ter importância, afinal”, disse ele, “quando em breve pretendo reivindicá-la — reivindicar seus pensamentos, suas conversas e sua companhia — para a vida inteira.”

Uma vez a bordo, Adèle começou por me dar um beijo como forma de expressar sua gratidão por eu ter intervindo. Foi imediatamente posta num canto do outro lado dele. Então espichou o pescoço para onde eu estava sentada; um vizinho tão severo quando ele era por demais restritivo. No atual mau humor em que ele se encontrava, ela não se atrevia a sussurrar nenhuma observação nem a pedir qualquer informação que fosse.

“Deixe-a vir comigo”, pedi. “Pode ser que ela o incomode. Há espaço de sobra deste lado aqui.”

Ele a mudou de lado como se Adèle fosse um cachorrinho de colo. “Em breve vou mandá-la para um colégio interno”, falou, mas agora estava sorrindo.

Adèle o escutou e perguntou se iria para um colégio interno “*sans mademoiselle*”.³

“Sim”, respondeu ele, “absolutamente *sans mademoiselle*, pois eu levarei mademoiselle para a Lua, e lá buscarei uma caverna num daqueles vales brancos entre as crateras dos vulcões, e mademoiselle vai morar lá comigo e apenas comigo.”

“Ela não terá nada para comer. O senhor vai matá-la de fome”, observou Adèle.

“Buscarei maná para ela de dia e de noite. Os vales e montanhas da Lua estão repletos de maná, Adèle.”

“Ela vai querer se aquecer; como fará fogo?”

“O fogo brota das montanhas lunares. Quando ela sentir frio, levo-a até um cume e deito-a à borda de uma cratera.”

“*Oh, qu'elle y sera mal... peu comfortable!*⁴ E as roupas dela vão ficar gastas. Como ela vai fazer para conseguir outras novas?”

O sr. Rochester fingiu não ter resposta. “Hum!”, fez ele. “O que você faria, Adèle? Revire essa sua cabecinha em busca de uma solução. Acha que uma nuvem branca ou cor-de-rosa serviria como vestido? E seria possível fabricar um lenço bem bonito com um arco-íris.”

“Ela está bem melhor agora”, concluiu Adèle, após refletir por algum tempo. “Além do mais, ficaria cansada de morar apenas com o senhor na Lua. Se eu fosse mademoiselle nunca aceitaria acompanhá-lo.”

“Mademoiselle já aceitou. Deu sua palavra.”

“Mas o senhor não tem como levá-la até lá; não existe estrada até a Lua. Existe apenas ar, e nem o senhor nem ela sabem voar.”

“Olhe só aquele campo, Adèle.” Já tínhamos saído pelos portões de Thornfield e seguíamos sacolejando de leve pela estrada lisa que conduzia até Millcote, onde a poeira fora assentada pelo temporal e as sebes baixas e árvores altas de um lado e outro reluziam verdes e revigoradas pela chuva.

“Eu estava caminhando naquele campo certo dia já ao cair da noite umas duas semanas atrás, Adèle... no dia em que você me ajudou a juntar o feno nas campinas do pomar. E como eu estava cansado de manejar o ancinho, sentei-me um pouco numa passagem entre dois campos, e ali saquei um caderninho e um lápis e comecei a escrever sobre um infortúnio que me acometeu tempos atrás e sobre o desejo que eu tinha de dias melhores. Estava escrevendo muito depressa, embora a luz do dia se esvaísse do

papel, quando algo veio andando pelo caminho e parou a dois metros de mim. Olhei. Era uma coisa pequenina com um véu translúcido na cabeça. Acenei chamando-a mais para perto; ela logo chegou junto ao meu joelho. Não cheguei a falar com ela nem ela comigo, não com palavras; mas li seus olhos e ela leu os meus; e a conversa silenciosa que tivemos foi a seguinte: “Ela me disse que era uma fada e que tinha vindo da terra das fadas, e que sua tarefa era me fazer feliz. Eu precisava sair com ela do mundo normal e ir até um lugar solitário, um lugar como a Lua, por exemplo, e ela meneou a cabeça em direção à lua crescente que nascia sobre Hayhill. Contou-me sobre a caverna de alabastro e de prata onde poderíamos morar. Eu disse que gostaria de ir, mas lembrei a ela, como você lembrou a mim, que não tinha asas para voar.

“‘Ah’, respondeu a fada, ‘isso não tem importância! Eis aqui um talismã que eliminará todas as dificuldades’, e estendeu um belo anel de ouro. Ponha-o’, disse ela, ‘no quarto dedo da minha mão esquerda e eu serei sua e você meu; e juntos deixaremos a Terra e faremos nosso próprio paraíso lá em cima.’ Ela tornou a menear a cabeça em direção à Lua. O anel está no bolso da minha calça disfarçado de soberano, Adèle; mas pretendo em breve transformá-lo em anel outra vez.”

“Mas o que mademoiselle tem a ver com isso? A fada não me importa. O senhor disse que era mademoiselle que levaria para a Lua, não?”

“Mademoiselle é uma fada”, disse o sr. Rochester, sussurrando misteriosamente. A essa altura eu disse a Adèle que não desse atenção às bobagens que ele dizia, e ela, por sua vez, revelou um ceticismo tipicamente francês. Qualificando-o de “*un vrai menteur*”⁵ e garantindo-lhe que não tinha acreditado nem um pouco nos seus “*contes de fée*”⁶ e que “*du reste, il n’y avait pas de fées, et quand même il y en avait*”,⁷ ela estava certa de que nenhuma apareceria para ele nem jamais lhe daria de presente anéis, ou

proporia viver com ele na Lua. A hora passada em Millcote foi um tanto penosa para mim. O sr. Rochester me obrigou a ir até certo armazém de sedas, e lá recebi a ordem de escolher meia dúzia de vestidos. Detestei tudo aquilo e pedi licença para me retirar. Mas não, agora era preciso ir até o fim. Por meio de súplicas feitas na forma de enérgicos sussurros, reduzi a meia dúzia a dois. Esses, porém, ele jurou escolher pessoalmente. Nervosa, observei-o correr os olhos pelos vistosos trajes. Ele acabou escolhendo uma luxuosa seda num fulgurante tom de ametista, e um lindíssimo cetim cor-de-rosa. Eu lhe disse numa nova sequência de sussurros que agora ele poderia muito bem me comprar um vestido de ouro e um chapéu de prata. Eu certamente jamais me atreveria a usar as roupas por ele escolhidas. Com uma dificuldade infinita, pois o sr. Rochester era teimoso feito uma pedra, convenci-o a trocar sua escolha por um sóbrio cetim preto e por uma seda cinza-pérola. “Por enquanto vai servir”, disse ele; “mas ainda vou vê-la reluzindo como um canteiro de flores.”

Fiquei aliviada ao sair do armazém de sedas e, depois, de uma joalheria. Quanto mais coisas ele me comprava, mais minhas faces ardiam com uma sensação de irritação e degradação. Quando tornamos a embarcar na carruagem e eu me recostei, febril e cansada, lembrei-me de que, na precipitação dos acontecimentos, tanto tristes quanto felizes, tinha esquecido inteiramente a carta de meu tio John Eyre para a sra. Reed, e sua intenção de me adotar e me transformar em sua herdeira. “Seria de fato um alívio”, pensei, “se eu tivesse uma independência por mínima que fosse; jamais suportarei ser vestida como uma boneca pelo sr. Rochester ou ficar sentada como uma segunda Dânae enquanto uma chuva de ouro cai sobre mim diariamente.”⁸ Escreverei para Madeira assim que chegar em casa e direi a meu tio John que vou me casar e com quem. Se eu tivesse nem que fosse a possibilidade de algum dia aumentar a fortuna do sr. Rochester,

poderia suportar melhor ser sustentada por ele agora.” E, parcialmente aliviada por essa ideia (que não deixei de pôr em prática no mesmo dia), aventurei-me uma vez mais a encarar os olhos de meu patrão e prometido, que muito insistentemente procuravam os meus, embora eu desviasse tanto o rosto quanto o olhar. Ele sorriu, e pensei que seu sorriso era o mesmo que um sultão, num momento feliz e afetuoso, exibiria a um escravo que seu ouro e suas pedras preciosas houvessem feito enriquecer. Esmaguei vigorosamente a mão que vivia tentando segurar a minha e a devolvi para ele vermelha por causa da pressão arrebatada.

“Não precisa me olhar assim”, falei; “se o fizer, nunca usarei mais nada a não ser meus velhos vestidos de Lowood, e farei questão de me casar vestida com este guingão lilás. O senhor poderá usar a seda cinza para fazer um roupão e o cetim negro para fabricar uma sequência infinita de coletes.”

Ele deu uma risadinha e esfregou as mãos. “Ah, que alegria vê-la e ouvi-la!”, exclamou. “Ela não é original? Não é espirituosa? Eu não trocaria essa pequena inglesa pelo serralho inteiro do grande sultão otomano, com toda a sua variedade de olhos de gazela e formas voluptuosas.”

A alusão ao Oriente tornou a me irritar. “Não serei para o senhor nada sequer remotamente semelhante a um harém”, falei, “de modo que não me considere equivalente a um. Se estiver querendo algo nessa linha, pode se dirigir sem demora aos bazares de Istambul e gastar com a compra de numerosas escravas um pouco desse dinheiro sobressalente que parece não saber como despender de modo satisfatório aqui.”

“E o que você vai fazer, pequena Jane, enquanto eu estiver pechinchando por tantas toneladas de carne e por esse arsenal de olhos negros?”

“Estarei me preparando para sair como missionária pregando a liberdade para as que estiverem assim escravizadas... inclusive as residentes do seu harém. Farei com que lá me recebam e fomentarei um motim; e o senhor,

seu paxá turco, logo se verá preso entre as nossas mãos, e eu, por minha parte, não aceitarei cortar suas cordas antes de o senhor assinar o acordo mais liberal que qualquer déspota jamais assinou.”

“Eu aceitaria estar à sua mercê, Jane.”

“Eu não teria misericórdia alguma, sr. Rochester, nem mesmo se o senhor me suplicasse com um olhar como esse. Com essa cara, teria certeza de que, fosse qual fosse o acordo que tivesse assinado sob coerção, seu primeiro ato após ser libertado seria violar suas cláusulas.”

“Ora, Jane, o que você preferiria? Temo que me force a passar por uma cerimônia particular de casamento além daquela celebrada no altar. Vejo que vai ter exigências peculiares... quais serão elas?”

“Quero apenas tranquilidade, senhor; não desejo ser esmagada por pesadas obrigações. Recorda o que me disse sobre Céline Varens? Sobre os diamantes e caxemiras com os quais a presenteava? Não vou ser sua Céline Varens inglesa. Continuarei a me comportar como a preceptora de Adèle; com isso farei jus a casa e comida, além de trinta libras anuais. Com esse dinheiro comprarei meu próprio guarda-roupa, e o senhor não me dará nada a não ser...”

“Bem, a não ser o quê?”

“Sua estima. E eu em troca lhe darei a minha, e a dívida estará paga.”

“Bem, você não tem rival no que diz respeito ao atrevimento nato e ao orgulho em estado puro”, disse o sr. Rochester. Estávamos nos aproximando de Thornfield. “Gostaria de almoçar comigo hoje?”, perguntou ele quando tornamos a entrar pelos portões.

“Não, senhor, obrigada.”

“E por que ‘não senhor, obrigada’, posso saber?”

“Nunca almocei com o senhor e não vejo motivo para fazer isso agora. Até quando...”

“Até quando o quê? Você adora interromper as frases no meio.”

“Até quando eu não puder mais evitar.”

“Acha que eu como feito um ogro ou um monstro, a ponto de temer fazer uma refeição comigo?”

“Não formei suposição nenhuma em relação a esse tema, senhor, mas desejo que as coisas continuem como estão por mais um mês.”

“Você vai abandonar sua escravidão de preceptora agora mesmo.”

“Com sua licença, senhor, não vou não. Vou simplesmente continuar fazendo tudo como sempre fiz. Passarei o dia inteiro longe do senhor, como sempre tive o costume de fazer. Poderá mandar me chamar à noite, quando se sentir disposto a me ver, e nessa hora irei ao seu encontro, mas em nenhuma outra.”

“Preciso de um charuto, Jane, ou de uma pitada de rapé para me reconfortar diante de tudo isso, *‘pour me donner une contenance’*,⁹ como diria Adèle, e infelizmente não tenho aqui nem minha caixa de charutos nem minha caixa de rapé. Mas escute... vamos sussurrar. Agora é sua vez, sua pequena tirana, mas a minha não vai demorar a chegar, e quando eu a tiver capturado de verdade, quando você for minha, simplesmente vou prendê-la — de modo figurativo — a uma corrente como esta” (ele tocou a corrente do relógio). “Sim, sua coisinha bonita, vou usá-la pregada no peito, para não correr o risco de perdê-la.”

Ele disse isso enquanto me ajudava a saltar da carruagem, e enquanto ele ajudava Adèle entrei na casa e fui me refugiar no andar de cima.

À noite, ele me convocou devidamente diante da sua presença. Eu havia preparado uma atividade para ele, pois estava decidida a não passar o tempo todo conversando tête-à-tête. Lembrava-me da sua bela voz; sabia que ele gostava de cantar, como em geral é o caso dos bons cantores. Eu mesma não tinha muito talento vocal, e, segundo seu rigoroso juízo, tampouco

tinha grande talento musical, mas adorava escutar quando a apresentação era boa. Assim que o crepúsculo, essa hora tão romântica, começou a baixar sua bandeira azul e estrelada sobre a treliça da janela, levantei-me, abri o piano e lhe pedi, pelo amor dos céus, para me cantar uma canção. Ele disse que eu era uma bruxa cheia de caprichos e que preferiria cantar noutro momento; mas eu retruquei que não havia momento melhor do que o presente.

“Gosta da minha voz?”, perguntou ele.

“Muito.” Não me agradava incentivar aquela sua vaidade, mas daquela vez, para poder alcançar meu objetivo, dispus-me até a afagá-la e estimulá-la.

“Nesse caso, Jane, você precisa tocar o acompanhamento.”

“Muito bem, senhor, vou tentar.”

E de fato tentei, mas em pouco tempo fui expulsa da banquetta e qualificada de “pequena desajeitada”. Depois de me empurrar de lado sem a menor cerimônia — exatamente o que eu desejava —, ele usurpou meu lugar e começou a acompanhar a si mesmo, pois sabia tocar tão bem quanto cantava. Refugiei-me depressa no banco da janela e, enquanto estava ali sentada olhando as árvores imóveis e o gramado escuro, a seguinte letra foi cantada numa voz melodiosa acompanhada por uma doce melodia:

*Maior amor num coração
Jamais em fogo ardeu,
Nem por cada veia em turbilhão
Varou o corpo meu.*

*Sua vinda me acendia,
Sua ausência era minha dor,
E o acaso que seus passos continha
Gelava cada veia minha.*

Um feliz sonho acalentei

*De ser amado como amei
E esse alvo persegui
Às cegas e com frenesi.*

*Mas um espaço vasto e sem direção
Nossas vidas separava,
Perigoso como a espuma
De um oceano verde e bravio.*

*E assombrado como trilha
Em mata cheia de ladrões
Pois direito e poder, tristeza e ira
Entre nossos espíritos havia.*

*Perigos enfrentei, obstáculos ignorei.
Presságios desafiei.
E cada ameaça, tormento ou alerta,
Com ímpeto ignorei.*

*Meu arco-íris de luz persegui;
E como num sonho voei;
Pois glorioso à frente vi surgir,
Esse filho da chuva e do sol.*

*Essa suave e solene alegria ainda brilha
Em nuvens de triste cor;
E não me importo se desastres
Densos e soturnos se avizinham.*

*Não me importo neste doce instante
Se tudo aquilo que derrubei
Chegar voando, forte e certo,
Jurando vingança cruel.*

*Se o ódio altivo me abater,
se o direito me isolar,
E se o duro poder, contrariado,
Eterna inimizade me jurar.*

*Meu amor com nobre fé
Me deu sua mão pequenina,*

*E jurou que das núpcias o laço
nossas vidas unirá, sagrado.*

*Meu amor jurou, com um último beijo,
Comigo viver e morrer;
Tenho enfim minha felicidade indescritível:
Assim como amo, amado sou!*

Ele se levantou e veio na minha direção, e vi seu semblante inteiro iluminado, seus olhos de falcão chispando, e todos os seus traços dominados pelo afeto e pela paixão. Fraquejei por um instante... então me recobrei. Não ia tolerar uma cena suave nem uma demonstração ousada, e corria o risco de ambas; era preciso preparar uma arma de defesa. Molhei a língua. Quando ele me alcançou, perguntei com aspereza “com quem ele iria se casar agora”.

“Que estranha pergunta para sua querida Jane fazer.”

“Nada estranha! Eu a considerava uma pergunta muito natural e muito necessária. Ele havia cantado sobre sua futura esposa morrer junto com ele. O que estava querendo dizer com um conceito pagão daqueles? *Eu* não tinha intenção alguma de morrer com ele... disso ele podia ter certeza.”

“Ah! Tudo por que ele ansiava, tudo por que rezava era que eu pudesse viver com ele! A morte não era para pessoas como eu.”

“Era, sim; eu tinha tanto direito de morrer quanto ele quando chegasse a minha hora; mas esperaria o momento chegar, e não me deixaria apressar como a esposa sacrificada de um hindu.”

“Será que eu poderia perdoá-lo pelo conceito egoísta e demonstrar meu perdão com um beijo reconciliatório?”

“Não; preferia que ele me dispensasse.”

A essa altura ouvi-me ser chamada de “coisinha difícil”, e a isso ele acrescentou que “qualquer outra mulher teria derretido até a medula ao ouvir tais versos cantados em sua homenagem”.

Eu lhe garanti que era naturalmente dura, dura feito sílex, e que ele muitas vezes constataria isso em mim; e que além do mais estava decidida a lhe mostrar as diversas partes rugosas do meu temperamento antes de transcorrerem as quatro semanas seguintes. O sr. Rochester deveria saber exatamente que tipo de compromisso tinha assumido enquanto ainda havia tempo para desistir.

“Será que eu poderia me calar e conversar racionalmente?”

“Eu poderia me calar se ele quisesse; quanto a falar racionalmente, atrevia-me a pensar que já o estava fazendo.”

Ele se agitou com interjeições de irritação e impaciência. “Muito bem”, pensei; “pode soltar fumacinha e se remexer o quanto quiser, mas tenho certeza de que esse é o melhor plano a ser seguido com a sua pessoa. Gosto do senhor mais do que sou capaz de dizer, mas não me entregarei a um sentimentalismo piegas; e com essas respostas incisivas também vou mantê-lo afastado da borda do precipício; além do mais, mantereí, graças a esse cáustico expediente, uma distância entre o senhor e eu mais favorável ao nosso verdadeiro benefício mútuo.”

De tanto insistir, acabei provocando nele uma irritação considerável; então, depois que ele se afastou, ressentido, quase para o outro extremo da sala, levantei-me, dizendo: “Desejo-lhe boa noite, senhor”; ao meu modo natural e costumeiramente respeitoso, esgueirei-me pela porta lateral e fui embora.

Ao sistema assim inaugurado dei prosseguimento durante toda a temporada de teste, e com grande sucesso. O sr. Rochester com certeza permaneceu um tanto contrariado e irritadiço, mas de modo geral pude observar que estava se divertindo bastante, e que uma submissão digna de um cordeiro e uma sensibilidade condizente com a de uma pomba, ao mesmo tempo que teriam incentivado seu despotismo, teriam agradado

menos seu julgamento, satisfeito menos seu bom senso e até combinado menos com seu gosto.

Quando havia outras pessoas presentes, eu me mostrava, como antes, respeitosa e calada, pois qualquer outro comportamento teria sido inadequado; era apenas nos encontros noturnos que eu o frustrava e maltratava daquele modo. Ele seguia mandando me chamar pontualmente assim que o relógio marcava as sete, mas quando eu me apresentava diante dele, palavras afetuosas como “amor” e “querida” já não saíam de sua boca; os melhores termos para se referir a mim eram “boneca provocante”, “elfa maliciosa”, “diabrete”, “fada” etc. No lugar de carícias, eu agora recebia também caretas; no lugar de um aperto da mão, um beliscão no braço; no lugar de um beijo no rosto, um forte puxão de orelha. Estava tudo bem; no momento, eu decididamente preferia aquelas demonstrações violentas a qualquer coisa mais carinhosa. Podia ver que a sra. Fairfax aprovava: a aflição dela em relação a mim desapareceu; tive, portanto, a certeza de estar agindo certo. Enquanto isso, o sr. Rochester afirmava que eu o estava pondo duramente à prova e ameaçava uma vingança terrível pela minha atual conduta em algum período muito próximo. Eu ria comigo mesma das suas ameaças. “Estou conseguindo contê-lo razoavelmente agora”, refleti, “e não duvido ser capaz de fazê-lo daqui em diante; e, caso uma solução venha a perder a eficácia, será preciso inventar outra.”

No entanto, minha tarefa no fim das contas não era assim tão fácil; eu muitas vezes teria preferido lhe agradar do que provocá-lo. Meu futuro marido estava se tornando meu mundo inteiro, e mais do que o mundo até: quase minha esperança de paraíso. Ele se interpunha entre mim e qualquer pensamento religioso da mesma forma que um eclipse se posiciona entre o homem e o largo sol. Naquela época eu não conseguia distinguir Deus de Sua criatura, que havia transformado em ídolo.

-
1. Referência a *Vida e morte do rei João*, de William Shakespeare.
 2. Em Ester, 7, o rei persa Xerxes (nome grego de Assuero) rejeita a esposa Vasti e a troca pela judia pobre Ester.
 3. “Sem a senhorita.”
 4. “Ah, mas como ela vai ficar mal... desconfortável!”
 5. “Um verdadeiro mentiroso.”
 6. “Contos de fada.”
 7. “Aliás, fadas não existem, e mesmo que existissem.”
 8. Na mitologia, para seduzir a jovem Dânae, Zeus adota a forma de uma chuva de ouro.
 9. “Para me fazer recuperar a compostura.”

XXV

O mês de corte acabara; suas últimas horas estavam contadas. Não havia como adiar o dia que se aproximava — o dia da boda —, e todos os preparativos para sua chegada estavam prontos. *Eu*, pelo menos, não tinha nada mais a fazer: ali estavam meus baús, preparados, trancados, amarrados e dispostos em fila rente à parede do meu pequeno quarto; no dia seguinte, àquela mesma hora, estariam avançados a caminho de Londres. E eu também estaria (se Deus quisesse) — ou melhor, eu não, mas certa Jane Rochester, pessoa que eu ainda não conhecia. Restava apenas afixar os cartões com o endereço; eles estavam guardados na gaveta, quatro quadradinhos de papel. O próprio sr. Rochester os havia endereçado, escrevendo em cada um deles “Sra. Rochester, Hotel ***, Londres”; eu não conseguia me convencer a afixá-los, ou a mandar alguém fazê-lo. Sra. Rochester! Ela não existia; só ia nascer no dia seguinte, em algum momento após as oito da manhã; e eu ia esperar para ter certeza de que tinha vindo ao mundo com vida antes de lhe atribuir todos aqueles bens. Já bastava que no guarda-roupa mais adiante, em frente à minha penteadeira, roupas que se dizia serem dela já tivessem substituído meu vestido de lã preta e meu chapéu de palha de Lowood; pois não era a mim que pertenciam aquele traje matrimonial, o vestido cor de pérola, o véu vaporoso pendurado no

cabide usurpado. Fechei o guarda-roupa para esconder os estranhos e feéricos trajes que ele continha e que naquele horário — nove da noite — certamente irradiavam um brilho dos mais fantasmagóricos pela penumbra do meu quarto. “Vou deixar vocês sozinhos, seus fantasmas”, falei. “Estou me sentindo agitada. Ouço o vento soprar; vou lá fora senti-lo.”

Não era só a pressa dos preparativos que me deixava febril; não era só a expectativa da grande mudança, da nova vida que ia começar no dia seguinte. Sem dúvida ambos tinham sua parcela de responsabilidade naquela disposição inquieta e agitada que me fez sair tão depressa naquele horário avançado para o meio do jardim às escuras; mas uma terceira causa me influenciava mais do que eles.

Meu coração estava ocupado por um pensamento estranho e aflito. Tinha acontecido uma coisa que eu não conseguia entender. Ninguém sabia ou tinha visto o fato, exceto eu mesma; tudo acontecera na noite anterior. O sr. Rochester estava ausente de casa; na verdade ele ainda não tinha voltado: negócios o haviam obrigado a comparecer a uma pequena propriedade formada por duas ou três fazendas que ele possuía a trinta milhas dali, negócios que ele precisava resolver pessoalmente antes de sua partida da Inglaterra. Eu aguardava seu retorno, ansiosa para aliviar o peso da minha mente e para tentar obter com ele a solução para o enigma que me deixava perplexa. Fique até ele voltar, leitor; e quando eu contar a ele meu segredo também partilhará da confidência.

Fui em direção ao pomar, conduzida até seu abrigo pelo vento, que durante o dia inteiro havia soprado forte e vigoroso do sul, sem contudo trazer uma gota de chuva que fosse. Em vez de arrefecer conforme a noite avançava, ele parecia estar se tornando mais veloz e seu rugido mais intenso: as árvores eram sopradas com força para um dos lados sem jamais voltarem para o lugar, e seus galhos praticamente não se rearranjaram uma

vez sequer durante uma hora, de tão contínua a força que obrigava as copas cheias de folhas a se vergarem para o norte. As nuvens corriam pelo céu em rápida sucessão, com as massas a se misturar; nenhum vislumbre de azul fora visto naquele dia de julho.

Não foi sem certo prazer selvagem que corri contra o vento, confiando minhas aflições à incomensurável correnteza de ar que trovejava pelo espaço. Ao descer o caminho de loureiros, deparei com as ruínas do castanheiro: lá estava ele, negro e partido; o tronco, cindido exatamente no meio, abrindo-se numa fenda terrível. As metades seccionadas não estavam separadas uma da outra, pois a base firme e as fortes raízes as mantinham unidas embaixo, mas a vida em si estava destruída e a seiva já não podia correr; os grandes galhos de um lado e outro estavam mortos, e as tempestades do inverno seguinte com certeza derrubariam um ou ambos ao chão. Por enquanto, porém, ainda se podia dizer que eles formavam uma só árvore — uma ruína, mas uma ruína inteira.

“Vocês fizeram bem em se agarrar um ao outro”, falei, como se aquelas gigantescas farpas fossem coisas vivas e pudessem me escutar. “Acho que, por mais feridas que pareçam, por mais calcinadas e queimadas que estejam, ainda deve haver em vocês uma pequena centelha de vida a se erguer dessa adesão nas fiéis e sinceras raízes. Vocês nunca mais terão folhas verdes, nunca mais verão pássaros fazendo ninhos e cantando idílios em seus galhos; a época do prazer e do amor para vocês acabou. Mas não estão sozinhos: ambos têm um companheiro de quem se compadecer no seu ocaso.” Quando ergui os olhos para os galhos, a lua surgiu por um instante bem no trecho de céu que ocupava a fissura; sua esfera estava vermelha como sangue e parcialmente encoberta pelas nuvens; pareceu lançar um único olhar atordoado e soturno, então imediatamente tornou a se enterrar na densa massa de nuvens. O vento ao redor de Thornfield amainou por um

segundo, mas lá longe, por cima da mata e do rio, derramava-se um lamento intenso e melancólico. Foi algo triste de escutar, e saí correndo outra vez.

Fiquei andando de um lado para o outro pelo pomar, catando as maçãs que coalhavam abundantemente a grama ao redor das raízes das árvores; então me ocupei separando as maduras das verdes, levei-as para dentro de casa e as guardei na despensa. Em seguida fui até a biblioteca para ver se a lareira estava acesa, pois, embora fosse verão, sabia que numa noite tão escura o sr. Rochester ia gostar de ver um vivo fogo aceso ao chegar; sim, o fogo tinha sido aceso fazia algum tempo e ardia bem. Posicionei a poltrona dele junto ao canto da lareira; levei a mesa de rodinhas até lá; baixei a cortina e mandei trazerem as velas para a iluminação. Mais nervosa do que nunca, concluídas essas providências não consegui ficar sentada, nem mesmo dentro de casa; um pequeno relógio na biblioteca e o velho relógio do saguão bateram simultaneamente às dez.

“Como está ficando tarde!”, falei. “Vou correndo até os portões; de vez em quando a lua brilha e posso ver bem adiante na estrada. Pode ser que ele esteja chegando agora, e encontrá-lo vai me poupar alguns minutos de suspense.”

O vento rugia bem alto nas imensas árvores que rodeavam o portão, mas a estrada até onde eu podia ver, à direita e à esquerda, estava silenciosa e deserta; tirando as sombras das nuvens que a atravessavam de quando em quando nos momentos em que a lua aparecia, era apenas uma longa linha clara sem qualquer pontinho em movimento.

Uma lágrima pueril me ofuscou a visão enquanto eu olhava, uma lágrima de decepção e impaciência; envergonhada, enxuguei-a. Continuei ali; a lua se fechou inteiramente dentro de seu receptáculo e cerrou mais em volta de si a densa cortina de nuvens. A noite escureceu; a chuva caiu depressa, impelida pelo vento.

“Queria que ele chegasse! Queria que ele chegasse!”, exclamei, tomada por um presságio aflito. Esperava que chegasse antes do chá, e agora já estava escuro; o que estaria causando a demora? Teria ocorrido algum acidente? O acontecimento da noite anterior me veio à mente outra vez. Eu o interpretava como o alerta de um desastre. Temia que minhas esperanças fossem demasiado ambiciosas para se realizar, e vinha gozando de tanta felicidade que imaginava que minha sorte houvesse ultrapassado o ponto mais alto e devesse agora declinar.

“Bem, não posso voltar para a casa”, pensei; “não posso ficar sentada junto ao fogo enquanto ele está fora nesse tempo inclemente; melhor cansar meus membros do que abusar do meu coração. Vou até lá esperar por ele.”

Parti; caminhei depressa, mas não fui longe: antes de eu completar um quarto de milha, ouvi pancadas de cascos; um cavaleiro se aproximava a galope, com um cão correndo ao lado. Já bastava de maus pressentimentos! Era ele: ali estava, montado em Mesrour e seguido por Piloto. Me viu, pois a lua tinha aberto um descampado azul no céu que percorria com sua claridade aguada; tirou o chapéu e o agitou em volta da cabeça. Então corri ao seu encontro.

“Veja só!”, exclamou o sr. Rochester, estendendo a mão e se curvando na sela; “você não consegue ficar sem mim, isso é evidente. Pise na ponta da minha bota; me dê as duas mãos; suba!”

Obedeci. A felicidade me tornou ágil; pulei na sua frente sobre a sela. Recebi como boas-vindas um beijo ardoroso e palavras se gabando de haver triunfado, que engoli da melhor forma que pude. Ele conteve seu júbilo para perguntar: “Mas aconteceu alguma coisa, pequena Jane, para você vir me encontrar numa hora dessas? Algum problema?”.

“Não, mas achei que o senhor nunca fosse chegar. Não suportei ficar esperando dentro de casa, principalmente com essa chuva e com esse

vento.”

“Chuva e vento, de fato! Sim, você parece uma sereia de tanto que está pingando; cubra-se com a minha capa. Mas, Jane, acho que você está febril; tanto sua face como sua mão estão em brasa. Vou perguntar outra vez: aconteceu alguma coisa?”

“Agora, nada; não estou com medo nem infeliz.”

“Quer dizer que já estive as duas coisas?”

“Sim. Mas vou lhe contar tudo em breve, e ousar dizer que o senhor só fará rir da minha aflição.”

“Rirei de você com vontade depois que o dia de amanhã passar; antes disso não me atrevo a fazê-lo: minha recompensa não é certa. Essa é mesmo você, que neste último mês se mostrou escorregadia como uma enguia e espinhosa como uma roseira-brava? Eu não podia encostar o dedo em lugar nenhum sem me espetar, e agora pareço ter tomado nos braços um cordeiro perdido. Você se separou do rebanho para procurar seu pastor, Jane?”

“Eu queria vê-lo, mas não se gabe. Pronto, chegamos a Thornfield; agora me deixe descer.”

Ele me pousou no calçamento. Enquanto John levava embora seu cavalo, o sr. Rochester seguiu-me até o saguão, disse-me para me apressar e vestir uma roupa seca, e em seguida encontrá-lo na biblioteca; e, quando eu estava indo em direção à escada, ele me deteve para extrair uma promessa de que eu não ia demorar. De fato não demorei; em cinco minutos estava com ele outra vez. Encontrei-o ceando.

“Sente-se e me faça companhia, Jane. Com a graça de Deus, esta é a penúltima refeição que vai fazer em Thornfield Hall por muito tempo.”

Sentei-me perto dele, mas lhe disse que não poderia comer.

“É por causa da perspectiva da viagem que tem pela frente, Jane? É a ideia de ir a Londres que tira seu apetite?”

“Esta noite não consigo ver com clareza meu futuro, senhor, e mal sei que pensamentos tenho na cabeça. Tudo na vida parece irreal.”

“Exceto eu: sou relativamente concreto... toque-me.”

“O senhor é o mais fantasmagórico de tudo; não passa de um sonho.”

Ele estendeu a mão, rindo. “Isso é um sonho?”, indagou, pondo-a perto dos meus olhos. Tinha a mão arredondada, musculosa e cheia de vigor, bem como um braço comprido e forte.

“Sim; mesmo eu podendo tocá-la, ela é um sonho”, falei, afastando-o do meu rosto. “Já terminou sua ceia?”

“Sim, Jane.”

Fiz soar a sineta e pedi para levarem a bandeja embora. Quando ficamos outra vez a sós, aticei o fogo, então me sentei num banquinho aos pés de meu patrão.

“É quase meia-noite”, falei.

“Sim. Mas lembre-se, Jane: você prometeu ficar acordada comigo na véspera do meu casamento.”

“Sim, e cumprirei o prometido, pelo menos por uma hora ou duas; estou sem vontade de ir para a cama.”

“Todos os seus preparativos estão feitos?”

“Todos, senhor.”

“E os meus também”, retrucou ele; “já organizei tudo, e partiremos de Thornfield amanhã meia hora após voltarmos da igreja.”

“Muito bem, senhor.”

“Que sorriso extraordinário esse seu ao pronunciar essa expressão... ‘muito bem’, Jane! Como suas duas bochechas estão coradas! E que brilho estranho você tem nos olhos! Está se sentindo bem?”

“Acredito que sim.”

“Acredita? Qual é o problema? Diga-me o que está sentindo.”

“Isso não seria possível, senhor; não há palavras para dizer o que estou sentindo. Eu gostaria que esta hora não passasse nunca; quem pode saber o que a próxima vai trazer?”

“Isso é ansiedade, Jane. Você tem andado atarefada demais, ou cansada demais.”

“O senhor está calmo e feliz?”

“Calmo? Não. Mas feliz, sim, de todo o coração.”

Ergui os olhos para ele de modo a ler no seu rosto os sinais da felicidade; ele exibia uma expressão ardente e afogueada.

“Confidencie-se comigo, Jane”, falou; “libere da mente qualquer peso que a esteja oprimindo, divida o peso comigo. Do que está com medo? De eu não me revelar um bom marido?”

“Não poderia haver ideia mais distante dos meus pensamentos.”

“Está apreensiva em relação à nova atmosfera que está prestes a adentrar? À nova vida que será a sua?”

“Não.”

“Você me intriga, Jane; sua expressão e seu tom de triste atrevimento me causam perplexidade e dor. Quero uma explicação.”

“Então escute. O senhor passou a noite de ontem fora?”

“Passei; isso eu sei. E você aludiu há pouco a algo que teria acontecido durante a minha ausência... provavelmente nada de importante, mas, em suma, algo que a perturbou. Diga-me o que é. A sra. Fairfax falou alguma coisa? Ou você escutou alguma conversa dos empregados? Seu sensível amor-próprio foi ferido?”

“Não, senhor.” Meia-noite bateu. Esperei o relógio da biblioteca terminar de emitir seu tilintar metálico e o do saguão, suas roucas e vibrantes badaladas, então continuei.

“Passei o dia inteiro muito ocupada ontem e muito feliz na minha agitação incessante; não estou, como o senhor parece pensar, perturbada por nenhum temor em relação ao novo ambiente etc.; acho que a perspectiva de viver com o senhor é uma coisa gloriosa, pois eu o amo. Não, senhor, não me faça afagos agora; deixe-me falar sem ser incomodada. Eu ontem confiava na Providência e acreditava que os acontecimentos estivessem se organizando para o seu bem e para o meu; foi um dia lindo, se o senhor bem se recorda: o ar e o céu calmos impediam qualquer apreensão em relação à sua segurança ou ao conforto da sua viagem. Depois do chá, fui caminhar um pouco pelo calçamento em frente à casa enquanto pensava no senhor, e na minha imaginação o tinha tão perto de mim que mal sentia falta da sua presença. Pensei na vida que tinha pela frente, na *sua* vida, senhor, uma existência mais ampla e mais emocionante do que a minha, tanto quanto as profundezas do mar em direção ao qual corre o regato em relação ao raso leito de seu próprio e estreito canal. Perguntei-me por que os moralistas chamam este mundo de deserto sem vida; para mim, ele estava florescendo como a tulipa. Bem na hora em que o sol se pôs, o ar esfriou e o céu ficou nublado, entrei em casa. Sophie me chamou até o andar de cima para olhar meu vestido de noiva que acabara de ser trazido, e debaixo dele, dentro da caixa, encontrei seu presente, o véu que, na sua principesca extravagância, o senhor mandou vir de Londres, decidido, suponho, já que eu não queria joias, a me ludibriar e me fazer aceitar algo tão caro quanto. Sorri ao desdobrá-lo, e fiquei pensando em como iria provocá-lo em relação aos seus gostos aristocráticos e aos seus esforços para disfarçar sua noiva plebeia com os adereços de uma nobre. Pensei em como iria lhe trazer o quadrado de renda sem bordado que eu própria preparei para cobrir minha cabeça sem berço e perguntar se ele não era bom o bastante para uma mulher incapaz de proporcionar ao marido fortuna, beleza ou contatos.

Pude ver perfeitamente qual seria a sua expressão e escutar suas respostas republicanas e sua altiva rejeição de qualquer necessidade de aumentar sua riqueza ou elevar sua posição por meio do casamento, quer com uma noiva rica, quer com uma noiva nobre.”

“Como você sabe me interpretar bem, sua bruxa!”, interrompeu o sr. Rochester. “Mas o que encontrou no véu além do bordado? Algum veneno ou adaga que a tenham deixado tão triste agora?”

“Não, senhor, não; além da delicadeza e do luxo do tecido, nada encontrei exceto o orgulho dos Fairfax Rochester, e isso não me assustou, pois estou acostumada com a visão desse demônio. Mas quando estava escurecendo, senhor, o vento aumentou; ontem à noite ele estava soprando não como agora, forte e ruidoso, mas com um lamento monótono bem mais sinistro. Desejei que o senhor estivesse em casa. Vim até este cômodo, e a visão da poltrona vazia e da lareira apagada me fez gelar. Durante algum tempo depois de ir me deitar, não consegui dormir; uma sensação de aflição me incomodava. A tempestade que continuava a se intensificar parecia aos meus ouvidos estar abafando um pesaroso som subjacente; se vinha de dentro da casa ou de fora, eu no início não soube dizer, mas o som prosseguiu, hesitante porém triste a cada vez que ressurgia; concluí por fim que devia ser algum cão ao longe. Fiquei contente quando parou. Ao adormecer, dei continuidade em sonho à ideia de uma noite escura e ventosa. Continuei também querendo estar com o senhor e a ter a estranha e pesarosa consciência de alguma barreira a nos separar. Durante toda a primeira fase do sono, segui as curvas de uma estrada desconhecida; uma escuridão completa me cercava; a chuva me fustigava; eu carregava o fardo de uma criança pequena, uma criatura muito pequenina, jovem e fraca demais para caminhar, e que tremia nos meus braços frios e chorava tantos nos meus ouvidos que chegava a dar pena. Achava que o senhor estava na

estrada bem à minha frente e usava todas as minhas forças para alcançá-lo, e fazendo repetidas tentativas de dizer seu nome e lhe pedir que parasse, mas meus movimentos eram prejudicados e minha voz morria sem ter conseguido articular nada, enquanto o senhor, eu sentia, se afastava mais e mais a cada instante.”

“E esses sonhos estão lhe pesando agora, Jane, que eu estou perto de você? Sua criaturinha nervosa! Esqueça as tristezas imaginárias e pense apenas na felicidade real! Pequena Jane, você diz que me ama; sim... não vou esquecer; e você não pode negar isso. *Essas palavras não morreram nos seus lábios sem ser articuladas.* Eu as escutei, claras e suaves; talvez um tantinho solenes demais, mas doces como uma melodia... ‘Acho que a perspectiva de viver com o senhor é uma coisa gloriosa, pois eu o amo’. Você me ama, Jane? Repita.”

“Amo, senhor... amo-o com todo o meu coração.”

“Bem”, disse ele após um silêncio de alguns minutos; “é estranho, mas essa frase me penetrou o peito e me causou dor. Por quê? Acho que pelo fato de você ter falado com uma energia tão sincera e tão religiosa, e porque esse seu olhar para mim agora é a própria sublime expressão da fé, da verdade e da devoção; é como se houvesse algum espírito ao meu lado. Faça cara de má, Jane, como você bem sabe fazer; abra um de seus sorrisos incontidos, tímidos e provocadores; diga que me odeia... provoque-me, ofenda-me; faça tudo exceto me comover. Prefiro ser enfurecido a ser entristecido.”

“Vou provocá-lo e ofendê-lo o quanto o senhor quiser depois de terminar minha história; mas ouça-me até o fim.”

“Pensei que tivesse me contado tudo, Jane. Pensei que tivesse encontrado o motivo da sua melancolia num sonho.”

Fiz que não com a cabeça. “O quê? Tem mais? Mas não vou acreditar que seja nada importante. Já lhe aviso de antemão que estou incrédulo. Continue.”

A inquietação da sua atitude e a impaciência um tanto apreensiva de seu comportamento me deixaram surpresa, mas retomei o relato.

“Tive outro sonho, senhor: que Thornfield Hall era uma ruína desolada, refúgio de morcegos e corujas. Sonhei que de toda a imponente fachada nada restava a não ser um muro que parecia uma casca, muito alto e de aspecto bastante frágil. Numa noite de luar, eu percorria seu espaço interno tomado pelo mato; aqui tropeçava numa lareira de mármore, ali num fragmento de cornija desabado. Envoltos num xale, continuava carregando no colo a mesma criança desconhecida; não a podia pousar em lugar nenhum, por mais cansados que estivessem meus braços, por mais que seu peso impedisse meu avanço, eu devia continuar com ela. Ouvi o galope de um cavalo ao longe na estrada; tive certeza de que era o senhor; e o senhor estava partindo por muitos anos e para um país distante. Escalei o fino muro com uma pressa frenética e arriscada, ansiosa para vê-lo do alto; as pedras rolaram sob meus pés, os galhos de hera que eu segurava cederam, a criança se agarrou aterrorizada ao meu pescoço e quase me estrangulou; por fim, consegui chegar ao topo. Vi-o como um pontinho preto num caminho branco, menor a cada instante. O vento soprava com tanta força que não consegui suportar. Sentei-me no estreito parapeito e consolei a criança assustada em meu colo; o senhor fez uma curva na estrada. Curvei-me para a frente para uma última olhada, e o muro cedeu; fui sacudida; a criança rolou do meu colo, perdi o equilíbrio, caí e acordei.”

“Agora é só isso, Jane.”

“Isso é todo o prefácio, senhor; a história ainda resta a contar. Quando acordei, um brilho me ofuscava os olhos; pensei ah, é a luz do dia! Mas

estava enganada: era apenas a luz de uma vela. Imaginei que Sophie tivesse entrado. Havia uma luz sobre a penteadeira, e a porta do guarda-roupa onde antes de ir para a cama eu havia pendurado meu vestido e meu véu de noiva estava aberta; ouvi um farfalhar ali. ‘Sophie, o que está fazendo?’, perguntei. Ninguém respondeu, mas uma silhueta emergiu de dentro do guarda-roupa; pegou a vela, segurou-a bem alto e examinou as peças de roupa penduradas no cabide. ‘Sophie! Sophie!’, tornei a chamar; e ela continuou em silêncio. Eu tinha me levantado na cama e curvei-me para a frente; primeiro fui tomada pela surpresa, em seguida pelo assombro; e então o sangue me gelou nas veias. Não era Sophie, sr. Rochester, não era Leah, não era a sra. Fairfax; não era — não, eu tive certeza e ainda tenho — nem mesmo aquela estranha mulher, Grace Poole.”

“Deve ter sido uma delas”, interrompeu meu patrão.

“Não, senhor, eu lhe garanto solenemente que não. A silhueta em pé na minha frente eu nunca tinha visto dentro dos limites de Thornfield Hall; a altura, o contorno eram novos para mim.”

“Descreva-os, Jane.”

“Parecia uma mulher, senhor, alta e grande, com cabelos fartos e escuros, soltos nas costas. Não sei como estava vestida: seus trajes eram brancos e retos, mas se eram um vestido, um lençol ou um sudário, não sei dizer.”

“Viu o rosto dela?”

“No início, não. Mas pouco depois ela tirou meu véu do lugar; ergueu-o, passou um bom tempo fitando-o, então o jogou sobre a própria cabeça e virou-se para o espelho. Nesse instante eu vi o reflexo do rosto e dos traços de forma bem distinta no escuro espelho oval.”

“E como eles eram?”

“Pareceram-me assustadores e medonhos... ah, senhor, nunca vi um rosto como aquele! Era um rosto escuro, um rosto desvairado. Queria poder

esquecer os olhos vermelhos se revirando e os horríveis traços enegrecidos e inchados!”

“Fantasmas em geral são brancos, Jane.”

“Esse era roxo, senhor: tinha os lábios inchados e escuros, a testa enrugada, as sobrancelhas negras muito arqueadas por cima dos olhos injetados. Posso lhe dizer em que ele me fez pensar?”

“Pode.”

“Naquele medonho espectro alemão... o vampiro.”

“Ah! E o que ela fez?”

“Tirou meu véu de sua cabeça descarnada, senhor, rasgou-o ao meio e, após atirar as duas partes no chão, pisou em cima.”

“E depois?”

“Afastei a cortina da janela e olhei para fora; talvez ela tenha visto a aurora se aproximando, pois pegou a vela e foi até a porta. Bem na minha cabeceira, parou; os olhos abrasadores me fulminaram, ela aproximou a vela bem perto do meu rosto e a apagou diante dos meus olhos. Tive consciência de seu rosto medonho ardendo acima do meu e perdi os sentidos; pela segunda vez em minha vida — apenas a segunda — tornei-me insensível ao terror.”

“Quem estava com você quando recobrou os sentidos?”

“Ninguém, senhor, exceto o dia claro. Levantei-me, molhei a cabeça e o rosto e bebi bastante água; senti que, apesar de enfraquecida, não estava doente, e decidi não contar a ninguém exceto ao senhor sobre essa visão. Agora me diga: quem e o que era aquela mulher?”

“A criação de um cérebro excessivamente estimulado, disso não resta dúvida. Preciso tomar cuidado com você, meu tesouro; nervos como os seus não foram feitos para ser manuseados de forma tão descuidada.”

“Pode ter certeza de que a culpa não foi dos meus nervos; a coisa foi real. Realmente ocorreu.”

“E os seus sonhos de antes, foram reais também? Thornfield Hall em ruínas? E eu separado de você por obstáculos intransponíveis? Abandonando-a sem uma lágrima, sem um beijo ou uma palavra?”

“Ainda não.”

“Por acaso estou prestes a fazê-lo? Ora, o dia que vai nos unir de modo indissolúvel já começou, e quando estivermos unidos esses terrores mentais não voltarão a se repetir, eu garanto.”

“Terrores mentais, senhor! Queria poder acreditar que foram só isso; queria agora mais do que nunca, já que nem mesmo o senhor consegue me explicar o mistério dessa terrível visita.”

“E como não posso fazê-lo, Jane, ela deve ter sido irreal.”

“Mas senhor, quando eu disse isso para mim mesma ao acordar hoje de manhã, e quando olhei ao redor do quarto para tirar coragem e reconforto do alegre aspecto de cada objeto conhecido em plena luz do dia, ali, sobre o tapete, vi algo que desmentia por completo minha hipótese: o véu, rasgado de cima a baixo em duas metades!”

Senti o sr. Rochester se sobressaltar e estremecer; ele rapidamente me tomou nos braços.

“Graças a Deus!”, exclamou. “Se algo malévolo de fato chegou perto de você ontem à noite, a única coisa a ficar ferida foi o véu. Ah, pensar no que poderia ter acontecido!”

Ele ficou ofegante e me puxou tão para junto de si que eu mal consegui arfar. Após um silêncio de alguns minutos, retomou, num tom alegre: “Agora, pequena Jane, vou lhe explicar tudo em relação ao que aconteceu. Foi metade sonho, metade realidade. Uma mulher sem dúvida entrou no seu quarto, e essa mulher foi — só pode ter sido — Grace Poole. Você mesmo

diz que ela é uma criatura estranha; até onde sabe, tem motivos para dizer isso: o que ela fez comigo? O que fez com Mason? Num estado entre o sono e a vigília, você notou sua aparição e seus atos, mas, febril e quase delirante como estava, atribuiu-lhe uma aparência grotesca diferente da que ela tem: os longos cabelos em desalinho, o rosto negro e inchado, a estatura exagerada foram frutos da sua imaginação, resultados de um pesadelo. O ato desdenhoso de rasgar o véu foi real e é típico dela. Vejo que gostaria de perguntar por que mantenho uma mulher assim na minha casa. Quando fizermos um ano e um dia de casados lhe conto, mas agora não. Está satisfeita, Jane? Aceita minha solução para o mistério?”

Refleti, e de fato aquela me parecia ser a única solução possível; satisfeita eu não estava, mas para agradá-lo tentei fazer de conta que sim. Aliviada eu com certeza estava, de modo que respondi com um sorriso satisfeito. E então, como já havia passado muito da uma, preparei-me para deixá-lo.

“Sophie não dorme junto com Adèle no quarto das crianças?”, perguntou ele quando eu estava acendendo minha vela.

“Sim, senhor.”

“E há espaço suficiente para você na pequena cama de Adèle. Você precisa ir dividi-la com ela esta noite, Jane; não é de espantar que o incidente que me relatou a deixe nervosa, e eu preferiria que não dormisse sozinha. Prometa-me ir para o quarto das crianças.”

“Irei com grande satisfação, senhor.”

“E feche bem a porta por dentro. Acorde Sophie quando subir com o pretexto de lhe pedir para despertá-la a tempo amanhã, pois precisa estar vestida e ter concluído o jejum antes das oito. E agora chega de pensamentos sombrios; mande as preocupações embora, pequena Jane. Não

está ouvindo como o vento se transformou em doces sussurros? E a chuva já não bate nas vidraças. Olhe” (ele ergueu a cortina), “a noite está linda!”

Estava mesmo. Metade do céu mostrava-se pura e imaculada. As nuvens, agora agrupadas na frente do vento que passara a soprar do oeste, afastavam-se rumo a leste em longas colunas prateadas. A lua brilhava tranquila.

“Bem”, disse o sr. Rochester, encarando meus olhos com uma expressão interrogativa, “como está minha pequena Jane agora?”

“A noite está serena, senhor, e eu também.”

“E esta noite não vai sonhar com separação e tristeza, mas com um amor feliz e uma união cheia de alegria.”

Essa previsão só se realizou pela metade; de fato, não sonhei com tristeza, mas tampouco sonhei com alegria, pois não cheguei a dormir. Abraçada à pequena Adèle, fiquei observando seu sono infantil — tão tranquilo, tão plácido, tão inocente — e esperei o dia raiar. Minha vida inteira estava desperta e agitada dentro do meu corpo, e assim que o sol nasceu me levantei. Lembro-me de Adèle ter me segurado quando a deixei. Lembro-me de a ter beijado enquanto removia as mãozinhas do meu pescoço. E chorei debruçada sobre a menina sentindo uma estranha emoção e a deixei por temer que meus soluços atrapalhassem seu repouso ainda profundo. Ela parecia ser o emblema da minha vida anterior; e ele, aquele que eu agora ia me arrumar para encontrar, o símbolo temido porém adorado de meu futuro desconhecido.

xxvi

Sophie veio às sete me vestir. Demorou muito mesmo para concluir sua tarefa, tanto que o sr. Rochester, já impaciente com minha chegada, imagino, mandou subirem para perguntar por que eu ainda não tinha descido. Ela estava prendendo o véu (o quadrado de renda simples, no fim das contas) nos meus cabelos com um broche; desvencilhei-me depressa de suas mãos assim que consegui.

“Pare!”, exclamou ela em francês. “Olhe-se no espelho; a senhorita não deu nenhuma espiada.”

Virei-me na porta. Vi uma figura de vestido longo e rosto coberto por um véu, tão diferente da minha pessoa habitual que quase me pareceu a imagem de uma desconhecida. “Jane!”, chamou uma voz, e desci depressa. Fui recebida no pé da escada pelo sr. Rochester.

“Que demora!”, disse ele. “Meu cérebro está em chamas de tanta impaciência, e você demora desse jeito!”

Ele me levou até a sala de jantar, examinou-me atentamente de cima a baixo, afirmou que eu estava “bela como um lírio, e não apenas o orgulho de sua vida, mas o desejo de seus olhos”, e então, dizendo-me que me daria apenas dez minutos para fazer o desjejum, tocou a sineta. Um dos criados que ele havia acabado de contratar, um lacaio, veio atender.

“John está aprontando a carruagem?”

“Sim, senhor.”

“A bagagem já desceu?”

“Está descendo, senhor.”

“Vá até a igreja; veja se o sr. Wood (o sacerdote) e seu escrevente estão lá. Volte para me informar.”

A igreja, como o leitor sabe, ficava logo após os portões; o lacaio voltou pouco depois.

“O sr. Wood está na sacristia, senhor, vestindo sua sobrepeliz.”

“E a carruagem?”

“Os cavalos estão sendo atrelados.”

“Não vamos querê-la para ir até a igreja, mas precisa estar pronta na hora em que voltarmos. Com todos os baús e bagagens arrumados e presos, e o cocheiro em seu assento.”

“Sim, senhor.”

“Jane, está pronta?”

Levantei-me. Não havia padrinhos, nem damas de honra, nem parentes para aguardar ou reunir; apenas o sr. Rochester e eu. A sra. Fairfax ficou parada no saguão, nos vendo passar. Eu teria falado com ela, mas minha mão estava cingida por um aperto de aço. Fui puxada por um passo que mal consegui acompanhar, e ao olhar para o rosto do sr. Rochester, senti que nem mais um segundo de atraso seria tolerado por qualquer motivo que fosse. Pergunto-me se algum outro noivo já exibiu aquela expressão dele, tão concentrada num objetivo, tão grave e tão decidida. Ou se alguém, sob um cenho tão firme, já revelou olhos tão acesos e brilhantes.

Não sei se o dia estava bonito ou feio; ao descer o caminho da casa, não olhei nem para o céu nem para o chão. Meu coração acompanhou meus olhos, e ambos pareciam ter migrado para a silhueta do sr. Rochester. Eu

queria ver a coisa invisível na qual, conforme seguíamos, ele parecia fixar um olhar feroz e terrível. Queria sentir os pensamentos cuja força ele parecia estar contendo e aos quais parecia resistir.

No pequeno portão do cemitério, ele parou. Constatou que eu estava um bocado ofegante.

“Estarei sendo cruel com meu amor?”, disse ele. “Espere um instante. Apoie-se em mim, Jane.”

E agora me lembro da imagem da velha e cinza casa de Deus a se erguer tranquila à minha frente, de uma gralha voando ao redor da flecha, de um céu matinal avermelhado mais além. Lembro-me de outra coisa também, dos montinhos verdes dos túmulos; e tampouco esqueci as duas figuras desconhecidas passeando entre eles e lendo as homenagens gravadas nas poucas lápides cobertas de musgo. Reparei nelas porque, ao nos ver, deram a volta pelos fundos da igreja, e não duvidei que fossem entrar pela porta na lateral da nave e assistir à cerimônia. O sr. Rochester não as viu; estava entretido encarando meu rosto, do qual ousei dizer que o sangue tinha se esvaído por um instante, pois eu podia sentir a testa úmida e as bochechas e os lábios frios. Quando me recuperei, o que logo aconteceu, ele me conduziu delicadamente pelo caminho até a porta da igreja.

Adentramos o templo silencioso e modesto; o sacerdote aguardava junto ao altar baixo com sua sobrepeliz branca, ladeado pelo escrevente. Tudo estava imóvel; apenas duas sombras se moviam num canto afastado. Minha conjectura estava correta: os desconhecidos tinham entrado na nossa frente e agora estavam postados junto ao jazigo dos Rochester, de costas para nós, observando pelas grades a tumba de mármore marcada pelo tempo sobre a qual um anjo ajoelhado protegia os restos mortais de Damer de Rochester, morto em Marston Moor na época das guerras civis, e de sua esposa Elizabeth.

Ocupamos nosso lugar diante da grade da comunhão. Ao ouvir um passo cauteloso atrás de mim, olhei por cima do ombro. Um dos desconhecidos — obviamente um cavalheiro — vinha subindo na direção do altar-mor. A celebração começou. Houve uma explicação da intenção do matrimônio, e então o sacerdote deu um passo à frente e, curvando-se ligeiramente na direção do sr. Rochester, prosseguiu:

“Exijo e solicito de ambos (como lhes será cobrado no temível dia do Juízo Final, quando os segredos de todos os corações serão revelados) que, caso conheçam algum impedimento para não serem legalmente unidos em matrimônio, confessem-no agora; pois estejam certos de que aqueles que forem unidos de outro modo que não aquele permitido pela Palavra de Deus não estarão unidos por Ele, tampouco seu matrimônio será válido perante a lei.”

Ele fez uma pausa, como manda o costume. Quando a pausa após essa frase é interrompida por uma resposta? Talvez nem sequer uma vez em cada cem anos. E o sacerdote, que não erguera os olhos de seu livro e só prendera a respiração por um instante, estava prestes a prosseguir: sua mão já estava estendida em direção ao sr. Rochester e seus lábios se abriram para perguntar “Aceita esta mulher como sua legítima esposa?” quando uma voz distinta e próxima falou: “O casamento não pode prosseguir. Declaro a existência de um impedimento”.

O sacerdote ergueu os olhos para quem tinha falado e permaneceu mudo; o escrevente fez o mesmo. O sr. Rochester se mexeu de leve, como se um terremoto houvesse sacudido o chão sob seus pés. Firmando-se melhor, e sem virar a cabeça nem os olhos, ele disse: “Prossiga”.

Um profundo silêncio se abateu após ele pronunciar essa palavra num tom grave, porém baixo. O sr. Wood então falou: “Não posso prosseguir

sem antes averiguar o que foi afirmado e estabelecer sua veracidade ou falsidade”.

“A cerimônia está interrompida”, disse a voz atrás de nós. “Tenho condições de provar minha alegação. Há um impedimento intransponível para este casamento.”

O sr. Rochester ouviu, mas não obedeceu; permaneceu obstinado e rígido, e não fez outro movimento que não o de segurar minha mão. Que pressão quente e forte ele exerceu! E como sua fronte pálida, sólida e maciça pareceu de mármore naquele instante! Como seus olhos brilhavam, ainda atentos, mas também desvairados.

O sr. Wood pareceu não saber como agir. “Qual é a natureza do empecilho?”, perguntou ele. “Talvez possa ser superado... e esclarecido.”

“Não”, foi a resposta. “Declaro que é intransponível e sei do que estou falando.”

O homem que havia falado se adiantou e se debruçou na grade. Então prosseguiu, pronunciando de modo distinto cada palavra, com calma e firmeza, mas em voz baixa:

“Ele consiste simplesmente na existência de um casamento anterior. O sr. Rochester tem uma esposa ainda viva.”

Essas palavras ditas em voz baixa fizeram meus nervos vibrarem como jamais tinham vibrado ao som do trovão; meu sangue sentiu sua violência repentina como nunca havia sentido nem o gelo nem o fogo. Permaneci calma, porém, e não corri risco nenhum de um desmaio. Olhei para o sr. Rochester e o fiz olhar para mim. Seu rosto inteiro era uma rocha sem cor; seus olhos eram ao mesmo tempo fagulha e pedra. Ele não negou nada; parecia disposto a desafiar qualquer coisa. Sem falar, sem sorrir, sem parecer reconhecer em mim um ser humano, só fez apertar minha cintura com o braço e me prender ao seu flanco.

“Quem é o senhor?”, indagou ele ao intruso.

“Meu nome é Briggs, sou advogado em *** Street, Londres.”

“E quer me imputar uma esposa?”

“Quero lembrá-lo da existência de sua esposa, que a lei reconhece, ainda que o senhor não.”

“Faça-me uma descrição dela... nome, filiação, local de residência.”

“Certamente.” Com toda calma, o sr. Briggs tirou um papel do bolso e leu num tom oficial e anasalado:

“Afirmo e posso provar que no dia 20 de outubro do ano de Nosso Senhor de *** (a data remontava a quinze anos antes), Edward Fairfax Rochester, de Thornfield Hall, no condado de ***, e de Ferndean Manor, em ***shire, Inglaterra, casou-se com minha irmã, Bertha Antoinetta Mason, filha de Jonas Mason, comerciante, e de sua esposa Antoinetta, *creole*, na igreja de ***, em Spanish Town, Jamaica. O registro do casamento poderá ser encontrado nos autos dessa igreja, e tenho comigo uma cópia. Assinado, Richard Mason.”

“Esse documento, caso seja genuíno, pode provar que fui casado, mas não prova que a mulher nele citada como minha esposa ainda está viva.”

“Estava viva três meses atrás”, retrucou o advogado.

“Como o senhor sabe?”

“Tenho uma testemunha cujo depoimento nem mesmo o senhor poderá contestar.”

“Chame-a então... ou vá para o inferno.”

“Prefiro chamá-la... ele está aqui. Sr. Mason, queira ter a bondade de se apresentar.”

Ao ouvir aquele nome, o sr. Rochester trincou os dentes e experimentou também uma espécie de forte tremor convulso; junto dele como eu estava, pude sentir o movimento espasmódico da fúria ou do desespero varar seu

corpo. O outro desconhecido, que até então se mantivera em segundo plano, aproximou-se então; um rosto pálido espiou por cima do ombro do advogado... sim, era o sr. Mason em pessoa. O sr. Rochester se virou e o fulminou com os olhos. Como eu já disse muitas vezes, ele tinha os olhos negros, e seu matiz escuro exibia agora uma luz amarelada, digo, rubra como sangue; e seu rosto estava afogueado: as bochechas morenas e a testa pálida ganhavam cor como se a brasa do coração estivesse subindo e se espalhando. E ele se mexeu, ergueu o braço forte, e teria batido em Mason, derrubado-o no chão da igreja, tirado todo o ar de seu corpo com um golpe implacável, mas Mason se encolheu e exclamou debilmente: “Deus meu!”. O desprezo esfriou o ânimo do sr. Rochester; sua paixão morreu como se uma enfermidade a houvesse feito secar. Ele perguntou apenas:

“O que você tem a dizer?”

Uma resposta inaudível saiu dos lábios brancos de Mason.

“Responda de modo distinto, diabos. Vou repetir: o que você tem a dizer?”

“Senhor... senhor...”, interrompeu o sacerdote, “não se esqueça de que está num lugar sagrado.” Então, dirigindo-se ao sr. Mason, indagou suavemente: “O senhor sabe se a esposa deste cavalheiro está viva ou não?”.

“Coragem”, instou o advogado; “pode falar.”

“Ela hoje vive em Thornfield Hall”, disse Mason, articulando melhor a voz. “Eu a vi lá em abril passado. Sou irmão dela.”

“Em Thornfield Hall!”, exclamou o sacerdote. “Impossível! Sou um morador antigo desta região, senhor, e nunca ouvi falar em nenhuma sra. Rochester em Thornfield Hall.”

Vi um sorriso pesaroso deformar os lábios do sr. Rochester, que murmurou: “Não, por Deus! Eu tomei cuidado para que ninguém

soubesse... ou a conhecesse por esse nome”. Ele pôs-se a refletir; passou dez minutos confabulando consigo mesmo. Então se decidiu e anunciou: “Chega! Tudo vai ser revelado no mesmo instante, como o tiro que sai do canhão. Wood, feche o livro e tire sua sobrepeliz; John Green (para o escrevente), saia da igreja. Não vai haver casamento hoje”. O homem obedeceu.

O sr. Rochester prosseguiu, duro e implacável: “Bigamia é uma palavra feia! Apesar disso, eu tinha a intenção de ser bígamo, mas o destino me derrotou, ou a Providência me deteve... talvez a segunda opção. Neste momento não sou muito melhor do que um diabo, e, como meu pastor aqui presente diria, sem dúvida mereço o mais severo julgamento de Deus, e até mesmo ser condenado ao fogo terno e ao verme imortal. Cavalheiros, meu plano foi desmascarado! O que esse advogado e seu cliente estão dizendo é verdade: eu já me casei, e a mulher com quem me casei está viva! O senhor diz que nunca ouviu falar em nenhuma sra. Rochester na casa lá de cima, Wood; mas ousou dizer que muitas vezes sua orelha se prestou a fofocas relacionadas à misteriosa louca que vive lá, vigiada e trancada. Alguns lhe cochicharam que ela é minha meia-irmã ilegítima; outros, que é uma amante rejeitada. Agora lhe informo que ela é minha esposa, com quem me casei quinze anos atrás... seu nome é Bertha Mason; ela é irmã deste personagem decidido que no presente momento, com seus membros trêmulos e sua face branca, lhes mostra o coração de pedra que os homens podem ter. Ânimo, Dick! Não tenha medo de mim! Eu quase preferiria bater numa mulher a bater em você. Bertha Mason é louca e veio de uma família de três gerações de loucos, imbecis e dementes! Sua mãe, a *creole*, foi uma louca beberona, conforme descobri após me casar com sua filha, pois antes disso eles guardaram silêncio em relação aos segredos de família. Como uma filha obediente, Bertha copiou a mãe em ambos os quesitos. Eu

tive uma companheira encantadora... pura, sensata, modesta; o senhor pode imaginar que fui um homem feliz. Que cenas tive de suportar! Ah, minha experiência foi divina, se o senhor soubesse! Mas não lhe devo mais nenhuma explicação. Briggs, Wood, Mason, convido todos a ir até a casa e a visitar a paciente da sra. Poole, *minha esposa*! Então verão que tipo de criatura fui levado a desposar e julgarão se eu tinha ou não o direito de desfazer tal união e buscar a companhia de algo pelo menos humano. Esta moça”, continuou ele, olhando para mim, “não sabia mais do que o senhor, Wood, sobre o repulsivo segredo. Pensava que tudo estivesse justo e dentro da lei, e jamais sonhou que fosse cair na armadilha de uma união fajuta com um miserável mentiroso já unido a uma companheira má, louca e embrutecida! Venham todos vocês... acompanhem-nos!”.

Ainda me segurando com força, ele saiu da igreja. Os três cavalheiros saíram em seguida. Em frente à porta da casa encontramos a carruagem.

“Leve-a de volta para o galpão, John”, disse o sr. Rochester com frieza; “ela não será necessária hoje.”

Ao nos ver entrar, a sra. Fairfax, Adèle, Sophie e Leah se adiantaram para nos receber e nos cumprimentar.

“Para trás, todas vocês!”, gritou o patrão. “Engulam suas congratulações! Quem as quer? Eu, não! Estão quinze anos atrasadas!”

Ele passou por elas e subiu a escada, ainda me segurando pela mão e ainda acenando para os cavalheiros o seguirem, o que eles fizeram. Subimos a primeira escadaria, passamos pelo corredor e seguimos rumo ao terceiro andar. A porta baixa e preta, aberta pela chave-mestra do sr. Rochester, nos fez adentrar o cômodo das tapeçarias, com sua enorme cama e seu armário entalhado.

“Você conhece este lugar, Mason”, disse nosso guia; “foi aqui que ela o mordeu e apunhalou.”

Ele removeu as tapeçarias da parede para revelar a segunda porta, que também abriu. Num cômodo sem janelas havia uma lareira acesa, protegida por uma grade alta e robusta, e um lampião pendurado no teto por uma corrente. Grace Poole estava curvada diante do fogo, pelo visto cozinhando algo numa panela. Nas profundezas das sombras, do outro lado do recinto, uma figura corria de lá para cá. Se era um animal ou um ser humano, impossível saber à primeira vista. Parecia estar rastejando de quatro no chão; abocanhava e rosnava como algum estranho animal selvagem. Mas a criatura estava coberta por roupas, e uma grande quantidade de cabelos escuros e grisalhos, desgrehados como uma juba, cobria sua cabeça e seu rosto.

“Bom dia, sra. Poole!”, disse o sr. Rochester. “Como vai? E como vai sua protegida hoje?”

“Estamos razoavelmente bem, senhor, obrigada”, respondeu Grace, pendurando com cuidado a comida fervente no suporte do fogo; “ela está um pouco irritadiça, mas não enfurecida.”

Um grito feroz pareceu desmentir a resposta favorável. A hiena vestida se levantou e postou-se ereta sobre as duas patas traseiras.

“Ah, senhor, ela o viu!”, exclamou Grace. “É melhor não ficar aqui.”

“Só por alguns instantes, Grace. Você precisa me dar alguns instantes.”

“Então cuidado, senhor! Pelo amor de Deus, cuidado!”

A louca pôs-se a urrar. Afastou do rosto os cabelos emaranhados e encarou os visitantes com um ar raivoso. Reconheci muito bem aquele rosto arroxado, aqueles traços inchados. A sra. Poole se adiantou.

“Fique longe”, disse o sr. Rochester, empurrando-a de lado; “imagino que ela não tenha faca nenhuma agora, não é? E eu estou atento.”

“Nunca se sabe o que ela pode ter, senhor. É muito astuta. O cérebro humano não sabe do que ela é capaz.”

“É melhor a deixarmos”, sussurrou Mason.

“Vá para o inferno!”, foi a resposta de seu cunhado.

“Cuidado!”, gritou Grace. Os três cavalheiros recuaram ao mesmo tempo. O sr. Rochester me empurrou para trás de si. A louca deu um pulo, agarrou seu pescoço com ferocidade e levou os dentes à sua bochecha. Eles lutaram. Ela era uma mulher grande, com quase a mesma estatura do marido, e além disso era corpulenta. Demonstrou uma força viril no embate, e mais de uma vez quase o esganou, embora ele fosse atlético. Ele poderia tê-la neutralizado com um soco bem dado, mas não a golpeou; apenas resistiu a ela. Por fim, conseguiu conter seus braços; Grace Poole lhe alcançou uma corda, e ele os prendeu nas costas dela. Com outro pedaço de corda que estava disponível, amarrou-a numa cadeira. A operação foi executada em meio aos mais ferozes gritos e aos mais convulsivos trancos. O sr. Rochester então tornou a se virar para os espectadores. Encarou-os com um sorriso ao mesmo tempo amargo e desalentado.

“Esta é *minha esposa*”, falou. “Esse é o único abraço conjugal que eu jamais conhecerei... são essas as palavras de ternura que ocuparão minhas horas de lazer! E *isto aqui* é o que eu desejava ter” (ele pousou a mão no meu ombro): “esta jovem que fica parada de modo tão grave e tão silencioso na boca do inferno, observando calmamente as cabriolas de um demônio. Eu a queria só para ter algo diferente depois desse prato apimentado. Wood e Briggs, vejam a diferença! Comparem estes olhos límpidos com aquelas bolas vermelhas ali... este rosto com aquela máscara... este corpo com aquela massa; e então me julguem, sacerdote do evangelho e homem da lei, e lembrem-se de que com o mesmo juízo com que julgam, também serão julgados! Agora saiam. Preciso prender minha fera.”

Recuamos todos. O sr. Rochester ficou mais alguns instantes após sairmos, para dar alguma outra ordem a Grace Poole. O advogado se dirigiu a mim quando estávamos descendo a escada.

“A senhorita está livre de qualquer culpa”, falou. “Seu tio ficará feliz em saber, se é que ainda estará vivo quando o sr. Mason voltar para Madeira.”

“Meu tio! O que tem ele? O senhor o conhece?”

“O sr. Mason o conhece. Faz alguns anos que o sr. Eyre é seu representante em Funchal. Quando seu tio recebeu sua carta falando sobre a união pretendida entre a senhorita e o sr. Rochester, o sr. Mason, que se encontrava em Madeira para cuidar da saúde antes de voltar para a Jamaica, por acaso estava com ele. O sr. Eyre comentou a notícia, pois sabia que meu cliente aqui conhecia um cavalheiro chamado sr. Rochester. O sr. Mason, atônito e consternado como a senhora pode imaginar, revelou a verdadeira situação. Seu tio, lamento dizer, está agora doente e acamado, e considerando a natureza da enfermidade, a tísica, e o estágio a que ela chegou, é improvável que torne a se levantar. Ele não pôde portanto acorrer pessoalmente à Inglaterra para tirá-la da armadilha em que a senhorita havia caído, mas implorou ao sr. Mason que não perdesse tempo para tomar providências de modo a impedir o falso casamento. Ele o encaminhou a mim para pedir ajuda. Agi o mais depressa que pude e fico grato por não ter chegado tarde demais, como a senhorita sem dúvida deve estar. Se eu não estivesse moralmente certo de que seu tio terá morrido antes da sua chegada em Madeira, aconselharia a senhorita a voltar com o sr. Mason; na atual situação, contudo, acho melhor ficar na Inglaterra até ter mais notícias do sr. Eyre ou relacionadas a ele. Temos algum outro motivo para ficar?”, indagou ele ao sr. Mason.

“Não, não... vamos indo”, foi a resposta nervosa; e, sem esperar para se despedir do sr. Rochester, os dois saíram pela porta do saguão. O sacerdote

ficou para dizer algumas palavras de admoestação ou reprimenda ao seu ativo paroquiano; cumprido esse dever, ele também se foi.

Ouvi-o sair quando estava em pé junto à porta entreaberta do meu próprio quarto, onde havia agora me refugiado. Com a casa esvaziada, fechei-me lá dentro, passei o trinco na porta para ninguém entrar e me dediquei não a chorar nem a lamentar, pois ainda estava demasiado calma para tal, mas a despir mecanicamente meu vestido de noiva e substituí-lo pelo de lã que usara na véspera naquela que pensava ser a última vez. Então me sentei; sentia-me fraca e cansada. Repousei os braços numa mesa e deixei a cabeça pender por cima deles. Então pus-me a pensar. Até ali só tinha feito escutar, ver, andar, subir e descer para onde fora conduzida ou arrastada, assistir aos acontecimentos se sucederem, revelação após revelação. Mas então comecei a *pensar*.

A manhã fora razoavelmente tranquila em tudo, exceto a breve cena com a louca. Os acontecimentos na igreja não tinham sido ruidosos; não houvera nenhum arrebatamento de paixão, nenhuma altercação barulhenta, nenhuma briga, nenhuma resistência, nenhum desafio, nenhuma lágrima, nenhum soluço. Algumas palavras tinham sido ditas, uma objeção calmamente enunciada ao casamento fora apresentada; algumas perguntas duras e curtas tinham sido feitas pelo sr. Rochester; respostas e explicações dadas, provas produzidas; uma confissão explícita da verdade feita pelo meu patrão — e então a prova viva fora vista; os intrusos tinham ido embora e tudo havia acabado.

Eu estava no meu próprio quarto, como sempre, apenas eu, sem nenhuma mudança evidente. Nada me atingira, nem me prejudicara, nem me aleijara. No entanto, onde estava a Jane Eyre da véspera? Onde estava sua vida? Onde estava seu futuro?

Jane Eyre, antes uma mulher ardente e cheia de expectativa, quase uma noiva, era outra vez uma moça fria e solitária. Sua vida era pálida, seu futuro triste. Uma neve natalina havia caído no auge do verão; uma branca nevasca de dezembro castigara o mês de junho; o gelo encobria as maçãs maduras, os ventos esmagavam as rosas desabrochadas; sobre os campos de feno e milho tinha se estendido um sudário gelado. Caminhos repletos de flores na noite anterior estavam hoje cobertos por uma neve que ninguém ainda havia pisado; e as matas, que doze horas antes oscilavam tão frondosas e perfumadas quanto bosques tropicais, agora se estendiam desoladas, desertas e brancas como florestas de pinheiro na invernal Noruega. Minhas esperanças estavam todas destruídas, acometidas por uma praga sutil como aquela que numa única noite se abateu sobre todos os primogênitos das terras do Egito. Olhei para meus desejos mais caros, na véspera tão plenos e radiantes; eram agora cadáveres duros, gelados e lívidos que jamais poderiam voltar à vida. Olhei para o meu amor, aquele sentimento que pertencia a meu patrão, por ele criado; meu amor tremia dentro do meu coração como uma criança doente num berço frio. Fora tomado pela doença e pela aflição; não podia buscar os braços do sr. Rochester nem podia buscar no seu peito algum calor. Ah, nunca mais poderia recorrer a ele, pois a fé estava estragada, a confiança destruída! O sr. Rochester não era mais para mim o que fora antes, pois não era o que eu pensava ser. Eu não diria que era vil; não diria que tinha me traído; mas o atributo da verdade pura já não pertencia ao seu conceito, e eu precisava me afastar da sua presença; isso eu percebia muito bem. Quando, como e para onde ainda não conseguia vislumbrar; mas não duvidava que ele próprio fosse querer me ver logo longe de Thornfield. Pelo visto não podia ter por mim um afeto verdadeiro; tudo fora apenas uma paixão passageira, e ela lhe fora negada; ele não ia mais me querer. Eu agora teria medo até de cruzar

seu caminho; minha imagem devia lhe causar repulsa. Ah, como meus olhos tinham sido cegos! Como minha conduta tinha sido fraca!

Meus olhos estavam cobertos e fechados; uma escuridão rodopiante parecia se agitar à minha volta, e o reflexo retornava num fluxo negro e confuso. Entregue, relaxada e sem qualquer esforço, eu parecia ter me deitado no leito seco de um grande rio; ouvi uma correnteza ser liberada em montanhas longínquas e senti a torrente se aproximar. Não tive ânimo para me levantar nem forças para fugir. Continuei deitada, prostrada, ansiando pela morte. Uma única ideia ainda latejava viva dentro de mim: a lembrança de Deus. Tal lembrança formulou uma prece muda. As palavras começaram a subir e descer por minha mente embotada, como algo que devesse ser murmurado, mas não houve como encontrar energia para expressá-las: “Não fiques distante de mim, pois a angústia está perto e não há ninguém que me socorra”.¹

Ela estava perto. E como eu não tinha feito nenhum pedido aos Céus para evitá-la, como não tinha sequer unido as mãos, nem dobrado os joelhos, nem movido a boca, ela veio: com uma força plena e torrencial, a água se derramou sobre mim. Toda a consciência de minha vida abandonada, de meu amor perdido, de minha esperança esmagada, de minha fé fulminada, tudo isso se agigantou imenso e poderoso acima de mim numa única massa incolor. Não há como descrever essa hora de amargura. De fato, “as águas subiram até o meu pescoço. Nas profundezas lamacentas eu afundei, não tenho onde firmar os pés. Entrei em águas profundas; as correntezas me arrastam”.²

1. Salmos 22,11.

2. Salmos 69,1-2.

xxvii

Em algum momento da tarde, ergui a cabeça, e, ao olhar em volta e ver o sol no oeste lançando na parede a luz que assinalava seu declínio, perguntei: “O que devo fazer?”.

Mas a resposta dada por minha mente — “Vá embora de Thornfield agora mesmo” — foi tão rápida, tão terrível, que fechei os ouvidos. Disse que não conseguia suportar aquelas palavras no momento. “O fato de eu não ser mais a noiva de Edward Rochester é o menor dos meus desgostos”, afirmei; “o fato de eu ter despertado de sonhos gloriosos e constatado que todos eles eram vazios e vãos é um horror que eu poderia suportar e controlar; mas o fato de eu precisar deixá-lo de modo resoluto, imediato e absoluto é intolerável. Não consigo fazê-lo.”

Então uma voz dentro de mim declarou que sim, e previu que eu deveria fazê-lo. Lutei contra minha própria decisão. Queria ser fraca para poder evitar o trecho penoso de novos sofrimentos que via se estender à minha frente; e a Consciência, transformada em tirana, segurava a Paixão pela garganta e lhe dizia, num tom de zombaria, que ela só fizera mergulhar o pezinho na lama, e jurava que com aquele braço de ferro ia empurrá-la em direção a profundezas insondáveis de agonia.

“Que eu seja levada então!”, gritei. “Que alguma outra pessoa venha em meu auxílio!”

“Não; você mesma irá embora, e ninguém virá ajudá-la. Você mesma arrancará seu olho direito, você mesma cortará sua mão direita. Seu coração será a vítima, e você será o sacerdote que vai sacrificá-lo.”

Levantei-me de repente, aterrorizada com a solidão assombrada por um juiz tão inclemente, com o silêncio preenchido por uma voz tão horrorosa. Minha cabeça rodou quando me levantei. Percebi que eu estava desfalecendo de agitação e de fome; nem comida, nem bebida tinham passado por meus lábios naquele dia, pois eu não havia feito o jejum. E com uma estranha pontada então pensei que, durante todo o tempo que passara trancada ali, nenhum recado fora mandado para saber como eu estava ou para me convidar a descer. Nem mesmo a pequena Adèle batera à porta; nem mesmo a sra. Fairfax me procurara. “Os amigos sempre esquecem aqueles que a fortuna abandona”, murmurei enquanto puxava o trinco e saía. Tropecei num obstáculo: minha cabeça ainda estava tonta, minha visão, prejudicada, e meus membros, fracos. Não consegui me recuperar a tempo. Caí, mas não no chão: um braço esticado me segurou. Ergui os olhos: estava sendo amparada pelo sr. Rochester, sentado numa cadeira em frente à porta do meu quarto.

“Até que enfim você saiu”, disse ele. “Bem, passei muito tempo à sua espera e à escuta, mas não ouvi um só movimento, nenhum soluço sequer. Mais cinco minutos desse silêncio de morte e eu teria forçado a fechadura como um ladrão. Quer dizer que está me evitando? Trancar-se no quarto e ficar se lamentando sozinha! Preferiria que tivesse vindo me recriminar com veemência. Você é arrebatada; eu esperava algum tipo de cena. Estava preparado para a chuva quente do pranto; só queria que ele fosse derramado no meu peito. Agora quem o recebeu foi um piso insensível, ou então seu

lenço encharcado. Mas estou enganado: você não chorou! Vejo um rosto branco e um olhar apagado, mas nenhum sinal de lágrimas. Imagino então que seu coração tenha chorado sangue.

“Ora, Jane! Nenhuma palavra de reprimenda? Nada amargo, nada comovente? Nada que fira um sentimento ou maltrate uma paixão? Você fica sentada em silêncio onde eu a pus, encarando-me com um olhar cansado e passivo.

“Jane, nunca tive a intenção de magoá-la assim. Se o homem que tivesse apenas uma cordeirinha que lhe fosse cara como uma filha, que comesse do seu pão e bebesse do seu copo, que deitasse no seu colo, a houvesse sacrificado por algum equívoco no abatedouro, não teria amaldiçoado seu erro terrível mais do que eu agora amaldiçoo o meu. Você conseguirá me perdoar algum dia?”

Leitor, eu o perdoei ali mesmo, naquele instante. Havia no seu olhar um remorso tão profundo, no seu tom uma pena tão genuína, em seus modos uma energia tão máscula; e, além do mais, havia um amor tão intocado em todo o seu aspecto e expressão que eu lhe perdoei tudo. Mas não com palavras, não externamente; apenas dentro do meu coração.

“Você sabe que eu sou um canalha, Jane?”, indagou ele pouco depois num tom de melancolia, estranhando, imagino, meu silêncio e minha docilidade que perduravam, resultados mais da fraqueza do que da vontade.

“Sim, senhor.”

“Então me diga isso de modo claro e incisivo... não me poupe.”

“Não consigo; estou cansada e fraca. Quero um pouco d’água.” Ele deu uma espécie de suspiro trêmulo e, tomando-me nos braços, carregou-me até o andar de baixo. No início eu não soube para que cômodo ele tinha me levado; tudo era névoa para meu olhar embaçado. Então senti o calor acolhedor de uma lareira, pois mesmo sendo verão tinha ficado gelada de

frio no meu quarto. O sr. Rochester levou vinho aos meus lábios; provei a bebida e revivi; então comi algo que ele me ofereceu, e logo voltei a ser eu mesma. Estava na biblioteca, sentada na sua poltrona; ele estava ali bem perto. “Se eu pudesse deixar a vida agora, sem um sobressalto demasiado grande, tudo estaria bem para mim”, pensei; “eu então não precisaria fazer o esforço de romper os cordões do meu coração ao arrancá-los de junto dos do sr. Rochester. Preciso deixá-lo, ao que parece. Não quero deixá-lo... não posso deixá-lo.”

“Como está agora, Jane?”

“Bem melhor, senhor; logo ficarei bem.”

“Prove o vinho outra vez, Jane.”

Obedeci; ele então pousou o cálice na mesa, postou-se na minha frente e me observou com atenção. De repente virou as costas com uma exclamação que não consegui distinguir, plena de algum tipo de emoção arrebatada; percorreu o cômodo depressa e voltou. Inclinou-se na minha direção como se fosse me beijar, mas eu me lembrei que as carícias estavam agora proibidas. Virei o rosto para o outro lado e afastei o dele.

“O quê? Por que isso?”, exclamou o sr. Rochester na hora. “Ah, já sei! Você não quer beijar o marido de Bertha Mason. Considera que meus braços estão ocupados e que meus beijos têm dona.”

“Seja como for, não há lugar para mim nos seus braços nem eu tenho direito aos seus beijos.”

“Por quê, Jane? Vou lhe poupar o trabalho de falar muito; eu mesmo responderei no seu lugar: porque já tenho esposa, você diria. Estou certo ao supor isso?”

“Sim.”

“Se acha isso, deve ter uma opinião estranha sobre mim; deve me considerar um devasso ardiloso, um promíscuo rasteiro e desqualificado

que vem fingindo um amor desinteressado para poder atraí-la para uma armadilha montada de modo deliberado, para tirar sua honra e roubar sua autoestima. O que tem a me dizer em relação a isso? Vejo que não pode dizer nada: em primeiro lugar, ainda está fraca, e já se esforça o suficiente para respirar; em segundo lugar, ainda não consegue se acostumar com o fato de me acusar e de me criticar, e além do mais as comportas das lágrimas estão abertas, e elas iriam se derramar se você falasse muito. E você não tem desejo algum de reprovar, de repreender, de fazer uma cena. Está pensando em como *agir*; considera inútil *falar*. Eu a conheço; estou atento.”

“Não desejo agir contra o senhor”, falei, e minha voz trêmula me alertou para não alongar a frase.

“Não na *sua* acepção da palavra, mas na *minha* você está tramando para me destruir. Praticamente falou que sou um homem casado, e, sendo eu um homem casado, você irá me repelir e ficar fora do meu caminho; agora mesmo se recusou a me beijar. Pretende se tornar uma completa desconhecida para mim e viver sob este teto apenas como preceptora de Adèle. Se eu algum dia lhe disser uma palavra de amizade, se algum dia um sentimento de amizade a fizer ter novamente uma inclinação por mim, você dirá: ‘Esse homem quase me transformou na sua amante; preciso ser de gelo e de pedra com ele’; e de gelo e de pedra se tornará.”

Pigarreei e firmei a voz para responder: “Tudo em mim mudou, senhor; eu preciso mudar também, não há dúvida quanto a isso; e, para evitar as flutuações de sentimentos e os embates contínuos com as reminiscências e associações, só existe um jeito: Adèle precisa de uma nova preceptora”.

“Ah, Adèle vai para um colégio interno... isso eu já resolvi. Tampouco tenho a intenção de atormentá-la com as medonhas associações e reminiscências ligadas a Thornfield Hall, este lugar maldito, esta tenda de

Acã, esta cripta insolente que oferece à luz do céu aberto o horror da morte em vida, este estreito inferno de pedra com seu único diabo verdadeiro, pior do que uma legião deles como os imaginamos. Você não vai ficar aqui, Jane, e nem eu. Errei ao trazê-la para Thornfield Hall, sabendo, como sabia, que era um lugar assombrado. Dei instruções para que escondessem de você, antes mesmo de conhecê-la, tudo sobre a maldição desta casa, apenas porque temia que Adèle nunca conseguisse uma preceptora para ficar aqui caso a pessoa soubesse em que companhia estaria vivendo, e meus planos não me permitiam transferir a louca para nenhum outro lugar — embora eu possuía uma casa, Ferndean Manor, ainda mais isolada e escondida do que esta, onde poderia tê-la abrigado com relativa facilidade caso meus escrúpulos em relação à insalubridade da localização, no meio de uma floresta, não tivessem feito minha consciência desistir da ideia. É provável que aquelas paredes úmidas não houvessem demorado a me liberar do fardo que ela representa para mim. Mas a cada vilão seu próprio vício, e o meu não é uma tendência ao assassinato indireto, nem mesmo daquilo que eu mais odeio.

“Esconder de você a proximidade da louca, porém, foi como cobrir uma criança com uma capa e deitá-la debaixo de uma árvore envenenada; tudo o que cerca aquele demônio é veneno, e sempre foi. Mas vou fechar Thornfield Hall; vou lacrar a porta da frente e tampar com tábuas as janelas do térreo. Darei à sra. Poole duzentas libras por ano para morar aqui com *minha esposa*, como você chama aquela megera horrorosa. Grace é capaz de muita coisa por dinheiro, e terá o filho, o zelador de Grimsby Retreat,¹ para lhe fazer companhia e estar disponível para ajudá-la nos momentos de crise, quando *minha esposa* for impelida por seus próprios demônios a pôr fogo na cama das pessoas à noite, a apunhalá-las, a lhes arrancar a carne dos ossos a mordidas e assim por diante...”

“O senhor é implacável com essa desafortunada senhora”, interrompi. “Fala dela com ódio... com uma antipatia vingativa. Isso é cruel... ela não tem culpa de ser louca.”

“Jane, minha pequena, minha querida (assim irei chamá-la, pois é isso que você é), você não sabe do que está falando; está me julgando mal outra vez. Não é por ela ser louca que eu a odeio. Se você fosse louca, acha que eu a odiaria?”

“Acho sim, senhor.”

“Então está enganada e não sabe nada sobre mim e nada sobre o tipo de amor do qual sou capaz. Cada átomo do seu corpo é tão caro para mim quanto o meu próprio; na dor e na doença eles continuariam me sendo caros. Sua mente é o meu tesouro, e se ela viesse a ficar destruída continuaria sendo o meu tesouro; se você delirasse, o que a conteria seriam os meus braços, não uma camisa de força... mesmo em meio à fúria, seu contato me seria agradável. Se você partisse para cima de mim com a mesma ferocidade com que aquela mulher o fez esta manhã, eu a receberia num abraço em que o carinho seria pelo menos equivalente à contenção. Não me afastaria de você enojado como me afastei dela; nos seus momentos tranquilos você não teria nenhum vigilante, nenhum enfermeiro exceto eu; e eu seria capaz de velá-la com uma ternura incansável mesmo sem você me retribuir com sorriso algum; e jamais me cansaria de fitar seus olhos, mesmo que eles já não tivessem por mim uma centelha de reconhecimento ao ver-me. Mas por que sigo esse raciocínio? Eu falava sobre levá-la embora de Thornfield. Está tudo pronto para sua partida imediata, sabe; você partirá amanhã. Só lhe peço para tolerar mais uma noite sob este teto, Jane; depois disso, será adeus para sempre às suas desgraças e aos seus horrores! Tenho um lugar onde me recolher que será

um santuário seguro, ao abrigo de reminiscências detestáveis, de intrusões indesejadas... até mesmo da falsidade e da calúnia.”

“Leve Adèle com o senhor”, interrompi; “ela lhe fará companhia.”

“Como assim, Jane? Eu lhe disse que vou mandar Adèle para um colégio interno. E por que iria querer a companhia de uma criança que nem minha própria filha é... a filha bastarda de uma dançarina francesa! Por que me importuna falando nela? Repito, por que sugere que Adèle me faça companhia?”

“Porque fala em se recolher; e o recolhimento e a solidão são tediosos. Tediosos demais para o senhor.”

“Solidão! Solidão!”, repetiu ele, irritado. “Estou vendo que preciso explicar. Não entendo que expressão enigmática é essa que está se desenhando no seu rosto. Você vai partilhar minha solidão. Está entendendo?”

Fiz que não com a cabeça; foi preciso certa coragem, exaltado como ele estava, para arriscar aquele mudo desacordo. Ele andava depressa pela biblioteca, mas estacou, como se de repente houvesse se enraizado no chão. Encarou-me demorada e intensamente. Desviei os olhos dos seus, cravei-os no fogo e tentei manter uma atitude tranquila e controlada.

“É chegada a hora da falha no caráter de Jane”, disse ele por fim, falando com mais calma do que sua aparência tinha me levado a esperar que falasse. “O fio de seda se desenrolou sem dificuldade até aqui, mas eu sempre soube que em algum momento haveria um nó e um emaranhado; ei-lo. É chegada a hora da frustração, da irritação, dos problemas infindáveis! Por Deus! Queria dispor de uma parcela da força de Sansão e desatar esse nó como se fosse uma linha!”

Ele recomeçou a andar, mas logo tornou a parar, e dessa vez bem na minha frente.

“Jane! Quer ouvir a voz da razão? (ele parou e aproximou os lábios da minha orelha); porque se não o fizer vou tentar a violência.” Sua voz estava rouca; seu aspecto era o de um homem prestes a romper um grilhão insuportável e a mergulhar de cabeça numa liberdade irrestrita. Vi que dali a mais alguns segundos, e com mais um acesso de frenesi, eu não conseguiria fazer nada com ele. O presente, os segundos de tempo que se sucediam, era tudo de que dispunha para controlá-lo e contê-lo; um movimento de repulsa, de fuga, de medo teria selado a minha perdição... e a dele. Mas eu não estava com medo, nem um pouco. Experimentava um poder interno, uma sensação de influência que me sustentava. A crise era perigosa, mas não deixava de ter seu charme; igual à que o índio, quem sabe, sente ao deslizar pelas corredeiras a bordo da sua canoa. Segurei sua mão contraída, soltei os dedos retesados e lhe disse num tom tranquilizador: “Sente-se. Conversarei com o senhor o quanto quiser e ouvirei tudo o que tiver para dizer, seja sensato ou não”.

Ele se sentou, mas não teve a oportunidade de falar imediatamente. Eu vinha lutando contra as lágrimas havia algum tempo; tinha me esforçado muito para reprimi-las, pois sabia que ele não gostaria de me ver chorar. Naquela hora, porém, considerei adequado deixá-las rolar tão livremente e por tanto tempo quanto quisessem. Se aquele fluxo o incomodasse, melhor. Então me soltei e chorei copiosamente.

Logo o escutei me pedindo ardentemente para me acalmar. Falei que não podia fazer aquilo enquanto ele estivesse tão alterado.

“Mas eu não estou com raiva, Jane. É que eu a amo demais, e você tinha congelado seu rostinho pálido numa expressão tão decidida, tão fria, que não pude suportar. Agora pare de chorar, enxugue os olhos.”

Sua voz mais suave informou que ele estava mais calmo, de modo que eu, por minha vez, me acalmei. Ele então tentou descansar a cabeça no meu

ombro, mas não deixei. Em seguida tentou me puxar para si, mas não.

“Jane! Jane!”, disse ele, num tom de tristeza tão amargo que fez vibrar todos os meus nervos; “quer dizer então que você não me ama? Era só minha posição social e o status de minha esposa que valorizava? Agora que me acha desqualificado para ser seu marido, recua diante do meu toque como se eu fosse um sapo ou um macaco.”

Essas palavras me dilaceraram, mas o que eu podia fazer ou dizer? Provavelmente deveria não ter feito nem dito nada, mas me senti tão torturada pela sensação de remorso pelo fato de ferir daquele modo seus sentimentos que não pude controlar o desejo de passar um bálsamo no ponto que havia machucado.

“Eu o amo, *sim*”, falei, “mais do que nunca. Mas não devo demonstrar o sentimento nem me entregar a ele, e esta é a última vez que vou expressá-lo.”

“A última vez, Jane! O quê? Acha que pode viver comigo, ver-me todos os dias, e ainda assim, caso ainda me ame, mostrar-se sempre fria e distante?”

“Não, senhor; disso tenho certeza de que não seria capaz. Assim sendo, vejo apenas uma solução, mas o senhor vai ficar furioso se eu a mencionar.”

“Ah, mencione! Se eu me enfurecer, você domina a arte do choro.”

“Sr. Rochester, preciso deixá-lo.”

“Por quanto tempo, Jane? Por alguns minutos, o tempo de arrumar os cabelos que estão um pouco despenteados e molhar o rosto que está vermelho?”

“Preciso deixar Adèle e Thornfield. Preciso me separar do senhor por toda a vida e começar uma nova existência, em meio a rostos e cenários desconhecidos.”

“É claro; eu lhe disse que deveria, e vou ignorar a loucura em relação a se separar de mim. O que você quer dizer é que precisa se tornar uma parte de mim. Quanto à nova existência, não há problema: você ainda será minha esposa; eu não sou casado. Será a sra. Rochester, tanto virtual quanto nominalmente. Serei fiel a você enquanto nós dois vivermos. Você irá para uma casa que tenho no Sul da França, uma *villa* caiada de branco às margens do Mediterrâneo. Lá levará uma vida feliz, protegida e totalmente inocente. Não tenha medo de eu querer conduzi-la ao erro, transformá-la em minha amante. Por que está balançando a cabeça? Jane, você precisa ter bom senso, caso contrário eu realmente vou perder a razão outra vez.”

Sua voz e sua mão tremeram; suas narinas largas se dilataram; seu olhar chispou. Ainda assim, atrevi-me a falar. “Sua esposa está viva; isso é um fato que o senhor mesmo admitiu hoje de manhã. Se morássemos juntos como deseja, seria sua amante. Afirmar outra coisa é um sofisma... uma falsidade.”

“Jane, não sou um homem de temperamento suave, você está se esquecendo disso. Não tenho uma grande resistência, não sou calmo e equilibrado. Por piedade de mim e de você mesma, encoste o dedo no meu pulso, sinta como ele lateja... e tenha cuidado!”

Ele expôs o pulso e me estendeu o braço. O sangue se esvaía de suas faces e de seus lábios, que estavam ficando lívidos; fiquei absolutamente consternada. Abalá-lo daquela forma, com uma resistência que ele tanto odiava, era cruel; ceder estava fora de cogitação. Fiz o que os seres humanos fazem por instinto quando são conduzidos a extremos: busquei ajuda em alguém maior do que o homem. As palavras “Que Deus me ajude!” me escaparam involuntariamente dos lábios.

“Que tolo eu sou!”, exclamou o sr. Rochester de repente. “Fico dizendo a ela que não sou casado e não lhe explico por quê. Esqueço que ela não sabe

nada sobre o caráter daquela mulher, nem sobre as circunstâncias de minha infernal união com ela. Ah, tenho certeza de que Jane vai concordar comigo quando souber tudo o que sei! Me dê aqui sua mão, pequena Jane, assim terei o indício do toque bem como o da visão para provar que você está junto de mim, e em poucas palavras lhe mostrarei o verdadeiro estado das coisas. Pode me escutar?”

“Sim. Por horas, se o senhor quiser.”

“Peço apenas minutos. Jane, algum dia você já ouviu dizer ou ficou sabendo que eu não era o primogênito da minha família, que eu tinha um irmão mais velho?”

“Lembro-me de a sra. Fairfax ter me dito isso certa vez.”

“E já ouviu dizer que meu pai era um homem avarento e ganancioso?”

“Pude entender algo desse tipo.”

“Bem, Jane, sendo assim, ele decidiu manter o patrimônio unido; não podia suportar a ideia de dividir seus bens e me atribuir uma parte justa. Sua decisão foi que tudo deveria ficar para meu irmão Rowland. No entanto, ele tampouco podia tolerar que um filho seu fosse um homem pobre. Eu precisava enriquecer por meio de um casamento vantajoso. Meu pai começou bem cedo a procurar uma esposa para mim. O sr. Mason, dono de engenho e comerciante das Índias Ocidentais, era um velho conhecido seu. Meu pai tinha certeza de que o patrimônio desse cavalheiro era genuíno e vasto, e fez pesquisas em relação a ele. Descobriu que o sr. Mason tinha um filho e uma filha, e soube pelo próprio que tinha condições de dar à filha como dote uma fortuna de trinta mil libras; isso bastava. Ao terminar a universidade, fui despachado para a Jamaica para desposar uma noiva que já tinha sido cortejada para mim. Meu pai não disse nada sobre o dinheiro dela, mas me disse que a srta. Mason era a coqueluche de Spanish Town devido à sua beleza, e não era mentira. Constatei que era uma bela mulher,

no mesmo estilo de Blanche Ingram: alta, morena e majestosa. A família foi a favor do enlace, pois eu era de boa raça e ela também. Eles me exibiram a filha em festas, suntuosamente vestida. Raras vezes a encontrei a sós, e tivemos muito poucas conversas pessoais. Ela me bajulava e exibia generosamente para meu prazer seus charmes e prendas. Todos os homens à sua volta pareciam admirá-la e me invejar. Fiquei fascinado e animado; meus sentidos foram instigados; e como eu era ignorante, jovem e inexperiente, acreditei amá-la. Não existe paixão tão desatinada que as rivalidades imbecis da sociedade, a luxúria, a precipitação, a cegueira da juventude não apressem um homem a cometer. Os parentes me incentivaram; os rivais me estimularam; ela me seduziu: o casamento aconteceu antes mesmo de eu perceber onde estava. Ah, não tenho respeito por mim mesmo quando penso nesse ato! Um desprezo interno angustiante se apodera de mim. Jamais a amei, jamais a estimei, sequer a conhecia. Não tinha certeza quanto à existência de uma só virtude na sua índole; não observara nem modéstia, nem benevolência, nem candura, nem nenhum refinamento em suas ideias ou seus modos... e mesmo assim a desposi. Que idiotice mais grosseira, mais vil e rasteira a minha! Com um pecado menor do que esse talvez eu tivesse... mas preciso lembrar com quem estou falando.

“Eu nunca tinha visto a mãe de minha noiva; supus que fosse falecida. Depois da lua de mel, descobri meu erro: ela era apenas louca e vivia trancafiada num hospício. Havia um irmão caçula também, um retardado e completo imbecil. O mais velho, que você viu (e que eu não consigo odiar, embora tenha ojeriza por todos os seus parentes, pois ele tem alguns resquícios de afeto em sua mente fraca, expressados no contínuo interesse que demonstra pela desgraçada irmã, e também no apego canino que outrora nutria por mim), provavelmente ficará no mesmo estado um dia.

Meu pai e meu irmão Rowland sabiam disso tudo, mas só conseguiam pensar nas trinta mil libras e se uniram nesse complô contra mim.

“Foram descobertas terríveis, mas tirando a traição do segredo eu não teria visto nelas motivo para repreender minha esposa, mesmo quando descobri que sua índole era totalmente diferente da minha, que seus gostos me eram desagradáveis, que seu modo de pensar era ordinário, reles, estreito, inteiramente incapaz de ser conduzido a qualquer coisa mais elevada ou expandido a qualquer coisa mais abrangente; quando descobri que não conseguia passar uma noite agradável sequer na sua companhia, ou mesmo uma única hora do dia; que não era possível sustentar uma conversa educada entre nós dois, porque, fosse qual fosse o tema por mim iniciado, este imediatamente provocava nela uma resposta ao mesmo tempo tosca e banal, perversa e idiota; quando me dei conta de que eu jamais teria um lar tranquilo e organizado, pois nenhum empregado conseguia suportar as contínuas explosões de seu temperamento violento e irracional, nem as humilhações de suas ordens absurdas, contraditórias e exigentes; mesmo assim me contive. Evitei as reprimendas, reprimi os protestos; tentei suportar em segredo meu arrependimento e minha repulsa; sufoquei a profunda antipatia que sentia.

“Jane, não vou incomodá-la com detalhes abomináveis; algumas palavras fortes bastarão para expressar o que tenho a dizer. Vivi quatro anos com aquela mulher lá em cima, e antes do final desse período ela de fato já me pusera à prova. Seu temperamento amadureceu e se desenvolveu com uma rapidez assustadora; seus vícios se intensificaram depressa e de modo abominável. Eram tão fortes que só a crueldade conseguia contê-los, e eu me recusava a ser cruel. Que intelecto pequeno era o seu e que vícios gigantescos! Que terríveis foram os infortúnios que esses vícios me causaram! Bertha Mason, como verdadeira filha de mãe infame, arrastou-

me por todas as monstruosas e degradantes agonias que inevitavelmente acompanham um homem amarrado a uma esposa ao mesmo tempo destemperada e depravada.

“Nesse meio-tempo meu irmão tinha morrido, e ao cabo dos quatro anos meu pai também morreu. Eu agora era suficientemente rico, mas vítima de uma pobreza medonha: a índole mais grosseira, impura e degenerada que eu jamais vi estava vinculada à minha, e a lei e a sociedade a declaravam parte de mim. E eu não podia me livrar dela por nenhum expediente legal, pois os médicos então descobriram que *minha esposa* era louca: seus excessos tinham levado as sementes da insanidade a desenvolver-se prematuramente. Você não está gostando da minha narrativa, Jane; sua expressão é quase de repulsa. Devo deixar o resto para outro dia?”

“Não, termine agora; tenho pena do senhor... tenho realmente muita pena do senhor.”

“Vinda de algumas pessoas, Jane, a pena é um tributo nocivo e insultuoso, que se tem o direito de jogar de volta na cara de quem a oferece; mas esse é o tipo de pena típico dos corações insensíveis e egoístas; trata-se de uma dor híbrida e autocentrada ao se inteirar de tristezas, combinada a um desprezo ignorante por quem teve de suportá-las. Mas essa não é a sua dor, Jane; não é o sentimento que agora ocupa todo o seu semblante, que quase faz transbordar seus olhos, que faz suspirar seu coração, que faz suas mãos tremerem dentro das minhas. Sua pena, minha querida, é a sofredora mãe do amor; a angústia que ela causa é a própria fisgada da paixão divina. Eu a aceito, Jane; pode soltá-la; meus braços estão à espera para recebê-la.”

“Agora continue. O que o senhor fez ao descobrir que ela era louca?”

“Cheguei às raias do desespero, Jane; um resquício de respeito por mim mesmo foi tudo que se interpôs entre mim e o abismo. Aos olhos do mundo, eu sem dúvida estava coberto por uma desonra imunda; mas aos meus

próprios olhos decidi que estava limpo, e até o fim repudiei a contaminação dos crimes dela e me extirpei de qualquer vínculo com seus defeitos mentais. Mesmo assim, a sociedade associava meu nome e minha pessoa aos dela; eu ainda a via e ouvia diariamente. Uma parte do hálito dela (que nojo!) se misturava ao ar que eu respirava; além do mais, eu me lembrava que um dia tinha sido seu marido, e essa lembrança era então, e continua sendo até hoje, tão odiosa para mim que nem sequer consigo expressar; além do mais, sabia que enquanto ela vivesse eu jamais poderia ser marido de uma esposa diferente e melhor; e embora ela fosse cinco anos mais velha do que eu (sua família e seu pai tinham mentido para mim até mesmo em relação ao detalhe da idade), era provável que vivesse tanto quanto eu, pois era tão robusta fisicamente quanto doente da cabeça. Assim, aos vinte e seis anos de idade, eu não tinha nenhuma esperança.

“Certa noite, fui despertado pelos gritos dela (desde que os médicos a haviam qualificado de louca, ela naturalmente fora confinada); era uma noite de calor sufocante nas Índias Ocidentais, uma daquelas que muitas vezes precedem os furacões naquelas latitudes. Sem conseguir dormir, levantei-me e abri a janela. O ar parecia uma correnteza de enxofre; eu não conseguia me refrescar em lugar nenhum. Os mosquitos entravam zumbindo e ficavam vibrando as asas monotonamente pelo quarto; o mar, que eu podia escutar dali, emitia um ronco grave como o de um terremoto, e nuvens negras se adensavam acima dele; a lua se punha nas ondas, larga e vermelha como uma bala de canhão incandescente, e lançava seu último olhar de sangue para um mundo que tremia com a promessa de um temporal. Fui fisicamente influenciado por essa atmosfera e por essa cena, e meus ouvidos se encheram com os impropérios que a louca seguia gritando; e nesse momento ela por um instante misturou meu nome a um tom de ódio tão demoníaco, a uma linguagem tão chula! Nenhuma prostituta

profissional jamais teve um vocabulário mais sujo do que o dela. Embora eu estivesse a dois cômodos de distância, pude ouvir cada palavra; as finas divisórias daquela casa das Índias Ocidentais impunham apenas uma leve obstrução a seus gritos de loba.

“‘Que vida infernal!’, falei por fim. ‘Este é o ar e estes são os sons do abismo sem fundo! Tenho o direito de me libertar disso se puder. Os sofrimentos desta condição mortal vão me abandonar junto com o pesado fardo de carne que minha alma agora carrega. A eternidade ardente dos fanáticos não me assusta; não existe um estado futuro pior do que este de agora. Que eu possa me libertar, e voltar para junto de Deus!’

“Falei isso enquanto estava ajoelhado destrancando um baú que continha um par de pistolas carregadas; minha intenção era me matar com um tiro. Só tive essa intenção por um segundo, pois, como não sou louco, a crise de desespero intenso em estado puro que tinha dado origem ao desejo e ao plano de me autodestruir passou num instante.

“Um vento fresco vindo da Europa soprou por sobre o oceano e entrou veloz pela janela aberta. O temporal estourou, derramou-se, trovejou, relampejou, e o ar foi purificado. Então elaborei e fixei uma decisão. Enquanto caminhava sob as laranjeiras de meu jardim molhado das quais a água ainda pingava, e entre seus encharcados pés de romã e abacaxi, enquanto a refulgente aurora dos trópicos se abrasava à minha volta, pensei o seguinte, Jane, e agora escute, pois foi a verdadeira Sabedoria que me consolou naquele momento e me mostrou o caminho certo a seguir.

“O doce vento da Europa ainda sussurrava nas folhas lavadas, e o Atlântico rugia em gloriosa liberdade; meu coração, por tanto tempo ressequido e chamuscado, estufou-se ao ouvi-lo e se encheu de sangue vivo; meu ser clamava por renovação; minha alma estava sedenta por água pura. Vi a esperança reviver e senti que a regeneração era possível. Do meio de

um arco florido nos fundos do jardim fitei o mar, mais azul do que o céu. Para além dele estava o Velho Mundo; e um futuro mais claro assim se abriu.

“‘Vá viver na Europa outra vez’, disse a Esperança; ‘lá ninguém conhece o nome conspurcado que você carrega, nem o fardo imundo que tem atrelado à sua pessoa. Pode levar a louca junto com você para a Inglaterra; confiná-la com todos os cuidados e precauções em Thornfield; depois partir você mesmo para o clima que desejar, e formar qualquer novo vínculo que quiser. Essa mulher, que tanto abusou do seu duradouro sofrimento, que tanto sujou seu nome, que tanto ultrajou sua honra, que tanto prejudicou sua juventude, não é sua esposa, e você não é seu marido. Cuide para que ela receba todos os cuidados que sua condição exige, e terá feito tudo o que Deus e a humanidade exigem de você. Que a identidade dela, que sua ligação com você sejam enterradas no esquecimento; você não irá dividi-las com nenhum ser vivo. Ponha-a num lugar seguro e confortável. Cerque sua degradação de segredo e abandone-a.’

“Foi exatamente assim que eu agi. Meu pai e meu irmão não tinham comunicado meu casamento a seus conhecidos, pois logo na primeira carta que escrevi a eles para informá-los sobre a união — já tendo começado a sentir extrema repulsa por suas consequências e, pelo caráter e constituição da família, vendo um futuro medonho se descortinar para mim —, eu acrescentara um pedido veemente para que ela fosse mantida em segredo; e não demorou muito para que a conduta infame da esposa escolhida por meu pai o envergonhasse de tê-la como nora. Longe de querer alardear o vínculo, ele se tornou tão ansioso por escondê-lo quanto eu.

“Assim, transporte-i-a até a Inglaterra; que viagem horrorosa a minha, com um monstro daqueles a bordo. Fiquei aliviado quando finalmente consegui fazê-la chegar em Thornfield e confinei-a à segurança daquele

quarto no terceiro andar cujo compartimento secreto ela transformou há dez anos, já, no covil de uma besta selvagem, na cela de um animal. Tive alguma dificuldade para conseguir alguém que cuidasse dela, já que era preciso escolher uma pessoa em cuja lealdade eu pudesse confiar, pois qualquer deslize seu trairia inevitavelmente meu segredo. Além do mais, ela apresentava intervalos de lucidez que duravam dias, às vezes semanas, e que preenchia com ofensas a mim. Acabei por fim contratando Grace Poole em Grimsby Retreat. Ela e o médico, Carter (que cuidou dos ferimentos de Mason naquela noite em que ele foi esfaqueado e mordido) são as únicas duas pessoas com quem me confidenciei. A sra. Fairfax pode ter desconfiado de alguma coisa, mas não teve como obter nenhuma informação precisa sobre os fatos. De modo geral, Grace se mostrou uma boa guardiã; no entanto, em parte devido a um defeito pessoal seu, do qual pelo visto nada a consegue curar e que é incidental à sua desgastante profissão, sua vigilância mais de uma vez falhou e foi burlada. Além de má, a louca é astuta; nunca deixou de tirar vantagem dos lapsos temporários de sua guardiã, uma vez para se apoderar da faca com a qual apunhalou o irmão, e duas para se apossar da chave de sua cela e de lá fugir durante a noite. Na primeira dessas ocasiões, fez a tentativa de incendiar minha cama; na segunda, fez aquela medonha visita a você. Agradeço à Providência que a protegeu por ela ter despejado sua fúria no seu traje de casamento, que talvez tenha lhe despertado vagas recordações de seus próprios dias de noiva. Mas não me atrevo sequer a pensar no que poderia ter acontecido. Quando penso na coisa que se atirou no meu pescoço hoje de manhã inclinando sua cara preta e vermelha sobre o ninho da minha pomba, sinto o sangue gelar...”

“E o que o senhor fez depois de tê-la instalado aqui?”, falei quando ele fez uma pausa. “Para onde foi?”

“O que eu fiz, Jane? Me transformei em fogo-fátuo. Para onde fui? Tornei-me errante como o espírito dos charcos. Saí em busca do continente, e em todas as suas terras me perdi. Meu desejo fixo era procurar e encontrar uma mulher boa e inteligente que pudesse amar. O oposto da fúria que havia deixado em Thornfield...”

“Mas o senhor não podia se casar.”

“Eu tinha decidido e estava convencido de que podia e devia. Não era minha intenção original enganar, como enganei você. Tinha a intenção de contar minha história honestamente e apresentar meu pedido de modo franco. E parecia-me tão absolutamente racional eu ser considerado livre para amar e ser amado que jamais duvidei que alguma mulher pudesse se mostrar disposta a compreender meu caso e me aceitar, apesar da maldição que eu carregava.”

“E então, senhor?”

“Você sempre me faz sorrir quando se mostra inquisitiva, Jane. Abre os olhos como um passarinho ansioso e de vez em quando faz um movimento irrequieto, como se as respostas faladas não fluíssem suficientemente depressa para o seu gosto e você quisesse ler o que está escrito no coração da pessoa. Mas antes de eu continuar, me esclareça o que quer dizer com ‘E então, senhor?’. É uma expressão curta que você usa com muita frequência e que em várias ocasiões me levou a falar de modo interminável, não sei muito bem por quê.”

“O que eu quis dizer foi: e depois? O que o senhor fez? Qual foi o resultado?”

“Justamente! E o que você quer saber agora?”

“Se encontrou alguém de quem gostava. Se a pediu em casamento e o que ela respondeu.”

“Posso lhe dizer se encontrei alguém de quem gostava e se a pedi em casamento; mas o que ela respondeu ainda está por ser escrito no livro do Destino. Durante dez longos anos fui errante, vivendo primeiro numa capital, depois em outra; às vezes em São Petersburgo, com mais frequência em Paris, ocasionalmente em Roma, Nápoles e Florença. Com dinheiro de sobra e o passaporte com um sobrenome tradicional, pude escolher as pessoas com as quais convivia; nenhum círculo estava fechado para mim. Procurei meu ideal de mulher entre damas inglesas, condessas francesas, *signoras* italianas e *gräfinnen* alemãs. Não consegui encontrá-lo. Às vezes, por um fugidio instante, pensei ter captado um vislumbre, escutado uma voz, entrevisto uma silhueta que anunciasse a realização do meu sonho; mas logo me decepçionava. Não vá pensar que eu desejava a perfeição, fosse da mente ou do corpo. Eu ansiava apenas por aquilo que combinasse comigo... pelos antípodas daquela *creole*; e ansiei em vão. Entre todas elas não encontrei sequer uma que, tivesse eu tomado tal liberdade — alertado como estava em relação aos riscos, horrores e agruras de uniões incongruentes —, aceitasse me desposar. A decepção me tornou temerário. Tentei a dissipação — a devassidão jamais: isso eu odiava e odeio ainda. Foi esse o legado de minha Messalina das Índias: uma profunda repulsa por isso e por ela me retinham muito, mesmo em se tratando de prazer. Qualquer gozo que ameaçasse extrapolar os limites parecia me aproximar dela e de seus vícios, e eu me esquivava.

“Apesar disso, não consegui viver sozinho; tentei então a companhia de amantes. A primeira que escolhi foi Céline Varens, mais um daqueles passos que fazem um homem sentir desprezo por si mesmo ao rememorá-los. Você já sabe o que ela era e como meu relacionamento com ela terminou. Ela teve duas sucessoras: uma italiana, Giacinta, e uma alemã, Clara, ambas consideradas singularmente belas. O que significava sua

beleza para mim depois de algumas semanas? Giacinta não tinha princípios e era violenta; cansei-me dela em três meses. Clara era honesta e discreta, mas pesada, fria e insensível; não tinha um pinga da espirotuosidade que tanto me agrada. Fiquei aliviado ao lhe dar uma quantia suficiente para firmá-la num bom caminho profissional e assim livrar-me dela de maneira decente. Mas Jane, vejo pelo seu rosto que não está formando uma opinião muito favorável a meu respeito neste momento. Considera-me um libertino insensível e sem princípios, não é?”

“De fato, não gosto tanto do senhor como já gostei em outros momentos. Não lhe pareceu de nenhum modo errado viver assim, primeiro com uma amante e depois com outra? O senhor se refere a isso como se fosse natural.”

“Para mim era, o que não me agradava. Era uma existência servil; eu nunca gostaria de voltar a ela. Contratar uma amante é quase tão ruim quanto comprar um escravo; ambos muitas vezes são por natureza, e sempre por posição, inferiores; e viver de modo familiar com pessoas inferiores é degradante. Eu hoje odeio a lembrança do tempo que passei com Céline, Giacinta e Clara.”

Senti a verdade daquelas palavras, e delas tirei a conclusão segura de que, se eu viesse a me deixar levar e esquecer todos os ensinamentos que me tinham sido inculcados a ponto de me tornar sob qualquer pretexto, mediante qualquer justificativa, por meio de qualquer tentação, a sucessora daquelas pobres moças, ele um dia teria por mim o mesmo sentimento que agora conspurcava em sua mente a lembrança delas. Não dei voz àquela certeza; senti-la bastou. Gravei-a no meu coração, para que lá permanecesse e viesse em meu auxílio na hora da dificuldade.

“E agora, Jane, por que não diz: ‘E então, senhor?’. Eu ainda não terminei. Você está com um ar grave. Vejo que ainda me desaprova. Mas

deixe-me concluir. Em janeiro passado, livre de todas as amantes — e numa disposição dura e amargurada por causa de uma vida inútil, errante e solitária —, corroído pela desilusão, amargurado com toda a humanidade e principalmente com toda a *mulheridade* (pois passei a considerar a ideia de uma mulher intelectual, fiel e amorosa um mero sonho), chamado de volta por causa dos negócios, vim para a Inglaterra.

“Numa gelada manhã de inverno, estava me aproximando a cavalo de Thornfield Hall. Que lugar odioso! Não esperava encontrar nele nenhuma paz, nenhum prazer. Numa passagem entre dois campos na estrada de Hay, vi uma pequena figura silenciosa sentada sozinha. Passei por ela com a mesma negligência com que passei pelo salgueiro podado logo em frente; não tive o menor pressentimento do que aquilo iria se tornar para mim, nenhum alerta interno de que a árbitra da minha vida, minha gênio do bem e do mal, aguardava ali, sob humilde disfarce. Não o soube nem quando ela, após o acidente de Mesrour, levantou-se e gravemente me ofereceu ajuda. Que esbelta e infantil criatura! Foi como se um passarinho tivesse saltitado até junto do meu pé e se oferecido para me carregar em cima da sua minúscula asa. Mostrei-me mal-humorado, mas a coisa não foi embora; permaneceu ao meu lado com uma estranha perseverança, e me olhou e falou comigo com uma espécie de autoridade. Eu precisava ser ajudado, e por aquela mão; e ajudado fui.

“Quando toquei uma única vez o frágil ombro, algo novo, uma seiva e uma sensação novas adentraram meu corpo. Foi bom eu ter ficado sabendo que aquela elfa ia voltar para mim, que ela vivia na minha casa logo abaixo, ou não a teria sentido escapar de baixo da minha mão e visto desaparecer atrás da sebe escura sem um agudo pesar. Eu a ouvi chegar em casa naquela noite, Jane, embora você decerto não soubesse que eu estava pensando em você, ou esperando sua chegada. No dia seguinte, sem que me visse,

observei-a durante meia hora enquanto você brincava com Adèle no corredor. Era um dia de neve, recorde, e vocês não podiam sair. Eu estava no meu quarto; a porta estava entreaberta; eu podia tanto escutar como ver. Adèle mobilizou durante algum tempo sua atenção externa; apesar disso, imaginei que seus pensamentos estivessem em outro lugar. Mas você foi muito paciente com ela, minha pequena Jane; conversou com ela e a divertiu durante muito tempo. Quando ela enfim a deixou, você mergulhou no mesmo instante num enleio profundo e começou lentamente a andar pelo corredor. De vez em quando, ao passar por uma janela, olhava para a neve grossa que caía lá fora; escutava os soluços do vento e mais uma vez recomeçava a andar tranquilamente e a sonhar acordada. Acho que aquelas suas visões diurnas não eram sombrias: de vez em quando surgia nos seus olhos uma luz prazerosa e na sua postura uma suave animação que não traíam nenhuma ruminação de amargura, ira ou melancolia; sua expressão revelava, isso sim, os doces devaneios da juventude quando seu espírito acompanha voluntariamente céu acima o voo da Esperança rumo a um paraíso ideal. A voz da sra. Fairfax falando com um criado no saguão a fez despertar; e que curioso o sorriso que você deu para si mesma, pequena Jane! Havia muita sensatez nele; era muito arguto e parecia zombar da sua própria abstração. Parecia dizer: ‘Não há nada de errado com minhas belas visões, mas não posso esquecer que elas são absolutamente irreais. Tenho no meu cérebro um céu rosado e um Éden verde e florido, mas fora dele, sei muito bem, existe sob meus pés um árduo caminho a percorrer, e à minha volta se adensam negras tempestades a enfrentar’. Você desceu correndo a escada e pediu à sra. Fairfax alguma atividade com a qual se ocupar: a contabilidade semanal da casa para anotar, creio, ou algo desse tipo. Irritei-me com você por ter ido embora da minha vista.

“Impaciente, esperei a noite chegar, quando poderia requisitar sua presença. Desconfiava que seu temperamento fosse algo fora do comum para mim, inteiramente novo; desejava examiná-lo mais profundamente e conhecê-lo melhor. Você adentrou o recinto com uma expressão e uma atitude ao mesmo tempo tímidas e independentes; estava vestida de um modo antiquado, muito parecido com o de agora. Eu a fiz falar; em pouco tempo, constatei que era cheia de estranhos contrastes. Seus trajes e modos eram adequados às convenções; sua postura era muitas vezes atrevida, e inteiramente a de uma pessoa refinada por natureza, mas de todo desacostumada ao convívio social e bastante temerosa de se fazer notar de modo desvantajoso em decorrência de alguma gafe ou tropeço; sempre que alguém lhe dirigia a palavra, porém, você erguia olhos atentos, atrevidos e brilhantes para o rosto de seu interlocutor; cada olhar seu era penetrante e potente; quando fustigada por perguntas diretas, sabia encontrar respostas prontas e bem formuladas. Em pouco tempo pareceu se acostumar comigo; creio, Jane, que tenha sentido haver uma empatia entre você e seu carrancudo e mal-humorado patrão; pois foi espantoso ver com que rapidez certa agradável descontração tornou mais tranquilo o seu comportamento: por mais que eu rosnasse, você não demonstrava nenhuma surpresa, medo, irritação ou desprazer com meu mau humor; você me observava, e de vez em quando me sorria com uma graça simples e simultaneamente sagaz que sou incapaz de descrever. Fiquei ao mesmo tempo contente e estimulado com o que vi; gostei do que havia visto e desejei ver mais. Apesar disso, por muito tempo a tratei de modo distante e raramente busquei sua companhia. Eu era um epicurista intelectual e desejava prolongar a gratificação de travar essa nova e instigante relação; além do mais, fui por algum tempo assombrado por um medo intenso de que, caso manuseasse com liberdade a flor, seu viço fosse fenecer, e o doce encanto do frescor a abandonasse. Na

época eu não sabia que aquela não era uma flor transitória, mas algo que guardava com esse objeto uma radiante semelhança, porém era talhado numa pedra preciosa indestrutível. Além do mais, desejava ver se você iria me procurar caso eu a afastasse, o que você não fez; continuou na sala de aula, tão imóvel quanto suas próprias carteira e lousa; quando por acaso nos encontrávamos, você passava por mim com o máximo de rapidez e o mínimo de mostras de reconhecimento premitidos pelo respeito. Nesses dias, sua expressão habitual era um ar pensativo, Jane; não triste, pois você não estava adoentada, mas tampouco animado, pois sua esperança era pouca e seu prazer verdadeiro, nenhum. Eu ficava me perguntando o que você achava de mim, ou se chegava a pensar em mim em algum momento; para descobrir isso, passei a prestar atenção em você outra vez. Quando conversávamos, havia algo de satisfeito no seu olhar, de afável nos seus modos. Vi que você tinha um coração sociável; o que a deixava desanimada era a sala de aula silenciosa, o tédio reinante em sua vida. Permiti a mim mesmo o deleite de tratá-la com gentileza; a gentileza não demorou a provocar emoções: a expressão do seu rosto se fez suave, seu tom de voz abrandou; eu gostava de ouvir meu nome pronunciado por sua boca numa entonação agradecida e feliz. Costumava apreciar os encontros aleatórios que tínhamos naquela época, Jane; havia uma curiosa hesitação no seu comportamento; você me olhava de modo levemente perturbado, com um quê de dúvida; não sabia qual poderia ser o meu capricho, se eu ia bancar o patrão e ser severo ou o amigo e ser bondoso. Eu àquela altura já gostava demais de você para muitas vezes simular o primeiro impulso e, quando estendia a mão cordialmente, seus jovens e sonhadores traços adquiriam tamanho viço, tamanha luz e tamanha felicidade que muitas vezes me foi difícil evitar apertá-la junto ao peito ali mesmo naquele instante.”

“Não fale mais sobre esses dias, senhor”, interrompi, enxugando furtivamente algumas lágrimas dos olhos; suas palavras eram uma tortura para mim, pois eu sabia o que precisava fazer — e em breve —, e todas aquelas reminiscências e revelações dos seus sentimentos só tornavam minha tarefa mais difícil.

“Tem razão, Jane”, retrucou ele; “que necessidade há de se ater ao passado quando o presente é tão mais seguro e o futuro tão mais brilhante?”

Estremeci ao escutar essa arrebatada afirmação.

“Você agora entende em que pé está a situação... não entende?”, continuou ele. “Depois de uma juventude e de uma idade madura passadas numa infelicidade indizível e metade em terrível solidão, eu pela primeira vez encontrei aquilo que posso amar de verdade... encontrei *você*. Você é minha afinidade, a melhor parte de mim, meu anjo bom. Um forte laço me une a você. Eu a considero boa, talentosa, bonita. Uma paixão ardorosa e solene emana do meu coração; ela pende na sua direção, traz você para mais perto do meu centro e da minha fonte da vida, envolve-a com a minha existência, e, alimentada por chamas puras e potentes, funde nós dois numa coisa só.

“Foi por sentir e saber isso que decidi me casar com você. Dizer para mim mesmo que já tinha uma esposa era uma zombaria sem sentido; você agora sabe que eu só tinha um demônio hediondo. Errei ao tentar enganá-la, mas temia certa teimosia que existe no seu temperamento. Temia preconceitos instilados na juventude; queria estar seguro de ter você antes de conversas arriscadas. Foi uma atitude covarde; eu deveria ter confiado em sua nobreza e magnanimidade desde o início, como estou fazendo agora, deveria ter revelado abertamente minha vida de agonia a você, descrito minha fome e minha sede por uma existência mais elevada e mais digna, mostrado não minha *decisão* (essa palavra é fraca), mas minha

irresistível *determinação* para amar de modo fiel e pleno quando sou amado da mesma forma. Se eu tivesse feito isso, teria lhe pedido que aceitasse minha jura de fidelidade e que me fizesse a sua. Jane... faça isso agora.”

Pausa.

“Por que está calada, Jane?”

Eu estava passando por uma provação; uma mão de ferro em brasa apertava minhas entranhas. Que momento terrível; cheio de luta, escuridão, ardor! Nenhum ser humano deste mundo poderia desejar ser mais amado do que eu era; e eu absolutamente idolatrava aquele que me amava assim. E precisava renunciar àquele amor e àquele ídolo. Uma palavra desalentadora resumia meu intolerável dever: “Parta!”.

“Jane, entende o que eu quero de você? Somente esta promessa: ‘Serei sua, sr. Rochester’.”

“Sr. Rochester, eu *não* serei sua.”

Outro longo silêncio.

“Jane!”, retomou ele com uma delicadeza que me fez desmoronar de tristeza e me transformou em pedra fria, tamanho o terror que senti, pois aquela voz calma era o arquejo de um leão que se prepara para atacar. “Jane, você pretende seguir um caminho no mundo e me deixar seguir outro?”

“Sim.”

“Jane...” (abaixando-se na minha direção e me dando um abraço), “pretende fazer isso agora?”

“Sim.”

“E agora?”, beijando suavemente minha testa e minha face.

“Sim”, eu disse, desvencilhando-me rápida e completamente do abraço.

“Ah, Jane, que amargura! Que... que maldade. Não faria mal me amar.”

“Obedecer-lhe faria.”

Uma expressão desvairada o fez arquear as sobrancelhas e atravessou seu semblante. Ele se levantou, mas continuou a se conter. Pousei a mão no encosto de uma cadeira para me apoiar; estava tremendo, estava com medo... mas estava decidida.

“Espere, Jane. Imagine por um instante minha horrível vida depois que você se for. Toda felicidade será arrancada de mim junto com você. E o que vai sobrar? Como esposa tenho apenas a louca lá de cima; mais valeria me atribuir algum cadáver da igreja aqui perto. O que vou fazer, Jane? Para onde vou me virar em busca de uma companhia e de alguma esperança?”

“Faça como eu: confie em Deus e em si mesmo. Acredite no paraíso. Tenha esperança de que lá voltaremos a nos encontrar.”

“Então você não vai ceder?”

“Não.”

“E me condena a uma vida miserável e a uma morte maldita?” Sua voz ficou mais exaltada.

“Eu lhe recomendo viver sem pecado e desejo-lhe uma morte tranquila.”

“Então me arranca das mãos o amor e a inocência? Atira-me de volta na paixão em forma de luxúria e na ocupação em forma de vício?”

“Sr. Rochester, não lhe atribuo essa sina, do mesmo modo que não a almejo para mim. Nascemos para lutar e para resistir, tanto o senhor como eu; faça isso. Vai me esquecer antes de eu tê-lo esquecido.”

“Falando desse jeito você faz de mim um mentiroso; suja minha honra. Declarei que não posso mudar; você diz na minha cara que em breve mudarei. E quanta distorção no seu juízo, quanta perversidade nas suas ideias são demonstrados pela sua conduta! É melhor conduzir um semelhante ao desespero do que transgredir uma simples lei humana sem que nenhum homem seja prejudicado por essa transgressão? Pois você não

tem nem parentes nem conhecidos a quem precise temer ofender indo viver comigo.”

Era verdade; e enquanto ele falava, minha consciência e minha razão me traíram, voltando-se contra mim e me acusando de cometer um crime ao resistir. Falaram quase tão alto quanto o Sentimento, e este se esgoelava. “Ah, aceite!”, ele dizia. “Pense na infelicidade dele; pense no perigo que ele está correndo; veja seu estado ao ser deixado sozinho; lembre-se do seu caráter impulsivo; pense na temeridade que o desespero trará... tranquilize-o; salve-o; ame-o; diga-lhe que o ama e que será sua. Quem neste mundo se importa com você? Ou quem será ferido pelo que você fizer?”

A resposta continuou sendo implacável: “*Eu me importo comigo. Quanto mais solitária, quanto mais sem amigos, quanto mais sem amparo estiver, mais respeitarei a mim mesma. Vou observar a lei dada por Deus e sancionada pelos homens. Vou me ater aos princípios que me foram ensinados quando eu estava sã, não louca como agora. Leis e princípios não são para as horas em que não há tentação; são para momentos como este, quando o corpo e a alma se rebelam contra o seu rigor; restritivos eles são, invioláveis devem ser. Se para minha comodidade individual eu viesse a transgredi-los, qual seria seu valor? Eles têm um valor, nisso eu sempre acreditei; e se não posso acreditar agora é porque estou insana, insana de verdade, com o fogo a correr pelas veias e o coração tão disparado que não consigo contar as batidas. Opiniões preconcebidas e determinações passadas são tudo que tenho para me amparar; a elas eu me agarro*”.

E assim fiz. O sr. Rochester leu minha expressão e viu o que eu fizera. Sua fúria alcançou os píncaros; ele teve de ceder a ela por um instante, acontecesse o que fosse depois. Atravessou o recinto, agarrou meu braço e me apertou a cintura. Pareceu me devorar com seu olhar abrasador: fisicamente, senti-me tão indefesa quanto gravetos expostos ao vento e às

brasas de uma fomalha; mentalmente, ainda possuía minha alma, e com ela a certeza da segurança no final. Por sorte, a alma tem um intérprete — muitas vezes inconsciente, mas ainda assim fiel —, que são os olhos. Meus olhos se ergueram para os do sr. Rochester, e enquanto eu encarava aquele rosto transtornado, dei um suspiro involuntário; a pressão que ele exercia era dolorosa, e minhas forças extenuadas estavam quase exauridas.

“Nunca”, disse ele, cerrando os dentes, “nunca houve nada ao mesmo tempo tão frágil e tão indomável. Ela parece um mero junco sob minhas mãos! (E ele me sacudiu com a força do seu aperto.) Eu poderia dobrá-la com o polegar e o indicador, mas de que adiantaria se a dobrasse, se a arrancasse da terra e a esmagasse? Vejam esses olhos; vejam a coisa decidida, selvagem e livre que espia por eles, que me desafia com mais do que coragem... com um severo triunfo. Faça eu o que fizer com sua gaiola, não consigo alcançar essa linda e selvagem criatura! Se eu arrebentar, se destruir a frágil prisão, meu arroubo só fará libertar a cativa. Poderei conquistar a casa, mas sua prisioneira fugiria céu afora antes de eu poder reivindicar a posse da sua morada de barro. E é você quem eu quero, espírito, com sua força de vontade e sua energia, com sua virtude e sua pureza, não apenas seu corpo quebradiço. Você poderia vir por vontade própria, num voo suave, e se aninhar junto ao meu coração; capturada a contragosto, vai se esquivar como uma essência e desaparecer antes mesmo de eu sentir seu perfume. Ah, Jane, venha, venha!”

Ao dizer isso, ele me soltou e limitou-se a olhar para mim. Foi mais difícil resistir a esse olhar do que ao abraço frenético; mas apenas uma idiota teria sucumbido agora. Eu havia desafiado e enfrentado sua fúria; precisava me esquivar da sua tristeza. Afastei-me na direção da porta.

“Está indo embora, Jane?”

“Estou, senhor.”

“Está me deixando?”

“Sim.”

“Não quer vir comigo? Não quer ser aquela que me reconforta e me resgata? Meu amor profundo, minha fervorosa prece nada significam para você?”

Que tristeza indizível havia na sua voz! Como foi difícil responder com firmeza: “Estou indo embora”.

“Jane!”

“Sr. Rochester!”

“Retire-se então... eu aceito. Mas lembre-se: está me deixando aqui desalentado. Suba para seu quarto, pense em tudo o que eu disse e, Jane, avalie meus sofrimentos... Pense em mim.”

Ele virou as costas e se atirou de rosto no sofá. “Ah, Jane! Minha esperança, meu amor, minha vida!”, foi o que irrompeu de seus lábios num tom de angústia. Seguiu-se um profundo e forte soluço.

Eu já tinha chegado à porta, mas voltei, leitor... voltei com a mesma decisão com que havia partido. Ajoelhei-me ao seu lado, virei para mim seu rosto sobre a almofada, beijei sua face, afaguei seus cabelos com a mão.

“Que Deus o abençoe, meu querido patrão!”, falei. “Que Deus o proteja do mal e dos erros... que Ele o oriente e o console... que o recompense pela gentileza que demonstrou comigo.”

“O amor da pequena Jane teria sido a minha melhor recompensa”, foi a resposta; “sem ele meu coração está partido. Mas Jane vai me dar seu amor. Sim... com nobreza e generosidade.”

O sangue lhe correu às faces; o fogo em seus olhos lançou faíscas; ele se levantou num salto; estendeu os braços; mas me esquivei ao abraço e me retirei na mesma hora.

“Adeus!”, foi o grito do meu coração quando o deixei. O desespero emendou: “Adeus para sempre!”.

Naquela noite nem cogitei dormir, mas uma modorra se apoderou de mim assim que deitei na cama. Fui transportada em pensamento para as cenas da infância: sonhei que estava deitada no quarto vermelho de Gateshead, que a noite estava escura e minha mente era dominada por estranhos temores. A luz que tanto tempo antes havia me causado pânico, recordada naquela visão, pareceu subir deslizando pela parede e pairar trêmula no centro do teto escuro. Ergui a cabeça para olhar: o teto se transformou em nuvens altas e cinzentas; a luz era do mesmo tipo da que a lua lança na névoa que está prestes a romper. Observei-a chegar, observei com uma expectativa muito estranha, como se alguma palavra maldita fosse estar escrita em sua esfera. Ela surgiu como lua nenhuma jamais surgiu de uma nuvem: primeiro uma mão penetrou as nuvens escuras e as afastou; então não uma lua, mas uma forma humana branca brilhou em meio ao azul, inclinando em direção à terra uma gloriosa fronte. Ela não tirava os olhos de mim. Falou com meu espírito; num tom incomensuravelmente distante, porém muito próximo, sussurrou para meu coração: “Fuja da tentação, minha filha”.

“Vou fugir, mãe.”

Assim respondi após despertar do sonho que parecia um transe. Ainda era noite, mas as noites de julho são curtas; pouco depois da meia-noite vem a aurora. “Não pode ser cedo demais para dar início à tarefa que preciso executar”, pensei. Levantei-me; estava vestida, pois não havia tirado nada, exceto os sapatos. Sabia onde encontrar nas minhas gavetas algumas roupas, uma medalha, um anel. Ao procurar os objetos, encontrei as contas de um colar de pérolas que o sr. Rochester tinha me forçado a aceitar alguns dias antes. Aquilo deixei; não era meu: era da noiva

imaginária que tinha se desfeito no ar. Os outros artigos embalei numa trouxa: minha bolsa de moedas contendo vinte xelins (tudo que eu possuía) guardei no bolso; amarrei meu chapéu de palha, prendi meu xale com o broche, peguei a trouxa e meus sapatos, que ainda não podia calçar, e saí sorrateiramente de meu quarto.

“Adeus, bondosa sra. Fairfax!”, sussurrei ao passar por sua porta. “Adeus, minha querida Adèle!”, falei, olhando de relance para o quarto das crianças. Não podia pensar em entrar para lhe dar um abraço. Precisava derrotar um ouvido aguçado, pois, até onde sabia, naquele exato momento talvez ele estivesse escutando.

Teria passado em frente ao quarto do sr. Rochester sem uma pausa, mas como meu coração parou de bater por um instante na sua soleira, meus pés também foram forçados a se deter. Ninguém dormia lá dentro: o ocupante do quarto andava inquieto de uma parede até a outra e deu vários suspiros enquanto eu escutava. Havia naquele quarto um refúgio para mim — um refúgio temporário — se eu quisesse; tudo que eu precisava fazer era entrar e dizer: “Sr. Rochester, vou amá-lo e viver na sua companhia por toda a vida até morrer”, e uma fonte de êxtase brotaria dos meus lábios. Pensei a respeito.

Aquele bondoso patrão que agora não conseguia dormir esperava impaciente o dia. Pela manhã mandaria me chamar; mas eu já teria ido embora. Ele mandaria me procurar; em vão. Iria sentir-se abandonado, veria seu amor rejeitado, sofreria, talvez se desesperasse. Pensei nisso também. Minha mão se moveu na direção da tranca; recolhi-a e segui em frente.

Consternada, desci a escada; sabia o que precisava fazer e o fiz mecanicamente. Procurei na cozinha a chave da porta lateral; procurei também um vidrinho de óleo e uma pena; lubrifiquei a chave e a fechadura. Peguei um pouco de água e um pouco de pão, pois talvez precisasse

caminhar bastante, e minhas forças, ultimamente tão abaladas, não podiam fraquejar. Tudo isso eu fiz sem nenhum ruído. Abri a porta, saí, fechei-a sem fazer barulho. Uma aurora débil reluzia no quintal. Os grandes portões estavam fechados e trancados, mas havia num deles um portãozinho fechado apenas com um trinco. Por ele eu passei e em seguida o fechei; e agora estava fora de Thornfield.

A uma milha dali, depois dos campos, havia uma estrada que partia na direção contrária à de Millcote, uma estrada que eu nunca percorrera, mas que muitas vezes vira e me perguntara aonde iria dar; foi para lá que dirigi meus passos. Nenhuma reflexão mais era permitida; nenhum olhar devia ser lançado para trás ou mesmo para a frente. Nenhum pensamento deveria considerar o passado ou o futuro. O primeiro era uma página tão pesada e tão doce — e tão mortalmente triste — que ler uma linha que fosse me faria perder a coragem e roubaria minha energia. O segundo era uma terrível página em branco, semelhante ao mundo no dia seguinte ao dilúvio.

Margeei campos, sebes e trilhas até depois de o sol nascer. Creio que foi uma linda manhã de verão; sei que meus sapatos, que eu havia calçado ao sair da casa, logo ficaram encharcados de orvalho. Mas não olhei nem para o sol nascente nem para o céu que sorria nem para a natureza que despertava. Aquele que precisa percorrer uma formosa paisagem a caminho do cadafalso não pensa nas flores que sorriem no seu caminho, mas no bloco de execução e no fio do machado, na separação de osso e carne, na cova aberta ao final. E eu pensei em fugas terríveis e errâncias sem destino — e ah!, com que agonia pensei no que tinha deixado para trás. Não pude evitar. Pensei nele naquele instante, em seu quarto vendo o sol nascer, esperando que eu em breve fosse aparecer e dizer que ficaria com ele e seria sua. Eu ansiava por ser sua, desejava ardentemente voltar; não era tarde; ainda podia poupá-lo da dor amarga do abandono. Tinha certeza de que

minha fuga ainda não fora detectada. Poderia voltar e ser seu reconforto, seu orgulho; salvá-lo da infelicidade, da ruína talvez. Ah, aquele medo de que ele abandonasse a si mesmo, muito pior do que ser abandonado por mim, como me atormentava! Era como a ponta de uma flecha cheia de farpas cravada no meu peito, dilacerava-me quando eu tentava arrancá-la, nauseava-me quando as lembranças a faziam penetrar mais fundo. Pássaros começaram a cantar nos arbustos e arvoredos; pássaros eram fiéis a seus companheiros; pássaros eram emblemas do amor. E eu, o que era? Em meio à dor do meu coração e ao esforço descomunal de meus princípios, senti ojeriza por mim mesma. Não tive o alívio da minha própria aprovação, nem sequer do respeito próprio. Eu havia magoado, ferido e abandonado meu patrão. Eu mesma me considerava odiosa. Mesmo assim não consegui me virar, nem voltar sequer um passo. Deus deve me ter feito seguir em frente. Quanto a minha força de vontade, minha consciência, um vivo pesar pisoteara a primeira e sufocara a segunda. Eu chorava copiosamente enquanto seguia meu solitário caminho; andava depressa, depressa como quem delira. Uma fraqueza que começou lá dentro se estendeu até os membros, tomou conta de mim e eu caí; passei alguns minutos deitada no chão, pressionando o rosto na terra úmida. Tive algum temor — ou esperança — de morrer ali, mas logo me levantei e comecei a avançar de quatro pelo chão, depois me pus de novo em pé — ansiosa e determinada como nunca a chegar à estrada.

Quando lá cheguei, fui forçada a me sentar para descansar à sombra da sebe; e enquanto estava sentada ouvi rodas e vi uma diligência se aproximar. Levantei-me e ergui a mão; a diligência parou. Perguntei para onde ela ia; o condutor citou um lugar muito distante, onde eu tinha certeza de que o sr. Rochester não tinha nenhum contato. Perguntei quanto ele me cobraria para levar-me até lá; ele respondeu trinta xelins; respondi que eu só

tinha vinte; bem, ele tentaria se contentar com aquilo. Então me deu permissão para subir, uma vez que o veículo estava vazio; entrei, a porta foi fechada e a diligência seguiu viagem.

Gentil leitor, possa você jamais sentir o que senti naquele momento! Possam seus olhos jamais verter lágrimas tão tempestuosas, escaldantes, desesperadas quanto as que escorreram dos meus. Possa você jamais invocar o Céu em preces tão inúteis e aflitas quanto as que naquela hora me saíram dos lábios; pois possa você jamais ter, como eu tive, a infelicidade de ser o instrumento do mal para com aquilo que mais ama.

1. Baseado na instituição Quaker York Retreat, fundada em 1796, na qual os doentes mentais eram tratados com humanidade segundo uma prática baseada na crença quacre de que existe algo divino dentro de cada um.

Dois dias se passaram. É uma noite de verão; o condutor me deixou num lugar chamado Whitcross; não podia continuar me transportando pela soma que eu lhe dera, e eu não possuía mais nem um xelim neste mundo. A diligência a essa altura já está a uma milha de distância; estou sozinha. Então descubro que esqueci de tirar meu embrulho do bolso do veículo, onde o pusera por medida de segurança; lá ele continua e lá ficará; e eu agora me encontro na mais total miséria.

Whitcross não é uma cidade, nem sequer um povoado; é apenas um pilar de pedra erguido no cruzamento de quatro estradas, caiado, imagino, de modo a ficar mais visível no escuro. Do topo partem quatro braços; a cidade mais próxima para a qual eles apontam, segundo a inscrição, fica a dez milhas dali; a mais distante, a vinte e tantos. Pelos nomes conhecidos dessas cidades fico sabendo em que condado saltei: é uma região mais ao norte, de charnecas escuras e cordilheiras; isso posso ver. Atrás de mim e de ambos os lados há extensas charnecas, e ondas de montanhas se estendem até muito além do vale profundo a meus pés. A população aqui deve ser escassa, e não vejo passageiros nessas estradas que se estendem para leste, oeste, norte e sul, brancas, largas e desertas; todas elas atravessam as charnecas, e as urzes crescem altas e selvagens até seus limites. Apesar

disso, um viajante ocasional poderia passar, e não desejo que nenhum olho me veja agora; desconhecidos iriam estranhar o fato de eu estar aqui parada, junto às placas, obviamente sem rumo e perdida. Eu poderia ser questionada e não saberia dar nenhuma resposta que não fosse soar impossível de acreditar, que não provocasse desconfiança. Nenhum vínculo me prende ao convívio humano nessa hora, nenhum encanto ou esperança me chama para onde estão meus semelhantes; ninguém que me visse teria em relação a mim um pensamento gentil ou um desejo bondoso. Não tenho parentes exceto a mãe Natureza universal; buscarei seu regaço e lá pedirei descanso.

Mergulhei direto na vegetação; fui seguindo por um vale que via sulcar profundamente a encosta marrom da colina; chapinhei até os joelhos em sua vegetação escura; virei com suas curvas, e ao deparar com um paredão de granito enegrecido pelo musgo num recanto escondido, sentei-me abaixo dele. Altos penhascos de charneca me rodeavam; o paredão me protegia a cabeça; acima dele, o céu.

Algun tempo transcorreu antes de eu me sentir tranquila até mesmo ali; tinha um vago temor de que pudesse haver algum rebanho selvagem por perto, ou de que algum caçador ou invasor pudesse me encontrar. Toda vez que uma rajada de vento varria a paisagem erma, eu erguia os olhos com medo de ser o ataque de um touro; toda vez que uma ave piava, imaginava que fosse alguém. Porém, ao constatar que meus temores não tinham fundamento, e acalmada pelo silêncio profundo que reinava enquanto o dia ia morrendo e a noite caía, tornei-me mais confiante. Até ali não havia pensado, havia apenas escutado, observado e temido; então recuperei a faculdade do raciocínio.

O que eu deveria fazer? Para onde deveria ir? Ah, que perguntas intoleráveis quando eu não podia fazer nada nem ir a lugar nenhum! Quando um longo caminho ainda precisava ser percorrido por meus

membros cansados e trêmulos antes de eu poder chegar a alguma habitação humana — onde, para conseguir um pouso, fria caridade precisaria ser invocada, empatia relutante extraída, e quase certamente repulsa provocada, para que minha história fosse ouvida ou alguma de minhas necessidades atendida!

Toquei a vegetação: estava seca, e no entanto aquecida pelo calor do dia de verão. Olhei para o céu: estava limpo; uma bondosa estrela piscava logo acima da borda do penhasco. O orvalho caía, mas com uma suavidade agradável; nenhuma brisa sussurrava. A natureza me pareceu acolhedora e boa; pensei que ela me amava, por mais que eu fosse uma excluída, e eu, que dos homens só podia esperar desconfiança, rejeição, ofensas, a ela me agarrei com um carinho filial. Naquela noite pelo menos, assim como era sua filha eu seria sua hóspede; minha mãe me hospedaria sem cobrar dinheiro nem nada em troca. Eu ainda tinha um pedaço de pão, os restos de um pãozinho comprado numa cidade pela qual passáramos ao meio-dia com um derradeiro pêni, minha última moeda. Vi frutinhas maduras reluzindo aqui e ali como contas negras no meio da vegetação; colhi um punhado e as comi junto com o pão. Minha fome antes intensa, se não foi satisfeita, foi pelo menos acalmada por essa refeição de eremita. Ao final dela fiz minhas preces da noite, em seguida escolhi meu leito.

Junto ao paredão a urze era bem alta; quando me deitei, meus pés ficaram enterrados nela; ao erguer-se bem alto de um lado e outro, ela deixava apenas um espaço estreito para o ar da noite invadir. Dobrei meu xale para formar uma dupla camada e o estendi por cima de mim à guisa de coberta; uma leve protuberância coberta de musgo foi meu travesseiro. Assim acomodada, não senti frio, pelo menos no início da noite.

Meu descanso poderia ter sido razoavelmente contente, mas um coração triste o perturbou. Era um coração que padecia de suas feridas abertas, de

seu sangramento interno, de seus laços rompidos. Tremia pelo sr. Rochester e por seu destino sombrio, lamentava com amarga dor a sua perda, exigia sua presença com um anseio incessante e, impotente como um pássaro com as duas asas quebradas, ainda fazia estremecer suas penas estilhaçadas em vãs tentativas de sair à sua procura.

Exaurida por esses pensamentos torturantes, levantei-me e me ajoelhei. A noite havia caído e seus planetas tinham se erguido, uma noite segura e tranquila, demasiado serena para vir acompanhada pelo medo. Sabemos que Deus está por toda parte, mas com certeza sentimos mais a Sua presença quando Suas obras se estendem diante de nós na sua maior escala, e é no céu noturno sem nuvens, quando Seus mundos seguem seu curso silencioso, que lemos com mais clareza Sua infinitude, Sua onipotência, Sua onipresença. Eu tinha me ajoelhado para rezar pelo sr. Rochester. Ao erguer o rosto, vi com os olhos embaçados pelas lágrimas a imensa Via Láctea. Ao recordar o que ela era, quantos incontáveis sistemas se espalhavam pelo espaço lá em cima como um leve rastro de luz, senti a potência e a força de Deus. Tive certeza da Sua eficácia para salvar o que Ele havia criado; fui me convencendo cada vez mais de que nem a terra nem nenhuma das almas que ela continha iam perecer. Direcionei minha prece a um agradecimento; a fonte da vida era também o salvador dos espíritos. O sr. Rochester estava seguro; ele era de Deus, e por Deus seria protegido. Novamente me aninhei no colo da montanha e em pouco tempo esqueci no sono o sofrimento.

No dia seguinte, a Necessidade pura e simples se abateu sobre mim. Bem depois de os passarinhos abandonarem seus ninhos, bem depois de as abelhas comparecerem na melhor hora do dia para colher o mel das urzes antes de o orvalho secar, quando as sombras compridas da manhã já estavam curtas e o sol preenchia terra e céu, levantei-me e olhei em volta.

Que dia calmo, quente, perfeito! Que deserto dourado aquela vasta charneca! O sol brilhava por toda parte. Desejei poder viver ali e dali tirar meu sustento. Vi um lagarto correr pela face do paredão; vi uma abelha ocupada entre as frutinhas doces. Eu nessa hora teria gostado de ser uma abelha ou um lagarto, para poder encontrar ali nutrientes adequados e um abrigo permanente. Mas eu era um ser humano e tinha necessidades humanas; não podia me demorar onde não havia nada para supri-las. Levantei-me; tornei a olhar para a cama que havia desocupado. Sem esperança em relação ao futuro, tinha apenas um desejo: que meu Criador tivesse naquela noite decidido levar minha alma enquanto eu dormia, e que àquele corpo cansado, absolvido pela morte de mais conflitos com o destino, agora restasse apenas se decompor em silêncio e se misturar tranquilamente à terra daquela paisagem. A vida, porém, seguia me animando com todas as suas exigências, dores e responsabilidades. Aquele fardo precisava ser carregado, as necessidades atendidas, o sofrimento suportado, a responsabilidade assumida. Parti.

Mais uma vez em Whitcross, segui uma estrada que ia na direção oposta à do sol, agora forte e a pino. Não tive forças para fazer minha escolha com base em nenhum outro critério. Caminhei por muito tempo, e quando pensei que tinha percorrido quase o suficiente e que podia em sã consciência ceder à exaustão que quase me dominava, que podia relaxar aquela ação forçada e, sentando-me numa pedra que via ali perto, entregar-me sem resistência à apatia que fazia pesar meu coração e meus membros, nessa hora ouvi um sino tocar, um sino de igreja.

Virei-me na direção do som, e ali, em meio às românticas colinas em cujas mudanças e em cujo aspecto já fazia uma hora que eu deixara de prestar atenção, vi um povoado e uma flecha de campanário. Todo o vale à minha direita estava repleto de verdes pastos, milharais e florestas, e um

regato cintilante corria em zigue-zague em meio aos tons variados de verde, aos cereais que amadureciam, às matas escuras e aos claros e ensolarados campos. Chamada de volta à estrada diante de mim pelo barulho de rodas, vi uma carroça muito carregada subindo com dificuldade a encosta, e não muito atrás dela vinham duas vacas e uma pessoa a tocá-las. Vida humana e trabalho humano estavam próximos. Eu precisava seguir em frente, esforçar-me para viver e me curvar à labuta como todos os outros.

Por volta das duas da tarde, entrei no vilarejo. Ao final da única rua havia uma pequena loja com alguns pães na vitrine. Eu ansiava por um pão. Revigorada, talvez conseguisse recuperar um pouco de energia; sem isso seria difícil continuar. O desejo de ter alguma força e algum vigor me voltou assim que me vi no meio de outros seres humanos. Senti que seria degradante desmaiar de fome no meio da rua de um povoado. Será que eu não teria bem algum que pudesse oferecer em troca de um daqueles pães? Refleti. Tinha um pequeno lenço de seda amarrado no pescoço; tinha minhas luvas. Não fazia a menor ideia de como procediam os homens e mulheres em situações de extrema privação. Não sabia se alguma daquelas peças seria aceita; provavelmente não, mas eu precisava tentar.

Entre na loja; lá dentro havia uma mulher. Ao ver uma pessoa vestida de maneira respeitosa, uma dama, imaginou, ela se adiantou com civilidade. Em que poderia ser útil? A vergonha me dominou; minha língua foi incapaz de articular o pedido que eu havia preparado. Não ousei lhe oferecer as luvas usadas nem o lenço amarrotado; além do mais, senti que seria absurdo. Apenas lhe pedi permissão para me sentar um instante, pois estava cansada. Frustrada em sua expectativa de uma cliente, ela aceitou friamente o meu pedido. Apontou um assento; nele afundei. Sentia um forte impulso de chorar, mas sabendo quão insensata essa manifestação pareceria,

reprimi-a. Pouco depois perguntei à mulher se havia alguma costureira ou cerzideira no vilarejo.

“Sim, duas ou três. Tantas para quantas há serviço.”

Refleti. Era chegada a hora da verdade. Estava cara a cara com a Necessidade. Estava na situação de quem não tinha nenhum recurso, nenhum amigo, nenhum dinheiro. Precisava fazer alguma coisa. O quê? Precisava pedir emprego em algum lugar. Onde?

“Ela conhecia algum lugar nas redondezas onde estivessem precisando de uma criada?”

“Não; não saberia dizer.”

“Qual era a principal ocupação naquele lugar? O que a maioria das pessoas fazia?”

“Algumas trabalhavam nas fazendas; muitas trabalhavam na fábrica de agulhas do sr. Oliver e na fundição.”

“O sr. Oliver contratava mulheres?”

“Não; era um trabalho para homens.”

“E o que as mulheres fazem?”

“Não sei”, foi a resposta. “Algumas fazem uma coisa, outras fazem outra. Os pobres precisam se virar como podem.”

Ela parecia cansada das minhas perguntas, e, de fato, que direito tinha eu de importuná-la? Um ou dois vizinhos entraram; meu assento obviamente estava sendo requisitado. Retirei-me.

Fui subindo a rua, olhando ao passar para todas as casas à direita e à esquerda, mas não consegui descobrir nenhum pretexto nem ver nenhum incentivo para entrar em nenhuma delas. Passei mais de uma hora andando sem destino pelo povoado, às vezes indo um pouco mais longe e voltando em seguida. Exausta, e agora sofrendo muito com a falta de comida, dobrei numa rua lateral e sentei-me debaixo da sebe. Poucos minutos depois,

porém, já estava outra vez de pé, e outra vez em busca de alguma coisa, algum recurso, ou pelo menos algum informante. No fim da rua havia uma bela casinha com um jardim na frente, impecavelmente cuidado e todo florido. Parei diante dela. Que direito eu tinha de me aproximar da porta branca ou de tocar a reluzente aldraba? Que interesse poderiam ter os moradores daquela casa em me ajudar? Mesmo assim, aproximei-me e bati. Uma moça de ar suave e roupas limpas veio abrir a porta. Com uma voz que se poderia esperar ouvir de um coração desesperançado e de um corpo à beira do colapso, uma voz terrivelmente baixa e falhada, perguntei se estavam precisando de uma criada.

“Não”, respondeu ela; “nós não temos criada.”

“A senhora sabe me dizer onde eu poderia conseguir um emprego de algum tipo?”, continuei. “Sou de fora, não conheço ninguém por aqui. Quero um trabalho, qualquer um.”

Mas não cabia a ela pensar por mim, ou procurar um emprego para mim; além do mais, aos seus olhos minha figura, minha situação e minha história deviam ter parecido muito suspeitos. Ela balançou a cabeça, disse que “lamentava não poder me dar mais informações”, e a pequena porta branca se fechou de modo bastante suave e educado, mas deixando-me do lado de fora. Caso ela a houvesse mantido aberta mais um pouco, creio que eu teria mendigado um pedaço de pão, pois estava agora no fundo do poço.

Não suportei voltar para o sórdido vilarejo onde, além do mais, não conseguia ver nenhuma perspectiva de auxílio. Meu desejo, pelo contrário, era me desviar na direção de uma floresta que via não muito longe dali e que parecia, com suas densas sombras, oferecer um abrigo convidativo; mas eu estava tão enjoada, tão fraca, tão devorada pelas necessidades do corpo que o instinto me fez continuar perambulando em volta de lugares em que houvesse uma possibilidade de comida. A solidão não seria solidão, o

descanso não seria descanso enquanto o abutre da fome estivesse cravando daquele modo no meu flanco seu bico e seus esporões.

Aproximei-me das casas; afastei-me delas, tornei a voltar e novamente me afastei, sempre empurrada pela consciência de não ter direito algum de pedir, direito algum de esperar que alguém fosse se interessar pela minha situação desesperada. Enquanto isso, a tarde foi avançando enquanto eu vagava como um cão perdido e faminto. Ao atravessar um campo, vi diante de mim a flecha da igreja; segui depressa naquela direção. Perto do cemitério e no meio do jardim havia uma casa bem construída, porém pequenina, que não tive dúvidas de que devia ser o presbitério. Lembrei-me que forasteiros que chegam a um lugar onde não têm amigos e desejam encontrar um emprego às vezes recorrem aos membros do clero para apresentações e ajuda. É função do clérigo ajudar, pelo menos com seus conselhos, aqueles que buscam ser ajudados. Eu parecia ter algo semelhante a um direito de procurar conselho ali. Com a coragem assim renovada e reunindo meus poucos resquícios de força, segui em frente. Cheguei à casa e bati na porta da cozinha. Uma velha veio abrir; perguntei se ali era o presbitério.

“Sim.”

“E o pároco estava?”

“Não.”

“Ia voltar em breve?”

“Não, ele tinha viajado.”

“Para longe?”

“Não muito, umas três milhas. Tinha sido chamado após a morte repentina do pai; estava agora em Marsh End, e muito provavelmente ainda ficaria lá por mais duas semanas.”

“Havia alguma dona da casa?”

“Não, não havia ninguém exceto ela, que era a governanta”; e a ela, leitor, não tive coragem de pedir o alívio para a necessidade que me abatia; ainda não conseguia mendigar; e mais uma vez fui embora.

Novamente tirei meu lenço do pescoço e mais uma vez pensei nos pães da pequena loja. Ah, nem que fosse uma casca! Ah, nem que fosse uma só mordida para aliviar a dor da fome! Por instinto, virei o rosto mais uma vez para o vilarejo; tornei a encontrar a loja e entrei; e, embora houvesse mais gente lá além da mulher, aventurei-me a pedir: “Será que ela poderia me dar um pãozinho em troca daquele lenço?”.

Ela me olhou com uma desconfiança evidente: “Não, ela nunca vendia daquela forma”.

Quase em desespero, pedi metade de um pãozinho; ela mais uma vez recusou. “Como poderia saber onde eu tinha conseguido o lenço?”, falou.

“Ela aceitaria minhas luvas?”

“Não! O que ia fazer com elas?”

Leitor, não é agradável me demorar nesses detalhes. Há quem diga que é bom rememorar experiências dolorosas do passado, mas até hoje mal consigo suportar recordar as ocasiões às quais estou me referindo: a degradação moral, aliada ao sofrimento físico, constitui uma lembrança perturbadora demais para que algum dia possa ser agradável pensar nela. Não culpei nenhum daqueles que se recusou a me ajudar. Senti que era o que se podia esperar e que não havia como evitar aquilo: um mendigo normal é com frequência alvo de desconfiança; uma mendiga bem-vestida o é de modo inevitável. É bem verdade que o que eu estava mendigando era um emprego, mas quem tinha a obrigação de me proporcionar um emprego? Certamente não pessoas que me viam pela primeira vez e nada sabiam sobre meu caráter. Quanto à mulher que se recusou a aceitar meu lenço em troca do seu pão, ora, ela estava certa, se a proposta lhe parecia

sinistra ou a troca pouco lucrativa. Permita-me resumir agora. Estou um pouco farta do assunto.

Pouco antes do anoitecer, passei por uma fazenda diante de cuja porta aberta estava sentado o fazendeiro jantando seu pão com queijo. Parei e disse: “O senhor poderia me dar um pedaço de pão? Estou com muita fome”. Ele me lançou um olhar de surpresa, mas, sem responder, cortou uma grossa fatia do pão e me deu. Imagino que não tenha me considerado uma mendiga, apenas uma espécie de senhora excêntrica que tinha se afeiçoado ao seu pão escuro. Assim que saí da linha de visão da casa dele, sentei-me e comi o pão.

Sem esperanças de conseguir um abrigo debaixo de um teto, fui procurá-lo na floresta que já mencionei. Mas tive uma noite horrorosa e sem descanso: o chão era úmido e o ar, frio; além disso, estranhos passaram perto de mim em mais de uma ocasião, e fui obrigada a mudar de lugar várias vezes; não consegui experimentar nenhuma sensação de segurança ou tranquilidade. Já quase de manhã, choveu; o dia seguinte inteiro foi chuvoso. Não me peça, leitor, para fazer um relato detalhado desse dia; como no anterior, procurei trabalho; como no anterior, fui repelida; como no anterior, passei fome; mas uma vez consegui pôr alguma comida na boca. Na porta de uma casinha, vi uma menina prestes a despejar um punhado de mingau frio no cocho de um porco. “Pode me dar isso?”, pedi.

Ela me encarou. “Mãe!”, exclamou. “Tem uma mulher aqui querendo que eu dê a ela este mingau!”

“Bem, menina”, respondeu uma voz lá dentro, “dê se for uma mendiga. O porco não quer.”

A menina despejou a massa fria na minha mão, e eu a devorei avidamente.

Quando o crepúsculo chuvoso já estava se adensando, parei numa trilha solitária que já vinha seguindo havia uma hora ou mais.

“Estou quase sem forças”, falei para mim mesma. “Sinto que não posso ir muito mais longe. Será que passarei a noite de hoje também como pária? Chovendo como chove, terei de pousar a cabeça no chão frio e encharcado? Temo não poder fazer outra coisa, pois quem irá me hospedar? Mas será terrível, com essa sensação de fome, fraqueza, frio, e esse sentimento de consternação, essa total ausência de esperança. Muito provavelmente, porém, morrerei antes do amanhecer. E por que não consigo aceitar a ideia da morte? Por que me esforço para manter uma vida sem valor? Porque eu sei, ou acredito saber, que o sr. Rochester continua vivo; além do mais, morrer de fome e de frio é um destino ao qual a natureza não consegue se dobrar passivamente. Ah, Providência, sustente-me mais um pouco ainda! Socorro! Oriente-me!”

Meus olhos embaçados percorreram a paisagem escura e enevoada. Vi que havia me afastado bastante do vilarejo, que já não podia ver. Os próprios campos cultivados que o cercavam tinham desaparecido. Por caminhos perpendiculares e pequenas trilhas, eu mais uma vez me aproximara do trecho de charnecas; e agora apenas alguns campos quase tão selvagens e incultos quanto as charnecas das quais mal se distinguiam me separavam do morro iluminado pelo crepúsculo.

“Bem, prefiro morrer aqui do que numa rua ou estrada frequentada”, refleti. “E muito melhor as gralhas e os corvos — se é que há corvos por estas bandas — beliscarem a carne presa aos meus ossos do que ela ser fechada num caixão de caridade e ir mofar numa cova de indigentes.”

Virei-me então, mais uma vez, para o morro. Fui até lá. Só faltava agora encontrar um canto onde pudesse me deitar e me sentir, se não segura, ao menos escondida. Mas toda a superfície da paisagem desolada parecia

plana. Não havia variação alguma a não ser de cor: verde onde os juncos e o musgo sobressaíam da superfície do charco; negra onde apenas urzes brotavam do solo seco. Embora estivesse escurecendo, eu ainda podia ver aquelas mudanças, mesmo que somente como alterações de luz e sombra, pois a cor se apagava junto com o dia.

Meu olhar continuou a percorrer o contorno escuro do morro e a orla da charneca, perdendo-se na paisagem distante, quando num pontinho indefinido, bem distante entre os charcos e os cumes dos morros, uma luz surgiu. “É um fogo-fátuo”, foi meu primeiro pensamento, e imaginei que fosse logo sumir. No entanto, ele continuou a brilhar com bastante firmeza, sem recuar nem avançar. “Será então uma fogueira que alguém acabou de atizar?”, indaguei a mim mesma. Fiquei observando para ver se ia aumentar, mas não; assim como a luz não enfraqueceu, tampouco aumentou. “Talvez seja uma vela numa casa”, conjecturei então; “mas nesse caso nunca conseguirei alcançá-la. Está longe demais, e mesmo que estivesse a um metro de mim, de que adiantaria? Bastaria eu bater na porta para ela ser fechada na minha cara.”

E afundei ali mesmo onde estava e escondi o rosto no chão. Passei um tempo deitada; o vento da noite varreu o morro e a mim, e foi morrer ao longe com um gemido; começou a chover forte, e fiquei outra vez encharcada até os ossos. Se ao menos tivesse me enrijecido com o frio súbito, com o bem-vindo torpor da morte, a chuva grossa poderia ter continuado; eu nem sequer teria sentido. Mas minha carne ainda viva pôs-se a estremecer sob aquela influência congelante. Em pouco tempo, levantei-me.

A luz continuava lá, brilhando fraca porém constante através da chuva. Tentei andar novamente; arrastando devagar meus membros exaustos na sua direção. Ela me conduziu numa trajetória enviesada pela encosta do morro,

passando por um largo lamaçal que no inverno devia ser intransponível e até mesmo agora, no auge do verão, estava encharcado e movediço. Nele caí duas vezes, mas em ambas me levantei e juntei forças. Aquela luz era minha solitária esperança; eu precisava alcançá-la.

Após atravessar o charco, vi uma risca branca do outro lado do morro. Cheguei perto: era uma estrada ou caminho; conduzia diretamente para a luz que agora brilhava numa espécie de morrote em meio a um grupo de árvores — aparentemente abetos, pelo que pude distinguir na penumbra do aspecto de suas formas e folhagem. Minha estrela sumiu quando me aproximei; algum obstáculo havia se interposto entre mim e ela. Estendi a mão para sentir a massa negra à minha frente; identifiquei as pedras ásperas de um muro baixo, acima dele algo como uma paliçada, e do outro lado uma sebe alta e cheia de espinhos. Segui tateando. Mais uma vez um objeto esbranquiçado luziu na minha frente: era um portão, um portão pequeno, que se moveu nas dobradiças quando o toquei. De um lado e outro havia arbustos pretos de azevinho ou teixo.

Quando atravessei o portão e passei pelos arbustos, a silhueta de uma casa surgiu, preta, baixa e bastante comprida; mas a luz que havia me guiado não estava visível em lugar nenhum. Tudo era escuridão. Teriam os ocupantes se recolhido para dormir? Temi que assim fosse. Enquanto procurava a porta, dobrei uma quina; ali o lume acolhedor tornou a surgir, vindo das vidraças em formato de losango de uma pequeníssima janela coberta de treliça situada a uns trinta centímetros do chão, e tornada ainda menor pela massa de hera ou alguma outra trepadeira cujas folhas revestiam densamente a parte da casa em que ela ficava. A abertura era tão protegida e estreita que qualquer cortina ou persiana fora considerada desnecessária, e quando me abaixei e afastei um galho de planta que brotava na sua frente, pude ver tudo lá dentro. Distingui nitidamente um cômodo com piso de

madeira lixada, bem limpo; uma cômoda de nogueira com pratos de estanho enfileirados que refletiam o vermelho radiante de um fogo de turfa aceso. Pude ver um relógio, uma mesa de madeira, algumas cadeiras. A vela, cuja luz tinha sido o meu farol, ardia sobre a mesa; e à sua luz uma mulher de idade avançada e aspecto um pouco rude, mas impecavelmente limpa, como todo o resto à sua volta, tricotava uma meia.

Reparei nos objetos de modo apenas casual; neles não havia nada de extraordinário. Junto ao fogo havia um grupo mais interessante, sentado em meio à paz e ao calor rosados que emanavam dele. Duas mulheres jovens e graciosas — damas, sob todos os aspectos — estavam ali sentadas, uma numa cadeira de balanço baixa, a segunda num banquinho; ambas trajavam um luto fechado cuja cor escura realçava particularmente seus pescoços e rostos muito alvos; um grande e velho cão pointer tinha a imensa cabeça pousada no joelho de uma das moças, e no colo da outra estava aninhado um gato preto.

Que lugar estranho era aquela modesta cozinha para ocupantes como aquelas! Quem seriam? Não podiam ser filhas da pessoa de idade sentada à mesa, pois esta parecia rústica, enquanto elas me pareceram delicadas e cultas no mais alto grau. Eu nunca havia visto em lugar nenhum aqueles semblantes, e, no entanto, ao fitá-las tive a impressão de conhecer cada um de seus traços. Não posso dizer que eram belas: eram pálidas e graves demais para esse termo; curvadas cada qual acima de um livro, sua concentração era tanta que elas beiravam a severidade. Um suporte no meio das duas sustentava uma segunda vela e dois grandes volumes que elas consultavam com frequência, comparando-os, ao que parecia, com os livros menores que tinham nas mãos, como quem consulta um dicionário para auxiliar na tarefa de traduzir. A cena transcorria num silêncio tão profundo quanto se todos os personagens fossem sombras e o cômodo iluminado um

quadro; o silêncio era tão grande que eu podia ouvir as cinzas caindo da grade do fogo e o tique-taque do relógio em seu canto escuro, e pensei poder distinguir até mesmo os estalos das agulhas de tricô da mulher. Quando uma voz rompeu enfim aquele estranho silêncio, portanto, soou audível até mesmo para mim.

“Escute só, Diana”, disse uma das estudantes compenetradas; “Franz e o velho Daniel estão juntos à noite, e Franz está contando um sonho do qual acordou apavorado... escute!” E em voz baixa, ela leu alguma coisa na qual nem uma só palavra foi inteligível para mim, pois estava escrita num idioma estrangeiro que não era nem francês nem latim. Eu não soube dizer se era grego ou alemão.

“Que forte”, disse ela ao terminar; “gostei muito.” A outra moça, que havia levantado a cabeça para escutar a irmã, repetiu enquanto encarava o fogo uma frase do que fora lido. No futuro eu passaria a conhecer o idioma e o livro, portanto citarei aqui a frase em questão, embora na primeira vez em que a escutei ela tivesse me parecido apenas algo batendo no metal, sem o menor significado: “*Da trat hervor Einer, anzusehen wie die Sternen Nacht.*”¹ Muito bem! Muito bem!”, exclamou ela enquanto seus olhos escuros e profundos brilhavam. “Eis um escuro e poderoso arcanjo muito bem descrito! Essa linha vale cem páginas de palavras pomposas. *‘Ich wäge die Gedanken in der Schale meines Zornes und die Werke mit dem Gewichte meines Grimms.*”² Gostei!”

Ambas tornaram a se calar.

“Existe algum país onde as pessoas falem assim?”, indagou a velha mulher, erguendo os olhos do tricô.

“Sim, Hannah... um país bem maior do que a Inglaterra, onde ninguém fala de outro modo.”

“Bem, eu com certeza não sei como eles fazem para se entender. Se uma de vocês fosse para lá, será que conseguiria compreender o que eles dizem?”

“Provavelmente conseguiríamos entender alguma coisa do que eles dizem, mas não tudo... pois não somos tão inteligentes quanto você pensa, Hannah. Não falamos alemão, e só conseguimos ler com um dicionário para nos ajudar.”

“E qual é a serventia disso para vocês?”

“Um dia queremos ensinar alemão... ou pelo menos os rudimentos, como se diz; e então ganharemos bem mais dinheiro do que agora.”

“Muito bem. Mas agora chega de estudar; vocês já fizeram o bastante por hoje.”

“Acho que já; pelo menos eu estou cansada. Você não, Mary?”

“Muito; afinal, é um trabalho duro tentar decifrar uma língua sem outra ajuda que não a de um dicionário.”

“É mesmo, principalmente uma como esse indecifrável porém glorioso *Deutsch*. Quando será que St. John vai voltar para casa?”

“Ele não deve demorar muito agora; são dez horas”, disse a outra (olhando para um pequeno relógio de ouro que sacou da cintura). “Está chovendo a cântaros. Hannah, poderia fazer a gentileza de ir olhar o fogo na sala?”

A mulher se levantou; abriu uma porta através da qual pude distinguir debilmente um corredor. Pouco depois, escutei-a atizar um fogo num cômodo mais para dentro da casa; ela voltou rapidamente.

“Ah, meninas!”, falou, “fico perturbada agora ao entrar naquele cômodo; ele parece vazio com a cadeira desocupada encostada num canto.”

A mulher enxugou os olhos com o avental; as duas moças, antes graves, agora pareciam tristes.

“Mas ele está num lugar melhor”, continuou Hannah; “não devemos desejar que estivesse aqui outra vez. E afinal, ninguém poderia ter morrido de modo mais tranquilo.”

“Você disse que ele nunca falou em nós, não foi?”, perguntou uma das moças.

“Ele não teve tempo, criança; seu pai se foi num minuto. Tinha passado o dia anterior um pouco abatido, mas nada grave; e quando o sr. St. John perguntou se gostaria que mandássemos chamar uma de vocês, riu bem na cara dele. Amanheceu no dia seguinte de novo com a cabeça um pouco pesada, isso faz quinze dias... e foi dormir e nunca mais acordou. Já estava quase morto quando seu irmão entrou no quarto e o encontrou. Ah, crianças! Ele foi o último da velha estirpe, pois vocês e o sr. St. John são de um tipo diferente daquele que se foi; são muito mais parecidos com sua mãe nos modos e quase tão instruídos quanto ela. Ela era a sua cara, Mary; Diana se parece mais com o pai.”

Eu as achava tão parecidas que não soube dizer onde a velha criada (pois havia chegado à conclusão de que era isso que ela era) conseguia ver a diferença. Ambas tinham a pele clara e o corpo esguio; ambas possuíam rostos repletos de elegância e inteligência. Uma com certeza tinha os cabelos um tom mais escuro do que a outra, e havia uma diferença no penteado que cada uma usava: os cabelos castanho-claros de Mary estavam repartidos ao meio e presos numa trança bem-feita; as madeixas mais escuras de Diana cobriam seu pescoço com grossos cachos. O relógio bateu as dez.

“Vocês devem estar querendo cear, certamente”, observou Hannah; “e o sr. St. John também vai querer comer quando chegar.”

E ela começou a preparar a refeição. As moças se levantaram; pareciam prestes a se retirar para a sala. Até ali eu havia ficado tão concentrada em

observá-las, e sua aparência e conversa tinham despertado em mim um interesse tão agudo, que eu havia praticamente esquecido minha própria e terrível situação; esta então me voltou à mente. O contraste a fez parecer mais desoladora e mais desesperada do que nunca. E como parecia impossível fazer os habitantes daquela casa se preocuparem comigo; fazê-los acreditar na veracidade das minhas necessidades e agruras; induzi-los a proporcionar um descanso para minha errância! Quando estendi a mão para a porta e ali bati com hesitação, senti que essa última ideia não passava de uma quimera. Hannah veio abrir.

“O que deseja?”, perguntou ela num tom espantado enquanto me examinava à luz da vela que segurava.

“Posso falar com suas patroas?”, pedi.

“É melhor me dizer o que tem para falar com elas. De onde vem?”

“Sou forasteira.”

“O que está fazendo aqui a esta hora?”

“Preciso de abrigo por uma noite num barracão ou em outro lugar qualquer, e também de um pedaço de pão para comer.”

A desconfiança, justamente o sentimento que eu temia, surgiu no rosto de Hannah. “Um pedaço de pão eu lhe dou”, disse ela após uma pausa; “mas não podemos aceitar dar abrigo a uma andarilha. Não é provável isso acontecer.”

“Deixe-me falar com suas patroas.”

“Não deixo, não. O que elas podem fazer por você? E não deveria estar andando por aí a esta hora; isso não se faz.”

“Mas para onde irei se a senhora me mandar embora? O que farei?”

“Ah, aposto que sabe para onde ir e o que fazer. Só tome cuidado para não cometer nenhuma bobagem. Tome aqui um pêni; agora vá...”

“Um pêni não vai me alimentar, e não tenho forças para seguir em frente. Não feche a porta... ah, pelo amor de Deus, não feche a porta!”

“Eu preciso; está chovendo aqui dentro...”

“Avisar as jovens senhoras. Me deixe falar com elas...”

“Certamente não. Você não é quem deveria ser; se fosse, não estaria fazendo tanto alarde. Vá embora.”

“Mas se a senhora me mandar embora eu vou morrer.”

“Não vai, não. Temo que tenha algum plano mau em mente para fazê-la bater na porta das pessoas a esta hora da noite. Se alguém a estiver seguindo de perto, arrombadores de casa e gente assim, pode dizer a eles que não estamos sozinhas em casa; temos um cavalheiro, e cães e armas.” A essa altura a honesta porém inflexível criada bateu a porta e passou o trinco por dentro.

Foi o pior momento de todos. Uma pontada de um sofrimento atroz, uma contração de puro desespero me rasgou e atravessou o coração. Eu estava de fato exaurida; não conseguia dar nem mais um passo. Afundei na soleira molhada; gemi, torci as mãos, chorei de pura angústia. Ah, aquele espectro da morte! Ah, aquela hora derradeira se aproximando com tamanho horror! Ah, aquele isolamento... aquele banimento de junto dos meus semelhantes! Não era apenas a âncora da esperança que havia sumido, mas também o esteio da coragem — pelo menos por um instante, mas a segunda logo consegui recuperar.

“Só me resta morrer” falei, “e acredito em Deus. Tentarei aguardar em silêncio a vontade Dele.”

Essas palavras não fiz só pensar, mas também pronunciei em voz alta; e tornando a enfiar toda a minha infelicidade dentro do meu coração, fiz um esforço para convencê-la a ali ficar, muda e imóvel.

“Todos os homens têm de morrer”, disse uma voz bem próxima; “mas nem todos estão condenados a ter um fim prolongado e prematuro como seria o seu, caso fosse sucumbir aqui à inanição.”

“Quem está falando, quem ou quê?”, perguntei, apavorada com aquele som inesperado e agora incapaz de ver em qualquer acontecimento uma esperança de ajuda. Havia uma forma ali perto, mas que forma era essa, a noite escura como breu e minha visão enfraquecida me impediam de distinguir. O recém-chegado chamou com uma pancada alta e demorada na porta.

“É o senhor, sr. St. John?”, exclamou Hannah.

“Sim... sim, abra depressa.”

“Bem, o senhor deve estar muito molhado e com frio numa noite chuvosa como esta! Entre... suas irmãs estão um tanto aflitas por causa do senhor, e acho que tem gente ruim por perto. Apareceu uma mendiga... ora, ela ainda não foi embora! Está deitada ali. Levante-se! Que vergonha! Fora daqui, já falei!”

“Shh, Hannah! Tenho uma palavra a dizer a esta mulher. Você cumpriu seu dever ao expulsá-la, agora deixe-me cumprir o meu permitindo-lhe que entre. Eu estava perto e ouvi tanto você como ela. Acho que este é um caso singular... preciso pelo menos examiná-lo. Jovem, levante-se e entre na casa antes de mim.”

Com dificuldade, obedeci. Pouco depois estava dentro daquela cozinha limpa e clara, bem em frente ao fogo, tremendo e me sentindo mal; tinha consciência de estar com o aspecto mais horrível, desgrenhado e maltratado pelo tempo que alguém poderia ter. As duas senhoras, o irmão delas, sr. St. John, e a velha criada, todos me encaravam.

“Quem é essa, St. John?”, ouvi uma delas perguntar.

“Não sei dizer; encontrei-a em frente à porta”, foi a resposta.

“Que pálida está”, disse Hannah.

“Pálida como argila ou como a morte”, foi a resposta. “Ela vai cair; melhor que se sente.”

E de fato minha cabeça girava; eu caía, mas uma cadeira me recebeu. Continuava de posse dos meus sentidos, embora naquele exato momento não conseguisse falar.

“Talvez um gole d’água a faça se recuperar. Hannah, vá buscar um pouco. Mas ela é só pele e osso. Como está magra e como está exangue!”

“Um mero espectro!”

“Está doente ou só morta de fome?”

“Morta de fome, acho. Hannah, aquilo ali é leite? Me dê aqui, e também um pedaço de pão.”

Diana (reconheci-a pelos longos cachos que vi caindo entre mim e o fogo quando ela se abaixou ao meu lado) partiu um pouco de pão, mergulhou-o no leite e levou à minha boca. Seu rosto estava próximo do meu; vi que havia pena em sua expressão, e pude sentir empatia na sua respiração acelerada. Nas suas palavras simples, a mesma emoção semelhante a um bálsamo também se fazia notar. “Tente comer.”

“Sim... tente”, repetiu Mary com delicadeza; e sua mão retirou meu chapéu ensopado e levantou minha cabeça. Provei o que elas me ofereciam, no início com fraqueza, e logo com ânsia.

“Não muito no começo... conttenham-na”, disse o irmão; “ela já comeu o suficiente.” E ele afastou o copo de leite e o prato de pão.

“Um pouco mais, St. John... veja a avidez nos olhos dela.”

“Chega por enquanto, irmã. Tente ver se ela consegue falar agora... pergunte-lhe seu nome.”

Senti que podia falar e respondi: “Meu nome é Jane Elliot”. Mais preocupada do que nunca em evitar ser descoberta, eu tinha decidido

assumir um pseudônimo.

“E onde a senhora mora? Onde estão seus amigos?”

Fiquei calada.

“Podemos mandar chamar alguém que a senhora conhece?”

Fiz que não com a cabeça.

“O que pode dizer em relação a si mesma?”

De algum modo, agora que tinha cruzado uma única vez a soleira daquela casa e após ter sido posta cara a cara com seus donos, eu não me sentia mais excluída, errante e abandonada pelo mundo inteiro. Atrevi-me a deixar de lado a mendiga para retomar meus modos e meu temperamento naturais. Comecei uma vez mais a me reconhecer, e quando o sr. St. John pediu para ouvir minha história, que por ora eu estava fraca demais para contar, falei após uma curta pausa: “Senhor, não posso lhe dar nenhum detalhe esta noite”.

“Mas então o que espera que eu faça pela senhora?”, perguntou ele.

“Nada”, respondi. Só tinha força suficiente para respostas curtas. Diana se manifestou:

“Está querendo dizer”, começou ela, “que já lhe demos a ajuda que a senhora queria? E que podemos mandá-la de volta para a charneca e para a noite de chuva?”

Olhei para ela. Pensei que ela possuía uma postura notável, imbuída tanto de força quanto de bondade. Uma súbita coragem me animou. Retribuindo seu olhar de compaixão com um sorriso, falei: “Vou confiar em vocês. Se eu fosse um cão sem dono perdido, sei que não iriam me expulsar de sua casa hoje à noite; sendo assim, realmente não sinto medo algum. Façam de mim e por mim o que quiserem, mas dispensem-me de falar muito... minha respiração está curta... sinto um espasmo quando falo”. Todos os três me olhavam e todos os três permaneceram calados.

“Hannah”, disse o sr. St. John por fim, “deixe-a ficar sentada aqui por enquanto e não lhe faça perguntas; daqui a dez minutos, dê-lhe o resto daquele leite e do pão. Mary e Diana, vamos até a sala conversar sobre o assunto.”

Eles se retiraram. Não demorou nada e uma das senhoras voltou, eu não soube dizer qual. Uma espécie de estupor agradável me dominava enquanto eu permanecia sentada junto ao fogo acolhedor. Em voz baixa, ela deu algumas instruções a Hannah. Pouco depois, com a ajuda da criada, consegui subir uma escada; minhas roupas encharcadas foram removidas; e logo em seguida uma cama quentinha e seca me recebeu. Agradei a Deus, experimentei em meio a uma exaustão indescritível uma onda de alegria e gratidão, e adormeci.

1. “Então um deles deu um passo à frente, e parecia as estrelas da noite.” Trata-se de uma citação da peça *Os bandoleiros* (1781), do escritor alemão Friedrich Schiller.

2. “Eu peso os pensamentos na balança da minha raiva e as obras segundo a medida da minha ira”, citação da mesma peça de Schiller.

xxix

A lembrança dos cerca de três dias e três noites que se sucederam a partir desse momento é muito difusa na minha mente. Consigo recordar algumas sensações experimentadas durante esse lapso, mas poucos dos pensamentos formados e nenhuma ação realizada. Sabia que estava num quarto pequeno e numa cama estreita. Parecia ter me enraizado naquela cama; permaneci deitada nela imóvel como uma pedra; e me arrancar de lá teria sido quase como me matar. Não tomei conhecimento do passar do tempo, da transformação da manhã em tarde, da tarde em noite. Observava toda vez que alguém entrava ou saía do quarto; sabia até dizer quem era; podia entender o que se dizia quando quem falava estava perto de mim, mas não conseguia responder; abrir os lábios ou mover os membros era igualmente impossível. A criada Hannah era minha visita mais frequente. Sua presença me perturbava. Eu tinha a sensação de que ela desejava me ver longe dali; de que tinha preconceitos em relação a mim. Diana e Mary apareciam no quarto uma ou duas vezes por dia. Ficavam cochichando na minha cabeceira frases desse tipo:

“Que bom que a deixamos ficar.”

“Sim; com certeza a encontraríamos morta diante da porta pela manhã se ela tivesse passado a noite ao relento. O que será que aconteceu com ela?”

“Teve estranhas dificuldades, imagino... pobre andarilha, tão emaciada e pálida!”

“Ela não é uma pessoa sem educação, eu acho, pelo seu modo de falar; tinha uma entonação bastante pura; e as roupas que ela despiu, embora sujas e molhadas, tinham pouco uso e eram de boa qualidade.”

“Ela tem um rosto singular; por mais descarnado e emaciado que esteja, me agrada bastante; e quando estiver com boa saúde e animada, suponho que terá uma fisionomia agradável.”

Nem uma vez sequer nos diálogos das duas escutei uma única sílaba de arrependimento em relação à hospitalidade que haviam me demonstrado, ou de desconfiança ou aversão à minha pessoa. Isso me reconfortou.

O sr. St. John só apareceu uma vez; olhou para mim e disse que meu estado de letargia era resultado de uma reação ao cansaço excessivo e prolongado. Afirmou que era desnecessário chamar um médico; tinha certeza de que a natureza trabalharia melhor se fosse deixada em paz. Disse que todos os meus nervos tinham sido excessivamente forçados de alguma forma e que o sistema todo devia passar algum tempo num estado de dormência e torpor. Não havia doença alguma. Ele imaginava que minha recuperação, uma vez iniciada, fosse ser bastante rápida. Tais opiniões foram dadas em poucas palavras e com uma voz mansa e baixa; após uma pausa, no tom de um homem pouco afeito a comentários expansivos, ele acrescentou: “Uma fisionomia bem pouco usual; certamente nada nela indica vulgaridade ou degradação”.

“Muito pelo contrário”, respondeu Diana. “Para dizer a verdade, St. John, meu coração até se aquece pela pobre criatura. Queria que pudéssemos ajudá-la de modo permanente.”

“Isso é bastante improvável”, foi a resposta. “Vocês vão descobrir que ela é uma jovem que teve algum mal-entendido com os amigos e que os deixou

de modo provavelmente pouco sensato. Talvez consigamos devolvê-la a eles, se ela não for teimosa; mas distingo no seu rosto traços de força que me deixam cético em relação à sua maleabilidade.” Ele passou alguns minutos me observando, depois acrescentou: “Ela parece sensata, mas não é nem um pouco bonita”.

“Ela está muito doente, St. John.”

“Doente ou com saúde, seria de todo modo sem graça. A graça e a harmonia da beleza estão ausentes de seus traços.”

No terceiro dia, melhorei; no quarto, consegui falar, mover-me, levantar na cama e me virar. Hannah tinha me trazido um pouco de papa e torrada seca por volta, creio eu, da hora do almoço. Eu tinha comido com gosto; a comida estava boa, sem o sabor febril que até então havia envenenado tudo que eu engolira. Quando ela me deixou, senti-me comparativamente forte e revigorada; em pouco tempo, fui impelida pelo tédio do repouso e pelo desejo de ação. Desejei me levantar; mas o que poderia vestir? Apenas minhas roupas úmidas e sujas, com as quais havia dormido no chão e caído no charco. Sentia vergonha de me apresentar vestida daquele jeito diante de meus benfeitores. Fui poupada dessa humilhação.

Numa cadeira junto à cama estavam todas as minhas roupas, limpas e secas. Meu vestido de seda preta estava pendurado na parede. Todos os vestígios de lama tinham sido limpos, os vincos deixados pela chuva alisados; estava bastante decente. Mesmo meus sapatos e meias estavam limpos e novamente apresentáveis. No quarto havia apetrechos para uma toalete, e um pente e uma escova para ajeitar meus cabelos. Após um processo cansativo, e fazendo uma pausa a cada cinco minutos, consegui me vestir. Minhas roupas ficaram largas em mim, pois eu havia emagrecido muito; mas escondi os defeitos com um xale e, mais uma vez com um aspecto limpo e respeitável, sem qualquer vestígio da sujeira, qualquer traço

da desordem que eu tanto odiava e que tanto parecia me degradar, desci sem fazer ruído uma escada de pedra com o auxílio dos corrimões até um corredor estreito e baixo, e em pouco tempo consegui chegar à cozinha.

Ela estava tomada pela fragrância de pão recém-saído do forno e pelo calor de um fogo generoso. Hannah assava os pães. É sabido que os preconceitos são mais difíceis de erradicar de um coração cuja terra jamais foi afofada ou adubada pela educação; ali eles crescem vigorosos como ervas daninhas entre as pedras. No início, é verdade que Hannah se mostrara fria e rígida; agora começava a amolecer um pouco, e ao me ver entrar arrumada e bem-vestida, chegou a sorrir.

“Ora, a senhora se levantou!”, disse ela. “Melhorou, então. Pode se sentar na minha cadeira junto ao fogo, se quiser.”

Apontou para a cadeira de balanço; sentei-me ali. Ela continuou o que estava fazendo, examinando-me de vez em quando com o rabo do olho. Virando-se para mim quando estava tirando alguns pães do forno, perguntou sem rodeios: “Já tinha mendigado antes de vir para cá?”.

Fiquei indignada por alguns instantes; mas ao recordar que a raiva estava fora de cogitação e que eu de fato lhe parecera uma mendiga, respondi com calma, mas ainda assim não sem certa firmeza bem pontuada: “A senhora está enganada ao me tomar por mendiga. Não sou mendiga; não mais do que a senhora ou suas jovens patroas”.

Após uma pausa, ela disse: “Isso eu não entendo; a senhora não tem casa nem cobre, suponho?”.

“A falta de casa e de cobre (imagino que a senhora se refira a dinheiro) não é o que constitui um mendigo no sentido que a senhora dá a essa palavra.”

“É instruída nos livros?”

“Sim, muito.”

“Mas nunca estudou num colégio interno?”

“Passei oito anos num colégio interno.”

Ela arregalou os olhos.

“Por que não consegue ganhar a vida, então?”

“Já ganhei a vida e estou segura de que tornarei a ganhar. O que está fazendo com essas groselhas?”, perguntei ao vê-la trazer um cesto das frutas.

“Tortas.”

“Dê-me aqui, vou catá-las.”

“Não; não quero que a senhora faça nada.”

“Mas preciso fazer alguma coisa. Dê-me aqui.”

Ela aceitou e trouxe até um pano limpo para estender por cima do meu vestido, “para caso”, como falou, “eu o sujasse”.

“Vejo pelas suas mãos que não está acostumada ao trabalho de empregada”, comentou ela. “Por acaso era costureira?”

“Não, está enganada. E agora pouco importa o que eu era; não se preocupe mais comigo. Mas diga-me o nome desta casa em que estamos.”

“Alguns a chamam de Marsh End e alguns a chamam de Moor House.”

“E o cavalheiro que vive aqui se chama sr. St. John?”

“Não; ele não mora aqui. Está só passando um tempo. A casa em que ele mora fica em sua paróquia de Morton.”

“Aquele vilarejo a algumas milhas daqui?”

“Sim.”

“E o que ele é?”

“É pároco.”

Lembrei-me da resposta da velha governanta no presbitério onde eu havia pedido para falar com o pároco. “Esta aqui então era a casa do pai do sr. St. John?”

“Sim; o velho sr. Rivers morava aqui, e antes dele seu pai, seu avô e seu bisavô.”

“Então o nome daquele cavalheiro é sr. St. John Rivers?”

“Sim; St. John é seu nome de batismo.”

“E suas irmãs se chamam Diana e Mary Rivers?”

“Sim.”

“O pai deles morreu?”

“Morreu três semanas atrás de apoplexia.”

“Eles não têm mãe?”

“A patroa morreu faz muitos anos.”

“A senhora mora com a família há muito tempo?”

“Há trinta anos. Cuidei de todos os três.”

“O que indica que deve ter sido uma criada honesta e leal. Isso eu posso dizer a seu favor, apesar de a senhora ter tido a incivilidade de me chamar de mendiga.”

Ela novamente me encarou com um olhar surpreso. “Creio”, falou, “que estava bastante enganada em relação à senhora; mas há tanta trapaça por aí, a senhora precisa me perdoar.”

“E apesar”, continuei, com bastante severidade, “de a senhora ter querido me pôr porta afora numa noite em que não teria deixado nem um cão sem abrigo.”

“Bem, eu fui dura; mas o que deveria ter feito? Pensei mais nas crianças do que em mim, pobrezinhas! Elas não têm ninguém para cuidar delas fora eu. Tenho tendência a ser desconfiada.”

Guardei um silêncio grave durante alguns minutos.

“A senhora não deve pensar mal de mim”, comentou ela outra vez.

“Mas eu penso mal da senhora sim”, falei, “e vou lhe dizer por quê: nem tanto por ter se recusado a me dar abrigo, ou por ter me considerado uma

impostora, mas porque agora mesmo fez uma espécie de reprimenda dizendo que eu não tinha ‘cobre’ nem casa. Algumas das melhores pessoas que já viveram foram tão destituídas quanto eu; e se a senhora for cristã não deveria considerar a pobreza um crime.”

“Não deveria mesmo”, disse ela; “o sr. St. John já me disse isso; e vejo que estava errada... mas agora tenho uma opinião da senhora totalmente diferente da que tinha antes. A senhora parece ser uma moça inteiramente decente.”

“Está bem assim... agora eu a perdoo. Aperte a minha mão.”

Ela pôs a mão enfarinhada e calosa dentro da minha; um outro sorriso ainda mais caloroso iluminou seu rosto rude, e daquele momento em diante nos tornamos amigas.

Era óbvio que Hannah gostava de falar. Enquanto eu catava as frutas e ela preparava a massa para as tortas, foi me proporcionando diversos detalhes sobre seus finados patrões e sobre as “crianças”, como chamava os jovens.

O velho sr. Rivers, segundo ela, era um homem bastante sem graça, mas um cavalheiro, e de uma família das mais antigas que se podia encontrar. Marsh End pertencia aos Rivers desde que existia, e tinha, afirmou ela, “uns duzentos anos de idade... ainda que parecesse apenas um lugar pequeno e singelo, nada comparável ao grande casarão do sr. Oliver lá embaixo em Morton Vale. Mas ela se lembrava de que o pai de Bill Oliver trabalhava como diarista na fábrica de agulhas, enquanto os Rivers eram aristocratas desde os tempos dos Henriques, como poderia constatar qualquer um que fosse examinar os registros na sacristia da igreja de Morton”. No entanto, admitiu ela, “o velho patrão era como todo mundo, nada muito fora do comum: louco por caçadas, pelo trabalho na terra e coisas assim”. A patroa era diferente. Era uma grande leitora e estudava muito; e os “pequenos”

tinham puxado a ela. Não havia nada como eles três por aquelas bandas, nem jamais houvera; todos os três adoravam aprender, e isso quase desde o instante em que haviam aprendido a falar; e sempre tinham sido “de um tipo” especial. Ao crescer, o sr. St. John tinha estudado na universidade e virado pároco; e as meninas, assim que terminaram a escola, tinham ido atrás de emprego como preceptoras, pois haviam lhes dito que o pai alguns anos antes perdera muito dinheiro quando um homem em quem confiava fora à falência, e como agora não era rico o suficiente para lhes dar fortuna, elas precisavam ganhar o próprio sustento. Por muito tempo tinham morado bem pouco em casa, e agora só tinham vindo passar algumas semanas por causa da morte do pai; mas gostavam muito de Marsh End e de Morton, e de todas aquelas charnechas e morros ali em volta. Tinha vivido em Londres e muitas outras grandes cidades, porém sempre diziam que não havia lugar melhor do que o próprio lar, e eram sempre muito agradáveis uma com a outra, nunca se desentendiam nem brigavam. Hannah não sabia se poderia haver família mais unida do que aquela.

Uma vez concluída minha tarefa de catar groselhas, perguntei onde estavam agora as duas senhoras e seu irmão.

“Foram a Morton dar um passeio; mas devem voltar daqui a meia hora para o chá.”

Eles voltaram dentro do horário que Hannah havia previsto; entraram pela porta da cozinha. Ao me ver, o sr. St. John apenas curvou a cabeça e entrou na casa; as duas senhoras pararam. Com poucas palavras, Mary expressou gentil e calmamente o prazer que sentia por me ver disposta o suficiente para descer; Diana segurou minha mão e balançou a cabeça para mim.

“Deveria ter esperado minha autorização para descer”, disse ela. “Ainda está muito pálida... e tão magra! Pobre criança! Pobre menina!”

O tom de voz de Diana soou aos meus ouvidos como o arrulho de uma pomba. A moça tinha uns olhos cuja expressão era para mim um deleite. Seu rosto inteiro me parecia repleto de charme. Mary também tinha um porte inteligente e traços igualmente bonitos, mas sua expressão era mais reservada e seus modos, embora suaves, mais distantes. Diana olhava e falava com certa autoridade; era obviamente voluntariosa. Eu tinha uma natureza propensa a sentir prazer em ceder a uma autoridade firme como a dela e a me curvar, sempre que minha consciência e o respeito próprio permitiam, a uma força de vontade ativa.

“E o que está fazendo aqui?”, continuou ela. “Seu lugar não é na cozinha. Mary e eu ficamos sentadas aqui às vezes, porque em casa gostamos de ser livres, de tomar liberdades até... mas a senhora é visita e precisa ir para a sala.”

“Estou muito bem aqui.”

“Nem um pouco, com Hannah zanzando para lá e para cá e a cobrindo de farinha.”

“Além do mais, o fogo está quente demais para a senhora”, interveio Mary.

“Com certeza”, emendou a irmã. “Venha, precisa obedecer.” E ainda segurando minha mão, ela me fez levantar e me conduziu até o cômodo interno.

“Sente-se aqui”, falou, posicionando-me no sofá, “enquanto tiramos nossas coisas e preparamos o chá; esse é outro privilégio que exercemos quando estamos em nossa casinha na charneca: preparar nossas próprias refeições quando assim preferimos, ou quando Hannah está ocupada assando, fazendo cerveja, lavando ou passando.”

Ela fechou a porta, deixando-me a sós com o sr. St. John, sentado logo em frente com um livro ou jornal na mão. Examinei primeiro a sala, em

seguida seu ocupante.

O recinto era bastante pequeno, mobiliado de modo bem simples, mas confortável, uma vez que limpo e arrumado. As cadeiras antiquadas estavam muito lustrosas, e a mesa de nogueira parecia um espelho. Alguns retratos antigos e estranhos, de homens e mulheres de tempos idos, decoravam as paredes pintadas; um armário com portas de vidro continha alguns livros e um antiquíssimo conjunto de porcelana. Não havia nenhum ornamento supérfluo no recinto, nenhuma peça de mobília moderna a não ser um par de caixas de costura e um atril feminino em jacarandá pousados sobre uma mesa de canto; todo o resto, inclusive o tapete e as cortinas, parecia ao mesmo tempo muito gasto e muito bem conservado.

O sr. St. John, sentado tão imóvel quanto um dos retratos nas paredes, com os olhos fixos na página que lia e os lábios fechados e silenciosos, foi bastante fácil de examinar. Não teria sido mais fácil se ele fosse uma estátua em vez de um homem. Era jovem, devia ter entre vinte e oito e trinta anos, alto e esbelto; seu rosto fascinava o olhar; parecia um rosto grego, com seu contorno muito puro: nariz bem reto e clássico, boca e queixo atenienses. É de fato raro um rosto inglês chegar tão perto dos modelos antigos quanto o dele. Natural que ficasse um pouco chocado com a irregularidade de meus traços, sendo os dele tão harmoniosos. Seus olhos eram grandes e azuis, com cílios castanhos; a testa alta, branca como marfim, estava parcialmente encoberta por mechas soltas de cabelos louros.

Descrição encantadora, não é mesmo, leitor? No entanto, a pessoa a que ela se refere não me dava de modo algum a sensação de ter um temperamento encantador, dócil, influenciável ou mesmo plácido. Por mais parado que agora estivesse, havia algo em suas narinas, na sua boca, no seu cenho, que, segundo minha percepção, indicava elementos de inquietação, dureza ou ansiedade. Ele não me disse uma só palavra nem sequer me

dirigiu um único olhar até suas irmãs voltarem. Ao entrar e sair durante os preparativos do chá, Diana me trouxe um bolinho assado no alto do forno.

“Coma isso agora”, falou; “deve estar com fome. Hannah disse que não comeu nada a não ser um pouco de papa desde o desjejum.”

Não recusei, pois meu apetite estava desperto e ávido. O sr. Rivers então fechou o livro, se aproximou da mesa e, enquanto se acomodava numa cadeira, cravou em cheio em mim seus olhos azuis dignos de um retrato. Era um olhar tão pouco cerimonioso e direto, tão perscrutador, tão firme e decidido, que ficou claro ter sido a intenção, e não a timidez, que até ali o mantivera afastado da forasteira.

“Está com muita fome”, disse ele.

“Estou, sim, senhor.” É meu costume — sempre foi meu costume, por instinto — responder a perguntas breves com respostas breves, a perguntas diretas com respostas simples.

“Foi bom uma febre baixa a ter forçado a se abster nos últimos três dias; teria sido perigoso no início ceder às exigências do seu apetite. Agora pode comer, embora não sem moderação.”

“Estou confiante de que não comerei por muito tempo às suas custas, senhor”, foi minha resposta muito canhestra e tosca.

“Não”, disse ele, calmo; “assim que nos tiver indicado onde residem seus amigos, poderemos lhes escrever, e a senhora poderá voltar para casa.”

“Isso, preciso lhe dizer claramente, não tenho como fazer, já que não tenho absolutamente nenhuma casa e nenhum amigo.”

Os três olharam para mim, mas não com desconfiança; senti que não havia suspeita no seu olhar, e sim curiosidade. Refiro-me em especial às jovens senhoras. Os olhos de St. John, embora bastante claros no sentido literal, eram difíceis de interpretar no sentido figurado. Ele parecia usá-los mais como instrumentos para vasculhar os pensamentos alheios do que

como agentes para revelar os seus, e sua combinação de argúcia e reserva era calculada consideravelmente mais para constranger do que para incentivar.

“Está querendo dizer”, indagou ele, “que se encontra totalmente isolada de todo vínculo?”

“Sim. Laço nenhum me prende a ser vivo algum; não posso reivindicar ser recebida debaixo de nenhum teto da Inglaterra.”

“Situação das mais singulares na sua idade!”

Nesse momento vi seu olhar se dirigir para minhas mãos, que estavam unidas sobre a mesa à minha frente. Perguntei-me o que estaria buscando ali; suas palavras logo explicaram a dúvida.

“A senhorita nunca foi casada? Ainda é solteira?”

Diana riu.

“Ora, St. John, ela não pode ter mais de dezessete ou dezoito anos”, disse.

“Tenho quase dezenove; mas não, não sou casada.”

Senti um rubor ardente me subir ao rosto, pois a alusão ao casamento despertou em mim lembranças amargas e perturbadoras. Todos testemunharam meu embaraço e minha emoção. Diana e Mary me salvaram voltando os olhos para outro lugar que não meu rosto afogueado, mas o irmão, mais frio e severo, continuou a me encarar até que a agitação que ele provocara me arrancasse lágrimas, além do rubor.

“Onde foi sua última residência?”, perguntou ele então.

“Você está fazendo perguntas demais, St. John”, murmurou Mary em voz baixa; mas ele se debruçou na mesa e exigiu resposta com um segundo olhar firme e penetrante.

“O nome do lugar onde eu morava e da pessoa com quem eu morava é um segredo meu”, respondi, concisa.

“Que, se a senhorita quiser, tem, na minha opinião, o direito de guardar, tanto de St. John como de qualquer outra pessoa que pergunte”, observou Diana.

“Mas se eu não souber nada sobre sua história, não poderei ajudá-la”, disse ele. “E a senhorita precisa de ajuda, não precisa?”

“Preciso, e o que estou buscando, senhor, é algum verdadeiro filantropo que me ajude a conseguir um trabalho que eu possa fazer, e cuja remuneração possa me proporcionar sustento, mesmo que suprimindo apenas as necessidades mais básicas da vida.”

“Não sei se sou um verdadeiro filantropo, mas estou disposto a ajudá-la, no que estiver em meu poder, a alcançar tão honesto objetivo. Primeiro me diga o que tem o costume de fazer e o que *é capaz* de fazer.”

A essa altura eu já tinha engolido meu chá. Estava muito revigorada pela bebida, tanto quanto um gigante pelo vinho; ela proporcionara a meus nervos em frangalhos um tônus renovado e permitiu que eu me dirigisse com firmeza àquele penetrante e jovem juiz.

“Sr. Rivers”, falei, virando-me para ele e encarando-o da maneira como ele me encarava, abertamente e sem timidez, “o senhor e suas irmãs me fizeram um imenso favor, o maior que qualquer homem pode fazer ao seu semelhante: com sua nobre hospitalidade, salvaram-me da morte. Essa boa ação lhes dá um direito ilimitado à minha gratidão, e um direito, até certo ponto, às minhas confidências. Vou lhes contar tanto da história da andarilha a quem deram abrigo quanto puder sem comprometer minha paz de espírito... além de minha segurança, tanto moral quanto física, e a de outras pessoas.

“Sou órfã, filha de um cura. Meus pais morreram antes de eu poder conhecê-los. Fui criada como dependente e educada numa instituição de caridade. Vou lhes dizer até o nome do estabelecimento no qual passei seis

anos como aluna e dois como professora: o Asilo para Órfãos de Lowood, em ***shire; talvez já tenha ouvido falar, não, sr. Rivers? O tesoureiro é o reverendo Robert Brocklehurst.”

“Já ouvi falar no sr. Brocklehurst e já visitei a escola.”

“Saí de Lowood faz quase um ano para ser preceptora. Consegui um bom emprego e estava feliz. Esse lugar fui obrigada a deixar quatro dias antes de chegar aqui. O motivo de minha partida não posso nem devo explicar; seria inútil, perigoso, e soaria impossível de acreditar. Nenhuma culpa recai sobre mim; estou tão livre de responsabilidade quanto qualquer um de vocês três. Estou, isso sim, infeliz, e assim devo continuar por um tempo, pois a catástrofe que me tirou de uma casa que eu havia considerado um paraíso foi de natureza estranha e penosa. Tive apenas duas preocupações ao planejar minha partida: rapidez e segredo; para garanti-las, fui obrigada a deixar para trás tudo o que possuía, com exceção de um pequeno embrulho que, em meio a toda a pressa e aflição, esqueci de tirar da diligência que me levou até Whitcross. Cheguei portanto a esta região inteiramente destituída. Dormi duas noites ao relento e passei dois dias andando sem rumo, sem cruzar soleira alguma. Mas por duas vezes ao longo desse intervalo de tempo pude sentir gosto de comida, e foi quando a fome, a exaustão e o desespero tinham me conduzido quase ao último suspiro que o senhor, sr. Rivers, me impediu de morrer de inanição em frente à sua porta e me acolheu sob o abrigo do seu teto. Sei tudo o que suas irmãs fizeram por mim desde então, pois não fiquei insensível durante meu aparente torpor, e tenho para com a compaixão espontânea, genuína e bondosa delas uma dívida tão grande quanto com sua caridade cristã.”

“Não a faça falar mais agora, St. John”, disse Diana, quando fez uma pausa; “ela obviamente ainda não está forte o suficiente para se exaltar. Agora venha até o sofá e sente-se, srta. Elliott.”

Tive um pequeno sobressalto involuntário ao ouvi-la chamar-me assim; tinha esquecido meu novo nome. O sr. Rivers, a quem nada parecia escapar, reparou na hora.

“A senhorita falou que se chama Jane Elliott”, observou.

“Sim; e é esse o nome pelo qual acho melhor ser chamada por enquanto. Mas não é meu nome verdadeiro, e me soa estranho quando o escuto.”

“A senhorita não quer revelar seu nome verdadeiro?”

“Não; a coisa que mais temo é ser descoberta. E evito qualquer revelação que possa levar a isso.”

“Tenho certeza de que está certa”, falou Diana. “Agora deixe-a um pouco em paz, irmão.”

Após refletir por alguns instantes, porém, St. John recomeçou a falar de modo tão imperturbável e arguto quanto antes.

“A senhorita não gostaria de continuar por muito tempo dependente da nossa hospitalidade; posso ver que desejaria dispensar assim que possível a compaixão de minhas irmãs e acima de tudo minha *caridade* (percebo perfeitamente a distinção entre as duas coisas e não há ressentimento da minha parte; é uma distinção justa). Deseja ser independente de nós?”

“Sim; já falei que sim. Mostrem-me como trabalhar ou como procurar trabalho; é tudo o que peço agora. Depois deixem-me ir, ainda que seja para o mais reles casebre, mas *até lá* permitam que eu fique aqui; uma nova experiência dos horrores da miséria e da falta de um teto é algo que me apavora.”

“A senhorita *vai ficar* aqui, sim”, disse Diana, pondo sua branca mão sobre minha cabeça.

“*Vai ficar*, sim”, repetiu Mary no tom de sinceridade natural que parecia ser sua característica.

“Está vendo que para minhas irmãs é um prazer mantê-la aqui”, disse o sr. St. John, “assim como teria sido para elas um prazer abrigar e se afeiçoar a um passarinho parcialmente congelado que algum vento de inverno tivesse feito entrar pela sua janela. Já *eu* me sinto mais inclinado a ajudá-la a encontrar um meio de ganhar seu sustento, e para isso me esforçarei; mas meu raio de influência é exíguo, veja bem. Sou apenas o vigário de uma paróquia rural pobre; meu auxílio será dos mais humildes. E se a senhorita tiver tendência a desprezar o dia das pequenas coisas, busque um socorro mais eficiente que aquele que posso oferecer.”

“A srta. Elliot já disse que está disposta a fazer qualquer coisa honesta que *seja capaz* de executar”, respondeu Diana por mim; “e você sabe que ela não tem como escolher os que a ajudam, St. John; é forçada a aguentar pessoas mal-humoradas como você.”

“Posso costurar; posso remendar; posso trabalhar como criada; posso até cuidar de doentes caso não consiga nada melhor”, respondi.

“Certo”, disse o sr. St. John sem se alterar. “Se for essa a sua disposição, prometo ajudá-la, no meu tempo e ao meu modo.”

Ele então retomou a leitura do livro com o qual estivera ocupado antes do chá. Não demorei a me recolher, pois tinha falado tanto e ficado tão acordada quanto permitiam minhas forças atuais.

XXX

Quando mais eu conhecia os habitantes de Moor House, mais gostava deles. Em poucos dias tinha recuperado minha saúde a ponto de conseguir passar o dia inteiro sentada e sair de casa às vezes. Podia me juntar a Diana e Mary em todas as suas atividades, conversar com elas o quanto quisessem e ajudá-las quando e onde me permitissem. Havia nessa interação um prazer revigorante de um tipo que eu agora experimentava pela primeira vez: o prazer advindo de uma perfeita afinidade de gosto, sentimentos e princípios.

Eu gostava de ler o que elas gostavam de ler; o que elas apreciavam me causava deleite; o que elas valorizavam eu reverenciava. Elas amavam aquele seu lar isolado. Também encontrei na estrutura cinza, pequena e antiga — com seu telhado baixo, suas janelas de treliça, suas paredes bolorentas, sua avenida de velhos abetos todos inclinados devido à pressão dos ventos de montanha, seu jardim escuro de teixo e azevinho onde não crescia nenhuma flor exceto as espécies mais resistentes —, um charme ao mesmo tempo forte e permanente. Elas eram afeiçoadas às charnecas roxas atrás e ao redor da casa, ao fundo vale rumo ao qual descia a trilha de pedrinhas que saía de seu portão, e que serpenteava primeiro entre as samambaias, depois entre alguns dos pequenos pastos mais selvagens que jamais margearam uma floresta de urze ou jamais deram sustento a um

rebanho de ovelhas cinzas das charnecas com seus pequenos cordeiros de rosto musguento; a essa paisagem eram afeiçoadas, afirmo, com um afeto pleno de entusiasmo. Eu podia compreender o sentimento, e compartilhava tanto sua força quanto sua verdade. Podia ver em que constituía o fascínio daquela região. Podia sentir a santidade da sua solidão; meus olhos se deliciavam com o contorno dos morros e vales, com o colorido selvagem dado à linha das montanhas e ao seu sopé pelo musgo, pela urze em botão, pela grama salpicada de flores, pelas lustrosas samambaias e pelos suaves penhascos de granito. Esses detalhes constituíam para mim exatamente o que constituíam para elas: numerosas fontes de prazer, puras e deleitáveis. O vento forte e a brisa suave, o dia de tormenta e o dia de sol, as horas da aurora e do poente, o luar e a noite nublada adquiriram para mim, naquela região, o mesmo poder de atração que para elas, e lançaram sobre meus sentidos o mesmo feitiço que prendia os delas.

Dentro de casa nos entendíamos igualmente bem. Eram ambas mais experientes do que eu na leitura e mais letradas, mas segui entusiasmada o caminho de conhecimento que elas já haviam trilhado antes de mim. Devorava os livros que me emprestavam, depois era uma grande satisfação discutir com elas à noite sobre aquilo que lera durante o dia. Nossos pensamentos se encaixavam; nossas opiniões eram as mesmas; em suma, coincidíamos de modo perfeito.

Se em nosso trio havia uma superior e líder, era Diana. Fisicamente, ela me superava em muito: era bela, vigorosa. Em sua disposição animal havia uma abundância de vida e uma fluidez segura que me causavam assombro e desafiavam minha compreensão. Eu podia falar um pouco quando a noite começava, mas passado o primeiro jato de vivacidade e eloquência, gostava de me sentar num banquinho aos pés de Diana para descansar a cabeça no seu joelho e ficar escutando ora ela, ora Mary enquanto as duas discorriam

longamente sobre o assunto que eu só fizera tocar. Diana se ofereceu para me ensinar alemão. Gostei de aprender com ela; pude ver que o papel de instrutora lhe agradava e lhe convinha, e o de estudante agradava e convinha igualmente a mim. Nossos temperamentos se encaixavam à perfeição; o resultado foi um afeto mútuo do tipo mais forte que pode haver. Quando elas descobriram que eu sabia desenhar, seus lápis e aquarelas foram imediatamente postos à minha disposição. Minhas habilidades, que nesse quesito superavam as delas, as deixaram surpresas e encantadas. Mary sentava-se e passava horas me observando; depois recebia aulas, e mostrava-se uma aluna dócil, inteligente e aplicada. Assim ocupadas e mutuamente entretidas, os dias passaram como se fossem horas, e as semanas como se fossem dias.

Quanto ao sr. St. John, a intimidade que havia nascido de modo tão natural e rápido entre mim e suas irmãs não se estendeu a ele. Um dos motivos para a distância que ainda havia entre nós era que, comparativamente, ficava pouco em casa; grande parte do seu tempo parecia dedicada a visitar os doentes e pobres da população dispersa da sua paróquia.

Clima nenhum parecia impedi-lo de fazer essas excursões pastorais: chovesse ou fizesse sol, uma vez encerradas suas horas de estudo matinais, ele pegava seu chapéu e, seguido pelo velho pointer do pai, Carlo, saía na sua missão de amor ou dever — não sei muito bem como ele a via. Às vezes, quando o dia estava muito feio, suas irmãs reclamavam. Ele então dizia, com um sorriso singular mais solene do que alegre: “E se eu permitir que uma rajada de vento ou algumas gotas de chuva me desviem dessas tarefas fáceis, que tipo de preparação seria essa preguiça para o futuro que tenho em mente para mim?”.

A resposta de Diana e Mary para essa pergunta em geral eram um suspiro e alguns minutos de meditação aparentemente pesarosa.

Além das ausências frequentes, contudo, havia outra barreira que impedia minha amizade com o sr. St. John: ele parecia ter uma índole reservada, introspectiva, retraída até. Zeloso em seu trabalho de cura, irrepreensível na vida e nos hábitos, mesmo assim não parecia gozar daquela serenidade mental, daquele contentamento interno que deveriam constituir a recompensa de todo cristão sincero e filantropo na prática. Muitas vezes, à noite, sentado na janela diante da sua escrivaninha e dos seus papéis, ele parava de ler ou de escrever, apoiava o queixo na mão e se entregava a não sei qual linha de pensamento, mas era possível ver nos lampejos frequentes e na dilatação cambiante de seus olhos que ela era perturbadora e emocionante.

Acredito, além disso, que a natureza não constituía para ele a mesma fonte de prazer que para suas irmãs. Ele exprimiu certa vez, e apenas uma que eu tenha escutado, uma forte impressão em relação ao charme rústico dos morros e um afeto nato pelo telhado escuro e pelas paredes acinzentadas que chamava de lar, mas havia mais pessimismo do que prazer no tom e nos termos com os quais o sentimento foi manifestado, e nem sequer uma vez ele pareceu percorrer as charnecas por causa do seu silêncio apaziguador, ou buscar ou aproveitar os mil deleites tranquilos que elas podiam proporcionar.

Por ele ser tão pouco comunicativo, algum tempo transcorreu antes de eu ter oportunidade de avaliar o que pensava. A primeira vez em que tive uma ideia do teor de seus pensamentos foi quando o ouvi pregar na sua própria igreja em Morton. Gostaria de poder descrever esse sermão, mas isso está além da minha capacidade. Não posso sequer transmitir fielmente o efeito que ele produziu em mim.

O sermão começou calmo, e na verdade, no que tange ao ritmo e ao timbre da voz, permaneceu calmo até o fim; um zelo fervoroso, porém muito contido, logo se misturou às palavras perfeitamente articuladas e fez a linguagem se tornar mais nervosa. Isso foi ficando mais forte: comprimido, condensado, controlado. O coração se empolgava e a mente se espantava com o poder do orador; nenhum dos dois amolecia. O discurso inteiro foi permeado por uma estranha amargura, por uma ausência de brandura consoladora; as severas alusões a doutrinas calvinistas — eleição, predestinação, reprovação — eram frequentes, e cada referência a um desses pontos parecia o pronunciamento de uma sentença maldita. Depois que terminou, em vez de me sentir melhor, mais calma e mais esclarecida pelo discurso que acabara de ouvir, experimentei uma tristeza inexprimível, pois me pareceu — não sei se o mesmo aconteceu com os outros — que aquela eloquência saíra de profundezas ocupadas pela borra turva da decepção, onde se moviam os perturbadores impulsos de anseios não saciados e de aspirações inquietantes. Tive certeza de que St. John Rivers — por mais pura que fosse sua vida, por mais bem-intencionada e zelosa que fosse sua pessoa — ainda não encontrara aquela paz de Deus que excede todo o entendimento; não a encontrara tanto quanto eu, pensei, com o intenso e oculto pesar que sentia por meu ídolo quebrado e por meu paraíso perdido, pesar ao qual ultimamente evitava aludir, mas que me possuía e me tiranizava sem dó.

Enquanto isso, um mês se passou. Diana e Mary em breve iriam embora de Moor House e voltariam à vida e ao cenário diferente que as aguardavam como preceptoras numa cidade grande e elegante no Sul da Inglaterra, onde cada qual tinha seu emprego com famílias por cujos ricos e altivos membros eram consideradas humildes subordinadas, famílias que não conheciam nem buscavam conhecer nenhum de seus talentos natos,

valorizando apenas suas prendas adquiridas da mesma forma que valorizavam a habilidade da sua cozinheira ou o bom gosto da sua dama de companhia. O sr. St. John ainda não me dissera nada em relação ao emprego que prometera conseguir para mim; no entanto, começava a se fazer urgente eu ter algum tipo de trabalho. Certa manhã, ao ficar a sós na sala com ele por alguns minutos, aventurei-me a me aproximar do nicho junto à janela onde sua mesa, sua cadeira e sua escrivaninha formavam uma espécie de escritório; e estava prestes a falar, embora ainda não soubesse muito bem com que palavras formular minha pergunta — pois às vezes é difícil quebrar o gelo da reserva que recobre temperamentos como o do sr. St. John — quando ele me poupou do esforço, sendo o primeiro a iniciar uma conversa.

Erguendo os olhos quando me aproximei, perguntou: “A senhorita tem uma pergunta a me fazer?”.

“Sim. Gostaria de saber se ouviu falar de algum serviço ao que eu possa me candidatar.”

“Encontrei ou inventei algo para a senhorita três semanas atrás, mas, como parecia ao mesmo tempo útil e feliz aqui — como minhas irmãs obviamente se afeiçoaram à sua pessoa e sua companhia lhes proporcionava um prazer incomum —, achei que não convinha interromper seu conforto mútuo até a partida próxima delas de Marsh End tornar a sua necessária.”

“E elas agora partem daqui a três dias, não?”, falei.

“Sim; e quando partirem voltarei para o presbitério de Morton; Hannah irá comigo; e esta velha casa será fechada.”

Aguardei alguns instantes, imaginando que ele fosse continuar o assunto mencionado, mas ele pareceu ter embarcado em outra linha de pensamento; seu olhar denotava um alheamento em relação a mim e ao meu assunto. Fui

obrigada a chamá-lo de volta ao tema pelo qual necessariamente tinha um interesse íntimo e aflito.

“Qual era o trabalho que o senhor tinha em mente, sr. Rivers? Espero que esse atraso não tenha aumentado a dificuldade de consegui-lo.”

“Ah, não, já que se trata de um emprego que depende apenas de mim dar e apenas de a senhorita aceitar.”

Ele fez outra pausa e pareceu relutar em prosseguir. Comecei a me impacientar; um ou dois movimentos nervosos e um olhar ansioso e penetrante cravado no seu rosto lhe transmitiram essa sensação de modo tão eficiente quanto palavras poderiam ter feito, e com menos dificuldade.

“Não precisa se apressar em saber”, disse ele; “vou lhe dizer com franqueza: não tenho nada de agradável ou lucrativo para sugerir. Antes de eu explicar, lembre-se por favor do meu aviso, dado logo de início, de que se eu a ajudasse seria como o cego ajudando o aleijado. Sou pobre, pois descobri que, depois de ter pagado as dívidas do meu pai, meu único patrimônio será esta casa caindo aos pedaços, a fileira de abetos maltratados atrás dela e seu trecho de charneca com os teixos e os arbustos de azevinho na frente. E sou desconhecido; Rivers é um sobrenome antigo, mas dos três únicos descendentes da raça duas ganham o pão como subordinadas na casa de desconhecidos e o terceiro se considera um estrangeiro em seu país natal, não apenas durante a vida, mas na morte também. Sim, e ele se considera e sempre vai se considerar honrado com esse destino, almejando apenas o dia em que a cruz da separação das amarras da carne será posta nos seus ombros, e em que o Chefe daquela Igreja militante da qual ele é um dos membros mais humildes dirá as palavras: ‘Levante-se, venha Comigo!’.”

St. John disse essas palavras do mesmo modo que fazia seus sermões: numa voz baixa e grave, com a face sem rubor e um brilho coruscante no olhar. Retomou: “E como eu próprio sou pobre e desconhecido, só posso

lhe oferecer um trabalho de pobreza e anonimato. *A senhorita* pode até considerá-lo degradante, pois vejo agora que seus hábitos são aquilo que o mundo chama de refinados: seus gostos tendem ao ideal, e a senhorita conviveu com pessoas que no mínimo tiveram educação; mas eu não considero degradante nenhum serviço capaz de melhorar nossa raça. Na minha opinião, quanto mais árido e abandonado o solo que o dever de aragem atribuiu ao agricultor cristão, quanto mais escassa a recompensa que seu trabalho proporcionar, maior a honra. Seu destino, nessas circunstâncias, é o mesmo dos pioneiros; e os primeiros pioneiros do Evangelho foram os Apóstolos... seu capitão foi o Cristo Redentor em pessoa”.

“E então?”, falei quando ele mais uma vez se calou; “continue.”

Ele me encarou antes de prosseguir; na verdade, pareceu estar lendo meu rosto como se seus traços e linhas fossem caracteres numa página. A conclusão tirada do exame foi parcialmente expressada nos comentários seguintes.

“Creio que a senhorita aceitará o cargo que vou lhe oferecer”, disse ele, “e que vai mantê-lo por um tempo, mas não de modo permanente, não mais do que eu poderia ocupar para sempre o estreito e limitador, o tranquilo e obscuro cargo de cura na zona rural da Inglaterra; pois na sua natureza existe uma liga tão pouco afeita ao repouso quanto na minha, embora de um tipo diferente.”

“Queira explicar”, pedi quando ele mais uma vez parou.

“Vou explicar; e a senhorita vai ver quão pobre é a proposta, quão trivial e restritiva. Agora que meu pai morreu e que sou dono de mim mesmo, não ficarei mais muito tempo em Morton. Provavelmente deixarei o vilarejo nos próximos doze meses, mas enquanto lá estiver me esforçarei ao máximo pela sua melhoria. Quando lá cheguei dois anos atrás, Morton não tinha

escola; os filhos dos pobres eram excluídos de qualquer esperança de progresso. Criei uma escola para meninos, e agora tenho a intenção de abrir uma segunda, para meninas. Aluguei uma construção para isso, com uma casinha de dois cômodos anexa para servir de residência à professora. O salário dela será de trinta libras por ano; sua casa já está mobiliada de modo bem simples, mas suficiente, graças à generosidade de uma dama chamada srta. Oliver, filha única do único homem rico da minha paróquia: o sr. Oliver, dono de uma fábrica de agulhas e fundição de ferro no vale. A mesma dama financia a educação e as roupas de uma órfã do asilo com a condição de que ela auxilie a professora nas pequenas tarefas ligadas à sua própria residência e à escola, uma vez que as obrigações de ensino impedirão a professora de ter tempo para desempenhá-las pessoalmente. A senhorita aceita ser essa professora?”

Ele fez a pergunta de modo um tanto apressado; quase parecia esperar uma rejeição indignada ou no mínimo desdenhosa da proposta; sem conhecer todos os meus pensamentos e sentimentos, embora pudesse adivinhar alguns, não sabia dizer o que eu acharia daquela vida. De fato era uma vida humilde, mas protegida, e eu queria um abrigo seguro; o trabalho era árduo, mas, comparado ao de preceptora numa residência rica, era independente, e o medo de ser a serviçal de algum desconhecido penetrava minha alma como ferro; não era um trabalho ignóbil, não era indigno nem mentalmente degradante. Tomei minha decisão.

“Agradeço-lhe pela proposta, sr. Rivers, e a aceito de todo o coração.”

“Mas a senhorita está me entendendo?”, disse ele. “É uma escola num povoado; suas alunas serão meninas pobres, as filhas dos camponeses, no melhor dos casos dos agricultores. Terá de ensinar apenas a tricotar, costurar, ler, escrever e contar. O que fará com suas prendas? O que fará com a maior parcela da sua mente, com seus sentimentos e gostos?”

“Guardarei para quando forem necessários. Eles vão se conservar.”

“Sabe então o que está aceitando?”

“Sei, sim.”

Ele sorriu, e não foi um sorriso amargurado nem triste, mas um sorriso satisfeito e de profunda gratificação.

“E quando vai começar o exercício da sua função?”

“Vou para a casa amanhã e, se o senhor quiser, abrirei a escola na semana que vem.”

“Muito bem, que assim seja.”

Ele se levantou e percorreu a sala. Parou, e mais uma vez olhou para mim. Balançou a cabeça.

“O que o desagrada, sr. Rivers?”, indaguei.

“A senhorita não vai ficar muito tempo em Morton. Não, não vai!”

“Por quê? Que motivo tem para dizer isso?”

“Posso ler nos seus olhos. Não são de um tipo que promete manter o mesmo curso ao longo da vida.”

“Não sou ambiciosa.”

A palavra “ambiciosa” o sobressaltou. Repetiu: “Não. O que a fez pensar em ambição? Quem é ambicioso? Sei que eu sou, mas como a senhorita descobriu?”.

“Estava me referindo a mim mesma.”

“Bem, se a senhorita não é ambiciosa, então é...” Ele fez uma pausa.

“O quê?”

“Eu ia dizer arrebatada, mas a senhorita poderia compreender mal a palavra e ficar contrariada. O que eu quero dizer é que os afetos e afinidades humanos exercem sobre a senhorita um forte poder. Tenho certeza de que não deve se contentar por muito tempo em passar suas horas de lazer sozinha e em dedicar suas horas de trabalho a uma tarefa monótona

totalmente desprovida de estímulo. Não mais do que eu me contentaria”, acrescentou ele com ênfase, “em viver aqui enterrado num pântano, encarcerado por montanhas... com minha índole dada por Deus contrariada, com minhas faculdades concedidas pelos Céus paralisadas e inutilizadas. Pode ouvir agora como eu me contradigo, eu que pregava o contentamento com uma vida humilde e justificava até mesmo a vocação dos que cortam madeira e dos que buscam água para servir a Deus... eu, Seu sacerdote ordenado, chego quase a delirar tamanha minha inquietação. Bem, as inclinações e os princípios precisam ser reconciliados de alguma forma.”

St. John se retirou. Naquela curta hora eu ficara sabendo mais a seu respeito do que em todo o mês anterior, mas mesmo assim ele continuava a me intrigar.

Diana e Mary Rivers foram ficando mais tristes e mais caladas conforme se aproximava o dia de se despedir de seu irmão e da casa. Ambas tentaram aparentar normalidade, mas a tristeza contra a qual precisavam lutar não podia ser totalmente derrotada nem escondida. Diana deu a entender que aquela seria uma separação diferente de qualquer outra que já tinham experimentado até então. Provavelmente duraria anos no que dizia respeito a St. John; talvez a vida inteira.

“Ele vai sacrificar tudo às decisões que tomou tempos atrás”, disse ela, “tanto o afeto natural quanto sentimentos ainda mais potentes. St. John parece calmo, Jane, mas dentro de si esconde uma febre. Você poderia pensar que ele é suave, mas em algumas coisas é tão inexorável quanto a morte, e o pior de tudo é que minha consciência não me permite dissuadi-lo da sua severa decisão; com certeza nem por um instante posso culpá-lo por ela. É uma decisão correta, nobre e cristã, mas apesar disso ela me parte o coração!” E as lágrimas jorraram de seus belos olhos. Mary curvou a cabeça bem baixa, acima da sua costura.

“Agora estamos sem pai. Em breve ficaremos sem casa e sem irmão”, murmurou ela.

Naquele instante sobreveio um pequeno acidente que pareceu enviado pelo destino justamente para demonstrar a verdade do ditado que diz que “o infortúnio nunca anda só”, e para acrescentar às suas preocupações aquela irritante de que nada na vida está garantido. St. John passou pela janela lendo uma carta, depois entrou.

“Nosso tio John morreu”, falou.

Ambas as irmãs pareceram abaladas. Não chocadas nem consternadas; a emoção que surgiu em seus olhos foi mais de expectativa do que de aflição.

“Morreu?”, repetiu Diana.

“Isso mesmo.”

Ela voltou um olhar inquisitivo para o rosto do irmão. “E então?”, perguntou em voz baixa.

“E então o quê, Di?”, respondeu ele, mantendo os traços tão imóveis quanto se fossem de mármore. “E então? Ora... então nada. Leia.”

Ele jogou a carta no colo da irmã. Ela passou os olhos pelo texto e a entregou a Mary, que leu em silêncio e devolveu a carta ao irmão. Todos os três se entreolharam e todos os três sorriram... um sorriso deveras pesaroso e pensativo.

“Amém! Ainda temos como viver”, disse Diana por fim.

“De toda forma, isso não nos deixa numa situação pior do que a de antes”, observou Mary.

“Só reforça muito na mente a imagem do que *poderia ter sido*”, disse o sr. Rivers, “e a contrasta um pouco vividamente demais com o que de fato é.”

Ele dobrou a carta, trancou-a na escrivaninha e tornou a sair.

Durante alguns minutos, ninguém disse nada. Diana então se virou para mim.

“Você deve estar nos achando estranhos com nossos mistérios, Jane”, disse ela, “e deve estar nos achando pessoas sem coração por não estarmos mais comovidos com a morte de um parente tão próximo quanto um tio; mas é que nunca o vimos nem o conhecemos. Tio John era irmão da minha mãe. Meu pai e ele brigaram muito tempo atrás. Foi ele quem aconselhou meu pai a arriscar a maior parte de seus bens na especulação que o levou à ruína. Os dois se recriminaram mutuamente, separaram-se com raiva e nunca mais fizeram as pazes. Depois disso meu tio entrou em negócios mais prósperos, e parece que juntou uma fortuna de vinte mil libras. Nunca se casou e não tinha nenhum parente próximo, exceto nós e outra pessoa, com quem sua relação não era mais próxima do que conosco. Meu pai sempre acalentou a esperança de que ele um dia fosse se redimir do seu erro deixando seus bens para nós; e essa carta nos informa que ele deixou até o último pênny para o outro parente, com exceção de trinta guinéus a serem divididos entre St. John, Diana e Mary Rivers, para a aquisição de três anéis de luto. É claro que ele tinha o direito de fazer o que bem entendesse, mas mesmo assim a chegada de uma notícia dessas é desanimadora durante algum tempo. Mary e eu teríamos nos considerado ricas com mil libras cada uma; e para St. John a soma teria sido valiosa pelo bem que teria permitido que fizesse.”

Dada essa explicação, o assunto foi encerrado, e nenhuma outra referência foi feita a ele nem pelo sr. Rivers nem por suas irmãs. No dia seguinte fui embora de Marsh End com destino a Morton. No outro, Diana e Mary partiram rumo à distante B***. Em uma semana mais, o sr. Rivers e Hannah se mudaram para o presbitério. E assim a velha granja foi abandonada.

Meu lar, portanto, quando finalmente encontrei um, é uma casa simples: um cômodo pequeno de paredes caiadas e piso de madeira lixado com quatro cadeiras pintadas e uma mesa, um relógio de pé, um armário com dois ou três pratos e travessas, e um serviço de chá em cerâmica esmaltada. No andar de cima, um quarto com as mesmas dimensões da cozinha, mobiliado com uma cama de madeira simples e uma cômoda no mesmo feitio, pequena, mas mesmo assim grande demais para acomodar meu escasso guarda-roupa, embora a gentileza de minhas bondosas e generosas amigas o tenha incrementado com um estoque modesto dos itens necessários.

É início de noite. Dispensei, mediante a remuneração de uma laranja, a pequena órfã que trabalha para mim como empregada. Estou sentada sozinha diante do fogo na cozinha. A escola do vilarejo abriu hoje de manhã. Tive vinte alunas. Dessas, apenas três sabem ler; nenhuma sabe escrever ou contar. Várias tricotam, algumas costuram um pouco. Todas falam com fortíssimo sotaque da região. No presente momento elas e eu temos dificuldade para compreender a linguagem umas das outras. Algumas têm maus modos, e além de ignorantes são rudes e intratáveis; outras porém são dóceis, têm desejo de aprender e demonstram uma disposição que me agrada. Não posso esquecer que essas pequenas camponesas vestidas com

roupas grosseiras são tão de carne e osso quanto os ramos da mais nobre genealogia, e que as sementes da excelência, do refinamento, da inteligência e da bondade natos têm tanta probabilidade de existir em seus corações quanto nos das mais bem-nascidas. Meu dever será desenvolver essas sementes; com certeza encontrarei alguma felicidade no exercício desse dever. Não espero muito prazer da vida que se abre à minha frente, mas ela sem dúvida me proporcionará o suficiente para viver de um dia para o outro se eu controlar minha mente e exercer meus poderes como devo.

Por acaso senti grande alegria, paz e contentamento durante as horas passadas pela manhã e à tarde naquela sala de aula nua e singela? Para não enganar a mim mesma, devo responder que não; senti-me um tanto desolada. Senti-me, sim, idiota que sou, senti-me degradada. Pensei talvez ter dado um passo que me fizera afundar, em vez de me fazer subir na escala da existência social. Fiquei inteiramente consternada com a ignorância, a pobreza e a grosseria de tudo o que escutei e vi ao meu redor. Mas não vou odiar nem desprezar excessivamente a mim mesma por esses sentimentos; sei que eles são errados, e isso já é um grande passo; tentarei superá-los. Acho que amanhã já terei conseguido derrotá-los em parte, e daqui a algumas semanas, quem sabe, estarão bastante atenuados. É possível que daqui a alguns meses a felicidade de ver a evolução e uma mudança para melhor em minhas alunas venha a substituir a repulsa com gratificação.

Enquanto isso, devo fazer uma pergunta para mim mesma: o que é melhor? Ter cedido à tentação, dado ouvidos à paixão, não haver feito nenhum esforço doloroso, não ter lutado, e sim afundado na sedosa armadilha, adormecido por cima das flores que a cobriam, acordado num clima meridional em meio aos luxos de uma agradável *villa*? Estar agora morando na França como amante do sr. Rochester, delirando de amor

durante metade do tempo — pois ele teria, ah, sim, teria me amado bem por algum tempo. Ele me *amou* — ninguém nunca mais vai me amar assim. Nunca mais conhecerei a doce homenagem prestada à beleza, à juventude e à graça, pois nunca, para mais ninguém, parecerei possuir esses charmes. Ele sentia por mim carinho e orgulho, coisa que homem nenhum a não ser ele jamais sentirá. Mas que devaneios são esses, o que estou dizendo e, acima de tudo, sentindo? O que é melhor, pergunto eu: ser uma escrava num paraíso para tolos em Marselha, num instante febril com uma alegria ilusória, no seguinte sufocando com as mais amargas lágrimas de remorso e vergonha, ou ser professora numa escola de zona rural, livre e honesta, num arejado vale de montanha no saudável coração da Inglaterra?

Sim; sinto agora que tive razão ao me ater aos princípios e à lei, e ao desdenhar e sufocar as sugestões insanas de um instante de frenesi. Deus me conduziu à escolha correta; agradeço à Sua Providência pela orientação!

Tendo chegado a esse ponto de minhas reflexões vespertinas, levantei-me, fui até a porta da casa e olhei para o poente daquele dia de colheita e para os tranquilos campos em frente à minha casa que, junto com a escola, ficava a meia milha do povoado. Os pássaros cantavam suas últimas notas:

*O ar era ameno, o orvalho um bálsamo.*¹

Enquanto eu olhava, pensei que era feliz, e fiquei surpresa ao constatar que em pouco tempo estava chorando... e por quê? Pelo infortúnio que me impedira de me vincular a meu patrão, pois ele eu não tornaria a ver; pela tristeza, pelo desespero e pela ferida mortal — consequências de minha partida — que agora poderiam estar a arrastá-lo para longe demais do caminho do bem para deixar alguma esperança de ele um dia tornar a trilhá-lo. Ao pensar isso, tirei os olhos do lindo céu do poente e do solitário vale de Morton — digo *solitário* pois naquele trecho visível para mim não havia

nenhuma construção aparente, exceto a igreja e a casa paroquial, parcialmente oculta pelas árvores, e bem no canto o telhado de Vale Hall, onde viviam o rico sr. Oliver e sua filha. Tapei os olhos e recostei a cabeça no batente de pedra da porta, mas logo um leve ruído junto ao pequeno portão que isolava meu minúsculo jardim da campina mais abaixo me fez erguer os olhos. Um cachorro — o velho pointer do sr. Rivers, Carlo, eu logo vi — empurrava o portão com o focinho, e o próprio St. John se apoiava nele com os braços cruzados; tinha o cenho franzido, e seus olhos fixos em mim exibiam uma expressão grave que beirava o descontentamento. Eu lhe disse para entrar.

“Não, não posso ficar; trouxe-lhe apenas um pequeno embrulho que minhas irmãs lhe deixaram. Acho que contém um estojo de aquarela, lápis e papel.”

Aproximei-me para pegá-lo; era mesmo um presente de boas-vindas. Ele, porém, examinou meu rosto com austeridade quando me aproximei; os vestígios das lágrimas sem dúvida deviam estar claramente visíveis.

“Achou seu primeiro dia de trabalho mais difícil do que esperava?”, perguntou ele.

“Ah, não! Pelo contrário, acho que com o tempo vou me dar muito bem com minhas alunas.”

“Mas talvez suas acomodações — a casa e os móveis — tenham ficado abaixo das suas expectativas. É bem verdade que são modestas, mas...”

Eu o interrompi. “Minha casa é limpa e protegida dos elementos; meus móveis são suficientes e cômodos. Tudo o que vejo me deixou agradecida, não descontente. Não sou suficientemente tola e materialista a ponto de lamentar a ausência de um tapete, de um sofá e de travessas de prata. Além do mais, cinco semanas atrás eu não tinha nada, era uma excluída, uma mendiga, uma andarilha; agora tenho conhecidos, um lar, um trabalho.

Penso na bondade de Deus, na generosidade dos meus amigos, na fartura da minha vida. Não me queixo.”

“Mas considera a solidão opressiva? A casa atrás da senhorita está escura e vazia.”

“Ainda não tive tempo de saborear uma sensação de tranquilidade, menos ainda de me impacientar com a solidão.”

“Muito bem; espero que esteja sentindo o contentamento que exprime. De toda forma, seu bom senso lhe dirá que ainda é cedo para ceder aos temores vacilantes da mulher de Ló. Naturalmente não sei o que a senhorita deixou antes de eu a encontrar, mas aconselho a resistir com firmeza a qualquer tentação que a incline a olhar para trás. Siga firme no seu curso atual, pelo menos por alguns meses.”

“É o que pretendo fazer”, respondi.

St. John continuou: “É difícil controlar as maquinações da inclinação e endireitar as curvas da natureza, mas sei por experiência própria que é possível. Deus nos deu em certa medida o poder de forjar nosso próprio destino, e quando nossas energias parecem exigir uma sustância que não podem obter, quando nossa vontade anseia por um caminho que não podemos seguir, não precisamos nem morrer de inanição nem nos imobilizar no desespero. Tudo o que precisamos fazer é buscar outro alimento para a mente tão forte quanto a comida proibida que ela almejava provar... e talvez mais puro, e abrir para os pés aventureiros uma estrada tão direta e larga quando a que a Fortuna nos impediu de tomar, ainda que mais acidentada.

“Um ano atrás eu mesmo estava extremamente infeliz, pois pensava ter cometido um erro ao me ordenar; as obrigações rotineiras do sacerdócio me causavam um cansaço mortal. Ansiava por uma vida mais ativa no mundo, pelo trabalho mais empolgante de uma carreira literária, pelo destino de um

artista, escritor, orador, qualquer coisa que não o de um sacerdote. Sim; por baixo da minha sobrepeliz de cura bate o coração de um político, de um soldado, de um seguidor da glória, um apreciador da fama, alguém que almeja o poder. Pensei: minha vida precisa mudar, caso contrário eu preciso morrer. Após uma temporada de escuridão e tormento, a luz brilhou e o alívio veio; minha existência contida na mesma hora se espalhou por uma planície sem limites; meus poderes ouviram do Céu um chamado para alçar voo, reunir todas as suas forças e ganhar alturas nunca antes alcançadas. Deus tinha um trabalho para mim, e levá-lo longe, desempenhá-lo bem, exigia habilidade e força, coragem e eloquência, as melhores qualidades de um soldado, de um homem de Estado e de um orador. Pois todas elas se unem no bom missionário.

“Decidi ser missionário. Desse momento em diante meu estado mental mudou; os grilhões se desintegraram e libertaram todas as minhas faculdades, sem deixar da sua prisão nada além de uma dorzinha irritante que só o tempo é capaz de curar. Meu pai, de fato, se opunha a essa decisão, mas desde a sua morte não tenho mais nenhum obstáculo legítimo a enfrentar. Assim que resolver alguns negócios, encontrar um sucessor para Morton, romper ou cortar uma ou outra amarra sentimental — um derradeiro conflito com a fraqueza humana que sei que vou superar, pois *jurei* superá-lo —, deixarei a Europa rumo ao Oriente.”

Ele disse aquilo com a voz mansa porém enfática que lhe era característica; quando terminou de falar, não estava olhando para mim, mas para o sol poente que eu também observava. Tanto ele como eu estávamos de costas para a trilha que subia pelo campo até o portão. Não tínhamos escutado nenhum passo naquele caminho coberto de mato; a água que corria no vale era o único acalanto para o horário e a cena; portanto, foi muito natural termos nos sobressaltado quando uma voz alegre e melodiosa

como um sino de prata exclamou: “Boa noite, sr. Rivers. E boa noite, velho Carlo. Seu cachorro reconhece os amigos mais depressa do que o senhor; ele empertigou as orelhas e abanou o rabo quando apareci lá embaixo no campo, e o senhor está de costas para mim até agora”.

Era verdade. Embora o sr. Rivers houvesse se sobressaltado ao ouvir a primeira dessas palavras musicais, como se um raio tivesse rasgado ao meio uma nuvem acima da sua cabeça, ao final da frase continuava na mesma posição em que a pessoa que falava o havia surpreendido: braços pousados no portão, rosto virado para oeste. De modo deliberado e contido, ele por fim se virou. Pareceu-me que uma visão havia surgido ao seu lado. Ali, a um metro dele, encontrava-se uma forma vestida de puro branco, uma forma jovem e graciosa, generosa, mas de contornos delicados, e quando após se curvar para afagar Carlo a forma levantou a cabeça e jogou para trás um comprido véu, o que desabrochou diante dos olhos dele foi um rosto de beleza perfeita. Beleza perfeita é uma expressão forte, mas não a retiro nem amenizo: nesse caso, a expressão se justificava pelos traços mais belos jamais produzidos pelo clima temperado da Inglaterra, pelos tons mais puros de branco e rosa que úmidas chuvas e céus vaporosos jamais criaram e abrigaram. Não havia nenhum charme faltando, nem se percebia nenhum defeito: a jovem tinha os traços regulares e delicados, olhos do mesmo formato e cor que se vê em lindos quadros, grandes, escuros e cheios, longos e escuros cílios contornando belos olhos com um fascínio suave, sobrancelhas desenhadas que proporcionavam muita clareza, testa branca e lisa que acrescentava tranquilidade aos atrativos mais radiantes do colorido e do brilho, faces ovais, frescas e lisas, lábios também frescos, vermelhos, saudáveis e com um belo formato, dentes regulares e brilhantes sem qualquer defeito, o queixo pequeno com uma covinha, o enfeite formado por cachos grossos e abundantes, todas as características que, somadas,

concretizavam o ideal da beleza, ela possuía integralmente. Fiquei assombrada ao encarar aquela bela criatura e admirei-a com todo o meu coração. A natureza com certeza a havia criado com uma disposição parcial e, esquecendo suas dádivas habitualmente avarentas de madrasta, presenteado aquela sua preferida com a generosidade de uma grande dama.

O que o St. John Rivers pensava daquele anjo sobre a terra? Naturalmente fiz essa pergunta a mim mesma ao vê-lo se virar e olhar para ela; e naturalmente também procurei a resposta na sua atitude. Ele já havia tirado os olhos da criatura sobre-humana e observava um singelo tufo de margaridas que havia brotado ao lado do pequeno portão.

“Uma linda noite, mas tarde para a senhorita estar fora de casa sozinha”, falou, esmagando com o pé as cabeças brancas das flores fechadas.

“Ah, eu acabei de chegar de S*** hoje à tarde.” (Ela mencionou o nome de uma cidade maior, localizada a umas vinte milhas dali.) “Papai me disse que o senhor tinha aberto sua escola e que a professora nova havia chegado. Então depois do chá pus meu chapéu e subi correndo o vale para vê-la; é ela?”, perguntou, apontando para mim.

“É”, disse St. John.

“A senhora acha que vai gostar de Morton?”, perguntou-me ela com uma simplicidade direta e ingênua no tom e no comportamento que era agradável, apesar de infantil.

“Espero gostar. Tenho muitos incentivos para tal.”

“Suas alunas são atentas como esperava que fossem?”

“Bastante.”

“Gostou da casa?”

“Muito.”

“Eu a mobíliei bem?”

“Muito bem mesmo.”

“E fiz bem ao escolher Alice Wood como sua ajudante?”

“Fez, sim. Ela é esforçada e jeitosa.” (Então essa é a srta. Oliver, pensei, a herdeira; pelo visto favorecida com as dádivas da fortuna além das da natureza! Que feliz combinação de planetas teria presidido seu nascimento?)

“Virei ajudá-la a lecionar às vezes”, acrescentou ela. “Será uma mudança para mim, visitá-la de vez em quando, e gosto de mudanças. Sr. Rivers, tive uma estadia *tão* alegre em S***. Ontem à noite, ou melhor, hoje de manhã, fiquei dançando até as duas. O ***o Regimento está estacionado lá desde os levantes, e os oficiais são os homens mais agradáveis do mundo; eles fazem nossos amoladores de facas e vendedores de tesouras daqui passar vergonha.”

O lábio inferior do sr. St. John pareceu se esticar e seu lábio superior franzir-se por um instante. Sem dúvida sua boca dava a impressão de estar muito comprimida e a parte inferior de seu rosto anormalmente severa e rígida quando a moça risonha lhe deu aquela informação. Além disso, ele ergueu os olhos das margaridas e os voltou para ela. Foi um olhar pouco sorridente, perscrutador e pleno de significado. A moça reagiu com uma segunda risada, e o riso valorizou sua juventude, sua tez rosada, suas covinhas e seus olhos acesos.

Enquanto ele permanecia parado, calado e grave, ela recorreu novamente ao ato de afagar Carlo.

“O pobre Carlo me ama”, falou. “*Ele* não trata os amigos de modo severo e distante, e se pudesse falar não ficaria calado.”

Enquanto ela afagava a cabeça do cão, curvando-se com uma graça natural diante de seu jovem e austero dono, vi um rubor subir às faces desse dono. Vi seus olhos solenes se derreterem com um fogo repentino e lampejarem com emoções impossíveis de conter. Assim corado e aquecido,

ele parecia quase tão belo como homem quanto ela como mulher. Seu peito arfou uma vez, como se o seu grande coração, cansado de uma constrição despótica, houvesse se expandido contra a sua vontade e dado um salto vigoroso para tentar se libertar. Mas ele o conteve, acho eu, como um cavaleiro decidido contém um corcel empinado. Não respondeu nem com palavras nem com movimento algum à delicada tentativa da moça.

“Papai falou que o senhor nunca mais foi nos visitar”, continuou a srta. Oliver, erguendo os olhos. “Nunca mais apareceu em Vale Hall. Ele está sozinho hoje à noite e não está passando muito bem; voltaria comigo para lhe fazer uma visita?”

“Não é um horário razoável para incomodar o sr. Oliver”, respondeu St. John.

“Não é um horário razoável! Mas eu afirmo que é, sim. É exatamente o horário em que papai mais quer companhia: quando a fábrica já fechou e ele não tem mais negócios com os quais se ocupar. E então, sr. Rivers? Venha. O que o deixa tão tímido e tão soturno?”

Ela preencheu o hiato deixado pelo silêncio dele com uma resposta própria.

“Eu me esqueci!”, exclamou, balançando a bela cabeça cheia de cachos como se estivesse chocada consigo mesma. “Que tonta, que insensível eu sou! *Por favor* me desculpe. Tinha me esquecido de que o senhor tem bons motivos para não estar disposto a escutar minhas tagarelices. Diana e Mary foram embora, Moor House foi fechada e o senhor está sozinho. Eu com certeza lamento muito pelo senhor. Venha visitar papai.”

“Hoje não, srta. Rosamond, hoje não.”

O sr. St. John falou quase como um autômato; só ele sabia o esforço que lhe custava aquela recusa.

“Bem, se está tão decidido, vou deixá-lo, pois não me atrevo a me demorar mais: o sereno está começando a cair. Boa noite!”

Ela estendeu a mão. Ele mal a tocou. “Boa noite!”, repetiu numa voz baixa e oca semelhante a um eco. Ela se virou, mas um segundo depois voltou.

“O senhor está bem?”, perguntou. Foi uma pergunta adequada: o rosto dele estava tão branco quanto o vestido dela.

“Muito bem”, afirmou ele, e com uma mesura afastou-se do portão. Ela seguiu numa direção, ele na outra. Enquanto descia pelo campo saltitante como uma fada, ela se virou duas vezes para olhá-lo; ele, ao cruzar o mesmo campo a passo firme, não se virou sequer uma vez.

Aquele espetáculo do sofrimento e do sacrifício de outra pessoa distraiu meus pensamentos da meditação exclusiva sobre os que me acometiam. Diana Rivers havia qualificado o irmão de “inexorável como a morte”. Não fora um exagero.

1. Referência ao poema “The Lay of the Last Minstrel”, de Sir Walter Scott.

Continuei os trabalhos na escola do vilarejo do modo mais ativo e assíduo que consegui. No início foi realmente penoso. Algum tempo se passou antes de eu, às custas de um grande esforço, conseguir compreender minhas alunas e seu temperamento. Sem instrução alguma e com qualidades um tanto letárgicas, elas me pareciam irremediavelmente tacanhas, e à primeira vista todas tacanhas por igual; mas logo descobri que estava enganada. Havia uma diferença entre elas do mesmo modo que entre as pessoas instruídas, e quando passei a conhecê-las e elas a mim essa diferença rapidamente se desenvolveu. Uma vez superado seu assombro comigo, com minha linguagem, minhas regras e meus modos, vi algumas daquelas rústicas meninas de aspecto embotado e boca escancarada se transformarem em meninas relativamente inteligentes. Muitas se mostraram dóceis, afáveis também, e descobri entre elas não poucos exemplos de bons modos naturais e de um respeito nato por si mesmas, bem como de excelentes capacidades que conquistaram tanto minha boa vontade quanto minha admiração. Essas logo passaram a sentir prazer em se dedicar aos estudos, em manter o asseio pessoal, em aprender com regularidade as lições e em adquirir um comportamento discreto e organizado. A rapidez de seu progresso, em alguns casos, chegou a ser surpreendente e causou-me um orgulho honesto

e feliz; além do mais, comecei a gostar pessoalmente de algumas das melhores alunas, e elas de mim. Tinha entre minhas pupilas várias filhas de agricultores, quase mulheres-feitas. Estas já sabiam ler, escrever e costurar, e a elas ensinei elementos de gramática, geografia, história e os tipos mais refinados de trabalho com a agulha. Encontrei entre elas algumas personalidades dignas de estima — desejosas de informação e dispostas a melhorar —, com as quais passei muitas horas noturnas agradáveis em suas próprias casas. Nessas ocasiões, seus pais (os agricultores e suas esposas) me cobriam de atenção. Havia um prazer em aceitar sua gentileza singela e em recompensá-la com uma consideração, uma valorização escrupulosa dos seus sentimentos com as quais eles talvez não estivessem o tempo todo acostumados e que tanto os encantavam quanto lhes faziam bem, pois ao mesmo tempo que aumentavam seu valor aos próprios olhos, os levavam a sentir que mereciam o tratamento respeitoso recebido.

Senti que eu estava me tornando uma pessoa querida na região. Sempre que saía, ouvia de todos os lados saudações cordiais e era recebida com sorrisos simpáticos. Viver em meio à estima generalizada, ainda que apenas a estima de uma gente trabalhadora, é como “estar sentada em cima de um calmo e agradável raio de sol”;¹ uma serenidade interior brota e desabrocha sob essa luz. Naquele período da minha vida, meu coração inflava de gratidão com muito mais frequência do que afundava de desespero, e no entanto, leitor, para ser bem sincera, mesmo em meio a essa existência calma e útil, após um dia passado na honrada labuta entre minhas alunas e um início de noite contente e sozinha dedicado ao desenho ou à leitura, à noite eu costumava ter sonhos estranhos. Eram sonhos de muitas cores, agitados, repletos de coisas ideais, estimulantes, turbulentas; sonhos nos quais, entre cenas incomuns carregadas de aventura, riscos atribulados e encontros românticos, eu continuava encontrando o sr. Rochester

incontáveis vezes, sempre no ápice de alguma crise emocionante; e nesses sonhos a sensação de estar nos seus braços, de ouvir sua voz, de encarar seus olhos, de tocar sua mão e sua face, de amá-lo e de ser por ele amada, a esperança de passar uma vida inteira ao seu lado, se renovavam com toda a sua força e com todo o seu fogo. Então eu despertava. Então recordava onde estava e qual era minha situação. Então me levantava em minha cama sem cortinado, trêmula e abalada, e então a noite escura e parada testemunhava as convulsões do desespero e escutava explodir a paixão. Às nove da manhã do dia seguinte, eu abria pontualmente a escola, tranquila, calma, preparada para os deveres do dia.

Rosamond Oliver cumpriu com sua palavra e foi me visitar. Suas aparições na escola em geral ocorriam durante suas cavalgadas matinais. Ela chegava à porta trotando em seu pônei seguida por um criado de libré também montado. É difícil imaginar algo mais formoso do que sua aparição em seu traje roxo, com seu capacete de amazona de veludo preto posicionado graciosamente por cima dos longos cachos que lhe beijavam as faces e flutuavam até os ombros; e era assim que ela adentrava a rústica construção e deslizava por entre as fileiras enfeitadas de meninas do vilarejo. Em geral aparecia no horário em que o sr. Rivers estava ocupado ministrando sua aula diária de catecismo. Temo que os olhos da visitante penetrassem fundo o coração do jovem pastor. Uma espécie de instinto parecia alertá-lo da sua entrada, mesmo quando ele não a via; e caso ela aparecesse na soleira quando ele estava olhando na direção oposta à da porta, sua face se iluminava e seus traços aparentemente marmóreos, embora se recusassem a relaxar, passavam por uma mudança indescritível, e na sua própria mudez passavam a expressar um fervor reprimido mais forte do que poderia indicar o movimento de algum músculo ou um olhar de relance.

Ela, é claro, tinha consciência do próprio poder; de fato, ele não lhe escondia isso, pois não tinha como esconder. Apesar de seu estoicismo cristão, toda vez que ela se aproximava e lhe dirigia a palavra, e alegremente lhe abria um sorriso de incentivo, de afeto até, suas mãos tremiam e seus olhos ardiam. Com aquela expressão triste e decidida, ele parecia dizer, ainda que não com os lábios: “Eu a amo, e sei que a senhorita prefere a mim. Não é por pensar que jamais terei sucesso que permaneço calado. Se eu lhe oferecesse meu coração, creio que a senhorita haveria de aceitá-lo. Mas esse coração já está oferecido num altar sagrado; a fogueira está arrumada em volta dele. Ele em breve não passará de um sacrifício consumido pelas chamas”.

E ela então fazia um biquinho como uma criança decepcionada; uma nuvem pensativa vinha suavizar sua vivacidade radiante; ela retirava depressa a mão de dentro da dele e lhe virava o rosto com uma petulância passageira, ao mesmo tempo heroica e mortificada. St. John sem dúvida teria dado tudo para ir atrás dela, para chamá-la de volta e contê-la quando ela o deixava assim; mas não iria abrir mão de uma chance de alcançar o Paraíso, nem desistir, em nome do elísio do seu amor, da esperança de encontrar o verdadeiro e eterno Paraíso. Além do mais, não podia confinar tudo o que existia no seu temperamento — o viajante, o aspirante, o poeta, o sacerdote — aos limites de uma única paixão. Não podia nem ia renunciar ao seu vasto campo de batalha de missionário em troca dos salões e da paz de Vale Hall. Ouvi isso dele próprio numa investida que certa vez, apesar de toda a sua reserva, tive a ousadia de fazer à sua confiança.

A srta. Oliver já me fazia a honra de visitas frequentes à minha pequena casa. Eu já aprendera tudo sobre o seu temperamento, que não tinha nenhum mistério ou disfarce. Ela era coquete, mas não sem coração; exigente, mas não inutilmente egoísta. Fora mimada desde o nascimento,

mas não fora absolutamente estragada. Era afobada, porém bem-humorada; vaidosa (não podia evitar, já que cada olhada no espelho lhe mostrava aquele rosto tão lindo), mas sem ser afetada; era generosa; era inocente em relação ao orgulho da riqueza; era engenhosa; suficientemente inteligente; alegre, animada e espontânea. Em suma, era muito encantadora, até mesmo para um observador neutro do mesmo sexo, como eu, mas não era profundamente interessante nem impressionante de modo geral. Tinha, por exemplo, uma mente inteiramente distinta daquela das irmãs de St. John. Mesmo assim, eu gostava quase tanto dela quanto de minha aluna Adèle, tirando o fato de que nos afeiçoamos de modo mais estreito a uma criança de quem cuidamos e a quem demos aulas do que a um conhecido adulto igualmente encantador.

Rosamond tinha desenvolvido por mim uma predileção agradável. Dizia que eu era igual ao sr. Rivers, ainda que com certeza, admitia ela, “não tivesse nem um décimo da sua beleza, embora fosse uma pequena alma razoavelmente bondosa e bem-apeçoada, mas ele era um anjo”. No entanto eu era boa, inteligente, recatada e firme, como St. John. Como professora de uma escola na zona rural, era uma anomalia, afirmava ela; tinha certeza de que a minha história pregressa, caso viesse a ser conhecida, daria um delicioso romance.

Certa noite, quando com sua agitação infantil habitual e curiosidade irrefletida, mas não ofensiva, ela revirava o armário e a gaveta da mesa de minha pequena cozinha, encontrou primeiro dois livros em francês, um volume de Schiller, uma gramática e um dicionário de alemão, em seguida meu material de desenho e alguns esboços, entre os quais uma cabeça desenhada a lápis de uma encantadora menininha parecida com um querubim, uma de minhas alunas, e paisagens naturais variadas feitas no

Vale de Morton e nas charnecas em volta. Primeiro ficou petrificada de surpresa, em seguida, eletrizada de empolgação.

“Era eu quem tinha feito aqueles desenhos? Eu sabia francês e alemão? Que amor... mas que milagre eu era! Eu desenhava melhor do que o professor dela no primeiro colégio interno em S***. Será que faria um desenho dela, para mostrar a papai?”

“Com prazer”, respondi, e senti uma emoção de prazer artístico ao pensar em ter uma modelo tão perfeita e radiante. Naquele dia ela estava usando um vestido de seda azul-escuro; tinha os braços e o pescoço expostos; seu único adorno eram as madeixas castanhas que ondulavam sobre os ombros com toda a graça selvagem de cachos naturais. Peguei uma folha de papelão fino e tracei um esboço cuidadoso. Prometi a mim mesma o prazer de colori-lo e, como estava ficando tarde, disse-lhe que ela deveria posar para mim num outro dia.

Ela fez tal relato a meu respeito para o pai que o próprio sr. Oliver a acompanhou na noite seguinte, um homem alto, de traços maciços, na meia-idade e com a cabeça grisalha ao lado de quem a linda filha se assemelhava a uma flor colorida junto a uma torre cinzenta. Ele parecia ser um indivíduo taciturno e talvez orgulhoso, mas comigo foi muito gentil. O esboço do retrato de Rosamond lhe agradou muitíssimo; ele disse que eu deveria transformá-lo num retrato acabado. Insistiu também para que eu fosse passar o início de noite seguinte em Vale Hall.

Fui. Descobri uma grande e bela residência que dava fartas mostras da riqueza de seu proprietário. Rosamond se portou com muita animação e prazer durante todo o tempo da visita. Seu pai foi afável e, ao entabular uma conversa comigo após o chá, expressou em termos enfáticos sua aprovação pelo que eu tinha feito na escola de Morton, e disse temer apenas, pelo que

tinha visto e ouvido, que eu fosse boa demais para aquele lugar e em breve o abandonasse em troca de outro mais adequado.

“De fato, papai”, exclamou Rosamond, “ela é inteligente o bastante para ser preceptora numa família importante.”

Pensei que eu preferiria de longe estar onde estava do que trabalhando para qualquer família importante da região. O sr. Oliver falou do sr. Rivers e da família Rivers com grande respeito. Disse que era um sobrenome muito antigo naquela área; que os antepassados da linhagem eram ricos; que no passado Morton inteiro lhes pertencia; que até mesmo agora ele considerava que o representante daquela casa poderia, caso assim decidisse, forjar uma aliança com os melhores. Considerava uma pena um rapaz tão elegante e talentoso ter posto na cabeça a ideia de virar missionário; era realmente jogar fora uma vida valiosa. Pelo visto, portanto, o pai de Rosamond não teria posto nenhum obstáculo no caminho de uma união dela com St. John. Estava claro que o sr. Oliver considerava o bom berço, o nome antigo e a sagrada profissão do jovem sacerdote compensações suficientes para a ausência de fortuna.

Era o dia 5 de novembro, um feriado. Minha jovem empregada, após ter me ajudado a limpar a casa, tinha ido embora bem satisfeita com a remuneração de um pênica pela ajuda. Tudo à minha volta estava imaculado e brilhante: o chão esfregado, a grade da lareira polida, as cadeiras bem enceradas. Eu também tinha me arrumado e dispunha agora da tarde inteira para fazer o que quisesse.

A tradução de algumas páginas de alemão ocupou uma hora; então peguei minha paleta e meus pincéis e passei a me dedicar à ocupação mais tranquila, uma vez que mais fácil, de completar o retrato de Rosamond Oliver. A cabeça já estava pronta. Restava apenas colorir o fundo e sombrear os tecidos, acrescentar um toque de carmim aos lábios carnudos,

um suave ondulado aqui e ali em meio aos cachos, um tom mais escuro na sombra dos cílios sob a pálpebra azulada. Estava absorta na execução desses encantadores detalhes quando, após uma batida rápida, minha porta se abriu e por ela entrou St. John Rivers.

“Vim ver como está passando o feriado”, disse ele. “Não pensando, espero. Não? Que bom; enquanto estiver pintando não vai sentir solidão. Ainda tenho minhas desconfianças, está vendo? Mesmo que a senhorita tenha se saído maravilhosamente bem até aqui. Trouxe-lhe um livro para distraí-la à noite”, e ele pousou sobre a mesa uma publicação nova; um poema; uma daquelas genuínas produções que o feliz público daquela época, a idade de ouro da literatura moderna, tantas vezes pôde aproveitar. Infelizmente os leitores de nossa época não têm o mesmo privilégio. Mas coragem! Não vou me deter aqui nem para acusar nem para me queixar. Sei que a poesia não morreu, e a genialidade tampouco se perdeu; Mamon tampouco dominou uma ou outra para acorrentá-las ou delas dar cabo; ambas um dia tornarão a afirmar sua existência, sua presença e sua liberdade. Anjos poderosos, na segurança do céu, sorriem quando as almas sórdidas triunfam e as fracas choram sua destruição. A poesia, destruída? A genialidade, banida? Não! Não, mediocridade, que a inveja não lhe provoque um pensamento assim. Não: elas não só vivem como reinam e redimem, e sem sua divina influência espalhada por toda parte você estaria no inferno, o inferno da sua própria mesquinhez.

Enquanto eu folheava animadamente as páginas brilhantes de *Marmion* (pois era desse livro que se tratava), St. John se inclinou para examinar meu desenho. Sua alta silhueta se empertigou com um sobressalto; ele não disse nada. Ergui os olhos para ele; ele evitou meu olhar. Eu conhecia bem seus pensamentos e pude ler perfeitamente seu coração. Naquele momento me sentia mais calma e mais controlada do que ele; a vantagem era

temporariamente minha, e senti a inclinação de lhe fazer algum bem, se pudesse.

“Com toda essa firmeza e todo esse autocontrole”, pensei, “ele exige demais de si mesmo; tranca dentro de si todo o sentimento e todo o impulso, não expressa, confessa nem transmite nada. Estou certa de que faria bem a ele conversar um pouco sobre sua doce Rosamond, com quem acha que não deveria se casar; vou fazê-lo falar.”

Primeiro eu disse: “Pegue uma cadeira, sr. Rivers”. Mas ele respondeu, como sempre respondia, que não podia ficar. “Muito bem”, retruquei mentalmente, “fique em pé se preferir. Mas não irá embora ainda, estou decidida; a solidão é pelo menos tão ruim para o senhor quanto para mim. Vou tentar descobrir a fonte secreta das suas confidências e encontrar uma abertura nesse peito de mármore pela qual possa destilar uma gota do bálsamo da empatia.”

“O retrato está parecido?”, perguntei, direta.

“Parecido! Parecido com quem? Não observei com atenção.”

“Observou, sim, sr. Rivers.”

Ele quase se sobressaltou com meu repentino e estranho tom abrupto; encarou-me estupefato. “Ah, isso não é nada”, murmurei internamente. “Não pretendo me deixar abater por um pouco de frieza da sua parte; estou preparada para desprender esforços consideráveis.” Continuei: “O senhor o observou de perto e com atenção, mas não tenho objeção alguma se quiser olhar outra vez”, e levantei-me e pus o retrato na mão dele.

“Um retrato bem executado”, disse ele; “muito suave, cores nítidas; traços muito graciosos e corretos.”

“Sim, sim; isso tudo eu sei. Mas e a semelhança? Com quem se parece?”

Controlando certa hesitação, ele respondeu: “Com a srta. Oliver, suponho”.

“Claro. E para recompensá-lo pela resposta certa, prometo lhe fazer uma cópia cuidadosa e fiel desse mesmo retrato, contanto que o senhor reconheça que vai aceitar o presente. Não desejo desperdiçar meu tempo e meus esforços com uma oferenda que o senhor julgue inútil.”

Ele continuou encarando o retrato; quanto mais olhava, com mais firmeza o segurava e mais parecia cobiçá-lo. “Está parecido!”, murmurou; “os olhos estão bem-feitos: a cor, a luminosidade, a expressão estão perfeitas. Eles sorriem!”

“O senhor ficaria reconfortado ou ferido se tivesse um retrato igual a esse? Diga-me. Quando estiver em Madagascar, ou no Cabo, ou na Índia, seria um consolo ter consigo essa recordação? Ou sua visão traria lembranças fadadas a irritar e abalar?”

Ele então ergueu os olhos furtivamente. Olhou para mim indeciso, perturbado. Examinou novamente o retrato.

“Que eu gostaria de tê-lo é uma certeza; se seria judicioso ou sensato é outra questão.”

Desde que havia me certificado de que Rosamond de fato o preferia e de que não era provável seu pai se opor ao enlace, eu — menos exaltada nas minhas opiniões do que St. John — me sentira fortemente inclinada em meu coração a promover a união entre os dois. Parecia-me que, caso ele viesse a se tornar proprietário da grande fortuna do sr. Oliver, poderia fazer tanto bem com ela quanto se fosse exaurir sua genialidade e depauperar suas forças sob o sol dos trópicos. Com essa opinião, respondi então: “Até onde posso ver, seria mais sensato e mais judicioso o senhor tomar para si sem demora o original”.

Àquela altura ele já havia se sentado; havia pousado o retrato na mesa diante de si, e com a testa apoiada nas duas mãos o fitava afetuosamente. Percebi que agora não estava nem zangado nem chocado com minha

audácia. Vi até que ser abordado com tamanha franqueza em relação a um tema que ele julgava inabordável, e ouvi-lo ser tratado com tamanha liberdade, estava começando a fazê-lo sentir um prazer novo, um alívio que ele não esperava. Pessoas reservadas muitas vezes precisam de fato mais do que as expansivas de uma conversa franca sobre seus sentimentos e tristezas. Afinal de contas, mesmo o estoico de aparência mais severa é humano, e “mergulhar” com coragem e boa intenção no “mar silencioso”² de suas almas muitas vezes provoca neles a mais intensa gratidão.

“Ela gosta do senhor, tenho certeza”, falei, em pé atrás da sua cadeira, “e o pai dela o respeita. Além do mais, ela é uma moça encantadora... um pouco superficial, mas o senhor teria reflexão suficiente para ambos. Deveria desposá-la.”

“Ela *gosta* de mim?”, indagou ele.

“Certamente; mais do que de qualquer outra pessoa. Fala sobre o senhor sem parar; não há assunto que lhe agrade tanto ou que ela aborde com mais frequência.”

“É muito agradável ouvir isso”, disse ele, “muito; pode continuar por mais quinze minutos.” E ele chegou a sacar o relógio e pousá-lo sobre a mesa para contar o tempo.

“Mas de que adianta eu continuar”, perguntei, “se o senhor decerto já está preparando alguma contradição que será como um golpe de ferro, ou fabricando uma nova corrente para prender seu coração?”

“Não imagine coisas assim tão duras. Imagine-me cedendo e derretendo como estou fazendo agora; imagine o amor humano jorrando como uma fonte recém-aberta na minha mente e transbordando para inundar deliciosamente todo o campo que eu com tanto cuidado e com tanto esforço preparei, que tão assiduamente semeei com as sementes de boas intenções, de planos de autonegação. E ele agora se vê inundado com um dilúvio que é

um verdadeiro néctar, as sementes imaturas afogadas, destruídas pelo delicioso veneno; agora me vejo estendido num divã no salão de Vale Hall aos pés de minha noiva Rosamond Oliver; ela está falando comigo na sua voz melodiosa, me olhando com aqueles olhos que a hábil mão da senhorita copiou tão bem, sorrindo para mim com aqueles lábios de coral. Ela é minha, eu sou seu, esta vida de agora e este mundo passageiro me bastam. Shh! Não diga nada; meu coração está transbordando de deleite; meus sentidos estão enfeitiçados; deixe o tempo que eu estipulei transcorrer em paz.”

Fiz o que ele pedia; o relógio avançou; ele ficou respirando depressa e baixinho; eu permaneci calada. Em meio a esse silêncio, o quarto de hora passou depressa. Ele tornou a guardar o relógio, pousou o retrato, levantou-se e foi se postar junto ao fogo.

“Agora esse pequeno espaço foi cedido ao delírio e à ilusão”, falou. “Descansei minhas têmporas no peito da tentação e passei minha cabeça voluntariamente por sua cangalha de flores; provei do seu mel. O travesseiro ardia; na guirlanda há uma vespa; o vinho tem um sabor amargo; suas promessas são vazias, suas oferendas falsas; tudo isso eu vejo e sei.”

Encarei-o abismada.

“É estranho”, prossegui ele, “que embora eu ame Rosamond Oliver de modo tão arrebatado, de fato com toda a intensidade de uma primeira paixão cujo objeto é inacreditavelmente belo, gracioso e fascinante, tenho ao mesmo tempo uma consciência tranquila e inabalável de que ela não daria uma boa esposa para mim; de que não é uma parceira adequada para minha pessoa; de que eu descobriria isso menos de um ano após o casamento; e de que a doze meses de êxtase se sucederia uma vida inteira de arrependimento. Disso eu tenho certeza.”

“Que coisa mais estranha!”, não pude evitar exclamar.

“Ao mesmo tempo que algo em mim é extremamente sensível aos charmes dela”, prosseguiu ele, “algo é também profundamente consciente dos seus defeitos; eles são de tal natureza que ela jamais poderia se identificar com nada a que eu aspirasse, nem cooperar com nada que eu empreendesse. Rosamond sofredora, trabalhadora, um apóstolo mulher? Rosamond esposa de missionário? Não!”

“Mas o senhor não precisa ser missionário. Poderia desistir desse projeto.”

“Desistir! O quê? Da minha vocação? Da minha grande obra? Do meu alicerce erguido em terra para uma mansão no Paraíso? Da minha esperança de entrar para o rol daqueles que fundiram todas as suas ambições naquela, gloriosa, de melhorar a própria raça, de levar conhecimento aos reinos da ignorância, de substituir a guerra pela paz, a prisão pela liberdade, a superstição pela religião, o medo do inferno pela esperança do Paraíso? É disso que devo abrir mão? Isso me é mais caro do que o sangue que me corre nas veias. É aquilo por que anseio, o motivo do meu existir.”

Após uma pausa considerável, falei: “E a srta. Oliver? A decepção e a tristeza dela não interessam ao senhor?”.

“A srta. Oliver vive cercada por pretendentes e bajuladores; daqui a menos de um mês minha imagem terá se apagado de seu coração. Ela vai me esquecer e provavelmente vai se casar com alguém que a fará bem mais feliz do que eu faria.”

“O senhor fala com razoável frieza, mas o conflito o faz sofrer. Está definhando.”

“Não. Se estou ficando um pouco magro, é de aflição com meu próprio futuro ainda incerto... com minha partida continuamente adiada. Nesta manhã mesmo recebi notícias de que meu sucessor, cuja chegada venho

aguardando há tanto tempo, só estará pronto para me substituir daqui a três meses; e pode ser que esses três meses se estendam a seis.”

“O senhor treme e enrubesce toda vez que a srta. Oliver entra na sala da escola.”

Novamente a expressão de surpresa cruzou seu semblante. Ele não imaginava que uma mulher fosse se atrever a falar assim com um homem. Eu, por minha parte, me sentia à vontade com aquele tipo de conversa. Nunca pude estabelecer uma comunicação verdadeira com mentes fortes, reservadas e refinadas, fossem elas masculinas ou femininas, sem antes ter ultrapassado os anteparos da reserva convencional, atravessado a soleira da confiança e conquistado um lugar bem junto ao fogo do seu coração.

“A senhorita é *mesmo* original”, disse ele, “e não é tímida. Há algo de audaz no seu espírito e também de penetrante no seu olhar; mas permita que eu lhe diga que está interpretando parcialmente mal minhas emoções. Está pensando que elas são mais profundas e mais potentes do que são na realidade. Está me atribuindo uma dose maior de empatia do que posso reivindicar. Quando enrubesço e tremo diante da srta. Oliver, não sinto pena de mim mesmo. Eu desprezo essa fraqueza. Sei que ela é ignóbil, mera febre da carne, e não, tenho certeza, a convulsão da alma. *Essa* é firme feito uma rocha solidamente cravada nas profundezas de um mar revolto. Saiba que eu sou assim: um homem frio e duro.”

Sorri, incrédula.

“A senhorita pegou de surpresa minha confiança”, continuou ele, “e agora ela está ao seu inteiro dispor. No meu estado original, desprovido daquelas vestes manchadas de sangue com as quais a cristandade cobre a deformidade humana, sou simplesmente um homem frio, duro e ambicioso. De todos os sentimentos, apenas o afeto natural exerce sobre mim um poder permanente. O que me guia é a razão, não o sentimento; minha ambição é

ilimitada. Meu desejo de subir mais alto, de fazer mais do que os outros é insaciável. Valorizo a persistência, a perseverança, a industriiosidade, o talento, porque esses são os meios pelos quais os homens conquistam grandes objetivos e alcançam elevado destaque. Observo com interesse sua carreira porque a considero um tipo de mulher diligente, organizada e enérgica, não por ter profunda empatia por aquilo que a senhorita viveu ou pelo que ainda a faz sofrer.”

“O senhor descreveria a si mesmo como um mero filósofo pagão”, falei.

“Não. Existe uma diferença entre mim e os filósofos deístas: eu acredito; e acredito no Evangelho. A senhorita se enganou no seu epíteto. Não sou pagão, sou um filósofo cristão, um seguidor da seita de Jesus. Como Seu discípulo, adoto Suas doutrinas puras, misericordiosas e benevolentes. Eu as defendo; jurei propagá-las. Fui conquistado pela religião ainda jovem, ela cultivou assim minhas qualidades originais: a partir da mais diminuta semente, o afeto natural, desenvolveu uma árvore frondosa, a filantropia. A partir da raiz fina e sem direção da retidão humana, criou um sentimento de justiça divina. A partir da ambição de conquistar poder e renome para minha miserável pessoa, construiu a ambição de propagar o Reino de meu Mestre, de conquistar vitórias para o estandarte da Cruz. Tudo isso a religião fez por mim, transformando o material original da melhor forma possível, podando e conduzindo a natureza. Mas não conseguiu erradicar a natureza, e tampouco ela será erradicada ‘até este mortal se revestir de imortalidade’.”

Ao dizer isso, ele tirou o chapéu, que pousou sobre a mesa ao lado da minha paleta. Mais uma vez olhou para o retrato.

“Ela é *mesmo* bonita”, murmurou. “Faz jus ao nome Rosa do Mundo, de fato!”

“E não posso fazer um retrato igual para o senhor?”

“*Cui bono?*³ Não.”

Ele puxou para cima do retrato a fina folha do papel no qual eu tinha o costume de encostar a mão enquanto pintava, para impedir o papelão de se sujar. O que viu de repente no papel em branco eu não soube dizer; mas algo atraía sua atenção. Ele o pegou com um gesto rápido, examinou o canto, depois dirigiu-me um olhar inexplicavelmente estranho e bastante incompreensível, um olhar que pareceu absorver e tomar nota de cada detalhe da minha forma, do meu rosto e das minhas roupas, pois tudo atravessou, veloz e intenso como um raio. Seus lábios se abriram como se fosse falar, mas ele reprimiu a frase prestes a sair, fosse ela qual fosse.

“Qual é o problema?”, perguntei.

“Absolutamente nenhum”, foi a resposta; e eu o vi rasgar habilmente uma estreita tira da margem ao recolocar o papel no lugar. O pedaço desapareceu dentro da sua luva, e com um meneio de cabeça e um “boa-tarde” apressados ele desapareceu.

“Bem!”, exclamei, usando uma expressão regional, “era só o que faltava!”

Examinei por minha vez o papel, mas nele não vi nada a não ser algumas manchas de tinta onde eu havia testado a cor do meu lápis. Fiquei refletindo sobre aquele mistério por um ou dois minutos, mas ao ver que era insolúvel, e tendo certeza de que não devia ter muita importância, deixei-o de lado e logo o esqueci.

1. Referência ao romance *Lalla Rookh* (1817), de Thomas Moore.

2. Referência ao poema de Samuel Taylor Coleridge “The Rime of the Ancient Mariner” (1798).

3. “De que adianta?”

Quando o sr. St. John se foi, estava começando a nevar, e a tempestade em torvelinhos durou a noite inteira. No dia seguinte, um forte vento provocou novas e ofuscantes nevascas; ao cair da noite, o vale estava todo coberto e quase intransponível. Eu havia fechado a persiana da janela, posto um capacho em frente à porta para impedir a neve de entrar por baixo, ajeitado meu fogo e, após passar quase uma hora diante dele escutando a fúria abafada da tormenta, acendi uma vela, peguei *Marmion*, e quando comecei a ler:

*O sol se pôs sobre as flechas de Norham
E sobre o belo rio Tweed, largo e profundo.
E sobre os ermos montes Cheviot;
Os campanários imensos, a torre de menagem,
As muralhas que a ambos rodeavam,
Em seu brilho amarelo luziam...*

A música logo me fez esquecer a tempestade.

Escutei um barulho; pensei que fosse o vento sacudindo a porta. Não: era St. John Rivers, que ergueu o trinco e, vindo daquele furacão gelado, daquela escuridão uivante, postou-se diante de mim; a capa que cobria seu corpo alto estava branca feito uma geleira. Fiquei quase consternada, de tão

pouco que esperava, naquela noite, qualquer visita vinda do vale intransponível.

“Alguma notícia ruim?”, indaguei. “Aconteceu alguma coisa?”

“Não. A senhorita se assusta fácil?”, respondeu ele, tirando a capa e a pendurando na porta, em direção à qual tornou a empurrar calmamente o capacho que a sua entrada tinha tirado do lugar. Bateu as botas no chão para soltar a neve.

“Vou macular a pureza do seu chão”, falou, “mas desta vez a senhorita precisa me desculpar.” Então chegou perto do fogo. “Tive de me esforçar muito para chegar aqui, isso eu lhe garanto”, observou enquanto aquecia as mãos acima das chamas. “Uma das rajadas me deixou com neve até a cintura; por sorte ela ainda está macia.”

“Mas por que veio até aqui?”, não pude evitar perguntar.

“Que pergunta pouco hospitaleira para se fazer a uma visita. Mas, como a senhorita já a fez, respondo que apenas para ter uma pequena conversa; fiquei cansado de meus livros mudos e de meus cômodos vazios. Além do mais, desde ontem venho sentindo a animação de uma pessoa a quem uma história foi contada pela metade e que está impaciente para ouvir a continuação.”

Ele se sentou. Recordei sua conduta estranha da véspera e de fato comecei a temer que seu juízo estivesse comprometido. Mas, se ele estivesse louco, aquela era uma loucura muito calma e contida: eu nunca tinha visto aquela fisionomia de belos traços mais parecida com mármore entalhado do que naquele instante, quando ele afastou do rosto os cabelos úmidos de neve e deixou a luz do fogo iluminar livremente sua fronte pálida e suas faces mais pálidas ainda, onde me entristeci ao observar agora gravados de modo tão visível os fundos sulcos da preocupação ou da tristeza. Aguardei, imaginando que ele fosse dizer alguma coisa que eu

pudesse pelo menos compreender, mas sua mão estava agora no queixo e seu dedo sobre o lábio; ele estava pensando. Notei que sua mão parecia tão emaciada quanto o rosto. Uma onda talvez não solicitada de pena me invadiu o coração. Fui levada a dizer: “Queria que Diana ou Mary viessem morar com o senhor. É uma pena que fique tão sozinho, o senhor é muito descuidado no que diz respeito a sua saúde”.

“De modo algum”, disse ele. “Eu me cuido quando é preciso. Agora estou bem. O que está vendo de errado em mim?”

Isso foi dito com uma indiferença descuidada e distraída que me mostrou que a minha preocupação era, pelo menos na opinião dele, inteiramente supérflua. Calei-me.

Ele continuou a mover o dedo por cima do lábio superior e a encarar o fogo aceso com um ar sonhador; achando urgente dizer alguma coisa, perguntei-lhe então se estava sentindo algum vento frio vindo da porta, localizada logo atrás.

“Não, não!”, respondeu ele, sucinto e um tanto impaciente.

“Bem”, refleti, “se o senhor não quer falar, pode ficar quieto; vou deixá-lo em paz agora e voltar ao meu livro.”

Então soprei a vela e voltei a folhear o *Marmion*. Ele logo voltou a se mexer; meu olhar foi atraído na mesma hora para seus movimentos; ele só fez sacar uma carteira de marroquim, tirar de lá uma carta que leu em silêncio, dobrá-la, guardá-la de volta e voltar ao estado meditativo. Inútil tentar ler com um indivíduo inescrutável daqueles na minha frente; na minha impaciência, tampouco foi possível ficar calada; ele podia me rechaçar se quisesse, mas eu ia falar.

“Teve notícias de Diana e Mary ultimamente?”

“Não desde a carta que lhe mostrei, uma semana atrás.”

“Não houve nenhuma mudança nos seus próprios planos? O senhor não será levado a deixar a Inglaterra mais cedo do que o esperado?”

“Temo que não; seria uma sorte excessiva para minha pessoa.” Sem sucesso até ali, mudei de tática. Comecei a falar sobre a escola e minhas alunas.

“A mãe de Mary Garrett está melhor, e Mary voltou à escola hoje de manhã, e na semana que vem terei quatro meninas novas de Foundry Close; se não fosse a neve, elas teriam chegado hoje.”

“É mesmo?”

“O sr. Oliver vai pagar por duas delas.”

“Ah, vai?”

“Ele quer dar um presente para a escola inteira no Natal.”

“Eu sei.”

“Foi sugestão sua?”

“Não.”

“De quem foi, então?”

“Da filha dele, acho.”

“É típico; ela é muito bondosa.”

“Sim.”

Novamente sobreveio o vazio de uma pausa; o relógio soou oito vezes. Isso o fez despertar; ele descruzou as pernas, sentou-se mais ereto e virou-se para mim.

“Largue seu livro um instante e chegue mais para perto do fogo”, falou.

Intrigada e sem ver nenhuma luz que pudesse me esclarecer, obedeci.

“Meia hora atrás mencionei minha impaciência para saber a continuação de uma história”, prosseguiu ele. “Pensando bem, acho que a melhor forma de resolver a questão será eu assumir o papel do narrador e transformar a senhorita em ouvinte. Antes de começar, é justo alertá-la de que a história

vai soar um tanto banal aos seus ouvidos, mas os detalhes muitas vezes adquirem uma nova camada de frescor ao passar por lábios novos. No mais, seja ela banal ou nova, a história é curta.

“Vinte anos atrás, um cura pobre — pouco importa seu nome no momento — apaixonou-se pela filha de um homem rico; ela também se apaixonou por ele e o desposou, contrariando os conselhos de todos os amigos, que conseqüentemente a abandonaram assim que o casamento se realizou. Antes de transcorrerem dois anos, os dois impetuosos estavam ambos mortos e jaziam lado a lado em silêncio sob uma mesma lápide. (Vi seu túmulo; fazia parte do calçamento de um imenso cemitério ao redor da catedral sombria e enegrecida de fuligem de uma cidade manufatureira superpopulosa em ***shire.) Deixaram uma filha, que imediatamente após o nascimento a Caridade acolheu em seu regaço, um regaço frio como o da nevasca que quase me imobilizou hoje à noite. A Caridade conduziu essa criatura sem amigos para a casa de ricos parentes do lado materno; ela foi criada por uma tia por aliança chamada (chego agora aos nomes) sra. Reed, de Gateshead. A senhorita se sobressaltou... por acaso escutou algum barulho? Ouso dizer que deve ser apenas um rato passeando pelas vigas da escola aqui ao lado; aquilo lá era um celeiro antes de eu mandar consertar e reformar, e celeiros em geral são infestados de ratos. Mas prossigamos. A sra. Reed manteve a órfã consigo durante dez anos; se a menina foi feliz ou não com ela, não sei dizer, pois nunca me contaram; mas ao cabo desse período a tia a transferiu para um lugar que a senhorita conhece e que não é outro senão o colégio interno de Lowood, onde a senhorita mesma viveu por tanto tempo. Parece que a trajetória da menina lá foi muito honrosa: de aluna, ela se tornou professora, como a senhorita... realmente me espanta o fato de haver tantos paralelos entre a história dela e a sua. Saiu de lá para

ser preceptora; e nesse ponto novamente seus destinos foram análogos. Ela assumiu a educação da protegida de um certo sr. Rochester.”

“Sr. Rivers!”, interrompi.

“Posso imaginar seus sentimentos”, disse ele, “mas lhe peço para contê-los um pouco. Estou quase terminando; ouça-me até o fim. Sobre o caráter do sr. Rochester nada sei, exceto o fato de que ele afirmou estar propondo um casamento honrado a essa jovem e de que no altar ela descobriu que ele tinha uma esposa ainda viva, embora louca. Quais foram a sua conduta e as suas propostas subsequentes é questão de pura conjectura, mas, quando sobreveio um acontecimento que tornou necessária a localização da preceptora, descobriu-se que ela havia partido, ninguém sabia quando, para onde ou de que maneira. Havia deixado Thornfield Hall durante a noite; todas as buscas por seu paradeiro foram vãs. A região foi vasculhada de cima a baixo, e não foi possível obter nenhum indício de informação a seu respeito. Entretanto, encontrá-la tornou-se uma questão seriamente urgente. Anúncios foram publicados em todos os jornais; eu mesmo recebi uma carta de certo sr. Briggs, advogado, comunicando os detalhes que acabei de relatar. Não é uma história estranha?”

“Diga-me apenas o seguinte”, falei, “e já que o senhor sabe tanta coisa, *com certeza* poderá me responder: e o sr. Rochester? Como e onde está? O que está fazendo? Ele está bem?”

“Ignoro tudo relacionado ao sr. Rochester. A carta só o menciona para citar a tentativa fraudulenta e ilegal à qual aludi. A senhorita deveria, isso sim, perguntar o nome da preceptora... e a natureza do acontecimento que exige encontrá-la.”

“Então ninguém foi a Thornfield Hall? Ninguém viu o sr. Rochester?”

“Suponho que não.”

“Mas alguém lhe escreveu?”

“Claro.”

“E o que ele disse? Quem recebeu suas cartas?”

“O sr. Briggs deu a entender que a resposta a sua solicitação não viera do sr. Rochester, mas de uma dama: a missiva era assinada por uma ‘Alice Fairfax’.”

Senti frio e consternação. Meus piores temores provavelmente eram verdadeiros. Ele decerto havia deixado a Inglaterra e corrido em temerário desespero rumo a algum antigo antro no continente. E que ópio para seus intensos sofrimentos, que objeto para suas fortes paixões teria ido buscar lá? Não me atrevi a responder a tal pergunta. Ah, meu pobre patrão, meu um dia quase marido, a quem eu tantas vezes chamara “meu querido Edward”!

“Ele devia ser um homem mau”, observou o sr. Rivers.

“O senhor não o conhece... não dê opinião sobre ele”, falei, exaltada.

“Muito bem”, respondeu St. John baixinho. “E de fato meus pensamentos estão ocupados com outra coisa que não o sr. Rochester. Tenho minha história para terminar. Como a senhorita não quer perguntar o nome da preceptora, devo lhe dizer por iniciativa própria. Espere! Tenho o nome aqui... é sempre mais satisfatório ver os pontos importantes por escrito, devidamente registrados em preto no branco.”

A carteira foi mais uma vez devidamente sacada, aberta e vasculhada; de uma de suas divisórias foi extraído um pedacinho de papel esfarrapado rasgado às pressas. Reconheci pela textura e pelas manchas de ultramarino, bordô e escarlata a margem arrancada do mata-borrão do retrato. Ele se levantou e o segurou junto aos meus olhos. E ali eu li, escrito em nanquim na minha própria caligrafia, as palavras “Jane Eyre”, sem dúvida produto de algum instante de distração.

“Briggs me escreveu sobre certa Jane Eyre”, disse ele; “o anúncio procurava uma Jane Eyre. Eu conhecia uma Jane Elliott. Confesso que tinha minhas suspeitas, mas foi só ontem à tarde que elas num instante se transformaram em certeza. A senhorita reconhece o nome e renuncia ao pseudônimo?”

“Sim... sim; mas onde está o sr. Briggs? Ele talvez saiba mais sobre o sr. Rochester do que o senhor.”

“Briggs está em Londres. Duvido que saiba qualquer coisa sobre o sr. Rochester; não é no sr. Rochester que ele está interessado. Enquanto isso, a senhorita esquece pontos fundamentais ao se dedicar a coisas sem importância: não pergunta por que o sr. Briggs estava à sua procura... o que ele queria com a senhorita.”

“Bem, o que ele queria?”

“Apenas lhe dizer que seu tio, o sr. Eyre, de Madeira, morreu; que ele lhe deixou todo o seu patrimônio, e que a senhorita agora é rica... apenas isso... mais nada.”

“Eu! Rica?”

“Sim, a senhorita. Rica... uma herdeira e tanto.”

Seguiu-se um silêncio.

“Precisa provar sua identidade, claro”, retomou St. John pouco depois. “Esse passo não vai apresentar dificuldade alguma; então poderá receber imediatamente a herança. Sua fortuna está protegida pelo Tesouro inglês; Briggs tem o testamento e toda a documentação necessária.”

Uma carta nova acabara de ser revelada! É lindo, leitor, ser transportada num instante da indigência à riqueza, lindo mesmo; mas não é algo que se possa compreender, ou conseqüentemente apreciar, de uma só vez. Existem também outras casualidades na vida bem mais empolgantes e inebriantes; *essa* é uma coisa sólida, uma questão do mundo concreto, sem nada de

ideal; todas as suas associações são sólidas e sóbrias, assim como suas manifestações. A pessoa não começa a pular, a saltitar e a soltar brados exultantes ao saber que recebeu uma fortuna; em vez disso, começa a considerar responsabilidades e a pensar em negócios; sobre uma base de satisfação firme erguem-se algumas graves preocupações, e nós nos contemos e passamos a considerar nossa felicidade com uma expressão solene.

Além do mais, as palavras Legado e Herança caminham de mãos dadas com as palavras Morte e Funeral. Eu ficara sabendo que meu tio estava morto — meu único parente; desde que tomara conhecimento da sua existência, vinha acalentando o sonho de um dia encontrá-lo. Agora isso nunca ia acontecer. Além do mais, seu dinheiro ficava apenas para mim; não para mim e uma família que pudesse comemorar, mas para mim isoladamente. Era sem dúvida uma dádiva enorme, e a independência seria gloriosa — sim, isso eu sentia; *esse pensamento me aquecia o coração.*

“Até que enfim a senhorita ergue a cabeça”, disse o sr. Rivers. “Pensei que Medusa a tivesse encarado e transformado em pedra. Quem sabe agora vai perguntar quanto dinheiro ganhou?”

“Quanto dinheiro eu ganhei?”

“Ah, uma ninharia! Nada digno de comentário... vinte mil libras, acho que eles disseram; mas o que significa isso?”

“Vinte mil libras?”

Mais um motivo de espanto; eu havia imaginado quatro ou cinco mil. A notícia de fato me deixou sem ar por alguns instantes. Nessa hora o sr. St. John, que até ali eu nunca tinha escutado rir, soltou uma risada.

“Bem”, disse ele, “se a senhorita tivesse cometido um assassinato e eu tivesse lhe dito que seu crime havia sido descoberto, não poderia estar com uma expressão mais consternada.”

“É uma quantia grande... o senhor não acha que houve algum engano?”

“Absolutamente nenhum engano.”

“Talvez o senhor tenha lido errado os algarismos... talvez sejam duas mil!”

“Está escrito por extenso, não em algarismos... vinte mil.”

Mais uma vez me senti como um indivíduo de capacidades gastronômicas medianas sentado para se banquetear sozinho diante de uma mesa posta com comida para cem. O sr. Rivers então se levantou e vestiu sua capa.

“Se a noite não estivesse tão horrível”, disse ele, “eu mandaria Hannah vir lhe fazer companhia. A senhorita está com uma cara arrasada demais para ser deixada sozinha. Mas a pobre Hannah não conseguiria enfrentar a nevasca tão bem quanto eu. Não tem as pernas tão compridas. De modo que devo deixá-la com a sua tristeza. Boa noite.”

Ele estava levantando o trinco quando um pensamento me ocorreu.

“Espere um minuto!”, gritei.

“Sim?”

“Estou curiosa para saber por que o sr. Briggs lhe escreveu a meu respeito, ou como ele o conhecia ou poderia saber que o senhor, vivendo num lugar tão afastado, tivesse como auxiliar na minha descoberta.”

“Ah! Eu sou um membro do clero”, disse ele, “e muitas vezes se recorre aos membros do clero em relação a questões variadas.” Mais uma vez o trinco chacoalhou.

“Não; isso não me satisfaz!”, exclamei. E de fato havia algo naquela resposta afobada que não explicava nada e que, em vez de aliviar, aguçou mais ainda minha curiosidade.

“É uma história muito estranha”, acrescentei; “preciso saber mais a respeito.”

“Em outra ocasião.”

“Não; hoje! Hoje mesmo!” E quando ele deu as costas para a porta, eu me pus no meio. Ele pareceu um tanto constrangido.

“O senhor certamente não vai embora antes de ter me contado tudo”, falei.

“Preferiria não fazer isso agora.”

“Mas vai! Precisa me contar!”

“Preferiria que Diana ou Mary a informassem.”

É claro que essas objeções levaram minha ansiedade ao clímax. Ela precisava ser aliviada, e sem demora; e foi o que eu lhe disse.

“Mas eu avisei que sou um homem duro”, disse ele, “difícil de convencer.”

“E eu sou uma mulher dura... impossível esquivar-se de mim.”

“Além disso, sou frio”, continuou ele. “Nenhum ardor me contagia.”

“Ao passo que eu sou quente, e o fogo derrete o gelo. Esta chama aqui fez toda a neve da sua capa se derreter; ao mesmo tempo, a fez escorrer pelo meu chão e o transformou numa rua pisoteada. Se o senhor algum dia quiser ter a esperança de ser perdoado, sr. Rivers, pelo grave crime e infração de ter estragado o piso seco de uma cozinha, diga-me o que desejo saber.”

“Bem, nesse caso vou ceder”, disse ele, “senão à sua aflição, à sua perseverança. Do mesmo jeito que uma pedra é desgastada por um pingo incessante. Além do mais, a senhorita vai ter que saber um dia... mais vale agora do que depois. Seu nome é Jane Eyre?”

“É claro que sim; tudo isso já foi esclarecido.”

“Talvez a senhorita não saiba que eu tenho o mesmo sobrenome. Que meu nome de batismo é St. John Eyre Rivers.”

“Não, eu não sabia! Agora me lembro de ter visto a letra ‘E.’ nas suas iniciais escritas em livros que o senhor me emprestou em diversas ocasiões, mas nunca perguntei a que sobrenome se referia esse ‘E’. Mas e daí? Certamente...”

Calei-me; não podia me permitir acalentar, muito menos expressar o pensamento que me ocorreu à mente, que se concretizou, que num segundo se transformou numa forte e sólida probabilidade. As circunstâncias foram se entrelaçando, se encaixando, se ordenando. A corrente que até aquele momento jazia jogada como um monte desordenado de elos se retesou: cada elo se tornou perfeito, a conexão se completou. Eu soube instintivamente do que se tratava, antes de St. John dizer qualquer outra palavra; mas como não posso esperar que o leitor tenha a mesma percepção intuitiva, devo repetir a explicação dele.

“O sobrenome de solteira da minha mãe era Eyre; ela teve dois irmãos, um deles um membro do clero que desposou a srta. Jane Reed, de Gateshead; o outro o distinto John Eyre, finado comerciante de Funchal, na ilha da Madeira. O sr. Briggs, na condição de advogado do sr. Eyre, nos escreveu em agosto passado para nos informar da morte de nosso tio e para dizer que ele havia legado seu patrimônio para a filha órfã de seu irmão do clero, passando por cima de nós em consequência de um desentendimento jamais perdoado entre ele e meu pai. O advogado nos escreveu de novo algumas semanas atrás dizendo que a herdeira havia sumido e perguntando se tínhamos alguma notícia dela. Um nome escrito casualmente num pedacinho de papel me permitiu localizá-la. O resto a senhorita sabe.” Mais uma vez ele fez menção de sair, mas eu coleí as costas na porta.

“Deixe-me falar”, pedi; “dê-me um instante para recuperar o fôlego e refletir.” Fiz uma pausa. Ele se manteve parado na minha frente, de chapéu

na mão, com um ar relativamente controlado. Retomei: “Sua mãe era irmã do meu pai?”.

“Sim.”

“Minha tia, conseqüentemente.”

Ele aquiesceu.

“Meu tio John era o seu tio John? O senhor, Diana e Mary são filhos da irmã dele, como eu sou filha do irmão dele?”

“Não há como negar.”

“Então vocês três são meus primos; metade do sangue de todos nós tem a mesma origem?”

“Sim, somos primos.”

Examinei-o. Era como se eu tivesse encontrado um irmão. Um irmão de quem pudesse me orgulhar, um irmão que pudesse amar; e duas irmãs cujas qualidades eram tais que, quando eu as conhecia apenas como meras estranhas, já tinham inspirado em mim um afeto e uma admiração genuínos. As duas moças que, ajoelhada no chão molhado de chuva e olhando pela janela baixa de treliça da cozinha de Moor House, eu havia observado com uma mistura tão amarga de interesse e desalento eram minhas parentes próximas; e o jovem e distinto cavalheiro que havia me encontrado à beira da morte diante de sua porta era meu parente de sangue. Que descoberta gloriosa para uma pobre solitária! Aquilo sim era riqueza! Riqueza para o coração! Uma mina de afeto puro e cheio de alegria. Aquilo era uma bênção, brilhante, vívido e empolgante; não como a pesada dádiva do ouro, suficientemente rica e bem-vinda à sua maneira, mas intimidadora por seu peso. Bati palmas num súbito contentamento; meu pulso se acelerou, minhas veias latejaram.

“Ah, eu estou feliz! Estou feliz!”, exclamei.

St. John sorriu. “Eu não disse que a senhorita estava ignorando pontos essenciais para se interessar por banalidades?”, indagou ele. “Ficou séria quando eu lhe disse que havia ganhado uma fortuna, e agora, por uma questão sem importância, fica toda animada.”

“O que está dizendo? Pode ser sem importância para o senhor, que tem irmãs e não liga para uma prima; mas eu não tenho ninguém, e agora três parentes — ou duas, se o senhor preferir não ser contado — adentraram o meu mundo já prontos. Estou feliz, repito!”

Atravessei depressa o recinto. Parei, quase sufocada pelos pensamentos que brotavam mais depressa do que eu conseguia acolhê-los, compreendê-los ou acalmá-los; pensamentos sobre o que talvez viesse a acontecer, sobre o que poderia, ia e deveria acontecer, e dali a bem pouco tempo. Olhei para a parede nua; ela me pareceu um céu coalhado de estrelas, cada qual apontando para um propósito ou para um prazer. Aqueles que tinham salvado minha vida, aqueles que até então eu amara de modo estéril, eu agora podia ajudar. Eles estavam submetidos a um jugo, e eu podia libertá-los. Estavam separados, e eu podia reuni-los. A independência, a abundância que era minha poderia ser deles também. Não éramos quatro? Vinte mil libras divididas igualmente dariam cinco mil para cada um, mais do que o suficiente. A justiça seria feita, a felicidade mútua garantida. Agora a riqueza já não me pesava mais. Agora ela não era apenas uma herança em dinheiro: era um legado de vida, esperança e alegria.

Qual era meu semblante enquanto aquelas ideias tomavam meu espírito de assalto? Isso não sei dizer, mas logo reparei que o sr. Rivers posicionara uma cadeira atrás de mim e delicadamente tentava fazer-me sentar nela. Recomendou também que eu me recompusesse; desdenhei a insinuação de impotência e agitação, afastei sua mão e recomecei a andar.

“Escreva para Mary e Diana amanhã”, falei, “e diga-lhes que venham imediatamente para casa. Diana falou que as duas se considerariam ricas com mil libras, então com cinco mil elas estarão muito bem.”

“Diga-me onde posso buscar um copo d’água para a senhorita”, falou St. John; “a senhorita precisa mesmo fazer um esforço para acalmar seus sentimentos.”

“Que bobagem! E que tipo de efeito a herança vai ter sobre o senhor? Será que vai mantê-lo na Inglaterra, fazê-lo desposar a srta. Oliver e sossegar na vida como qualquer mortal comum?”

“A senhorita está divagando; seus pensamentos estão confusos. Fui abrupto demais na comunicação das notícias; a senhorita se agitou além da conta.”

“Sr. Rivers! O senhor está esgotando a minha paciência. Estou sendo inteiramente racional; quem não está entendendo, ou melhor, quem está fingindo não entender é o senhor.”

“Talvez se a senhorita se explicasse um pouco mais, eu compreenderia melhor.”

“Explicar! O que há para explicar? O senhor não pode ter deixado de perceber que a quantia em questão, vinte mil libras, dividida igualmente entre o sobrinho e as três sobrinhas do seu tio, dá cinco mil libras para cada um. O que eu quero é que o senhor escreva para suas irmãs e as informe sobre a fortuna que elas ganharam.”

“Que a senhorita ganhou, melhor dizendo.”

“Eu já disse o que penso do assunto; sou incapaz de pensar qualquer outra coisa. Não sou brutalmente egoísta nem cegamente injusta ou malevolamente ingrata. Além do mais, estou decidida a ter uma casa e parentes. Gosto de Moor House e em Moor House vou morar; gosto de Diana e Mary, e a Diana e Mary hei de me vincular pelo resto da vida. Ter

cinco mil libras seria para mim agradável e útil; mas seria um tormento e uma opressão ter vinte mil, que além do mais nunca poderiam me pertencer de modo justo, ainda que a justiça assim o estabeleça. Eu lhes cedo então o que é absolutamente supérfluo para mim. Não deve haver nenhuma oposição ou discussão a respeito; vamos fazer um acordo entre nós e decidir imediatamente a questão.”

“A senhorita está agindo por impulso; precisa de alguns dias para refletir sobre um assunto desses antes de sua palavra poder ser considerada válida.”

“Ah! Se o que o faz duvidar é apenas minha sinceridade, fico tranquila. Consegue ver a justiça da questão?”

“Vejo, *sim*, certa justiça, mas ela contraria todos os costumes. Além do mais, a senhorita tem direito à fortuna inteira. Meu tio a ganhou graças aos próprios esforços; estava livre para deixá-la para quem quisesse. Ele a deixou para a senhorita. A justiça, afinal, lhe permite ficar com ela; a senhorita pode, com a consciência tranquila, considerá-la inteiramente sua.”

“No meu caso”, falei, “a questão é tanto de sentimento quanto de consciência. Preciso agir como mandam meus sentimentos; raramente tive uma oportunidade de fazê-lo. Ainda que o senhor argumentasse comigo, ainda que se opusesse e me perturbasse durante um ano, eu não abriria mão do delicioso prazer do qual tive um vislumbre: o de retribuir, em parte, um favor imenso, e conquistar para mim mesma amigos para a vida inteira.”

“A senhorita pensa assim agora”, retrucou St. John, “porque não sabe o que é possuir riqueza, nem conseqüentemente o que é gozar dela. É incapaz de conceber a importância que vinte mil libras poderiam lhe conferir, o lugar que lhe permitiriam ocupar na sociedade, as oportunidades que lhe abririam. A senhorita não consegue...”

“E o senhor”, interrompi, “não consegue nem por um instante imaginar a ânsia que eu sinto por ter o amor de um irmão e de uma irmã. Nunca tive

uma casa, nunca tive irmãos nem irmãs; preciso tê-los e agora os terei. Não está relutante em me reconhecer e me assumir, está?”

“Jane, eu serei seu irmão, e minhas irmãs serão suas irmãs sem que isso dependa de um sacrifício dos seus direitos.”

“Irmão? Sim, a mil léguas de distância! Irmãs? Sim, trabalhando como escravas para desconhecidos! E eu rica, empanturrada de um ouro que nunca ganhei e que não mereço! E vocês sem um tostão! Que impressionante igualdade fraterna! Que estreita união! Que vínculo mais íntimo!”

“Mas Jane, suas aspirações a vínculos familiares e felicidade doméstica talvez possam se concretizar de um modo diferente daquele que você imagina. Você pode vir a casar-se.”

“Outra bobagem! Me casar! Não quero me casar e nunca vou querer.”

“Isso é um exagero. Esse tipo de afirmação aleatória é uma prova do quanto está alterada.”

“Não é exagero. Sei o que sinto e sei a que ponto minhas inclinações se opõem à simples ideia de me casar. Ninguém me aceitaria por amor, e eu me recuso a ser considerada somente à luz de um interesse monetário. E não quero um desconhecido, alguém sem empatia, estrangeiro, diferente de mim; quero os da minha espécie, aqueles com quem tenho uma identificação integral. Diga outra vez que será meu irmão. Quando disse essas palavras, fiquei satisfeita e feliz; repita-as, se puder repeti-las com sinceridade.”

“Acho que posso. Sei que sempre amei minhas próprias irmãs e sei no que se baseia meu afeto por elas: respeito por seu valor e admiração por seus talentos. Você também tem princípios e inteligência; seus gostos e hábitos se assemelham aos de Diana e Mary; sua presença me é sempre agradável; nas nossas conversas já encontrei há algum tempo um alívio

salutar. Sinto que posso de modo fácil e natural lhe abrir um espaço no meu coração como minha terceira e mais nova irmã.”

“Obrigada. Por hoje me contentarei com isso. Agora é melhor ir andando, pois se ficar mais tempo talvez venha a me irritar de novo com algum escrúpulo desconfiado.”

“E a escola? Imagino que agora deverá ser fechada, não?”

“Não. Continuarei exercendo minha função de professora até o senhor conseguir uma substituta.”

Ele abriu um sorriso de aprovação. Apertamo-nos as mãos, e ele se retirou.

Não preciso narrar em detalhes os embates subsequentes que travei, e os argumentos por mim usados para organizar como eu desejava as questões relativas à herança. Minha tarefa foi muito árdua, mas, como eu estava absolutamente resolvida — como meus primos acabaram vendo que eu estava de modo real e intransigível decidida a fazer uma divisão justa do patrimônio; como deviam ter sentido nos próprios corações a equanimidade da intenção; e como deviam, além do mais, ter a consciência íntima de que no meu lugar teriam feito exatamente o que eu desejava fazer —, eles acabaram cedendo a ponto de consentir que a questão fosse submetida a uma arbitragem. Os juízes escolhidos foram o sr. Oliver e um advogado competente. Ambos foram da mesma opinião que eu; consegui o que eu queria. O documento de transferência foi estabelecido; St. John, Diana, Mary e eu tomamos cada qual posse da nossa fortuna.

O Natal estava quase chegando quando tudo se resolveu; a temporada das férias se aproximava. Fechei a escola de Morton, tomando cuidado para que a despedida não fosse estéril da minha parte. A boa sorte faz maravilhas para abrir, além do coração, também a carteira; e quando se recebeu muito, dar um pouco é apenas proporcionar um escape para a ebulição não muito usual de sensações. Fazia tempo que eu sentia, com prazer, que muitas de minhas rústicas alunas gostavam de mim, e quando nos despedimos tal consciência se confirmou: elas manifestaram seu afeto de modo forte e evidente. Fiquei profundamente gratificada ao descobrir que de fato tinha um lugar nos seus pouco sofisticados corações. Prometi a elas que nem uma semana sequer transcorreria dali em diante sem que eu as visitasse e lhes desse uma hora de aula na sua escola.

O sr. Rivers apareceu quando, após ter feito as turmas que agora somavam sessenta meninas saírem em fila indiana na minha frente e ter trancado a porta, eu estava em pé, com a chave na mão, trocando algumas palavras especiais de despedida com cerca de meia dúzia de minhas melhores alunas, jovens tão decentes, respeitáveis, modestas e bem informadas quanto se podia encontrar entre os camponeses britânicos. E dizer isso significa muito, pois os camponeses britânicos são os mais

instruídos, mais bem-educados e mais dignos de toda a Europa: desde então já vi *paysannes* e *Bäuerinnen*,¹ e as melhores dentre elas me pareceram ignorantes, toscas e avoadas em comparação com minhas meninas de Morton.

“Considera ter sido recompensada por uma temporada de esforço?”, perguntou o sr. Rivers depois de elas irem embora. “Não é prazerosa a consciência de ter feito algo realmente bom na sua época e na sua geração?”

“Sem dúvida.”

“E você labutou apenas por alguns meses! Uma vida inteira dedicada à tarefa de regenerar sua raça não seria bem gasta?”

“Sim”, falei, “mas eu não poderia continuar assim para sempre. Quero aproveitar minhas próprias faculdades, além de cultivar as dos outros. Preciso aproveitá-las agora; não peça nem para minha mente nem para meu corpo voltarem à escola; eu já saí dela e estou disposta a tirar férias de verdade.”

Ele assumiu um ar grave. “O que houve agora? Que súbita ansiedade é essa que está demonstrando? O que vai fazer agora?”

“Vou ser ativa, o mais ativa que puder. E primeiro preciso lhe suplicar para liberar Hannah e arrumar outra pessoa para ajudá-lo.”

“Está precisando dela?”

“Sim, para me acompanhar até Moor House. Diana e Mary chegam daqui a uma semana, e quero estar com tudo em ordem antes da chegada delas.”

“Entendo. Pensei que estivesse cogitando partir em alguma excursão. Melhor assim; Hannah vai acompanhá-la.”

“Então lhe diga para estar pronta amanhã. E aqui está a chave da sala de aula. Pela manhã entregarei a da minha casa.”

Ele a pegou. “Você está abrindo mão desta chave com grande alegria”, disse ele; “não entendo muito bem essa animação toda, pois não sei que

atividade está imaginando para substituir aquela da qual abre mão. Que objetivo, que propósito, que ambição tem agora na vida?”

“Meu primeiro objetivo será fazer *uma limpeza* (compreende toda a força dessa expressão?), *uma limpeza* em Moor House de cima até embaixo; o seguinte será esfregá-la com cera de abelha, óleo e uma quantidade indefinida de panos até ela reluzir outra vez; meu terceiro objetivo será arrumar cada cadeira, mesa, cama e tapete com precisão matemática; depois vou levá-lo quase à ruína com carvão e turfa para garantir um bom fogo aceso em todos os cômodos; e, por fim, os dois dias anteriores à chegada prevista das suas irmãs serão dedicados por Hannah e por mim a bater ovos, separar passas, ralar especiarias, preparar bolos natalinos, picar ingredientes para empadões e sacramentar outros ritos culinários de um modo tal que as palavras não fazem mais que transmitir uma ideia inadequada a um leigo como você. Meu propósito, em suma, é estar com tudo preparado de modo absolutamente perfeito para Diana e Mary antes da quinta-feira que vem, e minha ambição é proporcionar-lhes uma acolhida ideal quando elas voltarem para casa.”

St. John sorriu de leve; continuava insatisfeito.

“Tudo excelente por ora”, disse; “mas sinceramente imagino que, passados os primeiros arroubos de energia, você vá procurar algo mais elevado do que os mimos domésticos e as alegrias do lar.”

“Essas são as melhores coisas que o mundo tem!”, interrompi.

“Não, Jane, não. Este mundo não é um lugar de prazer; não tente transformá-lo em tal coisa. Tampouco é um lugar de descanso; não vá se tornar preguiçosa.”

“Pelo contrário, tenho a intenção de me ocupar.”

“Jane, por enquanto eu a perdoo. Concedo-lhe dois meses de trégua para gozar plenamente da sua nova situação e para aproveitar os encantos de

relacionamentos tardiamente encontrados; mas *depois* disso espero que comece a olhar para além de Moor House e de Morton, da convivência com as irmãs e da calma egoísta e do conforto material da riqueza civilizada. Espero que a força das suas energias volte a atormentá-la então.”

Olhei para ele espantada.

“St. John”, falei, “acho quase maldade da sua parte falar assim. Eu me disponho a viver contente como uma rainha, e você me instiga a ficar inquieta! Com que finalidade?”

“Com a finalidade de tirar proveito dos talentos que Deus deixou sob sua responsabilidade e dos quais Ele com certeza um dia exigirá uma rigorosa prestação de contas. Jane, estou lhe avisando: ficarei observando você de perto e com aflição. Tente conter o fervor desproporcional com o qual se atira nos prazeres domésticos banais. Não se prenda com tanta tenacidade às amarras da carne; poupe sua constância e seu ardor para uma causa adequada; evite desperdiçá-los com objetos passageiros sem importância. Está me ouvindo, Jane?”

“Sim, como se você estivesse falando grego. Sinto que tenho motivos adequados para estar feliz, e *serei* feliz. Adeus!”

Fui de fato feliz em Moor House e tive muito a fazer, e Hannah também; ela ficou encantada ao ver como eu podia ser jovial em meio à agitação de uma casa virada de pernas para o ar, e como era capaz de escovar e espanar, limpar e cozinhar. De fato, após um ou dois dias de uma confusão pior do que a de antes, foi um deleite ir aos poucos criando ordem a partir do caos que nós mesmas tínhamos produzido. Eu antes havia viajado até S*** para comprar alguns móveis novos, uma vez que meus primos tinham me dado carta branca para fazer as alterações que quisesse e que uma quantia fora reservada para esse fim. A sala e os quartos deixei praticamente como eram, pois sabia que Diana e Mary sentiriam mais prazer ao rever as velhas

mesas, cadeiras e camas simples do que com o espetáculo de elegantes inovações. Ainda assim, era preciso alguma novidade para dar ao seu retorno o toque especial que eu queria que tivesse. Novos e belos tapetes e cortinas escuros, uma coleção de enfeites antigos de porcelana e bronze cuidadosamente escolhidos, novas tampas, espelhos e revestimentos para as pias suprimiram essa necessidade: pareciam novos sem ser chamativos. Uma segunda sala e um segundo quarto, mobíliei inteiramente com peças de mogno e estofados bordô; forrei as paredes do corredor e pus tapetes na escada. Quando tudo ficou pronto, pensei que Moor House era por dentro um modelo tão completo de aconchego reluzente e modesto quanto, naquela estação, era por fora um exemplo de desolação invernal e solitária tristeza.

A aguardada quinta-feira enfim chegou. As viajantes eram esperadas para o anoitecer, e antes disso as lareiras foram acesas no andar de cima e no de baixo; a cozinha foi perfeitamente arrumada; Hannah e eu nos vestimos, e tudo ficou pronto.

St. John foi o primeiro a chegar. Eu o convencera a permanecer afastado da casa até tudo estar organizado, e de fato a mera ideia de uma agitação a um tempo dramática e trivial ocorrendo entre suas paredes bastou para afugentá-lo e mantê-lo distante. Ele me encontrou na cozinha, observando o progresso dos bolinhos para o chá que estavam no forno. Aproximando-se do fogo, perguntou “se eu estava enfim farta dos trabalhos de criada”. Respondi convidando-o a me acompanhar numa inspeção geral do resultado de meu esforço. Com alguma dificuldade, consegui convencê-lo a fazer um tour pela casa. Ele só fez espiar para dentro das portas que eu abria, e após percorrermos o andar de cima e o de baixo, disse que decerto eu me cansara e me aborrecera muito para ter feito mudanças tão consideráveis em tão pouco tempo, mas não articulou uma só sílaba que indicasse prazer com a melhora no aspecto de sua residência.

O silêncio me desanimou. Pensei que talvez as alterações tivessem perturbado alguma antiga arrumação que ele valorizava. Perguntei se era o caso, sem dúvida num tom um tanto consternado.

“De modo algum; pelo contrário, ele tinha observado que eu respeitara escrupulosamente todas as arrumações; temia, na realidade, que eu houvesse dedicado ao assunto mais reflexão do que o necessário. Quantos minutos, por exemplo, havia dedicado ao estudo da disposição daquele cômodo ali? A propósito, será que poderia lhe dizer onde estava tal e tal livro?”

Mostrei-lhe o volume na estante. Ele o pegou, e recolhendo-se ao seu costumeiro nicho junto à janela, começou a lê-lo.

Não gostei daquilo, leitor. St. John era um homem bom, mas comecei a sentir que ele tinha dito a verdade sobre si mesmo ao afirmar ser duro e frio. O lado humano e os confortos da vida não tinham atrativo algum para ele, nem seus prazeres tranquilos qualquer charme. Ele vivia, literalmente, apenas para aspirar ao que era belo e grandioso, sem dúvida; mas mesmo assim nunca relaxava nem aprovava que outros relaxassem à sua volta. Enquanto observava sua testa altiva, imóvel e alva como uma pedra branca, e seus traços delicados concentrados no estudo, compreendi num só instante que ele de fato não daria um bom marido; que ser sua esposa seria algo extenuante. Compreendi, como numa inspiração, a natureza de seu amor pela srta. Oliver, e concordei com ele que era apenas um amor dos sentidos. Compreendi como devia desprezar a si mesmo pela influência febril que esse amor exercia sobre ele; como devia desejar sufocá-lo e destruí-lo; como devia duvidar da possibilidade de que ele algum dia o conduzisse permanentemente à felicidade, ou a moça à dela. Vi que era feito do mesmo barro com o qual a natureza forja seus heróis, tanto cristãos quanto pagãos, seus legisladores, homens de Estado, conquistadores: um sólido baluarte

sobre o qual grandes interesses podiam repousar, mas junto ao fogo doméstico com demasiada frequência uma coluna pesada, sombria e incongruente.

“Esta sala não é o ambiente dele”, refleti. “As montanhas do Himalaia, a selva da África do Sul, até mesmo os pântanos assolados pela peste da costa da Guiné seriam mais adequados para ele. Ele tinha razão em se esquivar da tranquilidade da vida doméstica; não era o seu elemento. Ali suas faculdades ficavam estagnadas, não podiam se desenvolver nem ser expostas sob uma luz vantajosa. É nos lugares de dificuldade e perigo, lugares em que a coragem é demonstrada, a energia desprendida e a força de caráter posta à prova que ele irá falar e se mover como um líder e homem superior. Aqui, diante da lareira, uma criança feliz seria mais forte do que ele. Ele tem razão em escolher uma carreira de missionário; agora vejo isso.”

“Elas estão chegando! Estão chegando!”, exclamou Hannah, abrindo de par em par a porta da sala. Na mesma hora, Carlo pôs-se a latir alegremente. Corri lá para fora. Já estava escuro, mas era possível escutar um barulho de rodas. Hannah não demorou a acender um lampião. O veículo havia parado no pequeno portão; o condutor abriu a porta. Primeiro saltou uma forma conhecida, em seguida outra saltaram. Um minuto depois eu estava com o rosto debaixo de seus chapéus, primeiro em contato com a bochecha macia de Mary, depois com os cachos esvoaçantes de Diana. Elas riram, beijaram a mim e em seguida Hannah. Fizeram festa em Carlo, quase enlouquecido de alegria; perguntaram ansiosas se estava tudo bem, e depois de asseguradas de que sim, estava tudo bem, entraram na casa.

Estavam doloridas após o longo e sacolejante trajeto desde Whitcross e geladas devido ao ar frio da noite, mas o fogo alto aqueceu seus corpos. Enquanto o condutor e Hannah traziam as caixas para dentro, pediram para

ver St. John. Nesse instante ele apareceu, vindo da sala. Ambas o enlaçaram na mesma hora pelo pescoço. Ele deu em cada uma um beijo discreto, disse em voz baixa umas poucas palavras de boas-vindas, ficou parado um tempo para elas poderem falar, e depois, dando a entender que em breve elas se reuniriam a ele na sala, para lá se retirou, como para um refúgio.

Eu acendera as velas para subir, mas Diana primeiro precisou dar instruções de hospitalidade com relação ao condutor; isso feito, ambas me seguiram. Ficaram encantadas com as renovações e com a decoração de seus quartos, com as cortinas e os tapetes novos, com os coloridos vasos de porcelana, e exprimiram sem reservas sua satisfação. Tive o prazer de sentir que minhas providências correspondiam exatamente aos seus desejos e que tudo o que eu fizera acrescentava um intenso charme à sua alegre volta para casa.

Que noite agradável! Minhas primas, tomadas de animação, mostraram-se tão eloquentes nas conversas e comentários que sua loquacidade disfarçou o comportamento taciturno de St. John. Ele estava sinceramente contente por ver as irmãs, mas não conseguia compactuar com seu brilho animado nem com suas demonstrações de alegria. O acontecimento do dia — a saber, a volta de Diana e Mary — lhe agradava, mas os acompanhamentos da ocorrência, o tumulto alegre, a ruidosa alegria da chegada o irritavam; pude ver que ele desejava o dia seguinte e a calma que ele traria. Bem no auge das comemorações da noite, cerca de uma hora após o chá, ouviu-se uma batida na porta. Hannah entrou dizendo que “um pobre rapaz estava lá fora, naquele horário improvável, para buscar o sr. Rivers e levá-lo até sua mãe, que estava à beira da morte”.

“Onde ela mora, Hannah?”

“Lá em cima em Whitcross Brow, a quase quatro milhas daqui, e a subida é pura charneca e musgo.”

“Diga a ele que vou.”

“Tenho certeza de que seria melhor não ir, senhor. Não há estrada pior para se percorrer após o cair da noite; não existe nenhuma trilha pelo lamaçal. Além do mais, a noite está muito fria e sopra um vento como jamais se viu. É melhor avisar que estará lá de manhã.”

Mas ele já estava no corredor vestindo a capa, e sem qualquer objeção, sem qualquer murmúrio, saiu. Eram nove horas; ele só voltou à meia-noite. Estava com bastante fome e cansado, mas parecia mais feliz do que ao partir. Havia cumprido um dever, feito um esforço, sentido a própria força de fazer e de negar, e estava mais em paz consigo mesmo.

Temo que toda a semana subsequente tenha sido uma provação para a sua paciência. Era a semana do Natal. Não abraçamos nenhuma atividade concreta, mas passamos aquele período numa espécie de feliz dissipação doméstica. O ar das charruncas, a liberdade da casa e o despertar da prosperidade foram para o espírito de Diana e Mary como um elixir da vida: elas se mostravam alegres da manhã até a tarde, e da tarde até a noite. Estavam sempre dispostas a falar, e seu discurso, espirituoso, expressivo, original, tinha para mim tamanho charme que eu preferia escutá-lo e participar dele a fazer qualquer outra coisa. St. John não rejeitava nossa vivacidade, mas se esquivava dela. Raramente ficava em casa; sua paróquia era grande, os paroquianos viviam espalhados por uma área bastante ampla, e ele se ocupava diariamente com visitas aos doentes e pobres de diferentes partes dessa área ampla.

Certa manhã, durante o desjejum, após permanecer um pouco pensativa por alguns minutos, Diana perguntou ao irmão “se seus planos continuavam os mesmos”.

“Continuam os mesmos e vão continuar”, foi a resposta. Ele então nos informou que sua partida da Inglaterra estava agora marcada

definitivamente para o ano seguinte.

“E Rosamond Oliver?”, sugeriu Mary, de cujos lábios as palavras pareceram escapar de modo involuntário, pois assim que ela as pronunciou fez um gesto como se desejasse retirá-las. St. John, que estava com um livro na mão — ele tinha o hábito antissocial de ler durante as refeições —, fechou-o e ergueu os olhos.

“Rosamond Oliver”, disse ele, “está de casamento marcado com o sr. Granby, um dos mais bem relacionados e mais estimados residentes de S***, neto e herdeiro de Sir Frederic Granby. O pai dela me deu a notícia ontem.”

As irmãs se entreolharam e em seguida olharam para mim; nós três olhamos para ele. Ele estava sereno como vidro.

“O enlace deve ter sido combinado às pressas”, falou Diana. “Não pode fazer muito tempo que os dois se conhecem.”

“Dois meses apenas. Conheceram-se em outubro no baile do condado em S***. Mas, quando não há obstáculos para a união, como nesse caso, e quando a união é desejável sob todos os aspectos, atrasos se fazem desnecessários. Os dois se casarão assim que S*** Place, que Sir Frederic vai lhes ceder, puder ser reformado para recebê-los.”

Na primeira vez em que me vi sozinha com St. John após a notícia, senti-me tentada a lhe perguntar se o acontecimento o incomodava, mas ele parecia precisar tão pouco de empatia que, longe de lhe manifestar alguma, senti certa vergonha ao recordar aquela que já lhe demonstrara. Além do mais, estava destreinada nas conversas com ele: sua reserva se cristalizara novamente e minha franqueza ficara congelada por baixo dela. St. John não cumprira a promessa de me tratar como as irmãs; vivia fazendo pequenas e frias distinções entre nós que em nada favoreciam o desenvolvimento da cordialidade. Em resumo, agora que eu fora reconhecida como sua parente e

morava debaixo do mesmo teto que ele, sentia que a distância entre nós era bem maior do que quando ele me conhecia apenas como a professora da escola do vilarejo. Quando recordava até onde já tinham ido suas confidências comigo, não conseguia entender aquela frieza.

Sendo assim, fiquei bastante surpresa quando ele de repente ergueu o rosto da mesa acima da qual estava curvado e disse: “A batalha foi travada e a vitória conquistada, viu só, Jane?”.

Espantada ao ouvi-lo dirigir-se a mim daquela forma, não respondi na hora. Após hesitar alguns instantes, retruquei: “Mas tem certeza de que não está na situação daqueles conquistadores cujas vitórias lhes custaram demasiado caro? Outra vitória assim não o deixaria devastado?”.

“Acho que não; e caso isso acontecesse, não teria grande importância; jamais serei chamado a travar outra batalha assim. O desfecho do conflito é definitivo. Meu caminho agora está livre, e por isso agradeço a Deus!” Dito isso, ele voltou a seus papéis e a seu silêncio.

Conforme nossa alegria mútua (ou seja, de Diana, Mary e minha) assumia um aspecto mais calmo, e conforme íamos retomando nossos hábitos costumeiros e estudos regulares, St. John passou a ficar mais em casa. Ficava sentado na mesma sala que nós, às vezes por horas a fio. Enquanto Mary costurava, Diana prosseguia a leitura de uma enciclopédia que (para meu assombro e admiração) havia iniciado, eu me esforçava no alemão, ele estudava seu próprio misterioso tema: algum idioma oriental cujo domínio considerava necessário para seus planos.

Assim entretido, dava a impressão de estar bastante silencioso e absorto em seu nicho, mas aqueles seus olhos azuis tinham a mania de se desgrudar da gramática de aspecto estranho e passear, e às vezes se fixar nas companheiras de estudo com uma expressão observadora curiosamente intensa. Caso fossem surpreendidos, eram desviados na hora; no entanto,

sempre voltavam pouco depois a observar nossa mesa com uma expressão perscrutadora. Perguntei-me o que significava aquilo. Estranhei também a satisfação pontual que ele nunca deixava de demonstrar em ocasiões que a mim pareciam momentos sem importância, a saber minhas visitas semanais à escola de Morton; e mais intrigada ainda fiquei quando, caso estivesse nevando, chovendo ou ventando muito e suas irmãs insistissem para eu não ir, ele invariavelmente fazia pouco-caso da preocupação delas e me encorajava a cumprir a tarefa sem ligar para os elementos.

“Jane não é tão fraca quanto vocês gostariam de pintá-la”, dizia; “consegue aguentar tão bem quanto qualquer um de nós uma rajada de montanha, uma chuva ou alguns flocos de neve. Tem uma constituição ao mesmo tempo sólida e flexível, mais adequada a suportar variações do clima do que muitas mais robustas.”

E quando eu voltava, às vezes muito cansada e bastante exaurida pelos elementos, nunca me atrevia a reclamar, pois via que qualquer murmúrio nesse sentido o teria ofendido. A força de caráter lhe agradava em todas as ocasiões; o contrário constituía uma irritação especial.

Certa tarde, porém, recebi autorização para ficar em casa por estar resfriada. Suas irmãs tinham ido a Morton no meu lugar. Eu estava sentada lendo Schiller, ele decifrava seus arabescos orientais incompreensíveis. Ao passar de uma tradução a um exercício, por acaso olhei na direção dele, e nesse momento me vi sob a influência dos sempre atentos olhos azuis. Havia quanto tempo eles me examinavam de cima a baixo repetidamente, não sei dizer. Era um olhar tão intenso, e ao mesmo tempo tão frio, que por um instante fui tomada pela superstição, como se estivesse sentada no mesmo recinto com algo sobrenatural.

“O que está fazendo, Jane?”

“Estudando alemão.”

“Quero que desista do alemão e aprenda hindustani.”

“Está falando sério?”

“Tão sério que considero isso uma necessidade; e vou lhe dizer por quê.”

Ele então pôs-se a explicar que o hindustani era a língua que ele próprio estava estudando no momento; que, conforme avançava, tinha tendência a esquecer o início; que seria muito útil para ele ter uma aluna com quem pudesse repetir vezes sem conta os elementos para assim fixá-los definitivamente na mente; que durante algum tempo havia hesitado entre mim e as irmãs; mas que acabara escolhendo a mim, pois via que, das três, eu era capaz de permanecer por mais tempo dedicada a uma tarefa só. Será que eu lhe faria aquele favor? Talvez não precisasse me sacrificar por muito tempo, já que faltavam menos de três meses para sua partida.

St. John não era um homem a quem se pudesse dizer não com facilidade. A sensação era de que qualquer impressão deixada nele, fosse de dor ou de prazer, ficava gravada de forma profunda e permanente. Aceitei. Quando Diana e Mary voltaram, a primeira constatou que o irmão tinha se apropriado da sua aluna. Diana riu, e tanto ela quando Mary concordaram que St. John jamais teria convencido uma delas a dar um passo daqueles. Ele respondeu tranquilamente: “Eu sei”.

Encontrei nele um professor muito paciente, muito controlado, mas mesmo assim exigente. Esperava muito de mim, e quando eu correspondia às suas expectativas, ele, por sua vez, demonstrava plenamente sua aprovação. Aos poucos, foi adquirindo sobre mim certa influência que tirou minha liberdade de pensamento. Seus elogios e sua atenção eram mais limitadores do que sua indiferença. Eu não podia mais falar ou rir livremente quando ele estava por perto, pois um instinto cansativamente inoportuno me lembrava que a animação (pelo menos em mim) lhe era desagradável. Tinha tanta consciência de que apenas as disposições e

ocupações sérias eram aceitáveis que, na presença dele, todo esforço para sustentar ou me dedicar a qualquer outra coisa se fazia vão. Fui fulminada por um feitiço. Se ele me dizia “vá”, eu ia; se dizia “venha”, eu vinha; se dizia “faça isso”, eu fazia. Mas eu não gostava daquela minha servidão. Muitas vezes desejei que ele tivesse continuado a me ignorar.

Certa vez, quando na hora de dormir suas irmãs e eu estávamos à sua volta lhe dando boa-noite, ele beijou as duas, como era seu costume, e como também era seu costume me estendeu a mão. Diana, que por acaso estava com uma disposição bem-humorada (*ela* não era dolorosamente controlada pela vontade dele, uma vez que a sua era igualmente forte, ainda que de um modo distinto), exclamou: “St. John! Você costumava chamar Jane de sua terceira irmã, mas não a trata como tal. Deveria beijá-la também”.

Ela me empurrou na direção dele. Achei que Diana estava sendo muito provocadora e fui tomada por um embaraço confuso, e enquanto pensava e sentia aquilo, St. John baixou a cabeça; seu rosto grego chegou na mesma altura do meu, seus olhos indagaram os meus intensamente, e ele me beijou. Não existem beijos de mármore ou beijos de gelo, caso contrário eu diria que o cumprimento de meu eclesiástico primo foi desse tipo; mas existem beijos experimentais, e aquele foi um beijo experimental. Uma vez dado, ele me encarou para saber o resultado; não fora grande coisa. Eu com certeza não enrubesci; talvez tivesse empalidecido um pouco, pois senti que seu beijo era como um selo gravado em meus grilhões. Depois disso ele nunca deixou de executar aquela cerimônia, e a gravidade e o silêncio com os quais eu me submetia a ela pareciam imbuí-la para ele de certo encanto.

Quanto a mim, eu a cada dia desejava mais agradá-lo, mas para fazer isso sentia cada dia mais que precisava abrir mão de metade da minha natureza, sufocar metade das minhas faculdades, arrancar meus gostos da sua

inclinação original, forçar-me a adotar interesses para os quais não tinha nenhuma vocação natural. Ele queria me alçar a uma altura que eu não poderia jamais alcançar; eu era atormentada constantemente pela aspiração àquele padrão por ele defendido. Era tão impossível quanto moldar meus traços irregulares à semelhança do seu padrão clássico e perfeito, e dar a meus cambiantes olhos verdes o matiz azul do mar e o brilho solene dos seus.

Mas não era apenas sua influência que me enfeitiçava no momento. Ultimamente vinha sendo bem fácil para mim aparentar tristeza: um mal me corroía o coração e exauria minha felicidade na origem: o mal do suspense.

O leitor pode estar pensando que eu esqueci o sr. Rochester em meio a todas essas mudanças de lugar e de vida. Nem por um instante. Continuava pensando nele, pois aquele pensamento não era um vapor que a luz do sol pudesse dissipar nem uma estátua de areia que as tormentas pudessem levar embora; era um nome gravado numa tabuleta, fadado a existir por tanto tempo quanto o mármore no qual estava inscrito. A ânsia de saber o que havia acontecido com ele me acompanhava aonde eu fosse; quando estava em Morton, eu entrava em minha casinha toda noite e ficava pensando naquilo; e agora, em Moor House, buscava meu próprio quarto ao final de cada dia para refletir a respeito.

Durante minha correspondência necessária com o sr. Briggs em relação ao testamento, perguntara se ele sabia alguma coisa sobre a residência e o estado de saúde atuais do sr. Rochester, mas, como St. John imaginara, ele ignorava tudo em relação a isso. Escrevi então para a sra. Fairfax pedindo informações sobre o assunto. Havia calculado que aquele passo com certeza fosse alcançar meu objetivo; tinha certeza de que ele evocaria uma resposta. Fiquei espantada quando quinze dias se passaram sem uma carta, mas

quando dois meses transcorreram e dia após dia o correio chegava sem trazer nada para mim, passei a sentir uma intensa aflição.

Escrevi de novo; havia uma possibilidade de a minha primeira carta ter se perdido. Ao novo esforço seguiu-se uma nova esperança, que brilhou durante algumas semanas como a primeira e então, a exemplo dela, perdeu forças e vacilou; nenhuma linha, nenhuma palavra chegou até mim. Quando meio ano se perdeu numa expectativa vã, minha esperança morreu, e então me senti de fato deprimida.

Uma bela primavera brilhava ao meu redor, mas eu não conseguia aproveitá-la. O verão se aproximou. Diana tentou me alegrar: disse que eu parecia adoentada e quis me acompanhar até o mar. St. John foi contra; falou que não era de distração que eu precisava, mas de atividade; que minha vida andava por demais sem propósito e que eu necessitava encontrar um objetivo; e imagino que tenha sido com o objetivo de suprir essas deficiências que ele tenha tratado de prolongar ainda mais as aulas de hindustani, passando a requisitar com mais premência a minha dedicação. E eu, como uma boba, nem pensei em resistir; não conseguia resistir.

Certo dia, eu havia descido para estudar mais desanimada do que de costume; a baixa fora causada por uma forte decepção. Hannah me dissera pela manhã que havia chegado uma carta para mim, e quando descii para pegá-la, quase certa de que as notícias tão ansiadas me seriam finalmente dadas, encontrei apenas um bilhete sem importância do sr. Briggs relacionado a negócios. A amarga decepção me arrancara algumas lágrimas, e então, enquanto eu estava sentada examinando os caracteres incompreensíveis e as expressões rebuscadas de um escriba indiano, meus olhos tornaram a ficar marejados.

St. John me chamou para ler ao seu lado; quando tentei fazê-lo, minha voz falhou: as palavras se perderam em meio a soluços. Ele e eu éramos os

únicos ocupantes da saleta: Diana estava praticando música no salão, Mary trabalhava no jardim; era um dia muito bonito do mês de maio, claro, ensolarado e com uma leve brisa. Meu companheiro não expressou surpresa alguma diante de minha emoção, tampouco me indagou qual era a sua causa; disse apenas: “Vamos esperar alguns minutos, Jane, até você se recompor mais um pouco”. E enquanto eu me apressava em conter aquele acesso, ele ficou sentado, calmo e paciente, inclinado sobre sua escrivaninha e parecendo um médico a observar com olhar científico uma crise esperada e inteiramente compreendida na doença de um paciente. Após abafar meus soluços, enxugar meus olhos e murmurar algo sobre não estar muito bem naquela manhã, retomei minha tarefa e consegui concluí-la. St. John pôs de lado meus livros e os dele, trancou sua escrivaninha e disse: “Agora você vai dar uma volta, Jane, e comigo”.

“Vou chamar Diana e Mary.”

“Não; quero apenas uma companhia hoje de manhã, e é preciso que seja a sua. Vista-se; saia pela porta da cozinha. Pegue a estrada que conduz ao alto de Marsh Glen. Daqui a instantes vou encontrá-la.”

Desconheço o meio-termo. Nunca em toda a minha vida encontrei, em minhas relações com personalidades autoritárias e duras, opostas à minha, um meio-termo entre a submissão absoluta e a revolta decidida. Sempre observei uma delas fielmente até o ponto da explosão, às vezes veemente, em direção à outra, e como nem minha atual situação justificava nem minha atual disposição me predispunha a me amotinar, obedeci cuidadosamente às instruções de St. John, e dez minutos depois estava percorrendo a trilha selvagem do vale lado a lado com ele.

A brisa soprava do oeste. Vinha por cima dos morros, perfumada com os aromas dos campos e charcos; o céu exibia um azul imaculado; o regato que descia pela ravina, alimentado pelas chuvas anteriores da primavera, corria

caudaloso e límpido, refletindo lampejos dourados do sol e matizes de safira do firmamento. Conforme avançamos e saímos da trilha, passamos a andar por uma turfa macia coberta de musgo verde-esmeralda, toda salpicada de minúsculas flores brancas e pontuada por uma flor amarela em formato de estrela. As colinas se fecharam à nossa volta, pois o fundo do vale penetrava até o seu âmago.

“Vamos descansar aqui”, disse St. John quando chegamos aos primeiros batedores de um batalhão de rochas que protegia uma espécie de desfiladeiro após o qual o regato se despejava numa cascata e onde, um pouco mais além, a montanha se livrava da turfa e das flores para se cobrir apenas de mato e penhascos; onde trocava o inculto pelo selvagem e o frescor pela aridez; onde protegia uma frágil esperança de solidão e um último refúgio de silêncio.

Sentei-me; St. John ficou em pé perto de mim. Ergueu os olhos para o desfiladeiro e os baixou para o vale; seu olhar passeou junto com o regato e retornou atravessando o céu sem nuvens que o coloria; ele tirou o chapéu, deixando a brisa lhe agitar os cabelos e beijar a fronte. Parecia em comunhão com a essência daquele lugar, e com os olhos se despedia de alguma coisa.

“Vou rever esta paisagem”, disse ele em voz alta, “em sonho, quando estiver dormindo às margens do Ganges; e outra vez ainda, numa hora mais distante, quando outro sono me dominar, às margens de águas mais escuras!”

Estranhas palavras para definir um estranho amor! A paixão de um austero patriota por sua terra natal! Ele se sentou. Durante meia hora não dissemos nada, nem ele a mim nem eu a ele. Passado esse intervalo, ele prosseguiu: “Jane, viajo daqui a seis semanas. Já reservei meu leito num

navio mercante com destino às Índias Orientais que zarpa no dia 20 de junho”.

“Deus há de protegê-lo, pois você realizou a Sua obra”, respondi.

“Sim”, disse ele, “essa é minha glória e minha alegria. Sou servo de um Mestre infalível. Não partirei guiado pelos humanos, sujeito às leis defeituosas e ao controle equivocado de meus fracos semelhantes: meu rei, meu legislador, meu capitão é o Ser perfeito. Parece-me estranho que tudo à minha volta não anseie por se alistar sob essa mesma bandeira, por se dedicar a essa mesma empreitada.”

“Nem todos têm os mesmos poderes que você; e seria uma insensatez os fracos desejarem marchar junto com os fortes.”

“Não estou falando para os fracos nem pensando neles; dirijo-me apenas a quem é digno desse trabalho e tem competência para desempenhá-lo.”

“Eles são poucos e difíceis de encontrar.”

“É verdade; mas, quando encontrados, o correto é instigá-los, incitá-los e conclamá-los a fazer o esforço, mostrar-lhes quais são suas dádivas e por que elas lhes foram dadas, dizer em seus ouvidos a mensagem do Paraíso e lhes oferecer, vindo diretamente de Deus, um lugar entre Seus escolhidos.”

“Se eles de fato estiverem qualificados para a tarefa, seus próprios corações não serão os primeiros a informá-los disso?”

Tive a sensação de que um horrível encantamento estava me rodeando e se adensando à minha volta. Tive medo de ouvir alguma palavra que pudesse ao mesmo tempo expressar e romper o feitiço.

“E o que diz o *seu* coração?”, quis saber St. John.

“Meu coração está mudo... meu coração está mudo”, respondi, espantada e tomada de emoção.

“Então eu preciso falar por ele”, prosseguiu a voz grave e implacável. “Jane, venha comigo para a Índia. Venha como minha ajudante e

companheira de trabalho.”

O vale e o céu giraram; as colinas se sacudiram! Foi como se eu tivesse ouvido um chamado celestial, como se um mensageiro visionário como o da Macedônia tivesse dito: “Venha nos ajudar!”. Mas eu não era nenhum apóstolo; não podia ver o arauto; não podia atender ao seu chamado.

“Ah, St. John!”, exclamei. “Tenha dó!”

Minha súplica foi dirigida a alguém que, em nome do que acreditava ser o seu dever, não conhecia nem dó nem remorso. Ele continuou: “Deus e a natureza a criaram para ser esposa de um missionário. Não foram dádivas pessoais que eles lhe deram, mas mentais; você foi forjada para o trabalho, não para o amor. Uma esposa de missionário você deve ser... e será. Você será minha. Eu a reivindico, não para o meu prazer, mas para o serviço de meu Soberano”.

“Não fui feita para isso; não tenho vocação”, falei.

Ele já contava com essas primeiras objeções; não se irritou com elas. Na verdade, quando se recostou no paredão de pedra atrás de si, cruzou os braços diante do peito e empertigou a postura, vi que estava preparado para uma longa e cansativa oposição, e que havia se munido de um estoque de paciência para durar até o fim, decidido, contudo, de que aquele fim seria sua vitória.

“Jane”, disse ele, “a humildade é a base das virtudes cristãs; você está certa quando diz que não foi feita para esse trabalho. Quem foi feito para esse trabalho? Ou quem, que jamais tenha tido uma verdadeira vocação, acreditou ser digno desse chamado? Eu, por exemplo, não passo de pó e cinza. Assim como são Paulo, reconheço ser o maior dos pecadores, mas não permito que essa consciência de minha vileza pessoal me atrapalhe. Conheço meu Líder; sei que, além de poderoso, Ele é justo; e embora Ele tenha escolhido um instrumento frágil para desempenhar uma grande tarefa,

irá suprir, a partir do inesgotável estoque da Sua Providência, as deficiências dos meios para atingir o fim. Pense como eu penso, Jane... confie como eu confio. Estou lhe pedindo para se apoiar nas Pedras do Tempo; elas sem dúvida suportarão o peso da sua fraqueza humana.”

“Eu não entendo a vida de um missionário; nunca estudei suas obras.”

“Nesse ponto, por mais humilde que eu seja, posso lhe dar a ajuda de que necessita; posso lhe atribuir tarefas hora após hora; estar ao seu lado sempre, ajudá-la a cada instante. Isso eu poderia fazer no início; em pouco tempo (pois conheço os seus poderes) você já seria tão forte e capaz quanto eu e não precisaria mais da minha ajuda.”

“Mas meus poderes... onde estão eles para uma empreitada como essa? Eu não os sinto. Nada fala nem se agita em mim ao ouvi-lo falar. Não sinto nenhuma luz se acender, nenhuma vida se mover, nenhuma voz a me aconselhar ou incitar. Ah, quem me dera poder fazê-lo ver como minha mente neste instante se assemelha a uma masmorra sem luz, com um medo encolhido e acorrentado em suas profundezas: o medo de ser convencida por você a tentar aquilo que não sou capaz de realizar!”

“Tenho uma resposta para você; escute-a. Venho observando você desde a primeira vez em que nos vimos; há dez meses fiz de você minha aluna. Durante esse tempo eu a pus à prova com testes variados; e o que descobri e revelei? Na escola do vilarejo, constatei que você era capaz de desempenhar bem, de forma pontual e correta, um trabalho condizente com seus hábitos e inclinações; vi que era capaz de desempenhá-lo com competência e tato; você conseguia conquistar ao mesmo tempo que controlava. Na calma com a qual recebeu a notícia de que havia se tornado subitamente rica, li uma mente livre do vício de Demas; o lucro não tinha sobre você nenhum poder indevido. Na prontidão resoluta com a qual dividiu sua fortuna em quatro partes, guardando para si apenas uma e abrindo mão das três outras em

nome de uma justiça abstrata, reconheci uma alma que se regozija no fogo e na emoção do sacrifício. Na docilidade com a qual, seguindo uma vontade minha, desistiu de um estudo no qual tinha interesse e abraçou outro porque ele interessava a mim; na assiduidade incansável com a qual vem se dedicando a ele desde então, na energia inabalável e no equilíbrio imperturbável com os quais enfrentou suas dificuldades, reconheço o complemento das qualidades que busco. Jane, você é dócil, dedicada, desinteressada, fiel, constante e corajosa; muito delicada e muito heroica; pare de não confiar em si mesma: eu confio em você sem reservas. Na administração de escolas na Índia e como ajudante entre mulheres indianas, seu auxílio terá para mim um valor incalculável.”

Minha mortalha de ferro se fechou à minha volta; o convencimento avançava a passos lentos e seguros. Por mais que eu fechasse os olhos, essas últimas palavras ditas por ele conseguiram tornar o caminho que antes parecera fechado relativamente desimpedido. Meu trabalho, que antes parecera tão vago, tão lamentavelmente difuso, foi se condensando à medida que ele prosseguia e assumindo um novo formato, moldado pela mão dele. Ele esperou uma resposta. Pedi quinze minutos para pensar antes de mais uma vez arriscar uma resposta.

“Mas é claro”, retrucou ele; levantou-se, deu alguns passos para dentro do desfiladeiro, atirou-se sobre um tufo de mato e ficou ali deitado sem se mexer.

“Eu posso fazer o que ele quer que eu faça; isso sou forçada a ver e admitir”, refleti. “Quero dizer, isso se minha vida for poupada. Mas sinto que minha existência não vai durar muito sob o sol indiano. E daí? Ele não liga para isso; quando chegasse a minha hora de morrer, abriria mão de mim com total serenidade e com total santidade para o Deus que me criou. A situação está muito clara para mim. Ao deixar a Inglaterra, eu deixaria uma

terra amada mas vazia: o sr. Rochester não está aqui, e se estivesse, que significado isso teria, que significado jamais poderia ter para mim? Minha sina agora é viver sem ele; nada mais absurdo, nada mais fraco do que me arrastar pelos dias como à espera de alguma mudança impossível na situação que possa me fazer unir-me a ele novamente. É claro que (como disse St. John certa vez) eu preciso buscar outro interesse na vida para substituir o que perdi; e a ocupação que ele agora está me oferecendo não é realmente a mais gloriosa que um homem pode assumir ou Deus atribuir? Não é, por suas nobres preocupações e seus sublimes resultados, aquela mais adaptada para preencher o vazio deixado por afetos arrancados e esperanças destruídas? Creio que devo dizer sim... mas mesmo assim estremeço. Ah! Se eu for com St. John, estarei abandonando metade de mim mesma; se for para a Índia, estarei rumando para uma morte prematura. E como será preenchido o intervalo entre deixar a Inglaterra rumo à Índia e a Índia rumo ao túmulo? Ah, eu bem sei! Isso também está muito claro para os meus olhos. Com o esforço de agradar a St. John até meus tendões ficarem doloridos, vou satisfazê-lo, desde o ponto mais central até o círculo mais externo das suas expectativas. Se for mesmo com ele... se fizer mesmo o sacrifício que ele demanda, *vou* fazê-lo de modo absoluto: jogarei tudo no altar, coração, órgãos vitais, a vítima inteira. Ele nunca vai me amar, mas vai me aprovar; eu vou lhe mostrar energias que ele ainda não viu, recursos de que jamais suspeitou. Sim, posso trabalhar com tanto afinco quanto ele, e com tão pouca relutância.

“Sendo assim, aceitar seu pedido é possível. A não ser por um detalhe... um detalhe terrível. A saber: ele está me pedindo para ser sua esposa, e não tem por mim um coração de marido mais do que aquela gigantesca e sombria rocha pela qual o regato corre no desfiladeiro. Valoriza-me como um soldado poderia valorizar uma boa arma, e só. Sem ser casada com ele,

isso não me causaria tristeza; mas será que poderei deixá-lo completar seus cálculos, pôr friamente em prática seus planos, executar a cerimônia de casamento? Poderei receber dele o anel nupcial, suportar todas as formas de amor (que não duvido que ele fosse observar escrupulosamente) e saber que o espírito não está presente? Poderei suportar a consciência de que qualquer demonstração de afeto sua é um sacrifício feito por princípio? Não; um martírio desses seria monstruoso. Jamais suportarei uma coisa dessas. Poderei acompanhá-lo como irmã, não como esposa; vou dizer isso a ele.”

Olhei na direção da montanha: ali estava ele deitado, imóvel feito uma coluna tombada. Seu rosto se virou na minha direção. Seus olhos brilhavam, atentos e intensos. Ele se pôs de pé com um salto e veio até mim.

“Estou disposta a ir para a Índia, contanto que possa ir livre.”

“Sua resposta exige um comentário”, disse ele; “falta-lhe clareza.”

“Você até agora tem sido meu irmão adotivo, e eu tenho sido sua irmã adotiva; continuemos assim. É melhor não nos casarmos.”

Ele balançou a cabeça. “Laços fraternos de adoção não vão servir nesse caso. Se você fosse minha irmã de verdade, seria diferente; eu poderia levá-la e não buscaria esposa alguma. Mas, sendo as coisas como são, nossa união precisa ser consagrada e selada pelo matrimônio, do contrário não pode existir; obstáculos práticos se opõem a qualquer outro plano. Será que você não vê, Jane? Reflita um instante; seu sólido bom senso irá guiá-la.”

Refleti; e mesmo assim meu bom senso, fosse ele qual fosse, guiou-me somente em direção ao fato de que não nos amávamos como homem e mulher deveriam se amar. E me fez concluir, portanto, que não deveríamos nos casar. Eu disse isso a ele. “St. John”, respondi, “eu o considero um irmão e você me considera uma irmã. Continuemos assim.”

“Não podemos... não podemos”, respondeu ele com uma determinação curta e incisiva. “Assim não vai servir. Você disse que iria comigo para a Índia. Lembre... você disse.”

“Com uma condição.”

“Bem... bem. Em relação ao ponto principal, partir comigo da Inglaterra, cooperar comigo em meus futuros trabalhos, você não tem objeções. Já praticamente pôs a mão no arado, e sua constância não lhe permite retirá-la. Deve considerar apenas um detalhe: qual é a melhor maneira de desempenhar o trabalho que assumiu. Simplifique seus complexos interesses, sentimentos, ideias, desejos, objetivos; junte todas as considerações num só propósito: o de cumprir de modo eficaz e poderoso a missão do seu grande Mestre. Para fazê-lo você necessita de um coadjuvante. Não de um irmão, esse vínculo é demasiado fraco; mas de um marido. Eu também não quero uma irmã; uma irmã pode ser tirada de mim a qualquer momento. Quero uma esposa, a única ajudante que poderei influenciar de forma eficiente em vida e conservar absolutamente na morte.”

Estremeci ao escutar suas palavras; podia sentir sua influência na medula, podia sentir sua pressão nos meus membros.

“Procure outra que não eu, St. John; procure alguém adequado a você.”

“Alguém adequado ao meu propósito, você diz; adequado à minha vocação. Mais uma vez lhe digo que não é para o indivíduo particular insignificante, para o simples homem, com os sentimentos egoístas de um homem, que desejo uma companheira. É para o missionário.”

“E ao missionário eu darei minhas energias — é apenas isso que ele quer —, mas não a mim mesma; isso significaria entregar junto com a essência a casca e a concha. Ele não tem serventia para nenhuma dessas duas coisas; sendo assim, vou guardá-las para mim.”

“Você não pode... não deve fazer isso. Acha que Deus vai se contentar com uma oblação pela metade? Que Ele vai aceitar um sacrifício mutilado? É a causa de Deus que estou defendendo; é sob Seu estandarte que a estou alistando. Não posso aceitar em Seu nome uma lealdade dividida; ela deve ser plena.”

“Ah! A Deus darei meu coração”, falei. “Você não o quer.”

Não vou jurar, leitor, que não houve certo sarcasmo reprimido tanto no tom com o qual eu disse essa frase quanto no sentimento que a acompanhou. Até então, no meu íntimo, eu sentira medo de St. John, pois não o havia compreendido. Ele me causava assombro porque me deixava em dúvida. O quanto dele era santo e o quanto era mortal eu até então não soubera dizer, mas revelações estavam sendo feitas durante nossa conversa; a análise da sua índole estava ocorrendo diante dos meus olhos. Eu agora via suas falhas e as compreendia. Entendi que, sentada ali onde estava, na encosta coberta de mato, com aquela bela forma na minha frente, eu estava sentada diante de um homem falível como eu. O véu da sua dureza e do seu despotismo foi ao chão. Ao sentir nele a presença dessas qualidades, senti sua imperfeição e tomei coragem. Estava com um semelhante, alguém com quem poderia argumentar, alguém a quem, se julgasse adequado, poderia resistir.

Ele ficou em silêncio depois de eu proferir minha última frase, e eu então arrisquei erguer os olhos para ver sua expressão. Seus olhos, cravados em mim, expressavam ao mesmo tempo uma surpresa severa e um intenso escrutínio. “Ela está sendo sarcástica, e sarcástica comigo!”, parecia dizer seu olhar. “O que significa isso?”

“Não vamos esquecer que esse é um assunto solene”, disse ele pouco depois, “no qual não podemos pensar e sobre o qual não podemos falar casualmente sem incorrer em pecado. Jane, imagino que esteja sendo

sincera quando diz que dará seu coração a Deus; é apenas isso que eu quero. Depois que tiver arrancado seu coração do homem e entregado ao seu Criador, a promoção do reino espiritual desse Criador na terra será seu principal deleite, seu principal esforço; você estará disposta a fazer imediatamente qualquer coisa que promova esse objetivo. Verá que impulso seria dado aos seus esforços e aos meus pela nossa união física e mental no matrimônio, a única união que dá aos destinos e atos dos seres humanos um caráter de conformidade permanente, e passando por cima de todos os pequenos caprichos, de todas as dificuldades triviais e pruridos dos sentimentos, de todos os escrúpulos relacionados ao grau, tipo, força ou ternura das inclinações meramente pessoais, vai se apressar em aceitar imediatamente essa união.”

“É mesmo?”, disse eu apenas, e olhei para seus traços, belos em sua harmonia, mas estranhamente intimidadores em sua imóvel severidade; para a sua expressão, autoritária, porém não franca; para seus olhos, profundos e perscrutadores, mas nunca suaves; para sua silhueta alta e imponente, e imaginei-me sendo *sua esposa*. Ah! Não seria possível! Como sua assistente, sua companheira, tudo estaria certo: nessa condição eu atravessaria oceanos com ele; nesse cargo eu labutaria sob o sol do Oriente ou nos desertos da Ásia; admiraria e imitaria sua coragem, sua devoção e seu vigor; me conformaria em silêncio com seu domínio; distinguiria o cristão do homem: estimaria profundamente o primeiro e perdoaria livremente o segundo. Sem dúvida sofreria com frequência caso me ligasse a ele apenas nessa condição: meu corpo estaria submetido a um jugo exigente, mas meu coração e minha mente seriam livres. Eu ainda teria meu eu independente ao qual recorrer; meus sentimentos naturais sem amarras com os quais me comunicar nos momentos de solidão. Haveria recantos da minha mente que seriam só meus, aos quais ele jamais teria acesso; e lá

creceriam sentimentos frescos e protegidos que sua austeridade jamais poderia atingir, e sua marcha cadenciada de guerreiro jamais pisotearia. Mas como sua esposa, sempre ao seu lado, sempre contida e sempre tolhida, forçada a manter o fogo da minha índole continuamente baixo, a fazê-lo arder internamente sem nunca dizer um ai, muito embora a chama aprisionada fosse consumindo aos poucos cada um de meus órgãos vitais, isso seria insuportável.

“St. John!”, exclamei ao chegar nesse ponto de minhas reflexões.

“Sim?”, respondeu ele, glacial.

“Repito que aceito por livre e espontânea vontade acompanhá-lo como sua colega missionária, mas não como sua esposa; não posso desposá-lo e me tornar parte de você.”

“Você precisa se tornar parte de mim”, respondeu ele, firme, “caso contrário o plano todo cai por terra. Como posso eu, um homem que ainda não completou trinta anos, levar comigo para a Índia uma moça de dezenove anos a menos que ela seja casada comigo? Como poderemos ficar para sempre juntos, às vezes sozinhos, às vezes no meio de tribos selvagens, sem ser casados?”

“Muito bem”, respondi, sucinta, “como se eu fosse sua irmã de verdade ou um homem e membro do clero como você.”

“Todos sabem que você não é minha irmã, e não posso apresentá-la como tal; tentar fazer isso seria expor nós dois a suspeitas prejudiciais. De resto, embora você tenha o vigoroso cérebro de um homem, tem um coração de mulher e... não daria certo.”

“Daria, sim”, afirmei com algum desdém, “daria perfeitamente certo. Eu tenho um coração de mulher, mas não no que lhe diz respeito; por você sinto apenas a constância de uma companheira, a franqueza, a fidelidade, a fraternidade até de uma irmã de armas; o respeito de uma neófita e a

submissão que ela tem em relação ao seu hierofante; nada mais do que isso. Você não tem nada a temer.”

“É isso que eu quero”, disse ele, falando consigo mesmo; “é exatamente isso que eu quero. E há obstáculos no caminho; eles precisam ser derrubados. Jane, você não se arrependeria de se casar comigo, pode ter certeza. Nós *precisamos* nos casar; repito: não há outro jeito. E sem dúvida nenhuma o amor sucederia ao casamento para tornar a união correta até mesmo aos seus olhos.”

“Desprezo seu conceito de amor”, não pude evitar dizer ao mesmo tempo que me levantava e punha-me de pé na frente dele, apoiando as costas na pedra. “Desprezo o sentimento falsificado que está me propondo; sim, St. John, e o desprezo quando você me propõe isso.”

Ele me encarou fixamente, comprimindo os lábios bem desenhados ao fazê-lo. Não era fácil dizer se estava zangado, surpreso ou alguma outra coisa; tinha total controle de si mesmo.

“Não esperava ouvir isso de você”, disse ele; “não penso ter feito nem dito nada que mereça desprezo.”

Fiquei tocada com seu tom de voz suave e admirada com sua expressão digna e calma.

“Perdoe-me pelas palavras, St. John, mas foi culpa sua eu ter sido levada a falar de modo tão direto. Você trouxe à baila um assunto em relação ao qual nossas ídoles divergem, um tópico que nunca deveríamos discutir; a simples palavra ‘amor’ é um pomo da discórdia entre nós. Se fosse preciso transformá-lo em realidade, o que íamos fazer? O que íamos sentir? Meu caro primo, abandone essa ideia de casamento... esqueça isso.”

“Não”, disse ele; “é um plano que venho acalentando há tempos, e é o único capaz de garantir meu objetivo maior; mas por ora não vou mais pressioná-la. Amanhã parto para Cambridge; tenho muitos amigos lá dos

quais desejo me despedir. Passarei duas semanas fora; aproveite esse tempo para pensar na minha proposta, e não se esqueça de que, se a recusar, não é a mim que estará dizendo não, mas a Deus. Por meu intermédio, Ele está lhe oferecendo uma carreira nobre; apenas como minha esposa você poderá embarcar nela. Caso se recuse a me desposar, estará se limitando para sempre a um caminho de conforto egoísta e estéril escuridão. Cuidado para não ser incluída entre aqueles que negaram a fé e são piores do que infiéis!”

Ele havia terminado. Virando as costas para mim, mais uma vez...

“Olhou para o rio, olhou para a montanha.”²

Mas daquela vez seus sentimentos ficaram todos represados dentro do seu coração; não fui digna de ouvi-los serem expressados. Enquanto caminhava ao seu lado de volta para casa, pude ler muito bem no seu silêncio férreo tudo o que ele sentia em relação a mim: a decepção de um temperamento austero e despótico, que havia topado com resistência onde esperava encontrar submissão; a reprovação de um juízo frio e inflexível, que havia detectado em outra pessoa sentimentos e opiniões com as quais não era capaz de se identificar. Em suma, como homem, ele desejava ter conseguido me forçar a lhe obedecer; era só como cristão sincero que suportava com tamanha paciência minha perversidade e permitia tamanho espaço para reflexão e arrependimento.

Naquela noite, após beijar as irmãs, ele julgou adequado esquecer até mesmo de apertar minha mão e se retirou sem dizer nada. Eu, que, embora não sentisse amor, sentia uma grande amizade por ele, fiquei magoada com a omissão tão evidente, tão magoada que meus olhos ficaram marejados.

“Vejo que você e St. John andaram brigando durante sua caminhada pela charneca, Jane”, disse Diana. “Mas vá atrás dele; ele agora está parado no corredor à sua espera; vai fazer as pazes com você.”

Não tenho muito orgulho nessas circunstâncias; prefiro sempre ser feliz do que manter a dignidade, então corri atrás dele. Ele estava parado no pé da escada.

“Boa noite, St. John”, falei.

“Boa noite, Jane”, respondeu ele com calma.

“Então aperte a minha mão”, acrescentei.

Com quanta frieza e flacidez ele tocou meus dedos! O que ocorrera naquele dia o desagradara profundamente; a cordialidade não o aquecia nem as lágrimas o comoviam. Não era possível nenhuma feliz reconciliação com ele, nenhum sorriso alegre ou palavra generosa. O cristão, porém, mostrou-se paciente e plácido, e, quando lhe perguntei se ele me perdoava, respondeu que não tinha o hábito de acalantar a lembrança de uma ofensa e que não tinha nada a perdoar, uma vez que não fora ofendido.

E com essa resposta ele me deixou. Eu preferiria mil vezes que tivesse me derrubado no chão.

1. Camponesas francesas e esposas de agricultores alemães.

2. Trecho do poema narrativo “Lay of the Last Minstrel” (1805), de Sir Walter Scott.

XXXV

Ele não partiu para Cambridge no dia seguinte como tinha dito que faria. Adiou a partida por uma semana inteira, e durante esse período me fez sentir que severa punição um homem bom, porém austero, atencioso, porém implacável, é capaz de infligir a alguém que o ofendeu. Sem um ato de hostilidade explícita sequer, conseguiu me transmitir a plena convicção de que eu tinha sido posta além dos limites da sua consideração.

Não que St. John tivesse um espírito vingativo pouco cristão, nem que fosse ter machucado sequer um fio de cabelo da minha cabeça caso houvesse tido a possibilidade de fazê-lo. Tanto por natureza quanto por princípio, ele era maior do que a gratificação mesquinha da vingança; havia me perdoado por dizer que eu desprezava a ele e ao seu amor, mas não havia esquecido minhas palavras, e enquanto ele e eu vivêssemos não ia esquecê-las. Eu podia ver, pela sua expressão quando se virava para mim, que elas continuavam escritas no ar que nos separava; toda vez que eu dizia alguma coisa, elas ecoavam na minha voz até seus ouvidos, e seu eco modulava todas as respostas que ele me dava.

Ele não se absteve de conversar comigo; continuou inclusive a me chamar como sempre todas as manhãs para ir me sentar com ele diante da sua escrivaninha; e temo que o homem corrupto dentro dele sentisse um

prazer, que não se estendia nem era compartilhado pelo cristão puro, ao conseguir do modo mais hábil possível, agindo e falando aparentemente da mesma maneira de sempre, extrair de cada ato e de cada frase o espírito de interesse e aprovação que antes emprestava certo encanto austero à sua linguagem e aos seus modos. Para mim, St. John na realidade já não era mais feito de carne, e sim de mármore; seus olhos eram duas frias e reluzentes pedras preciosas azuis; sua língua um instrumento de fala, nada mais.

Tudo isso era para mim uma tortura, uma tortura sutil e prolongada. Ela alimentava um fogo lento de indignação e um sentimento trêmulo de tristeza que me atormentavam e me esmagavam por completo. Eu podia sentir como, caso fosse sua esposa, aquele homem bom, puro como a nascente profunda em que o sol não brilha, em pouco tempo me mataria sem extrair de minhas veias sequer uma gota de sangue e sem sujar a própria e cristalina consciência com a mais ínfima mácula de sangue. Sentia isso sobretudo quando fazia alguma tentativa de reconquistar seu apreço. Ele não sentia o mesmo pesar que eu. *Ele* não experimentava nenhum sofrimento com aquela distância nem ansiava por reconciliação; e, embora em mais de uma ocasião minhas lágrimas tenham molhado a página sobre a qual estávamos ambos debruçados, elas surtiam tanto efeito sobre ele quanto se seu coração fosse feito de pedra ou de metal. Com as irmãs, enquanto isso, ele se mostrava um tanto mais gentil do que de costume. Como se temesse que a simples frieza não fosse me convencer o bastante de quão completamente banida e afastada eu me encontrava, ele somava a ela o contraste; e tenho certeza de que o fazia não por maldade, mas por princípio.

Na noite anterior à sua partida de casa, ao vê-lo por acaso caminhando pelo jardim após o pôr do sol e ao me lembrar, ao vê-lo, de que aquele

homem, por mais distante que estivesse agora, um dia havia salvado minha vida, e de que éramos parentes próximos, fui movida a tentar uma última vez reconquistar sua amizade. Saí da casa e fui até ele, que estava debruçado no pequeno portão; abordei diretamente o assunto.

“St. John, estou infeliz porque você continua zangado comigo. Vamos ser amigos.”

“Espero que sejamos amigos”, foi a resposta dada sem emoção, enquanto continuava observando o nascer da lua, que era o que admirava quando me aproximei.

“Não, St. John, não somos mais amigos como antes. Você sabe disso.”

“Não? Pois isso está errado. De minha parte não lhe desejo nada de mau, desejo-lhe tudo de bom.”

“Acredito em você, St. John, pois tenho certeza de que é incapaz de desejar o mal a quem quer que seja; mas, sendo sua parente, desejaria receber um afeto um pouco maior do que essa espécie de filantropia genérica que demonstra aos meros desconhecidos.”

“Claro”, disse ele. “Seu desejo é razoável, e estou longe de considerá-la uma desconhecida.”

Essa frase, dita num tom neutro e tranquilo, já era motivo suficiente de consternação e incompreensão. Se eu houvesse prestado atenção nas sugestões do orgulho e da ira, teria ido embora na mesma hora; mas algo dentro de mim foi mais forte do que esses sentimentos. Eu venerava profundamente o talento e os princípios do meu primo. Sua amizade era valiosa para mim; perdê-la me custava muito. Não ia desistir tão facilmente assim da tentativa de reconquistá-la.

“Precisamos mesmo nos separar assim, St. John? Quando você partir para a Índia, vai me deixar assim, sem nenhuma palavra mais gentil do que as que já disse?”

Ele então virou as costas para a lua e me encarou.

“Quando eu partir para a Índia vou deixá-la, Jane? O quê? Você não vai para a Índia?”

“Você disse que eu não podia ir, a menos que o desposasse.”

“E você se recusa a me desposar! Essa ainda é sua decisão?”

O leitor sabe, como eu sei, que terror essa gente fria é capaz de instilar no gelo de suas perguntas? A semelhança que sua raiva tem com uma avalanche? O quanto seu desprazer se parece com o mar congelado se rompendo?

“Não, St. John, não vou desposá-lo. Esta ainda é minha decisão.”

A avalanche havia estremecido e escorregado um pouco para a frente, mas ainda não tinha vindo abaixo.

“Mais uma vez, por que essa recusa?”, perguntou ele.

“Antes era porque você não me amava”, respondi; “agora respondo que é porque praticamente me odeia. Se eu o desposasse, você iria me matar. Já está me matando agora.”

Os lábios e as bochechas dele ficaram brancos, totalmente brancos.

“Eu iria matá-la... já a estou matando?” Palavras como essas não deveriam ser usadas: são violentas, pouco femininas e inverídicas. Demonstram um estado de espírito infeliz. Merecem uma reprovação severa. Seriam imperdoáveis, caso um homem não tivesse o dever de perdoar seus semelhantes até setenta vezes sete.”

Eu tinha estragado tudo. Ao desejar ardentemente apagar da sua mente os vestígios de minha ofensa anterior, havia gravado naquela tenaz superfície outra impressão bem mais profunda; e a gravara a fogo.

“Agora você vai mesmo me odiar”, falei. “É inútil tentar fazer as pazes; vejo que o transformei num inimigo eterno.”

Essas palavras foram uma nova ofensa; a pior de todas, pois chegavam perto da verdade. Os lábios descoloridos estremeceram num espasmo temporário. Percebi a ira férrea que despertara. Fiquei arrasada.

“Você interpreta minhas palavras de modo absolutamente equivocado”, falei, segurando na hora a mão dele. “Não tenho intenção alguma de lhe causar tristeza ou dor... de verdade, não tenho.”

Ele sorriu com muita amargura, e com muita determinação retirou a mão da minha. “E agora voltará atrás no que prometeu e nem sequer irá para a Índia, imagino”, disse ele depois de uma pausa considerável.

“Vou, sim, como sua assistente”, respondi.

Seguiu-se um silêncio muito longo. Que batalha se travou dentro dele entre a índole e a graça naquele intervalo não sei dizer; apenas lampejos ocasionais cintilaram nos seus olhos e estranhas sombras atravessaram seu semblante. Por fim, ele falou:

“Eu já lhe demonstrei que absurdo seria uma mulher solteira da sua idade acompanhar ao estrangeiro um homem solteiro da minha. Demonstrei-lhe isso de um modo que pensei que fosse impedi-la de algum dia aludir novamente a esse plano. Sinto muito que o tenha feito... sinto muito por você.”

Interrompi-o. Qualquer coisa semelhante a uma reprimenda tangível me deu coragem na hora. “Atenha-se ao bom senso, St. John; você está beirando a falta de juízo. Finge estar chocado com o que eu disse. Na verdade, não está chocado, pois com seu intelecto superior não é possível ser tão obtuso ou tão vaidoso a ponto de não entender o que estou querendo dizer. Repito: serei sua assistente, se quiser, mas jamais serei sua esposa.”

De novo, ele ficou lívido; como da primeira vez, contudo, controlou com perfeição as emoções. Respondeu de modo enfático, mas calmo: “Uma assistente do sexo feminino que não seja minha esposa jamais vai me

convir. Parece então que você não pode ir comigo. Mas, se estiver sendo sincera no que propõe, quando eu for à cidade falarei com um missionário casado cuja esposa precisa de uma ajudante. Sua própria fortuna a tornará independente do auxílio da sociedade; e desse modo você ainda poderá ser poupada da desonra de quebrar sua promessa e desertar o exército ao qual prometeu se juntar”.

Eu nunca, como o leitor sabe, fizera promessa formal alguma ou me comprometera fosse como fosse; e os termos usados por ele eram duros e despóticos demais para a situação. Respondi: “Nesse caso não há desonra alguma nem promessa quebrada nem deserção. Não tenho a menor obrigação de ir para a Índia, sobretudo com quem não conheço. Com você teria arriscado muita coisa, porque por você sinto admiração, confiança e, como irmã, amor; mas estou convencida de que, independentemente de quando fosse e com quem fosse, não viveria muito naquele clima”.

“Ah! Você teme por si mesma”, disse ele, franzindo o lábio.

“Temo. Deus não me deu vida para eu jogá-la fora; e estou começando a pensar que fazer o que você deseja que eu faça seria quase o mesmo que cometer suicídio. Além do mais, antes de eu decidir deixar definitivamente a Inglaterra, preciso ter certeza de que não serei mais útil ficando aqui do que indo embora.”

“O que está querendo dizer?”

“Seria inútil tentar explicar, mas existe um assunto em relação ao qual carrego há muito tempo uma dolorosa dúvida, e não posso ir a lugar algum antes de essa dúvida ser de algum modo dissipada.”

“Eu sei para onde pende seu coração e a que ele se prende. O interesse que você nutre é contra a lei e contra a religião. Você já deveria tê-lo esmagado há muito tempo; a mera alusão a ele deveria fazê-la corar. É no sr. Rochester que está pensando?”

Era verdade. Confessei-o com meu silêncio.

“Vai procurá-lo?”

“Preciso descobrir o que aconteceu com ele.”

“Resta-me, nesse caso”, disse St. John, “recordá-la em minhas preces e interceder por você junto a Deus, com todo o fervor, para que não se torne de fato uma excluída. Eu pensava ter reconhecido em você uma das escolhidas. Mas Deus não vê da mesma forma que o homem; que seja feita a Sua vontade.”

Ele abriu o portão, passou por ele e se afastou, descendo pelo vale. Logo sumiu de vista.

Ao entrar novamente na sala, encontrei Diana em pé junto à janela com um ar muito pensativo. Ela era bem mais alta do que eu; pousou a mão no meu ombro, abaixou-se e examinou meu rosto.

“Jane”, disse, “você agora vive nervosa e pálida. Tenho certeza de que há algum problema. Diga-me o que está acontecendo entre St. John e você. Passei a última meia hora olhando vocês da janela; você precisa me perdoar por ter espionado desse jeito, mas há muito tempo venho imaginando nem sei o quê. St. John é uma pessoa estranha...”

Ela fez uma pausa; eu não disse nada. Pouco depois, ela retomou: “Estou certa de que meu irmão nutre algum tipo de opinião singular a seu respeito; há muito tempo vem lhe dedicando uma atenção e um interesse que nunca teve por ninguém... com que finalidade? Eu queria que ele a amasse... ele a ama, Jane?”.

Levei sua mão fresca à minha testa. “Não, Di, nem um pouco.”

“Então por que ele a segue com os olhos daquele jeito, e por que sempre a faz ficar a sós com ele e a mantém continuamente junto de si? Tanto Mary quanto eu concluimos que ele queria que você o desposasse.”

“Ele quer... ele me pediu para ser sua esposa.”

Diana bateu palmas. “É exatamente o que esperávamos e pensávamos! E você vai se casar com ele, não vai, Jane? E ele então ficará na Inglaterra.”

“Longe disso, Diana. O único objetivo dele ao me pedir em casamento era conseguir uma companheira de trabalho adequada para sua obra na Índia.”

“O quê? Ele quer que você vá para a Índia?”

“Sim.”

“Que loucura!”, exclamou ela. “Você não sobreviveria três meses lá, tenho certeza. Nunca deve ir; você não aceitou, Jane, aceitou?”

“Eu me recusei a casar com ele...”

“E conseqüentemente o desagradou?”, sugeriu ela.

“Profundamente; temo que ele nunca vá me perdoar. Mas me ofereci para acompanhá-lo como irmã.”

“Foi uma loucura insana fazer isso, Jane. Pense na tarefa que assumiu... uma labuta incessante que mata até os fortes, e você é fraca. Você conhece St. John, ele haveria de convencê-la a fazer coisas impossíveis. Com ele você não teria permissão para descansar no horário mais quente, e infelizmente percebi que tudo o que ele exige, você se obriga a fazer. Espanta-me que tenha encontrado coragem para recusar o pedido dele. Então não o ama, Jane?”

“Não como marido.”

“Ele é um belo rapaz, porém.”

“E eu sou muito sem graça, entende, Di? Não combinaríamos nunca.”

“Sem graça! Você? Nem um pouco. Você é bonita demais, e boa demais também, para ser assada viva em Calcutá.” E Diana mais uma vez me implorou para desistir de toda e qualquer ideia de partir com o irmão.

“De fato devo desistir”, falei, “pois quando agora há pouco repeti a oferta de ser sua assistente, ele se mostrou chocado com minha falta de decência.

Parecia pensar que meu comportamento havia sido impróprio ao propor acompanhá-lo sem estar casada com ele. Como se eu não houvesse desde o início esperado encontrar nele um irmão, e assim o tivesse considerado habitualmente.”

“O que a faz dizer que ele não a ama, Jane?”

“Você deveria ouvi-lo falar no assunto. Várias vezes explicou que deseja uma esposa para seu cargo, não para si. Disse-me que fui feita para o trabalho, não para o amor; o que deve ser verdade, sem dúvida. Mas, na minha opinião, se não fui feita para o amor, conseqüentemente não fui feita para o casamento. Não seria estranho, Di, passar o resto da vida acorrentada a um homem que a considerasse apenas uma ferramenta útil?”

“Insuportável... antinatural... fora de cogitação!”

“Além disso”, continuei, “embora eu hoje sinta por ele apenas o afeto de uma irmã, se fosse forçada a ser sua esposa posso imaginar a possibilidade de desenvolver por ele um tipo de amor inevitável, estranho e torturante, porque ele é muito talentoso, e muitas vezes há no seu aspecto, no seu comportamento e na sua conversa certa grandiosidade heroica. Nesse caso, meu destino seria indescritivelmente cruel. Ele não ia querer que eu o amasse, e caso eu lhe demonstrasse esse sentimento me convenceria de que é algo superficial, indesejado por ele e indigno de mim. Sei que faria isso.”

“No entanto, St. John é um homem bom”, disse Diana.

“Um homem bom e um grande homem, mas ao perseguir seus objetivos maiores esquece sem dó os sentimentos e necessidades das pessoas pequenas. Sendo assim, é melhor para os insignificantes ficarem fora do seu caminho, assim não correm o risco de que na pressa de avançar, ele os pisoteie. Lá vem ele! Vou deixá-los, Diana.” Apressei-me em subir ao vê-lo entrar do jardim.

No entanto, fui forçada a encontrá-lo novamente na hora da ceia. Durante a refeição, ele aparentou o mesmo autocontrole de sempre. Pensei que mal fosse falar comigo, e tive certeza de que havia desistido de insistir no plano do casamento; o tempo mostrou que eu estava enganada em relação às duas coisas. Ele se dirigiu a mim exatamente como sempre fazia, ou como vinha fazendo nos últimos tempos: de um modo escrupulosamente educado. Sem dúvida tinha pedido ajuda ao Espírito Santo para reprimir a raiva que brotara no seu peito e agora acreditava outra vez ter me perdoado.

Para a leitura da noite antes das preces, ele escolheu o capítulo 21 do Apocalipse. Era sempre agradável escutar as palavras da Bíblia escorrerem de sua boca; sua bela voz nunca soava ao mesmo tempo tão doce e tão vigorosa, nem seus modos se mostravam tão impressionantes em sua nobre simplicidade como quando ele declamava os oráculos de Deus; e naquela noite essa voz adquiriu um tom mais solene, esses modos um significado mais entusiasmado, com ele sentado em meio ao círculo das moradoras de sua casa (com a lua do mês de maio a brilhar na janela sem cortina, tornando quase desnecessária a luz da vela sobre a mesa); sentado ali, curvado no alto da imensa Bíblia antiga, descrevendo a partir de suas páginas a visão do novo paraíso e da nova terra, dizendo como Deus viria morar entre os homens, como Ele iria enxugar todas as lágrimas de seus olhos, e prometendo que não haveria mais morte, nem tristeza, nem pranto nem nenhuma outra dor, pois as coisas de antes já não existiam.

As palavras a seguir me causaram uma estranha emoção quando ele as leu, sobretudo porque eu senti, na leve e indescritível alteração do som, que ao pronunciá-las ele virara os olhos para mim.

“O vencedor herdará tudo isto, e eu serei seu Deus e ele será meu filho. Mas”, leu ele de modo vagaroso e distinto, “os covardes, os incrédulos... o

lugar deles será no lago de fogo que arde com enxofre. Esta é a segunda morte.”

Desse momento em diante eu soube qual era o destino que St. John temia que eu tivesse.

Um triunfo calmo e contido, misturado a um fervor melancólico, caracterizaram sua leitura dos últimos e gloriosos versículos do capítulo. O leitor acreditava que seu nome já estava escrito no livro da vida do Cordeiro, e ansiava pela hora em que poderia adentrar a cidade para a qual os reis da terra levam sua glória e sua honra; e que não precisava de sol nem de lua a brilhar sobre ela, pois a glória de Deus a iluminava, e o Cordeiro era a sua luz.

Na prece que sucedeu a leitura ele depositou toda a sua energia, e todo o seu zelo austero despertou: ele se mostrou muito arrebatado, discutindo com Deus e decidido a obter vitória. Suplicou por força para os de coração fraco; por orientação para os que se afastassem do rebanho; por um retorno, ainda que tardio, daqueles que as tentações do mundo e da carne estivessem desviando da rota estreita. Pediu, clamou, implorou pela dádiva de um tição tirado do fogo. O arrebatamento tem sempre algo de profundamente solene; primeiro, ao escutar a prece, fiquei refletindo sobre o dele; em seguida, quando este perdurou e se intensificou, fiquei tocada e por fim assombrada. Ele sentia de modo tão sincero a grandiosidade e a retidão do seu propósito que os outros que o escutassem defendê-lo não poderiam evitar sentir a mesma coisa.

Finda a prece, despedimo-nos dele; ele partiria bem cedo no dia seguinte. Depois de Diana e Mary terem-no beijado e se retirado — obedecendo, acho, a uma instrução sussurrada dele —, estendi a mão e lhe desejei boa viagem.

“Obrigado, Jane. Como eu disse, voltarei de Cambridge daqui a duas semanas; você ainda tem, portanto, esse tempo para pensar. Se eu desse ouvidos ao orgulho humano, não diria mais nada sobre casar-se comigo; mas é meu dever que eu ouço, e mantenho sempre em vista meu principal objetivo: tudo fazer em glória a Deus. Meu Mestre sofreu por muito tempo; eu também sofrerei. Não posso deixá-la à mercê da perdição como um receptáculo de ódio; arrependa-se, decida-se enquanto ainda é tempo. Lembre-se, devemos trabalhar enquanto é dia, cientes de que ‘a noite se aproxima, quando ninguém pode trabalhar’. Lembre-se do destino do Rico, que teve suas boas coisas nesta vida. Que Deus lhe dê forças para escolher a melhor parte que não será tirada de você!”

Ele pousou a mão sobre minha cabeça ao pronunciar estas últimas palavras. Tinha falado com veemência e suavidade. De fato, seu olhar não era o de um amante fitando a amada, mas o de um pastor chamando de volta seu cordeiro desgarrado, ou melhor, de um anjo da guarda zelando pela alma cuja responsabilidade lhe cabia. Todos os homens de talento, sejam eles homens de sentimento ou não, sejam eles zelotes, aspirantes ou déspotas — contanto que sejam sinceros —, têm seus momentos sublimes nos quais domam e dominam. Senti uma veneração por St. John, uma veneração tão forte que seu impulso me levou na mesma hora ao ponto que eu tanto vinha negando. Senti-me tentada a cessar de lutar com ele, a deixar-me levar pela torrente da sua vontade para dentro do abismo da sua existência e lá perder a minha. Estava quase tão dominada por ele agora quanto já estivera uma vez, de um modo diferente, por outro. Em ambas as vezes fui tola. Ter cedido da primeira vez teria sido um erro de princípios; ceder da segunda seria um erro de julgamento. Assim penso agora, ao rememorar essa crise por meio do tranquilo intermediário que é o tempo; na ocasião eu não tinha noção da minha própria loucura.

Permaneci imóvel sob o toque de meu hierofante. Minhas recusas foram esquecidas, meus temores, superados, meus embates, paralisados. O Impossível — ou seja, meu casamento com St. John — estava rapidamente se transformando em Possível. Tudo mudava numa onda repentina. A religião chamava, os anjos acenavam, Deus ordenava; a vida se enrolava como um pergaminho, e os portões da morte se abriam para deixar ver a eternidade. Em troca de segurança e felicidade do outro lado, parecia que tudo deste lado aqui poderia ser sacrificado num segundo. A penumbra do recinto estava repleta de visões.

“Você poderia decidir agora?”, perguntou o missionário. A pergunta foi feita num tom suave. Com a mesma suavidade ele me puxou para si. Ah, aquela suavidade! Como é mais potente do que a força! Eu podia resistir à ira de St. John, mas diante da sua gentileza me tornava maleável como um junco. No entanto, o tempo inteiro eu sabia que, se cedesse naquele momento, seria um dia levada a me arrepender da minha rebelião anterior. Sua natureza não tinha sido modificada por uma hora de preces solenes, tinha sido apenas elevada.

“Eu poderia decidir se tivesse certeza”, respondi. “Se estivesse convencida de que é o desejo de Deus eu me casar com você, poderia jurar desposá-lo aqui e agora, pouco importa o que viesse a acontecer depois!”

“Minhas preces foram ouvidas!”, exclamou St. John. Ele pressionou a mão com mais firmeza na minha cabeça, como se estivesse me reivindicando. Rodeou-me com o braço *quase* como se me amasse (digo *quase*, pois sabia a diferença, uma vez que já tinha sentido o que era ser amada; assim como ele, porém, eu agora havia tirado o amor do caminho e pensava apenas no dever). Fiquei lutando com a escuridão da minha visão interior, diante da qual nuvens ainda flutuavam. Ansiava de maneira sincera, profunda, fervorosa por fazer o que era certo, e somente isso.

“Mostre-me, mostre-me o caminho!”, implorei aos Céus. Estava mais agitada do que jamais estivera, e se o que aconteceu a seguir foi um efeito da agitação, cabe ao leitor julgar.

A casa inteira estava em silêncio, pois creio que todos, com exceção de St. John e eu, já tinham se recolhido para dormir. A única vela acesa estava quase se apagando; a sala estava banhada em luar. Meu coração batia forte e depressa; eu podia ouvir seu latejar. De repente, uma sensação indescritível o atravessou e se transferiu na mesma hora para minha cabeça e minhas extremidades, fazendo-o se imobilizar. A sensação não foi como um choque elétrico, mas foi igualmente intensa, estranha e surpreendente: seu efeito em meus sentidos foi como se toda a sua atividade até então tivesse sido apenas um torpor, do qual eles agora estavam sendo chamados e forçados a despertar. Eles se empertigaram, na expectativa; olhos e orelhas aguardaram enquanto a carne ao redor de meus ossos tremia.

“O que você escutou? O que está vendo?”, perguntou St. John. Eu não vi nada, mas ouvi uma voz em algum lugar gritar... “Jane! Jane! Jane!”... e nada mais.

“Ah, Deus! O que é isso?”, arquejei.

Eu poderia ter dito: “Onde está isso?”, pois aquilo não parecia estar acontecendo na sala, nem dentro de casa, nem tampouco no jardim; não vinha do ar, nem de baixo da terra, nem de cima. Eu tinha escutado, mas onde ou de onde vinha era para sempre impossível saber! E era a voz de um ser humano, uma voz conhecida, amada e muito lembrada: a voz de Edward Fairfax Rochester; e ela falava com dor e tristeza, de modo desarvorado, sinistro, urgente.

“Estou indo!”, gritei. “Espere por mim! Ah, eu vou!” Saí voando pela porta e olhei para o corredor: estava escuro. Saí correndo para o jardim: estava vazio.

“Onde está você?”, exclamei.

Os morros do outro lado de Marsh Glen mandaram de volta uma débil resposta. “Onde está você?”, escutei. O vento sussurrava baixinho entre os abetos; havia apenas as charnecas desoladas e o silêncio da meia-noite.

“Vá embora, superstição!”, comentei, ao ver o espectro surgir sombrio junto ao negro teixo no portão. “Isso não é sua ilusão nem sua bruxaria: é obra da natureza. Ela foi despertada e fez não algum milagre, mas o melhor que podia.”

Desvencilhei-me de St. John, que me seguira e teria me segurado. Era *minha* vez de assumir o controle. Estava na hora de usar e exercer os *meus* poderes. Disse-lhe para não fazer nenhuma pergunta ou comentário; queria que ele me deixasse. Precisava ficar sozinha e ia ficar. Ele obedeceu na mesma hora. Quando há energia para dar uma boa ordem, a obediência nunca falha. Subi para o meu quarto, tranquei-me lá dentro, caí de joelhos e rezei ao meu modo — um modo diferente do de St. John, mas eficaz à sua própria maneira. Pareci chegar muito perto de um espírito poderoso, e minha alma agradecida jogou-se aos seus pés. Levantei-me do agradecimento, tomei uma decisão e me deitei sem medo, esclarecida, ansiosa apenas pelo raiar do dia.

O dia raiou. Levantei-me junto com a aurora. Passei uma hora ou duas arrumando minhas coisas no quarto, as gavetas e o guarda-roupa, do modo que desejava deixá-las durante uma breve ausência. Enquanto isso, ouvi St. John sair do quarto. Ele parou em frente à minha porta. Temi que fosse bater... não, mas um pedaço de papel foi passado por baixo da porta. Peguei-o. Nele estavam escritas as seguintes palavras: “Você me deixou ontem à noite de modo demasiado súbito. Se tivesse ficado apenas mais um pouco, teria posto a mão na cruz de Cristo e na coroa do anjo. Espero sua decisão definitiva quando voltar, daqui a duas semanas. Enquanto isso, tome cuidado e reze para não cair em tentação; tenho certeza de que o espírito está assim disposto, mas vejo que a carne é fraca. Rezarei por você a cada hora. Do seu, St. John”.

“Meu espírito”, respondi mentalmente, “está disposto a fazer o que é certo; e minha carne, assim espero, é forte o suficiente para cumprir a vontade dos Céus quando essa vontade me for revelada com clareza. De toda forma, será forte o bastante para procurar, perguntar, tatear em busca de uma saída desta nuvem de dúvida e encontrar o dia claro da certeza.”

Era dia 1º de junho, mas apesar disso a manhã estava nublada e fria; a chuva batia com força na minha janela. Ouvi a porta da frente se abrir e St.

John sair. Ao olhar pela janela, vi-o atravessar o jardim. Ele foi seguindo o caminho pelas charnecas enevoadas na direção de Whitcross; ali encontraria a diligência.

“Daqui a mais algumas horas seguirei esse mesmo caminho que você seguiu, primo”, pensei; “também tenho uma diligência para esperar em Whitcross. Também tenho pessoas a ver e de quem saber notícias na Inglaterra antes de partir para sempre.”

Ainda faltavam duas horas para o desjejum. Ocupei esse intervalo caminhando suavemente por meu quarto e pensando na visita que dera a meus planos sua atual direção. Lembrei-me daquela sensação interna que experimentara, pois conseguia recordá-la em toda a sua indizível estranheza. Recordei a voz que escutara; mais uma vez me perguntei de onde ela vinha, mas tão inutilmente quanto antes. Ela parecia estar *dentro de mim*, não no mundo externo. Perguntei-me se seria apenas uma impressão nervosa, uma alucinação. Não conseguia conceber ou aceitar em sua existência: era mais como uma inspiração. O assombroso impacto de sentimento se apresentara feito o terremoto que abalara os alicerces da prisão de Paulo e Silas; abrira as portas da prisão da alma e soltara suas correntes, despertando-a de um sono do qual ela acordara trêmula, atenta, em estado de choque; e depois fizera vibrar três vezes um grito em meus ouvidos espantados, em meu coração trêmulo e através do meu espírito — que não sentia receio nem tremia, mas que exultava como se celebrasse o sucesso de um esforço que tivera o privilégio de fazer independentemente do fardo do corpo.

“Daqui a poucos dias”, falei, concluindo meus devaneios, “saberei alguma coisa sobre aquele cuja voz ontem à noite pareceu me chamar. As cartas se revelaram inúteis... uma investigação pessoal irá substituí-las.”

Durante o desjejum, anunciei a Diana e Mary que faria uma viagem e passaria pelo menos quatro dias fora.

“Sozinha, Jane?”, perguntaram elas.

“Sim; para visitar ou ter notícias de um amigo em relação ao qual já estava aflita havia algum tempo.”

Elas poderiam ter dito, como não tenho dúvida de que pensaram, que achavam que eu não tivesse nenhum outro amigo exceto elas, pois eu de fato repetira isso muitas vezes; no entanto, com sua delicadeza natural genuína, abstiveram-se de comentários; exceto Diana, que perguntou se eu tinha certeza de que estava bem o suficiente para viajar. Eu lhe parecia muito pálida, observou. Respondi que nada me afligia a não ser a ansiedade, que esperava em breve aliviar.

Foi fácil tomar o restante das providências, pois não fui incomodada por nenhuma pergunta ou suposição. Depois de explicar-lhes uma única vez que não podia no momento ser explícita em relação a meus planos, elas educada e sabiamente aceitaram o silêncio que lhes impus, concedendo-me o privilégio de agir livremente, assim como eu, em circunstâncias semelhantes, o teria concedido a elas.

Saí de Moor House às três da tarde, e pouco depois das quatro estava ao pé da placa em Whitcross à espera da diligência que me levaria até a distante Thornfield. Em meio ao silêncio daquelas estradas solitárias e morros desertos, ouvi-a aproximar-se desde muito longe. Era o mesmo veículo do qual, um ano antes, eu saltara em certa noite de verão naquele mesmo ponto; quanta desolação, quanta desesperança, quanta falta de objetivo! Ele parou quando eu fiz sinal. Entrei, dessa vez sem ser obrigada a me desfazer de toda a minha fortuna para pagar pela acomodação. Outra vez na estrada rumo a Thornfield, senti-me como um pombo-correio voando de volta para casa.

A viagem durou trinta e seis horas. Eu havia saído de Whitcross numa terça-feira à tarde, e bem cedo na manhã da quinta-feira seguinte a diligência parou para dar de beber aos cavalos numa hospedaria de beira de estrada situada em meio a uma paisagem cujas sebes verdes, cujos vastos campos e morros baixos que serviam de pasto (que aspecto ameno, que cor verdejante em comparação com as severas charnecas de Morton na região de North Midlands!) surgiram diante dos meus olhos como os traços de um rosto outrora familiar. Sim, eu conhecia as características daquela paisagem; tive certeza de que estávamos perto de meu destino.

“A que distância fica Thornfield daqui?”, perguntei ao estalajadeiro.

“A apenas duas milhas, senhora, do outro lado dos campos.”

“Minha viagem chegou ao fim”, pensei comigo mesma. Desci da diligência, deixei um baú que tinha levado comigo aos cuidados do estalajadeiro até eu mandar buscá-lo, paguei pela viagem, dei uma gorjeta ao condutor e parti; o dia cada vez mais claro fez reluzir a placa da hospedaria, e li em letras douradas: the rochester arms. Meu coração se encheu; eu já estava nas terras de meu patrão. Contudo, tornou a murchar quando lhe ocorreu o seguinte pensamento:

“Até onde você sabe, pode ser que seu patrão esteja do outro lado do Canal da Mancha. E mesmo se ele estiver em Thornfield Hall, para onde você está indo com tanta pressa, quem além dele estará lá? Sua esposa louca; e você não tem nada a fazer com ele; não ousará dirigir-lhe a palavra nem tentar encontrá-lo. Esforçou-se à toa; é melhor dar meia-volta”, instou a voz. “Peça informações às pessoas na hospedaria; elas podem lhe dizer tudo o que você quer saber. Podem solucionar suas dúvidas agora mesmo. Vá até aquele homem e pergunte se o sr. Rochester está em casa.”

Era uma sugestão sensata, mas mesmo assim não consegui me forçar a implementá-la. Temia muito uma resposta que provocasse em mim um

desespero esmagador. Prolongar a dúvida era prolongar a esperança. Pelo brilho da sua estrela, eu talvez tornasse a ver a casa. Ali estavam o degrau de pedra, ali os mesmos campos pelos quais eu tinha corrido, cega, surda, atormentada por uma fúria vingativa que me seguia e castigava na manhã em que fugira de Thornfield. Antes mesmo de saber que caminho tinha decidido seguir, já estava no meio deles. Como andei depressa! Como corri às vezes! Como ansiei por ver aquelas conhecidas matas! Com que alegria identifiquei árvores específicas que recordava e lampejos conhecidos de campina e morros entre elas!

Por fim a mata surgiu; as copas escuras onde viviam as gralhas se adensaram; altos grasnados romperam o silêncio da manhã. Um estranho deleite me inspirou; segui em frente depressa. Atravessei mais um campo, percorri uma trilha, e ali estavam os muros do pátio e os anexos dos fundos. As copas das árvores repletas de gralhas ainda escondiam a casa em si. “Minha primeira visão da casa será a fachada”, declarei para mim mesma, “cujas imponentes ameias oferecerão na mesma hora aos olhos uma nobre impressão, e onde poderei identificar inclusive a janela de meu patrão. Talvez ele esteja em pé diante dela, pois acorda cedo; talvez esteja neste momento passeando pelo pomar, ou pelo calçamento em frente a ele. Quem me dera vê-lo! Apenas por um instante! Certamente nesse caso eu não seria louca a ponto de correr na sua direção? Não sei dizer; não tenho certeza. E se o fizer... e daí? Que Deus o abençoe! E daí? Quem iria se ofender com o fato de eu provar mais uma vez a vida que seu olhar é capaz de me dar? Estou delirando; talvez neste exato momento ele esteja vendo o sol nascer por trás dos Pireneus, ou então da calmaria dos mares do Sul.”

Eu havia margeado a mureta do pomar e dobrado a quina; bem ali havia um portão que se abria para a campina, entre dois pilares de pedra encimados por bolas de pedra. De trás de um deles eu podia espiar

discretamente toda a fachada da mansão. Espichei a cabeça com cautela, querendo ver se alguma das persianas das janelas dos quartos já estava aberta; ameias, janelas, a fachada comprida: tudo isso eu podia ver daquela posição protegida.

Talvez os corvos que passavam voando estivessem me observando enquanto eu olhava. Pergunto-me o que teriam pensado. Deviam ter me achado muito cautelosa e tímida no início, e concluído que depois eu me tornara bastante ousada e temerária. Uma espiadela, em seguida uma olhada demorada; depois a saída de meu esconderijo e alguns passos campina adentro; então uma parada completa em frente à grande mansão e um olhar prolongado e firme na sua direção. “Que timidez fingida foi essa no início?”, eles podiam ter se perguntado. “Que descuido tolo é esse agora?”

Leitor, ouça uma ilustração.

Um amante encontra sua amada adormecida num leito de musgo e deseja olhar seu rosto sem acordá-la. Caminha pela grama pé ante pé, tomando cuidado para não fazer nenhum barulho; estaca, imaginando que ela se mexeu; recua; não quer de jeito nenhum ser visto. Nada se move; ele mais uma vez avança. Curva-se acima dela; um fino véu lhe recobre os traços. Ele o ergue e curva-se mais ainda; seus olhos então antecipam a visão da beleza — cálida, fresca e formosa em seu descanso. Quanta pressa no primeiro olhar! E como se fitam! Como ele se sobressalta! Com que arrojo, com que sofreguidão de repente segura com os dois braços a forma que um segundo antes não se atrevia a tocar com o dedo! Como diz um nome em voz alta, deixa cair seu fardo e o contempla incrédulo! Ele agarra, e grita e olha assim porque não teme mais acordá-la com esse ou aquele som que possa produzir, ou com algum movimento que possa fazer. Pensou que a amada estivesse dormindo tranquilamente; constata que ela está morta.

Olhei com alegria temerosa em direção a uma imponente mansão, e o que vi foi uma ruína enegrecida.

Não havia mesmo necessidade alguma de me esconder atrás de um pilar de portão, nem de espiar as persianas dos quartos temendo que alguém fosse se mexer atrás delas! Não havia por que tentar ouvir portas se abrindo ou imaginar passos no calçamento ou no caminho de cascalho! O gramado e os jardins estavam arrasados e destruídos; o portal se abria para o nada. A fachada estava como eu um dia a vira num sonho: apenas uma parede semelhante a uma casca, muito alta e de aspecto bastante frágil, perfurada por janelas sem vidraça; sem telhado, sem ameias, sem chaminés... tudo havia desmoronado.

E havia o silêncio de morte que rodeava a casa, a solidão de uma terra arrasada. Não era de espantar que cartas enviadas para pessoas ali jamais tivessem recebido resposta; era como despachar epístolas para a cripta de uma igreja. O negror sombrio das pedras revelava o destino que havia se abatido sobre a casa: um incêndio. Mas o que o teria provocado? Qual seria a história daquela tragédia? Que perdas teria ocasionado além da alvenaria, do mármore e da marcenaria? Teriam vidas sido destruídas junto com o imóvel? Nesse caso, quais? Uma pergunta terrível. Não havia ninguém ali para respondê-la, nem mesmo um sinal mudo ou uma prova silenciosa.

Ao caminhar entre as paredes desabadas e o interior destruído, vi indícios de que a calamidade não era recente. As neves do inverno, pensei, tinham entrado por aquele arco oco, as chuvas de inverno haviam batido naquelas molduras de janela vazias, pois entre as pilhas de entulho encharcado a primavera tinha feito brotar vegetação: grama e mato cresciam aqui e ali entre as pedras e vigas desmoronadas. E, ah, onde estaria enquanto isso o desafortunado dono daquela ruína? Em que terras? Com que sina? Meus olhos se voltaram involuntariamente para a igreja cinza junto aos portões, e

perguntei: “Estará ele com Damer de Rochester, compartilhando o abrigo da sua estreita morada de mármore?”.

Era preciso alguma resposta para aquelas perguntas. O único lugar em que eu poderia encontrá-las era na hospedaria, e não demorei muito a voltar para lá. O estalajadeiro em pessoa levou meu desjejum até o salão. Solicitei que ele fechasse a porta e se sentasse; tinha algumas perguntas a lhe fazer. Quando ele obedeceu, porém, eu não soube nem por onde começar, tamanho o horror que me causavam as possíveis respostas. No entanto, o espetáculo desolador que eu acabara de ver havia me preparado em certa medida para uma história triste. O estalajadeiro era um homem de meia-idade e aspecto respeitável.

“O senhor conhece Thornfield Hall, naturalmente”, consegui dizer por fim.

“Sim, senhora; já morei lá.”

“Morou? Não na minha época”, pensei. Não o conheço.”

“Fui mordomo do finado sr. Rochester”, acrescentou ele.

O finado! Eu parecia ter recebido, com plena força, o golpe que vinha tentando evitar.

“Finado!”, arquejei. “Ele morreu?”

“Estou me referindo ao pai do cavalheiro de agora, o sr. Edward”, explicou ele.

Voltei a respirar; meu sangue recomeçou a correr. Tinha sido plenamente assegurada por aquelas palavras de que o sr. Edward, o *meu* sr. Rochester (que Deus o abençoasse onde quer que ele se encontrasse!) estava pelo menos vivo; que ele era, em suma, “o cavalheiro de agora”. Que satisfação ouvir essas palavras! Pareceu-me que eu poderia escutar tudo o que estava por vir com uma relativa tranquilidade, fossem quais fossem as revelações.

Como ele não estava no túmulo, pensei que poderia suportar saber que estava do outro lado do mundo.

“O sr. Rochester está morando em Thornfield?”, perguntei, sabendo, é claro, qual seria a resposta, mas mesmo assim querendo evitar a pergunta direta sobre onde ele de fato estava.

“Não, senhora... ah, não! Ninguém está morando lá. Imagino que a senhora seja uma forasteira, caso contrário teria ficado sabendo o que aconteceu no outono passado... Thornfield Hall é praticamente uma ruína; pegou fogo por volta da época da colheita. Que tragédia terrível! Uma quantidade imensa de bens valiosos se perdeu; não foi possível salvar quase nenhum dos móveis. O fogo começou no meio da noite, e antes de os bombeiros chegarem de Millcote, a casa tinha virado um mar de chamas. Algo terrível de se ver; eu mesmo fui testemunha.”

“No meio da noite!”, murmurei. Sim, aquela era a hora fatal em Thornfield. “Sabe-se como o fogo começou?”, perguntei.

“Supõe-se, senhora; supõe-se. Na verdade, eu deveria dizer que ficou confirmado sem sombra de dúvida. Talvez a senhora não saiba”, continuou ele, chegando a cadeira um pouco mais perto da mesa e falando baixo, “mas havia uma dama... uma louca mantida naquela casa.”

“Ouvi algo a respeito.”

“Ela era mantida em total confinamento, senhora; durante alguns anos as pessoas não tinham sequer certeza da sua existência. Ninguém a via; só se sabia por boatos que uma pessoa assim morava na casa; e era difícil estabelecer quem ou o que ela era. Diziam que o sr. Edward a trouxera do estrangeiro, e havia quem acreditasse que ela fosse sua amante. Mas um ano atrás aconteceu uma coisa esquisita... uma coisa muito esquisita.”

Temí que fosse escutar minha própria história. Apressei-me em chamá-lo de volta ao assunto principal.

“E essa dama?”

“Essa dama, senhora”, respondeu ele, “se revelou ser a esposa do sr. Rochester! A descoberta sobreveio de modo muito estranho. Havia uma jovem, preceptora na casa, por quem o sr. Rochester se...”

“Mas e o incêndio?”, sugeri.

“Já estou chegando lá, senhora... por quem o sr. Rochester se apaixonou. Os criados dizem que nunca viram alguém tão apaixonado quanto o patrão; ele vivia atrás da moça. Eles costumavam observá-lo — a senhora sabe como são os criados —, e ele a valorizava mais do que tudo, apesar de ninguém além dele considerá-la tão bonita assim. Ela era miúda, uma coisinha de nada, dizem, quase uma criança. Eu mesmo nunca a vi, mas ouvi Leah, uma criada da casa, falar nela. Leah gostava bastante da moça. O sr. Rochester tinha por volta de quarenta anos, e essa preceptora não tinha completado vinte; e a senhora entende, quando cavalheiros dessa idade se apaixonam por moças novas, muitas vezes ficam como que enfeitiçados. Bem, ele quis se casar com ela.”

“O senhor me contará essa parte da história em outra ocasião”, falei; “mas agora tenho um motivo específico para querer saber tudo sobre o incêndio. Suspeitou-se que essa louca, a sra. Rochester, tivesse algo a ver com o fato?”

“A senhora acertou em cheio: é quase certo que foi ela, e ninguém menos do que ela, quem deu início ao fogo. Havia uma mulher que cuidava dela chamada sra. Poole, uma pessoa muito capaz no seu serviço e muito digna de confiança, que só tinha um defeito — um defeito comum em muitas enfermeiras e mulheres de certa idade: *mantinha sempre consigo uma garrafa de gim*, e de vez em quando bebia demais. É desculpável, pois sua vida era dura. Mesmo assim era perigoso, pois quando a sra. Poole estava dormindo profundamente após beber gim misturado com água, a senhora

louca, que era ardilosa como uma bruxa, saía do quarto e começava a andar pela casa cometendo todo tipo de desatino que lhe passasse pela cabeça. Dizem que certa vez quase ateou fogo na cama do marido, mas sobre isso nada sei. Nessa noite, porém, ela pôs fogo primeiro no cortinado do quarto ao lado do dela, depois desceu para o andar de baixo e foi até o quarto que tinha sido da preceptora (era como se de algum modo soubesse o que tinha acontecido e estivesse enciumada). Lá, ateou fogo na cama; mas felizmente não havia ninguém dormindo ali. A preceptora tinha fugido dois meses antes, e por mais que o sr. Rochester a tivesse procurado como se ela fosse a coisa mais preciosa que ele tivesse na vida, nunca conseguiu descobrir nada a seu respeito; e a decepção o deixou enfurecido, bastante enfurecido. Ele nunca havia sido um homem calmo, mas após perdê-la tornou-se perigoso. Também quis ficar sozinho. Mandou a governanta, a sra. Fairfax, para a casa de amigos longe daqui; mas fez isso dignamente e comprometeu-se a lhe pagar uma anuidade até o fim de sua vida. E ela merecia; era uma mulher muito boa. A srta. Adèle, uma protegida que ele tinha, foi posta num colégio interno. Ele rompeu relações com toda a aristocracia e se trancafiou em casa como se fosse um eremita.”

“O quê? Ele não saiu da Inglaterra?”

“Sair da Inglaterra? Por Deus, não! Ele nem mesmo atravessava a soleira da porta de casa a não ser à noite, quando saía para caminhar feito um fantasma pelo jardim e pelo pomar, como se tivesse perdido a razão... coisa que na minha opinião era verdade, pois nunca houve cavalheiro mais enérgico, ousado, corajoso e impetuoso do que ele, senhora, antes de a tal preceptorazinha cruzar seu caminho. O sr. Rochester não era homem dado a beber vinho ou a jogar cartas ou a apostar em cavalos como alguns, e não era assim tão bonito; mas tinha uma coragem e uma força de vontade raras de se ver num homem. Eu o conhecia desde menino, entende? E do meu

lado muitas vezes desejei que a tal srta. Eyre tivesse se afogado no mar antes de chegar a Thornfield Hall.”

“Quer dizer que o sr. Rochester estava em casa quando o incêndio começou?”

“Estava, estava sim; e ele subiu até o último andar quando tudo estava ardendo tanto em cima como embaixo, tirou os criados da cama e os ajudou ele mesmo a descer, depois voltou para tirar a esposa louca de sua cela. Nisso gritaram para ele que ela estava no telhado, onde agitava os braços em pé sobre as ameias e berrava tanto que era possível ouvi-la a uma milha de distância. Eu a vi e ouvi com meus próprios olhos. Ela era uma mulher grande e tinha cabelos negros compridos; podíamos ver os cabelos esvoaçando diante das chamas quando ela estava lá em cima. Eu vi, e vários outros também viram, o sr. Rochester subir pela claraboia até o telhado; ouvimos quando ele gritou ‘Bertha!’, vimos quando se aproximou dela, e então, senhora, ela gritou e correu, e um segundo depois jazia estatelada no calçamento.”

“Morta?”

“Morta! Sim, morta como as pedras sobre as quais seus miolos e seu sangue estavam espalhados.”

“Meu Deus!”

“Nem me diga, senhora. Foi assustador.”

Ele estremeceu.

“Bem, senhora, depois disso a casa ardeu até vir abaixo. Agora só restam alguns pedaços de parede em pé.”

“Alguém mais morreu?”

“Não... talvez tivesse sido melhor.”

“O que o senhor quer dizer com isso?”

“Pobre sr. Edward!”, exclamou ele. “Nunca pensei que fosse ver uma coisa assim! Alguns dizem que foi um castigo por ele ter mantido seu primeiro casamento secreto e querido tomar outra esposa enquanto ainda tinha uma viva, mas eu do meu lado sinto pena dele.”

“O senhor falou que ele está vivo”, falei.

“Sim, sim; ele está vivo. Mas muitos acham que mais valeria estar morto.”

“Por quê? Como?” Meu sangue correu de novo gelado nas veias. “Onde ele está?”, indaguei. “Está na Inglaterra?”

“Sim, sim... ele está na Inglaterra; não pode sair do país, imagino... ele agora está incapacitado.”

Que agonia aquilo! E o homem parecia decidido a prolongá-la.

“Ele ficou cego”, falou por fim. “Sim, o sr. Edward ficou cego.”

Eu temia algo pior. Temia que ele tivesse enlouquecido. Reuni forças para perguntar o que havia ocasionado tal calamidade.

“Foi tudo por causa da coragem dele, e pode-se dizer da sua bondade, senhora, de certa forma: ele se recusou a sair da casa até todos os outros já terem saído. Quando por fim começou a descer a grande escadaria, depois de a sra. Rochester ter se atirado das ameias, ouviu-se um estrondo enorme e tudo veio abaixo. Ele foi retirado dos escombros vivo, mas gravemente ferido: uma viga caíra de tal modo que o protegeu parcialmente, mas um dos olhos foi arrancado e uma das mãos ficou tão esmagada que o médico, o sr. Carter, teve de amputá-la na hora. O outro olho inflamou, e ele perdeu a visão desse também. É agora um homem de fato impotente... cego e aleijado.”

“Onde ele está? Onde vive agora?”

“Em Ferndean, uma casa numa fazenda de sua propriedade a umas trinta milhas daqui. Um local bem ermo.”

“Quem está com ele?”

“O velho John e sua esposa; ele não quis mais ninguém. Dizem que está muito abatido.”

“O senhor dispõe de algum transporte?”

“Temos um cabriolé, senhora, um cabriolé muito bonito.”

“Então mande aprontá-lo agora mesmo; e se o seu condutor puder me levar até Ferndean hoje ainda antes do escurecer, pagarei tanto ao senhor quanto a ele duas vezes a tarifa que em geral cobram.”

A sede da fazenda de Ferndean era uma construção razoavelmente antiga, de dimensões moderadas e sem nenhuma pretensão arquitetônica, profundamente encravada numa mata. Eu já tinha ouvido falar nela. O sr. Rochester a mencionava com frequência e às vezes ia lá. Seu pai havia comprado a propriedade por sua fartura de caça. Teria alugado a sede, mas não conseguira encontrar nenhum inquilino por causa da localização desvantajosa e insalubre. Ferndean permaneceu portanto sem moradores e sem mobília, com exceção de dois ou três cômodos arrumados para abrigar o proprietário quando ele ia lá caçar durante a temporada.

Nessa casa cheguei logo antes do escurecer, num final de tarde marcado por um céu triste, um vento frio e uma chuva contínua, fraca e penetrante. A última milha percorri a pé, após ter dispensado o cabriolé e o condutor com a remuneração dobrada prometida. Mesmo já bem perto, não era possível ver a construção, de tão densa e escura a mata que a cercava. Portões de ferro entre pilares de granito me mostraram por onde entrar, e ao passar por eles me vi na mesma hora rodeada pela penumbra de árvores dispostas em fila cerrada. Havia um caminho coberto de mato que descia por dentro da floresta em meio aos troncos escuros e nodosos e sob os arcos dos galhos. Segui por ele, imaginando que em breve fosse chegar à casa, mas ele

continuou se estendendo, indo cada vez mais longe. Não se via sinal algum de moradia ou jardim.

Pensei que tivesse andado na direção errada e me perdido. A escuridão da noite e da floresta se adensou ao meu redor. Olhei em volta à procura de outra estrada. Não havia nenhuma; tudo o que havia eram galhos entrelaçados, troncos grossos e uma densa folhagem de verão sem qualquer brecha.

Segui em frente. Por fim, o caminho se abriu e as árvores se espaçaram um pouco; instantes depois vi uma cerca, em seguida a casa, que àquela luz fraca mal se podia distinguir das árvores, de tão úmidas e verdes suas paredes apodrecidas. Ao entrar por um portal fechado apenas por um trinco, vi-me no meio de um espaço delimitado, rodeado pela floresta disposta em semicírculo. Não havia flores nem canteiros, apenas um largo caminho de cascalho que rodeava um trecho de grama, tudo isso cercado pela pesada moldura da floresta. A casa tinha dois beirais pontudos na frente; as janelas de treliça eram estreitas. A porta da frente era igualmente estreita, e chegava-se a ela subindo um único degrau. O lugar inteiro parecia, como dissera o proprietário do Rochester Arms, “bastante desolado”. Reinava ali o mesmo silêncio de uma igreja em dia de semana. O tamborilar da chuva nas folhas da floresta era o único som que se ouvia por perto.

“Será possível haver vida aqui?”, indaguei.

Sim, havia vida de algum tipo, pois escutei um movimento: aquela estreita porta da frente estava se abrindo, e alguma forma estava prestes a sair lá de dentro.

A porta se abriu devagar. Uma figura saiu para o lusco-fusco e ficou parada na soleira — um homem sem chapéu. Ele estendeu a mão como para sentir se estava chovendo. Apesar do crepúsculo, eu o reconheci: era ninguém menos do que meu patrão, Edward Fairfax Rochester.

Estaquei, quase parei de respirar, e fiquei parada observando-o, examinando-o sem ser vista, e infelizmente sem que ele pudesse me ver. Foi um encontro repentino, no qual o êxtase foi contido pela dor. Não tive dificuldade alguma para impedir minha voz de exclamar, ou meus passos de avançar afobadamente.

Sua forma tinha o mesmo contorno forte e robusto de sempre. O porte continuava ereto, os cabelos negros como as asas de um corvo; os traços tampouco estavam alterados ou abatidos. Nenhuma tristeza era capaz de conter sua força ou prejudicar seu vigoroso esplendor no espaço de apenas um ano. Mas seu semblante eu vi que havia mudado. Vi nele um desespero, uma preocupação que me fizeram pensar num animal ou pássaro selvagem maltratado e aprisionado, do qual a tristeza acabrunhada tornava perigoso se aproximar. Uma águia engaiolada em cujos olhos rodeados de dourado a crueldade houvesse se apagado poderia ter tido o mesmo aspecto daquele Sansão cego.

O leitor acha que o temi nessa sua ferocidade cega? Pois pouco me conhece se pensa assim. Uma suave esperança veio se mesclar à minha tristeza: de que eu em breve me atreveria a beijar aquela fronte de pedra, aqueles lábios tão severamente fechados mais abaixo; mas ainda não. Eu ainda não ia abordá-lo.

Ele desceu o degrau e avançou devagar em direção à grama, tateando. Onde estava agora o seu passo decidido? Então parou, como se não soubesse para onde se virar. Levantou a mão e abriu as pálpebras; fitou com um olhar vazio e com grande esforço o céu e o anfiteatro das árvores. Viase que tudo para ele era vazio e escuridão. Estendeu a mão direita (o braço esquerdo, o mutilado, manteve escondido junto ao peito); parecia querer ter uma ideia do que havia à sua volta pelo tato. Só o que encontrou foi ainda o vazio, pois as árvores ficavam a alguns metros de onde ele estava. Então

desistiu de tentar, cruzou os braços e permaneceu parado e mudo sob a chuva que agora caía com força sobre sua cabeça descoberta. Nesse instante, John surgiu de algum lugar e se aproximou dele.

“Não quer segurar meu braço, senhor?”, perguntou. “Vem aí uma chuva forte. Não é melhor entrar?”

“Deixe-me sozinho”, foi a resposta.

John se retirou sem ter me visto. O sr. Rochester então tentou andar, mas foi em vão; não tinha firmeza alguma. Voltou tateando para a casa e, ao entrar novamente, fechou a porta.

Então me aproximei e bati; a esposa de John veio abrir. “Mary”, falei, “como vai?”

Ela se sobressaltou como se tivesse visto um fantasma; acalmei-a. Ao seu afobado: “É mesmo a senhorita que chegou nesta hora tardia a este lugar isolado?”, respondi segurando sua mão; depois segui-a até a cozinha, onde John agora se encontrava sentado junto a um bom fogo aceso. Expliquei-lhes em poucas palavras que ficara sabendo de todo o ocorrido desde que fora embora de Thornfield e que tinha ido ver o sr. Rochester. Pedi a John para ir até a barreira na estrada, onde eu havia dispensado o cabriolé, para pegar o baú que deixara lá; e então, enquanto tirava meu chapéu e meu xale, perguntei a Mary se poderia pernoitar na casa; ao descobrir que esse arranjo, embora difícil, não seria impossível, eu disse a ela que ficaria. Nesse exato momento a sineta do salão tocou.

“Quando for lá”, falei, “diga ao seu patrão que uma pessoa deseja falar-lhe, mas não dê meu nome.”

“Não acho que ele vá recebê-la”, respondeu Mary; “ele se recusa a ver qualquer pessoa.”

Quando ela voltou, perguntei o que ele tinha dito.

“A senhorita deve mandar informar seu nome e o que deseja”, respondeu ela. Então foi encher um copo com água, que pôs sobre uma bandeja junto com velas.

“Foi para isso que ele tocou?”, perguntei.

“Sim. Ele sempre manda levar velas quando escurece, apesar de estar cego.”

“Dê-me a bandeja; eu levo.”

Peguei a bandeja que Mary segurava. Ela me indicou a porta do salão. A bandeja tremeu quando a segurei; a água se derramou do copo; meu coração me martelava as costelas, forte e disparado. Mary abriu a porta para mim e a fechou depois que passei.

O salão estava na penumbra: um resto de fogo ardia quase apagado na lareira, e curvado acima dele, com a cabeça apoiada no parapeito alto e antiquado, estava o ocupante cego do recinto. Seu velho cão Piloto estava deitado de lado, fora do caminho e enrodilhado, como se temesse inadvertidamente levar um pisão. Piloto empertigou as orelhas quando entrei. Então se levantou com um latido e um ganido e pulou na minha direção; quase derrubou a bandeja das minhas mãos. Eu a pousei sobre a mesa, afaguei-o e disse baixinho: “Deitado!”. O sr. Rochester se virou mecanicamente para *ver* que agitação era aquela, mas como não *viu* nada tornou a se virar e suspirou.

“Dê-me a água, Mary”, falou.

Cheguei perto dele com o copo agora pela metade. Piloto me seguiu, ainda animado.

“O que está acontecendo?”, indagou ele.

“Piloto, deitado!”, tornei a dizer. Ele interrompeu o gesto de levar a água à boca e pareceu apurar os ouvidos. Bebeu e pousou o copo. “É você, não é, Mary?”

“Mary está na cozinha”, respondi.

Ele estendeu a mão num gesto rápido, mas, como não via onde eu estava, não encostou em mim. “Quem está aí? Quem está aí?”, indagou, tentando, ao que parecia, *ver* com aqueles olhos cegos — que tentativa vã e aflitiva! “Responda-me... fale outra vez!”, ordenou imperiosamente e em voz alta.

“Deseja um pouco mais de água, senhor? Derramei metade da que havia no copo”, falei.

“*Quem* está aí? *O* que está acontecendo? Quem está falando?”

“Piloto me reconheceu, e John e Mary sabem que estou aqui. Cheguei agora à noite”, respondi.

“Meu Deus do céu! Que alucinação é essa que estou tendo? Que doce loucura se apoderou de mim?”

“Não é alucinação... não é loucura. Sua mente é forte demais para alucinações, e sua saúde é boa demais para a loucura.”

“E onde está quem fala? Será apenas uma voz? Ah, eu não *consigo* ver, mas preciso sentir, ou meu coração vai parar e meu cérebro vai arrebentar. Seja lá o que for, seja lá quem for, permita meu contato, ou não poderei viver!”

Ele tateou; detive suas mãos que se agitavam e as aprisionei dentro das minhas.

“Seus dedos!”, exclamou ele. “Seus dedos pequenos e finos! Se for assim, deve haver mais dela.”

A mão musculosa se soltou das minhas; meu braço foi agarrado, meu ombro, o pescoço, a cintura... fui estreitada e puxada para junto dele.

“Será Jane? *O* que será isto? É a forma dela... o seu tamanho...”

“E esta é a voz dela”, arrematei. “Ela está inteira aqui; seu coração também. Que Deus o abençoe! Alegra-me estar tão perto do senhor outra vez.”

“Jane Eyre! Jane Eyre!”, foi tudo o que ele disse.

“Meu querido patrão”, respondi, “sou eu, Jane Eyre. Eu o encontrei... e voltei para junto do senhor.”

“De verdade? Em carne e osso? A minha Jane, viva?”

“O senhor está me tocando... está me abraçando, e com bastante força. Não sou fria como um cadáver nem vazia como o ar, sou?”

“Minha amada, viva! Estes com certeza são seus membros, e estes os seus traços; mas não é possível eu ser tão abençoado assim depois de toda a minha infelicidade. Isto é um sonho, desses que já tive à noite, nos quais a estreitei uma vez mais junto ao coração como estou fazendo agora; e nos quais a beijei assim... e senti que ela me amava, e tive certeza de que não me deixaria.”

“Coisa que jamais farei, senhor, de hoje em diante.”

“Jamais farei, diz a visão? Mas eu sempre acordei para constatar que tudo não passava de uma paródia vazia, e vi-me sozinho e abandonado... minha vida escura, solitária, inútil... minha alma sedenta e impedida de beber... meu coração esfomeado sem nunca poder se alimentar. Suave e doce sonho que agora se aninha em meus braços, você também sairá voando como todas as suas irmãs saíram antes de você. Mas beije-me antes de ir... abrace-me, Jane!”

“Pronto, senhor... e pronto!”

Encostei os lábios nos seus olhos outrora brilhantes e agora sem luz; afastei seus cabelos da testa e a beijei também. Ele de repente pareceu despertar. A certeza quanto à realidade de tudo aquilo o dominou.

“É você... é você, Jane? Então voltou para mim?”

“Voltei.”

“E não jaz morta em alguma vala, afogada em algum riacho? E não é uma excluída vivendo de favores de desconhecidos?”

“Não, senhor! Agora sou uma mulher independente.”

“Independente! O que significa isso, Jane?”

“Meu tio morreu em Madeira e me deixou cinco mil libras.”

“Ah! Isso é de verdade... isso é real!”, exclamou ele. “Isso eu jamais sonharia. Além do mais, aí está aquela sua voz singular, tão animada e atrevida, e ao mesmo tempo suave. Ela alegra meu coração encarquilhado e o enche de vida. O quê, pequena Jane? Você, uma mulher independente? Uma mulher rica?”

“Bastante rica. Se não me deixar viver com o senhor, posso construir uma casa para mim bem perto da sua, e o senhor poderá ir se sentar no meu salão quando quiser companhia por uma noite.”

“Mas, Jane, já que você é rica, agora sem dúvida deve ter amigos que cuidarão de você e não a deixarão se dedicar a um aleijado cego como eu, não?”

“Eu disse ao senhor que agora, além de rica, sou independente. Quem manda em mim sou eu.”

“E vai ficar comigo?”

“Certamente... a menos que o senhor tenha alguma objeção. Serei sua vizinha, sua enfermeira, sua governanta. Constato que o senhor está solitário: serei sua companheira para lhe fazer leituras, acompanhá-lo em passeios, sentar-me ao seu lado, servi-lo, ser os seus olhos e as suas mãos. Chega desse ar tão melancólico, meu patrão querido; enquanto eu viver, o senhor não ficará mais sozinho.”

Ele não respondeu. Adotou uma expressão séria, alheada; deu um suspiro; entreabriu os lábios como se fosse falar, mas tornou a fechá-los. Senti certo constrangimento. Talvez eu tivesse passado depressa demais por cima das convenções, e ele, assim como St. John, achasse imprópria aquela minha falta de moderação. Eu de fato tinha feito minha proposta partindo

do princípio de que ele me queria para esposa e que me faria esse pedido; uma expectativa de que ele me reivindicaria imediatamente para si, que o fato de jamais ter sido expressada não tornava menos certa, havia me transportado. No entanto, como ele não deixou escapar nenhum indício de tal coisa, e como seu semblante foi ficando mais fechado, de repente lembrei que poderia estar completamente errada, que talvez estivesse bancando a boba sem querer; comecei a me afastar dos seus braços com delicadeza, mas ele me puxou ansiosamente mais para perto.

“Não... não, Jane; você não pode ir embora. Não... eu a toquei, escutei, senti o conforto da sua presença... a doçura do seu consolo; não posso abrir mão dessas alegrias. Sobrou pouca coisa em mim; você eu preciso ter. O mundo pode rir, pode me taxar de absurdo e egoísta, mas pouco importa. Minha própria alma exige você; ela deverá ser atendida, caso contrário se vingará mortalmente do corpo que a abriga.”

“Bem, vou ficar com o senhor; já disse que ficaria.”

“Sim; mas você entende uma coisa por ficar comigo, e eu entendo outra. Talvez seja capaz de decidir ser minha mão e minha cadeira, cuidar de mim como uma pequena e bondosa enfermeira (pois tem um coração afetuoso e um espírito generoso que a levam a fazer sacrifícios por aqueles que despertam sua pena), e isso sem dúvida deveria bastar para mim. Imagino que agora só deva nutrir por você sentimentos paternos; é isso que você acha? Vamos, diga-me.”

“Acharei o que o senhor quiser; ficarei satisfeita em ser somente a sua enfermeira, se o senhor achar melhor.”

“Mas não pode ser minha enfermeira para sempre, pequena Jane. Você é jovem... precisa se casar um dia.”

“Não ligo para me casar.”

“Pois deveria, Jane. Se eu fosse o que era antes, tentaria fazer você ligar... mas um pobre coitado cego!”

Ele tornou a afundar no pessimismo. Eu, pelo contrário, fiquei mais alegre, e minha coragem se renovou. Aquelas últimas palavras me ajudaram a entender onde estava a dificuldade e, como para mim não se tratava de uma dificuldade, fiquei inteiramente aliviada do constrangimento que antes sentia. Retomei a conversa num tom mais animado.

“Já está na hora de alguém empreender a tarefa de voltar a humanizá-lo”, falei, repartindo as mechas fartas e compridas de seus cabelos, “pois estou vendo que o senhor está se metamorfoseando num leão ou algo do tipo. Uma coisa é certa: está com um falso ar de Nabucodonosor dos campos. Seus cabelos me fazem pensar nas penas de uma águia; ainda não reparei se as suas unhas estão grandes como as de uma ave.”

“Neste braço eu não tenho nem mão nem unhas”, disse ele, afastando do peito o braço mutilado e me mostrando. “Ele não passa de um coto... algo terrível de se ver! Não acha, Jane?”

“Dá pena ver; e dá pena ver seus olhos e a cicatriz que o fogo deixou na sua testa. E o pior de tudo é que corro o risco de amá-lo demais por causa disso e de valorizá-lo além da conta.”

“Pensei que você fosse sentir repulsa ao ver meu braço e as cicatrizes no meu rosto, Jane.”

“Pensou? Não me diga isso... eu talvez fizesse uma avaliação negativa do seu julgamento. Agora permita que eu o deixe por alguns instantes para ir acender um fogo melhor e mandar varrer a lareira. Consegue saber quando há um bom fogo aceso?”

“Sim; com o olho direito consigo ver um brilho, uma névoa avermelhada.”

“E consegue ver as velas?”

“De modo bem difuso... cada uma delas é uma nuvem luminosa.”

“Consegue ver a mim?”

“Não, minha fada; mas já fico muito contente em ouvi-la e senti-la.”

“A que horas ceia?”

“Nunca ceio.”

“Mas hoje vai cear. Estou com fome. O senhor também, ousou dizer, só que se esquece disso.”

Chamei Mary, e em pouco tempo já havia deixado a sala mais arrumada. Preparei para ele uma refeição agradável. Estava animada, e com prazer e descontração conversei com ele durante a ceia e por um longo tempo depois. Não havia nenhuma contenção incômoda, nenhuma repressão do júbilo e da vivacidade, pois com ele eu me sentia perfeitamente à vontade, uma vez que sabia que lhe era adequada; tudo o que eu dizia ou fazia parecia consolá-lo ou fazê-lo reviver. Que consciência deliciosa! Enchia de vida e luz todo o meu ser. Na sua presença eu me tornava viva por completo, e o mesmo acontecia com ele na minha. Embora estivesse cego, sorrisos surgiram em seu rosto, a alegria brotou na sua fronte; seus traços se tornaram mais suaves e mais afáveis.

Após a ceia, ele começou a me fazer muitas perguntas sobre onde eu estivera, o que fizera, como o encontrara, mas minhas respostas foram apenas parciais; já estava demasiado tarde para entrar em detalhes. Além disso, não queria fazer ressoar nenhuma corda sensível, nem abrir no seu coração um novo poço de emoção; meu único objetivo no momento era alegrá-lo. E alegre ele ficou, como eu já disse, mas de modo intermitente. Sempre que um instante de silêncio interrompia a conversa, ele se afligia, tocava-me e dizia: “Jane?”.

“Você é mesmo um ser humano, Jane? Tem certeza?”

“Acredito de fato que sim, sr. Rochester.”

“Mas então como, nesta noite tão triste e escura, pôde aparecer de modo tão repentino diante do meu solitário fogo? Estendi a mão para pegar um copo d’água da mão de uma criada e quem o entregou foi você. Fiz uma pergunta imaginando que a esposa de John fosse me responder e quem falou no meu ouvido foi a sua voz.”

“Isso porque eu tinha entrado com a bandeja no lugar de Mary.”

“E até esta hora que estou passando na sua companhia parece encantada. Quem diria que eu passei meses levando uma vida escura, desolada e sem esperança? Sem fazer nada, sem esperar nada; misturando a noite com o dia; sentindo apenas frio quando deixava o fogo se apagar, fome quando me esquecia de comer. E, além disso, num pesar sem fim, e às vezes com um desejo que beirava o delírio de abraçar mais uma vez a minha Jane. Sim; eu ansiava por seu reaparecimento muito mais que pelo da minha visão perdida. Como pode Jane estar comigo e dizer me amar? Será que ela não vai embora do mesmo modo repentino que chegou? Temo que amanhã não vá mais encontrá-la.”

Tive certeza de que o melhor e mais adequado para ele no seu atual estado de espírito era uma resposta banal e prática, distante do seu próprio raciocínio perturbado. Corri o dedo por suas sobrancelhas e reparei que estavam chamuscadas; eu haveria de aplicar-lhes algo que as fizesse crescer mais fartas e negras do que nunca.

“Ó espírito bondoso, de que adianta fazer-me qualquer tipo de bem, se em algum momento fatal precisará mais uma vez desertar-me... passar como uma sombra sem que eu saiba para onde foi ou de que maneira, e sem poder reencontrá-la depois?”

“O senhor tem consigo um pente de bolso?”

“Para quê, Jane?”

“Apenas para pentear essa juba negra desgrenhada. Estou achando o senhor um tanto assustador, visto de perto. Refere-se a mim como fada, mas tenho certeza de que é o senhor quem mais se parece com um duende.”

“Estou muito feio, Jane?”

“Muito; sempre foi, sabe?”

“Humpf! Vejo que você continua malvada, onde quer que tenha estado.”

“Mas eu estive com pessoas boas, muito melhores do que o senhor. Pessoas cem vezes melhores, donas de ideias e opiniões que jamais lhe ocorreram na sua vida. Muito mais refinadas e elevadas.”

“Com quem raios você esteve?”

“Se o senhor se contorcer assim, vai me fazer arrancar seus cabelos, e nesse caso acho que vai parar de duvidar da minha materialidade.”

“Com quem você esteve, Jane?”

“Não vai ouvir isso de mim hoje; precisa esperar até amanhã; deixar minha história pela metade será uma espécie de garantia de que vou aparecer na sua mesa do desjejum para terminá-la, entende? Aliás, preciso cuidar para não surgir diante do seu fogo apenas com um copo d’água; preciso trazer pelo menos um ovo, sem falar em presunto frito.”

“Sua criatura zombeteira... nascida fada e criada pelos homens! Você faz eu me sentir como não me sentia há um ano. Se Saul pudesse ter tido você como seu Davi, o espírito maligno teria sido exorcizado sem o auxílio da harpa.”

“Pronto, está arrumado e decente outra vez. Agora vou deixá-lo. Passei os últimos três dias viajando, e creio que estou cansada. Boa noite.”

“Só uma coisa, Jane: havia apenas senhoras na casa em que esteve?”

Eu ri e me retirei, ainda rindo enquanto subia a escada. “Que boa ideia!”, pensei com alegria. “Vejo que tenho um jeito de arrancá-lo da sua melancolia, pelo menos por algum tempo.”

Muito cedo na manhã seguinte, soube que o sr. Rochester estava de pé e ativo, passando de cômodo em cômodo. Assim que Mary desceu, ouvi a pergunta: “A srta. Eyre está aqui?”. Então: “Em que quarto a colocou? Estava seco? Ela já se levantou? Vá perguntar se ela quer alguma coisa e quando vai descer”.

Desci assim que pensei que havia a chance de um desjejum. Ao adentrar o recinto pisando bem de mansinho, pude vê-lo antes de ele tomar conhecimento da minha presença. Era de fato mortificante testemunhar a sujeição daquele espírito vigoroso a uma enfermidade física. O sr. Rochester estava sentado em sua cadeira, parado, mas não em repouso. Estava claramente à espera; os traços da tristeza agora habitual marcavam suas fortes feições. Seu comportamento fazia pensar num lampião apagado aguardando para ser aceso outra vez, e infelizmente não era ele quem agora podia reacender a luz de uma expressão animada: dependia dos outros para tal! Eu tinha a intenção de me comportar com alegria e leveza, mas a impotência daquele homem forte me tocou com força o coração. Apesar disso, abordei-o com a maior vivacidade de que fui capaz. “O dia está claro e ensolarado, senhor”, falei. “As chuvas acabaram e já se foram, e um sol terno brilha em seu lugar. O senhor vai dar uma volta em breve.”

Eu havia despertado o brilho: seus traços se iluminaram.

“Ah, você está mesmo aqui, minha passarinha! Venha cá. Não foi embora, não sumiu? Ouvi um outro da sua espécie faz uma hora, cantando bem alto na mata; mas seu canto não soava como música para mim, assim como o sol nascente não tinha raios. A única melodia do mundo para meus ouvidos está concentrada na língua da minha Jane (e agradeço por ela não ser uma língua naturalmente silenciosa); a única luz do sol que consigo sentir é sua presença.”

Meus olhos se encheram de lágrimas ao ouvir a confissão de sua dependência; era como se uma águia real acorrentada a um poleiro estivesse forçada a pedir para um pardal alimentá-la. Mas eu não ia me render às lágrimas; sequei as gotas salgadas e me dediquei a preparar o desjejum.

A maior parte da manhã foi passada ao ar livre. Eu o conduzi para lá da mata molhada e selvagem até alguns alegres campos. Fui descrevendo para ele como eram verdes e brilhantes; como as flores e as cercas vivas vicejavam; como o céu azul reluzia. Procurei um lugar para ele se sentar num ponto escondido e belo, um tronco seco de árvore; e tampouco me recusei a deixar que ele, uma vez sentado, me pusesse sentada no seu colo. Por que deveria, quando tanto ele quanto eu ficávamos mais felizes juntos do que separados? Piloto se deitou ao nosso lado; tudo era silêncio. Então, quando estava abraçado comigo, ele se afastou de supetão: “Cruel, cruel desertora! Ah, Jane, o que eu senti ao descobrir que você tinha fugido de Thornfield, e quando não consegui encontrá-la em lugar nenhum. E depois, ao examinar seus aposentos, quando constatei que não tinha levado nenhum dinheiro nem nada que pudesse servir de equivalente! Um colar de pérolas que eu tinha lhe dado estava intacto dentro de seu pequeno escrínio; seus baús tinham sido deixados, amarrados e trancados, tal qual haviam sido preparados para a viagem de núpcias. O que minha querida poderia fazer, pensei, destituída e sem dinheiro? E o que ela fez? Conte-me agora”.

Assim instada, dei início ao relato de minha experiência ao longo do ano anterior. Suavizei consideravelmente tudo o que se relacionava aos três dias de errância e fome, pois contar-lhe aquilo teria sido infligir-lhe uma dor desnecessária; o pouco que falei feriu seu fiel coração mais fundo do que eu desejava.

Eu não deveria tê-lo abandonado daquele modo, disse ele, sem nenhum recurso para seguir meu caminho; deveria ter lhe comunicado minha

intenção. Deveria ter confiado nele; eu jamais teria sido forçada a virar sua amante. Por mais violento que ele tivesse parecido no seu desespero, na verdade me amava demais e com demasiada ternura para se transformar no meu tirano; teria preferido me dar metade da sua fortuna sem exigir em troca um beijo sequer a que eu me lançasse no vasto mundo sem amigo nenhum. Tinha certeza de que eu havia suportado mais do que lhe confessara.

“Bem, quaisquer que tenham sido meus sofrimentos, foram bem curtos”, respondi, e continuei lhe contando como havia sido recebida em Moor House; como obtivera o cargo de professora na escola do vilarejo etc. O recebimento da fortuna e a descoberta de meus parentes foram narrados a seguir. Naturalmente, o nome de St. John Rivers surgiu com frequência no decorrer do meu relato. Quando terminei, ele foi mencionado na mesma hora.

“Quer dizer que esse St. John é seu primo?”

“Sim.”

“Você o mencionou muitas vezes. Gosta dele?”

“Ele foi um homem muito bom, senhor; não pude evitar gostar dele.”

“Um homem bom. Isso significa um homem respeitável e bem-comportado de cinquenta anos? Ou o quê?”

“St. John tem apenas vinte e nove anos, senhor.”

“‘*Jeune encore*’,¹ como dizem os franceses. É um indivíduo de baixa estatura, frio e feio? Alguém cuja bondade consiste mais na falta de vícios do que nas proezas da virtude?”

“Ele é um homem incansavelmente ativo. Dedica a vida a praticar atos grandiosos e elevados.”

“Mas e sua mente? Deve ser um tanto fraca, não? Ele tem boa intenção, mas você dá de ombros quando o ouve falar?”

“Ele fala pouco, senhor. O que diz é sempre de grande valia. Sua mente é de primeira categoria, não influenciável, diria eu, mas vigorosa.”

“Então ele é um homem de valor?”

“De muito valor.”

“Um homem instruído?”

“É um profundo e consumado erudito.”

“Acho que você disse que os modos dele não lhe agradam... que são arrogantes e cheios de si, não?”

“Nunca mencionei os modos dele, mas a menos que eu tenha muito mau gosto, eles devem convir: são corteses, calmos e dignos de um cavalheiro.”

“A aparência... esqueci como a descreveu... uma espécie de cura tosco quase sufocado dentro da gola branca, e empoleirado nas suas botas de solado grosso, não?”

“St. John se veste bem. É um belo homem: alto, louro, de olhos azuis e perfil grego.”

(De lado) “Maldito seja!” *(Para mim)* “Você gostava dele, Jane?”

“Sim, sr. Rochester, eu gostava dele. Mas o senhor já me perguntou isso.”

É claro que percebi aonde meu interlocutor estava querendo chegar. O ciúme tinha se apoderado dele e o instigava com seu ferrão; mas isso era bom: dava-lhe uma trégua da mordida insistente da melancolia. Assim sendo, eu não iria domar a cobra imediatamente.

“Talvez a senhorita não queira mais ficar sentada no meu colo, srta. Eyre?”, foi a observação seguinte, um tanto inesperada.

“Por que não, sr. Rochester?”

“O retrato que acaba de pintar sugere um contraste um tanto acachapante. Suas palavras desenharam bastante bem um gracioso Apolo; ele vive na sua imaginação: alto, louro, de olhos azuis e perfil grego. Já seus olhos, aqui,

veem um Vulcano, um ferreiro de verdade, escuro, de ombros largos, e ainda por cima cego e maneta.”

“Nunca pensei nisso, mas o senhor se parece mesmo com Vulcano.”

“Bem, pode me deixar, então. Mas, antes de ir (e ele me reteve com mais força do que nunca), tenha a bondade apenas de responder a uma ou duas perguntas.” Ele fez uma pausa.

“Que perguntas, sr. Rochester?”

Seguiu-se então o seguinte interrogatório.

“St. John a nomeou professora da escola de Morton antes de saber que você era sua prima?”

“Sim.”

“Você o via sempre? Ele visitava a escola às vezes?”

“Diariamente.”

“Ele aprovava seus planos, Jane? Sei que deviam ser inteligentes, pois você é uma pessoa de talento!”

“Ele os aprovava, sim.”

“Ele descobriu em você muitas coisas que não imaginava encontrar? Algumas das suas prendas são incomuns.”

“Isso eu não sei.”

“Você morava numa pequena casa perto da escola, segundo disse. Ele alguma vez foi visitá-la ali?”

“Uma vez ou outra.”

“À noite?”

“Uma ou duas vezes.”

Uma pausa.

“Por quanto tempo você morou com ele e as irmãs depois que o parentesco foi descoberto?”

“Por cinco meses.”

“Rivers passava muito tempo com as mulheres da família?”

“Sim; a sala dos fundos era ao mesmo tempo a sala de estudos dele e a nossa. Ele ficava sentado junto à janela, e nós ao redor da mesa.”

“Ele estudava muito?”

“Bastante.”

“O quê?”

“Hindustani.”

“E você, enquanto isso, fazia o quê?”

“No início estudei alemão.”

“Ele lhe ensinava?”

“Ele não sabia alemão.”

“Ele não lhe ensinou nada?”

“Um pouco de hindustani.”

“Rivers lhe ensinou hindustani?”

“Sim, senhor.”

“E às irmãs também?”

“Não.”

“Somente a você?”

“Somente a mim.”

“Você pediu para aprender?”

“Não.”

“Ele quis lhe ensinar?”

“Sim.”

Uma segunda pausa.

“Por que ele quis isso? Que serventia poderia ter o hindustani para você?”

“Ele queria que eu fosse com ele para a Índia.”

“Ah! Cheguei ao cerne da questão. Ele queria que você se casasse com ele?”

“Ele me pediu em casamento.”

“Isso é uma ficção... uma invenção despudorada para me provocar.”

“Queira me desculpar, é a mais pura verdade: ele me pediu mais de uma vez, e foi tão enfático na sua insistência quanto o senhor jamais pôde ser.”

“Srta. Eyre, eu repito, pode me deixar. Quantas vezes precisarei dizer a mesma coisa? Por que insiste em ficar empoleirada no meu colo quando já lhe avisei que pode sair?”

“Porque me sinto à vontade aqui.”

“Não, Jane, você não se sente à vontade aqui, porque seu coração não está comigo; está com esse seu primo... esse St. John. Ah, até agora eu pensava que minha pequena Jane fosse toda minha! Acreditava que ela me amasse mesmo quando me deixou; isso foi uma gota doce num oceano de amargura. Enquanto estivemos separados, por mais quentes que tenham sido as lágrimas que derramei por causa da nossa separação, jamais pensei que, enquanto eu estava chorando sua perda, ela estivesse amando outro! Mas de nada adianta me lamentar. Deixe-me, Jane; vá se casar com Rivers.”

“Tire-me daqui então, senhor... empurre-me para longe, pois por livre e espontânea vontade não vou deixá-lo.”

“Jane, eu continuo gostando do seu tom de voz: ele ainda me dá esperança, soa muito verdadeiro. Quando eu o escuto, sou transportado para um ano atrás. Esqueço que você formou um novo vínculo. Mas não sou bobo... vá...”

“Para onde devo ir, senhor?”

“Seguir seu caminho... junto com o marido que escolheu.”

“E quem seria ele?”

“Você sabe... esse St. John Rivers.”

“Ele não é meu marido nem nunca vai ser. Não me ama; e eu não o amo. Ele ama (até onde é *capaz* de amar, e não é da mesma forma que o senhor) uma linda jovem chamada Rosamond. Só quis se casar comigo porque pensou que eu daria uma boa esposa de missionário, o que não era o caso dela. Ele é bom e excelente, mas é severo, e para mim é frio como um iceberg. Não é como o senhor. Eu não me sinto feliz ao seu lado, nem perto dele, nem na sua companhia. Ele não tem por mim indulgência alguma, carinho algum. Não vê nada de atraente em mim, nem mesmo a juventude... apenas alguns requisitos mentais úteis. Então devo deixá-lo, senhor, e ir ficar com ele?”

Estremeci involuntariamente, e por instinto me aproximei mais ainda de meu cego porém amado patrão. Ele sorriu.

“O quê, Jane? É verdade? É essa mesma a situação entre você e Rivers?”

“Sem dúvida alguma, senhor! Ah, não precisa ficar com ciúmes! Eu quis provocá-lo um pouco para deixá-lo menos triste; pensei que a raiva seria melhor do que a tristeza. Mas se o senhor quiser que eu o ame, se pudesse ao menos ver o *quanto* o amo, ficaria orgulhoso e satisfeito. Meu coração inteiro é seu: ele lhe pertence; e com o senhor ficaria se o destino viesse a exilar para sempre o restante de mim da sua presença.”

Quando ele me beijou, mais uma vez pensamentos dolorosos anuviaram seu semblante.

“Minha visão queimada! Minha força aleijada!”, murmurou ele com pesar.

Acariciei-o para fazê-lo se tranquilizar. Sabia no que estava pensando e quis falar no seu lugar, mas não me atrevi. Quando ele virou o rosto por um instante, vi uma lágrima brotar de baixo da pálpebra fechada e escorrer pela máscula bochecha. Senti um aperto no coração.

“Não sou melhor do que o velho castanheiro abatido por um raio do pomar de Thornfield”, comentou o sr. Rochester pouco depois. “E que direito teria essa ruína de pedir a uma trepadeira em botão para cobrir de frescor seus destroços?”

“O senhor não é nenhuma ruína... nenhuma árvore atingida por um raio; é verde e cheio de vigor. Plantas vão crescer ao redor de suas raízes quer o senhor lhes peça ou não, porque se deleitam na sua generosa sombra; e à medida que crescerem vão se inclinar na sua direção e se enroscar à sua volta, por causa do apoio seguro que sua força lhes proporciona.”

Mais uma vez ele sorriu; eu o reconfortava.

“Está falando de amigos, Jane?”, indagou ele.

“Sim, de amigos”, respondi, um tanto hesitante, pois sabia que eu quisera dizer mais do que amigos, mas não imaginava que outra palavra usar. Ele me ajudou.

“Ah, Jane! Mas eu quero uma esposa.”

“Quer mesmo?”

“Sim; isso é novidade para você?”

“Claro; o senhor não disse nada a respeito antes.”

“Uma novidade que não é bem-vinda?”

“Depende das circunstâncias... do que o senhor escolher.”

“A escolha quem vai fazer é você, Jane. Respeitarei o que decidir.”

“Então escolha, senhor... *aquela que mais o ama.*”

“Pelo menos vou escolher *aquela que eu mais amo.* Jane, aceita se casar comigo?”

“Sim, senhor.”

“Um pobre cego que terá de guiar pela mão?”

“Sim, senhor.”

“Um homem aleijado, vinte anos mais velho do que você, de quem precisará cuidar?”

“Sim, senhor.”

“De verdade, Jane?”

“De verdade absoluta.”

“Ah, minha querida! Que Deus a abençoe e recompense!”

“Sr. Rochester, se algum dia pratiquei uma boa ação na vida, se alguma vez tive um pensamento bom, se alguma vez fiz uma prece sincera e sem culpa, se alguma vez formulei um desejo justo, agora estou sendo recompensada. Ser sua esposa é para mim ser o mais feliz que se possa ser na face da terra.”

“Porque você aprecia o sacrifício.”

“Sacrifício! O que estou sacrificando? A fome em troca de comida, a expectativa em troca de contentamento. Ter o privilégio de abraçar aquilo que valorizo, de pousar os lábios naquilo que amo, de repousar naquilo em que confio: isso é me sacrificar? Se for assim, eu com certeza aprecio o sacrifício.”

“E suportar minhas enfermidades, Jane; ignorar minhas deficiências.”

“Que para mim não existem, senhor. Eu o amo mais agora, quando posso de fato lhe ser útil, do que o amava quando o senhor era orgulhoso e independente, quando desdenhava qualquer outro papel que não o de quem dava e protegia.”

“Eu até hoje detestei ser ajudado... ser conduzido; daqui em diante sinto que não vou mais detestar. Não gostava de pôr a mão na de um empregado, mas é agradável senti-la aninhada nos pequenos dedos de Jane. Preferia a total solidão à constante solicitude dos criados, mas a suave condução de Jane será uma alegria sem fim. Jane é perfeita para mim; serei eu perfeito para ela?”

“Até a mais ínfima fibra do meu ser, senhor.”

“Nesse caso não temos mais nenhum motivo no mundo para esperar; devemos nos casar agora mesmo.”

Havia ansiedade na sua aparência e no seu modo de falar: sua antiga impetuosidade estava brotando.

“Precisamos nos tornar uma só carne sem demora, Jane; resta apenas a licença a tirar, em seguida nos casamos.”

“Sr. Rochester, acabo de ver que o sol está bem abaixo do ápice, e Piloto na verdade já voltou para casa para almoçar. Deixe-me olhar seu relógio.”

“Prenda-o em sua cintura, pequena Jane, e mantenha-o ali de agora em diante; não tenho serventia para ele.”

“São quase quatro da tarde. O senhor não está com fome?”

“Daqui a três dias deve ser a data do nosso casamento, Jane. Agora pouco importam roupas e joias elegantes; nada disso tem valor algum.”

“O sol já secou toda a chuva, senhor. Parou de ventar; faz bastante calor.”

“Sabia que neste exato momento estou com seu precioso colarzinho de pérolas preso em volta do meu alfinete de bronze debaixo do lenço de pescoço? Eu o uso desde o dia em que perdi meu único tesouro, como uma lembrança sua.”

“Vamos voltar por dentro da mata; assim vai haver mais sombra.”

Ele prosseguiu com os próprios pensamentos sem me dar atenção.

“Jane! Ouso dizer que você deve me achar um cão sem fé, mas no presente momento meu coração transborda de gratidão pelo bondoso Deus desta terra. Ele não vê como os homens veem, mas sim com muito mais clareza; não julga como os homens julgam, mas sim com muito mais sabedoria. Eu errei; quis sujar minha flor inocente, instilar culpa na sua pureza; o Onipotente a tirou de mim. Eu, na minha rebelião obstinada, quase amaldiçoei essa ocorrência; em vez de me curvar à decisão, eu a

desafiei. A justiça divina seguiu seu curso, e desastres choveram sobre mim; fui forçado a atravessar o vale das sombras e da morte. Os castigos *Dele* são grandes, e um dos que me atingiram deixou-me humilde para sempre. Você sabe que eu me orgulhava da minha força, mas o que é ela agora, quando preciso entregá-la à condução alheia como uma criança faz com sua fraqueza? Ultimamente, Jane... sim, só ultimamente comecei a ver e a reconhecer a mão de Deus no meu infortúnio. Comecei a sentir remorso, arrependimento e um desejo de me reconciliar com meu Criador. Comecei a rezar às vezes; preces muito curtas, mas muito sinceras.

“Alguns dias atrás... não, eu sei quantos exatamente: quatro; foi na noite de segunda-feira passada. Uma disposição singular se apoderou de mim, na qual o pesar substituiu o desvario e a tristeza, a obstinação. Já fazia tempo que eu sentia que, como não conseguia encontrá-la, você devia estar morta. Naquela noite bem tarde — talvez entre as onze e a meia-noite —, antes de me recolher para meu desalentado descanso, supliquei a Deus que, caso Ele julgasse bom, eu logo fosse chamado desta vida e recebido no mundo que está por vir, onde ainda havia esperança de me reunir com Jane.

“Estava no meu próprio quarto, sentado junto à janela, e a janela estava aberta; sentir o ar ameno da noite me tranquilizava, ainda que eu não conseguisse ver nenhuma estrela, e apenas uma névoa vaga e luminosa me revelasse a presença de uma lua. Eu ansiava por estar com você, pequena Jane! Ah, ansiava por isso com minha alma e com minha carne! Perguntei a Deus, a um só tempo com angústia e humildade, se eu já não vinha suportando havia tempo suficiente a infelicidade, a angústia e o tormento, e se não poderia em breve conhecer mais uma vez a felicidade e a paz. Reconheci ter merecido tudo por que havia passado, mas implorei dizendo que não tinha como suportar mais nada; e o alfa e ômega dos meus desejos

mais caros me irrompeu involuntariamente dos lábios nas palavras: ‘Jane! Jane! Jane!’.”

“O senhor disse essas palavras em voz alta?”

“Disse, Jane. Se alguém tivesse me escutado, teria me achado louco, tamanhos foram a energia e o frenesi com os quais as pronunciei.”

“E isso foi na noite da segunda-feira passada, por volta da meia-noite?”

“Sim; mas o horário não importa: o mais estranho foi o que aconteceu depois. Você vai me julgar supersticioso; é verdade que tenho alguma superstição no meu sangue e sempre tive. Mas isso é verdade... pelo menos é verdade que eu escutei o que agora vou relatar.

“Quando exclamei: ‘Jane! Jane! Jane!’, uma voz — não sei dizer de onde veio, mas sei a quem pertencia — respondeu: ‘Estou indo; espere por mim’, e instantes depois continuou sussurrando no vento as palavras: ‘Onde está você?’.

“Vou lhe dizer, se puder, que ideia, que imagem essas palavras fizeram surgir na minha mente; mas é difícil expressar o que quero. Ferndean, como pode ver, fica enterrada no meio de uma mata densa, onde o som é absorvido e morre sem ecoar. ‘Onde está você?’ parecia estar sendo dito entre montanhas, pois pude ouvir o eco de um morro repetir as palavras. Nesse instante o vento que me fustigava pareceu mais brando e mais fresco; pude imaginar que, em algum lugar distante e isolado, eu e Jane nos encontrávamos em espírito. Em espírito acredito que devamos ter nos encontrado. Naquele horário, Jane, você sem dúvida devia estar dormindo; talvez sua alma tivesse abandonado seu lugar de repouso para vir reconfortar a minha, pois a voz era sua, tenho certeza, sua!”

Fora na noite de segunda-feira, leitor — por volta da meia-noite — que eu também recebera o misterioso chamado; e essas tinham sido as palavras exatas da minha resposta. Escutei o relato do sr. Rochester, mas não fiz de

meu lado nenhuma revelação. A coincidência me pareceu por demais terrível e inexplicável para ser comunicada ou debatida. Se eu dissesse alguma coisa, minha história necessariamente causaria uma profunda impressão na mente de meu ouvinte, e essa mente, ainda propensa demais ao pessimismo devido aos seus sofrimentos, não precisava do matiz ainda mais escuro do sobrenatural. Assim sendo, calei-me em relação a essas coisas, e sobre elas refleti em meu coração.

“Então você não pode estranhar”, continuou meu patrão, “que quando apareceu diante de mim de modo tão inesperado ontem à noite eu tenha achado difícil acreditar que você fosse outra coisa que não uma simples voz e ilusão, algo que ia se desfazer em silêncio e vazio como o sussurro à meia-noite e o eco da montanha tinham se desfeito antes. Agora agradeço a Deus! Sei que é diferente. Sim, agradeço a Deus!”

Ele me tirou do colo e se levantou. Erguendo o chapéu num gesto de reverência e virando para o chão os olhos cegos, ficou parado numa postura de muda devoção. Só pude ouvir as últimas palavras de sua prece:

“Agradeço ao meu Criador por ter se lembrado da misericórdia em meio ao julgamento. Peço humildemente ao meu Redentor que me dê forças para daqui em diante levar uma vida mais pura do que a que levei até aqui!”

Ele então estendeu a mão para ser conduzido. Segurei aquela mão querida, levei-a aos lábios por um instante, então deixei que a passasse em volta do meu ombro; como eu tinha uma estatura muito inferior à dele, servia-lhe ao mesmo tempo de apoio e de guia. Entramos na mata e seguimos para casa.

1. “Ainda jovem.”

xxxviii

conclusão

Leitor, eu me casei com ele. Tivemos um casamento discreto: os únicos presentes foram ele, eu, o pároco e o escrevente. Quando voltamos da igreja, entrei na cozinha da casa, onde Mary preparava o almoço e John limpava as facas, e falei: “Mary, eu me casei com o sr. Rochester hoje de manhã”. A governanta e seu marido eram ambos daquele tipo de pessoa decente e calma a quem se pode a qualquer momento comunicar com segurança uma notícia surpreendente sem correr o risco de ter os ouvidos perfurados por alguma aguda exclamação e sem ser subsequentemente atordado por uma enxurrada de palavras de assombro. Mary ergueu os olhos e me encarou; a concha com a qual regava um par de frangos assando no fogo permaneceu por uns três minutos suspensa no ar, e durante o mesmo intervalo as facas de John também puderam descansar do processo de serem areadas; mas, curvando-se novamente por sobre o assado, Mary disse apenas: “Foi mesmo, senhorita? Ora, vejam só!”.

Pouco tempo depois, ela retomou: “Vi a senhorita sair com o patrão, mas não sabia que estavam indo à igreja se casar”; e seguiu regando os frangos. Quando me virei para John, ele sorria de orelha a orelha.

“Falei para Mary que isso ia acontecer”, disse ele. “Eu sabia o que o sr. Edward...” (John era um criado antigo, e conhecera o patrão quando este era o caçula da casa; portanto, muitas vezes se referia a ele pelo nome de batismo.) “Sabia o que o sr. Edward ia fazer e tinha certeza de que ele tampouco ia esperar muito. E até onde sei, ele agiu certo. Desejo-lhe felicidade, senhorita!”, e afastou educadamente os cabelos da testa.

“Obrigada, John. O sr. Rochester me disse para dar isto aqui a você e Mary.” Pus na mão dele uma nota de cinco libras. Sem esperar para ouvir mais nada, saí da cozinha. Ao passar pela porta do cômodo algum tempo depois, entreouvi as palavras: “Ela vai ser melhor para ele do que qualquer uma daquelas grandes damas”, e também: “Ainda que não seja uma das mais bonitas, não é de modo algum feia, e tem muito boa índole; e aos olhos dele ela é linda, isso qualquer um pode ver”.

Escrevi imediatamente para Moor House e para Cambridge para informar o que tinha feito. Dei também todas as explicações quanto a por que agira assim. Diana e Mary aprovaram meus atos sem reservas. Diana anunciou que me daria tempo apenas para a lua de mel, pois logo depois faria uma visita.

“É melhor ela não esperar tanto assim, Jane”, disse o sr. Rochester quando li a carta dela para ele; “se o fizer, vai chegar tarde demais, pois nossa lua de mel vai durar a vida inteira. Seu brilho só vai diminuir quando você ou eu morrermos.”

Não sei como St. John recebeu a notícia; ele nunca respondeu à carta na qual o informei; seis meses depois, contudo, escreveu-me, sem no entanto mencionar o nome do sr. Rochester ou aludir ao meu casamento. Sua carta foi calma e, embora muito séria, gentil. Ele manteve comigo desde então uma correspondência regular, ainda que infrequente; espera que eu esteja

feliz e que não seja uma daquelas pessoas que vive no mundo sem Deus e se importa apenas com assuntos terrenos.

Não acha que eu esqueci a pequena Adèle, acha, leitor? Pois não a esqueci; logo pedi e obtive autorização do sr. Rochester para ir visitá-la no colégio interno em que ele a havia posto. Sua alegria desmedida ao me abraçar me deixou muito comovida. Ela estava pálida e magra; disse que não era feliz. Achei as regras do estabelecimento demasiado rígidas e a linha de estudos demasiado severa para uma criança da sua idade. Levei-a comigo para casa. Tinha a intenção de me tornar outra vez sua professora particular, mas logo constatei que isso era impraticável: meu tempo e minhas preocupações eram agora exigidos por outra pessoa; meu marido as necessitava por inteiro. Assim, busquei um colégio que tivesse um sistema mais indulgente e próximo o bastante para me permitir visitá-la com frequência e trazê-la para casa às vezes. Tomei cuidado para nunca deixar faltar-lhe nada que pudesse contribuir para o seu conforto; ela não demorou a se aclimatar à nova residência, e lá se tornou muito feliz e progrediu bastante nos estudos. Conforme foi crescendo, uma sólida educação inglesa corrigiu em larga medida seus defeitos franceses, e quando saiu do colégio encontrei nela uma companheira agradável e prestativa, dócil, bem-humorada e com excelentes princípios. Com sua grata atenção a mim e aos meus, ela há muito tempo já retribuiu com folga qualquer pequena gentileza que eu possa ter lhe feito.

Minha história está chegando ao fim. Uma palavrinha sobre minha experiência da vida de casada e um breve exame do destino daqueles cujos nomes foram mencionados com mais frequência nesta narrativa, e terei concluído.

Faz agora dez anos que estou casada. Sei o que é viver inteiramente para e com aquilo que mais amo no mundo. Considero-me extremamente

abençoada, abençoada além do que a linguagem é capaz de expressar, pois sou tudo para meu marido de modo tão pleno quanto ele é tudo para mim. Nunca houve mulher mais próxima do seu companheiro do que eu, nem mais absolutamente osso dos seus ossos e carne da sua carne.

Nunca me canso da convivência com meu Edward, e ele não se cansa da minha, não mais do que qualquer de nós dois se cansa do pulsar do coração que bate dentro de nossos respectivos peitos; conseqüentemente, estamos sempre juntos. Estar juntos é para nós estar ao mesmo tempo tão livres quanto sozinhos e tão alegres quanto acompanhados. Conversamos o dia inteiro, acho eu; conversar é apenas um jeito de pensar mais animado e mais audível. Toda a minha confiança é depositada nele, e toda a sua é dedicada a mim; nosso temperamento combina com precisão, e o resultado é uma concórdia perfeita.

O sr. Rochester continuou cego durante os dois primeiros anos de nossa união; talvez tenha sido isso que nos aproximou tanto, que nos tornou tão próximos um do outro, pois eu era então a sua visão, assim como sou até hoje a sua mão direita. Literalmente, eu era (e ele muitas vezes assim me chamava) a menina dos seus olhos. Ele via a natureza e os livros através de mim, e nunca me cansei de ver para ele, ou de exprimir em palavras o efeito dos campos, árvores, cidades, rios, nuvens e raios de sol — da paisagem à nossa frente e do tempo ao nosso redor —, e de reproduzir em sons no seu ouvido o que a luz já não podia imprimir nos seus olhos. Nunca me cansei de ler para ele, de conduzi-lo até onde ele desejava ir, de fazer para ele o que ele desejava que fosse feito. E havia nesse meu serviço um prazer muito pleno, muito intenso, ainda que triste, pois ele o solicitava sem nenhuma vergonha dolorosa ou humilhação desanimadora. Ele me amava tanto que não sentia a menor relutância em ser por mim ajudado; sentia-se

tão amado que se deixar ajudar daquele modo era realizar meus desejos mais caros.

Certa manhã, após dois anos, quando eu estava escrevendo uma carta ditada por ele, ele se aproximou, curvou-se junto de mim e disse: “Jane, você está usando um enfeite reluzente em volta do pescoço?”.

Era a corrente de ouro de um relógio. “Sim”, respondi.

“E está usando um vestido azul-claro?”

Estava. Ele então me informou que já havia algum tempo achava que a sombra que recobria um de seus olhos estava se tornando menos densa e que agora tinha certeza.

Fomos os dois a Londres. Ele recebeu a opinião de um célebre especialista e acabou recuperando a visão desse olho. Não consegue enxergar muito bem; não consegue ler nem escrever muito. Mas consegue andar sem ser guiado pela mão, e o céu para ele já não é mais um vazio, nem a terra uma escuridão. Quando seu primogênito foi posto no seu colo, ele pôde ver que o menino tinha herdado seus olhos tal como tinham sido um dia: grandes, brilhantes e negros. Naquele dia ele mais uma vez, com o coração transbordando, reconheceu que Deus havia temperado a justiça com misericórdia.

Meu Edward e eu, portanto, somos felizes; e mais ainda porque aqueles que mais amamos também o são. Tanto Diana quanto Mary Rivers se casaram. Uma vez por ano, alternadamente, elas vêm nos visitar, e nós as visitamos. O marido de Diana é capitão na Marinha, um corajoso oficial e um homem bom. O de Mary é membro do clero, amigo de universidade do irmão dela, e pelas suas realizações e princípios é digno desse vínculo. Tanto o capitão Fitzjames quanto o sr. Wharton amam suas esposas e são por elas amados.

St. John Rivers, por sua vez, deixou a Inglaterra: foi embora para a Índia. Seguiu o caminho que havia demarcado para si e continua a segui-lo até hoje. Nunca houve pioneiro mais decidido e mais incansável na labuta entre pedras e perigos. Firme, fiel e dedicado, cheio de energia, zelo e verdade, ele trabalha pela sua raça inteira; desbrava dolorosamente o caminho do progresso espiritual; abate qual um gigante os preconceitos de credo e casta que o prejudicam. Pode ser severo, pode ser exigente, pode ser ambicioso, mas sua severidade é a do guerreiro que protege seu comboio de peregrinos do ataque de Apoliom.¹ Sua exigência é a do apóstolo, que fala apenas por Cristo quando diz: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”. Sua ambição é a do espírito-mestre mais elevado, cujo objetivo é ocupar um lugar na primeira fila daqueles que serão redimidos da terra, que se postam sem falha frente ao trono de Deus, que compartilham as últimas grandes vitórias do Cordeiro, que são chamados, escolhidos e fiéis.

St. John não se casou; nunca se casará, agora. Ele sozinho bastou até aqui para a labuta, e a labuta está chegando ao fim; seu glorioso sol se apressa rumo ao poente. A última carta sua que recebi arrancou de meus olhos humanas lágrimas, mas ao mesmo tempo encheu meu coração com uma alegria divina: ele já antevia a recompensa que estava certo de receber, sua coroa que dura para sempre. Sei que a mão de um desconhecido vai me escrever a próxima carta para dizer que o servo bom e fiel foi chamado enfim para junto da alegria do seu Senhor. E por que chorar com isso? Nenhum medo da morte obscurecerá os últimos instantes de St. John; sua mente estará límpida; seu coração, valente; sua esperança, segura; sua fé, firme. Suas próprias palavras garantem isso: “Meu Mestre já me avisou”, escreve ele. “Dia após dia ele anuncia de modo cada vez mais distinto:

‘Sim, venho em breve!’, e hora após hora eu respondo, ansioso: ‘Amém; vem, Senhor Jesus!’”.

1. Na alegoria cristã *O peregrino* (1678-84), de John Bunyan, o Cristão derrota Apoliom, que significa “anjo do abismo sem fundo”.

Copyright © 2021 by Penguin-Companhia das Letras

Copyright da introdução © 2006 by Stevie Davies

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (usa) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (usa) Inc.

Todos os esforços foram feitos para contatar os detentores dos direitos autorais do prefácio. A editora agradece qualquer informação relativa aos titulares.

título original

Jane Eyre

preparação

Lígia Azevedo

revisão

Ana Maria Barbosa

Márcia Moura

Thiago Passos

revisão

Ana Maria Barbosa

Márcia Moura

Thiago Passos

versão digital

Rafael Alt

isbn 978-65-5782-286-9

Todos os direitos desta edição reservados à

editora schwarcz s.a.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone: (11) 3707-3500
www.penguincompanhia.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br



PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

JANE AUSTEN E CHARLOTTE BRONTË

Juvenília

Juvenília

Austen, Jane

9788580869989

472 páginas

[Compre agora e leia](#)

Inédita no Brasil, esta seleção de novelas e contos mostra os primeiros escritos e o aperfeiçoamento literário de duas grandes escritoras de língua inglesa.

À primeira vista, Jane Austen e Charlotte Brontë parecem radicalmente opostas. Austen representa a elegância e a proporção neoclássica, parodiando excessos literários e criticando as fraquezas humanas. Brontë, por sua vez, imprime em sua escrita toda a paixão e a extravagância do espírito romântico, não raro com forte influência da fantasia. Numa época em que a literatura popular era considerada perigosa para a mente das jovens, a erudição precoce, a originalidade e a liberdade de espírito aproximam essas duas autoras. Ambas tinham como personagens centrais mulheres, sendo responsáveis pelos retratos mais marcantes de lealdade e dedicação feminina da literatura inglesa. E ambas constroem as suas heroínas como produtos do condicionamento feminino da época, cujas expectativas sociais eram muito restritas.

Austen e Brontë tiveram uma produção bastante fértil na juventude, reunida neste livro, a qual parece encontrar uma espécie de equilíbrio no conflito entre a moral individual e social, criando heroínas complexas que se destacam por sua coragem e independência.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

MIGUEL DE CERVANTES

Dom Quixote

Dom Quixote

Cervantes, Miguel de

9788580865233

1328 páginas

[Compre agora e leia](#)

O clássico fundador do romance moderno em nova tradução de Ernani Ssó, com introdução do acadêmico britânico John Rutherford e posfácios de Ricardo Piglia e Jorge Luis Borges.

Dom Quixote de La Mancha não tem outros inimigos além dos que povoam sua mente enlouquecida. Seu cavalo não é um alazão imponente, seu escudeiro é um simples camponês da vizinhança e ele próprio foi ordenado cavaleiro por um estalajadeiro. Para completar, o narrador da história afirma se tratar de um relato de segunda mão, escrito pelo historiador árabe Cide Hamete Benengeli, e que seu trabalho se resume a compilar informações. Não é preciso avançar muito na leitura para perceber que *Dom Quixote* é bem diferente das novelas de cavalaria tradicionais - um gênero muito cultuado na Espanha do início do século XVII, apesar de tratar de uma instituição que já não existia havia muito tempo. A história do fidalgo que perde o juízo e parte pelo país para lutar em nome da justiça contém elementos que iriam dar início à tradição do romance moderno - como o humor, as digressões e reflexões de toda ordem, a oralidade nas falas, a metalinguagem - e marcariam o fim da Idade Média na literatura. Mas não foram apenas as inovações formais que garantiram a presença de *Dom Quixote* entre os grandes clássicos da literatura ocidental. Para

milhões de pessoas que tiveram contato com a obra em suas mais diversas formas - adaptações para o público infantil e juvenil, histórias em quadrinhos, desenhos animados, peças de teatro, filmes e musicais -, o Cavaleiro da Triste Figura representa a capacidade de transformação do ser humano em busca de seus ideais, por mais obstinada, infrutífera e patética que essa luta possa parecer.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

EMILY BRONTË

O morro dos ventos uivantes

O morro dos ventos uivantes

Brontë, Emily

9786557822876

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos principais romances da literatura inglesa chega à Penguin-Companhia com nova tradução e textos de apoio. Ao contar a trágica história do casal Catherine Earnshaw e Heathcliff, Emily Brontë constrói um dos maiores livros da literatura mundial.

Pego desprevenidamente por uma tempestade, Lockwood, o novo inquilino da Thrushcross Grange, se vê obrigado a procurar abrigo em Wuthering Heighs. Lá, ele descobre uma história cheia de rancor e mistério, acontecida anos antes.

A intensa relação entre Heathcliff e os Earnshaw, a traição e a trama de vingança prendem sua atenção durante sua estadia. Em uma narrativa cada vez mais envolvente, ele é levado a pensar não só no passado, mas também no futuro desses personagens.

A violência da paixão impossível de Catherine e Heathcliff, capaz de atravessar o tempo, não tem falhado em cativar a atenção de leitores apaixonados desde sua publicação. Único romance escrito por Emily Brontë, *O morro dos ventos uivantes* é uma obra-prima da literatura, um livro sobre transgressões, desejos impossíveis e perda da inocência.

Tradução de Julia Romeu.

Introdução de Pauline Nestor.

Prefácio de Cíntia Schwantes.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS

SÊNECA

SOBRE
A BREVIDADE
DA VIDA



GRANDES IDEIAS

Sobre a brevidade da vida / Sobre a firmeza do sábio

Sêneca

9788543809724

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Na coleção Grandes Ideias, dois textos clássicos e incontornáveis de Sêneca sobre a arte de viver.

Os escritos do filósofo estoico Sêneca pertencem à categoria de obras que mudaram a humanidade e que, universais, resistem à passagem do tempo. Por meio de insights poderosos, eles transformam a maneira como nos vemos e já serviram de guia para inúmeras gerações por sua eloquência, lucidez e sabedoria.

Sobre a brevidade da vida e Sobre a firmeza do sábio foram concebidos em forma de cartas e apresentam reflexões essenciais quanto à arte de viver, à passagem do tempo e à importância da razão e da moralidade.

Traduzida do latim por José Eduardo S. Lohner, esta edição conta ainda com notas esclarecedoras do tradutor.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

ANNE BRONTË

A inquilina de Wildfell Hall

A inquilina de Wildfell Hall

Brontë, Anne

9786557822883

624 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos grandes romances da literatura inglesa chega à Penguin-Companhia com nova tradução e textos de apoio. *A inquilina de Wildfell Hall* mostra, com clareza ímpar, as lutas de uma mulher por sua independência.

Gilbert Markham está intrigado com Helen Graham, a bela e misteriosa mulher que acabou de se mudar para Wildfell Hall com o filho e sem o marido. Gilbert é rápido em oferecer amizade, mas, quando o comportamento recluso da inquilina começa a ser motivo de fofoca na cidade, ele se pergunta o que mais pode haver na história daquela família. Quando Helen permite que Gilbert leia seu diário, ele começa a entender os detalhes obscuros de sua vida, seu casamento desastroso e a situação em que a vizinha se encontra.

Narrado com precisão e carisma, *A inquilina de Wildfell Hall* é uma descrição poderosa da luta de uma mulher por independência na Inglaterra vitoriana.

Tradução de Débora Landsberg.

Introdução de Stevie Davies.

[Compre agora e leia](#)